

JONATHAN WILSON

A PIRÂMIDE INVERTIDA

A HISTÓRIA DA TÁTICA NO FUTEBOL

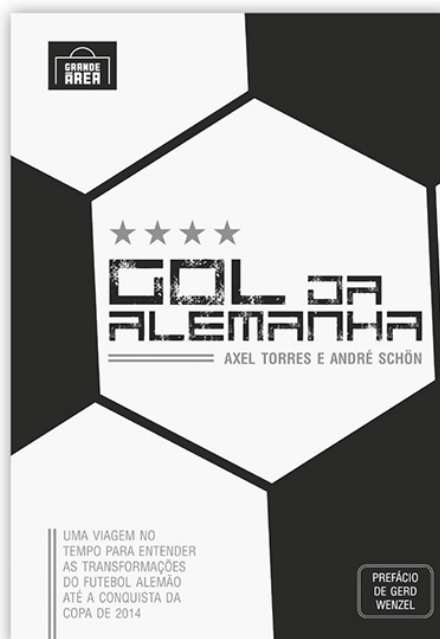
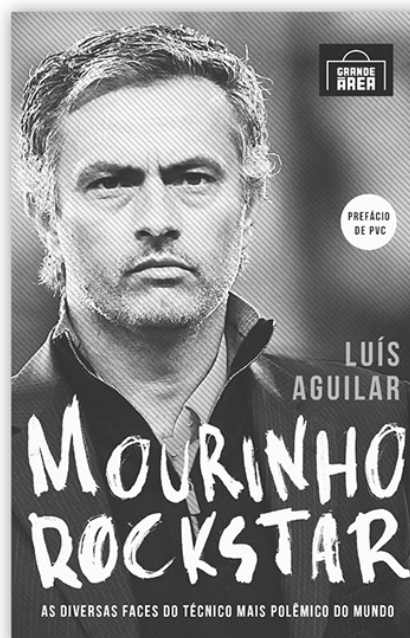
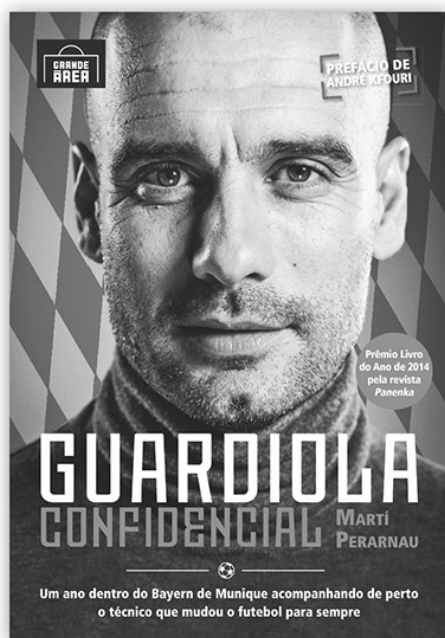
TRADUÇÃO
DE ANDRÉ
KFOURI

GRANDE
ÁREA



A PIRÂMIDE INVERTIDA

CONHEÇA NOSSOS OUTROS TÍTULOS:



JONATHAN WILSON

A PIRÂMIDE INVERTIDA

A HISTÓRIA DA TÁTICA NO FUTEBOL

Tradução de
André Kfoury



Primeira publicação na Grã-Bretanha pela Orion, em 2008.

Esta publicação foi traduzida a partir da edição publicada na Grã-Bretanha pela Orion, em 2013.

Copyright © Jonathan Wilson 2008 e 2013.

Todos os direitos reservados. Nenhum trecho desta publicação pode ser reproduzido, armazenado em sistema de retransmissão ou transmitido em nenhum equipamento eletrônico, mecânico, reprográfico, de gravação ou outros meios sem prévia permissão de ambos os detentores de direitos acima mencionados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original: Inverting the Pyramid

Tradução: André Kfourí

Preparação: Andressa Bezerra Corrêa

Revisão: Patrícia Calheiros e Luciana Baraldi

Índice remissivo: Marco Mariutti

Capa: Aline Temoteo

Projeto Gráfico: Tupiniquim Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wilson, Jonathan, 1976 –

A pirâmide invertida: a história da tática no futebol / Jonathan Wilson; tradução André Kfourí. – 1ª ed. – Campinas, SP: Editora Grande Área, 2016.

Título original: Inverting the Pyramid

Bibliografia.

ISBN 978-85-69214-07-6

1. Futebol 2. Futebol – Defesa 3. Futebol – Treinamento i. Título.

16-06829

CDD-796.3342

Índice para catálogo sistemático:

1. Futebol: Tática: Prática esportiva 796.3342

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Grande Área

Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar

Rua Tenente Haraldo Egídio de Souza Santos, 777 – sala 01 Jd. Chapadão – 13070-160 –
Campinas – SP

Felix qui potuit rerum cognoscere causas
[Afortunado é aquele que compreende as causas das coisas]
Virgílio, *Geórgicas*, livro II, linha 490

Sumário

人.	Agradecimentos à primeira edição
人.	Agradecimentos à segunda edição
人.	Introdução à segunda edição
人.	Prólogo
人.	1. Da gênese à pirâmide
人.	2. A valsa e o tango
人.	3. O terceiro zagueiro
人.	4. Como o fascismo destruiu os cafés
人.	5. Desordem organizada
人.	6. A conexão húngara
人.	7. Organizando o Carnaval
人.	8. O pragmatismo inglês
人.	9. O nascimento do novo
人.	10. O catenaccio
人.	11. Depois dos anjos
人.	12. Futebol Total
人.	13. Ciência e sinceridade
人.	14. Leve-me para a Lua
人.	15. O pragmatismo inglês
人.	16. O retorno dos três zagueiros
人.	17. O técnico que não era um cavalo
人.	18. O vingador do futuro
人.	19. Os fantasmas e a máquina
人.	20. O triunfo do passe
人.	Epílogo
人.	Referências bibliográficas



Agradecimentos à primeira edição

Enquanto eu escrevia este livro, me senti honrado pela generosidade e pelo tempo que me foram cedidos por tantas pessoas. A lista é longa, mas isso não deve diminuir o papel de cada um, todos vitais para a obra.

Na Ucrânia, na Hungria e na Rússia, meu obrigado a Taras Hordiyenko, Sándor Laczkó e Vladimir Soldatkin, que foram esclarecedores e minuciosos como sempre. Obrigado também a Aliaksiy Zyl e seu círculo de torcedores do Dinamo em Minsk pelos conselhos dados (e um agradecimento a Chris Fraser por nos apresentar. Dima: a noite do polônio no Emirates nunca será esquecida).

Na Argentina, meu obrigado a Marcela Mora y Araujo por me introduzir a seu vasto círculo de amigos, a Rodrigo Orihuela, Federico Mayol, Neil Clack e Klaus Gallo pela ajuda para agendar entrevistas, traduções, pesquisas e por me carregar para todos os lados, e a Araceli Alemán por disponibilizar seu amplo acervo, pelos frequentes tratados sobre a superioridade de Juan Román Riquelme em relação a, bem, tudo — e, claro, pelos longos passeios a pé.

No Brasil, meu obrigado a Ivan Soter, Roberto Assaf, Paulo Emílio e Alberto Helena Júnior por compartilharem seu tempo e aprendizado tão livremente, a Cassiano Gobbet, Robert Shaw e Jordana Alvarez dos Santos por seus esforços de pesquisa, tradução e logística, e também a Aidan Hamilton e Alex Bellos, por me colocarem em contato com especialistas.

Obrigado a Gabriele Marcotti por sua assistência nos capítulos italianos, por ser um ouvinte tão bem informado, mas particularmente por permitir que eu enfim participasse de um desses debates na mesa de um restaurante em que tigelas de homus, tabule e tzatziki se transformam na defesa da Udinese. E ainda faço questão de passar um tempo com o troféu do quiz que ganhamos.

Sou grato a Philippe Auclair por sua ajuda na França, a Christoph Biermann, Raphael Honigstein e Uli Hesse-Lichtenberger pela assistência com todos os assuntos alemães, a Simon Kuper e Auke Kok

por suas palavras de sabedoria sobre futebol holandês e a Sid Lowe e Guillem Balagué por suas orientações na Espanha. Também a Brian Glanville por seu infalível espírito de generosidade e por me corrigir sobre alguns pontos históricos.

Obrigado a Richard McBrearty, do Museu do Futebol Escocês em Hampden, e Peter Horne, do Museu Nacional do Futebol em Preston, por compartilharem sua expertise a respeito das origens do esporte, e ao estafe da Academia Britânica em St. Pancras, da Biblioteca Mitchell em Glasgow e da Biblioteca de Jornais Britânicos em Colindale.

Meus agradecimentos também pela ajuda na leitura de capítulos do manuscrito, tradução e sugestões de linhas de pesquisa a: Jon Adams, David Barber, Maurício Ribeiro Barros, Hanspeter Born, Duncan Castles, Marcus Christenson, James Copnall, Graham Curry, Sorin Dumitrescu, Dave Farrar, Igor Goldes, Luke Gosset, Gavin Hamilton, Georg Heitz, Paul Howarth, Emil Ianchev, Maciej Iwański, Richard Jolly, John Keith, Thomas Knellwolf, Jim Lawton, Andy Lyons, Ben Lyttleton, Dan Magnowski, Emma MacAllister, Kevin McCarra, Rachel Nicholson, Vladimir Novak, Gunnar Persson, Andy Rose, Paul Rowan, Ljiljana Ružić, Milena Ružić, Dominic Sandbrook, John Schumacher, Hugh Sleight, Rob Smyth, Graham Spiers, György Szepesi, Eric Weil, Duncan White, Axel Vartanyan, Shinobu Yamanaka e Bruno Ziauddin.

Obrigado a meu agente, David Luxton, e a meu editor na Orion, Ian Preece, pelo incansável suporte e pelas úteis intervenções, e ao editor de texto, Chris Hawkes, por sua diligência.

E agradeço, finalmente, a Ian Hawkey por passar tanto tempo durante a Copa das Nações Africanas compartilhando comigo seu conhecimento sobre pontuação, e à Network Rail pela longa espera ao norte de Durham, quando a falha na teoria de Reep ficou clara para mim.



Agradecimentos à segunda edição

Muitos dos que colaboraram com a primeira edição foram importantes também para esta edição revisada, então, de novo, devo gratidão a eles. Mas me sinto obrigado a agradecer especialmente a Alexander Jackson, do Museu Nacional do Futebol, por sua sabedoria em todos os assuntos pré-guerra e sua generosidade em dividir pesquisas; Martin Cloake, por sua ajuda com o material adicional dos times dos Spurs de Peter McWilliam e Arthur Rowe; Esteban Bekerman, Ed Malyon, Martin Mazur, Ezequiel Fernández Moores, Joel Richards e Pablo Vignone por suas opiniões na Argentina; e Tim Vickery por compartilhar seu vasto conhecimento sobre o jogo no Brasil.

Agradecimentos adicionais a Rob Smyth por sua obsessão com o time da Dinamarca dos anos 1980 e sua generosidade em relação à análise da equipe.

E obrigado a Nick Wehmeier por sugerir o título do capítulo 18 [“Total Recall”, na versão original].

Devo, claro, reiterar minha gratidão a meu agente, David Luxton. Na Orion, agradeço a Alan Samson e Paul Murphy pela ajuda com esta edição, e obviamente a meu editor Ian Preece e ao editor de texto John English.

E um enorme agradecimento como sempre a Kat Petersen por sua ajuda e suporte — e por, essencialmente, enxergar subedição como um meio de vida.



Introdução à segunda edição

Quando, em 2005, escrevi o artigo para a *FourFourTwo* que levaria às ideias que acabaram culminando em *A pirâmide invertida*, a tática era um tema periférico da cobertura do futebol britânico. Oito anos depois, enquanto escrevo estas linhas, já é uma tendência dominante. Ainda que não seja assim para a maioria dos torcedores ingleses, assistir a Gary Neville dissecar o que aconteceu no fim de semana movendo as mãos diante de uma tela interativa gigante se tornou essencial ao menos para uma minoria significativa de fãs do esporte. Todos os jornais têm colunas sobre tática, existem dúzias de blogs sobre o tema e termos como “falso nove” e “ala invertido” se tornaram conhecidos.

A pirâmide invertida tem feito parte desse movimento. Ao contrário do que alguns sugeriram, o livro não o provocou; na verdade, surfou uma onda que se formaria de qualquer modo e talvez tenha ajudado a oferecer um contexto histórico para quem se interessa por analisar o que está vendo. O futebol inglês ainda pode parecer avesso aos avanços teóricos e metodológicos, mas seus consumidores crescem em sofisticação diariamente. Na verdade, para alguns, o interesse sobre tática foi longe demais e se transformou em obsessão.

Salientei esse ponto no Prólogo quando o livro foi lançado, em 2008, mas vale a pena reiterá-lo, uma vez que muita gente me considera um fundamentalista da tática: eu não creio que a tática seja a única coisa que determina como uma equipe joga nem que seja sempre o fator mais importante no desenrolar de um jogo. Na verdade, é um fator entre tantos — talvez um fator negligenciado —, mas apenas um dos fios que se entrelaçam com o talento, a forma física, a motivação, a força e a sorte, em uma tapeçaria imensamente complexa. Além disso, não acredito que a tática possa ser separada dos outros fatores: um time em boa forma atua de maneira diferente se comparado a um time cansado; um time sem confiança talvez necessite atuar de maneira mais cautelosa; um time com jogadores não profissionais precisa cobrir suas deficiências. Tudo está relacionado.

Do mesmo modo, as designações das formações das equipes podem soar arbitrárias. Qual a distância ideal entre o atacante de referência e o segundo atacante para que um 4-4-2 se transforme em um 4-4-1-1? E quanto os meias abertos precisam estar avançados para que isso vire um 4-2-3-1? E se o segundo atacante avançar um pouco mais, assim como os meias abertos, ainda é um 4-2-3-1 ou passou a ser um 4-2-1-3 ou até um 4-3-3? Como os laterais costumam jogar em posições mais altas, de forma a se aproximar dos meias defensivos, por que não classificamos certos 4-2-3-1 como 2-4-3-1? Os termos são essencialmente taquigrafia, muitas vezes enraizados em convenções tanto quanto na realidade. Um jeito conveniente, porém árido, de apresentar a ideia básica de uma escalação.

Em matéria de tática, há poucas certezas absolutas. Certamente não existe a “melhor” formação, algo que venho respondendo repetidamente nos últimos cinco anos. Além de precisar haver um equilíbrio entre ataque e defesa, tudo depende das circunstâncias: dos jogadores que estão disponíveis, de seu estado físico e mental, das condições estabelecidas, do estado de forma, do que uma equipe pretende no jogo — e, claro, do adversário e seus jogadores, de sua formação, condição física e mental. Não se trata apenas de tudo estar relacionado: tudo é relativo.

A primeira edição deste livro foi concluída após algumas observações sobre as formações sem atacantes apresentadas pela Roma e pelo Manchester United, com menção à teoria de Carlos Alberto Parreira de que o 4-6-0 seria a formação do futuro. O termo “falso nove” não foi usado, mas é assim que aprendemos a chamar o jogador que recua da posição em que o centroavante ortodoxo costumava operar. E o fato de o termo “falso nove” ser usado tão livremente, de ser compreendido de modo tão instantâneo, sugere não somente uma tendência comum, mas também que o interesse em análise tática cresceu significativamente nos últimos cinco anos.

Nesse período, Pep Guardiola transformou o Barcelona no maior time que o mundo conheceu em pelo menos duas décadas e, no processo, alterou o panorama tático no futebol. Esta segunda edição considera as origens e a implementação de sua filosofia, além de

examinar, de forma muito mais detalhada do que na versão original, a evolução daquele estilo de jogo de passes do Queen's Park ao Newcastle United e ao Tottenham Hotspur, e depois ao Ajax e ao Barcelona. Observa como o Futebol Total evoluiu com Louis van Gaal e Marcelo Bielsa, tenta também contextualizar o Barcelona, olhando para as origens do futebol espanhol, e como "A Fúria" se tornou o ideal na Espanha antes da chegada de Vic Buckingham e Rinus Michels.

Mas há acréscimos em todas as partes do livro — que oferecem interpretações mais balanceadas, que refinam e expandem. Existem muito mais detalhes nesta edição, por exemplo, sobre o futebol britânico da era eduardiana, do qual eu talvez tenha deixado a impressão de ter sido obcecado por um robótico 2-3-5. Da mesma maneira, o nascimento dos três zagueiros nos anos 1920 foi um processo muito mais lento e complicado do que eu havia identificado; o incrível é que C. B. Fry já o discutia em 1897. Também há muito mais sobre o retorno dos três zagueiros, no começo dos anos 1980. Se antes dei o crédito pela inovação a Carlos Bilardo e Franz Beckenbauer, hoje percebo que Sepp Piontek e Ćiro Blažević também podem reivindicar a mesma reputação.

E existem os pequenos detalhes desvendados por pesquisas adicionais — e particularmente por leitores que entraram em contato para apontar omissões ou sugerir interpretações alternativas. Eu pouco sabia, por exemplo, que provavelmente houve um equivalente argentino de Dori Kürschner, o húngaro que levou o sistema W de defesa para o Brasil. Lendo arquivos de jornais argentinos dos anos 1930, que recebi do historiador Esteban Bekerman, notei que Emérico Hirschl, que ganhou dois títulos com o River Plate em 1936 e que eu supus ser argentino, era na verdade Emerich Hirschl, um húngaro que emigrou em 1932. Novas pesquisas indicaram que ele já desenvolvera uma defesa em W, cujo reconhecimento, no entanto, demorou três anos para acontecer. Assim como Kürschner, Hirschl era judeu, o que sugere como o desenvolvimento do futebol foi profundamente afetado pelo crescimento do antissemitismo na Europa dos anos 1930.

Quanto mais você pesquisa, é claro, mais conexões emergem, mais visíveis se tornam as redes de influência que formaram a base do desenvolvimento da tática. Tome como exemplo o fato de os dois

ingleses que dirigiram o Barcelona desde a Segunda Guerra Mundial terem jogado para técnicos que foram dirigidos por Peter McWilliam nos Spurs, no final da década de 1930: Terry Venables, sob Bill Nicholson, e Bobby Robson, sob Vic Buckingham — o homem que formulou as fundações do jogo moderno de passes no Camp Nou. Talvez seja apenas uma coincidência, mas o fato parece nos indicar um vínculo de tradição e filosofia que engendra toda a estrutura do jogo. A tática no futebol está sempre em evolução: sua história, também.

Jonathan Wilson
Londres, dezembro de 2012



Prólogo: e um olhar panorâmico sobre o futebol inglês

Um bar de tapas no Bairro Alto, em Lisboa, uma noite depois que a Inglaterra bateu a Suíça por 3 a 0 na Euro 2004. O vinho rioja descia fácil, e um grupo multinacional de jornalistas discutia se Sven-Göran Eriksson tinha acertado ao manter um ortodoxo 4-4-2 ou se, como se imaginava que ele faria, deveria ter mudado para um meio de campo em forma de diamante. Teria sido uma interferência dos jogadores o motivo da reversão inesperada para a linha de quatro no meio de campo?

“Ah, mas qual é a diferença?”, protestou um colega inglês. “São os mesmos jogadores. A formação não é importante. Não vale a pena escrever a respeito.”

Houve um burburinho de indignação. Quando levantei o dedo para expor minha convicção de que pessoas como ele não deveriam acompanhar futebol, muito menos falar a respeito, uma moça argentina puxou sabiamente meu braço para baixo. “A formação é a única coisa que importa”, ela disse. “Não vale a pena escrever sobre nada além disso.”

E ali, naquele momento, foi revelada a principal deficiência do futebol inglês. O futebol não é sobre os jogadores, ou ao menos não apenas sobre eles: é sobre forma e espaço, organização inteligente de jogadores e seus movimentos dentro dessa organização. (Eu deveria, talvez, deixar claro que por “tática” me refiro à combinação de formação e estilo: um 4-4-2 pode ser diferente de outro, assim como Steve Stone é diferente de Ronaldinho.) A moça argentina estava — espero — exagerando, porque o coração, a alma, o esforço, o desejo, a força, a potência, a velocidade, a paixão e a habilidade têm, todos, um papel. Mas também há uma dimensão teórica para eles, e, como acontece em outras disciplinas, os ingleses se provaram continuamente relutantes em confiar no abstrato.

Essa é de fato uma deficiência, e é algo que me frustra, mas não me leva a concluir pelo fracasso do futebol inglês. A não ser que estejamos fazendo comparações com o período entreguerras, não estou convencido

de que o futebol inglês esteja em declínio. Sven-Göran Eriksson foi ridicularizado no final de seu trabalho, mas apenas Alf Ramsey já havia guiado a Inglaterra às quartas de final de três competições internacionais consecutivas. O fracasso de Steve McClaren em classificar a Inglaterra para a Euro 2008, em um grupo que era muito mais difícil do que os xenófobos imaginavam, foi apenas um tombo, não o começo de um escorregão prolongado. Sob Fabio Capello, a Inglaterra se classificou cedo para a Copa do Mundo de 2010, mas decepcionou na África do Sul. Na Euro 2012, o país voltou ao normal com uma eliminação nas quartas de final, nos pênaltis.

Olhe para o Uruguai e para a Áustria: isso, sim, é declínio (mesmo levando em conta o salto de performance inspirado por Óscar Tabárez, em 2010 e 2011). Olhe para a Escócia, ainda com desempenho heroicamente acima de suas possibilidades, apesar das restrições impostas por uma população de apenas 5 milhões de pessoas. Olhe, acima de tudo, para a Hungria, o time que, em novembro de 1953, tocou os sinos fúnebres para os sonhos ingleses de superioridade. Quando Ferenc Puskás, o maior jogador daquele time glorioso, morreu em novembro de 2006, a Hungria se encontrava em queda tão acentuada que tinha dificuldades para se manter entre os cem melhores no ranking da Fifa. Isso é declínio.

Entretanto, para o futebol inglês, a derrota por 6 a 3 para a Hungria, em Wembley, foi o divisor de águas. Foi a primeira derrota da Inglaterra em casa para um adversário do continente — e, mais do que isso, a forma como o time foi superado aniquilou a ideia de que a Inglaterra ainda mandava no mundo. “A história do futebol britânico diante do desafio estrangeiro”, escreveu Brian Glanville em *Soccer Nemesis*, reagindo à derrota para a Hungria, “é a história de uma ampla superioridade que foi sacrificada pela estupidez, pela estreiteza de visão e de espírito. É uma história de talento desperdiçado vergonhosamente, de extraordinária complacência e infinito autoengano.” E foi isso mesmo.

E ainda assim, treze anos depois, a Inglaterra se tornou campeã do mundo. A ampla superioridade pode ter sido dissipada, mas a seleção inglesa evidentemente ainda fazia parte da elite. No último meio século, não estou certo de que muita coisa tenha mudado. Sim, talvez nós

tenhamos uma tendência à empolgação antes dos maiores torneios, o que faz uma eliminação nas quartas de final incomodar mais do que deveria, mas a Inglaterra continua sendo uma de oito ou dez equipes que têm chance real de ganhar uma Copa do Mundo ou uma Eurocopa (a despeito dos ocasionais campeões excêntricos, como a Dinamarca e a Grécia). A questão, então, é por que essa oportunidade não tem sido aproveitada. Talvez uma estrutura mais coerente de treinamento dos jovens, um foco maior em técnica e disciplina tática, um limite para o número de atletas estrangeiros na Premiership, a retirada dos jogadores de suas bolhas complacentes, ou qualquer uma das centenas de panaceias que já foram sugeridas, pudesse aumentar as chances da Inglaterra, mas o sucesso é um objetivo nebuloso. A sorte ocupa um lugar no futebol, e o sucesso nunca é garantido, particularmente durante os seis ou sete jogos de duração de um torneio internacional.

Já se formulou a tese de que vencer a Copa do Mundo de 1966 foi a pior coisa que poderia ter acontecido ao futebol inglês. Rob Steen, em *The Mavericks*, e David Downing, em seus livros sobre as rivalidades da Inglaterra com a Argentina e a Alemanha, argumentaram que o sucesso fez a Inglaterra andar para trás, porque instalou na consciência futebolística inglesa a noção de que a funcionalidade do time de Alf Ramsey era a único meio de alcançar o êxito. Eu não discordo fundamentalmente deles — ainda que essa peculiaridade seja anterior ao técnico inglês —, mas me parece que o real problema não era a forma como a seleção de Ramsey atuava, mas, na opinião de gerações de torcedores e técnicos na Inglaterra, o fato de o time ter mostrado o jeito “certo” de jogar. Só porque algo está correto em uma circunstância particular, com determinados jogadores e num estágio específico em termos de desenvolvimento do futebol, não significa que a mesma solução será eficaz para sempre. Se a Inglaterra de 1966 tentasse jogar como o Brasil, teria terminado como os brasileiros: eliminados do torneio na fase de grupos, por oponentes mais agressivos fisicamente. Na verdade, seria ainda pior, porque a Inglaterra tinha poucos jogadores — se é que tinha — com os mesmos atributos técnicos da seleção brasileira.

Se há uma coisa que distingue os técnicos que tiveram sucesso por um período prolongado — Sir Alex Ferguson, Valeriy Lobanovskyi, Bob

Paisley, Boris Arkadiev — é que eles sempre souberam evoluir. Seus times jogaram de maneiras muito diferentes, mas todos eles tiveram a clareza para reconhecer quando era o momento certo para abandonar uma fórmula vencedora e a coragem para implementar uma nova ideia. O que quero deixar claro é que não acredito que exista uma forma “correta” de jogar. Sim, sob os pontos de vista emocional e estético, prefiro os passes de Arsène Wenger ao pragmatismo de José Mourinho no Chelsea, mas essa é uma escolha pessoal; não quer dizer que um esteja certo e o outro errado.

Estou ciente, igualmente, de que ajustes entre teoria e prática devem ser feitos. No plano teórico, me identifico com o Dynamo Kiev de Lobanovskyi ou com o Milan de Fabio Capello. Em campo, no entanto, quando tive a chance de influenciar por dois anos o estilo do meu time na universidade, nós jogamos um futebol altamente funcional. Era evidente que não éramos muito bons e é provável que tenhamos conseguido tirar o melhor dos jogadores disponíveis, mas suspeito que poderíamos ter jogado um futebol mais agradável do ponto de vista estético. Em meio às comemorações regadas a cerveja que se seguiram aos títulos a cada ano, não creio que houvesse muita gente incomodada.

Mas a coisa não é tão simples para que se possa dizer que o jeito “certo” de jogar é o que vence mais, porque apenas o mais teimoso dos materialistas diria que o sucesso é medido somente por pontos ou troféus; é preciso haver espaço para o romance. Essa tensão — entre beleza e cinismo, entre o que os brasileiros chamam de “futebol arte” e “futebol de resultados” — é constante, talvez porque seja tão fundamental, não meramente para o esporte, mas também para a vida: vencer ou jogar bem? É difícil pensar em ações significativas que não sejam de alguma forma uma negociação entre os extremos do pragmatismo e do idealismo.

A dificuldade, então, está em isolar o que essa qualidade extra contém. A glória não é medida de forma absoluta, e o que a constitui se altera com as circunstâncias e o tempo. As torcidas inglesas logo se cansam de um jogo de construção paciente, mas, durante a primeira passagem de Capello no Real Madrid, por exemplo, torcedores viajavam quando Fernando Hierro dava passes longos e precisos para Roberto Carlos correr. Para a sensibilidade moderna, é desconcertante saber que

os futebolistas amadores de antigamente consideravam que passar a bola era uma demonstração de fraqueza, e deve estar na hora de perceber — como já se deu em certas culturas — que o desgosto inglês por jogadores que se jogam para cavar faltas, nos dias de hoje, parece ser ingenuamente irrelevante.

Mesmo reconhecendo que o futebol é mais do que simplesmente vencer, no entanto, seria ridículo negar a importância da vitória. Wenger pode ser quixotesco às vezes, mas sua tática de viés negativo na final da FA Cup de 2005 mostrou que até ele, em alguns momentos, admite a necessidade de ganhar. Condenar Ramsey, que produziu o único sucesso internacional que a Inglaterra conhece, é um luxo a que os torcedores ingleses não podem se dar; acusá-lo de arruinar o futebol inglês em vez de saudar sua perspicácia tática parece ser absolutamente descabido.

Não digo que devemos desconsiderá-las totalmente, mas é perigoso, sob qualquer aspecto, que nos apeguemos demais às performances nas maiores competições internacionais. É raro haver uma equipe fora do comum no futebol mundial e mais raro ainda que ela ganhe a Copa do Mundo. A Espanha é a grande exceção. Pegue o exemplo do Brasil em 2002, que foi despreocupadamente dispensando os adversários; mesmo nesse caso, levando em conta a participação letárgica nas eliminatórias, pareceu um episódio de supremacia por configuração padrão, pois os outros candidatos — enfraquecidos pela combinação de lesões, cansaço e má disciplina — capitularam no calor. A França era provavelmente o melhor time na Copa de 1998, mas só mostrou isso na final. Dois anos depois, era destacadamente a melhor equipe na Euro 2000 e esteve a um minuto de perder a decisão para a Itália.

Na verdade, dois dos maiores times de todos os tempos, os húngaros de 1954 e os holandeses de 1974, perderam na final — ambos para a Alemanha Ocidental, o que pode ou não ser uma coincidência. Um terceiro, o Brasil de 1982, nem chegou tão longe. Sem contar 1966, o melhor desempenho da Inglaterra em uma Copa do Mundo aconteceu em 1990, um torneio muito estimado pelos ingleses por causa das lágrimas de Paul Gascoigne e da derrota da seleção nos pênaltis — uma metáfora que se tornaria desgraçadamente familiar, mas que, à época, carregava a ressonância dos fracassos trágicos —, que ajudou a impulsionar o grande crescimento do futebol no país nos anos 1990.

Mas a preparação da Inglaterra para aquele torneio foi terrível: o time passou pelas eliminatórias aos trancos e barrancos, o técnico Bobby Robson era ridicularizado pela imprensa quase diariamente, a mídia foi expulsa do campo de treinos após a revelação do relacionamento de vários jogadores com uma profissional local de relações públicas, tudo isso acontecendo sob a sombra do hooliganismo. Contra a República da Irlanda e o Egito, a Inglaterra foi horrenda; contra Bélgica e Camarões, teve sorte. Somente contra a Holanda e a Alemanha Ocidental, jogos que não venceu, a Inglaterra jogou bem. De fato, o único time que os ingleses venceram em noventa minutos foi o Egito. E esses acontecimentos todos, de alguma forma, é que acabaram levando à revolução da classe média no futebol inglês.

Durante o curso de uma temporada, a sorte, as boas fases, as lesões, os erros dos jogadores e os dos árbitros se equilibram — se não totalmente, com certeza muito mais do que durante apenas sete jogos. O fato de a Inglaterra ter passado quarenta anos sem conquistar um troféu é incômodo (e por ele vários técnicos, jogadores, árbitros e adversários têm um grau de responsabilidade), mas isso não corresponde a um declínio fundamental. É possível que haja uma falha básica na forma como a Inglaterra joga futebol, e a despreocupação em evoluir não vem ajudando, mas seria difícil construir um argumento para uma revisão radical do jogo inglês apenas com base nos resultados dos torneios internacionais.

A globalização está fundindo estilos nacionais, mas a tradição — perpetuada por técnicos, jogadores, especialistas e torcedores — é forte o suficiente para permanecer perceptível. O que se tornou evidente enquanto eu escrevia este livro é que todas as nações reconheceram rapidamente seus pontos fortes, mas nenhuma parece confiar neles. O futebol brasileiro é talento e improvisação, mas olha ansiosamente para a organização defensiva dos italianos. O futebol italiano é cinismo e inteligência tática, mas admira e teme a coragem física dos ingleses. O futebol inglês é tenacidade e energia, mas sente que deve imitar a técnica dos brasileiros.

A história da tática, ao que parece, é a história de duas tensões interligadas: estética versus resultado de um lado, técnica versus físico do outro. O que confunde o assunto é que aqueles que crescem em uma

cultura de técnica tendem a enxergar uma abordagem mais robusta como forma de obter resultados, enquanto os que têm uma cultura mais física veem na técnica apenas o triunfo do pragmatismo; e a beleza — ou ao menos aquilo que os fãs preferem ver — permanece nos olhos do observador. Os torcedores britânicos podem admirar (ainda que muitos não o façam) a luta cerebral, digamos, da final da Liga dos Campeões de 2003 entre o Milan e a Juventus, mas o que eles realmente querem ver é a dinâmica demolidora da Premiership. Essa caracterização não é totalmente justa, porque o futebol da Premiership é muito mais habilidoso hoje do que era há dez anos, mas se mantém mais rápido e menos propenso à posse de bola do que qualquer outra liga importante. A julgar pelos valores pagos pelos direitos internacionais de televisão, o resto do mundo acredita ter encontrado um balanço satisfatório.

A metade dos anos 1950 viu a publicação de obras que tentaram se entender com o declínio da Inglaterra. O livro de Glanville foi provavelmente o mais indignado, mas *Soccer Revolution*, de Willy Meisl, o irmão mais novo do grande técnico austríaco Hugo Meisl, foi igualmente revelador. Leal aos costumes britânicos como só um imigrante pode ser, seu trabalho mais parece um lamento. Para ambos, culpar o conservadorismo do futebol inglês fez sentido e — com o benefício da passagem do tempo — pode-se dizer que os livros faziam parte de um ataque cultural dirigido à ordem estabelecida, que percebera o fim do Império mas não encontrara um papel apropriado para si. A negligência da Inglaterra *foi* a culpada pela perda da superioridade futebolística. Sim, o resto do mundo a alcançaria em algum momento, porque, como Glanville exaustivamente salientou, pupilos têm o hábito de superar seus mestres; mas esses mestres, por causa de sua arrogância e estreiteza, foram cúmplices da própria queda.

Isso, entretanto, aconteceu há muito tempo. A queda da Inglaterra de seu pedestal não é mais notícia. Ao rastrear a evolução tática do futebol, esta obra tenta explicar como chegamos onde estamos agora, e nisso ela pertence à mesma família de *Soccer Nemesis* e *Soccer Revolution*, mas parte de um presente muito diferente: não com a Inglaterra caindo, mas falhando ao tentar se levantar. Isto tudo faz parte, de qualquer modo, apenas de uma narrativa em construção, não de uma tese sobre o fracasso.

NOTA SOBRE TERMINOLOGIA

Na Grã-Bretanha, o termo “centromédio” é comumente usado para descrever o zagueiro central. Há razões históricas para isso, que foram explicadas no começo do quarto capítulo, mas, em nome da clareza, usei “centromédio” especificamente para descrever o meio-campista central na formação 2-3-5. Espero que os termos usados para outras posições sejam menos ambíguos.

NOTA DO TRADUTOR SOBRE TERMINOLOGIA

Em vários trechos deste livro, o autor se refere a jogadores que atuam na posição de *wing-half*. A necessidade de traduzir o termo de forma a ser compreendido tanto no sentido literal quanto no sentido tático impôs um desafio, pois essa posição desapareceu ao longo da evolução dos sistemas táticos. Não se deve confundir *wing-half* com *winger*, pois apresentam significados distintos. Nos primórdios da organização dos jogadores em campo, o *winger* tinha uma posição similar ao que conhecemos hoje como “ponta”; no sentido moderno, é mais bem definido como “ala”, um atacante que joga pelas laterais do campo, mas também corta para o meio em diagonal. O *wing-half* era um jogador de meio de campo que atuava próximo às laterais, com funções defensivas; nesta edição em português, usaremos o termo “ponta-médio” (nenhuma relação com o termo espanhol *mediapunta*, um atacante) para nos referirmos a ele.



1. Da gênese à pirâmide

No começo havia o caos, e o futebol não tinha forma. Então apareceram os vitorianos, que o codificaram; e depois deles, os teóricos, que o analisaram. A tática, como algo que se assemelhasse a seu sentido moderno, não foi reconhecida ou discutida antes do final da década de 1920, mas já desde os anos 1870 existia a noção de que a organização dos jogadores em campo fazia uma diferença significativa na maneira como o futebol era praticado. Em sua forma mais remota, no entanto, o jogo não conhecia nenhuma sofisticação.

Várias culturas se referem a jogos que envolviam a ação de chutar uma bola, mas, apesar das reivindicações de Roma, Grécia, Egito, Caribe, México, China ou Japão pelo posto de berço do futebol, o esporte moderno tem suas raízes no jogo da plebe da Grã-Bretanha medieval. Regras — ou o que existia nesse aspecto — variavam de lugar a lugar, mas o jogo essencialmente envolvia dois times tentando levar um objeto esférico rudimentar a alvos em lados opostos de um campo imaginário. Era violento, indisciplinado e anárquico, e repetidas vezes a atividade foi declarada ilegal. Somente no início do século XIX, quando as escolas públicas — cujo pensamento era delineado por defensores da cristandade atlética — decidiram que o esporte poderia ser aproveitado para a edificação moral de seus alunos, é que surgiu algo que se aproximava do que identificamos hoje como futebol. Antes de existir a tática, porém, deveria haver, em primeiro lugar, um coerente conjunto de regras.

Mesmo no final do século XIX, quando as primeiras formações começaram a aparecer, ainda era raro que fossem objeto de reflexão. Na época das origens do futebol, a noção abstrata de tática, ou quadros com setas e letras xis, era quase inconcebível. O desenvolvimento do jogo, contudo, é bastante instrutivo naquilo que revela sobre a mentalidade em torno do futebol, sobre o despercebido e muitas vezes não reconhecido emaranhado do qual resultaram as concepções britânicas a

respeito de como ele deveria ser jogado (e, quarenta anos depois que as regras foram escritas, não havia nada além dessa concepção).

A explosão veio no início da era vitoriana e, como David Winner demonstra em *Those Feet*, estava arraigada na ideia de que o Império se encontrava em declínio por culpa da torpeza moral. Esportes coletivos, pensava-se, deveriam ser promovidos, porque desencorajavam o individualismo exacerbado, que por sua vez permitia que a masturbação florescesse — e não poderia haver nada mais debilitante do que isso. O reverendo Edward Thring, diretor da Escola Uppingham, por exemplo, insistiu em um sermão que a prática levaria a “sepulturas precoces e desonradas”. O futebol era visto como o antídoto perfeito, porque, como E. A. C. Thompson escreveria em *The Boys' Champion Story Paper* em 1901, “não há esporte mais masculino que o futebol. Ele é peculiar e tipicamente britânico ao exigir coragem, frieza e resistência”.

Existem boas razões político-econômicas para a coincidência, mas há também um simbolismo interessante no fato de que, depois de o futebol ter sido usado para fortalecer o Império, o declínio final da Inglaterra como força imperial tenha sido concomitante com a erosão de sua superioridade futebolística. O futebol elevou-se em popularidade na primeira metade do século XIX, mas naqueles dias primitivos as regras variavam de escola para escola, principalmente por causa das condições estabelecidas. Em Cheltenham e Rugby, por exemplo, com seus campos largos e abertos, o jogo diferia pouco daquele que a plebe praticava. Um jogador podia cair no chão, ser atropelado por vários de seus companheiros e se erguer da lama relativamente incólume. Nos espaços menores de Charterhouse e Westminster, no entanto, essa dinâmica levaria a ossos quebrados, por isso foi lá que a ação de conduzir a bola se desenvolveu. Isso tornou ilegal — ou ao menos restringiu — que a bola fosse tocada com as mãos, mas o jogo ainda era radicalmente diferente do futebol moderno. As formações eram desconhecidas, enquanto a duração do jogo e até mesmo o número de jogadores em cada lado ainda não tinham sido estabelecidos. Basicamente, monitores ou alunos mais velhos corriam com a bola nos pés, seus companheiros atrás deles para o caso de perderem a bola, enquanto os adversários — ou, em certas escolas, os *viadinhos* (ou seja, alunos mais novos que eram efetivamente “empregados” dos mais velhos) — tentavam detê-los.

O jogo associado entre atacantes — se é que acontecia — era rudimentar e dessa ideia germinaram certos fundamentos que formatariam o caminho do futebol inglês primitivo: o jogo era baseado na condução da bola; passes, cooperação e defesa eram vistos como ações subalternas. Abaixar a cabeça e avançar era certamente preferível a pensar — uma manifestação, alguns diriam, da atitude básica dos ingleses em relação à vida em geral. Nas escolas públicas, raciocinar gerava repreensão (em 1946, o comediante húngaro George Mikes escrevia sobre como, ao chegar à Grã-Bretanha, ficava orgulhoso quando uma mulher o chamava de “esperto”, antes de perceber como o termo era carregado de conotações de desconfiança).

Os diferentes conjuntos de regras frustraram os esforços para estabelecer o futebol nas universidades, até que em 1848, H. C. Malden — de Godalming, Surrey — convocou um encontro em suas salas em Cambridge com representantes de Harrow, Eton, Rugby, Winchester e Shrewsbury (e, o que soa incomum, com mais dois alunos de escolas privadas), no qual foram estabelecidas aquelas que podemos chamar de primeiras “leis do jogo” unificadas. “As novas regras foram chamadas de ‘As Regras de Cambridge’”, Malden escreveu. “Cópias foram distribuídas e afixadas em Parker’s Piece [uma área gramada aberta no centro da cidade], e funcionaram bastante satisfatoriamente, por isso devo acrescentar que foram obedecidas com lealdade e nunca ouvi falar de nenhum aluno de escola pública que tenha deixado de jogar por não gostar das regras.”

Catorze anos mais tarde, a versão sulista do jogo deu mais um passo em direção à uniformidade, quando J. C. Thring — o irmão mais novo de Edward, o diretor de Uppingham —, após ter sido contrariado em uma tentativa anterior de escrever um conjunto de preceitos unificados em Cambridge, apresentou uma lista de dez regras chamada de “O jogo mais simples”. No mês de outubro seguinte, foi publicada outra variação, “As regras de futebol da Universidade de Cambridge”. De modo significativo, um mês depois a Associação de Futebol (FA) foi criada, e imediatamente se dedicou a determinar o conjunto definitivo das regras do jogo, ainda tentando combinar os melhores elementos a respeito da condução da bola e do uso das mãos.

Deu errado. O debate foi longo e furioso, mas, após o quinto encontro na taverna Freemason's — na Lincoln's Inn Fields, em Londres, às dezenove horas do dia 8 de dezembro de 1863 —, carregar a bola com as mãos foi declarado ilegal, e o futebol e o rúgbi tomaram caminhos separados. Estranhamente, a disputa não era quanto ao uso das mãos, mas sobre se chutar o oponente na canela deveria ser permitido. F. W. Campbell, de Blackheath, era a favor. “Se proibir [os chutes nas canelas]”, ele disse, “você retirará toda a coragem e a determinação do jogo, e eu serei obrigado a trazer franceses que o vencerão com uma semana de treino.” O esporte, na visão dele, era dor, brutalidade e masculinidade; sem isso, se a questão dependesse realmente de habilidade, qualquer estrangeiro idoso seria capaz de vencer. Pode ter sido uma piada, mas o fato de suas palavras terem feito parte de um debate sério é indicativo da crença geral e disseminada — e Blackheath de fato se retirou da associação quando os chutes nas canelas foram proibidos.

O jogo de condução de bola prevaleceu, principalmente por causa da Regra 6, a precursora da lei do impedimento: “Quando um jogador chutar a bola, todos os companheiros de time que estiverem perto da linha do gol do oponente estão fora de jogo e não podem tocar a bola, nem impedir de nenhuma forma outro jogador de tocá-la, até que retomem a condição de jogo”. Em outras palavras, os passes teriam de ser laterais ou para trás; para ingleses convictos de que qualquer coisa diferente de atacar um alvo era suspeitosamente sutil e afeminado, isso com certeza não funcionaria.

O manejo da bola — deve-se esclarecer — era muito diferente das concepções modernas dessa arte. Em sua história da FA Cup, Geoffrey Green, o falecido correspondente de futebol do *The Times*, cita um repórter não identificado dos anos 1870: “Um jogador de primeira classe [...] jamais perderia a bola de vista, ao mesmo tempo mantendo sua atenção dedicada a vislumbrar os espaços nas linhas inimigas, ou qualquer ponto fraco na defesa, que possa dar a ele uma chance favorável de chegar ao cobiçado gol adversário. Ver alguns jogadores guiando e conduzindo a bola por um círculo de pernas adversárias, girando e se contorcendo como a ocasião exige, é uma visão para não ser esquecida [...]. A habilidade para carregar a bola [...] exige algo mais do

que um destemido ataque violento, de cabeça baixa, à fortaleza do inimigo; pede um olhar voltado para a descoberta de um ponto fraco, para calcular e decidir as chances de sucesso”. Em termos de formação em campo, soa mais como uma versão elementar do rúgbi moderno, só que sem o uso das mãos.

As táticas — se essa não for uma palavra muito grandiosa para as circunstâncias — eram igualmente básicas, mesmo depois que o número de jogadores foi definido em onze. Os times simplesmente perseguiram a bola. A posição de goleiro não foi reconhecida e universalmente aceita antes de 1870; ele só começou a usar uma camisa de cor diferente do resto do time depois de 1909 e, em 1912, ficou proibido de tocar a bola com as mãos fora de sua área — uma mudança de regra implementada para impedir o goleiro de Sunderland, Leigh Richmond Roose, de quicar a bola até o meio do campo. Se havia algum tipo de formação estruturada naqueles dias, ela provavelmente seria composta de dois ou três zagueiros e oito ou nove atacantes.

Mesmo quando a Regra 6 foi alterada, em 1866, após a convenção de Eton, para permitir um passe para a frente desde que houvesse pelo menos três jogadores de defesa entre o jogador de ataque e o gol no momento em que a bola fosse chutada (ou seja, um a mais do que na lei do impedimento moderna), a mudança parece não ter feito grande diferença para aqueles que haviam sido educados no jogo de condução da bola. Em 1870, Charles W. Alcock, administrador por formação e jogador proeminente (e o primeiro homem a ser flagrado em impedimento depois da mudança da regra), escrevia em tom pastoral sobre “o magnífico e essencial princípio do apoiar. Por ‘apoio’, é claro, estou me referindo à ação de seguir um companheiro de perto a fim de assisti-lo, se for necessário, ou retomar a bola no caso de ele ser atacado ou de qualquer outra maneira impedido de continuar em frente”. Em outras palavras, mesmo uma década depois do estabelecimento da FA, um dos fundadores do jogo achou necessário explicar aos outros que se um de seus companheiros atacasse o gol, olhando para baixo, poderia ser uma boa ideia ajudá-lo — ainda que receber dele a bola, voluntariamente, parecesse um pouco demais.

Esse, ao menos, era o cenário no sul. O norte fazia seu próprio progresso, particularmente no sul de Yorkshire, onde uma combinação

entre ex-alunos da Escola Harrow, que se tornaram professores no Colégio Sheffield, e os tradicionais jogos populares de Holmfirth e Penistone, levou à criação do Sheffield Club, em 24 de outubro de 1857, inicialmente para que jogadores de críquete mantivessem a forma durante o inverno. No Boxing Day¹ daquele ano foi realizado o primeiro jogo entre clubes, quando o Sheffield venceu o Hallam FC por 2 a 0. O esporte cresceu rápido: em cinco anos, públicos de várias centenas de pessoas já eram comuns e quinze clubes haviam sido fundados na região. O Sheffield Club definiu seu próprio conjunto de regras, publicado em 1862, em que, demonstrando a influência de Harrow, Rugby e Winchester, não havia menção à lei do impedimento.

Mas aparentemente existia alguma forma de regulação, pois quando o secretário de Sheffield, William Chesterman, escreveu para a recém-fundada FA em 30 de novembro de 1863, apresentando a inscrição do clube e sua contribuição para o debate sobre as regras, ele mencionou: “Nós não temos nenhuma regra impressa como a Regra 6 de vocês, mas eu escrevi à mão no livro uma regra com a qual sempre jogamos”. Não ficou claro do que se tratava exatamente. A aceitação formal do impedimento em Sheffield aconteceu apenas em 1865, como parte de um acordo sobre regras antes de um jogo contra Notts County, e mesmo assim bastava que apenas um jogador de defesa estivesse à frente do atacante quando a bola lhe fosse passada a fim de evitar o impedimento. Era uma medida que claramente tornava os passes mais viáveis, muito embora seja discutível se a oportunidade veio a ser aproveitada de fato.

A FA não respondeu à proposta de Sheffield, e por isso, por vários anos, dois códigos — ou melhor, dois códigos básicos, porque também havia variações em Nottingham e outras cidades — existiram. Eles se encontraram pela primeira vez em 1866, para um jogo entre London e Sheffield no Battersea Park, em 31 de março daquele ano. London venceu por 2 a 0, com relatos da época sugerindo que era mesmo o time mais habilidoso, apesar de ter sofrido com a corporalidade e o porte físico dos jogadores de Sheffield.

Após muitos debates sobre quais regras utilizar, Alcock levou um time do London a Sheffield em dezembro de 1871. Jogando sob as próprias regras, a equipe da casa venceu por 3 a 1, placar que se deveu

basicamente ao fato de o time ter uma formação organizada. Esse aspecto, somado à lei do impedimento mais liberal, poderia sugerir um jogo de passes, mas aparentemente o Sheffield era ainda mais apegado à condução da bola que o London. De acordo com Percy M. Young, em *Football in Sheffield*, os jogadores do Sheffield consideravam “a habilidade de Alcock para carregar a bola algo fora de seu alcance. Já Alcock valorizava demais as virtudes do passe bem-feito (os jogadores locais adotavam o método mais simples e mais direto de ignorar seus próprios companheiros e ir sem desvios ao gol em todas as ocasiões possíveis) e a delicada combinação entre ele e Chenery foi uma revelação para os 2 mil deliciados espectadores”. Haveria mais dezoito confrontos até o Sheffield se dobrar à FA em 1878.

Ainda que não existisse uma cultura de passes no Sheffield, o time tinha o hábito de executar um chute longo para a frente a fim de aliviar suas linhas. Em *Soccer: The World Game*, Geoffrey Green diz que quando os jogadores do Sheffield chegaram a Londres para um jogo de exibição, em 1875, e começaram a “tocar na bola com a cabeça”, o público viu aquilo como “algum tipo de entretenimento, não um motivo para admiração”. Em um jogo de pura condução, é claro, não havia razão para a bola se descolar do chão — a não ser, talvez, livrar-se dos pés adversários. Somente se a bola atravessasse uma distância significativa pelo alto seria preciso cabeceá-la.

O relatório da Associação Escocesa de Futebol sobre uma partida de 1877, entre o Glasgow e o Sheffield, deixa claro: “O jogo foi muito bem disputado, e a vitória ficou com a melhor equipe, ninguém pode negar. Mas que foi um jogo bonito, abundante em demonstrações de condução combinada, o que costuma distinguir um time escocês de todos os outros, poucos admitirão [...]. Não podemos ocultar o fato [...] de que as táticas empregadas pelo time do Sheffield no sábado foram parcialmente responsáveis por isso, visto que eles jogam com um conjunto diferente de regras em relação às adotadas pelas Associações da Escócia e da Inglaterra, e que para eles a nossa lei do impedimento é quase letra morta. Dessa forma, o chute longo foi largamente utilizado no sábado pelo time deles; ao responder com o mesmo estilo de jogo, os homens de Glasgow perderam a unidade que os levou a vitórias contra adversários mais difíceis”.

A difusão e valorização do passe — que leva à “unidade” — pode ser rastreada até um jogo específico, a primeira partida de futebol entre seleções, disputada por Inglaterra e Escócia em Partick, no estádio de críquete West of Scotland, em 1872. A escalação da Inglaterra tinha um “gol”, um “zagueiro três-quartos”, um “zagueiro médio”, um “chute voador”, quatro jogadores chamados apenas de “meio”, dois de “lado esquerdo” e um de “lado direito”; o que, aplicando-se registros modernos, soaria como algo próximo de um 1-2-7. “A formação do time como regra”, Alcock escreveu, “se estabelecia com sete atacantes, e apenas quatro jogadores para constituir as três linhas de defesa. A última linha era, obviamente, o goleiro, e à frente dele havia apenas um zagueiro, que jogava atrás de dois jogadores mais avançados para combater as corridas dos atacantes adversários.”

A Escócia foi representada pelo Queen’s Park, que, até a fundação da Associação Escocesa de Futebol, em 1873, governou o futebol escocês — funcionando como o Marylebone Cricket Club em relação ao críquete, ou o Royal and Ancient Golf Club para o golfe. Em essência, eles eram mais leves do que os ingleses. É indicativo do caráter físico daquele futebol o fato de muitos especialistas esperarem que a vantagem de peso daria à Inglaterra uma vitória confortável, mas essa expectativa serviu apenas para estimular a imaginação. Embora as evidências não sejam conclusivas, é provável que — como argumenta Richard McBrearty, do Museu de Futebol da Escócia — o Queen’s Park tenha decidido que deveria tentar passar a bola contra a Inglaterra, em vez de buscar o embate corpo a corpo no qual seria superado na força; e a formação usada foi definitivamente um 2-2-6. O plano funcionou. A Inglaterra, de tradição mais estabelecida e com muito mais jogadores para escolher, era a favorita, mas foi contida em um empate sem gols. “Os ingleses”, afirmou o relato do *Glasgow Herald*, “tinham toda a vantagem relativa ao peso — eram cerca de doze quilos em média mais pesados do que os escoceses [um pequeno exagero] — e também no que dizia respeito à velocidade. O ponto forte do clube da casa foi que seus jogadores atuaram incrivelmente bem juntos.”



PRIMEIRO JOGO ENTRE PAÍSES: ESCÓCIA ○ A ○ INGLATERRA,
PARTICK, 30 DE NOVEMBRO DE 1872

Esse sucesso pode ter confirmado a ideia de que o passe era um artifício superior à condução da bola — ao norte da fronteira, pelo menos — mas a estratégia nunca teria funcionado se o passe não fizesse parte do jogo na Escócia praticamente desde o início. Quando o clube Queen's Park foi estabelecido, em 1867, a versão adotada da lei do impedimento dizia que um jogador estaria infringindo apenas se estivesse à frente do penúltimo defensor nos últimos quinze metros do campo. Essa era claramente uma regulamentação muito mais favorável ao passe do que a primeira lei do impedimento da FA, ou a revisão dessa norma, de 1866. O Queen's Park aceitou a variação dos três homens quando ingressou na FA em 9 de novembro de 1870, mas então a ideia do passe já estava implantada. Na Escócia, a bola servia para ser chutada, não apenas carregada, como sugere o poema de H. N. Smith, celebrando a vitória do Queen's Park sobre o Hamilton Gymnasium, em 1869:

Os homens são escolhidos — a bola é chutada,
Ela voa alto no ar;

Passa sobre muitas cabeças...

Foi sobre a prevalência da bola conduzida que Robert Smith, um membro do Queen's Park e ponta-direita da Escócia naquele primeiro encontro internacional, fez seu relato após participar do primeiro dos quatro jogos organizados por Alcock, entre a Inglaterra e um time de escoceses que moravam em Londres — os precursores de uma seleção formal. “Enquanto a bola estava em jogo”, ele escreveu em uma carta para seu clube, “a prática era correr ou conduzir a bola com os pés, em vez da preferência por bolas altas ou longas.”

Uma das motivações do Queen's Park para se juntar à associação inglesa foi tentar reduzir as dificuldades para encontrar adversários que concordassem com um conjunto-padrão de regras. Nos meses anteriores à entrada na FA, eles jogaram partidas com dez, catorze, quinze e dezesseis jogadores em cada time; em 1871-2, só fizeram três jogos. “O clube, no entanto”, Richard Robinson escreveu em 1920, em sua história do Queen's Park, “nunca negligenciou treinos.” Esse isolamento e as partidas frequentes entre seus próprios jogadores deram vazão a idiossincrasias — como aconteceu com a Argentina na década de 1930 — e o jogo de troca de passes se viu livre do cansativo obstáculo de oponentes de verdade. “Nesses jogos [em treinos]”, Robinson continuou, “a condução e o passe [...], que elevaram o jogo escocês ao nível de arte, foram desenvolvidos. Carregar a bola era uma característica do jogo inglês, e só muito tempo depois os sulistas perceberam que os princípios do método do Queen's Park de transferência da bola, junto ao firme acompanhamento da jogada, é que tiravam o máximo do time. A combinação de passes era a principal característica do jogo do Queen's Park. Essa essência impressionou o sr. C. W. Alcock e, em um de seus primeiros relatórios anuais sobre futebol, foi a ideia central de uma homenagem prestada aos jogadores escoceses, acompanhada de sinceras dissertações em defesa da imediata adoção, pelos ingleses, do método que levou o jogo a um nível tão alto de competência ao norte do rio Tweed.”

Mas Alcock, na realidade, não estava totalmente convencido. Ainda que se dissesse intrigado pelo “jogo de combinação de passes” — e mesmo considerando as proezas que exibira em Sheffield —, ele

expressou a dúvida, naquele relatório anual de 1879, sobre se “um sistema integralmente baseado no jogo de passes daria certo”. O passe, a seu ver, era uma opção, mas nunca deveria suplantiar o jogo de condução.

De qualquer modo, o passe logo se disseminou, particularmente na Escócia, onde a influência do Queen’s Park era bastante abrangente e levou ao tão romantizado estilo “tecelagem”, caracterizado por passes curtos em zigue-zague entre atacantes e linhas médias. O Queen’s Park organizou a equipe escocesa para os dois primeiros jogos internacionais e, mesmo depois da fundação da Associação Escocesa de Futebol, permaneceu como uma voz poderosa na engrenagem do esporte. Seus membros atuaram como evangelistas, viajando pelo país para jogos de exibição. Registros de um jogo contra o Vale of Leven, que se tornou uma das primeiras forças do futebol escocês, descrevem paralisações em intervalos regulares para que as regras e os métodos de jogo fossem explicados, enquanto que uma partida em Edimburgo, em 1873, impulsionou o futebol na capital. Talvez seja um indicativo do impacto desses jogos o fato de a região de Borders ter permanecido um baluarte do rúgbi: um jogo de missionários que o Queen’s Park faria lá foi cancelado por causa de compromissos com a FA Cup, portanto as sementes do futebol nunca germinaram ali. Como McBrearty salienta, a demografia da Escócia, com a maioria das pessoas vivendo na área central entre Glasgow e Edimburgo, criou as condições para que um estilo de futebol prevalecesse, diferentemente do que se deu na Inglaterra, onde cada região tinha a própria ideia de como o jogo deveria ser jogado.

As táticas do Queen’s Park no primeiro jogo internacional provocaram dúvidas na Inglaterra, mas o avanço do jogo de passes até o sul pode ser atribuído principalmente a dois homens: Henry Renny-Tailyour e John Blackburn, que jogaram pela Escócia na vitória sobre a Inglaterra na segunda partida entre os dois países. Ambos eram tenentes do exército e atuavam pelo clube Royal Engineers, levando consigo o estilo escocês para Kent. “O Royal Engineers foi o primeiro time de futebol a introduzir o estilo de jogo de combinação de passes”, W. E. Clegg, um ex-jogador do Sheffield, escreveu no *Sheffield Independent* em 1930. “Antigamente os jogos do Sheffield contra eles

eram vencidos por nós, mas ficamos muito surpresos porque, de uma temporada para outra, eles passaram a adotar ‘táticas militares’ no futebol, o que resultou em feias derrotas para o Sheffield por causa das novas circunstâncias de jogo.”

O estilo de passes foi implantado no futebol das escolas pelo reverendo Spencer Walker, que, ao retornar como professor ao Colégio Lancing, onde havia sido aluno, se dedicou a transformar “um bando de intimidadores em um time bem-ordenado”. “A primeira coisa com que deparei”, ele escreveu, “foi o agrupamento de todos os jogadores de ataque em torno do principal atacante. Eles ficavam em volta dele por onde quer que ele fosse. Então, estabeleci a Regra 1: Posições fixas para todos os atacantes, que deveriam passar a bola de um para o outro. Você precisava ter visto a cara dos nossos primeiros adversários, um olhar do tipo ‘onde nós estamos?’.”

Apesar do ceticismo de Alcock, gradativamente ia se tornando claro que o passe era o futuro. O time do Old Carthusians, que venceu o Old Etonians por 3 a 0 na final da FA Cup de 1881, destacou-se pelas combinações de passes, especialmente entre E. M. F. Prinsep e E. H. Parry. No ano seguinte, o gol do Old Etonians que derrotou o Blackburn Rovers, o primeiro time do norte a alcançar a final, resultou, como Green escreveu em sua história da FA Cup, de “uma longa condução e um cruzamento” de A. T. B. Dunn para W. H. Anderson. Ainda assim, o Old Etonians era essencialmente um time de condução de bola.

O florescer definitivo do jogo de condução aconteceu em 1883. Pela primeira vez, a FA Cup recebeu mais times de fora de Londres do que da cidade, e pela primeira vez o troféu foi para o norte, com a vitória do Blackburn Olympic sobre o Old Etonians na final. A era amadora — ao menos em termos de mentalidade — tinha acabado; algo reconhecido dois anos depois, quando a FA legitimou o profissionalismo.

Todos os jogadores do Olympic tinham empregos em tempo integral, e causou um certo furor o fato de seu centromédio e técnico de fato, Jack Hunter, tê-los levado para Blackpool para um período de treinamentos antes da final. Esse evidentemente não era o tipo de superioridade que os amadores aspiravam. No começo do jogo, uma lesão reduziu os Etonians a dez jogadores, mas de qualquer forma é improvável que eles tivessem sido capazes de enfrentar a estranha tática

do Olympic de fazer longos passes de uma lateral a outra. O gol da vitória, marcado no final da prorrogação, foi bastante representativo do jogo como um todo: uma bola de Tommy Dewhurst (um tecelão) atravessou o campo da direita para a esquerda e encontrou Jimmy Costley (um fiandeiro) com espaço para avançar, e ele teve a tranquilidade necessária para bater J. F. P. Rawlinson no gol dos Etonians.

Na Escócia, a superioridade do jogo de passes era notícia velha. “Pegue qualquer clube que tenha ganhado destaque”, escreveu o colunista Silas Marner no *Scottish Umpire*, em agosto de 1884, “e o avanço terá sido encontrado no momento em que a luta e a desordem deram lugar a passes rápidos e precisos, e a atenção ao couro superou o desejo degradante de apenas derrotar o oponente.” Não que todos estivessem convencidos. Dois meses depois, após o Jamestown Athletics ser batido por 4 a 1 na Copa da Escócia pelo Vale of Leven, Olympian foi mordaz ao tratar do jogo de combinação de passes em sua coluna chamada “On the Wing”, no *Umpire*. “‘Dividir para conquistar’ era o lema favorito do grande Maquiavel ao ensinar príncipes a governar [...]. O que devo dizer daquilo que suponho ter sido uma tentativa do Jamestown de verificar a veracidade dessa máxima? Suas premissas estavam corretas, mas eles se equivocaram completamente na conclusão. Cometeram o grave erro de dividir *a eles próprios* em vez do oponente e por isso foram castigados. E que castigo! Não diga isso em Gath. Não publique isso em Askelon. A estratégia nunca poderá tomar o lugar de onze bons pares de pernas sagazes.”

Bem, na verdade, podia — e tomou. E, para a consternação dos tradicionalistas na Inglaterra e na Escócia, isso significou que um dos dois centroavantes — que tendiam a replicar os próprios papéis no jogo de passes combinados — teve de mudar seu posicionamento para ocupar um lugar mais recuado, finalmente se tornando, durante os anos 1880, o centromédio na formação 2-3-5, conhecida como “pirâmide”. Há uma ideia bem difundida (expressada, por exemplo, pelo técnico húngaro Árpád Csanádi em seu *Soccer*, um imenso e influente manual para treinadores) de que o 2-3-5 foi utilizado primeiro pela Universidade de Cambridge, em 1883. Mas existem indícios que sugerem que eles já

utilizavam o sistema seis anos antes disso. O Nottingham Forest, do mesmo modo, já era entusiasta defensor do sistema ao final dos anos 1870, inspirado pelas experimentações de seu capitão, Sam Widdowson, o homem que inventou a caneleira.

O Wrexham certamente usou um centromédio quando enfrentou o Druids na final da Copa do País de Gales, em 1878; seu capitão e zagueiro Charles Murless, um agente de imóveis, retirou E. A. Cross da linha de atacantes, aparentemente porque achou que a velocidade do centroavante que permaneceu, John Price, era suficiente para compensar o menor número de jogadores no ataque. A mudança foi recompensada quando James Davies decidiu um jogo equilibrado com um gol a dois minutos do final.



WREXHAM I A O DRUIDS, FINAL DA COPA DE GALES,
ACTON, 30 DE MARÇO DE 1878

A disseminação gradual do 2-3-5 fez o centromédio rapidamente se tornar o eixo do time — uma figura muito diferente do sisudo marcador em que se transformaria — estabelecendo-se como um jogador

polivalente, de muitas qualidades, defensor e atacante, líder, autor de gols e destruidor de jogadas. Era, como o grande escritor de futebol austríaco Willy Meisl definiu, “o homem mais importante em campo”.

De forma intrigante, o *Sheffield Independent*, em seu relato sobre o primeiro jogo com iluminação artificial — uma exibição entre os Reds e os Blues, jogada em outubro de 1878 —, listou cada time com quatro zagueiros, um médio e cinco atacantes. Não há, no entanto, outra evidência de qualquer time jogando com mais de dois defensores por outras três décadas, então parece provável que aquilo fosse um 2-3-5, com os pontas-médios, cujo trabalho seria marcar os atacantes adversários que jogavam por dentro, descritos não como médios, mas como defensores.

Uma noção do ultraje provocado pela simples ideia de defender nos é oferecida por um artigo no *Scottish Athletic Journal* de novembro de 1882, que condenava o hábito de “certos clubes” de manter dois homens vinte metros à frente do próprio gol, apenas, como o escritor sugere, “para ficar conversando com o goleiro”. De maneira semelhante, o Lugar Boswell Thistle, um clube de Ayrshire, foi menosprezado por atacar com apenas nove homens. Os reacionários, no entanto, disputavam uma batalha perdida, e foi com um 2-3-5 que o Dumbarton venceu o Vale of Leven na final da Copa da Escócia, em 1883.

No entanto, foi o sucesso do Preston North End nos anos 1880 que confirmou a superioridade do 2-3-5. Inicialmente voltado para críquete e rúgbi, o clube jogou uma partida sob as regras da FA contra o Eagley, em 1878. Não há registro das posições adotadas naquele jogo, mas, em novembro do ano seguinte, eles enfrentaram o Halliwell com um time descrito no clássico 2-2-6: ou seja, com dois zagueiros, dois médios, dois pontas do lado direito, dois pontas do lado esquerdo e dois centroavantes. O Preston se afiliou à Associação de Futebol de Lancashire para a temporada 1880-1 e, apesar de ter tido dificuldades no início, o clube foi transformado com a chegada de jogadores escoceses — profissionais “não oficiais”. Em 1883, as fichas mostraram pela primeira vez o Preston adotando o sistema 2-3-5. Não se sabe de quem foi a ideia, mas apenas que James Gledhill, um professor e médico de Glasgow, deu uma série de palestras “mostrando no quadro-negro o que podia ser feito por um time de especialistas selecionados”, como David

Hunt escreveu em sua história sobre o clube. Foi com esse sistema que o Preston venceu os dois primeiros títulos da Liga de Futebol — o primeiro deles, em 1887-8, sem uma derrota sequer.

A Inglaterra jogou com o 2-3-5 pela primeira vez contra a Escócia em 1884, e em outubro daquele ano o sistema já era comum a ponto de, na viagem do Notts County ao norte para um amistoso contra o Renfrewshire, o *Umpire* descrever o time na formação 2-3-5 sem nenhum comentário adicional. A seleção escocesa usou a pirâmide pela primeira vez em 1887, recebendo críticas pela imitação do que era inicialmente uma tática inglesa. Entretanto, o tom de um perfil de James Kelly, jogador do Celtic, publicado no *Scottish Referee* em 1889, deixa claro que o debate já estava encerrado ao final da década. “Há muita gente que acredita que, ao adotar a posição do centromédio, a Escócia sacrificou muito de sua força no jogo”, dizia o texto. “Nós não compartilhamos dessa opinião e, se os jogadores que ocupam esse espaço em nossos clubes fossem homens do calibre do sr. Kelly, não haveria divergência sobre o assunto nem teríamos motivo para arrependimento por acompanhar a Inglaterra nesse tema.”

Pelas três décadas e meia seguintes, não mudou muita coisa. Na Grã-Bretanha, pelo menos, o 2-3-5 seguiu sendo o padrão, mas isso não quer dizer que não havia variações. Se não é verdade que existia uma riqueza de discussões abstratas ou sofisticadas sobre tática, nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial verificou-se um crescente interesse a respeito de como o jogo deveria ser praticado; no futebol eduardiano, os times certamente não jogavam da mesma maneira semana após semana.

Entre 1907 e 1914, por exemplo, um total de 64 colunas instrutivas apareceram no *Sheffield Telegraph and Star Sports Special*, enquanto o *Football Compendium*, de Peter J. Seddon, listava doze livros sobre como jogar, publicados entre 1898 e 1912, dos quais nove foram escritos por jogadores profissionais ou tiveram a participação deles. Houve também uma série de colunas assinadas por Looker-On — escritas geralmente pelo jornalista escocês Bruce Campbell — e intituladas “Leaves from my notebook”, que discutiam elementos de tática e estilo, incorporando com frequência a interação com os leitores. Como indica Alex Jackson, do Museu Nacional do Futebol e especialista no esporte do período anterior

à Primeira Guerra Mundial, o que sublinhava quase todos os debates era a diferença fundamental entre o jogo de passes curtos escocês e o estilo de passes mais diretos, comum na Inglaterra.

Mas os debates “escocês × inglês”, “passes curtos × passes longos”, “ciência × físico” eram apenas parte da história. A terceira coluna instrutiva a ser publicada no *Sheffield Telegraph and Star Sports Special* foi escrita em 1907 pelo centromédio do Woolwich Arsenal, Percy Sands, e perguntava: “O futebol está se tornando mais científico?”. Nela, o autor afirmava que o nível de dedicação a ideias a respeito de como se deveria jogar era tal que já se ouvia “sobre a adoção de várias possibilidades, como o jogo aberto, o jogo de passes curtos, o movimento triangular, o método de chutar e correr, o método da ação individual e assim por diante”.

O abstrato aos poucos começava a tomar conta. Foi nos cafés do rio Danúbio, na década seguinte, que o debate tático se consolidou no ambiente intelectual, mas sua presença já era sentida, de certa forma, na Inglaterra eduardiana. Em um artigo de 1913, George Utley, jogador do Sheffield United, refletiu sobre o triunfo do Barnsley na FA Cup do ano anterior. “Não foi com um futebol despreocupado que o Barnsley obteve seu sucesso”, ele escreveu. “Muitas vezes — e invariavelmente antes de um jogo contra um time grande — nós discutimos nossas táticas no vestiário e em outros lugares, e concluímos por certas linhas de ação. Uma vez, quando estávamos em Lytham, preparando-nos para a final da Copa, começamos a falar nisso após o jantar. O treinador chegou. Ele pegou 22 pedras de açúcar e as colocou sobre a mesa nas posições de dois times de futebol, e com movimentos ele nos mostrou como [George] Lillycrop marcaria o primeiro gol e como nós venceríamos por 2 a 0.” Na realidade, o Barnsley empatou em 0 a 0 com o West Bromwich Albion, antes de vencer o segundo jogo por 1 a 0 com um gol de Harry Tufnell dois minutos antes do final da prorrogação. Mas o ponto principal permanece: o Barnsley, visto como exemplo do tradicional estilo inglês, mudava sua abordagem de acordo com o adversário.

Tom Boyle, que foi capitão do Burnley e do Barnsley, tinha convicção de que “o time que aplica as melhores táticas vence no final e o capitão do time é quem escolhe as táticas que serão usadas. Não há limite para

estratégias em um time de futebol. O capitão deve estar à procura dos pontos fracos do oponente e, ao direcionar o jogo para aquela área do campo, tirar o máximo de tais fraquezas. Se de um lado o adversário parece muito forte para os homens de que dispõe, então ele dará ordens para manter o jogo na área mais fraca da armadura de seus adversários. Os jogos do futuro serão vencidos mais pela tática do que por qualquer outra coisa, e privilegiado será o time que tiver um gênio como capitão — o homem que coloca as necessidades sobre seus ombros”.

Suas palavras levantaram dois pontos cruciais. Primeiro, que era o capitão, e não o técnico, que determinava a tática — um papel muito mais parecido com o de um capitão no críquete do que no futebol. E segundo, que ele estava modificando o 2-3-5: Boyle transportava o jogo para um lado ou outro, em vez de apenas fazer mudanças de posições. Ao mesmo tempo, seu pensamento parece muito moderno no reconhecimento de que não há nada absoluto em termos de tática. “No futebol”, disse ele, “as táticas adotadas devem estar relacionadas às habilidades dos homens no time para executá-las com sucesso. Por isso, é difícil estabelecer regras invariáveis.”

O time do Preston que ganhou os dois primeiros títulos da liga, os times do Sunderland e do Aston Villa que dominaram o futebol inglês nos anos 1890, e o Newcastle da década de 1900 eram muito dependentes de escoceses importados e, logicamente, jogavam no estilo escocês de passes curtos. “Os atacantes trocam passes aqui e ali, avançando em curtas e precisas transferências de um homem a outro”, explicou Frank Buckley, zagueiro do Birmingham e do Derby e, mais tarde, um inovador como técnico dos Wolves.

O grande capitão do Newcastle, Colin Veitch, creditou a introdução desse estilo no clube à contratação do atacante R. S. McColl, do Queen’s Park (mais conhecido como “Toffee Bob”, por causa da banca de jornais que ele abriu com o irmão). O meia-esquerda Peter McWilliam, que veio do Inverness Thistle um ano antes, também jogava naquele time. Ele teria uma enorme influência como técnico do Tottenham Hotspur e nos ofereceu uma descrição do estilo de jogo de McColl, republicada por Looker-On. Um “primeiro toque refinado” era o começo de tudo; depois, “um ligeiro olhar pelo campo e ele parecia se dar conta de todas as posições. No mesmo instante, saía um passe escolhido à perfeição,

sempre pelo chão, para o companheiro mais bem posicionado, enquanto ele assumia a posição mais arriscada para receber o passe de volta. McColl parecia enxergar vários movimentos de uma só vez, como em um jogo de damas. Muitas vezes eu o vi dar um passe e depois buscar uma posição para receber a bola, ciente de que, antes de voltar a tocá-la, dois ou três companheiros teriam de participar da jogada”.

Esse era o âmago do jogo escocês, essencialmente uma pequena evolução da ideia de passar e se mover, proposta por uma ingênua Inglaterra em 1872. Uma variação da abordagem popularizada no Newcastle, em relação ao passe, foi o chamado “jogo triangular”, que envolvia trocas de passes entre o centromédio, o atacante por dentro e o ponta em um ou ambos os lados do campo. Bob Hewison, do Newcastle, que ocupou diversas posições do lado esquerdo do campo, o definiu como “a triangulação de três cantos ou a jogada do sexto atacante”, o que sugere sua natureza ofensiva. “Os críticos”, ele registrou, “a consideram a essência do futebol puro, a ciência e a arte como passatempo.” Era uma jogada relativamente rara, no entanto, pela dificuldade de execução. “Nunca é demais, nesse caso, destacar a importância da individualidade, do cérebro, da adaptabilidade, da velocidade”, escreveu Hewison. “A exigência é tão grande que só o verdadeiro artista é capaz de realizá-la. Mas não há razão para não cultivar essa arte, porque é o futebol puro.”

Isso podia parecer óbvio a ele, ou a qualquer pessoa exposta ao jogo escocês, mas no sul da Inglaterra persistia a noção de que a forma mais muscular do jogo era a mais pura. O Corinthians, desafiadoramente amador e, aos seus próprios olhos, o guardião das melhores tradições do jogo, continuou a encorajar a condução da bola e o jogo físico. O clube tinha sido fundado por Nicholas Lane Jackson, o funcionário da FA que liderou a campanha contra o uso de profissionais pelo Preston. Ele insistia que “o passe para a frente na corrida” deveria ser a característica principal do estilo do clube. “Toda a linha de atacantes corre junta e, até que perca a bola ou chute ao gol, não para”, disse C. B. Fry, que, entre tantas conquistas esportivas, marcou época no Corinthians inglês. “Muito dos inteligentes e estudados passes curtos dos atacantes profissionais envolve parar e recuar, um método que muitas vezes mantém a bola, mas também retarda a onda de ataques.”

É uma ideia que pode soar pouco sutil, mas já no final dos anos 1890 o Corinthians passou a ter em G. O. Smith um centroavante que preferia distribuir a bola para os pontas e companheiros de time a marcar gols — a primeira insinuação, talvez, do falso nove. Como disse o prolífico Steve Bloomer, que jogou com Smith pela Inglaterra, ele “transformou o papel do centroavante: do atacante individualista para o unificador da linha de ataque, de todo o time”.

No nível profissional, o estilo mais direto tendia a se manifestar no jogo em campo aberto ou pelas pontas. “O tipo mais perigoso de ataque é o de campo aberto, com longos passes do centro para as pontas, e dos homens que jogam por dentro de um lado para os mais abertos, do outro”, explicou o meia-esquerda do Sheffield Wednesday, Andrew Wilson. “Se você joga assim, os defensores não sabem o que fazer. Eles podem abafar os atacantes que seguram a bola, mas quando ela vai de um lado para o outro, em velocidade, eles ficam enrascados.” Como disse o meia-direita do Wednesday, Billy Gillespie, a tática envolvia “trocar passes do homem que joga por dentro, de um lado, para o que joga por fora, do outro, com longas transferências do centroavante para ambos os lados”.

O estilo tinha sido praticado por times como o Blackburn Olympic e passara a ser desenvolvido pelo West Bromwich Albion, desde a metade dos anos 1880. Eles perderam as finais da FA Cup de 1886 e 1887, e poucos acreditavam na equipe na final a ser disputada em 1888, contra o poderoso Preston — que vencera anteriormente o Hyde, na mesma competição, por 26 a 0. O Preston estava tão confiante que pediu ao árbitro, o major Francis Marindin, para tirar uma foto com o troféu antes do pontapé inicial. “Não acham melhor ganhar o jogo primeiro?”, ele respondeu.

Depois do jogo, os jogadores do Preston reclamaram ter sentido a musculatura pesada por terem passado muito tempo em pé, às margens do rio Tâmesa, assistindo às provas universitárias de remo mais cedo no mesmo dia. Mas qualquer que tenha sido a razão, diante de um público de 17 mil pessoas, a primeira lotação máxima da história do futebol, “o jogo de campo aberto e longos passes do West Bromwich”, como descreveu Geoffrey Green, prevaleceu e resultou em uma vitória por 2 a 1. A chave para a vitória foi o baixinho ponta-direita W. I. Basset, que

tinha sido selecionado naquela tarde pela Inglaterra para enfrentar o País de Gales e se tornou presença regular na seleção durante oito anos. “Naqueles dias, os pontas procuravam chegar perto das bandeiras de escanteio para então lançar bolas altas perto do gol, mas Basset nunca foi escravo desses métodos”, relatou Green. “Ele acreditava em avançar rápido (sua aceleração era formidável) e entregar a bola sem demora e com a maior precisão possível, antes que a defesa tivesse tempo para se recuperar.”

Logo se instalou a ideia de que o estilo de passes curtos se reservava aos “nobres”, e o jogo longo servia aos menos dotados de talento, que tentavam extrair o máximo possível de suas limitações técnicas. “Lá estava um time puramente local, saído de Staffordshire, com uma folha de pagamento de não mais que dez libras por semana”, Green escreveu, “enfrentando o poderoso Preston, um time de artistas bem pagos, muitos deles celebrados especialistas escoceses.”

Na Escócia, no entanto, não havia absolutamente nenhuma dúvida de que a forma mais pura do jogo era o estilo de passes curtos, o que se notava na oposição ao estilo de passes longos dos clubes de Dunbartonshire — Renton, Vale of Leven e Dumbarton — por parte da imprensa de Glasgow. Quando o Renton, vencedor da Copa da Escócia, bateu o West Bromwich Albion, vencedor da FA Cup, no chamado duelo dos Campeões do Mundo em 1888, seu jogo era tão duro que a imprensa escocesa, defendendo explicitamente o estilo de passes combinados do Queen’s Park, expressou simpatia pelo West Brom. Dada a reputação de futebol direto do West Brom, isso revela como o Renton estava distante do modelo do Queen’s Park.

A predileção de Dunbartonshire pela bola longa era tão conhecida que, quando o Barnsley foi a Glasgow para enfrentar o Celtic em um amistoso, já em 1912, a prévia do jogo no *Scottish Umpire* contrapôs o estilo “curto e artístico” do Celtic à “corajosa e atrevida forma de jogar do Barnsley, à maneira do velho Renton”. O encontro terminou em 1 a 1, levando a coluna do Referee’s Notebook a refletir que “no passado, nós nos acostumamos a nos maravilhar com os passes mecânicos do Aston Villa, e o individualismo brilhante de alguns jogadores do West Bromwich, mas nunca vimos uma combinação de habilidade artística, entusiasmo desenfreado e táticas audaciosas como os homens de

Yorkshire nos mostraram. Algumas pessoas parecem não gostar da parte atrevida do jogo, mas é o novo estilo inglês [...]. O jogo já valeria muito a pena só pelo contraste de estilos. O Celtic merece crédito pela forma como enfrentou oponentes tão determinados. Esse foi o primeiro jogo da temporada para o Barnsley, e o fato de seus homens deixarem o campo quase tão revigorados quanto no momento em que emergiram do pavilhão diz muito sobre a qualidade de seus treinamentos”. O fato de o Barnsley ser visto na Inglaterra como um time progressivo, mas pouco superior ao Dunbartonshire Philistines na Escócia, revela bastante sobre como o jogo se desenvolveu em cada país.

Havia uma percepção, como Alex Jackson observa, de que o futebol organizado de passes era bom para os jogos de liga, mas um time tinha de ser duro para vencer a FA Cup, em que um pequeno escorregão poderia significar eliminação. Num artigo no terceiro número da publicação trimestral *The Blizzard*, ele descreveu como o Newcastle, após ser derrotado em três das cinco finais de FA Cup anteriores, alterou seu estilo para passar a adotar um jogo mais forte e direto, vencendo assim o Barnsley na segunda partida da final de 1910. “Esse estilo mais direto também era preferido em jogos da Copa na Inglaterra”, Jackson escreveu em outro artigo sobre os primórdios da tática, “com as demandas e recompensas dos jogos de Copa encorajando uma ênfase extra em vigor, divididas e velocidade, o que contribuiu para a natureza particularmente física do futebol inglês.”

Sob esse aspecto, é intrigante que Percy Sands também tenha mencionado o futebol de “chutar e correr” ao listar os vários estilos de jogo. Não se trata, certamente, de uma versão do jogo que qualquer técnico defenderia de forma consciente, e Jackson não encontrou nenhum exemplo de atleta da época que descrevesse seu time atuando dessa maneira. Tudo isso, contudo, indica o crescimento da velocidade e agressividade do jogo nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial; exatamente a intensidade que se via nas partidas de Copa.

O problema com a velocidade excessiva era particularmente agudo na Inglaterra. Esse tema se tornaria uma grande preocupação nas duas décadas seguintes, mas mesmo antes da Primeira Guerra havia a percepção de que o jogo inglês estava começando a enfatizar demais a rapidez, talvez de modo prejudicial. “Depois de uma experiência

considerável de futebol escocês e inglês, não hesito em dizer que o jogo escocês é mais lento, ainda que, para mim, os escoceses alcancem o mesmo resultado dos ingleses, mas com menos esforço”, escreveu o Looker-On em 1910 (muito embora, claro, ele fosse escocês). “Que o futebol de primeiro nível na Escócia é mais calculado, mais metódico, e consequentemente mais lento que o futebol inglês é algo que praticamente todo escocês admitirá, e eu diria [...] que, como regra, os caledônios se orgulham muito desse fato. Clubes do interior da Escócia praticam um jogo muito parecido com o jogo mediano da Liga Inglesa, e em círculos de primeira classe na Escócia, as pessoas se referem a isso com desprezo, falando sobre ‘o jogo de chutar e correr do interior’. Futebol à parte, os escoceses são tão rápidos quanto os ingleses, mas quando estão jogando futebol, parecem praticar um ‘jogo de inteligência’ em maior extensão do que os saxões.”

Três anos depois, o Looker-On já tinha refinado sua tese, observando que a diferença de velocidade e abordagem do jogo entre Inglaterra e Escócia não se dava apenas por causa dos jogadores, mas também em razão de uma cultura mais abrangente em relação ao jogo. “Na Escócia”, escreveu o Looker-On, “o jogo é mais lento porque o público escocês entende que, quando um homem mantém a bola no meio do campo, ele não está necessariamente fazendo aquele trabalho com o único propósito de parecer esperto. O público escocês está ciente de que, ao final daquela condução, o jogador pode ter atraído a atenção da defesa adversária para si, de forma que, ao fazer o passe, encontrará um companheiro diante do gol aberto. Na Inglaterra, o homem que tenta fazer algo desse tipo se coloca numa situação em que, na opinião dos espectadores, deveria logo se livrar da bola ou então arrumar uma só para ele. O jogo escocês não seria popular na Inglaterra, não até que o público inglês começasse a entendê-lo. Muitas pessoas me disseram: ‘Que sucesso [Johnny] Walker ou [Jimmy] McMenemy teriam feito na Inglaterra...’. E eu sempre discordei. Os dois grandes atacantes mencionados acabariam enclausurados em desgosto em quase todos os campos na Inglaterra, simplesmente porque o público não entenderia o que eles estavam tentando fazer.”

Os jogadores sabiam que a velocidade vinha tendo um impacto negativo. “Dizer que um jogador carece de rapidez equivale a uma

condenação aos olhos da maioria dos seguidores do jogo”, comentou o ponta do West Bromwich, A. C. Jephcott, em 1914, e disso resultava que “a habilidade e a inteligência, nos quesitos tática e controle da bola, parecem relegados a um lugar secundário”. O ponta Jocky Simpson, que nasceu em Lancashire, mas se mudou para a Escócia quando pequeno e jogou tanto no Falkirk quanto no Blackburn Rovers, não tinha dúvida de que o jogo inglês era mais rápido, algo que ele relacionava ao declínio no número de gols nos anos que precederam a Grande Guerra. “Na minha opinião, a velocidade formidável com que o jogo é disputado na Inglaterra é responsável pela fraca anotação de gols”, ele disse. “Parece-me que a ideia de avançar a qualquer custo sacrifica muita coisa.”

Fosse o futebol jogado rapidamente ou devagar, com passes curtos, triangulares ou de lado a lado, ou até mesmo com o velho estilo de condução de bola, o fato é que a pirâmide seria o padrão global até a mudança na lei do impedimento, em 1925, levar ao desenvolvimento, na Inglaterra, do W.M. Da mesma forma que o jogo de condução de bola e o ataque desenfreado um dia foram o jeito “certo” — o único — de jogar, o 2-3-5 se tornou então a pedra fundamental.



2. A valsa e o tango

Não foi só a Grã-Bretanha que achou o futebol irresistível; em praticamente todos os lugares em que os britânicos estiveram para fazer comércio, eles deixaram o jogo como herança — e isso não inclui apenas partes do Império. Havia dinheiro a ser feito exportando cobre do Chile, adubo do Peru, carne, lã e couro da Argentina e do Uruguai e café do Brasil e da Colômbia, além de transações bancárias a serem realizadas em todos os lugares. Nos anos 1880, 20% do investimento estrangeiro da Grã-Bretanha concentrou-se na América do Sul, e em 1890 havia 45 mil britânicos vivendo na região de Buenos Aires, além de comunidades menores, mas significativas, em São Paulo, Rio de Janeiro, Montevideu, Lima e Santiago. Eles tocavam seus negócios, mas também fundaram jornais, hospitais, escolas e clubes esportivos. Exploraram as riquezas naturais da América do Sul e deram o futebol em troca.

Na Europa, o roteiro foi similar. Se alguma comunidade britânica se instalava — fosse centrada em diplomacia, bancos, comércio ou engenharia —, o futebol a seguia. O primeiro clube de Budapeste foi o Újpest, fundado em um ginásio em 1885, e logo apareceram o MTK e o Ferencváros. Viena era o centro da presença britânica na Europa central, e o futebol, jogado inicialmente pelos funcionários da embaixada, dos bancos e de várias empresas de engenharia e comércio, logo ganhou espaço. O primeiro jogo na Áustria aconteceu em 15 de novembro de 1894, entre o Vienna Cricket Club e jardineiros da propriedade do barão Rothschild, mas o interesse local era tão grande que, em 1911, o Cricket Club já havia se transformado no Wiener Amateure. Entre os tchecos, o futebol teve de competir com o *sokol*, uma variação local da popular ginástica nacionalista praticada pelos alemães, conhecida como *turnen*. Mas com o número crescente de jovens intelectuais de Praga deslocando-se para Londres e Viena a fim de ampliar seus conhecimentos, o jogo logo firmou raízes no país também. A criação da Challenge Cup, em 1897, aberta a qualquer time do Império Habsburgo, levou ao aumento do interesse pelo esporte.

Dinamarqueses, holandeses e suecos simpatizantes da cultura britânica também adotaram o futebol rapidamente, e a Dinamarca se desenvolveu o bastante para ganhar a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 1908. Não havia a intenção, no entanto, de fazer as coisas de maneira diferente dos britânicos, fosse do ponto de vista tático ou qualquer outro. Olhar para as fotografias dos clubes esportivos holandeses no final do século XIX é olhar para um simulacro da identidade inglesa vitoriana, com todos aqueles bigodes compridos e o ar de calculada indiferença. Como disse um participante mencionado por Maarten van Bottenburg e Beverley Jackson em *Global Games*, o propósito era jogar o esporte “em campos ingleses, com os costumes ingleses e estratégias inglesas [...] em meio à bela paisagem holandesa”. A ideia era imitar, não inventar.

Foi então na Europa central e na América do Sul, onde a atitude em relação aos britânicos era mais cética, que o futebol começou a evoluir. O 2-3-5 foi mantido, mas a forma é apenas uma parte da questão: há também o estilo. Se a Grã-Bretanha, apesar da aceitação do passe e da disseminação do 2-3-5, insistiu essencialmente na robustez e na imposição física, outras culturas desenvolveram formas mais sutis de jogar.

O que diferenciou o futebol na Europa central foi a velocidade com que a classe trabalhadora o adotou. Apesar da visita de times (como o da Universidade de Oxford, Southampton, Corinthians, Everton e Tottenham) e da chegada de vários técnicos terem significado a permanência da influência britânica, aqueles que praticavam o jogo não foram educados nos princípios das escolas públicas inglesas e, por isso, não tinham noções preconcebidas sobre o jeito “certo” de fazer as coisas.

Esses trabalhadores também tiveram sorte pelo fato de os escoceses terem causado maior impressão, garantindo o foco em passes curtos e rápidos. Em Praga, por exemplo, o ex-meia-esquerda do Celtic, John Madden — “o artista da bola de sua época, com todos os truques”, de acordo com Jim Craig em *A Lion Looks Back* —, treinou o Slavia entre 1905 e 1938, enquanto seu compatriota John Dick, que atuara pelo Airdrieonians e pelo Arsenal, teve duas passagens no comando do Sparta, entre 1919 e 1933. Enquanto isso, na Áustria, realizava-se um

esforço consciente para imitar o estilo do time do Rangers que havia visitado o país em 1905.

O maior professor do jogo escocês, entretanto, foi um inglês de ascendência irlandesa: Jimmy Hogan. Nascido e criado em Burnley, em uma devotada família católica, ele pensou em ser padre quando era adolescente, mas se voltou para o futebol e se tornou o técnico mais influente da história do esporte. “Nós jogamos futebol como Jimmy Hogan nos ensinou”, disse Gusztáv Sebes, o técnico do grande time húngaro do início dos anos 1950. “Quando a história do nosso futebol for contada, o nome dele deve ser escrito em letras douradas.”

Desafiando o desejo do pai, que queria vê-lo se tornar contador, aos dezesseis anos Hogan se juntou ao time do Nelson, de Lancashire, tornando-se o que classificava como “um útil e dedicado meia-direita”. Jogou também no Rochdale e depois no Burnley. Por todos os relatos, ele tinha uma personalidade difícil, sempre reclamava por melhores salários e mostrava uma estranha devoção por sua evolução pessoal.

Seus companheiros lhe deram o apelido de “sacerdote”, em reconhecimento a seu temperamento meticuloso, quase místico. Hogan e seu pai inventaram uma bicicleta ergométrica primitiva — essencialmente uma bicicleta montada em um instável apoio de madeira — sobre a qual ele pedalou cinquenta quilômetros por dia até perceber que, em vez de se tornar mais rápido, estava apenas enrijecendo os músculos da panturrilha.

O ideal de superioridade sem esforço pode ter se originado entre os amadores, mas se disseminou para o jogo profissional. O treinamento propriamente dito era malvisto. Esperava-se que os jogadores corressem, que talvez praticassem alguns piques, mas o trabalho com bola era considerado desnecessário, possivelmente até mesmo prejudicial. A programação de treinamento do Tottenham em 1904, por exemplo, mostrava apenas duas sessões por semana com bola — e eles provavelmente sabiam mais sobre o jogo que a maioria. Dê uma bola a um jogador durante a semana, pensava-se, e ele não terá muito apetite por ela no sábado: uma metáfora de pouco valor acabou se transformando em um princípio.

Após um jogo em que evitou várias tentativas de desarme para criar uma chance e chutar por cima do travessão, Hogan perguntou a seu

técnico, Spen Whittaker, o que tinha feito errado. A posição de seu pé não estava certa? Ele estava desequilibrado? Whittaker não lhe deu importância, dizendo que continuasse tentando e que marcar um gol a cada dez tentativas era um número decente. Outros esqueceriam o assunto, mas, perfeccionista que era, Hogan insistiu. Certamente acreditava que essas coisas não eram questão de sorte, mas de técnica. “A partir daquele dia, comecei a buscar explicações para as coisas por conta própria”, ele disse. “Somei a isso conselhos dos melhores jogadores. Foi por causa das minhas análises constantes que mais tarde me tornei técnico. Pareceu óbvio para mim, já que fui meu próprio técnico enquanto era um jovem profissional.”

Hogan se frustrou com o jeito primitivo de o Burnley jogar, mas foi uma discussão sobre dinheiro que finalmente o persuadiu, aos 23 anos, a deixar Lancashire pela primeira vez — seduzido pela proposta do Fulham e do técnico Harry Bradshaw, com quem havia tido um breve contato no Burnley. Bradshaw não tinha pedigree de jogador, era mais um homem de negócios e administrador do que um técnico, mas tinha ideias claras sobre como o futebol deveria ser jogado. Por não ser fã do estilo de chutar e correr, ele contratou uma série de técnicos escoceses versados no jogo de passes curtos, garantiu uma presença pesada de escoceses no elenco de jogadores e os deixou trabalhar.

Sua política foi inegavelmente bem-sucedida. Hogan ajudou o Fulham a ganhar o campeonato da Liga do Sul em 1906 e 1907, e, depois de se associar à Segunda Divisão da Liga de Futebol em 1907-8, o clube alcançou a semifinal da FA Cup, perdendo para o Newcastle United. Foi o último jogo de Hogan pelo Fulham. Ele vinha sofrendo havia algum tempo com uma lesão no joelho, e Bradshaw, com sua cabeça de homem de negócios, decidiu que o manter no time era um risco injustificável. Hogan jogou por pouco tempo no Swindon Town, antes de ser convencido por representantes do Bolton Wanderers — que esperaram por ele do lado de fora da igreja num domingo — a voltar para o noroeste.

O tempo que jogou ali só trouxe decepções e terminou em rebaixamento, mas uma viagem de pré-temporada à Holanda lhe mostrou o potencial da Europa continental e a vontade dos seus jogadores de aprender. O futebol inglês podia ver o treinamento como

algo desnecessário, mas os holandeses imploravam por ele. Depois de uma vitória por 10 a 0 sobre o Dordrecht, Hogan prometeu que um dia “voltaria e ensinaria aquele pessoal a jogar apropriadamente”. Ele também fez amizade com James Howcroft, um engenheiro nascido em Redcar e também árbitro renomado, que apitava jogos em outros países com frequência e, por isso, conhecia muitos dirigentes estrangeiros. Certa noite, Howcroft mencionou a Hogan ter ouvido que o Dordrecht estava procurando um novo técnico e queria contratar alguém com conhecimento do jogo britânico. A coincidência era incrível, e a oportunidade não poderia ser desperdiçada; Hogan se candidatou e, aos 28 anos, um ano após sua promessa, estava de volta à Holanda para cumpri-la, aceitando um contrato de dois anos.

Os jogadores de Hogan eram amadores, muitos deles estudantes, mas ele começou a treiná-los como achava que os jogadores britânicos deveriam ser treinados. Certamente aprimorou a condição física de todos, mas acreditava que a chave era desenvolver o controle da bola. Ele queria que o time replicasse “o velho jogo escocês” ponto por ponto, que jogasse “de maneira inteligente, construtiva e progressiva”. Fundamentalmente, como muitos desses jogadores vinham de universidades, estavam todos ansiosos por aprender; Hogan usava um quadro-negro para ensinar como ele achava que o futebol deveria ser jogado. Táticas e posicionamento passaram a ser compreendidos e explicados não em campo conforme a necessidade, mas em diagramas numa sala de aula.

Hogan teve tanto sucesso e reconhecimento que foi convidado para dirigir a seleção holandesa em um jogo contra a Alemanha, e venceu por 2 a 1. Mas, com apenas trinta anos, achava que ainda tinha mais a oferecer como jogador; então, ao final de seu contrato com o Dordrecht, ele retornou ao Bolton, que havia mantido seu registro. Lá jogou uma temporada, ajudando o time a subir de divisão, mas sabia que seu futuro seria como técnico. Hogan começou a procurar emprego novamente no verão de 1912, e de novo Howcroft se mostrou de grande valia, pondo-o em contato com o grande pioneiro do futebol austríaco, Hugo Meisl.

Meisl nasceu na cidade de Maleschau, na Boêmia, em 1881, em uma família judia de classe média que se mudou para Viena quando ainda ele

era muito jovem. Obcecado por futebol, jogou com algum sucesso no Cricket Club. Seu pai, no entanto, queria que ele trabalhasse e lhe conseguiu emprego em Trieste, onde Meisl aprendeu a falar italiano — fluentemente — e começou a conhecer outras línguas. Ao retornar à Áustria para o serviço militar, ele aceitou o pedido do pai para que trabalhasse em um banco, mas também começou a prestar serviço para a federação austríaca de futebol. Inicialmente, seu trabalho consistia em angariar fundos, mas Meisl, um inteligente meia-direita como Hogan, tinha fortes convicções sobre como o futebol deveria ser jogado e estava determinado a moldar o futuro do futebol austríaco. Seu papel foi aumentando aos poucos até que, ao se tornar a autoridade de fato da federação austríaca, ele abandonou o emprego no banco.

Em 1912, a Áustria empatou em 1 a 1 com a Hungria em um jogo em que Howcroft apitou. Meisl ficou frustrado com o resultado e perguntou ao árbitro o que seu time tinha feito de errado. Howcroft respondeu que achava que eles precisavam de um técnico de verdade, alguém que pudesse desenvolver a técnica individual dos jogadores — alguém, em outras palavras, como seu velho amigo Jimmy Hogan. Meisl imediatamente lhe ofereceu um contrato de seis semanas, em parte para trabalhar com os melhores clubes da Áustria, mas principalmente para preparar a seleção austríaca para os Jogos Olímpicos de Estocolmo.

O primeiro treino de Hogan não foi bom. Os jogadores austríacos não conseguiam entendê-lo e achavam que ele se concentrava muito nos fundamentos básicos. Mas Meisl ficou com boa impressão e teve uma longa conversa com Hogan sobre suas visões a respeito do futebol. Taticamente, eles não viam nada errado no 2-3-5 — afinal, era o sistema que dava forma ao futebol havia mais de trinta anos —, mas achavam que a movimentação era necessária, que muitos times eram rígidos demais e, por isso, previsíveis. Ambos acreditavam que era essencial fazer a bola trabalhar, que velozes combinações de passes eram preferíveis à condução da bola, e que a técnica individual era crucial, não para as arrancadas individuais que se tornariam uma característica do jogo na América do Sul, mas para controlar a bola no momento do passe e devolvê-la rapidamente. Hogan também gostava de enfatizar o valor do passe longo para desarrumar as defesas adversárias, desde que fosse bem direcionado e não um chute sem objetivo rumo ao campo

adversário. Enquanto Meisl era um romântico, o mais fascinante em Hogan é que seus princípios eram pragmáticos. Ele não pregava o jogo de passes como um Dom Quixote convencido do que era certo: simplesmente acreditava que o melhor caminho para a vitória era manter a posse da bola.

A Áustria massacrou a Alemanha por 5 a 1 em Estocolmo, mas perdeu para a Holanda nas quartas de final por 4 a 3. Mesmo assim, Meisl estava convencido. Quando a federação alemã mostrou interesse em Hogan, ele lhe ofereceu um emprego e o colocou no comando da preparação da Áustria para as Olimpíadas de 1916. “Trocar a atmosfera escura e industrial de Lancashire pela alegria de Viena foi como entrar no paraíso”, disse Hogan. Ele trabalhava com a equipe olímpica duas vezes por semana e passava o resto do tempo treinando os melhores times da cidade, tarefas que exigiam tanto dele que as sessões com o Wiener começavam às cinco e meia da manhã. A Áustria recebeu Hogan carinhosamente e ele retribuiu. O futebol dos austríacos, ele disse, era como uma valsa, “leve e fácil”, e Meisl estava otimista quanto ao sucesso da seleção em 1916. A guerra, no entanto, destruiu seu sonho.

Percebendo que um conflito provavelmente aconteceria, Hogan procurou o cônsul britânico e perguntou se deveria retornar com sua família para a Grã-Bretanha. Disseram-lhe que não havia perigo iminente. Contudo, 48 horas mais tarde a guerra já havia sido declarada, e Hogan foi preso como cidadão estrangeiro um dia depois. O cônsul americano conseguiu que sua mulher e seu filho voltassem para a Grã-Bretanha em março de 1915, enquanto Hogan foi solto um dia antes de ser enviado a um campo de concentração na Alemanha, porque os irmãos Blythe, donos de uma loja de departamentos em Viena, concordaram em ser responsáveis por ele. Durante dezoito meses, Hogan trabalhou para os irmãos, ensinando seus filhos a jogar tênis. Mas, cerca de duzentos quilômetros a leste, já tinha início um movimento para que ele voltasse ao futebol. O barão Dirstay, vice-presidente do clube MTK, de Budapeste, soube da situação de Hogan e, após várias articulações diplomáticas, garantiu-lhe a posição de técnico do time, desde que Hogan concordasse em se apresentar regularmente à polícia local.

Hogan aceitou sem hesitar. Com a maioria dos jogadores na frente de batalha, sua primeira tarefa era montar um elenco. Naturalmente, ele procurou entre os jovens, escolhendo dois dos jogadores mais populares do clube, György Orth e József “Csibi” Braun, após vê-los em um bate-bola quando passava pelo Angol Park. “Eu os vi e falei ‘são meus!’”, explicou. “Eram ambos inteligentes e alunos do ensino médio em Budapeste. Todos os dias, depois da escola, eu os levava para o campo, instruindo-os na arte do jogo.” Espertos e dispostos a aprender, Orth e Braun eram os típicos jogadores da Europa central com os quais Hogan adorava trabalhar — motivo pelo qual ele se sentiu em casa em Viena e Budapeste. “A grande vantagem que o futebol do continente tem sobre o jogo britânico”, disse Hogan, “é que desde cedo os garotos são treinados na arte do jogo.”

Seus métodos foram extremamente bem-sucedidos. O MTK ganhou o título em 1916-7, o primeiro campeonato oficial após um breve hiato por causa da guerra, e manteve o troféu por nove anos. Quando a guerra terminou, um combinado de Budapeste chamou atenção para a força crescente do jogo continental ao vencer facilmente o Bolton por 4 a 1. Mas Hogan dirigiu o MTK em apenas dois dos triunfos e partiu para a Grã-Bretanha logo que teve chance. “No tempo em que passei na Hungria, fui quase tão feliz quanto no período na Áustria. Budapeste é uma cidade adorável — na minha opinião, a mais bonita da Europa.” Hogan, no entanto, tinha ficado quase quatro anos sem ver a mulher e o filho. Seu sucessor no MTK foi um de seus jogadores, Dori Kürschner, que, vinte anos depois, viria a ser crucial para o desenvolvimento do jogo no Brasil.

Hogan voltou para Lancashire e conseguiu emprego em Liverpool como encarregado de expedição na Walker’s Tobacco. O dinheiro, porém, não era suficiente e ele foi aconselhado a pedir ajuda financeira à Associação de Futebol, que mantinha um fundo destinado a profissionais prejudicados pelos anos de guerra.

O fato foi determinante em sua carreira. Hogan acreditava que receberia duzentas libras desse fundo e pegou cinco libras emprestadas para a viagem a Londres. Mas o secretário da FA, Frederick Wall, tratou-o com desprezo. O fundo, disse Wall, servia a quem havia lutado na guerra. Hogan argumentou que tinha sido impossibilitado de se

deslocar por quatro anos e por isso não tivera a chance de se alistar. A resposta de Wall foi lhe dar três pares de meias cáqui e dizer “os rapazes na frente de batalha gostavam dessas”. Hogan ficou furioso, jamais perdoou a FA, e o talento dele — não que suas ideias fossem receber a melhor acolhida na conservadora Inglaterra — foi desperdiçado pelo futebol inglês.

Em Viena, Meisl manteve o padrão de Hogan, ainda que sua fé tenha sido testada por uma derrota por 5 a 0 para a seleção do sul da Alemanha, pouco depois do final da guerra. Em um campo congelado e esburacado em Nurembergue, foi impossível trocar passes curtos, e um melancólico Meisl passou a viagem de volta discutindo com os jogadores se eles deveriam substituir aquela ideia de jogo por uma abordagem mais direta e física. Absolutamente não, eles responderam, e assim foram definidos os princípios que fizeram surgir o *Wunderteam* do início dos anos 1930, a primeira grande seleção nacional que nunca conquistou o que merecia. Brian Glanville escreveu que, com Meisl, “o futebol se tornou quase uma exibição, uma espécie de balé competitivo, no qual marcar gols não era mais do que um pretexto para que se tecesse uma centena de tramas complexas”.

A pirâmide continuava sendo a formação básica, mas o estilo de jogo como uma versão radicalizada do padrão escocês de passes era tão diferente do que se via na Inglaterra que passou a ser reconhecido como um modelo distinto: a *escola danubiana*. A técnica era mais valorizada do que a força física, mas era aproveitada por uma estrutura coletiva. Na América do Sul, o jogo se distanciou ainda mais do modelo original. Lá, a técnica também era enaltecida; mas, no Uruguai e particularmente na Argentina, a individualidade e a expressão pessoal é que passaram a ser festejadas.

As Leis do Jogo da FA chegaram à Argentina em 1867, onde foram publicadas por um jornal de língua inglesa, *The Standard*. Mais tarde naquele ano, o Buenos Aires Football Club foi fundado como um ramo do Cricket Club, mas as sementes caíram em solo pedregoso e, seis anos depois, o clube adotou o rúgbi. O futebol só decolou nos anos 1880, graças principalmente a Alexander Watson Hutton, graduado pela Universidade de Edimburgo, que chegou à Argentina para dar aulas na

St. Andrew's Scotch School. Ele se demitiu quando a escola se recusou a aumentar o tamanho dos campos, e então fundou a English High School em 1884, onde empregou um especialista em jogos para ensinar futebol. Quando a Liga de Futebol da Associação Argentina foi reformada, em 1893, Hutton teve papel central. O Alumni, time formado por rapazes que estudaram na English High School, conquistou seu lugar na primeira divisão e foi dominante na primeira parte do século XX, enquanto o próprio time da escola atuava em níveis inferiores da liga. Eles não eram a única instituição de ensino a levar o futebol a sério, e seis dos primeiros sete títulos foram vencidos por times com base na prestigiosa escola Lomas de Zamora.

A história seguiu curso semelhante no outro lado do Rio da Prata, no Uruguai, onde jovens profissionais britânicos fundaram clubes de críquete e remo que passaram a ter times de futebol, e escolas britânicas incentivavam a prática do jogo. William Leslie Poole, um professor na English High School em Montevidéu — o equivalente “uruguaio” de Hutton —, formou em maio de 1891 o Albion Cricket Club, cujo time de futebol em pouco tempo estaria enfrentando equipes de Buenos Aires.

Naqueles dias, como demonstram as fichas dos times, os jogadores eram principalmente britânicos ou anglo-argentinos, assim como os princípios que guiavam o jogo. Ao narrar a história do futebol amador na Argentina, Jorge Iwanczuk diz que o objetivo era “jogar bem sem paixão” e menciona ainda a importância do fair play. Em uma partida contra o Estudiantes, o Alumni chegou a recusar a batida de um pênalti por acreditar que a marcação tinha sido incorreta. A ideia era fazer as coisas “do jeito certo”, um princípio que se estendia à tática: o 2-3-5 estava por toda parte. A vasta cobertura do *Buenos Aires Herald* sobre a vitória do Southampton contra o Alumni por 3 a 0, em 1904 — o primeiro jogo disputado em solo argentino por um time vindo da Inglaterra —, comprova que os valores das escolas públicas prevaleciam. A superioridade britânica, como argumentou um editorial do jornal, era o resultado de “um amor inerente a tudo que é masculino”.

Gradualmente, no entanto, o domínio britânico diminuiu. A Associação de Futebol da Argentina (AFA), que usava o nome em inglês (Argentinian Football Association), adotou o espanhol como seu idioma de negócios em 1903, e a Associação Uruguaia de Futebol fez o mesmo

dois anos depois. O Alumni foi dissolvido em 1911 e, no ano seguinte, a AFA passou a se chamar Asociación del Football Argentina, sendo que o termo “football” só foi substituído por “fútbol” em 1934. Uruguaios e argentinos, livres dos ideais britânicos que reservavam maior admiração à força muscular, além dos valores cristãos, não viam o aspecto físico como uma virtude por si só nem encaravam a astúcia com desconfiança. A forma podia ser a mesma, mas o estilo era o mais diferente possível. O antropólogo Eduardo Archetti insiste que, à medida que a influência de espanhóis e italianos começou a ser sentida, o poder e a disciplina passaram a ser rejeitados em favor da habilidade e da sensualidade — uma tendência que se fez sentir em várias áreas do conhecimento.

“Como o tango”, escreveu o poeta e jornalista uruguaio Eduardo Galeano, “o futebol floresceu nas favelas”. Condições diferentes exigiam um estilo diferente. E assim como o jogo praticado nos monastérios era diferente daquele jogado nos campos abertos das escolas públicas inglesas, também em Buenos Aires e Montevideu, nos espaços exíguos e restritos de suas áreas mais carentes, outras habilidades foram sendo desenvolvidas e um novo estilo nasceu: “um jeito caseiro de jogar futebol”, nas palavras de Galeano, “assim como o jeito caseiro de dançar, que foi inventado nas boates de milonga. Como os dançarinos desenhavam filigranas sobre partes diminutas do piso de azulejo, do mesmo modo os jogadores de futebol criavam sua própria linguagem naquele pequeno espaço onde escolhiam ficar com a bola, em vez de chutá-la, como se seus pés fossem mãos trançando o couro. Aos pés dos primeiros crioulos virtuosos, nasceu *el toque*: a bola era dedilhada como se fosse um violão, um manancial de música”.

Priorizando diferentes virtudes, os dois estilos não poderiam coexistir confortavelmente; então, quando o velho e o novo se encontravam, o conflito era inevitável. Isso ficou claro em 1905, durante o sexto jogo de uma excursão. Provocou certo mal-estar a ênfase dada ao aspecto físico pelo Nottingham Forest ao enfrentar um time formado principalmente por anglo-argentinos. O *Herald*, a favor dos britânicos como sempre, até censurou aqueles que ousaram criticar a postura do Forest: “Uma disputa que pretende aprimorar o vigor e testar a força de jovens no auge da forma não deve ser encarada como um simples jogo de salão”.

As excursões seguintes foram marcadas pela animosidade, causada principalmente por uma discordância básica em relação ao jogo de ombros. A turnê do Swindon Town, em 1912, foi uma das poucas vistas como bem-sucedidas, e ali surgiu a compreensão de que os britânicos talvez pudessem aprender alguma coisa. Samuel Allen, o técnico do Swindon, expressou sua aprovação, dizendo nunca ter visto times amadores que jogavam tão bem, mas também externou preocupação pelo fato de os jogadores locais “procurarem explorar individualidades como ponto principal do jogo, além de aproveitarem todas as oportunidades para mostrar algum tipo de malícia”. Mesmo os tradicionalistas na Argentina eram céticos quanto à “crioulização” do jogo. Jorge Brown, um ex-jogador do Alumni de origem britânica, reclamou no início dos anos 1920 que o novo estilo de futebol “perdera força pelo excesso de passes perto do gol. É um jogo mais refinado, talvez mais artístico, e até aparentemente mais inteligente, mas sem o entusiasmo original”. Essa crítica se tornaria cada vez mais corriqueira. Na verdade, até a Hungria encerrar o debate em Wembley em 1953, a Grã-Bretanha padeceu sob a ilusão de que o resto do mundo sofria de uma carência de capacidade de definição diante do gol.

Ninguém que tenha visto o Uruguai jogar nas Olimpíadas de 1924 poderia ter se enganado nesse ponto. Enquanto a Argentina preferiu ficar em casa, o Uruguai foi a Paris para escrever uma das grandes histórias dos primórdios do futebol. Galeano tende a enaltecer excessivamente o fato, mas é difícil se ressentir diante de seu deleite em relação à medalha de ouro de seu país. Era um time, acima de tudo, de trabalhadores, incluindo, entre outras profissões, um açougueiro, um marmorista, um verdureiro e um vendedor de gelo. Eles viajaram à Europa na parte mais barata do navio e tiveram de jogar para bancar os próprios custos, vencendo nove amistosos na Espanha antes de chegar à França. O Uruguai foi a primeira seleção latino-americana a visitar a Europa, mas chamou pouca atenção — ao menos inicialmente — com cerca de 2 mil espectadores no jogo em que massacrou a Iugoslávia por 7 a 0, em sua estreia nos Jogos Olímpicos.

“Nós fundamos a escola de futebol do Uruguai”, disse Ondino Viera, que seria técnico da seleção nacional e cuja maneira de se expressar era um pouco menos colorida que a de Galeano, “sem treinadores, sem

preparação física, sem a medicina do esporte, sem especialistas. Éramos apenas nós, sozinhos, nos campos do Uruguai, perseguindo o couro da manhã até o final da tarde e depois à noite, sob a luz da lua. Nós jogamos durante vinte anos para nos tornarmos jogadores, para sermos o que jogadores devem ser: os senhores absolutos da bola [...] que se apossam dela e não permitem que ela se vá de modo algum [...]. Era um futebol selvagem, o nosso jogo. Era empírico, autodidata, um estilo nativo de jogar futebol. Um jogo que ainda não estava abarcado sob os cânones da administração do futebol no Velho Mundo, nem perto disso [...]. Aquele era o nosso futebol, foi assim que formamos nossa escola de jogo e foi assim que a escola de jogo de todo o continente do Novo Mundo se formou.”

Em Paris, as notícias correram. “Jogo após jogo”, Galeano escreveu, “as pessoas começaram a se acotovelar para ver aqueles homens, astutos como esquilos, que jogavam xadrez com a bola. O time inglês tinha aperfeiçoado o passe longo e a bola alta, mas esses filhos deserdados da América distante não seguiram as pegadas de seus pais. Escolheram inventar um jogo de passes curtos, diretamente de pé para pé, com mudanças de ritmo tão rápidas como raios e conduções velozes.”

Jogar xadrez com a bola? Charles Alcock quase não reconheceria o jogo, ainda que decerto fosse apreciar a habilidade para marcar gols do centroavante Pedro Petrone, que se recusava a cabecear a bola por medo de desarrumar o cabelo empastado de brilhantina. Contudo, quem esteve em Paris assistiu fascinado enquanto o Uruguai mantinha a boa forma durante toda a competição, marcando um total de dezessete gols e levando apenas dois nos quatro jogos anteriores à final, quando bateu a Suíça por 3 a 0. A reação do ensaísta e novelista francês Henry de Montherlant não surpreendeu. “Que revelação!”, ele escreveu. “Aqui temos o verdadeiro futebol. Comparado a essa forma de jogar, o que conhecíamos e jogávamos antes não passava de brincadeira de criança.”

Gabriel Hanot, que viria a ser editor do *L'Équipe*, mas à época chegava ao final de uma destacada carreira como jogador, reagiu de maneira menos emocional. O Uruguai, ele escreveu, mostrou “um maravilhoso virtuosismo nas ações de receber a bola, controlá-la e utilizá-la. Criou um futebol bonito e elegante, mas ao mesmo tempo variado, rápido, potente e efetivo”. Quanto à noção de que o futebol

britânico ainda era superior, Hanot desdenhou: “É como comparar garanhões árabes e cavalos puxadores de arado”.

O Uruguai voltou para casa e foi imediatamente desafiado para um jogo pela Argentina, que passou então a insistir que a vitória subsequente por 3 a 2 no placar agregado — alcançada graças a um triunfo por 2 a 1 no segundo jogo, em Buenos Aires, em um confronto interrompido por tumultos ocorridos nas arquibancadas — teria demonstrado que ela seria a campeã olímpica, caso tivesse participado dos jogos. Talvez sim, talvez não; é impossível afirmar. Entretanto, o time do Boca Juniors, de Buenos Aires, certamente impressionou durante uma viagem à Europa em 1925, quando perdeu somente três de dezenove partidas disputadas.



URUGUAI 4 A 2 ARGENTINA, FINAL DA COPA DO MUNDO,
ESTÁDIO CENTENÁRIO, MONTEVIDÉU, 30 DE JULHO DE 1930

Quatro anos depois, a Argentina participou das Olimpíadas de Amsterdã e o aguardado encontro aconteceu na final, vencida pelo Uruguai por 2 a 1 no jogo--desempate. Dois anos mais tarde, as duas

seleções voltaram a se encontrar para a final da primeira Copa do Mundo e, de novo, a vitória foi uruguaia: 4 a 2. A julgar pelos relatos da época, a vantagem do Uruguai, apesar de toda a habilidade artística dos jogadores e das palavras de Viera sobre a espontaneidade natural da equipe, parecia residir na capacidade de manter a disciplina defensiva. Já o individualismo dos argentinos teria provocado certa desorganização ocasional. De acordo com o que o jornalista italiano Gianni Brera escreveu em *Storia critica del calcio italiano*, a decisão da Copa do Mundo de 1930 provou que “a Argentina joga futebol com muita imaginação e elegância, mas a superioridade técnica não pode compensar o total abandono da tática. Entre as duas seleções nacionais rio-platenses, os uruguaios são as formigas e os argentinos as cigarras”. Esse é um princípio fundamental: pode-se dizer que a história da tática é a descrição de um embate contínuo, pelo qual se busca alcançar o melhor equilíbrio possível entre a solidez defensiva e a fluidez ofensiva. Assim se desenvolveu a teoria da *garra charrúa* — uma referência aos charruas, grupo indígena nativo do Uruguai. Essa garra, supostamente, é que teria dado a uma nação de apenas três milhões de habitantes a determinação para ganhar duas Copas do Mundo, além de ter de alguma forma legitimado a brutalidade dos times uruguaios que se sucederam.

Por mais romantizada que seja essa teoria — afinal, os charruas não tinham tido quase nenhum envolvimento com o futebol —, o que ficou óbvio para todas as pessoas de fora da Inglaterra foi que o melhor futebol do mundo se disputava no estuário do Rio da Prata, tratando-se de um jogo avançado em relação ao previsível 2-3-5 praticado na Grã-Bretanha. “A influência anglo-saxã está desaparecendo, dando lugar ao menos fleumático e mais inquieto espírito dos latinos”, observou um artigo no jornal *El Gráfico*, em 1928. “Os sul-americanos logo começaram a modificar a ciência do jogo e moldar um estilo próprio [...], que é diferente do britânico por ser mais colorido, menos disciplinado e metódico, porque não sacrifica o individualismo em nome dos valores coletivos [...]. O futebol do Rio da Prata faz mais uso da condução da bola e da iniciativa pessoal, e é mais ágil e atraente.”

Premiava-se a criatividade a ponto de alguns jogadores serem celebrados como inventores de certas habilidades ou truques: Juan Evaristo era aclamado como o inventor da *marianela*, o toque de

calcanhar com a perna erguida, em posição perpendicular à perna de apoio; Pablo Bartolucci, do “peixinho”; e Pedro Calomino, da bicicleta, ainda que haja muita polêmica em relação a esse último exemplo. Há quem diga que a bicicleta foi inventada no Peru no final do século XIX; muitos dão o crédito a Ramón Unzaga Asla, que nasceu em Bilbao, emigrou para o Chile e teria criado a jogada em 1914 (por isso o termo *chilena* é usado nos países sul-americanos de língua espanhola, muito embora possa se referir também a David Arellano, um chileno que popularizou a técnica durante uma viagem à Espanha, em 1920); outros acompanham Leônidas, o atacante brasileiro da década de 1930, famoso pela jogada cuja invenção atribuía a Petronilho de Brito. Curiosamente, Doug Ellis, ex-dirigente do Aston Villa, também afirmou ter inventado a bicicleta, ainda que nunca tenha jogado futebol em qualquer nível e só tenha nascido dez anos depois do primeiro registro de utilização da técnica, por parte de Unzaga. Nesse contexto, saber quem a inventou é menos importante que compreender o valor dado à imaginação na região do estuário do Rio da Prata, nos anos 1920. O que envergonha o futebol britânico é o fato de a nação que inventou o jogo não ter nenhuma disposição para a inovação, o que torna realmente concebível que Ellis tenha sido de fato a primeira pessoa a dar uma bicicleta em solo britânico.

O estilo de jogo do futebol argentino tem seu próprio mito fundacional, ancorado principalmente na visita do time húngaro do Ferencváros, em 1922, que expôs o país ao estilo da escola danubiana e teria supostamente revolucionado a forma como os locais pensavam o jogo. Mas, como o processo de crioulização já acontecia havia pelo menos uma década, é provável que a presença húngara tenha apenas confirmado mudanças que já ocorriam — nos seus estágios iniciais, o futebol danubiano e o rio-platense eram similares e, quase simultaneamente, distanciavam-se da ênfase britânica aos aspectos físicos, buscando valorizar a técnica individual.

Com a experimentação técnica veio também a disposição para se aventurar, ainda que sutilmente, no terreno da tática. “Times sul-americanos tratavam melhor a bola e tinham uma perspectiva mais tática”, disse Francisco Varallo, meia-direita da Argentina na final da primeira Copa do Mundo. “Era uma época em que tínhamos cinco

atacantes, com o número 8 e o número 10 recuando e os pontas cruzando bolas.” Esses atacantes que jogavam por dentro passaram a ser vistos como chaves para a criatividade, e surgiu o culto pela *gambeta*, o estilo de conduzir a bola em zigue-zague a fim de evitar os marcadores. Tanto na Argentina como no Uruguai conta-se a história de um jogador que passou por toda a defesa adversária e marcou um gol extraordinário, para depois voltar ao campo de defesa apagando seus passos, de modo a impedir que alguém repetisse o que ele havia feito.

Uma história de caráter mítico, claro, mas que indica quais eram os aspectos de jogo mais valorizados, que ganharam ainda mais destaque quando o futebol argentino se fechou para o resto do mundo. Prejudicada pela emigração de jogadores antes da Copa do Mundo de 1934 — havia quatro argentinos na seleção italiana que conquistou o torneio —, a Argentina foi eliminada pela Suécia na primeira fase, e então deixou de enviar um time à França, em 1938, depois de ver recusada sua candidatura para sediar a Copa. Veio a Segunda Guerra Mundial e Juan Perón levou o país ao isolamento, circunstâncias que fizeram a Argentina reaparecer no cenário mundial somente em 1950. Durante esse período de afastamento, o futebol do país viveu uma era de ouro. Uma liga profissional teve início em 1931, grandes estádios passaram a receber públicos enormes, e a extensa cobertura de jornais e rádios alimentou o interesse nacional pelo jogo. O futebol era tão importante na vida argentina que, quando Jorge Luis Borges (que odiava o esporte) e Adolfo Bioy Casares (que adorava) colaboraram para o conto “Esse est percipi”, eles escolheram o futebol para demonstrar como a percepção da realidade podia ser manipulada, retratando a desilusão de um torcedor que ouve de um dirigente que tudo no futebol é orquestrado, com resultados encomendados e atores que se passam por jogadores.

O estilo que tinha começado a emergir nos anos 1920 se tornava ainda mais espetacular: era o *la nuestra*, “nosso jeito de jogar”, cujas raízes eram identificadas na *criolla viveza*, ou “esperteza nativa”. O termo parece ter se popularizado após a vitória da Argentina sobre um time inglês, em 1953, por 3 a 1: o *la nuestra*, como se havia visto, podia derrotar o estilo dos gringos (ainda que, tecnicamente, aquele não tivesse sido um jogo oficial entre seleções). O que o nome representa, na

verdade, é a filosofia do futebol argentino da época, baseado na alegria de atacar. Entre setembro de 1936 e abril de 1938, não houve um o a o sequer no campeonato do país. Mas gols eram apenas parte da história. Em uma passagem famosa de seu romance *Sobre Heróis e Tumbas*, Ernesto Sabato discute o espírito de *la nuestra*, quando o personagem Humberto J. d’Arcángelo conta ao herói, Martín, sobre um incidente envolvendo dois atacantes do Independiente dos anos 1920 — Alberto Lalín e Manuel Seoane (apelidado de *la Chancha*, ou “o Porco”, e *el Negro*) —, que eram vistos como símbolos de duas diferentes escolas de pensamento sobre como o futebol deveria ser jogado. “Para lhe mostrar o que eram essas duas variantes”, D’Arcángelo diz a Martín, “eu vou te contar uma história. Certa tarde, no intervalo de um jogo, *la Chancha* disse a Lalín: ‘Cruze para mim, que eu vou fazer um gol’. O segundo tempo começou, Lalín cruzou, *el Negro* recebeu e marcou. Seoane correu na direção de Lalín, com os braços abertos, gritando: ‘Está vendo?’, e Lalín respondeu: ‘Sim, mas não estou me divertindo’. Aí você percebe todo o problema do futebol argentino.”

Entreter e fazer truques com a bola passou a ser tão importante quanto ganhar. Meio século antes, a Grã-Bretanha tinha passado pelo mesmo dilema: continuar jogando “do jeito certo”, seguir conduzindo a bola (ainda que de maneira menos exibicionista), ou adotar o estilo que vencia jogos. Com os vinte anos de isolamento, numa cultura obcecada pela *viveza* e jogando poucas vezes com estrangeiros — o que poderia ter produzido derrotas e a necessidade de voltar a pensar sobre tática —, a Argentina viu florescer um estilo de exuberância. Pode não ter sido benéfico para o futebol argentino no longo prazo, mas foi divertido enquanto durou.



3. O terceiro zagueiro

Parte do fascínio duradouro que o futebol exerce se deve ao fato de ser um jogo holístico, em que uma alteração mínima em determinada parte do campo pode ter efeitos inesperados e radicais em outras áreas. Quando as associações nacionais persuadiram a International Board a mudar a lei do impedimento, em 1925, a justificativa principal foi a falta de gols. O Notts County deu início à tendência que criara o problema; no entanto, em pouco tempo, muitos clubes haviam se tornado adeptos da “armadilha” do impedimento — principalmente o Newcastle United e sua dupla de zagueiros Frank Hudspeth e Bill McCracken. O jogo então passara a ficar comprimido numa fatia estreita de cada lado do campo. O empate em 0 a 0 entre Newcastle e Bury, em fevereiro de 1925, foi a gota d’água. Era o sexto empate sem gols do Newcastle em uma temporada que viria a ter uma média inacreditavelmente baixa para a época: 2,58 gols por jogo. O futebol era entediante, o público nos estádios estava diminuindo, e enfim a FA não só admitiu que algo precisava ser feito, como também pôs mãos à obra.

A lei do impedimento — que exigia a presença de três jogadores do adversário (normalmente o goleiro e dois defensores) entre o atacante mais avançado e a linha do gol — já tinha passado por pequenas modificações desde 1866, como forma de reação das autoridades do jogo à crescente utilização da armadilha. Em abril de 1906, numa partida entre Escócia e Inglaterra no Hampden Park, o capitão inglês S. S. Harris (jogador do Corinthians) tomou uma decisão surpreendente diante da lesão do atleta que atuava à esquerda da linha média, Harry Makepeace. Em vez de recuar um atacante para a metade do campo, a atitude mais usual, ele adiantou o zagueiro esquerdo Herbert Burgess e passou a operar uma linha de impedimento alta. Robert Crompton, o zagueiro à direita, permaneceu recuado para responder às bolas longas e contragolpes, enquanto o resto do time avançou e se postou a vinte metros do gol dos escoceses, prendendo-os, dessa forma, em sua própria área. “Depois que Harris ordenou que se jogasse apenas com bolas de

segurança, o jogo se transformou numa farsa”, criticou um enfurecido editorial da época, citado no livro de Brian James, *England v. Scotland*, de 1970. “O público se incomodou demais com a mudança de postura, irritando-se ao ver apenas Crompton recuado e a defesa inglesa misturando-se aos atacantes escoceses, colocando-os seguidas vezes em impedimento a vinte metros do próprio gol.”

A Inglaterra perdeu por 2 a 1, mas ouviu-se um clamor no meio do futebol. “A estratégia adotada pela Inglaterra não deve ser utilizada no futebol de clubes”, observou outro relato do jogo. “O que se deve questionar é se é esportivamente aceitável que uma seleção recorra a esse tipo de expediente para evitar gols.” Harris, que foi o capitão dos ingleses em todos os três jogos disputados pelo *English Team* em 1906, jamais voltou a jogar por seu país e, no ano seguinte, a lei do impedimento foi alterada para que nenhum jogador pudesse estar impedido quando posicionado em seu próprio campo.

Contudo, desde que a ideia da armadilha de impedimento veio à tona, não houve meio de fazê-la desaparecer e, nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial, a estratégia foi se tornando cada vez mais frequente. Muito embora Herbert Morley e Jock Montgomery — os dois defensores do Notts County — sejam reconhecidos como pioneiros no artifício, quem mais sofreu com a pecha foi o zagueiro McCracken, objeto de ilustrações da época em que aparecia aplaudindo efusivamente depois de mais um impedimento marcado a seu favor.

Para observadores um pouco mais modernos, a noção da linha de impedimento evoca imagens dos quatro defensores do Arsenal de George Graham, perfeitamente alinhados e com os braços erguidos. Antes de 1925, no entanto, a coisa funcionava de maneira diferente, porque era raro os zagueiros jogarem em linha. Os primeiros expoentes desse estranho sistema foram Jesse Pennington, do West Brom, e Bob Crompton, do Blackburn, que jogaram juntos impressionantes 23 vezes pela Inglaterra, antes da Primeira Guerra Mundial. “Enquanto Crompton recua, o homem do West Brom se adianta — às vezes tanto que se parece com um quarto médio”, explicou Charlie Wallace, atacante do Aston Villa. “É um movimento corajoso para um zagueiro. Mesmo que às vezes ele tenha de dar um pique para marcar um jogador, seus métodos, em conjunto com as táticas de Crompton, permitem que o

ataque adversário seja cortado na origem, porque Pennington está onde o atacante menos espera que ele esteja.”

Com a lei do impedimento determinando que três jogadores de defesa eram necessários para que um adversário estivesse em posição legal (na prática, geralmente, o goleiro e dois zagueiros), os atacantes viam-se obrigados a se posicionar tendo como referência o defensor mais avançado, enquanto o outro zagueiro podia atuar na sobra, de forma eficiente. McCracken teve muitos parceiros ao longo dos anos, mas Hudspeth foi o mais célebre. “É claro que muitos me dizem que os métodos de McCracken não trouxeram benefícios ao esporte, que suas ideias originais serviram para estragar muitos jogos”, Hudspeth escreveu no *Sheffield Telegraph and Star Sports Special*, em defesa da armadilha do impedimento. “Mas o erro está justamente neste ponto: não são os métodos de McCracken que estragam o jogo. Os atacantes adversários é que não se preocupam em desenvolver esquemas capazes de anular essas táticas. Há uma esplêndida maneira de escapar da lei do impedimento, que os atacantes continuam ignorando. Se eles ficarem atrás da bola, nunca estarão impedidos de jogar — não importando se McCracken se adianta ou faz qualquer outra coisa.

Mas as autoridades do jogo estavam preocupadas e, em 1921, veio outra modificação na lei, afastando a regra do impedimento em cobranças de lateral. Em 1925, já era evidente que providências ainda mais drásticas teriam que ser adotadas. A FA apresentou então duas possíveis soluções — determinar que apenas dois defensores bastariam para habilitar um atacante, ou adicionar uma linha a cerca de 36 metros (quarenta jardas) dos gols antes da qual o atacante não estaria em impedimento — e decidiu testá-las em jogos de exibição, utilizando cada alternativa em um dos lados do campo.

Numa reunião em Londres, em junho, a FA decidiu que preferia a exigência de apenas dois defensores para que o atacante tivesse condição legal de jogo. A Associação Escocesa logo adotou a norma, apresentando em seguida a proposta de mudança de regra à International Board, e o regramento foi implementado a partir da temporada 1925-6. Se antes o time que pretendia se valer da armadilha do impedimento podia manter um zagueiro na cobertura enquanto o outro avançava para marcar o atacante, a nova legislação significava uma grande mudança: ao menor

equivoco de julgamento, o atacante poderia ficar mano a mano com o goleiro.

A medida fez sucesso imediato, elevando a média de gols para 3,69 por jogo na temporada seguinte. Mas trouxe também mudanças significativas na maneira como o jogo era praticado, conduzindo à criação do “terceiro zagueiro” de Herbert Chapman com sua “formação W-M”. E isso, segundo muitos dizem, teria precipitado o declínio e a crescente negatividade do futebol inglês.

O argumento é defendido enfaticamente por Willy Meisl, irmão mais novo de Hugo, em *Soccer Revolution*, livro escrito na esteira da derrota da Inglaterra para a Hungria, por 6 a 3, em 1953. Meisl já era um ardoroso defensor da cultura britânica antes mesmo de fugir do antissemitismo crescente na Áustria e se mudar para Londres. Seu livro é uma espécie de lamento, dirigido a um passado que o autor idealizava, mas não experimentou diretamente. Ele se tornou uma figura respeitada no jornalismo esportivo, escrevendo principalmente sobre futebol inglês para publicações estrangeiras, mas *Soccer Revolution*, apesar do texto muito bem elaborado, é um trabalho visivelmente excêntrico — ao menos para olhares mais modernos. Para Meisl, a mudança na lei do impedimento foi o momento em que a inocência foi perdida e os negócios enfim triunfaram. Talvez tenha sido mesmo, mas ainda se tratava apenas da ponta de um iceberg.

Na visão de Willy Meisl — que era tão romântico quanto o irmão —, dirigentes de pouca visão (e mais preocupados com seus balanços contábeis) passaram a culpar as regras do jogo por certos problemas do futebol, deixando de considerar que eles mesmos é que “carregavam a culpa por uma abordagem equivocada do esporte”. Desse modo, teriam patrocinado uma política que, para o leigo, “poderia parecer uma singela revisão nas regras do jogo”, mas que no fim se tornou “o breve estalido do tiro que precipitou a avalanche”.

E nesse ponto novamente é possível vislumbrar a divisão entre aqueles que querem vencer e aqueles que desejam simplesmente jogar bem. Hoje em dia o debate parece superficial, mas nos anos 1920 estava vivo o bastante para que a própria ideia da existência de um campeonato — “um sonho ruim”, como bradou Brian Glanville — começasse a ser questionada. “O padrão de jogo, na média, seria muito melhor se o

resultado não fosse o objetivo mais importante”, Chapman admitiu. “O medo da derrota e da perda de pontos corrói a confiança dos jogadores [...]. O que acontece é que, quando as circunstâncias são favoráveis, os profissionais são muito mais capazes do que se imagina; e, ao que parece, se desejamos um futebol melhor, devemos encontrar uma maneira de minimizar a importância da vitória e dos pontos a serem conquistados”. Ganhar ou perder no futebol, contudo, não é uma questão moral — assim como na vida também não é. Até mesmo os que concordam com o ex-capitão do Tottenham, Danny Blanchflower (que dizia que “é uma grande falácia afirmar que no jogo só importa ganhar; o jogo tem a ver com glória, fazer as coisas com estilo e elegância”), discordariam da ideia de que partidas de futebol devam ser decididas por um painel de jurados, como na patinação. É impossível escapar do fato de que, um dia, todos os que desejam vencer terão que lidar com a negação desse desejo. Depois dos excessos gloriosos de *la nuestra*, os argentinos perceberam isso; e, apesar de toda a consciência estética dos austríacos, eles também teriam sentido o mesmo, caso o fascismo não tivesse chegado antes. As eras douradas, quase que por definição, ficam no passado: a inocência nunca dura para sempre.

O efeito imediato mais evidente da mudança na lei do impedimento foi que, com mais espaços para os atacantes se movimentarem, o jogo ficou mais alongado e os passes curtos deram lugar a bolas longas. Alguns times se adaptaram melhor do que outros, e o início da temporada 1925-6 foi marcado por resultados estranhos. O Arsenal, em especial, parecia incapaz de encontrar um padrão consistente e, depois de vencer o Leeds United por 4 a 1 em 26 de setembro, levou uma goleada de 7 a 0 do Newcastle United, em 3 de outubro.

Charlie Buchan, meia-direita e provavelmente a maior estrela do time londrino, ficou furioso. Disse a Chapman que iria se aposentar e rumaria para o nordeste, onde fizera considerável sucesso atuando pelo Sunderland. O Arsenal, segundo ele, era um time sem plano de jogo, um time que não tinha chance de ganhar nada. Chapman deve ter visto seu projeto de vida começar a ruir, e as palavras de Buchan provavelmente doeram ainda mais porque o treinador era um grande adepto do planejamento.

Chapman nasceu em Kiveton Park, uma pequena cidade mineradora, localizada entre Sheffield e Worksop. Não fosse pelo futebol, teria sido mineiro como o pai. Ele jogou primeiro no Stalybridge, depois no Rochdale, no Grimsby, Swindon, Sheppey United, Worksop, Northampton Town, Notts County e, finalmente, no Tottenham. Era um jogador confiável, bom o bastante para não ser dispensado, mas nada além disso. Se esse período de sua vida merece algum destaque, é pela adoção de chuteiras amarelas, que Chapman usava por acreditar que elas o tornariam mais visível para seus companheiros — um sinal da criatividade que depois o ajudaria muito na função de treinador.

De qualquer forma, a carreira de técnico tampouco teve um início promissor. Ele estava tomando banho depois de um amistoso que jogara pelo time B do Tottenham, na primavera de 1907, quando seu companheiro Walter Bull contou que tinha sido convidado para ser jogador e técnico do Northampton, mas ainda queria prolongar a carreira dentro das quatro linhas. Chapman revelou que estava interessado, Bull o recomendou e o Northampton, depois de não conseguir contratar Sam Ashworth, ex-médio do Stoke e do Manchester City, lhe deu o emprego.

Fã do jogo escocês de passes — como aparentemente todos aqueles que pensavam um pouco no assunto —, Chapman queria que seu time reproduzisse “a sutileza e a inteligência” que ele enxergava como essências daquela maneira de conceber o futebol. Mas após alguns bons resultados iniciais, o Northampton caiu, e uma derrota em casa para o Norwich, em novembro, deixou o time entre os cinco últimos colocados da Liga do Sul. Essa foi a primeira crise enfrentada por Chapman, e ele respondeu com sua primeira grande ideia: a noção de que “um time pode, sim, passar tempo demais no ataque”. Começou a estimular seu time a recuar, não para marcar os atacantes adversários, mas a fim de atrair seus defensores e abrir espaço para o ataque seguinte. No Natal de 1908, o Northampton já liderava a Liga do Sul; e ganhou o título com noventa gols marcados, um recorde.

Chapman foi para o Leeds City em 1912 e, nas duas temporadas anteriores à Primeira Guerra Mundial, levou o time do penúltimo para o quarto lugar na Segunda Divisão. Ele também concebeu uma de suas

inovações mais notáveis, instituindo as preleções entre jogadores após os ver discutindo ardorosamente depois de um jogo de cartas. A guerra interrompeu sua evolução, mas o que prejudicou Chapman e o clube ainda mais foi a acusação de que seus jogadores vinham recebendo pagamentos ilegais. Por ter se negado a entregar os livros contábeis do clube, o Leeds City foi expulso da liga e, pior, o técnico foi banido perpetuamente do futebol em 1919.

Dois anos depois, no entanto, quando trabalhava em uma fábrica de rações em Selby, Chapman foi convidado pelo Huddersfield Town para ser o assistente do técnico Ambrose Langley, que tinha jogado com seu falecido irmão, Harry, antes da guerra. Chapman ficou interessado e apelou à FA, explicando que era empregado da fábrica de armas Barnbow — estava, portanto, longe do Leeds City — quando os supostos pagamentos ilegais tinham sido feitos.

A FA foi compreensiva, Chapman conseguiu o posto e, um mês depois (quando Langley resolveu que preferia tomar conta de um pub), assumiu o cargo de técnico. Chapman disse aos diretores que eles tinham um time jovem e talentoso, mas precisavam de “um general para liderá-los”. Decidiu que Clem Stephenson, de 33 anos, do Aston Villa, era o homem certo. Stephenson tinha desenvolvido ao longo da carreira uma maneira de evitar a armadilha do impedimento, recuando para seu campo antes de correr para a frente, o que o técnico via como um feito importante, já que dava muito valor aos contra-ataques. O desempenho e a presença do público melhoraram rapidamente, enquanto Chapman, sempre atento aos mínimos detalhes, trocou o gramado de jogo e reformou a tribuna de imprensa em Leeds Road. Em 1922 — apesar de um acidente com a mascote de pelúcia do clube, que se incendiou durante as comemorações pela vitória sobre o Notts County na semifinal —, o Huddersfield venceu a FA Cup com um gol de pênalti de Billy Smith, no último minuto da final contra o Preston North End, em Stamford Bridge.

Mas os dirigentes não ficaram impressionados. O jogo tinha sido pobre, repleto de faltas, o que levou a FA a expressar seu “profundo descontentamento” em relação ao comportamento dos jogadores, manifestando a esperança de que “futuramente não haveria conduta similar em nenhuma final”. O Huddersfield questionou o órgão a

respeito das declarações e a FA respondeu que o clube deveria saber reconhecer a indignidade quando a testemunhasse. A falta de clareza levou muita gente a acreditar que se tratava de uma repreensão a Chapman, por ter usado o centromédio, Tom Wilson, em uma posição mais recuada que a usual — para que, nas palavras do *Huddersfield Examiner*, ele atuasse como “um grande destruidor”.

Passado tanto tempo, é impossível determinar o que a FA tinha em mente, mas a percepção era a de que existia “um jeito certo de jogar”, do qual Chapman se afastara. Ao mesmo tempo, as instruções para que Wilson vigiasse Billy Roberts (o centroavante adversário), ainda que não se tratasse de marcá-lo individualmente, sugerem que a posição de centromédio *stopper* estava a caminho e, inclusive, poderia ter surgido sem a mudança na lei do impedimento.

De fato, analisando em perspectiva, o centromédio *stopper* parece uma função implícita na formação em pirâmide, mesmo que tenha demorado para que essa ideia passasse a ser aceita. Em termos de atribuição de responsabilidades, quando dois times no 2-3-5 se encontravam, o jogo podia ser visto como uma disputa de cinco atacantes contra cinco defensores. O centromédio sempre marcaria o centroavante, mas alguns times preferiam que os zagueiros marcassem os pontas adversários, com a linha média vigiando os atacantes por dentro. W. H. Brelsford (meia-direita do Sheffield United) observou que, quando o zagueiro marcava o ponta, “havia uma tendência de dispersão da defesa”, mas notou também que os médios eram capazes de se aproximar mais rapidamente dos atacantes adversários que jogavam por dentro. Em outras palavras, como muitas vezes acontece, existiam vantagens e desvantagens nos dois sistemas, sendo que a preferência por um ou outro dependia das circunstâncias.

Em ambos os sistemas — e desde um estágio muito inicial —, o centromédio já tinha alguma responsabilidade defensiva e já havia sido estabelecida a necessidade de uma linha média equilibrada. “Às vezes, eu me pergunto se vale a pena ter três médios em um time que é capaz de alimentar muito bem os seus atacantes”, Brelsford escreveu, em janeiro de 1914. “Eles se divertem tanto com esse aspecto do jogo que as tarefas defensivas tendem a sofrer. A melhor linha média, na minha opinião, é a que tem uma boa mescla de vigor e habilidade, mas não

com os três homens jogando exatamente da mesma forma. Se você tem um par de jogadores hábeis no toque curto, precisa de um bom destruidor ao lado deles; se tem dois marcadores fortes, é imperativo contar com um terceiro que saiba passar com estilo.”

Alguns centromédios se especializaram em defender, mesmo já nos anos anteriores à guerra. O Newcastle, por exemplo, conhecido por sua linha média ofensiva, contratou o centromédio Wilf Low do Aberdeen, em 1909, aparentemente para dar cobertura aos jogadores mais criativos que atuariam ao seu lado. Um artigo de 1914 no *Sheffield Telegraph and Star Sports Special* mencionava que “durante toda a temporada [1910-1], ele destruiu a reputação de quase todos os centroavantes que enfrentou”.

A tendência era que o centromédio fosse mais defensivo que os pontas-médios, os dois meios-campistas que o acompanhavam, um de cada lado. O zagueiro Bernie Wilkinson, do Sheffield United, escreveu que “o centromédio deve prestar mais atenção à defesa, e os pontas-médios ao ataque”, enquanto Billy Wedlock, do Bristol City, explicou que “o centromédio deve vigiar o centroavante adversário. Se ele fizer bem o trabalho, nem o melhor centroavante do mundo poderá brilhar enquanto estiver sendo perseguido por um terrier marcador”.

Em 1897, C. B. Fry já se referia à tática de usar o centromédio em uma função puramente defensiva. “Às vezes”, ele escreveu no *Encyclopaedia of Sport and Games*, “quando um time está em vantagem de um ou dois gols e é aconselhável praticar um jogo puramente defensivo, adiciona-se um terceiro zagueiro à defesa, reduzindo-se o número de atacantes [...]. No que diz respeito à alteração pela qual se recua um atacante para se ganhar um zagueiro extra, há muito a ser dito: é extremamente difícil superar um bloco de três zagueiros [...], mas isso apenas se os jogadores envolvidos na mudança forem versáteis e capazes de desempenhar satisfatoriamente os deveres da nova função [...]. É absolutamente desaconselhável recorrer ao terceiro zagueiro se o homem extra não for um jogador capacitado para atuar na posição.”

Recuar um atacante, claro, é diferente de recuar o centromédio. Mas o fato de alguém com uma mentalidade tão tradicionalista como Fry estar preparado para admitir o auxílio de um novo defensor sugere que o 2-3-5 não era um esquema tão sacrossanto como às vezes parecia. Desde a primeira década do século xx, deixou de ser incomum ver alguns times

recuando seus centromédios em jogos difíceis fora de casa. Em 1933, por exemplo, David Calderhead (ex-técnico do Chelsea) disse numa entrevista ao *Thomson's Weekly*: “Eu lembro que, quando jogava, o terceiro zagueiro era um movimento muito eficaz fora de casa. Um de seus melhores expoentes era Herbert Dainty, o ex-centromédio do Notts County e do Dundee”.

Apesar de outros clubes terem usado ocasionalmente os centromédios com funções defensivas específicas, o que havia de singular no Huddersfield de Chapman era o característico estilo de atuar, baseado na desconfiança do técnico em relação ao jogo pelas pontas, tão reverenciado na Grã-Bretanha. Os passes por dentro, Chapman dizia, eram “mais mortais, ainda que menos espetaculares” do que a “ideia sem sentido de correr junto às linhas e centrar a bola à frente do gol, onde as chances são de nove para um a favor dos defensores”. Como o *Examiner* observou em 1924, depois que o Huddersfield garantiu o título da liga, “os passes rasteiros e o jogo alongado do time de Leeds Road ficaram famosos”.

O importante não era apenas que Chapman tinha uma noção clara de como o futebol deveria ser jogado, mas o fato de ele estar numa posição que lhe permitia implementar essa visão. Ele foi — pelo menos na Grã-Bretanha — o primeiro técnico moderno, o primeiro homem a ter o controle completo dos rumos seguidos pelo clube, das contratações à escalação dos jogadores, das táticas até as músicas que seriam tocadas no sistema de som do estádio para entreter o público, tanto antes do jogo quanto no intervalo. Com o Huddersfield a caminho de defender seu título em 1925, o *Sporting Chronicle* perguntou: “Será que os clubes compreendem a importância do homem que está no controle? Eles estão prontos para pagar até 4 mil ou 5 mil libras pelos serviços de um jogador. Mas será que dão a mesma importância a quem vai dirigi-lo? O homem dos bastidores, que encontra os melhores atletas, que aprimora o talento e tira o melhor de cada um dos comandados, é o homem mais importante no jogo do ponto de vista do clube”.

No ano seguinte, o Huddersfield conquistou o terceiro título consecutivo da liga. Àquela altura, Chapman já tinha deixado o clube, atraído para o sul pelo que vislumbrou como um potencial de vitórias ainda maior no Arsenal — o que aliás não era óbvio, devemos dizer. O

Arsenal tinha dificuldade para se manter na elite e precisava lidar com Sir Henry Norris, um dirigente controlador e cheio de manias. Leslie Knighton, a quem Chapman substituiu, tinha sido proibido de gastar mais de mil libras em um jogador — numa época em que contratações de 3 mil libras eram comuns — e também fora impedido de contratar jogadores que medissem menos de um metro e setenta. Quando, em 1923, Knighton desafiou a restrição de altura para contratar Hugh “O Anão” Moffat (que media um metro e meio), do Workington, Norris negociou o jogador com o Luton Town antes que ele pudesse estrear. Knighton foi dispensado ao final da temporada 1924-5 devido aos resultados ruins, segundo Norris. Mas Knighton afirmou que a razão teria sido a recusa do clube em lhe pagar um bônus por um jogo beneficente.

Deixando claro que demoraria cinco anos para conquistar qualquer coisa, Chapman aceitou o emprego sob a condição de não sofrer restrições para trazer novos jogadores, com o que Norris concordou, ainda que de modo relutante. A primeira contratação de Chapman foi Charlie Buchan. O Sunderland o avaliava em 4 mil libras, valor considerado justo pelo técnico Bob Kyle, que dizia que o atacante representava vinte gols a mais por temporada. Norris respondeu que, se Kyle estava tão certo do que dizia, o preço deveria ser condicionado ao desempenho de Buchan: um pagamento inicial de 2 mil libras, acrescentando cem libras a cada gol marcado na primeira temporada. Kyle aceitou a proposta, Buchan anotou 21 gols, e o Sunderland ficou satisfeito ao receber suas 4100 libras.

Não que esse desfecho parecesse provável no mês de setembro daquele ano, depois da derrota do Arsenal para o Newcastle. Buchan era um sujeito estranho, que tinha abandonado o primeiro treino no clube por considerar o uniforme inadequado, recusando-se a participar também no segundo dia por ter encontrado um pouco de vaselina em sua meia recém-lavada. Alguns técnicos viam essas atitudes como transtornos criados de propósito, ou manias de um jogador excessivamente detalhista, mas Chapman as enxergou como evidências de que seu novo atleta se preocupava em manter o alto padrão. Ele também admirava a independência de pensamento de Buchan a respeito do jogo, algo que estava longe de ser comum nos jogadores da época.

John Lewis, um ex-árbitro, observou em 1914 que “nossos profissionais não demonstram grande preocupação em aprender nada sobre a teoria do esporte [...]. Na maioria dos times não há sinal de táticas preconcebidas ou manobras pensadas”. Apesar de todas as tentativas de Chapman para encorajar o debate, pouca coisa mudou.

Buchan tinha sido alertado sobre a efetividade do centromédio defensivo por Charlie Thomson, seu companheiro no Sunderland, que começara a carreira como centroavante antes de se tornar um centromédio capaz de recuar para a linha de zagueiros, e desde o início da temporada vinha dizendo que a mudança na lei do impedimento significava que o centromédio deveria assumir uma função mais defensiva. Na derrota do Arsenal no St. James' Park, o centromédio do Newcastle, Charlie Spencer, jogou bastante recuado. Fez pouco em termos ofensivos, mas seguidas vezes cortou na origem os ataques do Arsenal, permitindo que seu time dominasse a posse da bola e os espaços. Chapman enfim se convenceu, mas o verdadeiro mistério reside em saber por que demorou tanto para fazê-lo, dada a sua preferência pelo contragolpe. Ele não era um homem que se rendia facilmente às autoridades, mas é possível que as palavras da FA após a final da Copa em 1922, combinadas à atitude da associação ao suspender seu banimento, tenham retardado sua opção pela mudança.

Outros, contudo, já haviam tido a ideia. Muito embora a falta de interesse e de consciência em relação aos aspectos táticos do jogo resultem em evidências fragmentadas, está bastante claro que o terceiro zagueiro apareceu antes da mudança na lei do impedimento. O que a nova regra fez foi criar um desejo de experimentação tática, levando os times a investigar os efeitos da utilização de um terceiro zagueiro em campo.

Em 3 de outubro de 1925, por exemplo, o dia da reveladora derrota do Arsenal no estádio do Newcastle, George White escreveu uma coluna no *Southampton Football Echo* com o título “A formação W”. Ele observou: “O Southampton foi batido em casa pelo Bradford City, no sábado [26 de setembro], por obra da tática. O time da casa, a meu ver, jogou mais do que o City e ofereceu a melhor exibição de futebol, uma vez que o jogo foi disputado antes da mudança na lei do impedimento. Mas o City foi muito inteligente com a bola, e suas táticas fizeram o

resto do serviço. Por isso, eles marcaram dois gols, enquanto o Southampton respondeu apenas com um. Tem havido muita conversa nos vestiários, neste momento, sobre o que se está chamando de ‘formação W’ no ataque, para lidar com as mudanças nas regras do jogo. Nessa formação, o centroavante e os dois pontas mais abertos se posicionam bastante à frente — mantendo-se a apenas um metro de uma eventual condição ilegal —, e os dois atacantes por dentro ficam mais atrás, atuando como cinco-oitavos — ou, em outras palavras, operando em uma área de jogo mais próxima dos médios e atrás dos três atacantes avançados”.

Isso já seria bastante interessante se White estivesse se referindo ao técnico do Bradford, David Menzies, como um solitário aventureiro da tática. Mas ele conclui dizendo que o uso do sistema W já estava disseminado: “Os índices de gols marcados até este momento sugerem que esse vem sendo o método mais adotado, já que têm sido poucos os casos de gols anotados pelos atacantes interiores. Por outro lado, tem acontecido com impressionante frequência de os centroavantes marcarem três, quatro, cinco gols no mesmo jogo. E os pontas abertos também aparecem com muitos gols”.

O Chelsea — time da segunda divisão na época, assim como o Southampton — foi um dos maiores beneficiários da nova regra. Andy Wilson, experiente jogador da seleção escocesa, se deu muito bem na função de atacante recolhido à defesa, onde seu declínio físico não era tão notado como quando jogava mais avançado, na temporada anterior. “Com essa disposição de ataque”, White descreveu, “os atacantes interiores ajudam como se fossem médios quando o time está defendendo, e praticamente durante todo o jogo o centromédio se torna um terceiro zagueiro.”

White encorajou o Southampton a adotar a formação W contra o Port Vale naquela tarde. Atuando desse modo, o time conseguiu um empate fora de casa. Na segunda-feira, com o mesmo sistema, venceu em casa o Darlington por 4 a 1. A coluna Cherry Blossom, no sábado seguinte — ou seja, uma semana depois do empate do Southampton com o Port Vale e da derrota do Arsenal em Newcastle —, salientou a atuação de Dave Morris, do Raith Rovers, como modelo para o moderno centromédio recuado. “Ele se posiciona”, escreveu White, “pouco à

frente dos zagueiros e a meio caminho entre eles, enquanto os pontas-médios cuidam dos extremos do time adversário, ao passo que os zagueiros e o centromédio lidam com os três atacantes interiores [a terminologia aqui é um pouco confusa — ele se refere ao centroavante, o interior direito e o interior esquerdo]. Nessa formação, os atacantes que jogam por dentro trabalham mais perto do centromédio do que faziam antes, e o pivô alimenta os dois, que por sua vez iniciam o ataque quando enxergam uma oportunidade.”

A formação W se espalhou rapidamente — o que é impressionante se pensarmos na ausência de cobertura televisiva. Se times tão diferentes quanto o Southampton e o Raith já estavam utilizando o sistema no início de outubro, aparentemente a ideia se transformara em mania nacional depois de sete ou oito jogos na temporada. O Arsenal certamente não foi o primeiro clube a chegar à conclusão de que o centromédio tinha de se tornar um terceiro zagueiro, mas foi quem usou a nova formação com mais consistência e maior sucesso.

Buchan observou desde o início — e Chapman concordou — que recuar o centromédio deixava o time em inferioridade numérica no meio de campo, e então se dispôs a retroceder de sua posição como meia-direita, o que teria criado algo como um 3-3-4 bastante vago e levemente desequilibrado (um híbrido entre o 2-3-5 e o W). Mas Chapman valorizava demais a capacidade de Buchan para marcar gols e não quis comprometê-la, dando a Andy Neil a função de atacante interior recuado. Como Neil era reserva, a decisão surpreendeu, mas se mostrou uma escolha inspirada e outra grande prova da habilidade de Chapman para criar um conceito e aplicá-lo, ou seja, para reconhecer quais características específicas eram necessárias em cada função. Tom Whittaker, que viria a se tornar um confiável assistente de Chapman, lembra-se do chefe chamando Neil de “lento como um funeral”, mas insistindo que isso não seria um problema porque “ele tem controle de bola e sabe como mantê-la enquanto toma as decisões”.

Com Jack Butler designado para conter seu instinto criativo e jogar como centromédio recuado, o novo sistema teve efeito imediato. Dois dias depois da derrota em Newcastle, o Arsenal, com Buchan entusiasmado pela mudança de formação, venceu o West Ham por 4 a 1 no Upton Park. O time terminou aquela temporada em segundo lugar,

atrás do Huddersfield — até então a melhor posição alcançada no campeonato por um clube de Londres. Mas a temporada seguinte começou mal, em parte porque os adversários passaram a explorar a natural falta de aptidão defensiva de Butler. Alguns pediram o retorno do 2-3-5, mas Chapman decidiu que o problema era que a revolução ainda não tinha caminhado o suficiente: o que ele precisava na posição de centromédio era de um jogador inteiramente desprovido de vaidade. E o encontrou, de forma inesperada, em Herbie Roberts, um ponta - médio ruivo e desajeitado que foi contratado do Oswestry Town por duzentas libras.

De acordo com Whittaker, “o talento de Roberts vinha de sua inteligência e, o que importava ainda mais, de sua obediência”. Mesmo sendo um jogador unidimensional, ele era essencial para o time. Seu trabalho, Whittaker escreveu, “era interceptar todas as bolas pelo meio, cabeceando-as ou dando um passe curto para um companheiro. Dessa forma, sua incapacidade para chutar com força ou para longe ficava camuflada”. Bernard Joy — o último amador a jogar pela seleção inglesa e que depois se tornou um jornalista — foi para o Arsenal em 1935 como substituto de Roberts. “Ele era um jogador direto”, Joy escreveu em seu *Forward, Arsenal!*, “bem abaixo de Butler em termos de habilidade técnica, mas física e psicologicamente bem servido para o papel que tinha de desempenhar. Não se importava em permanecer na defesa, usando sua altura para cabecear a bola, e tinha calma suficiente para suportar a pressão e os gritos da torcida sem se afetar. Esse perfil fleumático fez dele o pilar da defesa do Arsenal e apresentou um novo estilo que foi copiado em todo o mundo.” E esse, de certa forma, foi o problema. O Arsenal fez enorme sucesso, e seu estilo foi copiado por times que não tinham os jogadores ou os meios para usá-lo de forma positiva.

O time de Chapman perdeu a final da FA Cup para o Cardiff em 1927, mas foi só depois de Norris ter deixado o clube em 1929, por causa de uma investigação da FA acerca de irregularidades financeiras, que o sucesso chegou de verdade. Buchan tinha se aposentado em 1928 e seu substituto, o baixinho Alex James — contratado do Preston por 9 mil libras —, fez o sistema de Chapman brilhar. A história oficial do clube adverte que “ninguém deve subestimar a contribuição de James

para o sucesso do Arsenal nos anos 1930. Ele foi simplesmente o homem-chave”. Econômico nos movimentos, James era excepcional para encontrar espaços onde receber a bola — jogava preferivelmente vindo de trás — e tinha a visão e a técnica para distribuí-la rapidamente aos atacantes. Joy o descreve como “o jogador mais inteligente com quem joguei [...]. No campo, ele tinha o hábito de pensar duas ou três jogadas à frente. Resolveu muitos jogos ao se posicionar de forma inteligente perto da própria área para então fazer passes precisos na direção do ponto fraco do adversário”.

Quando o Arsenal venceu a FA Cup de 1930 — conforme Chapman prometera, o primeiro troféu do clube foi conquistado no quinto ano após sua chegada —, o sistema W já havia sido adotado definitivamente e a formação do time tinha um desenho claro. Quem marcava os pontas eram os zagueiros, não os pontas-médios. E quem marcava os atacantes que jogavam por dentro (os interiores) eram os pontas-médios, não os zagueiros. O centromédio, agora um zagueiro a mais, lidava com o centroavante, e os dois atacantes interiores sempre recuavam: o 2-3-5 havia se transformado em um 3-2-2-3, o W-M. “O segredo”, escreveu Joy, “não é atacar, mas contra-atacar [...]. Nós planejamos tirar o máximo de cada jogador, de forma a sempre ter um homem a mais em cada uma das áreas. Comandar o jogo no meio de campo ou cercar a área adversária não é o objetivo do jogo [...]. No Arsenal, nós recuamos deliberadamente para atrair o rival e afunilamos na defesa. Seguramos o ataque no limite de nossa área, e aí saímos em velocidade e com longos passes para nossos pontas.”



ARSENAL 2 A 0 HUDDERSFIELD, FINAL DA FA CUP,
WEMBLEY, LONDRES, 26 DE ABRIL DE 1930

Os troféus e o sentido de modernização do jogo vieram juntos. Conser-vadora por natureza, a FA conteve as iniciativas que buscavam a introdução de números nos uniformes e os jogos com iluminação artificial, mas outras inovações foram implementadas. As meias do Arsenal trocaram de cor, do preto para o azul e branco; um relógio foi instalado em Highbury; a estação de metrô Gillespie Road foi rebatizada de estação Arsenal; mangas brancas passaram a fazer parte da camisa vermelha, porque se acreditava que a visão periférica identificava o branco com mais facilidade. Mas a novidade mais significativa seria o hábito de Chapman de reunir o time em uma sala às sextas-feiras, após o treino, quando utilizava um quadro-negro para discutir a tática que seria usada no jogo seguinte e os problemas relativos ao anterior. No Huddersfield, ele encorajara os jogadores a se responsabilizar por suas posições em campo; no Arsenal, instituiu esses debates como parte da rotina semanal. “Acabando com tradições antigas”, explicou um artigo

no *Daily Mail*, “ele foi o primeiro técnico a organizar o time metodicamente, a fim de vencer jogos.”

E funcionou. O Arsenal venceu a liga em 1931 e 1933, sendo batido na final da Copa em 1932 com um gol polêmico. Glanville escreveu que o time “se aproximava da precisão de uma máquina”, e pela rápida transição da defesa para o ataque, um estilo absolutamente funcional, parecia tentar acompanhar a atmosfera art déco de Highbury. A analogia com uma “máquina” chama atenção, fazendo lembrar a ideia da casa como “máquina de morar”, de Le Corbusier — isso era o futebol modernista. William Carlos Williams, numa frase que se tornaria quase um slogan para sua versão de modernismo, descreveu um poema como “uma máquina feita de palavras [...]”. Não pode haver nenhuma parte, como em qualquer outra máquina, que seja supérflua”. O Arsenal de Chapman era um produto de seu tempo. Sobre o estilo do time, Joy escreveu: “Era puro século xx: polido, entusiasmante, espetacular, econômico, devastador”.

Talvez não seja motivo para surpresa. Afinal, Chapman fez parte da primeira onda de beneficiários do *Forster's Education Act* de 1870, que tornou o ensino obrigatório para crianças até os doze anos e permitiu que uma quantidade inédita de homens da classe trabalhadora ocupasse os cargos técnicos que surgiram em razão da Primeira Guerra Mundial. É possível que não vivessem sob o lema de Ezra Pound — “faça sempre o novo” —, mas é justo sugerir que a nova safra de técnicos e administradores fosse mais aberta a inovações que seus tradicionalistas predecessores. Chapman, é importante lembrar, foi contemporâneo de outro gênio modernista de Nottinghamshire: D. H. Lawrence.

Mas já existiam os céticos no meio futebolístico. O mais perspicaz talvez tenha sido Carruthers, que, após o título de 1933, comentou no *Daily Mail*: “Se imaginaram que outros clubes tentariam copiá-los, talvez não sejam o melhor modelo para inspiração. Hoje só existe um Arsenal, e não consigo conceber outro simplesmente porque nenhum outro clube tem jogadores prontos para interpretar as mesmas ideias”.

De qualquer forma, essas ideias não eram totalmente compreendidas, como ficou demonstrado quando Roberts foi convocado pela Inglaterra para um amistoso contra a Escócia, em 1931. Ele foi o primeiro *stopper* chamado por seu país, mas nenhum dos dois zagueiros

(Fred Goodall e Ernie Blenkinsop) estava acostumado ao w-m. O resultado foi que a Escócia “se divertiu com os espaços abertos”, como L. V. Manning observou no *Daily Sketch*, e venceu por 2 a 0.

Na Escócia, as opiniões também se dividiam entre os que reconheciam a eficiência do sistema mais moderno e os que permaneciam romanticamente ligados ao jogo de passes curtos. O último grito do estilo tecelagem veio em 31 de março de 1928, quando a Escócia — um time que seria imortalizado como os “Magos de Wembley” — destruiu a Inglaterra: Alex Jackson marcou três gols e Alex James fez dois na vitória por 5 a 1. Em seu relato no *Evening News*, Sandy Adamson descreveu o primeiro gol de Jackson como “uma arrancada em zigue-zague que vai ficar para a posteridade” e ainda disse que “os entusiasmados escoceses adotaram a estratégia de gato e rato [...]. A bola correu de pé em pé. O inimigo ficou perplexo, desconcertado, batido. Uma das tramas elaboradas teve onze passes e nenhum inglês tocou na bola até que [Tim] Dunn concluiu o movimento com um chute por cima do travessão”.

O *Glasgow Herald* foi mais contido. “O sucesso dos escoceses”, segundo o relato, “foi mais uma demonstração de que a habilidade, a ciência e a malícia ainda superam os métodos simples e menos atraentes do estilo inglês, em que a velocidade é o principal fator.” Jimmy Gibson e Jimmy McMullan, os pontas-médios, e Dunn e James, os atacantes interiores, tiveram efeito devastador no campo molhado, mas é preciso lembrar que a partida fez parte do torneio Home International daquele ano. A supostamente evidente superioridade do estilo escocês não tinha aparecido na derrota por 1 a 0 para a Irlanda do Norte, ou no empate em 2 a 2 com o País de Gales.

É relevante lembrar também que oito dos onze jogadores da Escócia atuavam em clubes ingleses: mesmo levando em conta a habilidade no passe, o fato de ter atletas habituados ao ritmo do jogo inglês obviamente ajudou. Em termos de estilo, de qualquer forma, o encontro não foi uma volta ao passado como alguns sugeriram. Tom Bradshaw, o centromédio, recebeu a tarefa de marcar Dixie Dean, o que mostra que a Escócia, apesar de não ter usado um w-m característico, tampouco jogou no clássico 2-3-5.

A chegada do sistema W-M aos clubes não foi linear. O ex-jogador do Rangers, George Brown, lembrou-se de um jogo beneficente entre um combinado do Rangers e do Celtics contra um time formado por jogadores do Hearts e do Hibernian, que aconteceu “por volta de 1930”: “Davie Meiklejohn era o meia-direita; eu, o meia-esquerda; e Jimmy McStay, do Celtics, era o centromédio”, ele disse. “As coisas não correram bem para nós no primeiro tempo e perdíamos por um gol. No intervalo, Meiklejohn disse a McStay: ‘O problema está chegando pelo meio porque você está jogando muito avançado. Costumamos jogar com Jimmy Simpson bem recuado, o que deixa os zagueiros mais livres’. McStay concordou em tentar a mudança e, no final, ganhamos tranquilamente. E, a partir daquele momento, ele passou a jogar da mesma forma no Celtic.” Mas assim como Jack Butler, no Arsenal, McStay não era naturalmente um defensor, e a sequência de nove anos sem título só terminou quando o centromédio *stopper* Willie Lyon foi contratado do Queen’s Park.

E, de certo modo, esse era o problema: era mais fácil ser um bom centromédio defensivo do que um ofensivo. A parte criativa da equação de Chapman era ainda mais difícil de resolver. Atacantes interiores habilidosos como Alex James eram raros, mas havia muitos marcadores determinados como Herbie Roberts. “Outros clubes tentaram copiar Chapman”, Jimmy Hogan disse, “mas não tinham os jogadores; e, na minha opinião, o resultado disso foi a ruína do futebol britânico, com a ênfase na defesa e no jogo de chutes longos que deu fim à proposta de um futebol mais construtivo. Por causa desse tipo de jogo, nossos atletas perderam a aptidão pelo toque de bola.”

As sementes desse declínio podem ter sido plantadas antes da mudança na lei do impedimento, mas foram nutridas pela resposta de Chapman à alteração da regra. O efeito do terceiro zagueiro, como Glanville afirmou, foi “reforçar e agravar uma fraqueza que já existia”, porque encorajou a preguiça mental de técnicos e jogadores. É muito mais fácil, afinal, chutar bolas longas na direção de um atacante em vez de enfrentar as dificuldades do jogo criativo. Mas Chapman seguiu convicto. “Nosso sistema, que é tão imitado por outros clubes, tem sido objeto de críticas e discussões recentemente”, ele disse a Hugo Meisl. “Só há uma bola em jogo e só um jogador pode tê-la a cada momento,

enquanto os outros 21 se tornam espectadores. Fala-se apenas na velocidade, na intuição, na habilidade e no jeito de jogar do jogador que está com a bola. Quanto ao resto, que as pessoas pensem o que quiserem sobre nosso sistema. Ele provou ser o melhor para as qualidades individuais dos nossos jogadores, e nos levou a várias vitórias... Por que mudar um sistema vencedor?”

Chapman nunca precisou fazer essa mudança, nem teve de lidar com a transição de uma geração de jogadores para a seguinte. Em primeiro de janeiro de 1934, ele pegou uma gripe durante um jogo em Bury, e no dia seguinte decidiu ir ver o Sheffield, próximo adversário do Arsenal. Voltou para Londres com febre e, ignorando os conselhos dos médicos do clube, foi assistir ao time B jogar em Guildford. Quando retornou, decidiu repousar, mas a pneumonia já tinha se instalado em seu organismo e Chapman morreu no dia 6, pouco antes de completar 56 anos.

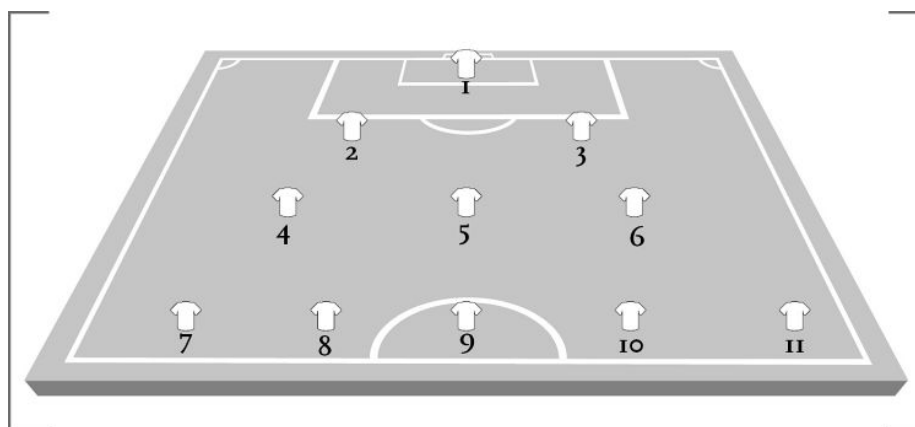
O Arsenal levou o título naquela temporada e na seguinte, chegando a três conquistas consecutivas. Meses depois da morte de Chapman, uma coleção de textos que ele escreveu foi publicada. Nela, surpreendentemente, Chapman também pareceu se lamentar pelo fim de uma era de menor competitividade. “Já não é necessário que um time jogue bem”, ele disse, “é preciso conseguir gols, não importa como, e pontos também. A medida de seu talento é sua posição na tabela de classificação.”

Atualmente, essa é uma clara premissa do jogo. Mas o fato de até mesmo Chapman sentir necessidade de se desculpar por vencer dá a medida de como os valores do amadorismo estavam difundidos na época. “Trinta anos atrás”, ele continuou, “os homens tinham licença para demonstrar seu talento e sua arte. Hoje, têm de dar sua contribuição a um sistema.” E assim, decidido a perseguir a vitória, o futebol enfim reconheceu o valor da tática, a necessidade de se acomodar a individualidade dentro de uma estrutura de equipe.

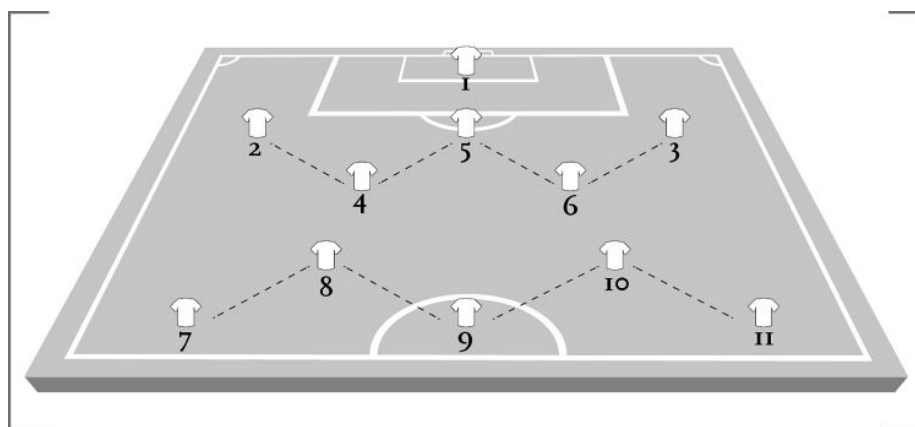


4. Como o fascismo destruiu os cafés

Herbert Chapman era apenas um homem, fazendo uma só mudança para resolver um problema específico. O futebol inglês o seguiu porque percebeu que seu método funcionava, mas o advento da estratégia do terceiro zagueiro não foi o prenúncio da chegada de uma geração de ingleses dedicados à tática. “Infelizmente”, nas palavras de Willy Meisl, “o molde de gesso permaneceu, nenhum feiticeiro ou mestre de futebol passou por aqui para quebrá-lo em vários pedaços e fazer um outro molde.” Na realidade, muitos preferiam fingir que a mudança tática não tinha acontecido, que a pirâmide sagrada permanecia intacta. Quando a FA tornou obrigatórios os números nos uniformes, em 1939, ela ignorou o que poderia acontecer no futuro e determinou que o zagueiro pela direita tinha de usar o número 2; o da esquerda, o 3; o ponta-médio pela direita, o 4; o centromédio, o 5; o ponta-médio mais à esquerda, o 6; o ponta-direita, o 7; o interior direito, o 8; o centroavante, o 9; o interior esquerdo, o 10 e o ponta-esquerda, o 11, como se o 2-3-5 ainda fosse universal, ou ao menos a base sobre a qual todas as outras formações seriam experimentadas. Isso significou que os times que usavam o W-M passaram a ser escalados, se usarmos o método moderno de descrição, da seguinte maneira: 2, 5 e 3; 4 e 6; 8 e 10; 7, 9 e 11 — razão pela qual o termo “centromédio” é, equivocadamente, usado como sinônimo de “zagueiro central” na Grã-Bretanha.



NUMERAÇÃO NO 2-3-5



NUMERAÇÃO NO W-M (INGLATERRA)

Da mesma forma, os jornais seguiram ignorando a realidade e continuaram a descrever as escalações como se todos os times utilizassem o 2-3-5 até os anos 1960. Mesmo quando o Chelsea jogou em 1954 contra o Vörös Lobogó, de Budapeste, e — atento a detalhes táticos por causa da derrota da Inglaterra para a Hungria em Wembley, no ano anterior — fez o esforço de imprimir a formação do adversário da maneira correta na revista do jogo, os jornais insistiram na ilusão de que o W-M dos húngaros era um 2-3-5. A perspectiva inglesa era tão conservadora que o técnico do Doncaster Rovers, Peter Doherty, teve sucesso nos anos 1950 com o truque de ocasionalmente pedir a seus jogadores que trocassem de camisas, desorientando adversários acostumados a reconhecer quem deveriam marcar pelos números às costas.

Para que a importância da tática fosse realmente reconhecida, o jogo precisaria ser aceito por uma classe social habituada a teorizar e desconstruir instintivamente, que se sentia tão confortável com o planejamento abstrato quanto com a reação no campo, e, fundamentalmente, que não sofria de desconfiança da intelectualidade, como acontecia na Grã-Bretanha. Isso ocorreu na Europa central, entre as duas guerras. O que havia sido demonstrado pelos uruguaiois e argentinos acabou sendo explicado por uma parte — formada especialmente por judeus — da classe média na Áustria e na Hungria. A maneira moderna de entender e debater o jogo foi inventada nos cafés de Viena.

O futebol explodiu na Áustria nos anos 1920, com a fundação de uma liga profissional de duas divisões, em 1924. Em novembro daquele ano, o *Neues Wiener Journal* perguntou: “Onde mais você pode ver pelo menos 40 ou 50 mil espectadores nos estádios, domingo após domingo, faça chuva ou sol? Onde mais a maioria das pessoas se interessa tanto pelo resultado dos jogos que, à noite, você ouve quase todo mundo falando sobre os placares da liga e as chances dos times nas partidas seguintes?”. A resposta era fácil: Grã-Bretanha à parte, em nenhum lugar da Europa.

Mas se na Grã-Bretanha as conversas sobre os jogos aconteciam no pub, na Áustria elas se davam nos cafés. Na Grã-Bretanha, o futebol começou como um passatempo praticado nas escolas públicas, mas nos anos 1930 já era um esporte da classe trabalhadora. Na Europa central, ele seguiu uma trajetória mais complexa: introduzido pela classe média-alta simpatizante dos britânicos, foi rapidamente adotado pelas classes trabalhadoras e, depois, mesmo que a maioria dos jogadores seguisse pertencendo a esse estrato social, acabou sendo tomado de assalto pelos intelectuais.

O futebol na Europa central era um fenômeno quase totalmente urbano, assentado ao redor de Viena, Budapeste e Praga. E nessas cidades é que a cultura dos cafés era mais forte. Os cafés floresceram perto do final do Império Habsburgo, transformando-se em salões públicos onde homens e mulheres de todas as classes se misturavam, lugares que passaram a ser notados especialmente por seu aspecto artístico, boêmio. As pessoas liam jornais ali, buscavam correspondência

e roupas deixadas na lavanderia, jogavam cartas e xadrez. Políticos utilizavam o espaço para encontros e debates, enquanto grupos de intelectuais discutiam os grandes assuntos da época: arte, literatura, teatro e, cada vez mais nos anos 1920, futebol.

Cada clube tinha seu próprio café, onde jogadores, torcedores, diretores e escritores se encontravam. Torcedores do Austria Vienna, por exemplo, iam ao Café Parsifal; torcedores do Rapid, ao Café Holub. Mas o centro nervoso do futebol vienense nos anos entreguerras era o Ring Café. O local era o ponto de encontro de admiradores da cultura inglesa que praticavam críquete, mas, a partir de 1930, se tornou o centro da comunidade do futebol. De acordo com um artigo escrito no *Welt am Montag* após a Segunda Guerra Mundial, era “uma espécie de parlamento revolucionário de amigos e fanáticos do futebol; o interesse reduzido a apenas um clube não prevalecia, porque todos os clubes de Viena estavam representados”.

O impacto do futebol no panorama cultural da época fica bastante claro no relato da carreira do centroavante do Rapid, Josef Uridil. Ele saiu dos subúrbios — na Viena da época, bairros da classe trabalhadora — e seu estilo de jogo baseado na força era celebrado por representar as raízes proletárias do clube. Foi o primeiro herói do futebol dos cafés e, em 1922, tornou-se tema de uma música do famoso artista de cabaré, Hermann Leopoldi: “Heute spielt der Uridil” fez tanto sucesso, que a fama do jogador alcançou até quem não se interessava por futebol. Uridil começou a anunciar diversos produtos — de sabão a suco de frutas — e, em fevereiro de 1924, passou a fazer aparições como mestre de cerimônias em uma casa de shows, enquanto *Pflicht und Ehre*, um filme em que representava a si mesmo, era exibido nas salas de cinema.

Foi nesse ambiente que o *Wunderteam* de Hugo Meisl explodiu. A tendência do futebol no país no final dos anos 1920 era de crescimento e, apesar de um começo ruim, a Áustria quase venceu a primeira Dr. Gerö Cup, um torneio de trinta meses, iniciado em 1927, do qual participaram Tchecoslováquia, Hungria, Itália e Suíça. Depois de perder três dos quatro primeiros jogos, a Áustria goleou a Hungria por 5 a 1 e a Itália, que seria campeã, por 3 a 0, terminando em segundo lugar por apenas um ponto. Ainda assim, no Ring Café as pessoas não estavam satisfeitas e começaram a defender a escalção de Matthias Sindelar, um

talentoso e cerebral atacante do Austria Vienna, clube de fortes laços com a comunidade judaica de classe média.

Sindelar era um novo tipo de centroavante, um jogador tão leve que recebeu o apelido de *Der Papierene* — “O Homem de Papel”. A aura de genialidade frágil que carregava levou escritores da época a compararem suas qualidades às deles próprios: diziam que Sindelar, com grande sentido de oportunidade e dramaticidade, tinha o dom tanto para o espontâneo quanto para o virtuosismo. Em sua coleção *Die Erben der Tante Jolesch*, de 1978, Friedrich Torberg, um dos principais “escritores de cafés”, relatou: “Ele era dotado de uma variedade de repertório e ideias tão inacreditável que ninguém podia ter certeza de que tipo de jogada esperar. Ele não obedecia a nenhum sistema, a nenhum padrão definido. Tinha apenas... genialidade”.

Mas Hugo Meisl tinha suas dúvidas. Ele foi o responsável pela estreia internacional de Sindelar, aos 23 anos, em 1926. No entanto, apesar de representar a vanguarda da nova concepção de futebol, Meisl, no fundo, era um conservador. Tudo o que ele fazia em matéria de tática podia ser compreendido como uma tentativa nostálgica de recriar o estilo do Glasgow Rangers de 1905: insistia no esquema de “tecelagem” de passes, ignorava a chegada do terceiro zagueiro e acreditava que o centroavante deveria ser um portento físico, alguém como Uridil.

Uridil e Sindelar eram ambos de famílias que haviam imigrado da Morávia, cresceram nos subúrbios e se tornaram celebridades (Sindelar também representou a si mesmo em um filme e completava o salário de jogador com anúncios de relógios e laticínios), mas não tinham quase mais nada em comum. Como Torberg observou: “Só é possível compará-los no aspecto da popularidade; já em termos de técnica, criatividade, habilidade, enfim, em termos de cultura, eram tão diferentes entre si quanto um tanque e um biscoito”.

Em 1931, finalmente, Meisl sucumbiu à pressão e colocou Sindelar como titular no time. Os efeitos foram extraordinários e, em 16 de maio de 1931, a Áustria massacrou a Escócia por 5 a 0. Dois anos e meio depois da demolição por 5 a 1 imposta pelos Magos de Wembley à Inglaterra, a Escócia se viu superada pelo mesmo tipo de jogo, elevado a um padrão ainda mais alto. É verdade que os escoceses jogaram sem atletas do Rangers ou do Celtic, escalaram sete estreantes e perderam

Daniel Liddle cedo por lesão. Além disso, Colin McNab jogou fazendo número em campo depois de levar uma pancada na cabeça no final do primeiro tempo. Mas o *Daily Record* não teve dúvidas sobre o que viu: “Totalmente suplantados!”, foi a manchete. “Não há nenhuma desculpa.” Somente a heroica atuação do goleiro John Jackson impediu uma humilhação ainda maior.

Como a Inglaterra tinha sido batida pela França por 5 a 2 dias antes, aquela semana parece hoje representar um limiar no tempo, o instante em que se tornou impossível negar que o resto do mundo tinha alcançado a Grã-Bretanha (não que isso tenha impedido os dirigentes e os jornais britânicos de continuar tentando refutar essa ideia). O *Arbeiter-Zeitung* captou perfeitamente o estado de ânimo do momento. “Se sentimos alguma melancolia ao testemunhar o declínio dos escoceses como ideal de futebol para todos nós, do mesmo modo foi reconfortante poder presenciar o triunfo de um estilo de jogo derivado da mais pura arte”, o jornal escreveu. “Onze jogadores, onze profissionais — certamente, há coisas mais importantes na vida, mas o que testemunhamos foi um verdadeiro tributo ao senso estético vienense, à imaginação e à paixão.”

Para o *Wunderteam*, aquilo era apenas o começo. Jogando no tradicional 2-3-5, com um centromédio elegante e ofensivo como Josef Smistik — mas contando também com um centroavante fora de padrão, que criava tanta fluidez de jogo que o sistema ficou conhecido como “a espiral do Danúbio” —, a Áustria ganhou nove e empatou dois de seus onze jogos seguintes, marcando 44 gols e chegando ao título da segunda edição da Dr. Gerö Cup. Os cafés estavam em êxtase: o jeito “deles” de fazer as coisas tinha prevalecido, basicamente por causa de Sindelar, um jogador que, aos olhos daqueles românticos, era a representação dos cafés no campo de jogo. “Ele jogava futebol como um grande mestre joga xadrez: com uma compreensão mental abrangente, calculando movimentos e contramovimentos antecipadamente, sempre escolhendo as possibilidades mais promissoras”, escreveu o crítico de teatro Alfred Polgar no obituário de Sindelar para o *Pariser Tageszeitung* — um artigo impressionante por reunir muitos temas fundamentais.

Além da analogia com o xadrez — que Galeano usou para descrever os uruguaios dos anos 1920 e que Anatoliy Zelentsov também aplicaria

ao Dynamo Kiev de Valeriy Lobanovskyi —, Polgar citou no texto a influência de Hogan e de sua obsessão pelo controle instantâneo da bola: “Sindelar era inigualável ao prender a bola, montava contra-ataques surpreendentes, criava seguidas filigranas táticas, sucedidas por movimentos de ataque que sua capacidade de ludibriar os oponentes tornava irresistíveis. Com sua habilidade, fazia gato e sapato dos rivais”.

E de modo talvez ainda mais admirável, Polgar se antecipou ao pensamento do biólogo evolucionista Stephen Jay Gould a respeito da “universalidade da excelência”. Gould viria a dizer: “Eu não nego as diferenças de estilo e substância entre o desempenho atlético e o escolar convencional, mas nós certamente erramos ao pensar nos esportes como sendo o domínio da intuição em estado puro [...]. Os melhores atletas não alcançam êxito apenas por causa de seus dotes físicos [...]. Uma das mais intrigantes e inegáveis peculiaridades dos grandes desempenhos atléticos reside na impossibilidade de regular certas habilidades básicas por meio de simples comandos mentais: a ação exigida simplesmente não concede tempo suficiente para o processo sequencial de decisões conscientes”.

“De certa forma, suas pernas tinham cérebros”, Polgar afirmou a respeito de Sindelar, “e muita coisa impressionante e inesperada acontecia com elas enquanto corriam. O chute de Sindelar estufava as redes como se fosse a frase que arremata um argumento, o final que permite compreender e apreciar a composição perfeita de uma história, a coroação de tudo o que fora dito antes.”

Em dezembro de 1932, veio o grande teste para o *Wunderteam*: a Inglaterra. Os ingleses não tinham o melhor time do mundo, longe disso, mas o universo do futebol os respeitava por sua influência sobre o desenvolvimento do jogo e, em casa, eles nunca haviam perdido para adversários estrangeiros. A Espanha havia exposto a vulnerabilidade da Inglaterra ao vencê-la em Madri, em 1929, mas sentiu o peso da retaliação inglesa dois anos depois, quando foi destroçada por 7 a 1 em Highbury. Animados pela vitória sobre a Escócia, muitos austríacos alimentavam esperanças, mas Meisl, que sempre tendeu ao pessimismo, estava preocupado e procurou o velho amigo e mentor, Jimmy Hogan.

Desencantado com a Inglaterra, Hogan se mudou para a Suíça em 1921, onde passou três anos no Young Boys, de Berna, e no Lausanne, antes de retornar a Budapeste para o MTK, à época chamado de FC Hungaria. Depois, acabou indo para a Alemanha trabalhar como conselheiro da federação de futebol, treinador do SC Dresden — onde um de seus pupilos era Helmut Schön, que viria a ser assistente de Sepp Herberger quando a Alemanha Ocidental ganhou a Copa do Mundo em 1954, além de técnico principal dos alemães na conquista do Mundial de 1974 — e propagador de um estilo de futebol que em pouco tempo faria com que a Inglaterra fosse superada por vizinhos europeus.

Hogan inicialmente foi recebido com frieza no país e, quando vários técnicos locais reclamaram que ele não era fluente em alemão, a Associação de Futebol da Alemanha lhe pediu que fizesse uma palestra sem o uso de tradutor. A exposição começou mal, quando Hogan se apresentou como “um professor de línguas, não um mestre de futebol”, e foi piorando. Ao tentar enfatizar a importância da preparação mental no futebol, ele disse a um público perplexo que o jogo não era apenas para o corpo, mas também “para o comitê”.

Tratado com escárnio, Hogan pediu um intervalo de dez minutos e deixou o palco. Ao retornar, vestia o uniforme do Bolton Wanderers. Tirou as chuteiras e as meias e, dizendo que três quartos dos jogadores alemães não sabiam chutar a bola apropriadamente, mandou um chute de pé direito, descalço, na direção de um painel de madeira a quinze metros de distância. Quando a bola voltou, ele enfatizou o valor de ser ambidestro e a chutou de novo, dessa vez com o pé esquerdo. O painel se quebrou em dois. Depois de se fazer entender, e bem, Hogan partiu em uma turnê de palestras, falando para 5 mil jogadores de futebol da região de Dresden em apenas um mês. Quando ele morreu, em 1974, o então secretário da Federação Alemã de Futebol (DFB), Hans Passlack, escreveu para o filho do treinador, Frank, dizendo que Hogan era o fundador do “futebol moderno” na Alemanha.

Temeroso em relação à situação política no país, Hogan deixou a Alemanha e foi para Paris, costurando suas economias na parte de dentro das calças para evitar as restrições em relação à circulação de valores. Mas não conseguiu impor sua disciplina a um time cheio de estrelas, então voltou a Lausanne, onde se desentendeu com um

dirigente que achava que os jogadores deveriam ser multados por perder chances de gol. Assim, quando Meisl o chamou, ele estava desesperado por um novo desafio.

A Áustria, é necessário dizer, estava precisando dele — ou ao menos necessitava da validação de alguém de fora em relação aos seus talentos. Duas semanas antes do jogo em Londres, com Sindelar se sentindo mal e jogando muito abaixo de seu melhor, a Áustria tivera dificuldades para vencer um combinado de Viena por 2 a 1. O time estava evidentemente nervoso, e havia preocupação com as condições físicas de Adolf Vogl e Friedrich Gschweidl. De qualquer modo, a expectativa pelo jogo era imensa. Uma multidão de torcedores se reuniu na Heldenplatz para ouvir a narração em três alto-falantes, enquanto a Comissão de Finanças do Parlamento cancelou uma sessão para acompanhar a partida.

O *Wunderteam* não começou bem, e em 26 minutos a Inglaterra vencia por 2 a 0, ambos os gols marcados pelo atacante do Blackpool, Jimmy Hampson. A Áustria diminuiu aos seis minutos do segundo tempo, quando Sindelar e Anton Schall construíram o gol de Karl Zischek. Walter Nausch chutou uma bola na trave durante um período de pressão austríaca, mas a Inglaterra reagiu e uma cobrança de falta que desviou em Schall acabou vencendo Rudi Hiden no gol da Áustria. Sindelar, depois de um domínio perfeito e muita frieza na finalização, fez 3 a 2, mas logo em seguida um chute de longe de Sam Crooks devolveu a vantagem de dois gols aos ingleses. A Inglaterra se surpreendeu pelo hábito dos austríacos de se posicionar atrás da bola enquanto defendia, e a Áustria continuou a dominar, construindo suas teias de passes, porém sua falta de ímpeto custaria caro. Zischek até chegou a marcar após um escanteio quando faltavam cinco minutos, mas já era tarde demais. A Áustria perdeu por 4 a 3; seu desempenho, no entanto, deu asas à imaginação. “Uma revelação”, apontou o *Daily Mail*, enquanto o *The Times* concedeu aos austríacos a “vitória moral” e se encantou com o “talento para o passe” daqueles jogadores.

Dois anos depois, o que era essencialmente a seleção nacional da Áustria enfrentou o Arsenal em Highbury. O time austríaco foi apresentado como Vienna, pois jogos entre uma seleção e um clube eram reprovados pela Fifa naquela época. O conjunto austríaco perdeu por 4 a 2, o que levou Roland Allen a escrever no *Evening Standard* que

“quando os austríacos aprenderem a transformar toda a sua inteligência em algo que conta; quando eles se dedicarem à tarefa de vencer jogos com tanto afinho como se dedicam à tarefa de controlar a bola, eles farão todos prestarem atenção e tomarem notas”. O texto fora afixado na parede, mas ninguém na Inglaterra se preocupou em ler.

Ao contrário, os dois jogos foram usados como confirmação do clichê de que os times do continente europeu eram carentes de força no terço final do campo. Em relação aos austríacos, certamente havia alguma verdade na afirmação, mas o ponto mais importante, que dizia respeito à capacidade de manter a posse da bola, foi ignorado, situação que se agravou ainda mais pelo hábito de Meisl de falar em termos idealizados. “Para nós, da Europa central”, ele disse, “o jogo de ataque dos ingleses, do ponto de vista estético, parece pobre. Esse jogo consiste em atribuir o trabalho de marcar gols ao centroavante e aos pontas, enquanto os meias por dentro devem ligar defensores e atacantes, mais como médios que como jogadores ofensivos [...]. O centroavante, que, para nós na Europa, é a figura principal por causa de sua excelência técnica e inteligência tática, na Inglaterra se limita a explorar os erros da defesa adversária.”

Ele, no entanto, enalteceu a velocidade do jogo dos britânicos, que teria deixado os austríacos “confusos e desorientados”: “Contudo o passe deles, rápido e alto, carece de precisão. Os jogadores ingleses compensam isso com rara potência e muita velocidade nos ataques”. As já familiares frentes de batalha estavam desenhadas: a Inglaterra, vigorosa, rápida e consistente; o futebol do continente, técnico, paciente e provavelmente carente de fibra.

Em maio de 1936, a Áustria finalmente saboreou a vitória sobre a Inglaterra que Meisl tanto desejava. Quando ele apresentou a escalação do time a Hogan, o inglês teve dúvidas sobre a resistência dos meias interiores, ao que Meisl respondeu dizendo que esperava abrir uma vantagem decisiva nos primeiros vinte minutos e passar o resto do jogo defendendo-a. Ele estava certo. Sindelar arrastou o centromédio John Barker seguidas vezes para longe de sua posição — um prenúncio do que Harry Johnston sofreria com o húngaro Nándor Hidegkuti dezessete anos depois — e a Inglaterra logo se viu perdendo por dois gols. George Camsell diminuiu no começo do segundo tempo, mas,

apesar do nervosismo de Meisl, a superioridade da Áustria era óbvia. “Nós não sabíamos se estávamos indo ou vindo”, Jack Crayston admitiu. “Fora que estava terrivelmente quente.” Quando o calor torna o correr insustentável e impõe a priorização da posse de bola, os times britânicos nunca se beneficiam.

Naquela época, no entanto, o *Wunderteam* já estava em declínio, e os austríacos tinham cedido a supremacia no futebol à Itália. Em termos de formação, os italianos — quase involuntariamente — adotaram um meio-termo entre o W-M inglês e o 2-3-5 danubiano, mas o que os distinguia era a atitude. “Tecnicamente menos brilhante do que seus rivais europeus”, Glanville escreveu, o futebol italiano “compensava com a força e o excelente estado físico de seus jogadores”. A crença na primazia da condição atlética talvez fosse natural sob o regime fascista, mas também correspondia às inclinações de Vittorio Pozzo, o visionário que se tornou a figura central do futebol italiano no período entreguerras. Nascido perto de Turim em 1886, Pozzo havia demonstrado ótimo potencial como corredor, vencendo os quatrocentos metros nos Jogos Estudantis do Piemonte, mas converteu-se ao futebol depois que um amigo (Giovanni Goccione, que ainda seria centromédio na Juventus) o ridicularizou por “correr como um carro motorizado” e sugeriu que ele deveria tentar correr “com uma bola à sua frente”.

Pozzo não era um grande futebolista, por isso continuou estudando na Escola Internacional de Comércio em Zurique — onde aprendeu inglês, francês e alemão —, e mais tarde em Londres. Cansado da comunidade de estrangeiros na capital, ele se mudou para o norte, em Bradford, onde a influência de seu pai lhe valeu um posto para estudar sobre a fabricação de lã. A Inglaterra e o futebol subitamente o fascinaram. Ele queria tanto compreender a nova casa que, apesar de católico, passou a frequentar missas anglicanas. Suas semanas logo se adaptaram à rotina inglesa: igreja aos domingos, trabalho durante cinco dias, futebol aos sábados. Seus pais o chamaram de volta para ajudar seu irmão em uma construtora, mas ele se recusou. Sua mesada foi cortada, e mesmo assim ele permaneceu, sustentando-se como professor de idiomas.

O Manchester United se tornou o time favorito de Pozzo, principalmente por causa do estilo de sua famosa linha de médios: Dick

Duckworth, Charlie Roberts e Alex Bell. Ele passou a esperar os jogadores na saída de Old Trafford após os jogos; um dia, depois de criar coragem, abordou Roberts se dizendo um grande admirador e revelando o quanto gostaria de conversar com ele sobre futebol. Era o começo de uma longa amizade, da qual se originou o estilo que Pozzo aplicaria na Itália vinte anos depois. Ele abominava o jogo com o terceiro zagueiro e exigia que seu centromédio fosse capaz, como Roberts, de dar longos passes para as pontas. Era um princípio fundamental que levaria, por exemplo, à decisão de dispensar Fulvio Bernardini em 1924, quando Pozzo foi reconduzido ao cargo de *comisario tecnico* na seleção italiana. Aos olhos dele, Bernardini era um “carregador” e não um “distribuidor”.

Pozzo finalmente retornou à Itália para o casamento da irmã, e sua família o proibiu de voltar para a Inglaterra. Ele logo encontrou uma posição como secretário da Federação Italiana de Futebol e foi encarregado de levar a seleção nacional à Suécia para as Olimpíadas de 1912, tornando-se *comisario tecnico* pela primeira vez. Depois de perder de pouco para a Finlândia e vencer a Suécia, a Itália foi goleada pela Áustria por 5 a 1. Essa derrota, que apesar de esperada foi decepcionante, precipitou o primeiro encontro entre Pozzo e Meisl. Eles se tornaram amigos, e seriam rivais pelo resto de suas vidas.

Pozzo se demitiu após outra derrota para a Áustria — dessa vez por 3 a 1, em dezembro daquele ano — e pôde retomar suas viagens. Serviu como major no Regimento Alpino durante a Primeira Guerra Mundial e se tornou *comisario tecnico* pela segunda vez depois de uma derrota da Itália por 4 a 0 novamente para os austríacos, pouco antes das Olimpíadas de 1924. Os italianos jogaram bem em Paris, vencendo a Espanha e Luxemburgo antes de uma derrota para a Suíça, num jogo equilibrado. Mas a mulher de Pozzo morreu pouco depois, e ele se demitiu de novo. Durante cinco anos, trabalhou na Pirelli como diretor, dedicando seu tempo livre a passeios com seu cachorro pelas montanhas. Em 1929, a Federação Italiana o chamou novamente. Ele voltou para ficar por vinte anos, fazendo da Itália o melhor time da Europa e, possivelmente, do mundo.

Quando Pozzo assumiu o posto pela primeira vez, encontrou uma liga inchada com 64 clubes, vários dos quais foram desfiliaados da federação quando ele tentou formar uma primeira divisão mais

uniforme. Em sua terceira passagem, já existia uma liga profissionalizada, e o governo fascista — que reconhecia a utilidade do esporte como ferramenta de propaganda — investira em estádios e infraestrutura. “Dentro ou fora de nossas fronteiras, nós italianos vibramos de alegria quando vemos esses atletas puros derrotando tantos nobres oponentes, forjando um símbolo da impressionante marcha dos italianos de Mussolini”, assim escreveu Lando Ferretti, chefe de imprensa de Mussolini, no *Lo Sport Fascista* depois do triunfo da Itália na Copa do Mundo de 1938.

O nível do envolvimento de Pozzo com a ideologia fascista permanece obscuro. Sua associação com Mussolini levou-o ao ostracismo nas décadas de 1950 e 60 e impediu que o Stadio delle Alpi, construído nos arredores de Turim para a Copa do Mundo de 1990, fosse batizado com seu nome. Entretanto, surgiram evidências nos anos 1990 sugerindo que Pozzo teria trabalhado com a resistência antifascista, levando comida a correligionários em Biella e ajudando prisioneiros de guerra aliados a fugir.

O que certamente é verdade é que ele utilizava largamente princípios militares no comando e na motivação de seu time. “Ter mais de um selecionador leva à acomodação”, ele dizia, “e nenhum grande time de futebol jamais foi construído em cima disso.” Pozzo era um astuto administrador de pessoas, tendo desenvolvido um estilo rígido e paternalista para lidar com jogadores idolatrados pelas torcidas de seus clubes. Fazia questão de ser o árbitro de todos os jogos praticados como treinamento e, se percebia que um jogador não passava a bola a outro por problemas pessoais, ele o expulsava. Se selecionasse dois jogadores que não se relacionavam bem, determinava que ficassem no mesmo quarto. Mas seu nacionalismo é que era o ponto mais controverso. Um exemplo: no caminho até Budapeste para um amistoso contra a Hungria, que a Itália venceu por 5 a 0, ele obrigou os jogadores a visitarem os campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, em Oslavia e Gorizia, parando no cemitério de Redipuglia. “Eu disse a eles que era bom que aquele triste espetáculo os tivesse deixado impressionados: pois tudo o que nos fosse pedido naquela ocasião seria nada se comparado aos que perderam a vida naquelas colinas”, escreveu em sua

autobiografia. Em outras ocasiões, Pozzo marchou à frente de seus jogadores cantando a patriótica “La leggenda del Piave”.

Apesar de tudo isso, Pozzo simpatizava também com os valores ingleses, o bastante para se lembrar da era dourada do fair play e lamentar os efeitos deletérios dos bônus por vitória, que se tornaram característicos da liga nacional. “É vencer a todo custo”, ele dizia. “É o ressentimento em relação ao adversário, é a preocupação com o impacto do resultado na classificação.” Por razões semelhantes, ele se inclinava a um clássico 2-3-5, mas não tinha um centromédio com mobilidade e criatividade suficientes para jogar bem nessa formação. Então, Pozzo recorreu a Luisito Monti, que tinha jogado pela Argentina na Copa do Mundo de 1930 e fora para a Juventus em 1931, tornando-se um dos *oriundi* — os jogadores sul-americanos que, graças à ascendência italiana, podiam jogar pelo país. Monti já tinha trinta anos quando foi contratado pelo time italiano e estava acima do peso. Treinou sozinho por um mês e, ainda que não fosse veloz, entrou em forma, ficando conhecido como *dobble ancho*, por sua capacidade para cobrir um grande espaço do campo. Pozzo, talvez influenciado pela formação juventina, usou-o como *centro mediano*, um meio-termo naquela função — não como Charlie Roberts, nem como Herbie Roberts certamente. Ele recuava quando o adversário tinha a bola para marcar o centroavante, mas avançava para funcionar como pivô no ataque quando seu time recuperava a posse. Apesar de não atuar como terceiro zagueiro — Glanville diz que foi apenas em 1939, com um artigo escrito por Bernardini após o time de Pozzo empatar com a Inglaterra em Milão em 2 a 2, que as implicações do W-M (o “sistema”, como Pozzo dizia, em vez de usar o termo “método”, mais tradicional na Itália) foram totalmente compreendidas na Itália —, ele jogava mais recuado que um centromédio tradicional, e os dois atacantes interiores também recuavam para ajudar os pontas-médios. O formato era um 2-3-2-3, um W-W. À época, como o jornalista Mario Zappa observou na *Gazzetta dello Sport*, “um modelo de jogo que é a síntese dos melhores elementos dos sistemas mais admirados”.

Mas forma é uma coisa, estilo é outra — e Pozzo era, fundamentalmente, um pragmático. Não havia dúvida de que ele contava com um time tecnicamente bom, como ficou provado antes

mesmo da chegada de Monti, na vitória por 3 a 0 sobre a Escócia em 1931. “Os homens são rápidos”, o *Corriere della Sera* reportou sobre os desafortunados visitantes, “atleticamente bem preparados, demonstram confiança para chutar e cabecear, mas no jogo clássico disputado em campo, parecem iniciantes.” Essa já seria uma dura crítica para qualquer time, mas era ainda mais preocupante para jogadores treinados na melhor tradição do estilo tecelagem.

Naquela época, o grande centroavante Giuseppe Meazza, que tinha começado a carreira em 1930, era rotineiramente comparado a um toureiro, enquanto uma canção popular dizia que “ele fazia gols ao ritmo do foxtrote”. Esse senso de diversão e elã, no entanto, tinha os dias contados. Meazza continuou sendo um atacante estiloso, e não havia dúvida sobre a qualidade de jogadores como Silvio Piola, Raimundo Orsi e Gino Colaussi, mas o jogo físico e combativo passava a ter importância cada vez maior. “No décimo ano da era fascista”, um editorial no *Lo Stadio* observou em 1932, “os jovens são preparados para a batalha e para a luta, e mais para o jogo em si; a coragem, a determinação, o orgulho de gladiador, sentimentos escolhidos pela nossa raça, não podem ser postos de lado.”

Pozzo também foi um dos primeiros expoentes da escolha pela marcação individual, um sinal de que o futebol tinha se tornado um esporte em que, além de fazer o próprio jogo, um time também deveria impedir o adversário de fazer o dele. Em um amistoso contra a Espanha, em 1931, em Bilbao, ele ordenou a Renato Cesarini que marcasse Ignacio Aguirrezabala com base na ideia de que “se conseguirmos cortar a cabeça com a qual os onze adversários pensam, todo o sistema entrará em colapso”.

Isso deixava os puristas preocupados, mas seria na Copa do Mundo de 1934 que os métodos da Itália de Pozzo começariam a gerar questionamentos. Um ano antes do mundial, a Itália empatou em 1 a 1 com a Inglaterra — que insistia em sua política de isolamento — e, jogando em casa, naturalmente estaria entre os favoritos ao título, principalmente pela impressão de que o *Wunderteam* já não estava no auge. O pessimismo de Meisl, dessa vez, era justificável pela ausência de Hiden, seu goleiro, e porque seus jogadores estavam exaustos em razão de muitas viagens com seus clubes. De qualquer forma, ele também

argumentou que, se pudesse pegar emprestado o centroavante do Arsenal, Cliff Bastin, poderia vencer o torneio — uma afirmação que parecia confirmar as críticas inglesas de que seu time carecia de poder de decisão.

Itália e Áustria, Pozzo e Meisl, se encontraram na semifinal, mas àquela altura o torneio já estava enredado em descrédito. A Áustria tinha sua parcela de culpa, pelo envolvimento em uma briga na vitória sobre a Hungria nas quartas de final. Mas foi o empate em 1 a 1 entre Itália e Espanha, na mesma fase, que fez o torneio descambar de uma vez para a violência. O habilidoso Monti não se furtou a utilizar os mais baixos artifícios, e o goleiro espanhol Ricardo Zamora foi tão castigado que não teve condições de jogar no dia seguinte. As fontes consultadas variam em relação ao número de jogadores espanhóis que precisaram deixar o jogo por causa de lesões — três ou quatro —, mas de qualquer forma a Espanha já se sentia absolutamente prejudicada quando, no jogo de desempate, um cabeceio de Meazza deu à Itália a vitória por 1 a 0.



ITÁLIA 1 A 0 ÁUSTRIA, SEMIFINAL DA COPA DO MUNDO,
SAN SIRO, MILÃO, 3 DE JUNHO DE 1934

O antecipado duelo de estilos na semifinal foi um espetáculo decepcionante. Monti conseguiu tirar Sindelar do jogo, a Áustria não deu um chute a gol nos primeiros quarenta minutos e a Itália venceu com um único gol — Meazza se chocou com o substituto de Hiden, Peter Platzer, e Enrique Guaita, outro dos *oriundi*, empurrou a bola para dentro. Ficou com a Tchecoslováquia, que vencera a Alemanha na outra semifinal, a missão de defender a honra da escola danubiana. Os tchecos estiveram perto de frustrar a Itália após um gol de Antonín Puč, aos 31 minutos do segundo tempo. František Svoboda encontrou a trave e Jiří Sobotka perdeu outra ótima chance, mas, quando faltavam oito minutos para o fim, Orsi empatou com um chute que desviou no goleiro František Plánička. Aos sete minutos da prorrogação, um Meazza que já mancava cruzou da direita, Guaita tocou na bola e Angelo Schiavio — que mais tarde diria ter sido guiado pela “força do desespero” — bateu Josef Čtyřoký para marcar o gol da vitória. A Itália de Mussolini tinha conseguido a vitória que tanto desejava, mas fora dali, a força desse desejo e os métodos usados para alcançar a conquista deixaram um gosto amargo. “Na maioria dos países, a Copa do Mundo foi classificada como um fiasco esportivo”, disse o árbitro belga John Langenus, “porque, fora a vontade de vencer, não existiu qualquer consideração relativa à esportividade e, além disso, um certo espírito se apoderou do torneio.”

Um encontro com a Inglaterra em novembro daquele ano — a chamada “Batalha de Highbury” — apenas confirmou a impressão, pois a Itália reagiu mal após Monti quebrar um osso de seu pé em um choque com Ted Drake, aos dois minutos. “Nos primeiros quinze minutos poderia não ter havido uma bola no campo, se dependesse dos italianos”, disse Stanley Matthews, o ponta que foi o primeiro ganhador da Bola de Ouro e que, durante décadas, foi considerado o melhor jogador inglês de todos os tempos. “Eles pareciam homens possuídos, chutando qualquer coisa que se movesse.” A Inglaterra capitalizou a indisciplina italiana para abrir vantagem de 3 a 0, mas depois de Pozzo acalmar seu time no intervalo, os italianos jogaram com entusiasmo e reagiram até chegar ao 3 a 2.

Apesar da agressividade e do cinismo em relação ao jogo, o talento da Itália era inquestionável, e o país manteve o título na Copa do Mundo

em 1938 com o time que Pozzo considerou o melhor que dirigiu. Novamente, o foco esteve na solidariedade defensiva. “O grande segredo do time italiano é sua capacidade de atacar com o menor número de homens possível, sem distrair seus médios do trabalho defensivo”, Zappa escreveu. A Áustria tinha sido anexada pela Alemanha, mas o time formado por dois semifinalistas da Copa anterior jogou mal e foi eliminado após dois jogos contra a Suíça de Karl Rappan na primeira fase. A Tchecoslováquia foi desclassificada pelo Brasil nas quartas de final, mas a Hungria alcançou a final para o último encontro entre a escola danubiana e Pozzo. A Itália se mostrou muito rápida e atlética e, depois que Michele Andreolo (outro *oriundo* que substituiu Monti como *centro mediano*) anulou o centroavante húngaro György Sárosi, as concepções de Meisl pareceram estéreis e ultrapassadas. O envelhecimento de tais ideais de jogo não foi notado sem provocar lamentações: “Como devemos jogar?”, perguntou o jornalista francês Jean Eskenazi. “Como se estivéssemos fazendo amor ou pegando um ônibus?”

Outros países fascistas seguiram por um caminho similar. Na Espanha, o futebol começou do mesmo jeito que em quase todos os lugares: foi introduzido pelos britânicos. Especificamente, foi trazido pelos trabalhadores de um assentamento de mineração em Minas de Rio Tinto, no sudoeste do país, onde um investidor britânico chamado Hugh Matheson comprou uma mina de cobre em 1873, pagando 3,5 milhões de libras — com o primeiro pagamento sendo feito em moedas de ouro transportadas por trem e depois por um carro de boi.

O primeiro jogo registrado no país, disputado em 1887 por dois times formados inteiramente por não espanhóis em um campo que hoje está debaixo de uma enorme montanha de resíduos de mineração, marcou as festividades do dia de São Roque. Tradicionalmente a principal atração seria uma corrida de touros, mas a companhia de mineração tinha demolido a praça de touros três anos antes, argumentando que o lugar atraía prostitutas e bêbados. Diz a lenda que o jogo teria sido uma forma de os britânicos estabelecerem contato com os espanhóis, uma ocasião esportiva que reunia os dois lados. De acordo com Jimmy Burns, no entanto, isso está longe de ser verdade: o jogo, ao

contrário, teria apenas confirmado as diferenças entre britânicos e espanhóis. “É fácil imaginar a indiferença inicial do público local. Faltavam ao jogo a criatividade e o risco que permeavam o entretenimento ao qual estavam acostumados.” As histórias do futebol e das corridas de touros na Espanha continuaram entrelaçadas desde então.

O envolvimento britânico com a mineração também levou o jogo a Bilbao, e foi lá que o futebol se instalou. O primeiro estádio construído para o futebol na Espanha foi o San Mamés, erguido em Bilbao em 1913. O local se tornou o berço do jogo no país, cuja personalidade seria vigorosa, enérgica e enraizada nos valores da indústria britânica.

O Athletic Club, primeira superpotência do futebol espanhol, foi fundado em 1903 a partir da fusão temporária de outros dois times: um formado por britânicos que trabalhavam na cidade, e outro fundado por estudantes do Gymnasium Zamacois, que tinham aprendido o futebol quando estudaram na Inglaterra. Seu primeiro técnico, uma ocorrência lógica considerando-se a importância que se dava ao futebol britânico, foi um inglês: Mr. Shepherd. Muito embora a regra que estipula que só descendentes de bascos podem jogar no Athletic tenha sido implementada pouco depois, o clube permaneceu ligado aos princípios e valores britânicos: era financiado por um conglomerado industrial e naval chamado De la Sota, que apoiou os aliados na Primeira Guerra Mundial, e conservou relações comerciais com eles durante o conflito, além de manter a versão inglesa de seu nome e a política de contratar técnicos ingleses.

Shepherd foi sucedido em 1914 por Billy Barnes, que havia marcado o gol da vitória do Sheffield United no segundo jogo da final da FA Cup de 1902, antes de jogar no West Ham, no Luton e no Queens Park Rangers. Ele ganhou duas Copas do Rei, voltou para a Grã-Bretanha para servir na Primeira Guerra Mundial e retornou ao clube em agosto de 1920. “O futebol basco progrediu muito desde que estive aqui pela última vez”, ele disse. “Antes, era um jogo paciente, lento, de passes curtos — elegante para ser visto, mas nada prático, ao estilo escocês. Eu introduzi um jogo rápido e de passes longos no Athletic, em que a bola ia de um lado para o outro, com jogadores rápidos no meio, capazes de

marcar gols. Hoje a maioria dos clubes tende a jogar dessa forma, mas o Athletic parece ter perdido o jeito.”

Naquele mesmo mês, nos Jogos Olímpicos de 1920, o jogo vigoroso do Athletic se materializou como o estilo espanhol. A Espanha foi à Antuérpia sem grandes expectativas e com um time formado principalmente por atletas dos times do norte do país — que jogavam em campos gramados, enquanto os do centro e do sul jogavam em campos de terra. Os espanhóis venceram a Dinamarca por 1 a 0 no primeiro jogo, mas perderam por 3 a 1 para o time que ganharia a medalha de ouro, a Bélgica, nas quartas de final. A derrota não significou o fim do torneio, pois um complicado sistema de repescagem foi usado para a disputa da medalha de prata depois que a Tchecoslováquia foi desclassificada por ter abandonado o campo, na final, em protesto contra a atuação do árbitro inglês.

A Espanha venceu a Suécia por 2 a 1 e a Itália por 2 a 0, antes de jogar pela prata contra a Holanda. Félix Sesúmaga marcou dois gols na vitória espanhola por 3 a 1, mas foi outro basco que retornou como herói. No intervalo do jogo contra a Suécia, a Espanha perdia por 1 a 0. Aos seis minutos do segundo tempo, conseguiu o empate com José María Belauste, uma figura maltratada, de nariz marcado pelos choques frequentes e orelhas inchadas cobertas pelo lenço que usava na cabeça para disfarçar a calvície. Dois minutos depois, Domingo Gómez-Acedo marcou o gol da vitória. Mas foi o gol de Belauste que deu início à virada, ao estilo basco. “Quando o jogo recomeçou após o intervalo”, escreveu Manolo de Castro, usando o pseudônimo Handicap, “a Espanha se reorganizou para a batalha e lançou um ataque tão feroz, que, em dois minutos, conseguiu uma falta próxima à área.” Belauste se atirou para alcançar um cruzamento, levando alguns suecos com ele, e forçou a bola para dentro do gol. Foi “um gol hercúleo”, nas palavras de Handicap. No dia seguinte, um jornal holandês, comparando o jogo da Espanha com a ferocidade das tropas espanholas que saquearam a Antuérpia em 1576, criou o termo *la furia*. A Espanha o adotou com satisfação.

O gol entrou para a mitologia como uma espécie de encarnação de *la furia*, em tons exagerados; o grande goleiro Ricardo Zamora afirmou que Belauste carregou a bola para dentro do gol com o peito, com quatro

suecos agarrados à sua camisa. E a Espanha se convenceu de que seu jeito de jogar, o jeito certo, era *la furia*, definido por Burns como “um estilo de futebol particularmente muscular e agressivo, abençoado pela nobreza de intenções e execução, pelo qual os clubes bascos reivindicaram direitos autorais mas que acabou absorvido pela psique nacional”.

Contudo, tão logo *la furia* foi aceita, suas limitações passaram a ser expostas. Em junho de 1921, um time basco com muitos jogadores da seleção espanhola, Belauste entre eles, viajou para uma turnê pela América do Sul. Passou primeiro pela Argentina, onde foi batido por 4 a 0 por um time de Buenos Aires, sem conseguir, apesar de toda a correria, fazer frente a um rival que jogou de forma organizada, coesa e técnica. Os espanhóis seguiram caminho até Rosário, Montevideu e São Paulo, tendo dificuldades em todo lugar contra adversários mais talentosos. Em oito jogos, ganharam dois, empataram um e perderam cinco.

Mas aconteceram mudanças em Bilbao. Barnes permaneceu por apenas uma temporada, em que conquistou a Copa do Rei. O Athletic pagou anúncios no *Daily Mail* e no *Sporting Life* em busca de um substituto e, entre centenas de candidatos entusiasmados, selecionou um homem chamado Mr. Burton. Ele estava no cargo havia dois meses quando seus pulmões, debilitados por gases venenosos durante a guerra, entraram em colapso. Um comitê formado por dois ex-jogadores e o capitão dirigiu o time por um período, antes de o Athletic ser salvo por Fred Pentland, que se tornaria o mais reverenciado dos treinadores ingleses que trabalharam na Espanha no entreguerras.

Filho do lorde-prefeito de Birmingham, Pentland jogou no Blackburn, no Queens Park Rangers e no Middlesbrough, tendo feito cinco partidas pela Inglaterra. Aposentou-se como jogador em 1913 e se mudou para Berlim ao aceitar uma oferta para ser técnico da seleção alemã — o cargo que Jimmy Hogan recusou para dirigir a Áustria. Quando a Primeira Guerra Mundial começou, ele foi enviado a um campo de prisioneiros civis de guerra em Ruhleben, uma pista de corrida dez quilômetros a oeste de Berlim. As condições de vida eram terríveis: os prisioneiros dormiam sobre tapetes de palha em carros para transportar cavalos, infestados de piolhos, contavam com apenas uma

saída de água para lavar roupas e usavam tamancos de madeira e casacos doados por moradores locais. A ração diária era uma concha de mingau aguado e um pedaço de chouriço de sangue.

Com o tempo, as autoridades alemãs permitiram maior liberdade e iniciativa aos prisioneiros. E o resultado, como Barney Ronay escreveu na edição número três de *The Blizzard*, foi “uma carta de amor à engenhosidade e à determinação britânicas, e uma expressão do criativo ecleticismo cultural frequentemente ignorado como parte do duvidoso legado do império”. Desenvolveu-se uma sociedade completa, com serviço de correio, força policial, uma revista e uma biblioteca. Um mapa do campo mostra quadras de tênis, uma Associação Cristã de Moços, um cassino, um posto de correio, uma casa de chás, prédios de escritórios, lavanderias e dois campos de futebol de tamanho oficial.

A população era inteiramente masculina, mas espantosamente diversa. “Da casa de campo aos cortiços, praticamente todas as classes e profissões estavam representadas”, escreveu um prisioneiro num panfleto publicado pouco depois da guerra. “Viviam todos amontoados em um pequeno curral — diretores de empresas e marinheiros, músicos e operários de fábricas, professores de ciências e jôqueis [...]. Nós éramos um grupo variado. Eu ia até a cozinha ao lado do duque de Perth, de um mulato e um bombeiro.”

O acampamento era repleto de personalidades e tipos excêntricos. Lá estavam F. Charles Adler, um maestro mundialmente conhecido que estudou com Gustav Mahler; Sir James Chadwick, um físico que ganhou o prêmio Nobel e foi o primeiro a conceber a ideia da bomba nuclear; Prince Monolulu, um especialista em apostas nas corridas de cavalo e provavelmente a maior celebridade negra da Grã-Bretanha à época; “Bertie” Smylie, o alcoólatra editor do *Irish Times* que costumava usar um sobretudo; e Geoffrey Pyke, que criava porta-aviões feitos de gelo, e uma vez os mostrou a Winston Churchill durante o banho.

E além de Pentland, havia um número impressionante de jogadores e ex-jogadores. Por lá passaram Steve Bloomer, seu ex-companheiro no Middlesbrough, que marcou 28 gols em 23 jogos pela Inglaterra e fora nomeado técnico do Britannia Berlin 92 em julho de 1914; Sam Wolstenholme, zagueiro que jogou com Pentland no Blackburn e tinha se tornado técnico do time da Associação de Futebol do Norte da

Alemanha na primavera de 1914; Fred Spiksley, ex-atleta do Sheffield Wednesday que ganharia títulos nacionais como técnico na Suécia, no México e na Alemanha; John Cameron, técnico do Dresdner SC, que jogou na seleção escocesa e dirigiu o Tottenham; John Brearley, que foi jogador de Cameron nos Spurs e era técnico do Viktoria 89 Berlin; e Edwin Dutton, jogador da seleção alemã cujos pais haviam imigrado de South Shields para a Alemanha.

Longe da pressão à qual estavam habituados, os prisioneiros trataram de se aprimorar e se divertir. “As atividades eram ampliadas, aperfeiçoadas, subdivididas e elaboradas, a ponto de Ruhleben se transformar num mundo à parte”, o jornalista Israel Cohen, um dos prisioneiros, relatou. “Era uma necessidade se quiséssemos manter nossa forma física e nos livrar do tédio e da inércia.” Havia aulas de cálculo, física, química, radioatividade, hereditariedade, biologia, música, literatura, literatura alemã (em alemão), literatura italiana (em italiano), Shakespeare e Eurípedes. Foi montado um teatro com orquestra, onde musicais eram encenados, e os atores que faziam papéis de mulheres eram extremamente populares.

Desde o primeiro dia no acampamento já havia gente chutando a bola. Em duas semanas, times chamados Tottenham Hotspur, Manchester Rangers e Bolton Wanderers tinham sido formados. “Só havia uma bola, não muito resistente”, Cohen lembra, e os gols eram demarcados com jaquetas amontoadas. O comandante do campo, general Von Kessel, não aprovava os jogos e, com a chegada do inverno, uma liga que vinha se desenvolvendo foi abandonada. Mas na primavera Von Kessel mudou de ideia. Num espaço adjacente ao campo de prisioneiros, dois campos de futebol foram demarcados. A Associação de Futebol de Ruhleben foi fundada por Pentland, Bloomer e Cameron. O primeiro jogo foi entre Ruhleben, capitaneado por Bloomer, e “O Resto”, capitaneado por um certo Mr. Richards, em 29 de março de 1915. “A qualidade desse jogo foi tão boa”, relatou a revista do acampamento, “que todos puderam ver que, com mais treinos, as partidas poderiam alcançar um padrão bastante alto.” Em 2 de maio, um time da Inglaterra — com Pentland, Wolstenholme e Bloomer — enfrentou uma equipe do Resto do Mundo, da qual Cameron foi o capitão. Cada uma das catorze

casernas inscreveu dois times na liga, que, por ser tão disputada, atraía públicos de mais de mil pessoas para assistir aos jogos.

Em setembro de 1915, a Associação de Futebol de Ruhleben publicou seu manual. Impresso em Berlim “por um alto custo”, tinha 48 páginas com biografias dos jogadores, entrevistas com capitães e algumas discussões táticas. “Também foi, de certo modo, algo inédito”, escreveu Ronay. “A primeira vez que algo próximo a um manual de treinamento ou um guia de tática foi escrito. Produto do impetuoso intelectualismo da escola multidisciplinar de Ruhleben, a associação de futebol do acampamento tinha sido mordida pelo ‘bichinho’ da literatura. O manual é uma pequena sugestão do que poderia ter acontecido se o futebol inglês tivesse reabsorvido o voluntarioso progressismo de Ruhleben.” Pentland preferia o jogo de passes curtos, estilo que ele supostamente teria trazido do Blackburn. Como Ronay salienta, no entanto, existem poucas evidências desse fato e é igualmente provável que ele tenha chegado a suas conclusões sobre como o futebol deveria ser jogado justamente em Ruhleben, onde a cultura encorajava o desafio das convenções e havia pouca pressão por resultados ou pedidos do público para que a bola fosse atirada para a frente.

Pentland voltou para a Grã-Bretanha após a guerra e, durante sua recuperação, casou-se com sua enfermeira, que havia perdido o marido no conflito e trabalhava como voluntária. Ele logo retornou ao continente para dirigir a França nas Olimpíadas de 1920. Após bater a Itália nas quartas de final, os franceses perderam para a Tchecoslováquia nas semifinais e acabaram voltando para casa antes da expulsão dos tchecos, o que poderia ter permitido a eles disputar a medalha de prata que ficou com os espanhóis.

Foi então para a Espanha que Pentland rumou em seguida: primeiro para o Racing de Santander e depois, atraído por um salário de 10 mil *pesetas* por mês, para o Athletic. No primeiro treino, sua providência inicial foi ensinar os jogadores a amarrar os cadarços corretamente: “Faça o básico da maneira certa”, ele dizia, “e o resto virá naturalmente”. Pentland deu um fim à proposta de jogo com bolas longas da qual Barnes tinha tanto orgulho e introduziu o jogo de passes. Podia ainda ser um jeito de jogar marcado pela tenacidade e pela determinação de *la furia*, mas se tratava de um futebol jogado com mais raciocínio e menos

urgência. Pentland fumava charutos durante os treinos e se recusava a permitir que o clima compromettesse sua percepção a respeito de como se vestir apropriadamente. Uma foto dele publicada no *El Norte Deportivo*, em 1928, mostra uma figura inflexível em um terno, gravata estampada e lenço impecavelmente dobrado, com um sorriso irônico abaixo do bigode. Na cabeça, claro, o chapéu que era sua marca registrada e que lhe rendeu o apelido *El Bombín*. Ele era idiossincrático e exigente — e foi muito bem-sucedido.

O Athletic, jogando com atacantes interiores levemente recuados, ganhou dois títulos seguidos do País Basco com Pentland, assim como a Copa do Rei de 1923. Os jogadores do Athletic comemoravam as grandes vitórias tomando o chapéu de Pentland e pulando sobre ele até destruí-lo. “Só mais três minutos para você, chapéu!”, diz-se que Pentland gritou quando a final da Copa do Rei estava perto de acabar.

Em 1925, ele foi para o Athletic Madrid (o termo “Atlético” só foi adotado em 1941), levou o time à decisão da Copa no ano seguinte, trabalhou por uma temporada no Real Oviedo e então retornou para o Athletic Madrid, vencendo o El Campeonato del Centro em 1927. Quando a Inglaterra jogou no Estádio Metropolitano de Madri, em 1929, ele trabalhou como conselheiro de José María Mateos e ajudou no planejamento para o jogo, uma vitória da Espanha por 4 a 3 — a primeira derrota da Inglaterra para um rival do continente. Pentland deixou Madri rumo a Bilbao mais tarde naquele ano; quando retornou à capital, em 1933, já havia conquistado dois títulos da Liga, mais quatro Copas e três títulos biscaios — e seu time tinha vencido o Barcelona por 12 a 1, até hoje a maior derrota sofrida na história do time da Catalunha. Com a Guerra Civil se aproximando, Pentland abandonou a Espanha em 1936. Ele foi assistente-técnico do Brentford antes de assumir seu único trabalho como técnico na Inglaterra, no Barrow. A exemplo de tantos outros pioneiros — especialmente Hogan —, Pentland não teve grande reconhecimento em seu país natal. Mas no Athletic é considerado o homem que construiu o clube. Em 1959, foi convidado para voltar a Bilbao para um jogo comemorativo contra o Chelsea, no qual recebeu a medalha de Membro Distinto. Por ocasião de sua morte, três anos depois, o Athletic organizou uma cerimônia em sua memória em San Mamés.

A tradição inglesa continuou em Bilbao com William Garbutt, que tivera sucesso na Itália, com o Genoa e o Napoli. Ele conquistou a Liga em 1935-6, mas voltou para a Itália no início da Guerra Civil. A vitória de Franco teve profundas consequências para o Athletic. O clube foi forçado a mudar seu nome para Atlético e abandonar a política de escolher apenas jogadores bascos. Mas Franco não odiava o clube, ao contrário: até o Real Madrid dominar a Europa no final dos anos 1950, o Atlético Bilbao era seu time favorito.

A atitude de Franco em relação aos bascos era complexa. Apesar de não lhes permitir um sentido de nação, ele e outros membros da direita aceitavam que as raízes da “verdadeira Espanha” estavam no País Basco, enredadas no catolicismo e nas noções de império e sobrevivência contra todas as probabilidades. Os bascos eram vistos como a classe guerreira da Espanha: como escreveu Burns, seus “valores essenciais, associados à virilidade, são a bravura, o sacrifício, a obediência aos líderes e o sentido de honra”. Esses valores eram básicos para os ideais educacionais da ordem jesuíta, que foi fundada pelo cavaleiro basco Ignácio de Loyola, no século XVI. As escolas jesuítas, assim como as escolas públicas inglesas, viam o esporte como parte essencial da formação de caráter. Foi numa dessas escolas que Rafael Moreno Aranzadi, mais conhecido como *Pichichi* (“Patinho”), desenvolveu seu amor pelo futebol. Jogando com um lenço amarrado na cabeça, ele foi um atacante prolífico, herói do time que disputou as Olimpíadas de 1920. Mais do que seus feitos como goleador, sua aptidão para personificar o “espanholismo basco católico” é que fez o diário franquista *Marca* escolher seu nome para o prêmio de artilheiro do campeonato espanhol, quando o criou em 1953. Enquanto tentava erradicar o nacionalismo basco, Franco tratava os jogadores da região como os maiores símbolos do espanholismo: a *furia española* foi ressuscitada, só que dessa vez passou a carregar o espírito da ditadura.

Essa estratégia ficou mais evidente no caso do Athletic Madrid, que em 1939 se fundiu com o Aviación Nacional, um time fundado por membros da força aérea durante a Guerra Civil. Por causa de uma enorme dívida e da morte de oito jogadores no conflito, a fusão fazia sentido, mas torcedores do Athletic ficaram indignados. O clube, afinal, tinha sido fundado por bascos como um ramo madrilenho do Athletic

Bilbao; era um time de outsiders, não um clube do establishment. A conduta da equipe em campo foi alterada para refletir a nova liderança militar, o que ficou claro em críticas feitas por um general a Ricardo Zamora, técnico do time em 1939-40, a primeira temporada após a retomada da liga. “O que falta a esse time”, disse o militar, “são *cojones*, muitos *cojones* [...]”. O time precisa correr mais e atacar o adversário de todas as formas. O técnico deve ter coragem, impor disciplina, usar o chicote de vez em quando.” Zamora evidentemente fez o que era necessário para implantar os *cojones* e o Athletic Aviación de Madrid venceu a liga naquela temporada e manteve o título no ano seguinte.

Na verdade, *la furia* era o espírito da ditadura de certa forma, promovida como parte da propaganda da nova Espanha de Franco, parte da tradição que fez com que os muçulmanos tivessem sido expulsos de Granada, que levou os conquistadores a atravessar o Atlântico e para a qual Dom Quixote foi cooptado como exemplo da recusa dos espanhóis a ceder. “A *furia española* está presente em todos os aspectos da vida na Espanha, mais do que nunca”, afirmou um editorial do jornal falangista *Arriba*, em 1939. “No esporte, a *furia* se manifesta melhor no futebol, um jogo em que a virilidade da raça espanhola encontra sua maior expressão, normalmente se impondo em encontros internacionais contra times estrangeiros mais técnicos, porém menos agressivos.” O futebol, para a Espanha de Franco e para a Itália de Mussolini, se tornou uma atividade de perfil bélico.

Com Sindelar se aproximando do final da carreira e Meisl envelhecendo, o estilo danubiano de futebol poderia ter desaparecido naturalmente, mas a ascensão do fascismo foi o que garantiu que isso acontecesse. Com a anexação da Áustria por parte da Alemanha veio o fim da intelligentsia dos judeus na Europa central, do espírito dos cafés e, também, a morte de Sindelar. Ao longo dos anos 1930, o grande centroavante foi se afastando da seleção nacional, mas aceitou ser convocado para o que se chamou de “jogo da reconciliação”, entre uma equipe chamada de Ostmark (nome dado pela propaganda nazista à Áustria, após a anexação do país) e a Alemanha, em 3 de abril de 1938.

O futebol na Alemanha não estava em estágio tão avançado como na Áustria, mas vinha progredindo. Otto Nerz, o primeiro técnico da

seleção — indicado em primeiro de julho de 1926 —, era um defensor do W-M. Mas parte dos ensinamentos de Hogan se manteve viva por intermédio do Schalke 04, que chegou a nove das dez finais de campeonato no país entre 1933 e 1942, ganhando seis delas. Seu técnico, Gustav Wieser, era austríaco; com ele, o time praticava uma versão da “espiral danubiana” que ficou conhecida como *der kreisel* — o pião. De acordo com o defensor Hans Bornemann, quem determinava a direção dos ataques não era o homem com a bola, mas sim os outros jogadores. “Só quando não havia absolutamente ninguém para passar a bola que a gente finalmente a mandava para a rede”, ele dizia. Hogan talvez admirasse o estilo, mas questionaria a postura.

Esse tipo de excesso incomodava Nerz, que não convocava os dois celebrados atacantes interiores do Schalke, Ernst Kuzorra e Fritz Szepan, para a seleção. (Na realidade ele chamou Szepan para a Copa do Mundo de 1934, mas o escalou como centromédio.) Kuzorra explicou: “Nerz me disse: ‘Ouçam uma coisa: o que vocês fazem no Schalke, todos aqueles passes, não me impressiona nem um pouco. Se você e Szepan jogarem juntos, vão ficar apenas tocando a bola de um lado para o outro’”.

A Alemanha foi semifinalista na Itália em 1934, o que deu asas à ideia de que a seleção poderia ganhar o ouro em casa, nas Olimpíadas de 1936. Mas os alemães perderam, de forma humilhante, para a Noruega por 2 a 0. Infelizmente para Nerz, aquele foi o único jogo de futebol em que Hitler esteve presente. Sepp Herberger, assistente de Nerz e o homem que levaria a Alemanha Ocidental à vitória na Copa do Mundo de 1954, não assistiu à partida, pois tinha ido antes ver outro jogo das quartas de final, entre Itália e Japão. Jantava um prato de joelho de porco com chucrute no local onde o time estava hospedado quando um colega trouxe a notícia da derrota da Alemanha. Herberger afastou o prato e nunca mais comeu joelho de porco. Ele substituiu Nerz após o torneio e imediatamente passou a adotar um modelo mais danubiano, trazendo Adolf Urban e Rudi Gellesch do Schalke, e escalando o elegante e bebereiro Otto Siffling, interior do Mannheim, como atacante central. O resultado foi um time mais flexível, que alcançou o auge em 16 de maio de 1937 na goleada de 8 a 0 sobre a Dinamarca, num amistoso em Breslau (hoje, Breslavia). “O estilo robótico que as pessoas associavam à

Alemanha ficou no terreno das lendas”, escreveu o jornalista Gerd Kramer. “O futebol artístico triunfou.”

Ainda assim, os alemães não eram nem tão talentosos nem tão artísticos quanto os austríacos, e a seleção de Ostmark dominou o “jogo da reconciliação”. Os fatos relacionados à partida foram obscurecidos por mitos, mas o que é certo é que Sindelar perdeu várias chances no primeiro tempo. Pela quantidade de ocasiões em que chutes dele passara perto das traves, até mesmo relatos da época chegaram a se perguntar se Sindelar estava fazendo aquilo de propósito, a fim de zombar dos alemães e da suposta ordem que teria recebido para não marcar gols. Na metade do segundo tempo, ele aproveitou um rebote para fazer o primeiro, e quando seu amigo Schasti Sesta marcou o segundo, de falta, Sindelar comemorou dançando diante da tribuna de oficiais nazistas de alta patente.

Nos meses que se seguiram, Sindelar, que nunca escondera suas tendências sociais-democratas, se recusou várias vezes a jogar pelo time alemão unificado de Sepp Herberger. Em agosto, comprou um café-restaurant de Leopold Drill — um judeu forçado a vendê-lo pela nova legislação — por 20 mil reichsmark, o que pode ter sido tanto um preço justo quanto um valor de oportunidade, a depender do relato em que se prefere acreditar. Como relutava em exibir pôsteres nazistas no local, foi censurado pelas autoridades. Mas argumentar que ele foi um dissidente, como alguns chegaram a fazer, é exagerar um pouco.

Na manhã de 23 de janeiro de 1939, à procura do amigo Sindelar, Gustav Hartmann arrombou a porta do apartamento em Annagasse. Ele o encontrou morto e nu, ao lado de sua namorada, Camilla Castignola, com quem iniciara o relacionamento apenas dez dias antes. Ela estava inconsciente e morreu mais tarde no hospital, vítima, assim como Sindelar, de envenenamento por monóxido de carbono, causado por um aquecedor com defeito. Ou pelo menos foi o que a polícia declarou, após uma investigação que durou só dois dias. O promotor público, no entanto, ainda não tinha chegado a uma conclusão seis meses depois, mas os nazistas determinaram o encerramento do caso. Em um documentário da BBC em 2003, Egon Ulbrich, que fora amigo de Sindelar, disse que um funcionário fora subornado para registrar a morte como acidental, o que lhe garantiria um honroso funeral. Outros,

no entanto, deram explicações diferentes. Em 25 de janeiro, um artigo publicado no jornal austríaco *Kronen Zeitung* afirmou: “Tudo indica que esse grande homem tenha sido vítima de um assassinato por envenenamento”. Em seu poema “Ballad on the death of a footballer” [“Balada sobre a morte de um jogador de futebol”], Torberg sugeriu o suicídio de alguém que se sentia “renegado pela nova ordem”. Houve sugestões posteriores de que Sindelar e/ou Castignola fossem judeus. É verdade que Sindelar jogou no Austria Vienna, o clube da classe média judaica, e nasceu na Morávia, de onde muitos judeus emigraram para a capital, mas sua família era católica. É concebível que Castignola, uma italiana, tivesse origem judaica, mas ela havia recebido autorização para ter a copropriedade de um bar na semana anterior à sua morte. Ainda mais significativo é o fato de que vizinhos dela haviam reclamado, dias antes, que uma das chaminés do quarteirão estava com defeito.

As evidências disponíveis sugerem que a morte de Sindelar foi um acidente, mas ainda assim prevaleceu a noção de que heróis não podem morrer. Ao menos para uma mente liberal romântica, o que poderia simbolizar melhor a Áustria na época da anexação do que o atleta-artista, o favorito da sociedade vienense, ter sido morto por envenenamento ao lado de sua namorada judia? “O bom Sindelar acompanhou a cidade, da qual era filho e orgulho, até a morte”, Polgar escreveu em seu obituário. “Estava tão inescapavelmente entrelaçado a ela [a cidade], que teve de morrer quando ela também morreu. Todas as evidências apontam para um suicídio motivado pela lealdade à sua terra natal. Pois viver e jogar futebol naquela cidade destruída e atormentada significava ludibriar Viena com um espectro repulsivo de si mesma [...]. Mas como se pode jogar futebol assim? E viver, quando a vida sem futebol não é nada?”

Até o final, o futebol dos cafés permaneceu heroicamente romântico.



5. Desordem organizada

O boom do futebol aconteceu tarde na URSS e, talvez por isso, assumiu rapidamente um aspecto radical, desprovido das noções historicamente enraizadas quanto àquele que seria o jeito “certo” de fazer as coisas. Marinheiros britânicos já jogavam futebol nas docas em Odessa nos anos 1860, de acordo com uma descrição publicada na revista *The Hunter*, que dava uma ideia do caos e do caráter corporal do jogo. “É um jogo de pessoas com músculos sólidos e pernas fortes — um sujeito franzino seria apenas um espectador nessa bagunça”, escreveu o repórter, aparentemente crítico e impressionado.

Foi apenas nos anos 1890, no entanto, que o esporte começou a se organizar de forma adequada. Na Rússia, assim como em muitos outros lugares, os britânicos tiveram papel decisivo, primeiro em São Petersburgo e mais tarde em Moscou, onde Harry Charnock, gerente-geral da companhia Morozov, fundou o clube que se tornaria o Dynamo Moscow, numa tentativa de persuadir seus funcionários a passar os sábados fazendo algo diferente de beber vodca. Quando a fábrica soviética de construir mitos estava no auge, dizia-se que o clube esportivo Dynamo — controlado pelo Ministério do Interior, com times espalhados pela URSS — teria escolhido o azul e o branco como suas cores para representar a água e o ar, os dois elementos sem os quais o homem não sobrevive. A verdade é que Charnock era de Blackburn e, assim, vestiu o time com as mesmas cores do clube para o qual torcia: o Blackburn Rovers.

Mais a oeste, a maior influência provinha naturalmente da Europa central. Lviv ainda fazia parte do Império Áustro-Húngaro quando, em 1894, sediou o primeiro jogo de futebol no que hoje é solo ucraniano, uma breve exibição durante uma demonstração de modalidades esportivas realizada pelo Sokol Sports Club. Quando uma liga nacional foi fundada em 1936, os britânicos já tinham ido embora (o domínio dos expatriados terminou em 1908, quando o Sport, um time russo, ganhou a Aspeden Cup, competição local de São Petersburgo), mas o 2-3-5

permaneceu como padrão. A modificação da lei do impedimento, em 1925, fez pouca diferença do ponto de vista tático e, com o isolamento da URSS pela Fifa, restringindo encontros com adversários estrangeiros a partidas contra times amadores, não era fácil perceber como os soviéticos estavam ficando para trás.

Tudo mudou em 1937. A chegada de uma liga nacional provavelmente levaria a uma análise mais sofisticada do jogo de qualquer maneira, mas o gatilho para o desenvolvimento foi a presença de um time basco na primeira perna de uma turnê mundial, que pretendia chamar atenção para a causa basca durante a Guerra Civil Espanhola. Como eram tão raros, os jogos contra times estrangeiros eram aguardados com muita expectativa, ainda mais em 1937, depois do lançamento, no ano anterior, de *Vratar (O goleiro)*, comédia musical extremamente popular de Semyon Timoshenko: um garoto de família da classe trabalhadora — interpretado pelo ídolo das matinês, Grigori Pluzhnik — é escolhido pelo time local, após ser visto agarrando uma melancia que caía de um carrinho, para jogar contra uma equipe visitante. Previsivelmente, depois de fazer várias defesas, o herói atravessa o campo e marca o gol da vitória no último minuto. A música mais famosa do filme trazia a óbvia alegoria política: “Ei, goleiro, prepare-se para a luta/ Você é a sentinela no gol./ Imagine que há uma fronteira atrás de si”.

Os visitantes da vida real, no entanto, com seis membros da equipe espanhola que fora à Copa do Mundo de 1934, não eram bodes expiatórios da propaganda soviética e, usando uma formação w-m, massacraram o Lokomotiv por 5 a 1 no primeiro jogo. O Dynamo foi batido por 2 a 1 e, depois de um empate em 2 a 2 contra um time de Leningrado, os bascos retornaram a Moscou para vencer um selecionado do Conselho Central do Dynamo por 7 a 4.

No último jogo dentro da Rússia, os bascos enfrentaram os campeões locais do Spartak. Determinado a encerrar o constrangimento, o chefe do conselho técnico do Spartak, Nikolai Starostin, chamou jogadores de outros clubes, incluindo os atacantes do Dynamo Kiev, Viktor Shylovskyi e Konstantyn Shcheghotskyi. Ambos tinham se destacado na vitória por 6 a 1 de um selecionado de Kiev sobre o Red Star Olympic — um jogo raro contra profissionais durante uma turnê

em Paris, em 1935. Starostin decidira enfrentar os bascos com o mesmo modelo do adversário, convertendo seu centromédio em terceiro zagueiro para tentar limitar a influência de Isidro Lángara, o centroavante basco. Como Starostin registra em seu livro *Beginnings of Top-level Football*, a medida não foi bem recebida. A principal voz crítica foi a do centromédio, seu irmão Andrei: “Quer que eu fique famoso em toda a União Soviética?”, perguntou ele. “Você está me negando espaço para respirar! Quem vai ajudar o ataque? Você está destruindo a tática que tem sido desenvolvida há anos...”

Mas essa não era a primeira experiência do Spartak com um terceiro zagueiro. Dois anos antes, lesões durante uma turnê pela Noruega forçaram o time a alterar o usual 2-3-5. “O Spartak usou uma versão defensiva do W-M, colocando um médio próximo aos zagueiros”, contou Alexander Starostin, outro dos irmãos. “Quando necessário, ambos os atacantes interiores recuavam.” Impressionado pelas possibilidades do sistema, o Spartak seguiu experimentando com o terceiro zagueiro por um breve período, durante a preparação para a temporada de 1936. “Essa ideia, corajosa mas impopular no país, foi abandonada após uma derrota para o Dynamo [Moscow] por 5 a 2 num amistoso”, disse Nikolai Starostin. “Agora vinha a segunda tentativa, novamente um amistoso, mas dessa vez um encontro internacional muito importante. Era um risco enorme.”

E não apenas no ponto de vista esportivo. As autoridades levaram o jogo tão a sério que Ivan Kharchenko, o presidente do Comitê de Educação Física, Alexander Kosarev, o líder do Comsomol (organização juvenil do Partido Comunista da URSS), e vários outros membros do partido dormiram no centro de treinamentos do Spartak, em Tarasovka. “O Spartak era a última esperança”, escreveu Nikolai Starostin em sua autobiografia, *Football Through the Years*. “Foi um inferno! Havia cartas, telegramas, ligações oferecendo conselhos e desejando boa sorte. Eu fui chamado por vários chefes, de diferentes níveis, e eles explicaram que todo o país esperava a nossa vitória.”

O dia não começou de forma auspiciosa: o Spartak ficou preso em um congestionamento e o início do jogo teve de ser adiado. Os soviéticos estiveram em vantagem no placar duas vezes no primeiro tempo, mas os bascos empataram. No entanto, depois que Shylovskiy converteu um

pênalti polêmico aos doze minutos do segundo tempo, o Spartak dominou. Vladimir Stepanov completou um *hat-trick* na vitória por 6 a 2. Nikolai Starostin declarou que a atuação de seu irmão, na nova função em que tinha jogado, fora “brilhante”, mas os jornais e o goleiro (Anatoly Akimov) discordaram, argumentando que Lángara o teria dominado no jogo aéreo, chegando a marcar um dos gols dos bascos.

Aquele resultado foi o ponto fora da curva. Os bascos seguiram viagem e bateram o Dynamo Kiev, o Dinamo Tbilisi e um time que representava a Geórgia, o que levou à publicação de um artigo furioso no *Pravda*. Sob a exigente manchete “Os jogadores soviéticos devem se tornar invencíveis”, o texto expôs o que era óbvio: “O desempenho dos bascos na URSS mostrou que nossos melhores times estão longe do que há de melhor [...]. As deficiências do futebol soviético são particularmente inaceitáveis, porque não há jovens como os nossos em outros países, jovens abraçados pelo cuidado, pela atenção e pelo amor do partido e do governo”.

Em meio às fortes palavras, havia bom senso. “Está claro”, prosseguiu o artigo, “que melhorar a qualidade dos times soviéticos depende diretamente de realizar jogos contra oponentes sérios. Os jogos contra os bascos foram altamente benéficos para os nossos jogadores (passes longos, jogadas pelos lados, cabeceios).”

Quatro dias depois, os bascos comprovaram os argumentos do *Pravda* ao completar a perna soviética de sua turnê com uma vitória por 6 a 1 sobre um time de Minsk. As lições dadas pelos bascos, no entanto, não foram esquecidas. Demorou para que fossem atendidos os pedidos por um maior envolvimento em jogos internacionais, mas tinha havido o reconhecimento de que o W-M oferecia diversas possibilidades interessantes.

O homem que se debruçou sobre elas mais ansiosamente foi Boris Arkadiev. Já altamente respeitado, ele se estabeleceu como o primeiro grande teórico do futebol soviético. Seu livro de 1946, *Tactics of Football*, foi por anos considerado uma bíblia para técnicos do leste europeu.

Nascido em São Petersburgo em 1899, Arkadiev se mudou para Moscou após a Revolução. Lá, paralelamente a uma carreira respeitável como jogador de futebol, ele deu aulas de esgrima na academia militar Mikhail Frunze. Foi a esgrima, como ele explicou posteriormente, que o

convenceu do valor do contra-ataque. Depois de levar o Metallurg Moscow, um dos menores clubes da capital, a um terceiro lugar na temporada inaugural da Supreme League em 1936, Arkadiev assumiu o Dynamo Moscow, que havia conquistado o título. No Dynamo, sua mente incansável e sua imaginação fértil — sem falar no hábito de levar seus jogadores para visitas a galerias de arte antes de jogos importantes — rapidamente lhe renderam a reputação de excêntrico brilhante. Sua primeira temporada produziu os títulos da liga e da copa, mas ele teve de repensar suas táticas, pois as lições dos bascos revolucionaram o futebol soviético.

“Após a turnê dos bascos, todos os principais times soviéticos começaram a se reorganizar com o espírito do novo sistema”, escreveu Arkadiev. “O Torpedo se colocou à frente dos rivais nesse aspecto e, com vantagens táticas, teve uma excelente primeira metade da temporada de 1938. No ano seguinte, todos os nossos times já tinham adotado o novo sistema.” Os efeitos da mudança sobre o Dynamo foram dolorosos: a equipe ficou em quinto lugar em 1938, mas apenas em nono no ano seguinte. Lavrentiy Beria, o notório chefe da KGB e patrono do clube, se desesperava pela volta das vitórias, e ações drásticas eram necessárias.

Outros teriam retornado ao básico, mas não Arkadiev: ele levou as coisas adiante. Havia se convencido de que o segredo tinha menos a ver com os jogadores disponíveis e mais com a forma como se organizavam. Então, em fevereiro de 1940, durante a pré-temporada numa estância no Mar Negro, Arkadiev tomou a decisão inédita de dar um treino de duas horas apenas sobre tática. Seu objetivo, disse ele, era introduzir uma variação refinada do W-M. “Para enfrentar o terceiro zagueiro, muitos times, nossos e estrangeiros, passaram a empregar jogadores que se movimentavam indefinidamente pelo ataque”, explicou. “Essa abordagem criativa não foi muito longe, mas acabou sendo o início de uma perestroika tática radical no nosso futebol. Sendo absolutamente honesto, alguns jogadores começaram a vagar pelo ataque por razões que não tinham nada a ver com tática. Às vezes, era simplesmente porque tinham força, velocidade ou resistência de sobra para sair de seu território de atuação e, tendo deixado sua ‘casa’, passaram a rodar pelo campo. Então, você tinha quatro jogadores [dos cinco atacantes] que mantinham uma posição e movimentos convencionais e, de repente,

um deles rompia o padrão para correr em diagonal para a direita ou esquerda. Ficava difícil para a defesa marcá-lo, e os outros atacantes se beneficiavam porque tinham um companheiro livre para passar a bola.”

A temporada começou mal, com empates contra o Krylya Sovetov Moscow e o Traktor Stalingrad, além de uma derrota contra o Dinamo Tbilisi, mas Arkadiev não fraquejou. No dia seguinte à derrota em Tbilisi, ele reuniu seus jogadores e pediu que escrevessem um relatório comentando suas atuações individuais e as de seus companheiros. O ambiente melhorou, os jogadores pareciam começar a compreender as intenções de Arkadiev. Em 4 de junho, com um estilo rápido de passes curtos, eles venceram o Dynamo Kiev por 8 a 5. O time venceu o mesmo adversário, na Ucrânia, por 7 a 0 e, em agosto, goleou os campeões do Spartak por 5 a 1. O Dynamo Moscow venceu os sete últimos jogos da temporada, marcando 26 gols e sofrendo apenas três. “Nossos jogadores trabalharam para sair de um W-M esquemático, para aplicar a alma russa à invenção inglesa, para acrescentar ao jogo a nossa negação dos dogmas”, disse Arkadiev. “Nós confundimos os adversários, desarmando-os com nossos movimentos repentinos. Nosso ponta-esquerda, Sergei Ilyin, marcou a maioria de seus gols na posição de centroavante; nosso ponta-direita, Mikhail Semichastny, fez gols como interior esquerdo; e nosso centroavante, Sergei Solovyov, a partir dos flancos.”

Os jornais aclamaram a “desorganização organizada”, enquanto os rivais procuraram formas de combatê-la. A solução mais comum era fazer a marcação homem a homem, ao que Arkadiev respondeu com trocas de posição ainda mais frequentes. “Com a transição da linha defensiva de um jogo por zona para a marcação de atletas específicos”, escreveu, “tornou-se taticamente lógico que todos os atacantes e até mesmo os meios-campistas trocassem de posição, enquanto os defensores também assumiam um sistema móvel, seguindo os adversários por onde iam.”

É importante esclarecer exatamente o que Arkadiev quis dizer com “jogo por zona”. Não se trata do sistema integrado de “marcação por zona”, que Zezé Moreira introduziu no Brasil no começo dos anos 1950 e que Viktor Maslov aplicaria mais tarde com tanto sucesso no Dynamo Kiev. Arkadiev se referia à transição do simples jogo por zona do 2-3-5,

em que um zagueiro ficava do lado esquerdo e outro do lado direito, para o sistema fixo do W-M, no qual cada jogador sabia que adversário deveria marcar (o lateral direito marcava o ponta-esquerda; o médio, mais à esquerda, marcava o interior direito; o centromédio marcava o centroavante etc.). Na Inglaterra, isso aconteceu quase organicamente conforme o W-M se desenvolvia; como o W-M chegou pronto à URSS, houve um período de confusão inevitável, à medida que suas ramificações defensivas eram adotadas.

Muito gradualmente, um dos médios restantes assumiu um papel mais defensivo, oferecendo cobertura adicional aos três defensores, o que por sua vez significava que um dos atacantes interiores deveria recuar para cobri-lo. Era um processo lento, que seria acelerado no outro lado do mundo, mas o 3-2-2-3 estava a caminho de se tornar o 4-2-4. Axel Vartanyan, reconhecido historiador do futebol soviético, acredita até mesmo que Arka diev tenha sido o primeiro homem a usar uma linha de quatro jogadores na defesa.

A guerra provocou a dissolução da liga, e Arkadiev trocou o Dynamo pelo CDKA (precursor do CSKA) em 1943. Ele ganhou cinco campeonatos antes de o clube ser desfilado, quando Stalin o responsabilizou pela derrota da URSS para a Iugoslávia nas Olimpíadas de 1952. Enquanto isso, o Dynamo, aplicando os princípios de Arkadiev, encantou a Grã-Bretanha com seu estilo de passes curtos — o *passovotchka*, como ficou conhecido — durante uma turnê de reconciliação após o fim das hostilidades, em 1945.

Os dias anteriores ao primeiro jogo dessa excursão, contra o Chelsea em Stamford Bridge, foram marcados por preocupações políticas, mais precisamente pelo medo de que as faltas provocassem confusões, como acontecia quando times britânicos visitavam a América do Sul.

O Chelsea estava em décimo primeiro lugar na Southern Division — a retomada de uma liga completa só aconteceria meses depois — e teve dificuldades para conseguir o empate em 3 a 3 — na comparação com os visitantes, a falta de sofisticação dos ingleses ficara evidente. Assim como Sindelar atormentou a Inglaterra ao jogar recuado, da mesma maneira que Nándor Hidegkuti viria a fazer anos depois, Konstantin Beskov confundiu o Chelsea ao não operar na área normalmente ocupada por um atacante central.



CHELSEA 3 A 3 DYNAMO MOSCOW, AMISTOSO STAMFORD EM STAMFORD BRIDGE,
LONDRES, 13 DE NOVEMBRO DE 1945

Mas o aspecto mais admirável do jogo do Dynamo foi a energia, bem como a inteligência com que eles a utilizavam. “Os russos se moviam todo o tempo”, reclamou o lateral esquerdo do Chelsea, Albert Tennant. “Nós quase não conseguíamos acompanhá-los.” Davie Meiklejohn, ex-capitão do Rangers, escreveu no *Daily Record*: “Eles trocavam posições a ponto de o ponta-esquerda correr até a ponta direita e vice-versa. Eu nunca tinha visto o futebol jogado dessa forma. Tentar seguir os jogadores em suas posições, pensando nas informações do programa do jogo, era como tentar resolver um quebra-cabeça chinês. Eles simplesmente perambulavam por todos os lados, mas o mais impressionante foi que não se atrapalharam em momento nenhum”.

O Dynamo destruiu o Cardiff por 10 a 1, venceu o Arsenal por 4 a 3 e empatou em 2 a 2 com o Rangers. A apreciação de seus métodos se tornou ainda mais efusiva. No *Daily Mail*, Geoffrey Simpson mencionou “um tipo de futebol que, em categoria, estilo e eficiência está muito à frente do nosso. No que se refere ao entretenimento... Bem, aqueles que

gritam tanto nos jogos da nossa liga podem estar se perguntando por que é que se descabelavam”. A questão, então, passou a ser: o estilo deles estava ligado à ideologia?

Ouviram-se comentários — de novo — sobre o futebol ser jogado como o xadrez (no caso, o futebol dos soviéticos), e sugestões de que boa parte do jogo do Dynamo se baseava em movimentos previamente planejados. Pode se tratar de uma metáfora fácil a referência ao futebol comunista como algo construído em torno do time como uma unidade, com os jogadores sendo vistos como meras peças de encaixe, numa oposição ao jogo britânico, que permitia maior expressividade. Mas isso não significa que não haja algo de verdade nessa ideia. Alex James, o ex-interior do Arsenal, escreveu no *News of the World* que o sucesso do Dynamo “reside no trabalho de equipe, em que há um padrão. Não há individualistas no time, como um [Stanley] Matthews ou um [Raich] Carter. Eles jogam com um plano, que repetem e repetem, havendo poucas variações. Seria muito fácil encontrar um método para vencê-los. Essa carência de individualidade é uma grande fraqueza”. Ou talvez seus grandes jogadores — e ninguém negaria que Beskov, Vsevolod Bobrov e Vasili Kartsev eram atletas bem-dotados tecnicamente — simplesmente usassem suas qualidades de uma maneira diferente.

Mikhail Yakushin, o substituto de Arkadiev como técnico do Dynamo, parecia tão disposto a vender a ideia da ideologia quanto a imprensa inglesa. “O princípio do jogo coletivo é o que guia o futebol soviético”, disse ele. “Ao jogador não basta ser bom genericamente; ele deve ser bom para um time em particular.” Mas e Matthews? “Suas qualidades individuais são excelentes”, Yakushin respondeu, “mas nós colocamos o futebol coletivo em primeiro lugar e o futebol individual em segundo, por isso não privilegiamos o estilo dele, que faria o trabalho de equipe sofrer.”

Na Grã-Bretanha, esse pensamento era revolucionário, e nos propõe uma teoria intrigante. De modo geral, apesar de Bob McGory ter tentado replicar o estilo *passovotchka* no Stoke City sem muito sucesso — o que talvez não tenha sido uma surpresa, já que Matthews estava no time —, as lições da turnê do Dynamo foram ignoradas. Considerando que o futebol britânico rejeitou ou foi condescendente com as evidências de evolução do jogo provenientes da América do Sul e da Europa central, é

pouco provável — mesmo nos anos revolucionários logo depois da guerra — que tivesse se desfeito de seu conservadorismo em qualquer cenário, mas talvez pudesse ter sido mais aberto a inovações caso não contasse com tantos ótimos pontas. Por que mudar uma formação que permitia que gente como Matthews, Tom Finney e Len Shackleton (na Inglaterra), ou Willie Waddell, Jimmy Delaney e Gordon Smith (na Escócia), expressasse ao máximo seu talento?

O melhor momento de Matthews, talvez o ponto alto do jogo de pontas inglês, foi a final da FA Cup de 1953, quando suas fintas e dribles inspiraram o Blackpool a virar para 4 a 3 um jogo que perdia por 3 a 1, contra o Bolton. Seis meses depois, no mesmo gramado, a Hungria destruiu a Inglaterra por 6 a 3, e a manchete do *Daily Mirror* proclamou o “Crepúsculo dos deuses (do futebol)”. Em termos de dependência dos pontas para prover a arte no jogo, a manchete estava certa.

A ironia, claro, é que Herbert Chapman, o pai do W-M, tinha muitas desconfianças em relação ao jogo com os pontas. Seu sistema, o primeiro desenvolvimento tático significativo no futebol inglês em quase meio século, tinha a princípio deixado os pontas em segundo plano, mas acabou se consolidando de fato justamente pelo trabalho deles: a mesma característica de imobilização que sua inovação havia suprimido acabou retornando para impedir uma nova escala de progresso. Para os técnicos que dirigiam esses jogadores, continuar com eles era a coisa lógica a fazer. O desempenho da Inglaterra nos anos imediatamente posteriores à guerra foi bom: a partir de maio de 1947, foram quase dois anos sem sofrer uma derrota, uma sequência que incluiu uma demolição de Portugal por 10 a 0, no Estoril, e uma goleada por 4 a 0 sobre a Itália, ainda a campeã do mundo, em Turim. O desempenho dos escoceses foi irregular, mas contou com seis vitórias consecutivas a partir de outubro de 1948. O problema foi que o brilho daqueles pontas acabou cegando a Grã-Bretanha para os avanços táticos realizados em outras paragens — e, após a visita do Dynamo, se passariam oito anos até que os olhos da Inglaterra fossem abertos, definitiva e abruptamente.



6. A conexão húngara

As experiências com o *Wunderteam* e a turnê *passovotchka* do Dynamo Moscow tinham oferecido pistas sobre o futuro, mas foi apenas em 1953 que a Inglaterra finalmente aceitou a realidade de que o jogo da Europa continental tinha alcançado um nível de excelência que nenhuma quantidade de suor e esforço poderia compensar.

O embate entre ingleses e o *Aranycsapat*, o “Esquadrão de Ouro” da Hungria, em Wembley, em 25 de novembro daquele ano — os campeões olímpicos, invictos fazia três anos, contra a pátria-mãe do futebol, que ainda se considerava suprema —, foi anunciado como “o jogo do século”. Pode ter sido uma hipérbole de marketing, mas nenhum outro jogo ressonou tanto ao longo da história do futebol inglês. A Inglaterra já tinha perdido para adversários estrangeiros — a derrota mais humilhante tinha sido para os Estados Unidos, na Copa do Mundo, três anos antes — mas, à exceção de uma derrota para a República da Irlanda, no Goodison Park, em 1949, nunca havia sido vencida em sua casa, onde o clima, as condições e a arbitragem não eram desculpas. Os ingleses decerto nunca tinham sido batidos categoricamente. A vitória da Hungria por 6 a 3 não foi o momento em que o declínio britânico começou, mas o momento em que ele foi reconhecido. Tom Finney, machucado e assistindo ao jogo da tribuna de imprensa, recorreu à metáfora equina que Gabriel Hanot tinha usado trinta anos antes. “Foi como se cavalos de carga enfrentassem cavalos de corrida”, disse ele.

Na primeira metade do século xx, sob os pontos de vista futebolístico e político, a Hungria existiu sob a sombra da Áustria. Sua maneira de pensar tinha inevitavelmente sido influenciada por Hugo Meisl e a “espiral danubiana”, mas o ponto crucial era que se tratava de um *pensamento*, de uma ideia sobre o jogo. Em Budapeste, assim como em Viena, o futebol era tema para debate intelectual. Foi por isso que Arthur Rowe foi convidado para lecionar lá sobre o w-m em 1940 — como mais tarde ele ainda se dedicaria a desenvolver o um-dois, o movimento de “parede” para as tabelas, imagina-se que seu foco tenha sido em

aspectos mais sutis do sistema do que simplesmente a questão sobre o centromédio e o *stopper*, que dominava as reflexões dos técnicos ingleses da época.

Deixando de lado a negatividade que acompanhou o sistema, o principal efeito da concepção predominante do W-M foi a modulação da forma de jogar do centroavante. Os técnicos logo se cansaram de ver atacantes dribladores e rápidos serem dominados fisicamente pelos centromédios que recuavam, então recorreram a aríetes corpulentos, o tipo de jogador que ainda é chamado na Grã-Bretanha de “número 9 clássico”: “o touro descerebrado”, na caracterização de Glanville. Se Matthias Sindelar representava o ideal de atacante cerebral do centro da Europa, o centroavante do Arsenal, Ted Drake — forte, potente, corajoso e quase incapaz de pensar — simbolizou o modelo inglês.

Mas assim como não haveria lugar para *Der Papierene* na Inglaterra nos anos 1930, era impossível haver grandes atacantes rompedores na Hungria dos anos 1940. Essa situação apresentava um problema, porque, exceto em relação a alguns idealistas, o 2-3-5 deu passagem ao W-M na cabeça de todos: a Hungria então precisava começar a desenvolver o modelo inglês de centroavante ou criar um novo sistema que mantivesse a solidez defensiva do W-M sem se socorrer de uma referência musculosa no ataque.

Foi Martón Bukovi, o técnico do MTK (ou Vörös Lobogó, nome adotado após a nacionalização em 1949), quem encontrou a solução depois que seu “tanque”, o romeno de nascimento Norbert Höfling, foi vendido para a Lazio em 1948. Ele concluiu que, se não tinha o estilo certo de centroavante, em vez de insistir em atletas inadequados para a posição, era melhor acabar com ela de uma vez. E inverteu o W do W-M, desenvolvendo o que era efetivamente um M-M.

Gradualmente, à medida que o centroavante recuava mais e mais para se tornar um meio-campista auxiliar, os dois pontas foram avançando, de modo a criar uma linha fluida de quatro homens de frente. “O centroavante vinha encontrando cada vez mais dificuldades com um marcador em seu pescoço”, explicou Nándor Hidegkuti, o homem que atormentou a Inglaterra desde sua posição mais recuada em Wembley. “Então surgiu a ideia de fazer o número 9 jogar mais atrás, onde havia algum espaço.”

Ele prosseguiu: “Como extremo na linha média (o ponta-médio), o MTK tinha um bom jogador em termos ofensivos, que distribuía a bola com precisão: Péter Palotás. Péter nunca teve um chute forte, mas ninguém esperava que ele marcasse gols e, mesmo passando a usar a camisa 9, ele continuou jogando como estava habituado. Posicionando-se no meio de campo, Péter recebia passes da defesa e mantinha os pontas e os atacantes interiores bem abastecidos de passes [...]. Com Palotás recuando a partir da posição de centroavante, seu jogo se chocava com o dos pontas-médios, então inevitavelmente um deles foi recuado para uma posição defensiva, enquanto o outro seguia posicionado no meio, para as jogadas combinadas com Palotás”.

Hidegkuti jogava como ponta no MTK, então, logicamente, quando Gusztáv Sebes decidiu usar o sistema em nível nacional, escolheu Palotás como seu atacante recuado. E o manteve ao longo da conquista olímpica da Hungria em 1952, quando Hidegkuti jogou principalmente no lado direito. Mas, naquele mês de setembro, Palotás foi substituído por Hidegkuti em um amistoso contra a Suíça, com a Hungria perdendo por 2 a 0. Sebes tinha feito essa troca em amistosos contra a Itália e a Polônia, levando o comentarista de rádio György Szepesi a concluir que ele estava fazendo experiências para descobrir se Hidegkuti, aos trinta anos, seria capaz de jogar mais recuado. A Hungria reagiu e venceu por 4 a 2, e Hidegkuti foi tão influente que sua posição se tornou incontestável. “Ele era um grande jogador, formidável para ler o jogo”, disse Ferenc Puskás. “Era perfeito para o papel, posicionando-se à frente do meio de campo, realizando passes impressionantes, arrastando a defesa adversária e fazendo corridas fantásticas para anotar gols.”

Praticamente todos se referiam a Hidegkuti como um centroavante recuado, mas o termo, derivado principalmente do número de sua camisa, é enganoso. Na terminologia moderna, ele era simplesmente um meia-atacante. “Eu costumava me posicionar na região do meio do campo, ao lado de [József] Zakariás”, explicou, “enquanto [József] Bozsik, do outro lado, muitas vezes avançava até a área do adversário e marcava vários gols também. Na linha de frente, os goleadores mais frequentes eram Puskás e [Sándor] Kocsis, os dois atacantes interiores, e eles se posicionavam mais perto do gol inimigo do que era usual no sistema W-M [...]. Após uma breve experiência com essa nova estrutura,

Gusztáv Sebes decidiu pedir aos dois pontas que recuassem um pouco na direção do meio de campo, a fim de receber os passes de Bozsik e os meus, e com isso se deu o toque final do desenvolvimento tático.”

Mas foi Hidegkuti quem destruiu a Inglaterra. Os jogadores ingleses tinham crescido numa cultura em que os números denotavam as posições. O ponta-direita, número 7, enfrentava o zagueiro lateral esquerdo, número 3; o centromédio, número 5, cuidava do centroavante, número 9. Isso era algo tão fundamental que o comentarista de televisão Kenneth Wolstenholme se sentiu obrigado a explicar o costume estrangeiro a seus telespectadores, nos primeiros minutos do jogo: “Você pode estar confuso com alguns números húngaros”, disse, com certa condescendência. “A razão é que eles numeram os jogadores obedecendo a uma ordem lógica, com o centromédio usando o número 3 e os zagueiros usando 2 e 4.” Em outras palavras, eles faziam a numeração seguir o que se via no campo, em vez de usar um costume arcaico: como um inglês seria capaz de lidar com isso? E, mais importante, o que o centromédio deveria fazer se o centroavante rival continuava se movendo na direção da linha do meio de campo? “Para mim”, escreveu em sua autobiografia Harry Johnston, centromédio da Inglaterra naquele dia, “a tragédia foi a total impotência [...]. Ser incapaz de fazer qualquer coisa para alterar a perspectiva sombria.” Se ele o seguisse, seria aberto um buraco entre os dois zagueiros; se o deixasse, Hidegkuti poderia continuar flutuando sem ser incomodado, ditando as jogadas. No final, Johnston ficou perdido entre as duas opções e Hidegkuti marcou três gols. Syd Owen, substituto de Johnston na revanche em Budapeste seis meses depois, não se deu melhor, e a Inglaterra foi batida por 7 a 1.

Mas Hidegkuti não foi o único a deixar a Inglaterra perplexa. O sistema e o estilo de jogo dos húngaros eram alienígenas. “Era como jogar contra pessoas do espaço sideral”, disse Owen. Billy Wright, o capitão da Inglaterra, admitiu: “Nós subestimamos completamente os avanços que os húngaros tinham feito”. Diz muito sobre o estado técnico geral do futebol inglês, àquele momento, que Wolstenholme tenha se encantado com embaixadinhas desinteressadas de Puskás antes do apito inicial. Se isso já provocaria constrangimentos em um observador da Inglaterra moderna, não seria nada perto do que Frank Coles escreveu

no *Daily Telegraph* na manhã do jogo. “Os esplêndidos malabaristas húngaros”, afirmou, com fé nos poderes duradouros da determinação inglesa, “podem ser parados por carrinhos firmes.” Não é surpresa que Glanville tenha dito que a derrota “deu olhos aos cegos”.

E ainda assim não foi apenas uma questão técnica; aliás, talvez a técnica não tenha sido sequer o aspecto primordial. Sim, a Hungria tinha Puskás, Hidegkuti, Kocsis, Bozsik e Zoltán Czibor, cinco dos maiores jogadores da época e, em Sebes, um técnico inspirador e metódico; no entanto, como o zagueiro lateral direito húngaro Jenő Buzánszky reconheceu, “foi pela tática que a Hungria venceu. O jogo mostrou o choque de dois tipos de formação e, como costuma acontecer, a formação mais nova e mais desenvolvida prevaleceu”. Talvez seja errado separar os dois aspectos, pois, se a tática permitiu que a técnica florescesse, sem a técnica a tática seria infrutífera. A Inglaterra demorou a reagir aos problemas (e certamente foi negligente ao não abordá-los antes da revanche em Budapeste, seis meses depois), mas é difícil argumentar que seu técnico, Walter Winterbottom, tenha escolhido a tática errada naquele dia. O problema era, na verdade, endêmico.

Na manhã seguinte, Geoffrey Green escreveu no *The Times* que a Inglaterra “se percebeu num mundo estranho, um mundo de espíritos vermelhos que rodopiavam, pois os húngaros se moviam em velocidade devastadora, com formidável habilidade e potentes conclusões, em suas camisas brilhantes cor de cereja. Fala-se sobre a nova concepção de futebol como algo desenvolvido pela Europa continental e pelos sul-americanos. A maior crítica a esse sistema sempre foi a carência de ímpeto perto do gol. Alguns já sugeriram também que a perfeição no futebol poderia ser encontrada no meio do caminho entre o método britânico, mais vigoroso e aberto, e esse outro, mais esquadrihado e de infiltrações. Ontem, os húngaros, com um perfeito trabalho de equipe, demonstraram esse meio-termo à perfeição”.

Não que Sebes enxergasse sua Hungria como o meio-termo de coisa alguma. Tendo organizado um movimento trabalhista na fábrica da Renault em Paris, antes da guerra, suas credenciais comunistas eram impecáveis. E ainda que ele se certificasse de dizer o que seu governo queria ouvir, não há razão para crer que não expressasse a própria opinião ao insistir que o sucesso da Hungria, obviamente baseado no

jogo de equipe em oposição à individualidade desagregada da Inglaterra, era uma vitória para o socialismo. Naquela noite de novembro, enquanto as bandeiras mal se mexiam em meio à neblina acima das Torres Gêmeas de Wembley — que espelhavam à exatidão o trabalho de Edwin Lutyens em Nova Delhi —, não era preciso muita imaginação para reconhecer a derrota simbólica do Império.

O futebol, com certeza, não é jogado no quadro-negro. Por melhor que seja o sistema, o sucesso em campo requer um acordo — no melhor cenário, origina-se dessa simbiose — entre a teoria e os jogadores disponíveis. A ideia de Bukovi era perfeita para a Hungria, pois quatro homens de frente e um centroavante recuado permitiam a fluidez no ataque que se adequava à mentalidade de seus atacantes. Para quem assiste ao vídeo do jogo hoje, é revelador que, na metade do primeiro tempo, Wolstenholme tenha observado, a meio caminho entre o divertimento e o assombro, que o “*exterior-esquerdo* Czibor apareceu para pegar a bola na posição de exterior-direito”.

Ter fluidez é ótimo, mas é claro que, quanto mais fluido um time for, mais dificuldades ele terá em manter a estrutura necessária para defender. Sebes era excelente nessa área. Preocupava-se tanto com os detalhes que fez seu time treinar com as mesmas bolas (mais pesadas) usadas na Inglaterra e em um campo com as mesmas dimensões de Wembley. Seu caderno de anotações mostra cuidado semelhante com a parte tática do jogo. Ele encorajava os dois zagueiros de lado — Buzánszky e Mihály Lantos — a avançar, mas isso significava que o central — Gyula Lóránt — tinha de recuar ainda mais para uma posição equivalente à do líbero ultradefensivo do sistema “ferrolho” de Karl Rappan. Puskás tinha licença para se deslocar por onde quisesse, enquanto Bozsik, o jogador mais à direita do que era em tese a linha média, era estimulado a ir à frente para ajudar Hidegkuti. Isso exigia um movimento defensivo correspondente, que cabia ao jogador à esquerda da linha média, Zakariás, o qual, no plano tático que Sebes desenhou em seu caderno, aparece tão recuado que está quase entre os dois zagueiros de lado. Dois zagueiros, duas presenças no centro da defesa, dois jogadores correndo no meio do campo e quatro no ataque: o sistema húngaro estava a um passo do 4-2-4.



INGLATERRA 3 A 6 HUNGRIA, AMISTOSO EM WEMBLEY,
LONDRES, 25 DE NOVEMBRO DE 1953

E mesmo assim as realizações do *Aranycsapat* não foram completas. Depois de 36 jogos de invencibilidade, a Hungria desperdiçou uma vantagem de dois gols na derrota por 3 a 2 para a Alemanha Ocidental, na final da Copa do Mundo de 1954. No final, a má sorte, um campo enlameado que prejudicou seu jogo de passes, uma pequena dose de complacência e a descomplicada estratégia do técnico Sepp Herberger — que mandou Horst Eckel marcar Hidegkuti individualmente — determinaram o destino dos húngaros. Um sistema idealizado para liberar o centroavante das garras de seu marcador caiu quando o marcador foi deslocado para perto dele.

Mas talvez eles tenham pago, também, pela fragilidade defensiva. Mesmo considerando os padrões ofensivos da época, a defesa húngara era porosa. Os três gols da Alemanha elevaram o total para dez no torneio, enquanto em 1953 a Hungria sofrera onze gols numa sequência de seis jogos que terminou com a vitória por 6 a 3 em Wembley. Na opinião geral, os três gols marcados serviram como um elogio à

Inglaterra, uma observação feita à época para enfatizar a superioridade da Hungria. Mas também poderiam ser vistos como prova de certa frouxidão na defesa húngara.

O problema em manter só três jogadores atrás é que a defesa opera com o zagueiro pela esquerda se aproximando do central quando o ataque vem pelo lado direito e vice-versa, o que a torna vulnerável a uma virada de jogo que, na hipótese menos grave, oferece espaço para o ponta do lado oposto. Zakariás, teoricamente um jogador de meio de campo, não jogou suficientemente recuado para dar a cobertura adicional que permitiria a um zagueiro aberto permanecer mais próximo ao ponta que deveria marcar.

Independentemente da causa da derrota em Berna, a resposta na Hungria foi furiosa. Quando os húngaros retornaram após a vitória sobre a Inglaterra, o *Aranycsapat* foi recebido por multidões; após perder a final da Copa do Mundo, eles tiveram de ser desviados para a cidade de Tata, ao norte, a fim de evitar as manifestações nas ruas. Puskás foi perseguido em jogos do campeonato local, o filho de Sebes foi agredido na escola e o goleiro, Gyula Grosics, foi preso. Em 1955, a comissão técnica que Sebes montou foi dissolvida e, depois de uma derrota por 4 a 3 para a Bélgica no ano seguinte, ele próprio foi substituído por um comitê de cinco pessoas liderado por Bukovi. Mas em meio ao caos político e às subseqüentes deserções de vários jogadores, o trabalho do grupo foi inviabilizado. Sebes, enquanto isso, atuou como dirigente esportivo, tornando-se vice-diretor do Comitê Nacional de Esportes e Educação Física, antes de dirigir alguns times e se aposentar, em 1970. “Quando eu era garoto, Sebes morava na mesma região de Budapeste que eu”, lembra Tibor Nyilasi, o grande atacante do Ferencváros nos anos 1970. “Ele ia à praça onde eu jogava futebol com meus amigos e nos levava a seu apartamento, onde nos dava sanduíches e nos mostrava filmes em super-8 das vitórias por 6 a 3 e 7 a 1. Foi ele que me recomendou ao Ferencváros. Era como um avô. Ele vivia só para o futebol.”

Ainda que as apresentações da seleção nacional atraíssem mais atenção na época, não foi Sebes, mas outro húngaro do período, Béla Guttmann, quem teve a influência mais duradoura sobre o jogo. Dizer

que ele inventou o futebol brasileiro é um exagero, mas ele bem que tentou. O que não se discute é que Guttmann representou o último florescimento da grande era do futebol na Europa central; foi o último dos técnicos dos cafés, talvez até mesmo o último defensor da inocência no futebol.

Os dois grandes técnicos húngaros dessa era não podiam ser mais diferentes. Enquanto Sebes era um socialista comprometido, sempre pronto a falar sobre o Partido e jogar o jogo diplomático, Guttmann era um individualista impaciente, um homem consumido pelas circunstâncias e, por consequência, desconfiado da autoridade. O fim de sua carreira internacional como jogador não nega tais características. Selecionado para os Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, Guttmann ficou chocado com a preparação inadequada da Hungria. Havia mais dirigentes do que jogadores na delegação, que se hospedara num hotel perto de Montmartre: ideal para a vida social noturna dos dirigentes, terrível para os jogadores que precisavam dormir. Em forma de protesto, Guttmann liderou alguns companheiros numa expedição de caça a ratos no hotel, e amarrou os roedores pelo rabo na maçaneta das portas dos quartos dos dirigentes. Nunca mais voltou a jogar por seu país. Guttmann viveu a vida como o convidado que o mundo rejeitou, sempre pronto ao desdém, irritante e irritado em proporções iguais.

Nascido em Budapeste, em 1899, numa família de dançarinos, Guttmann se formou instrutor de dança clássica aos dezesseis anos. Mas o que o fascinava realmente era o futebol: jogando como um tradicional centromédio ofensivo — relatos da época o descrevem como “elegante” —, chamou atenção suficiente pelo Törekvés, da primeira divisão, para se transferir em 1920 ao MTK, um clube visto como representante dos judeus de classe média de Budapeste, que ainda jogava com o estilo introduzido por Jimmy Hogan.

A princípio, Guttmann era reserva de Ferenc Nyúl, que logo em seguida foi jogar no clube romeno Hagibor Cluj, permitindo que o jovem funcionasse como o eixo do MTK na campanha do título de 1921 — o sexto de uma sequência de dez conquistas interrompida apenas pelos três anos da guerra. Mas, na temporada seguinte, Nyúl voltou. Sacado do time, Guttmann fez o que faria durante toda a carreira: foi embora, seguindo a trilha de muitos judeus que iam para Viena,

temendo uma perseguição por parte do regime de Miklós Horthy. Era a primeira de 23 mudanças de país que Guttmann faria.

O antissemitismo não era desconhecido em Viena, mas foi lá, entre os intelectuais do futebol que se reuniam nos cafés, que Guttmann se sentiu em casa. “Mais tarde”, o jornalista Hardy Grüne escreveu no catálogo de um leilão de objetos relacionados a Guttmann, realizado na cidade alemã de Kassel, em 2001, “ele estaria em São Paulo, Nova York ou Lisboa sonhando com um *melange* [similar a um cappuccino] num café vienense, em meio a uma conversa de amigos sobre futebol.” Quando finalmente deixou de vagar pelo mundo, aos 75 anos, Guttmann retornou a Viena, onde morou num apartamento próximo à ópera de Walfischgasse.

Ele foi jogar no Hakoah, o principal clube judeu de Viena, em 1921, e complementou sua renda abrindo uma academia de dança. O Hakoah também praticava o estilo escocês de passes, conforme ordens do técnico Billy Hunter, que atuara no Bolton Wanderers — com Jimmy Hogan — e no Millwall. Ainda que a Europa central jamais tenha abraçado a brutalidade do estilo inglês, as ideias de Hunter provocariam um impacto duradouro.

O Hakoah se profissionalizou em 1925 e, com Guttmann como centromédio, venceu a edição inaugural do campeonato austríaco profissional no ano seguinte. Eram igualmente importantes para o clube as excursões que promoviam o vigor do judaísmo em geral, e o sionismo em particular. Em 1926, rotulado como o time dos “judeus invencíveis”, o Hakoah fez uma viagem pela costa leste dos Estados Unidos, na qual perdeu apenas dois dos treze jogos que disputou. Em termos financeiros e de imagem, a viagem foi um tremendo sucesso, e essa foi a causa da derrocada do Hakoah: os clubes americanos eram muito mais ricos e, atraído por um contrato vantajoso, Guttmann foi parar no Giants de Nova York; no final daquele ano, metade do time do Hakoah já estava instalada na mesma cidade.

Do ponto de vista futebolístico, Guttmann prosperou, vencendo a US Cup em 1929. Mas ao investir em um estabelecimento que vendia bebidas durante a Lei Seca, ele foi à ruína quando a economia se desintegrou após o crash de Wall Street. “Eu fiz buracos nos olhos de Abraham Lincoln na minha última nota de cinco dólares”, disse. “Achei

que assim ela não encontraria o caminho da porta de saída.” Seu gosto pelas boas coisas da vida — no Hakoah, por exemplo, ele exigia que suas camisas fossem de seda — fez Guttman prometer que jamais ficaria pobre novamente. Ele continuou nos Giants até o colapso da liga dos Estados Unidos, em 1932, voltando ao Hakoah para iniciar uma carreira de técnico que duraria 41 anos.

Ele permaneceu em Viena durante dois anos e, por recomendação de Hugo Meisl, foi trabalhar no clube holandês sc Enschede. Inicialmente, Guttman assinou contrato por três meses; quando o clube quis negociar um novo acordo, ele pediu um enorme bônus caso o Enschede vencesse a liga. Como o time vinha enfrentando dificuldades até mesmo para evitar o rebaixamento na Divisão Leste, os diretores concordaram. O Enschede renasceu rapidamente e, depois de ter passado muito perto de ganhar o título, seu principal executivo admitiu que torceu para que o time perdesse algumas partidas no final da temporada: o bônus de Guttman teria quebrado o clube.

Ele, contudo, teria aceitado o dinheiro sem nenhum remorso. Há técnicos que são construtores de dinastias, determinados a montar estruturas que levarão seus clubes ao sucesso mesmo depois de terem ido embora; Guttman era um assassino de aluguel: negociava duro e não admitia interferências. “A terceira temporada”, diria mais tarde, “é fatal.” Ele raramente durava tanto tempo. Após dois anos na Holanda, retornou ao Hakoah, fugindo para a Hungria depois da anexação da Áustria pela Alemanha.

Os acontecimentos seguintes são nebulosos. Sempre que perguntado sobre como sobrevivera à guerra, Guttman respondia: “Deus me ajudou”. Seu irmão mais velho morreu num campo de concentração, e parece provável que contatos feitos pelo Hakoah tenham ajudado Guttman a escapar para a Suíça, onde se estabeleceu. Certamente foi lá que conheceu sua mulher, mas ele sempre se recusou a falar sobre suas experiências durante a guerra, e sua biografia, publicada em 1964, contém apenas um parágrafo sobre o assunto: “Nos últimos quinze anos, incontáveis livros foram escritos sobre os anos de luta entre a vida e a morte. Portanto, seria supérfluo incomodar nossos leitores com esses detalhes”.

Em 1945, ele estava de volta à Hungria, no Vasas; na primavera seguinte, foi para a Romênia trabalhar no Ciocanul, onde quis ser remunerado em itens comestíveis para contornar a pouca oferta de comida e a inflação que afligiam a Europa na época. Sua saída do clube foi bastante típica. Quando um diretor resolveu interferir na escolha de jogadores, Guttmann se virou para ele e disse: “O.k., você dirige o clube então, já que parece ter o conhecimento básico”, e foi embora.

Na temporada seguinte, ganhou o campeonato húngaro com o Újpest, depois foi para o Kispest, onde substituiu o pai de Puskás como técnico. Um desentendimento com Puskás — que também tinha gênio difícil — seria inevitável, e veio após uma derrota por 4 a 0 para o Győri. Guttmann, que exigia que o futebol fosse jogado “do jeito certo”, tinha passado o primeiro tempo tentando acalmar o agressivo zagueiro Mihály Patyi. Furioso com ele, ordenou-lhe que não voltasse para o segundo tempo, mesmo que isso significasse deixar o Kispest com dez homens. Puskás disse ao defensor para continuar jogando. Patyi vacilou, mas por fim ignorou o técnico, o que fez Guttmann se sentar em meio ao público durante o segundo tempo e abrir um jornal. Após o jogo, ele foi para casa e não voltou mais.

Seguiu então em suas andanças: para a Triestina e o Padova, na Itália; para o Boca Juniors e o Quilmes, na Argentina; para o Apoel, no Chipre; e, no meio da temporada 1953-4, para o Milan. Ele levou o time ao terceiro lugar naquela temporada e liderava o campeonato quando foi dispensado após dezenove jogos em 1954-5, depois de uma série de problemas com os dirigentes. “Eu fui demitido”, ele disse numa entrevista coletiva organizada para anunciar sua saída, “mesmo não sendo um criminoso ou um homossexual. Adeus.” A partir de então, Guttmann exigiu uma cláusula em seus contratos que determinava que ele não poderia ser demitido enquanto seu time estivesse na liderança da liga.

Foi para o Vicenza, mas saiu após 28 jogos, ficando sem trabalho na maior parte de 1956, até que a Revolução Húngara lhe ofereceu uma oportunidade. Quando o Honvéd (como o Kispest ficou conhecido após ter sido incorporado pelo exército), tentando manter seus jogadores afastados do conflito, aceitou um convite para uma turnê pelo Brasil e pela Venezuela, Guttmann, já reconciliado com Puskás, foi posto no

comando. Ao perceber que era valorizado na América do Sul, decidiu permanecer e aceitou um contrato com o São Paulo. E assim, de acordo com o próprio treinador, o 4-2-4 foi exportado para o Brasil — ainda que a adoção do W-M e seus desenvolvimentos na América do Sul tenham se devido mais a dois outros judeus húngaros, que haviam fugido em 1930: Emerich Hirschl e Dori Kürschner.

Guttman conduziu o São Paulo ao título paulista em 1957, mas logo retornou à Europa, para o Porto. Um técnico, segundo ele, era como um domador de leões. “Domina os animais em sua jaula, onde faz seu show, desde que lide com eles com confiança e sem medo. Mas no momento em que fica em dúvida sobre sua energia hipnótica, e o primeiro sinal de medo surge em seus olhos, ele está perdido.” Guttman jamais permaneceu em algum lugar por tempo suficiente para que esse sinal de medo se materializasse.

Ele então ajudou o Porto a recuperar uma desvantagem de cinco pontos e superar o Benfica na luta pelo título, o que levou o próprio Benfica a contratá-lo. O treinador dispensou vinte jogadores logo após sua chegada e, promovendo jovens do clube, conquistou a liga em 1960 e 1961. E mais significativo ainda: com um estilo de jogo de muita fluidez, o Benfica derrotou o Barcelona por 3 a 2 na final da Copa da Europa de 1961, interrompendo uma sequência de cinco títulos seguidos do Real Madrid.

Mas isso não era suficiente para Guttman. Uma semana depois da final em Berna, ele promoveu a estreia daquele que se transformaria no maior jogador da história do clube: Eusébio. O moçambicano provavelmente jogaria no Sporting se Guttman não tivesse encontrado Carlos Bauer, que fora seu jogador no São Paulo, em uma barbearia de Lisboa. Bauer viajava com um time brasileiro para uma turnê de cinco semanas pela África, e Guttman pediu a ele que ficasse atento a jovens talentos. Cinco semanas depois, os dois se encontraram novamente na mesma barbearia. Bauer mencionou o atacante de um time de Lourenço Marques (como Maputo se chamava à época) que geralmente revelava jogadores para o Sporting. Quis contratá-lo, mas, além de não ter dinheiro, o jovem já estava prometido para os rivais. Guttman telefonou para o clube moçambicano, atravessou o negócio e conseguiu a assinatura de Eusébio dois dias depois. “Com a contratação de

Eusébio”, disse o treinador, “eu pude utilizar Mário Coluna mais recuado, mais como um médio que como um atacante interior. No início ele não gostou, porque não marcava tantos gols, mas se tornou meu melhor jogador.” Em outras palavras, Coluna se tornou o Hidegkuti do Benfica.

O Benfica terminou aquela temporada em terceiro lugar, sofrendo mais gols que o Sporting e o Porto — os dois times que ficaram acima na classificação — combinados. Talvez fosse um sinal de que o estilo ofensivo de Guttmann estava com os dias contados — “Eu nunca me preocupava quando o adversário marcava, porque sabia que nós poderíamos marcar outro também”, ele disse —, mas pouca gente pensou assim quando o Benfica virou para 5 a 3 um jogo que perdia por 2 a 0 (e depois por 3 a 2) contra o Real Madrid, na final da Copa da Europa daquele ano, em Amsterdã.

Puskás, que marcou três gols na derrota, procurou Eusébio ao final do jogo e lhe deu sua camisa, um gesto interpretado como a simbólica passagem do bastão de melhor jogador da Europa. De forma semelhante, o Benfica parecia ter suplantado o Real Madrid como o melhor time do continente e, com Eusébio ainda aos vinte anos, havia pouca razão para duvidar que o clube dominaria os anos 1960 como o Real Madrid fizera na década anterior. Isso, claro, se Guttmann tivesse permanecido.

Mas ele não permaneceu. Após a final, o técnico abordou os diretores do Benfica e perguntou se merecia algum tipo de bônus. Os dirigentes responderam que não havia nada a respeito em seu contrato. “Eu recebi 4 mil a menos para ganhar a Copa da Europa em comparação ao Campeonato Português”, disse Guttmann. “Os diretores não fizeram nada para mudar essa situação, então eu comecei a pensar em ir embora.”

Dois meses depois, ele foi. Ignorando as investidas do Port Vale, da terceira divisão inglesa, retornou à América do Sul para dirigir o Peñarol, do Uruguai. Lá, construiu um time que viria a conquistar a Copa Libertadores, ainda que tenha deixado o clube antes da final, para assumir a seleção da Áustria. Forçado a sair da seleção após cinco jogos, por causa do antissemitismo, Guttmann passou pelo Benfica — brevemente — e depois foi para o Servette, de Genebra, para o

Panathinaikos e para o Porto, antes de retornar à cidade que adorava, a fim de trabalhar no Austria Vienna. Mas ele jamais foi o mesmo após o Benfica — e o clube, tampouco. Com o tempo, ganhou corpo a história de que ele teria lançado uma maldição sobre o clube, que jamais voltaria a ganhar um troféu europeu enquanto não pagasse o que lhe devia; nonsense, é claro, mas o Benfica esteve em cinco finais europeias desde então e perdeu todas.

Na verdade, o futebol nunca mais foi o mesmo. Guttmann, mais do que qualquer pessoa desde Chapman, tinha definido a cultura do culto ao técnico; o homem que assumiria seu posto seria Helenio Herrera, cuja concepção do jogo não poderia ser mais diferente da dele. Saíram de cena as noções românticas sobre marcar um gol a mais do que o adversário: chegara a hora do cinismo, do *catenaccio* e da teoria de sofrer um gol a menos.



7. Organizando o Carnaval

O Brasil em que Béla Guttmann e o Honvéd desembarcaram em 1956 não era um deserto tático. É verdade que a técnica individual e o improvisado eram muito mais apreciados mas, apesar de o W-M ter chegado tarde, o 4-2-4 já estava bem desenvolvido no país — também é possível que a rigidez do W-M, com sua forte estrutura de marcação, não tenha caído no gosto do público local, mais atraído pelo talento e pela expressividade.

De qualquer forma, se devemos acreditar no mito de fundação do futebol brasileiro, e há poucas razões para duvidar de seus fundamentos, o esporte havia chegado ao Brasil com Charles Miller. Filho de pai inglês e mãe brasileira, membros da elite do café e do comércio de São Paulo, ele foi enviado de volta à Inglaterra para estudar. Miller aprendeu o jogo em escolas, chegando a representar Hampshire e a jogar algumas partidas pelo St. Mary's — que deu origem ao Southampton. Quando retornou a São Paulo em 1894, ele trouxe duas bolas de futebol. A lenda diz que Miller desembarcou com uma bola em cada mão.

“O que é isso, Charles?”, seu pai teria perguntado.

“É meu diploma”, ele respondeu. “Seu filho se formou em futebol.”

Os detalhes da história provavelmente são fictícios, mas não é difícil entender por que essa versão se consolidou. Ela retrata um futebol brasileiro que, desde as origens, é alegre, sorridente, impertinente e refratário à autoridade.

O esporte se espalhou rapidamente, tanto entre a elite inglesa quanto em meio à população local. Em 1902, já existia uma liga em andamento em São Paulo, e o jogo já tinha sido levado ao Rio de Janeiro por outro anglo-brasileiro, Oscar Cox, que conhecera o futebol durante seus estudos na Suíça. Ele fundou o Fluminense com alguns amigos e, como aconteceu com as primeiras equipes holandesas e dinamarquesas, o clube se tornou quase uma paródia de ingleses, com os chapéus e bigodes, os gritos de guerra e a exaltação da virilidade.

Miller era um defensor do estilo de condução da bola. Não há nenhuma razão para crer que, em meio à comunidade de expatriados, o jogo fosse diferente do praticado na Grã-Bretanha na época. Nos clubes anglo-brasileiros, como em outros lugares, a condução de bola logo deu lugar aos passes. Jock Hamilton, um dos muitos técnicos escoceses contratados por Harry Bradshaw no Fulham, foi trabalhar no Club Athletico Paulistano — uma primeira ligação, ainda que tênue, entre Jimmy Hogan e o Brasil — e se disse “surpreso ao ver o jogo em estágio tão avançado [...]. As combinações deles são realmente inteligentes”. E se tornaram ainda mais elaboradas graças à influência do Scottish Wanderers, um time formado por expatriados escoceses em São Paulo, em 1912. Eles praticavam o estilo tecelagem, que, equivocadamente, ficou conhecido como “o sistema inglês”.

O jogador mais célebre dos Wanderers era Archie McLean, um ponta-esquerda que jogou duas temporadas no Ayr United, da segunda divisão da Escócia. Ele “era um artista, um digno expoente da escola escocesa”, escreveu Tomás Mazzoni, em 1950, em seu relato da história do futebol no Brasil. “Seu futebol científico ganhou ainda mais destaque quando ele formou uma parceria na ponta esquerda com o compatriota Hopkins.” Em seguida, os dois foram para o São Bento, onde suas rápidas trocas de passes se tornaram conhecidas como *tabelinhas*.

Como Aidan Hamilton detalha em *An Entirely Different Game*, a influência britânica permaneceu forte no Brasil por muito mais tempo do que no Uruguai ou na Argentina. Mazzoni menciona Harry Welfare — um centroavante que jogou no Liverpool antes de aceitar a proposta de ensinar futebol no Rio de Janeiro — “adaptando-se ao nosso estilo de jogo” quando foi para o Fluminense, mas também disseminando suas próprias ideias. Max Valentim, em *O futebol e sua técnica*, diz que Welfare ensinou os atacantes interiores do clube a fazer o passe longo entre os defensores e descreve duas de suas técnicas de condução de bola: “A finta de corpo, que os ingleses chamam de *swerving*, e a mudança de lado ao correr com a bola”.

O verdadeiro afastamento em relação ao antigo modelo começou com o envolvimento dos habitantes locais: barrados no Fluminense, eles subiam em telhados próximos para assistir aos anglo-brasileiros, descobrindo assim um esporte que era muito mais fácil de entender e

copiar do que o críquete. No bate-bola informal nas ruas, muitas vezes usando bolas feitas de trapos, foi se desenvolvendo uma concepção totalmente diferente do jogo, baseada em habilidades individuais e não convencionais, necessárias para quem quisesse ser bem-sucedido naquelas condições — e, muito importante, não inibidas por qualquer espécie de proibição imposta aos que preferiam se exhibir. McLean não se impressionou. “Havia grandes jogadores lá”, ele disse, sobre o futebol em São Paulo, “mas todos terrivelmente indisciplinados. Eram comportamentos que não seriam tolerados na Escócia.”

Vários paralelos já foram traçados entre o futebol brasileiro e o samba — na Copa de 1958, fãs brasileiros cantavam “Samba, samba” ao celebrar a primeira vitória do país no torneio — e Simon Kuper, em *Football Against the Enemy*, comparou Pelé a um capoeirista, expoente da arte marcial inventada por escravos angolanos, disfarçada de dança para enganar os senhores de terra.

O antropólogo Roberto DaMatta formulou a teoria do “jeitinho” para explicar a criatividade da qual os brasileiros se orgulham, propondo que, como as leis e códigos de comportamento no Brasil (mesmo depois da abolição da escravatura em 1888) eram feitos para proteger os ricos e poderosos, seria necessário encontrar formas imaginativas de contornar tais regras. E o “jeitinho”, escreveu DaMatta em *O que faz o Brasil, Brasil?*, “é uma mediação pessoal entre a lei, a situação onde ela deveria aplicar-se e as pessoas nela implicadas, de tal sorte que nada se modifique, apenas ficando a lei um pouco desmoralizada [...]. Nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra, somente para citar três bons exemplos, as regras ou são obedecidas ou não existem. Nessas sociedades, sabe-se que não há *prazer* algum em escrever normas que contrariam e, em alguns casos, aviltam o bom senso e as regras da própria sociedade, abrindo caminho para a corrupção burocrática e ampliando a desconfiança no poder público. Assim, diante dessa enorme coerência entre a regra jurídica e as práticas da vida diária, o inglês, o francês e o norte-americano param diante de uma placa de trânsito que ordena parar, o que — para nós — parece um absurdo lógico e social”.

De forma contrastante, os brasileiros encontram maneiras de burlar essas restrições; aprenderam a confiar em si mesmos, mais do que em

estruturas externas. Não é difícil enxergar a imaginação que historicamente caracterizou o futebol brasileiro como expressão desse traço. As pessoas encontram uma maneira própria de resolver as situações, o que requer níveis altos tanto de criatividade quanto de desconfiança no trabalho de equipe.

Muito do trabalho de DaMatta é desenvolvimento do pensamento de Gilberto Freyre, um sociólogo que começou a escrever no final dos anos 1930. Freyre foi um dos primeiros a promover a diversidade racial do Brasil como algo positivo, celebrando a figura do malandro carioca, tipicamente um mestiço que usava sua sagacidade para ludibriar aqueles que, em tese, tinham autoridade sobre ele. “O nosso estilo de jogar futebol”, escreveu Freyre em 1938, “me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual [...]. Os nossos passes, as nossas fintas, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol [...]. Tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.”

Para escritores da época, o espírito do malandro encontrou sua personificação em dois dos maiores jogadores brasileiros da década de 1930, o centroavante Leônidas e o zagueiro Domingos da Guia, ambos negros. Domingos declarou abertamente que as habilidades criativas e técnicas que lhe permitiam conduzir a bola desde o campo de defesa tinham raízes, inicialmente, na necessidade de sobrevivência. “Quando era criança eu tinha medo de jogar futebol”, disse ele, “porque muitas vezes vi jogadores negros [...] apanharem em campo só porque fizeram uma falta, ou até por menos [...]. Meu irmão mais velho me dizia: o gato sempre cai sobre as patas. Você não é um bom dançarino? Eu era e isso me ajudou no futebol. Eu mexia meus quadris. Inventei um drible curto imitando o miudinho, um tipo de samba.”

Independentemente de como foi seu surgimento, em 1919 já existia um evidente estilo brasileiro de jogar, como um artigo sob o título “Inovação brasileira” registrou em novembro daquele ano, na primeira edição da revista *Sports*. “Em oposição à escola britânica, que determina

que a bola deve ser levada pelos atacantes até perto da meta adversária, e que o gol deve ser marcado da menor distância possível, a escola brasileira defende que se deve tentar chutar a partir de qualquer ponto. A precisão do chute é mais importante que a proximidade do alvo. O avanço coletivo de toda a linha de atacantes também não é necessário; basta que dois ou três jogadores avancem com a bola, o que, com velocidade devastadora e movimentos inesperados, desorienta toda a defesa rival.”

A percepção de que o futebol inglês era pouco direto soa estranha, levando em consideração como os comentaristas britânicos seriam críticos posteriormente a respeito dos exageros de elaboração dos times da Europa central. Talvez isso tenha acontecido simplesmente porque tudo é relativo, ou porque os expatriados escoceses que formaram o Wanderers realmente trocavam muitos passes, o que teria influenciado as opiniões correntes, ou talvez porque o jogo britânico da época, seis anos antes da lei do impedimento, fosse mais complexo do que viria a se tornar. Seja qual for a verdade, fica claro que o futebol brasileiro se concentrava mais na expressão pessoal que no jogo de equipe.

Mas o futebol no Brasil não se aproximava, em desenvolvimento, do que se via no Rio da Prata. Nos primeiros dez jogos internacionais, todos contra Argentina, Uruguai ou Chile, o Brasil ganhou apenas três; na Copa América de 1917, levou quatro gols em cada derrota sofrida para argentinos e uruguaios. Em 1919, no entanto, os brasileiros melhoraram e ganharam o torneio, graças ao recurso de dar a um zagueiro funções puramente defensivas, enquanto o outro tinha liberdade para atacar. Estava longe de ser sofisticado, mas foi a primeira vez que a seleção brasileira reconheceu a necessidade de algum tipo de estrutura defensiva.

O sucesso não significou domínio continental. O Brasil ganhou apenas seis dos vinte jogos que fez contra a Argentina até 1940 e cinco dos treze disputados contra o Uruguai. Os brasileiros ganharam a Copa América novamente em 1922, mas só voltariam a conquistá-la em 1949 (algo impressionante: a seleção brasileira não ganharia uma Copa América fora de seu país até 1997, seu quinto troféu no torneio). Disputas internas na federação levaram o país a ser representado apenas por jogadores cariocas na Copa do Mundo de 1930, perdendo o jogo de

estreia contra a Iugoslávia, por 2 a 1 — “o Brasil foi individualmente mais inteligente, mas inferior coletivamente”, escreveu Glanville —, e sendo eliminado, apesar de uma vitória sobre a Bolívia por 4 a 0.

O profissionalismo foi aprovado definitivamente em 1933, o que ao menos ajudou a persuadir jogadores brasileiros em turnês pela Europa com seus clubes a voltar para casa, mas demoraria algum tempo até que essa mudança tivesse impacto nos resultados da seleção ou em seu estilo de jogo.

Após ter sido eliminado da Copa do Mundo de 1934 ao perder para a Espanha por 3 a 1, o Brasil viajou a Belgrado para um amistoso contra a Iugoslávia. Os iugoslavos não conseguiram se classificar para a Copa, mas golearam por 8 a 4. O Brasil tinha talentos como Domingos da Guia, Leônidas e Waldemar de Brito, mas foi taticamente exposto de forma humilhante, ainda pior do que havia acontecido quatro anos antes, em Montevideu. “Havia muito espaço entre as linhas”, explicou o historiador de futebol Ivan Soter. “Os iugoslavos exploraram isso, exibindo as falhas de um sistema antiquado.” Era evidente que precisava mudar.

A primeira tentativa de importar o w-m para o Brasil foi feita por Gentil Cardoso, mas ele enfrentou duas grandes dificuldades: praticamente não tinha experiência como jogador e era negro. Cardoso havia trabalhado como engraxate, garçom, motorista de bonde e padeiro, tendo se juntado depois à marinha mercante. Isso significou viagens frequentes à Europa, e lá ele passava a maior parte de seu tempo livre assistindo a jogos de futebol. Virou fã do futebol inglês e, mais tarde, disse ter visto de perto o trabalho de Herbert Chapman ao desenvolver o w-m no Arsenal. “Ele tinha uma personalidade expansiva”, disse Soter, “era alguém que adorava contar histórias de suas viagens.” Elas eram embelezadas com frequência, mas o que não se podia negar era sua capacidade para a análise tática. Ele viu o w-m, reconheceu suas possibilidades e percebeu que aquilo, algo tão diferente do futebol brasileiro, era o futuro.

Cardoso teve a chance de ser técnico nos anos 1930, quando dividiu seu tempo entre o futebol e o mar. Ele implementou o w-m em um pequeno clube carioca, o Sírío Libanês, onde acompanhou o surgimento

de Leônidas. “Ele era um jogador inteiramente brasileiro”, escreveu sobre o atacante o dramaturgo Nelson Rodrigues. “Cheio da fantasia, improvisação, juventude e sensualidade que marcaram todos os grandes jogadores brasileiros.” Em outras palavras, ele não era como os centroavantes que os ingleses preferiam inserir no w-m. A forma poderia ser copiada; o estilo era muito mais difícil de implementar.

O Sírio Libanês era um clube muito pequeno para que a inovação de Cardoso reverberasse. Mesmo depois de ter ido para o Bonsucesso, clube um pouco maior, levando Leônidas junto, ele teve dificuldade para encontrar audiência para suas ideias. Cardoso se tornou conhecido por citar Sócrates, Cícero e Gandhi em conversas com o time, além de contribuir para enriquecer o vocabulário futebolístico brasileiro — com “cobra”, referia-se a um bom jogador; com “zebra”, a um resultado chocante — mas, segundo Soter, “como tático as pessoas não o levavam a sério”.

Foi necessário um europeu, Dori Kürschner, para que o w-m firmasse raízes no Brasil, muito embora ele tenha morrido antes de suas ideias ganharem corpo. “Quando Kruschner [sic] chegou ao Brasil, Gentil já falava muito sobre o w-m”, declarou Flávio Costa, predecessor e também sucessor de Kürschner no Flamengo, numa entrevista com Aidan Hamilton, “mas ele nunca teve o prestígio para aplicá-lo. Kruschner foi quem tentou aplicar o *futebol sistema*.”

Kürschner se tornou uma figura mítica no Brasil. Um homem inteligente, vindo de um país distante, que trazia conhecimento, mas que — como todos os verdadeiros profetas — não recebeu o crédito merecido ainda em vida. É retratado como um pregador sem história, um homem que veio de lugar nenhum. “Nós não sabemos nem se ele era húngaro, tcheco, boêmio”, disse Roberto Assaf, comentarista de televisão e grande cronista do Flamengo. A confusão é compreensível. Em certo momento, as letras *r* e *u* foram trocadas de lugar, de modo que o nome de Kürschner, no Brasil, passou a ser pronunciado e escrito “Kruschner”; se alguém fizer uma pesquisa do nome com essa grafia, obviamente, não encontrará nada. Como Alex Bellos menciona em *Futebol: o Brasil em campo*, ainda na introdução, “no Brasil, os fatos não têm tanta importância; é um país construído por histórias, mitos e boatos”.

Isso explica a aura misteriosa de Kürschner, mas não explica por que o presidente do Flamengo, José Bastos Padilha, entregou a ele os planos de dominação do futebol carioca, que incluíam a construção de um novo estádio. Independentemente de suas intenções, o que Padilha obteve ao contratá-lo foi alguém com o pedigree do futebol danubiano. Mais do que isso, alguém que tinha uma ligação direta com Jimmy Hogan, muitas vezes celebrado como o pai do futebol húngaro, austríaco e alemão; o que pouco se diz é que Hogan foi também o avô do futebol brasileiro.

Kürschner nasceu em Budapeste e teve sucesso como jogador no MTK, conquistando o título húngaro em 1904 e 1908 e jogando pela seleção do país. Um ponta-médio esquerdo, que ocasionalmente jogava pelo centro, ele era conhecido pela inteligência com a bola e, principalmente, pelo cabeceio. No final da carreira, foi treinado por Hogan e o sucedeu como técnico do MTK em 1918. Kürschner ganhou um título pelo clube, mas, passado um ano, foi para a Alemanha.

Lá, teve algum sucesso no Stuttgarter Kickers, ganhou um título nacional com o Nuremberg e, após uma rápida passagem pelo Bayern de Munique, dirigiu novamente o Nuremberg em 1922, quando o título do campeonato foi dividido por causa da “final eterna” com o Hamburgo. No início da carreira de técnico, assim como Guttman, Kürschner não foi capaz de se estabelecer em um único clube. Passou pelo Eintracht Frankfurt e depois pelo Nordstern Basel, da Suíça, onde conseguiu um acesso de divisão na primeira tentativa. Mas logo saiu e se juntou a Hogan e Teddy Duckworth, outro técnico inglês, na preparação da seleção da Suíça para as Olimpíadas de Paris. Foi naquele torneio que eles conseguiram o melhor resultado da história do futebol suíço, chegando à final em que foram derrotados pelo Uruguai, que defendia o título.

Kürschner voltou para a Alemanha, onde trabalhou no Schwarz-Weiß Essen. Em 1925, foi para o Grasshoppers. Passou os nove anos seguintes no clube de Zurique, ganhando três ligas e quatro copas antes de ser substituído por Karl Rappan. Se tivesse ficado na Alemanha ou voltado para a Hungria, onde o clássico 2-3-5 danubiano ainda era influente (mesmo que o centromédio já estivesse começando a recuar para uma posição semelhante à utilizada no *metodo* de Pozzo), as coisas

poderiam ter sido diferentes; mas na Suíça, aparentemente, Kürschner se convenceu dos méritos do w-m — ou, pelo menos, de uma variação dele. Quando Padilha o abordou em 1937, ele levou consigo para o Rio de Janeiro a formação que daria início a uma revolução no Brasil.

À sua maneira, o futebol brasileiro era tão conservador quanto o inglês. O centromédio do Flamengo quando Kürschner chegou era Fausto dos Santos, a “Maravilha Negra”, um jogador elegante que dominava partidas. Havia uma clara hierarquia de posições no futebol brasileiro, com o centromédio no topo e os zagueiros embaixo, e por isso não existia a menor possibilidade, disse Fausto a Kürschner, de ele recuar para se tornar um jogador defensivo. Torcedores e jornalistas se dividiam sobre o assunto, que só foi resolvido quando Padilha interveio, multou Fausto e determinou que ele fizesse o que era pago para fazer. Essa, ao menos, é a lenda, que retrata Kürschner como um modernizador indiferente aos apelos da tradição e às preocupações individuais de seus atletas.

Mas as coisas não são tão simples assim. É raro as ideias brotarem por completo da mente de seus criadores e, nesse caso, as circunstâncias também exerceram seu papel. De acordo com Assaf, Kürschner ficou chocado com as condições médicas que encontrou no clube, e a primeira medida importante que ele tomou, longe de uma inovação tática, foi mandar os jogadores ao médico. Fausto sofria dos estágios iniciais da tuberculose que o mataria dois anos mais tarde, e a decisão de escalá-lo em uma posição recuada parece ter sido tomada também levando em conta sua saúde. É impossível dizer se Kürschner o utilizaria no velho 2-3-5 caso Fausto estivesse bem, ou se escalaria outro jogador como centromédio defensivo no w-m.

De qualquer forma, a concepção de Kürschner do w-m parecia diferente da que era comum na Grã-Bretanha. Como bom danubiano, mesmo tendo sido educado no futebol suíço, é improvável que ele permitisse um *stopper* no estilo de Herbie Roberts como centromédio ou em qualquer outro lugar do campo. E mesmo que permitisse, Fausto dos Santos definitivamente não era o homem certo para replicar aquele estilo. O que Kürschner e os brasileiros chamam de w-m, ao que parece, é na verdade algo mais próximo do *metodo*: um formato que lembra o w-w, com o centromédio jogando atrás dos dois jogadores de meio de

campo e à frente dos dois zagueiros. Como Soter registra, ainda que o sistema parecesse surpreendentemente defensivo no contexto do futebol brasileiro da época, não era tão negativo ou rígido quanto o modelo britânico.

Embora seu passado não fosse tão obscuro quanto se pretende crer, o que é certamente verdade é que Kürschner costumava desaparecer. Flávio Costa, o ex-jogador do Flamengo que ele tinha substituído como técnico, permaneceu como seu assistente e, valendo-se do fato de Kürschner não falar português, minava seu trabalho sempre que tinha oportunidade, lançando dúvidas sobre o W-M e apoiando Fausto durante a controvérsia entre os dois. Os resultados foram decepcionantes. Apesar de marcar 83 gols em 22 jogos, o Flamengo terminou o Campeonato Carioca em segundo lugar, atrás do rival Fluminense, e Kürschner viu seus métodos serem abertamente criticados na imprensa local. O jogo inaugural da campanha de 1938 foi também a primeira partida disputada no Estádio da Gávea, e quando o Flamengo perdeu para o Vasco da Gama por 2 a 0, o treinador foi demitido — e substituído por Flávio Costa.

Incompreendido e impopular, Kürschner poderia ter voltado à Europa, mas (provavelmente temendo o antissemitismo em Budapeste, onde o regime de Miklós Horthy havia declarado uma aliança formal com a Alemanha nazista) permaneceu no Rio de Janeiro. Foi nomeado técnico do Botafogo em 1939, entretanto deixou o clube no ano seguinte e morreu vítima de um vírus misterioso em 1941.

Mesmo tratado com desconfiança, Kürschner foi convidado para trabalhar como conselheiro do técnico da seleção brasileira, Adhemar Pimenta, na Copa do Mundo de 1938, na França. Antes de o torneio começar, Tomás Mazzoni, então repórter de jornal, foi ver um amistoso entre França e Inglaterra no Stade de Colombes, em Paris. A Inglaterra foi bastante superior, vencendo por 4 a 2. Mesmo assim, escreveu Mazzoni em choque, os ingleses atuaram com três defensores o tempo todo. Ele concluiu que isso jamais funcionaria no Brasil.

Mas as coisas estavam mudando: embora o Brasil tenha usado Martim Silveira como centromédio ofensivo durante o torneio, os dois atacantes interiores — Romeu e José Perácio — foram recuados para o que se chamou de posição de “ponta de lança”, formalizando um

processo que já vinha acontecendo havia algum tempo. No final dos anos 1930, até os países que ostensivamente praticavam o 2-3-5 consideravam um exagero usar cinco atacantes. Matthias Sindelar recuou da linha de frente para dar mais flexibilidade aos austríacos, enquanto na Argentina e no Uruguai era comum que os interiores jogassem mais atrás. Silveira era um jogador muito mais ofensivo do que Luisito Monti mas, isso à parte, a escalação do Brasil em 1938 era pouco diferente do *metodo* da Itália de Pozzo.

O sistema adotado certamente ajudou o Brasil a alcançar as semifinais da Copa. Num estudo posterior do torneio, no entanto, João Saldanha — o jornalista que se tornaria técnico da seleção em 1969 — foi crítico, concluindo que o time teria ido mais longe com um terceiro zagueiro. O Brasil sofreu dez gols em cinco jogos, três deles de pênalti, o que Saldanha identificou como uma defesa em desvantagem numérica, que entrava em pânico quando pressionada.

De volta ao comando do Flamengo, e ao contrário do que se imaginava que ele faria após a demissão de Kürschner, Flávio Costa não usou a formação 2-3-5. Em vez disso, fez um ajuste ao w-m, criando o que batizou como *diagonal*. O que Costa fez foi essencialmente empurrar o quadrado que havia no centro do w-m, transformando-o em um paralelogramo. Seu sistema manteve os três defensores — a razão do conflito com Fausto — e usou três atacantes. Mas diferentemente do modelo inglês, com dois médios e dois interiores, a diagonal tinha um médio bem recuado (na concepção inicial de Costa, em 1941, esse jogador era Volante, o médio mais à direita), e um jogador mais avançado à sua esquerda (Jayme). O atacante interior pela direita (Zizinho) jogava um pouco mais atrás para não deixar muito espaço às suas costas, enquanto o interior esquerdo (Perácio) avançava para a clássica posição de ponta de lança.

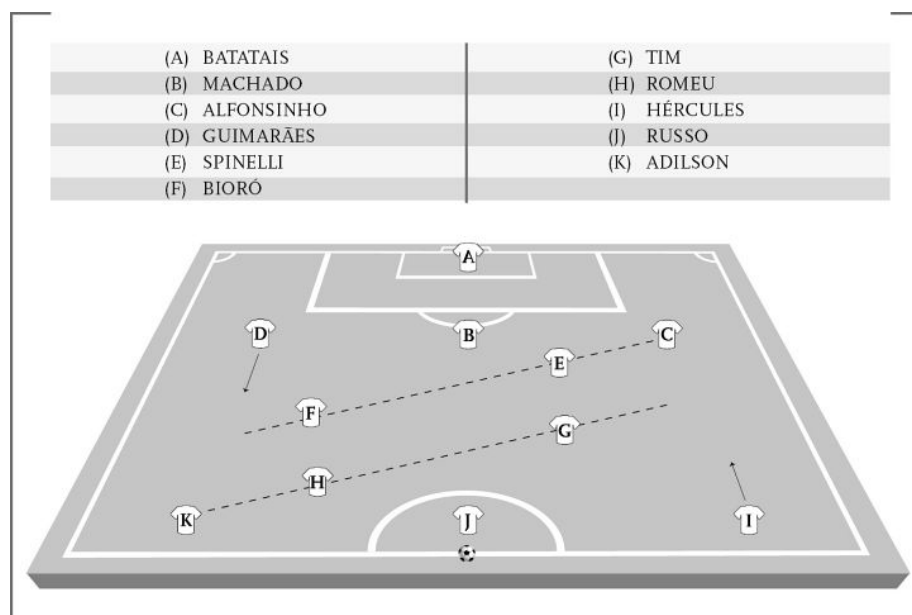
A formação podia ser invertida, de forma que o lado direito fosse mais ofensivo. Ondino Viera, membro da seleção uruguaia campeã do mundo em 1930, por exemplo, aplicou a diagonal no Fluminense: Spinelli, o médio à esquerda, operava defensivamente, enquanto Romeu era o ponta de lança. O que a diagonal representou em termos de inovação é discutível. De acordo com o livro *Sistema w-m*, do ex-técnico

de Portugal Cândido de Oliveira, quando Flávio Costa foi levado à Europa por um diretor do Vasco da Gama para explicar a formação, ela foi ridicularizada como imitação barata do w-m. Na verdade, talvez Costa tenha formalizado um processo que era inerente ao w-m: um dos interiores sempre seria mais criativo do que o outro, ao passo que um dos médios seria mais defensivo. No Arsenal dos anos 1930, como explica Bernard Joy em *Soccer Tactics*, o médio à esquerda (Wilf Copping) jogava recuado, enquanto o médio mais à direita (Jack Crayston) tinha mais liberdade. Quando o centromédio e capitão dos Wolves e da Inglaterra no final dos anos 1940, Billy Wright, atuava na linha média, ele não jogava mais atrás em relação a Billy Crook ou Jimmy Dickinson? Como Richard Williams salienta em *The Perfect 10*, era usual — talvez reforçando a crença de que canhotos são mais criativos — que o interior esquerdo fosse mais ofensivo que o interior direito, o que explica por que o número 10, em vez do 8, ficou identificado como o criador de jogadas.

Como diz o comentarista Alberto Helena Júnior, é lógico olhar para Flávio Costa com cinismo, sugerindo que ele nada mais fez do que repaginar Kürsch ner. Por ter sido tão crítico, Costa não poderia simplesmente reutilizar os métodos de seu antecessor. Mas o efeito foi muito significativo. As experiências de Costa mostraram que o w-m não era mais rígido do que a pirâmide tinha sido. Quando o quadrado se transformou em paralelogramo, ficou a um passo de se tornar um diamante e, quando isso aconteceu, o que se viu foi o 4-2-4. Mas antes dessa transformação ocorrer e ser amplamente aceita, o Brasil ainda teria de passar pela agonia de 1950.



A DIAGONAL (PELA DIREITA): FLAMENGO 1941



A DIAGONAL (PELA ESQUERDA): FLUMINENSE 1941

O Brasil é quase universalmente reconhecido como o melhor time a ter atuado na Copa do Mundo que organizou em 1950, mas não a conquistou. A derrota na final foi tão atordoante que Nelson Rodrigues a descreveu como “nossa catástrofe, nossa Hiroshima”. A diagonal de Flávio Costa tinha sofrido uma pequena modificação, com Ademir, um

atacante interior, atuando como centroavante; Jair, o interior esquerdo, era o ponta de lança; e Zizinho era o interior recuado. A mudança resultou em mais fluidez e mais triangulações. O Brasil tinha vencido a Copa América de 1949 marcando 39 gols em sete jogos, antes de demolir o Paraguai de Manuel Fleitas Solich por 7 a 0 no jogo de desempate pelo título.

Zizinho estava machucado no início da Copa do Mundo, mas o Brasil ainda era o favorito destacado. O time justificou a expectativa na estreia, chutando cinco bolas na trave durante a vitória por 4 a 0 sobre o México, no primeiro jogo oficial da história do Maracanã. Os problemas começaram quando o Brasil deixou o Rio de Janeiro para o segundo jogo, contra a Suíça, em São Paulo. Como era comum à época, Flávio Costa fez várias alterações, escalando um meio de campo paulista para agradar ao público. Talvez isso tenha desequilibrado o time, talvez a razão tenha sido o sistema *verrou* 1-3-3-3 utilizado pelos suíços, mas o fato é que o Brasil não esteve nem perto de sua fluidez usual e, apesar de ter ficado à frente no placar em duas ocasiões, não passou de um empate por 2 a 2. O resultado significou que seria necessário vencer a Iugoslávia para seguir adiante.

Recuperado, Zizinho retornou no lugar do robusto centroavante Baltazar, permitindo que Ademir reassumisse seu papel mais móvel de número 9. Isso deveria ter feito o Brasil voltar a ser o time que conquistara a Copa América no ano anterior, mas o empate com a Suíça pareceu afetar a confiança que Flávio Costa tinha na diagonal. Ele mudou a formação para um W-M convencional, provavelmente imaginando que com um trio de atacantes tão arrojados, seus dois médios, Danilo e Carlos Bauer, poderiam jogar mais recuados para oferecer solidez defensiva adicional ao time.

A ideia funcionou inicialmente. Rajko Mitić sofreu um corte ao bater a cabeça em uma viga exposta logo antes do pontapé inicial e, enquanto seu jogador era atendido, a Iugoslávia começou o jogo com dez homens. Quando Mitić entrou em campo, Ademir já tinha dado a vantagem ao Brasil. No segundo tempo, Zizinho selou a vitória brasileira num jogo equilibrado nos aspectos físico e técnico, um resultado que aparentemente restaurou a confiança da equipe. Nos dois primeiros jogos da fase final, o Brasil foi sensacional. Ao ver o time massacrar a

Suécia por 7 a 1 e a Espanha por 6 a 1, Glanville escreveu que o Brasil jogava “o futebol do futuro [...]”. Taticamente não é excepcional, mas é tecnicamente esplêndido”.

A seleção brasileira podia não ser excepcional em termos táticos, mas era muito mais avançada que o Uruguai, que ainda jogava com uma versão do *metodo* de Pozzo, com Obdulio Varela atuando como centromédio distribuidor. Os uruguaios conseguiram um empate tardio por 2 a 2 contra a Espanha, no primeiro jogo da fase final. No segundo, contra a Suécia, precisaram de dois gols nos últimos quinze minutos para vencer por 3 a 2. O Brasil só precisava de um empate na final para ser campeão, mas ninguém no Rio esperava algo diferente de uma vitória. As primeiras edições de *O Mundo* no dia da decisão traziam uma fotografia do time, abaixo da seguinte manchete: “Estes são os campeões mundiais”. Em *O jogo bruto das Copas do Mundo*, Teixeira Heizer conta que Varela viu o jornal na manhã da final e ficou tão enfurecido que comprou todos os exemplares de uma banca, colocou-os no banheiro de seu quarto e encorajou seus companheiros a urinar sobre eles.

Antes do jogo, o governador Ângelo Mendes de Moraes fez um discurso em que disse: “Vós brasileiros, a quem eu considero os vencedores do campeonato mundial; vós brasileiros, que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhares de compatriotas; vós, que não possuíis rivais em todo o hemisfério; vós, que superais qualquer outro competidor; vós, que eu já saúdo como vencedores”. Somente Flávio Costa parecia preocupado com a possibilidade da derrota. “O time uruguaio sempre perturbou o sono dos jogadores brasileiros”, ele avisou. “Tenho receio de que meus jogadores entrem em campo no domingo como se já tivessem o escudo de campeões bordado na camisa. Não é um jogo de exibição. É um jogo como qualquer outro, só que mais difícil do que os outros.”

O que tornou a partida especialmente difícil foi a perspicácia de Juan López, o técnico do Uruguai. A guerra na Europa significou o fim das turnês de seleções, de modo que, enfrentando adversários sul-americanos, a escola rio-platense tinha pouca oportunidade de observar desenvolvimentos táticos em outros lugares. Mas López percebeu como a Suíça incomodou o Brasil e se inspirou em seu sistema. Ele orientou o zagueiro Matias González a jogar recuado, quase como um líbero,

enquanto o outro zagueiro, Eusebio Tejera, tornou-se efetivamente um centromédio deslocado para trás. Os dois pontas-médios, Schubert Gambetta e Victor Andrade, fizeram marcação individual nos dois pontas brasileiros, Chico e Albino Friaça, enquanto Varela e os dois atacantes interiores atuaram mais atrás do que o usual, em um sistema parecido com o 1-3-3 de Rappan.



BRASIL 1 A 2 URUGUAI, FINAL DA COPA DO MUNDO,
MARACANÃ, RIO DE JANEIRO, 16 DE JULHO DE 1950

Naquele dia, havia oficialmente 173 850 pessoas no Maracanã; na realidade eram provavelmente mais de 200 mil. Julio Pérez, o atacante interior uruguaio que jogava pela direita (o meia-direita, na formação revisada), estava tão nervoso que urinou no uniforme durante os hinos nacionais. Pouco a pouco, a pressão mudou de lado. O Brasil controlou os estágios iniciais — a tática de López atrapalhou os brasileiros, mas não os neutralizou —, porém o time não conseguia encontrar o gol: Jair chutou uma bola na trave; Roque Máspoli, nas palavras de Glanville,

“desempenhou prodígios acrobáticos no gol”; no intervalo, o jogo estava empatado. O nervosismo aumentava.

Uma observação em retrospectiva sugere que tudo teria mudado a partir dos 28 minutos de jogo, quando Varela deu um soco em Bigode, que jogava pela esquerda na defesa brasileira. Ambos os jogadores concordam que não foi mais do que um leve tapa; contudo, na mitologia da partida, a partir desse momento Bigode teria sido tomado pelo medo e se convertido num “covarde”, provocação que o perseguiu pelo resto da vida.

Aos dois minutos do segundo tempo, Ademir lançou Friaça, que superou Andrade e, com um chute cruzado, deu a vantagem ao Brasil. Se tivesse acontecido no primeiro tempo, o efeito poderia ter sido devastador — mas, após ter aguentado por tanto tempo, o Uruguai sabia que não seria esmagado pelo Brasil.

É difícil dizer se foi uma estratégia deliberada, mas o Uruguai preferiu atacar o Brasil pelo lado direito. Quando adotava a diagonal, o Brasil era mais vulnerável por ali, com Danilo sendo o mais avançado dos dois médios. No w-m, ele não resistia a se adiantar também, o que criava um espaço perigoso, pois Bigode atuava como zagueiro pela esquerda convencional, mais recuado. Alcides Ghiggia, o franzino ponta-direita uruguaio, não podia imaginar que teria tanto espaço para jogar.

O Brasil estava a 24 minutos da vitória quando sentiu o primeiro baque. Varela, cada vez mais influente no jogo, avançou e deu um passe para Ghiggia. Ele tinha espaço para acelerar e passou por Bigode antes de fazer um cruzamento baixo para Juan Schiaffino concluir perto da primeira trave. “O silêncio no Maracanã”, disse Flávio Costa, aterrorizou nossos jogadores. No processo de atribuição da culpa após o jogo, nem mesmo o público escapou. “Quando os jogadores mais precisaram do Maracanã, o Maracanã ficou em silêncio”, observou o músico Chico Buarque. “Você não pode confiar em um estádio de futebol.”

Um empate ainda seria suficiente para os brasileiros, mas o momento tinha se voltado contra eles. Treze minutos depois, Ghiggia foi lançado novamente do lado direito do ataque. Dessa vez, Bigode estava mais próximo dele, e Ghiggia entregou a bola a Pérez. Pérez, que já não se sentia nervoso, passou por Jair e fez um passe às costas de Bigode.

Ghiggia correu e, com o goleiro brasileiro Barbosa esperando um cruzamento, chutou rasteiro rente à trave. O impensável tinha acontecido: o Uruguai, não o Brasil, era campeão do mundo.

Desde que se tornou uma república, em 1889, o Brasil nunca esteve em guerra em seu território. Quando Nelson Rodrigues falou sobre a final da Copa de 1950 como a “Hiroshima” de seu país, ele quis dizer que aquela foi a maior catástrofe a se abater sobre o Brasil. Paulo Perdigão expressou o mesmo ponto, com menos drama, em *Anatomia de uma derrota*, notável reflexão sobre a decisão em que ele reproduz a transcrição de toda a transmissão de rádio do jogo, usando-a como base para uma análise da partida, elaborada quase como se se tratasse da interpretação de um texto bíblico. “De todos os exemplos históricos de transe nacional”, ele escreveu, “este é o mais belo, o mais apoteótico: é um Waterloo dos trópicos, e sua verdade o nosso *Götterdämmerung*. A derrota que converteu o normal em excepcional é necessária para que o fascínio perdure: não poderiam ser diferentes essas imagens, em sua grandeza trágica.”

Bigode, Barbosa e Juvenal — provavelmente não por coincidência, os três jogadores negros do Brasil — foram responsabilizados. Em 1963, num esforço para exorcizar seus demônios, Barbosa convidou amigos para um churrasco em que, simbolicamente, queimou as traves do Maracanã. Mas ele não conseguiu escapar da desonra. Há uma história sobre o dia em que ele estava numa loja, vinte anos depois da final, e uma mulher o apontou e disse ao filho: “Olhe para ele, é o homem que fez o Brasil inteiro chorar”.

“No Brasil”, disse Barbosa, pouco antes de sua morte, em 2000, “a pena máxima é de trinta anos, mas eu cumpri cinquenta.” Sim, houve um erro, mas se existe uma razão para a derrota, Zizinho insistia, foi a utilização do w-m. “As primeiras vezes em que joguei no w-m foram nos últimos quatro jogos da Copa do Mundo”, ele explicou numa entrevista a Alex Bellos. “A Espanha jogou no w-m, a Suécia jogou no w-m, a Iugoslávia jogou no w-m. As três foram derrotadas. Mas o Uruguai não jogou no w-m. O Uruguai jogou com um zagueiro recuado e o outro à frente.” Em outras palavras, o Uruguai jogou num sistema cuja base defensiva era a mesma que tinha sido usada pelo Brasil para vencer a Copa América em 1919.

Da mesma forma que a Inglaterra reage a qualquer frustração lamentando deficiências técnicas, o Brasil culpa problemas defensivos. A referência de Perdigão ao *Götterdämmerung* lembra a manchete do *Mirror*, “Crepúsculo dos deuses”, após a derrota da Inglaterra para a Hungria por 6 a 3, e isso não é coincidência. A lamúria vem da mesma fonte: a queixa contra os fracassos habituais, a conclusão enraivecida de que o jeito tradicional de jogar não é superior por natureza. A ironia é que as tradições do Brasil e da Inglaterra não poderiam ser mais diferentes. Não existe um jeito certo de jogar; há um ponto em que todas as culturas futebolísticas duvidam de suas qualidades e olham melancolicamente para a grama mais verde de algum outro lugar.

Não interessava que 22 gols tivessem sido marcados em seis jogos; o que importava eram os dois gols sofridos na final. Os críticos brasileiros decidiram que a defesa precisava ser reforçada. Na Copa do Mundo de 1954, Flávio Costa, um treinador ofensivo, foi substituído pelo cauteloso Zezé Moreira. De acordo com um jornalista francês, foi como trocar um dançarino argentino por um clérigo inglês.

O grande trio de atacantes se foi, e apareceu um centromédio *stopper*, Pinheiro, um jogador muito mais defensivo do que Juvenal. O Brasil goleou o México, mas empatou com a Iugoslávia e foi eliminado pela Hungria ao ser derrotado por 4 a 2 numa partida violentíssima de quartas de final, que ficou conhecida como a “Batalha de Berna”. No relatório oficial do torneio, o chefe da delegação brasileira, João Lyra Filho, relacionou o resultado principalmente aos jogadores negros. Felizmente, ele foi ignorado, e o consenso se formou em torno da reclamação de Garrincha — ou ao menos da declaração que se atribui a ele na coleção de Stratton Smith, *The Brazil Book of Football* — de que “o Brasil planejou ganhar a Copa do Mundo diminuindo a individualidade com um plano coletivo. Foi à Europa para jogar como os europeus [...]. O que contava no futebol brasileiro era a habilidade dos nossos jogadores para improvisar”.

Garrincha nunca foi um jogador disciplinado taticamente, mas o improviso não podia ser adotado de forma anárquica. Era necessário montar uma estrutura que permitisse que a improvisação prosperasse sem deixar a defesa exposta, como acontecera com Bigode. A resposta, estranhamente, era praticada no Brasil desde o início da década.

O responsável pela invenção do 4-2-4 é tema para debate até hoje: como diz Assaf, “ele tem muitos pais”. Alguns dão crédito a Zezé Moreira, outros a Fleitas Solich, outros a Martim Francisco; há até quem diga que o sistema só foi aplicado em seu formato verdadeiro por Lula, no Santos. Se Axel Vartanyan estiver correto, é possível que nem seja uma invenção brasileira, mas uma das muitas variações usadas por Boris Arkadiev no Dynamo Moscow. A verdade é que o Brasil, com a diagonal, e a Hungria, com o centroavante recuado (que fazia também um dos médios recuar), chegaram a uma formação da qual o 4-2-4 era um desenvolvimento inevitável.

O técnico paraguaio Manuel Fleitas Solich certamente teve papel decisivo na promoção do 4-2-4, ganhando três títulos cariocas com o sistema no Flamengo, entre 1953 e 1955. Mas o primeiro a conscientemente aplicar o sistema parece ter sido Martim Francisco, que foi técnico do Vila Nova, um clube de Nova Lima, cidade próxima a Belo Horizonte. Ele recuou o médio-esquerdo Lito para jogar como “quarto zagueiro”, termo usado até hoje no Brasil para identificar o defensor cujo trabalho é se adiantar para se juntar ao meio de campo. Desde o início, contudo, notou-se que esse movimento não seria suficiente para impedir que um meio de campo com apenas dois homens fosse superado numericamente, de forma que um dos quatro jogadores do ataque também tinha de recuar. No time de Francisco, era Osório, o ponta-direita. Na prática, o 4-2-4 quase nunca aparecia dessa forma. Com a bola e no ataque, era um 3-3-4; sem a bola, um 4-3-3. O sistema foi amplamente adotado e logo deu origem a duas modificações.



O 4-2-4: VILA NOVA, 1951

A primeira foi um sistema de marcação por zona, introduzido por Zezé Moreira no Fluminense, que tornou desnecessária a rígida marcação homem a homem do W-M — o aspecto que falhou em 1950 — e também permitiu mais fluidez. Quando o Arsenal visitou o Brasil em 1949, o time se impressionou com a disposição das equipes brasileiras de atacar de todas as posições, o que era visto tanto como ameaça quanto como fraqueza, um sinal de indisciplina tática. “De repente, um cara surgia como uma flecha, e já tinha chutado a gol, com a bola indo para fora”, disse o zagueiro Laurie Scott, descrevendo a vitória do Arsenal sobre o Fluminense por 5 a 1 para Aidan Hamilton. “Nós começávamos a procurar quem era o culpado e não encontrávamos. Descobrimos que era o zagueiro deles. Veja, eles não se importavam. Eu nunca fui para a frente desse jeito.”

Defensores que atacavam se tornariam cada vez mais importantes no futebol brasileiro. Por causa do espaço à frente deles, o 4-2-4 era um sistema que os encorajava a avançar e ao mesmo tempo oferecia a cobertura. Uma vez que a marcação deixou de ser homem a homem, o movimento do quarto defensor, que deixava de se adiantar ao ver um companheiro fazê-lo, tornou-se um processo simples. Assim, a defesa continuava com três homens, como acontecia no W-M.

A segunda modificação foi a reintrodução do ponta de lança, com o leve recuo de um dos dois atacantes mais centrais, de modo a estabelecer uma ligação natural com o meio de campo. A ideia não era particularmente nova — não era diferente do atacante interior na diagonal, e Puskás desempenhou essa função por anos no sistema húngaro —, mas se tratava de uma posição que parecia naturalmente sob medida para o temperamento do futebol brasileiro. Seu apogeu veio com o surgimento de um adolescente mirrado nascido em Três Corações: Pelé tinha dezesseis anos quando Lula o fez estrear no Santos; dentro de um ano, ele inspiraria a seleção na conquista de seu primeiro título de Copa do Mundo.

Apesar das declarações de Guttmann quando chegou ao Brasil com o Honvéd, em novembro de 1956, seu sistema provocou pouca surpresa. O futebol brasileiro estava mais adiantado no caminho para o 4-2-4 do que os húngaros, ainda que as similaridades de formato fossem óbvias. “Basicamente a única diferença entre a interpretação brasileira e a húngara era o número usado pelo atacante que recuava para o meio de campo”, disse Nándor Hidegkuti. “Em 1958, os brasileiros optaram pelo interior direito, Didi, enquanto no time húngaro era o centroavante que recuava. Nas duas equipes, o atacante que retrocedia operava no lado esquerdo do meio de campo, e em ambas o médio à esquerda tinha um papel mais defensivo, enquanto o médio que jogava à direita mantinha o equilíbrio no setor com uma atuação mais ofensiva.”

O impacto de Guttmann teve menos relação com o sistema do que com o estilo, e é nisso que a visão ortodoxa — ou ao menos a da ortodoxia britânica — no que se refere ao grande time húngaro precisa de um polimento. Observadores ingleses tendiam a se impressionar com a habilidade técnica do *Aranycsapat* e sua fluidez, facilitada pelo centroavante recuado. Apesar dos níveis distintos de talento, nesse aspecto talvez os húngaros não estivessem tão distantes do *Wunderteam* austríaco. Existiam, no entanto, mais diferenças substanciais. A Hungria também tinha um senso de propósito: sua arte estava direcionada para o objetivo de vencer, e nesse ponto ela era uma herdeira de Jimmy Hogan. Geoffrey Green provavelmente exagerou no elogio à Inglaterra quando falou sobre a Hungria de 1953 como um time que estava no meio do

caminho entre o jogo direto britânico e o estilo mais elaborado do continente, mas seu ponto estava correto. Os defensores do jogo de bolas longas inglês enxergaram uma confirmação de seus métodos quando, naquele jogo em Wembley, a Hungria frequentemente transformou defesa em ataque com dois ou três passes. Guttmann não trouxe propriamente o 4-2-4 para o Brasil, mas esse senso de propósito.

A melhor definição sobre a diferença de proposta talvez tenha sido de Nelson Rodrigues, que costumava escrever cenas dramatizadas com personalidades da vida real — na prática, entrevistas imaginárias. A propósito da visita do Honvéd, ele escreveu um artigo sobre Ferenc Puskás e Zizinho, ainda o grande herói brasileiro, perguntando a ambos, ao final, qual era a coisa mais mágica que poderiam fazer em um jogo. Zizinho respondeu que era dar o passe para o gol de um companheiro, enquanto Puskás disse que era marcar um gol. O exemplo pode ser caprichoso, mas indica a falta de pragmatismo do futebol brasileiro à época.

O São Paulo tinha feito uma temporada ruim em 1956, terminando em segundo lugar no Campeonato Paulista, sete pontos atrás do Santos, e não havia começado bem o ano de 1957, em quinto lugar na metade do campeonato, sete pontos atrás do líder Corinthians. Mas, gradualmente, os métodos de Guttmann começaram a surtir efeito.

Ele mandou pintar linhas transversais em uma parede no local de treinamentos e, ao rolar a bola para os atacantes, dizia qual quadrado eles deveriam acertar. Trabalhou as bolas longas lançadas na direção do centroavante, que deveria passá-las aos pontas. Não gostava que seus jogadores se demorassem com a bola; ao contrário, determinava trocas de passes rápidos com expressões como *tat-tat-tat* e *ping-pang-pong*, que se transformaram em slogans pessoais. Tudo girava em torno de mover a bola com velocidade, de fazer o time jogar por instinto.

Guttmann contratou Zizinho, então com 34 anos, do Bangu, e — antecipando o que faria com Mário Coluna no Benfica — o escalou como o mais criativo dos dois meios-campistas. Dino Sani, que até então era o mais envolvido na criação de jogadas, passou a ter um papel defensivo. “Foi só a partir desse momento”, disse Zizinho, “que eu realmente comecei a jogar.”

O São Paulo conquistou o Campeonato Paulista daquele ano, antes de Guttmann voltar para a Europa. Mas sua influência teve prolongamentos com Vicente Feola. Pouco mais do que um jogador mediano, o Feola treinador já tinha levado o São Paulo ao título paulista em 1949. Com a chegada de Guttmann, passou a ser assistente do húngaro. Quando Feola foi escolhido o técnico da seleção brasileira para a Copa do Mundo de 1958, a notícia foi recebida com certa surpresa. Osvaldo Brandão tinha sido forçado a se demitir após o Brasil terminar a Copa América de 1957 em terceiro lugar. Sylvio Pirillo e Pedrinho, seus sucessores, não causaram boa impressão. Houve um movimento para que Solich fosse nomeado, mas o fato de ser paraguaio o prejudicou. Feola foi a escolha menos controversa. Ele era um *bon vivant*, tão relaxado, diziam, que tinha o hábito de tirar sonecas no banco durante os treinamentos — ainda que isso nunca tenha sido comprovado. Em seu livro sobre a vida de Garrincha, Ruy Castro escreveu que Feola sofria de problemas cardíacos em decorrência do peso excessivo e, ocasionalmente, sentia fortes dores no peito. Ele aprendeu que a melhor forma de lidar com elas era fechar os olhos, abaixar a cabeça e esperar os espasmos passarem. A imprensa histórica e as fotografias de paparazzi é que levaram a crer que ele dormia.

Mas Antonio Rattín, o centromédio argentino que foi dirigido por Feola durante sua curta passagem pelo Boca Juniors, insiste que, em pelo menos uma ocasião, ele cochilou. “Encerrávamos todas as sessões de treino com um jogo”, ele disse. “Num dia de forte calor, começamos a jogar e continuamos, continuamos, continuamos. Estávamos esperando ele apitar o fim do primeiro tempo, mas ele não fez nada. Olhávamos para ele, esperando que fizesse alguma coisa. Então, eu me aproximei e ele estava roncando. Tinha estado dormindo o tempo todo.”

Embora Feola possa ter sido o gordinho simpático que não se importava em justificar o estereótipo, ele não era a figura sem personalidade que a federação brasileira imaginou que fosse. Com orçamento bancado pelo governo de Juscelino Kubitschek, o time para a Copa do Mundo de 1958 foi o mais bem preparado da história do Brasil. Foram feitas 25 visitas a diferentes locais na Suécia para selecionar a sede de treinamento; uma vez escolhido o hotel, 25 funcionárias foram substituídas por homens para minimizar potenciais distrações. Os

brasileiros tentaram até, sem sucesso, fechar um campo de nudismo que havia na área durante o período de treinos.

A delegação contava com um médico, um dentista, um preparador físico, um tesoureiro, um psicólogo e um espião — Ernesto Santos, extécnico do Fluminense —, que tinha a missão de conseguir informações sobre os adversários. Depois dos primeiros exames, o médico prescreveu medicação contra parasitas intestinais para a maioria dos jogadores. Um deles recebeu tratamento para sífilis. O dentista teve trabalho: extraiu um total de 470 dentes de 33 jogadores. Feola estava satisfeito com todas as medidas adotadas, mas não em relação ao psicólogo, dr. João Carvalhaes.

Acostumado a analisar psicologicamente candidatos a trabalhar como motoristas de ônibus, Carvalhaes tinha realizado uma série de testes com o elenco. Em um deles, os jogadores deveriam desenhar a figura de um homem. Os resultados foram intrigantes — aparentemente, quanto mais instintivo era o jogador, maior a probabilidade de ele fazer um desenho que representasse algo, em vez de uma tentativa de reproduzir um homem em todos os detalhes —, mas suas conclusões foram risíveis. Pelé, segundo ele, era “obviamente infantil” e “não possuía o senso de responsabilidade necessário para um jogo de equipe”. Quando Garrincha tirou a nota 38 de um possível total de 123 — menos que o mínimo necessário para dirigir um ônibus em São Paulo —, Carvalhaes sugeriu que ele não estava apto a jogos de muita pressão. Feola ignorou as conclusões e insistiu que ambos deveriam atuar em seu time.

Mas nenhum dos dois participou da estreia, uma vitória por 3 a 0, sem muito brilho, sobre a Áustria. Pelé estava machucado e Garrincha tinha desagradado a comissão técnica num amistoso de preparação contra a Fiorentina (após driblar o goleiro, ele decidiu não chutar a bola para a rede, para voltar a driblá-lo e então andar com a bola para dentro do gol). Feola teria escalado Garrincha mesmo assim, mas Ernesto Santos o alertou sobre o potencial dos quatro meios-campistas do W-M austríaco. Feola podia confiar em Mário Zagallo para recuar do lado esquerdo — ele, na prática, fazia o papel de Osório —, mas esse não era o jogo natural de Garrincha, e por isso o técnico optou por um jogador mais disciplinado: Joel, do Flamengo.

Pelé e Garrincha também não jogaram contra a Inglaterra, que, a exemplo do Brasil, tinha levado uma comissão técnica numerosa — uma indicação do crescente profissionalismo no futebol em todo o mundo. Bill Nicholson, técnico do Tottenham, foi enviado para analisar a seleção brasileira, e concluiu que a forma de parar o Brasil seria anulando Didi. Por causa dessa sugestão, o técnico inglês, Walter Winterbottom — numa decisão quase sem precedentes — fez mudanças táticas direcionadas a conter a ameaça brasileira. O desengonçado Don Howe, zagueiro do West Bromwich Albion, recebeu a orientação de jogar como um segundo centromédio, ao lado de Billy Wright; Thomas Banks e Eddie Clamp, médio pela direita no Wolves, seriam zagueiros laterais com liberdade para avançar; e Bill Slater deveria vigiar Didi. Uma finalização de Vavá bateu na trave, Clamp salvou uma bola sobre a linha e Colin McDonald fez duas ótimas defesas em cabeceios de José Altafini (que ainda usava o apelido de Mazzola), mas o sistema travou o Brasil e a Inglaterra conseguiu um empate sem gols.

Com esse resultado, o Brasil precisava vencer a URSS no último jogo da fase de grupos para ter a certeza de avançar às quartas de final. Carvalhaes aplicou mais testes, pedindo aos jogadores que desenhassem a primeira coisa que lhes passasse pela cabeça. Garrincha fez um círculo com alguns raios que saíam dele. A imagem parecia vagamente um sol, mas quando Carvalhaes perguntou o que era, o atleta respondeu que era a cabeça de Quarentinha, seu companheiro no Botafogo. O psicólogo imediatamente decidiu que Garrincha não poderia jogar. Dos onze jogadores que começariam a partida contra a URSS, ele julgou que nove não eram indicados para um jogo de tamanha pressão. Felizmente Feola confiou em seu próprio julgamento, e selecionou Pelé e Garrincha.

“Você pode estar certo”, Pelé se lembra de dizer a Carvalhaes. “Mas o problema é que você não entende nada de futebol.”

Feola estava preocupado com informações que recebeu sobre o ótimo condicionamento físico dos soviéticos, então decidiu que seu time deveria intimidá-los com a habilidade brasileira desde o início. “Lembre-se”, ele disse a Didi, antes de deixar o vestiário, “o primeiro passe é para o Garrincha.” Demorou menos de vinte segundos para que a bola chegasse ao ponta. Boris Kuznetsov, o experiente lateral esquerdo soviético, se aproximou. Garrincha fintou para a esquerda e saiu pela

direita; Kuznetsov ficou no chão. Garrincha fez uma pausa e o driblou de novo. E de novo. E outra vez ele caiu no chão. Garrincha avançou, passando por Yuri Voinov, invadiu a área e, com pouco ângulo, chutou a bola na trave. Menos de um minuto depois, Pelé já tinha feito o mesmo; passado mais um minuto, Vavá marcou o gol para o Brasil, com passe de Didi. Gabriel Hanot disse que foram os melhores três minutos de futebol que já haviam sido jogados.

O Brasil ganhou por apenas 2 a 0, mas o desempenho em campo foi tão especial quanto nas demolições da Espanha e da Suécia, oito anos antes. O País de Gales ofereceu surpreendente resistência nas quartas de final, mesmo sem a presença imponente de John Charles, machucado, e perdeu por 1 a 0. Mas o Brasil não seria detido por nenhum rival. A França, enfraquecida pela lesão de Bob Jonquet, foi atropelada com um 5 a 2 na semifinal, e a Suécia foi batida pelo mesmo placar na final. “Não havia dúvidas dessa vez”, escreveu Glanville, “de que o melhor time tinha vencido.”

Feola disse que a chave para o sucesso tinha sido o papel de Zagallo, oferecendo equilíbrio ao brilhantismo anárquico de Garrincha. Inicialmente um atacante que jogava por dentro, Zagallo se converteu em ponta porque percebeu que era sua única chance de atuar pela seleção, e mostrou-se o jogador ideal para a função de avançar e recuar continuamente pelo lado esquerdo do campo. Na Copa do Mundo de 1962, ele passou a jogar tão recuado que o sistema começou a ser chamado de 4-3-3.



BRASIL, COPA DO MUNDO DE 1958



BRASIL, COPA DO MUNDO DE 1962

“No Chile, nós sempre tínhamos que levar em consideração a questão da idade”, explicou Aymoré Moreira, que substituiu Feola, com a saúde deteriorada, mas selecionou um time semelhante para a Copa do Mundo seguinte. “Por isso nossas táticas foram menos flexíveis do que muitos poderiam esperar, em comparação com o brilho do time na

Suécia. No Chile, nós tivemos que utilizar cada jogador de acordo com o rendimento do time. Por exemplo, Didi era cada vez mais o jogador ideal para ficar no meio de campo e bloquear os adversários por aquele setor [...]. Zito, mais rápido e mais dinâmico, podia recuar e avançar, e aguentava os noventa minutos fazendo isso. Por isso, pela necessidade de adaptar o papel de um jogador ao de outro, a elasticidade dos ataques foi limitada — com esta grande compensação: todos os jogadores tinham liberdade e habilidade para se valer da própria iniciativa e criar variações.”

A maior compensação de todas, no entanto, foi Garrincha. Os adversários muitas vezes empregavam dois ou até três jogadores para marcá-lo, e ele simplesmente passava por todos. Pelé jogou apenas as duas primeiras partidas no Chile antes de se machucar, mas Garrincha foi suficiente. Ele perdeu um pênalti, porém marcou duas vezes na vitória sobre a Inglaterra por 3 a 1 nas quartas de final e fez mais dois gols na vitória por 4 a 2 sobre o Chile, na semifinal, jogo em que também acabou expulso. Sua suspensão foi revista e ele pôde jogar a final, apesar de não ter se destacado. Isso, contudo, não teve importância: 1962 foi a Copa dele, o triunfo final do ponta antes do ocaso iniciado na metade dos anos 1960.

Em um artigo para *A Gazeta* em 1949, Mazzoni escreveu:

Para o inglês, o futebol é um exercício atlético; para o brasileiro, é um jogo.

O inglês considera um incômodo o jogador que dá três dribles em sequência; o brasileiro o considera um virtuoso.

O futebol inglês, bem jogado, é como uma orquestra sinfônica; bem jogado, o futebol brasileiro é como uma banda de jazz.

O futebol inglês exige que a bola se mova mais rápido do que o jogador; o futebol brasileiro exige que o jogador seja mais rápido do que a bola.

O jogador inglês pensa; o brasileiro improvisa.

Ninguém exemplificava essa diferença como Garrincha. No São Paulo, Guttmann teve um ponta-esquerda chamado Canhoteiro, que era visto como o “Garrincha canhoto”. “As táticas”, disse Guttmann em certa ocasião, após ser brilhantemente ignorado por Canhoteiro uma vez mais, “são para todos, mas não valem para ele.” A beleza de jogar com quatro na defesa estava no fato de, embora não fosse esse o propósito do sistema — como Viktor Maslov e Alf Ramsey provariam —, permitir que

jogadores tão talentosos assim brilhassem. O mundo logo entendeu o recado, e, na Copa do Mundo de 1966, o w-m já fazia parte da história.



8. O pragmatismo inglês (1)

“Vocês na Inglaterra”, anunciou Helenio Herrera em uma entrevista coletiva improvisada no aeroporto de Birmingham, em março de 1960, “estão jogando no estilo que nós do continente usamos muitos anos atrás, com muita força física, mas sem método, sem técnica.” Quem viu o Barcelona dirigido por ele destruir o Wolverhampton Wanderers, campeão inglês, na Copa da Europa na noite anterior, não teve dúvida de que Herrera estava certo. O Barcelona tinha vencido por 4 a 0 no jogo de ida e fez maravilhas na partida de volta, construindo um placar agregado de 9 a 2. Os dias dos amistosos em que o Wolves vencia times como o Honvéd e o Spartak Moscou estavam num passado distante.

A bem da verdade, o Wolves era mais direto que a maioria dos times de sua liga, mas Herrera acreditava que o fato de o time ter sido tão dominante no futebol doméstico era evidência da fraqueza geral do jogo inglês. “Quando se trata de futebol moderno, os ingleses não acompanharam a evolução”, ele disse, debochando do instintivo conservadorismo britânico. “Os ingleses são criaturas de hábitos: chá às cinco.” A ironia é que Stan Cullis, o técnico dos Wolves, era um dos pensadores mais progressistas da Inglaterra.

As pesadas derrotas para a Hungria tinham deixado claro que qualquer noção de superioridade inglesa era um mito, e existia ao menos o reconhecimento de que o estilo inglês tinha de mudar, o que se percebia pela publicação de uma lista de livros lamentando o fim da era dourada. O problema era que ninguém tinha certeza do que fazer a respeito. O W-M era considerado o culpado, mas seguia sendo um padrão. Entre tantas sugestões de solução, os ingleses tenderam ao caminho prescrito por Willy Meisl em *Soccer Revolution*: voltar aos anos de ouro e readotar o 2-3-5; o que, obviamente, comprovaria o argumento de Herrera: enquanto o resto do mundo se tornava cada vez mais sofisticado taticamente, havia jornalistas sérios e influentes na Grã-Bretanha defendendo o retorno a uma formação que já parecia obsoleta vinte anos antes.

A opção de copiar a Hungria foi considerada apenas no Manchester City. Johnny Williamson tinha ido bem jogando como centroavante recuado no time B ao final da temporada 1953-4 e, no ano seguinte, o técnico Les McDowall mandou Don Revie atuar da mesma forma no time principal.

Revie dedicou vinte páginas de seu livro de memórias, *Soccer's Happy Wanderer*, para explicar o sistema. Depois de um início duvidoso — o time foi goleado pelo Preston por 5 a 0 na abertura da temporada — e algumas dificuldades em gramados pesados durante o inverno, o City alcançou a final da Copa e terminou o campeonato em sétimo lugar — e Revie ganhou o prêmio de Jogador do Ano. Mas, no verão seguinte, ele fez uma viagem com a família sem autorização do clube e, depois de ser suspenso por duas semanas, permaneceu fora do time. Lesões facilitaram seu retorno para outra final de FA Cup, na qual o City venceu o Birmingham, mas Revie havia se desiludido e acabou indo para o Sunderland na temporada seguinte.

O City recorreu novamente a métodos mais tradicionais, enquanto Revie enfrentou dificuldades em Roker Park. Já prejudicado por gastos irresponsáveis, o Sunderland se envolveu num escândalo de pagamentos ilegais por oferecer bônus de dez libras por vitória, quando o máximo permitido era de quatro libras. Em meio ao caos, o técnico Bill Murray foi substituído por Alan Brown, e o Sunderland acabou rebaixado. De qualquer forma, Revie não tinha se adaptado. “Ele só jogava de um jeito”, disse o atacante do Sunderland, Charlie Fleming. “Fazia muitas coisas estranhas para nós [...]. O sistema de Don funcionava em Manchester, mas todo mundo o conhecia quando ele veio para o Sunderland e já sabia o que fazer para enfrentá-lo. Don não sabia como mudar.” Ou talvez fossem os jogadores britânicos que não sabiam como mudar. De um jeito ou de outro, Revie logo foi para o Leeds, onde jogou como atacante interior, e aquela etapa de sua experimentação se perdeu.

Até mesmo os times britânicos que tiveram sucesso nas primeiras edições da Copa da Europa prosperaram não por trazer inovações, mas porque eram muito bons na aplicação do modelo antigo. O Hibernian, por exemplo, semifinalista da primeira Copa da Europa, era reconhecido por sua famosa linha ofensiva de cinco jogadores, com Gordon Smith, Bobby Johnstone, Lawrie Reilly, Eddie Turnbull e Willie Ormond. O

Manchester United de Bobby Charlton, Dennis Viollet e Duncan Edwards, apesar de toda a juventude e vitalidade, tinha raízes fincadas no W-M. “Com a combinação de passes curtos e longos”, Geoffrey Green escreveu, “[eles] descartaram a formação ofensiva convencional e, contando com uma defesa bem organizada, encontraram o sucesso com as repentinas variações de ataque, numa abordagem muito fluida. O objetivo é produzir o ‘homem a mais’ na fase mais aguda do ataque.” O United de Busby pode ter sido fluido para os padrões britânicos — e seu brilhantismo não está em discussão —, mas ainda era um time ortodoxo para os padrões europeus.

O radicalismo mais bem-sucedido teve lugar no Tottenham Hotspur, que, em 1912, escolheu Peter McWilliam como técnico. Ele é hoje uma figura negligenciada, mas sua influência foi extraordinariamente abrangente. Quando era ponta-médio do Newcastle, McWilliam aprendera o jogo escocês de passes com Bob McColl, contratado junto ao Queen’s Park, e logo aplicou seus princípios no novo time. Ele percebeu a importância do desenvolvimento do jogo de passes curtos entre jogadores jovens e fez do Northfleet United, um time da Kent League, uma base para abastecer o Spurs. Essa medida, se não inédita, era extremamente rara. “Nós treinamos os jogadores para que tenham apenas hábitos bons”, explicou. “Eu sempre digo a eles para tratarem a bola como a melhor amiga e passá-la com cuidado e consideração. Maltratar a bola não tem lugar no jeito do Tottenham de fazer as coisas.”

Eram ideias progressistas, mas em outras áreas McWilliam era muito tradicional. “Peter McWilliam nunca mediu as palavras com ninguém”, disse o ponta-médio Ron Burgess. “Se um jogador o desagradava, ele não deixava de dizer isso a ele. Nunca vou esquecer que ele chamava a todos de ‘garoto’ nem de como os jogadores mais jovens tentavam evitá-lo quando ele entrava no vestiário depois de termos perdido um jogo que ele achava que deveríamos ter vencido.”

Em sua autobiografia, Burgess relembra um jogo do time B em Coventry, quando tentou atuar conduzindo a bola seguidas vezes a partir da linha média, e sofreu fortes choques em “um jogo duro e extenuante”. Quando o viu sem o uniforme no vestiário, com todas as marcas no corpo, McWilliam disse: “Bem feito, garoto. Talvez você aprenda a não segurar tanto a bola!”. McWilliam pode ter sido

insensível, mas Burgess concluiu que ele estava certo. “Segurar a bola desnecessariamente e tentar forçar a passagem contra defensores fortes foi uma falha minha, mas aquilo me fez bem. Eu aprendi uma lição, porque os machucados doíam muito e ficaram bem roxos; por essa razão, o que aconteceu foi bom.”

McWilliam deixou o Tottenham para trabalhar no Middlesbrough, em 1927, atraído por um salário de 1500 libras por ano. Mas nunca se sentiu inteiramente confortável no nordeste do país, e assim voltou a Londres em 1934 como observador do Arsenal. Em 1938, reassumiu como técnico do Tottenham. Nos últimos anos antes da Segunda Guerra Mundial, havia em seu time três homens que viriam a ter grande impacto como treinadores: dois deles, Arthur Rowe e Bill Nicholson, no próprio Tottenham; o outro, Vic Buckingham, no Ajax e no Barcelona.

Rowe atuava como centromédio recuado no Spurs, mas foi um jogador muito mais completo do que Herbie Roberts e seus imitadores, preferindo segurar a bola até que pudesse fazer um passe preciso, em vez de apenas se desfazer dela. Estimulado por McWilliam, dedicava-se a pensar sobre o jogo e gostava de colocar suas ideias em prática. Ele fez uma turnê de palestras na Hungria, em 1939, e causou uma impressão tão positiva que recebeu um convite para preparar a seleção nacional para os Jogos Olímpicos de 1940, em Helsinque, enquanto atuaria também como mentor de técnicos húngaros. O jornalista László Feleki, da revista *Nemzeti Sport*, aparentemente como intermediário da federação húngara, escreveu para a Associação de Futebol da Inglaterra dizendo que o plano era que Rowe “determinasse os novos fundamentos do futebol húngaro com ajuda inglesa”. Considerando-se como o futebol húngaro já vinha progredindo sem a ajuda inglesa, esse fato é revelador: talvez ainda houvesse um sentido de respeito pelo país de Jimmy Hogan. As ideias de Rowe, no entanto, guardavam semelhanças com aquelas que já eram debatidas nos cafés e é razoável supor que tenha havido uma certa dose de intercâmbio.

A guerra impediu Rowe de aceitar a oferta húngara, então ele voltou para casa com o objetivo de treinar o time do exército. Ganhou um título da liga regional com o Chelmsford City e, em 1949, foi contratado pelo Tottenham, à época na segunda divisão, para substituir Joe Hulme. Ele logo explicou sua teoria sobre como o jogo deveria ser praticado. O então

capitão do Tottenham, Burgess, escreveu em sua autobiografia: “Assim que nos apresentamos para treinar, [Rowe] nos mostrou seu novo esquema de jogo. O projeto foi inicialmente discutido no vestiário e, enquanto ouvíamos as ideias revolucionárias de Arthur, eu via expressões de dúvida nos rostos de alguns dos rapazes”. Após duas semanas de treinos, no entanto, Burgess disse que “mal podia esperar” para testar o novo estilo de jogo em um ambiente competitivo.

Embora Burgess tenha sido claro a respeito do que era o novo estilo, não estava tão certo em relação ao grau de inovação que ele representava — o que é compreensível, já que Rowe, animado pelo que vira em Budapeste, havia basicamente levado ao extremo o que McWilliam vinha fazendo antes da guerra. Por um lado, Burgess chamou a tática de “revolucionária”; por outro, admitiu que “não havia nada exatamente original nela”. Ele escreveu: “Nosso estilo era meramente a adaptação do estilo moderno do continente. Baseava-se no passe curto, de quinze a vinte metros, sem que nenhum jogador mantivesse a bola por mais tempo do que o necessário”.

A visão de Rowe o levou a fazer de Alf Ramsey — um ofensivo zagueiro pela direita (lateral direito, na formação revisada) do Southampton — sua primeira contratação. Em *And the Spurs Go Marching On*, Rowe explicou como admirava a disposição de Ramsey para atacar, mas o encorajava a não depender tanto de passes longos. “Será que ele [Ramsey] já tinha pensado em como teria mais precisão e progrediria mais com passes de quinze ou vinte metros para [o exterior-direito Sonny] Walters, que jogava recuado?”, Rowe se perguntou. “O zagueiro adversário que jogava pela esquerda hesitaria em perseguir Walters até o campo de defesa dos Spurs, uma região que nenhum zagueiro visitava naquela época, o que daria a Walters a vantagem fundamental do espaço. E Sonny poderia dar um passe por dentro se Alf o acompanhasse no avanço e se apresentasse para receber.”

O Tottenham começou a construir o jogo desde a defesa, praticamente o único time que fazia isso na Grã-Bretanha, com Ramsey autorizado a avançar. “Não há limite para o avanço de um defensor ao ataque”, ele dizia. “Talvez você tenha notado a frequência com que subo para cruzar uma bola ou mesmo para chutar ao gol. Nunca concordarei que um defensor não pode tentar fazer um gol.” Mas ele só podia fazer

isso porque o centromédio, Bill Nicholson, estava preparado para ficar mais atrás e lhe dar cobertura.

Esse estilo ficaria conhecido como “empurre e corra”, mas não era tão simples assim. “Os pontas tinham de jogar ainda mais recuados do que faziam na tática dos passes longos e participavam mais do jogo, porque suas trocas de posição com os atacantes interiores eram essenciais para o esquema”, explicou Burgess. Atuando na linha média, seu papel mudou para acomodá-los. “Eu não podia mais me considerar um médio que atacava, porque Bill Nicholson e eu tínhamos de estar em posição de receber o passe curto dos zagueiros, a fim de fazer a bola chegar aos interiores ou aos pontas.”

O objetivo não era apenas encontrar homens no espaço vazio, mas criar o espaço e manipulá-lo. “Nós mudamos as coisas”, afirmou o atacante interior Eddie Baily (que mais tarde foi assistente de Bill Nicholson) a Phil Soar, em sua história do clube escrita em 1982. “Nós passamos a dar a bola para o homem que estava marcado. Só que outros jogadores se colocavam em posições de apoio para dar mais opções ao homem com a bola. Isso dependia de como a bola era passada, e tínhamos de garantir que nosso homem iria recebê-la.” Não fazia diferença se um jogador tinha um defensor próximo a ele, se tudo o que ele precisava fazer era dar um passe para mudar o ângulo do ataque. “Um bom jogador corre em direção à bola”, disse Rowe. “Um jogador ruim corre atrás dela.”

O Tottenham conseguiu o acesso de divisão em 1949-50 e goleou o Sunderland, à época o terceiro colocado da primeira divisão, por 5 a 1, na quarta rodada da FA Cup. Mas a derrota para o Everton na quinta rodada levantou questões sobre se o time teria de mudar seu estilo para competir entre os melhores. Rowe insistia que não seria necessário. “Desde que a antiga lei do impedimento mudou [em 1925] e desde que o Arsenal introduziu — com muito sucesso, é preciso admitir — seu estilo de jogo, o futebol para mim tem tido uma natureza negativa. Não há nada de errado com o estilo do Arsenal, mas para aplicá-lo com sucesso, você precisa ter um certo número de jogadores específicos. Se não tiver, o sistema não será bem-sucedido. Muitos clubes tentaram copiar o estilo do Arsenal sem ter os homens adequados para isso. O resultado tem sido um contínuo impasse. Já o nosso método é melhor:

uma apreciação do fato de que o time é mais importante que o indivíduo. Eu sinto, de qualquer modo, que o indivíduo é mais beneficiado do também.”

O Tottenham foi magnífico em certos momentos da temporada 1950-1, a de seu retorno à primeira divisão. Após uma vitória por 7 a 0 sobre o Newcastle em novembro, por exemplo, o *Telegraph* escreveu que “o método do Tottenham é simples. Em poucas palavras, o princípio de jogo é ficar com a bola pelo mínimo de tempo possível, mantê-la no chão e mandá-la ao espaço aberto em que um companheiro estará alguns segundos depois. O resultado é que os ataques são construídos por todo o time, cada jogador imprime sua velocidade à bola, como uma onda que vai ganhando corpo em direção à costa distante. Toda a construção se baseia em triângulos e quadrados; então quando o mecanismo funciona em velocidade, como aconteceu no sábado, com cada passe sendo feito com a máxima precisão, simplesmente não existe defesa contra ele”.

Eles ganharam o título com quatro pontos de vantagem, tornando-se apenas o terceiro time a conquistar a segunda e a primeira divisões em temporadas consecutivas — uma indicação, segundo Concord, o correspondente do *Tottenham Weekly Herald*, de como o estilo adotado era revolucionário. “O Spurs provou, sem deixar dúvidas, a imensa superioridade de seu novo estilo de futebol”, ele escreveu. “Prevejo que a aplicação bem-sucedida desse estilo trará uma revolução ao futebol britânico. Assim como os clubes tiveram de descobrir como responder ao terceiro zagueiro, terão também de reformar suas ideias para conter o sistema do Tottenham. O crédito por esse desenvolvimento imensamente encorajador é do técnico Arthur Rowe [...]. Em seu curto período no clube, ele produziu resultados cujos efeitos serão sentidos em todos os lugares em que se jogar futebol de primeira classe. Reconheceu e aplicou uma verdade fundamental, a de que o futebol é um jogo de equipe e só o trabalho coletivo pode trazer sucesso.”

No ano seguinte, eles terminaram em segundo lugar, mas talvez porque Rowe tenha se mantido leal por tempo demais a jogadores envelhecidos, o estado de forma do Tottenham foi se desintegrando. O próprio Rowe enfrentou problemas: em janeiro de 1954, ele sofreu um colapso nervoso. Retornou ao trabalho no verão, mas uma derrota para o

York City na quinta rodada da FA Cup provocou sua volta ao hospital em abril de 1955. Rowe se demitiu em julho e nunca mais voltou a White Hart Lane. Seu assistente Jimmy Adamson assumiu como técnico, com Bill Nicholson como o novo assistente. Os fundamentos de jogo do Spurs foram assegurados; assim, adotando o “empurre e corra” como estilo, eles conquistaram a liga e a copa com Nicholson, em 1961.



TOTTENHAM HOSTPUR 2 A 0 LEICESTER CITY, FINAL DA FA CUP,
WEMBLEY, LONDRES, 6 DE MAIO DE 1961

O progresso alcançado tão rapidamente era raro na Inglaterra, e, apesar de todo o sucesso, o Tottenham era visto com desconfiança. À medida em que o resto do mundo se desenvolveu tecnicamente e foi adotando padrões defensivos cada vez mais sofisticados ou meios de estruturar a fluidez ofensiva, o futebol britânico seguiu seu caminho solitário, menos engenhoso. À sua maneira, sucumbiu ao mesmo medo — ou, para seus apologistas, ao pragmatismo — que levaria ao *catenaccio* adotado ao final por Herrera, mas se tratava de uma insegurança bastante britânica. A habilidade, ou qualquer coisa que

exigisse muito raciocínio, não merecia confiança, enquanto a força física continuava no posto de virtude suprema. Não é coincidência que, à exceção do triunfo na Copa do Mundo de 1966, a imagem icônica do futebol inglês permaneça sendo um ensanguentado Terry Butcher, com uma bandagem na cabeça, após inspirar a Inglaterra a conseguir o empate por o a o com a Suécia que garantiu a classificação para a Copa do Mundo de 1990. Até a maneira como se construiu aquele empate, sem gols, é característica. Talvez a Itália, por exemplo, tivesse resolvido matar o jogo trocando passes no meio de campo, gastando tempo, quebrando o ritmo — como os ingleses de fato fizeram numa partida contra os italianos em Roma, em 1997, quase que invertendo os papéis. Mas em 1989, em Estocolmo, a Inglaterra simplesmente se postou atrás, defendendo sua área, e recorreu à coragem sob fogo: o que Simon Kuper classificou como o desejo de recriar a Batalha de Dunkirk a cada oportunidade.

Responsabilizar Stan Cullis por uma característica que marca o futebol inglês desde suas origens seria absurdo, e o mesmo se pode dizer dos jornalistas dos anos 1950 que atribuíram a culpa a Chapman (ou dos que fizeram como Willy Meisl, que, com base em algo que teria sido dito numa conversa de Chapman com seu irmão, seguiam acreditando que, se não tivesse morrido, ele teria voltado a um sistema mais clássico). Além disso, se o objetivo é o resultado, e não a estética, não há nada necessariamente errado com a força física que funcione; treze anos depois do desastre húngaro, a força, afinal, levou a Inglaterra ao título de uma Copa do Mundo. O mais importante é o método, além do pensamento existente por trás dele.

O time de Cullis pode ter sido esmagado pelo Barcelona de Herrera, mas tinha obtido resultados excelentes contra equipes de elite alguns anos antes. Holofotes foram instalados no Molineux no verão de 1953, sendo oficialmente inaugurados num jogo noturno contra a seleção da África do Sul em setembro do mesmo ano. Posteriormente, o Racing Club de Buenos Aires foi derrotado por 3 a 1 numa partida em que “o Wolverhampton Wanderers demonstrou eficientemente que o futebol inglês, jogado com velocidade e alma, ainda é de classe mundial”, de acordo com Desmond Hackett, no *Daily Express*. O Wolves bateu o Dynamo Moscow por 2 a 1 e o Spartak por 4 a 0, mas o jogo mais

memorável, sem dúvida, foi o encontro com o Honvéd de Puskás, Czibor, Bozsik e Kocsis, em 13 de dezembro de 1954. Depois das duas humilhações impostas pela Hungria à Inglaterra, era uma chance de vingança.

Na manhã do jogo, Cullis, lembrando como a Hungria tivera problemas com o campo enlameado na final da Copa do Mundo contra a Alemanha, mandou três jovens — um deles, Ron Atkinson, então com dezesseis anos — molharem o gramado. “Nós achamos que ele estava louco”, Atkinson declarou numa entrevista citada na biografia de Cullis, escrita por Jim Holden. “Era dezembro e chovia sem parar fazia quatro dias.”



WOLVES 3 A 2 HONVÉD, AMISTOSO NO MOLINEUX,
WOLVERHAMPTON, 13 DE DEZEMBRO DE 1954

O Honvéd marcou duas vezes nos primeiros quinze minutos, mas as condições do gramado logo começaram a cobrar seu preço. “O Honvéd foi sendo atolado pouco a pouco”, Atkinson continuou. “Os artifícios do time com a bola ficavam presos na lama.” Cullis mandou seus jogadores

se preocuparem o mínimo possível com o campo enlameado e, no intervalo, ordenou passes longos para fazer a bola chegar rápido ao ataque e surpreender os zagueiros do Honvéd. Aos quatro minutos do segundo tempo, o Wolves conseguiu diminuir a diferença quando Johnny Hancocks converteu um pênalti. “Aos poucos, o Wolves começou a apertar os parafusos”, escreveu Geoffrey Green. “Parecia que eles tinham o dobro de jogadores e eram maioria em todos os lugares. O gramado, cada vez mais castigado, dava a impressão de estar coberto de cola. E o público no Molineux rugia e urrava como um furacão no mar, pedindo a vitória.” Faltando catorze minutos, Dennis Wilshaw, que quase não pôde jogar por causa de um acidente de bicicleta a caminho do estádio, cruzou para Roy Swinbourne empatar de cabeça. Noventa segundos depois, a mesma dupla construiu o gol da vitória.

Após um ano de sofrimento, o futebol inglês se refestelou com o triunfo. “Eu talvez não viva para ver um thriller melhor do que esse”, escreveu Peter Wilson no *Daily Mirror*. “E se puder ver outros jogos assim, talvez não viva muito mais tempo.” Em sua coluna no *News Chronicle*, Charlie Buchan saudou a afirmação do estilo inglês. O *Daily Mail* capturou o senso de êxtase com a manchete: “Salve o Wolves, campeão do mundo”. O anúncio efusivo deixou Gabriel Hanot tão irritado que o inspirou a instituir a Copa da Europa para refutá-lo.

Só Willy Meisl permaneceu indiferente, lembrando que apenas alguns dias antes o Honvéd também tinha perdido para o Estrela Vermelha [Crvena Zvezda], que ocupava a sétima posição na liga iugoslava na época, longe do líder Partizan. “Ninguém chamou o Partizan de campeão do mundo”, ele disse. “Permitam-me também lembrar que pântanos não são considerados os melhores campos para que campeonatos mundiais sejam decididos, nem mesmo pântanos neutros.” Quando a batalha travada era entre o físico e a técnica, a Inglaterra ainda era capaz de enfrentar os melhores, mas o vazio do consolo obtido daquela maneira acabou sendo exposto nos anos seguintes. O Wolves — em parte também por causa do acidente aéreo em Munique, com o Manchester United — ganhou a liga em 1958 e 59, e a FA Cup em 1960, mas a impressão que o time deixou nas verdadeiras competições europeias, que começaram em 1955, foi quase inexistente. A zombaria de Herrera incomodou bastante porque tocava uma ferida.

Como acontece com frequência, o estilo de Cullis como técnico guardava pouca relação com o jogador que ele havia sido: era considerado um centromédio refinado e ofensivo. Até Puskás chegou a falar de sua fama de ser “o mais clássico centromédio de sua época”. Seu talento para liderar apareceu cedo, e ele se tornou capitão do Wolves aos dezenove anos — e da Inglaterra aos 22. Como também era muito meticoloso, mantinha um caderno em que arquivava impressões sobre os centroavantes que enfrentava. Tommy Lawton dizia que, para superar Cullis, um atacante precisava “do poder de penetração de um tanque e da velocidade de um cão de corrida”. O centromédio também construiu a reputação de ser absolutamente limpo, que se confirmou no famoso lance em que se recusou a derrubar Albert Stubbins quando o atacante apareceu livre atrás dele para marcar um gol para o Liverpool, num jogo que decidia o título. John Arlott se referia a Cullis como “o puritano apaixonado”.

Em termos de formação como técnico, ele teve a vantagem de ser dirigido pelo excêntrico major Frank Buckley, um dos técnicos mais ousados dos anos 1930. Buckley chegou a instalar uma máquina terapêutica de indução de calor, além de outra que emitia raios ultravioletas para tratamentos no vestiário do Molineux. Antes da final da FA Cup de 1939, ele deu aos jogadores injeções de “secreção animal”, supostamente retiradas de glândulas de macacos, embora Cullis acreditasse que na verdade eram apenas placebos, que aumentariam a confiança e não os músculos.

Cullis questionava o que era convencional, mas retornava ao básico. “Não há substituto para o trabalho duro”, ele sempre repetia. Cullis foi um dos primeiros técnicos na Inglaterra a levar a preparação física a sério. Fazia seus jogadores correrem em Cannock Chase para ganhar resistência, e ainda contratou Frank Morris, um ex-corredor de nível internacional, como preparador físico. Seus jogadores, ele dizia, “deveriam ter um tremendo espírito de equipe, além de ter a obrigação de estar em excelente forma física e usar as táticas corretas em campo”. As táticas em questão eram basicamente um W-M em que todos os esforços eram feitos para que a bola chegasse rapidamente ao ataque. O Wolves, Cullis insistia, assim como tantos outros técnicos de filosofia similar, não chutava bolas longas sem direção, mas tentava transferi-la

com precisão para os dois pontas, Jimmy Mullen e Johnny Hancocks. Segundo o centromédio e capitão Billy Wright, “alguns críticos mal informados chamavam isso de ‘chutar e correr’. Nada poderia estar mais longe da verdade. Todas as fases eram estritamente lógicas e, ainda que preferisse a coordenação sem egoísmo ao individualismo, Cullis nunca desprezou a habilidade dos jogadores”.

Embora encontrasse lugar para jogadores talentosos como Peter Broadbent, Jimmy Murray e Bobby Mason, na opinião de Cullis a habilidade deveria servir aos objetivos do time e, com certeza, não era um fim em si mesma. Ele acreditava piamente na importância da integridade no jogo, mas não advogava um “jeito certo” de jogar; para ele, o que contava era vencer. “Nós insistimos que todo jogador que tem a bola deve fazer progresso rápido para lançar um ataque”, dizia. “Nossos atacantes não são estimulados a exibir suas habilidades como forma de ostentação, o que pode agradar a uma pequena parte do público, mas diminui a eficiência do movimento.”

Enquanto outros exaltaram a vitória da Hungria por 6 a 3 em Wembley como um belo festival de passes e habilidade individual, Cullis viu uma confirmação de suas crenças. O goleiro Gyula Grosics, segundo ele, costumava chutar bolas longas para o ataque. E só um dos gols húngaros havia resultado de um movimento iniciado no campo de defesa: três vieram de jogadas em que só houve um passe, um fora antecedido por dois passes e o outro tivera origem numa cobrança de falta. O futebol de passes que era tão admirado, disse ele, só apareceu no segundo tempo, quando a Hungria tentava impedir a Inglaterra de ter a bola. “O número de chances de gol durante um jogo tem relação direta com o tempo em que a bola fica diante do gol adversário”, explicou. “Se os defensores do Wolves demorarem muito para tirar a bola de perto do nosso gol, as chances serão do adversário. Se muito tempo for gasto na construção dos nossos ataques, a bola passará menos tempo na área do adversário e, claro, vamos marcar menos gols.”

Nesse ponto, Cullis teve como aliado o comandante Charles Reep, um oficial da Força Aérea britânica em Bridgnorth. Reep esteve baseado em Bushy Park, no sudoeste de Londres, nos anos 1930, e ficou fascinado pelo estilo do Arsenal de Herbert Chapman depois de assistir a duas palestras feitas pelo meia-direita Charles Jones, em 1933. Nelas,

Jones enfatizou a necessidade de transferência rápida da bola entre a defesa e o ataque, explicando o conceito de Chapman do ponta funcional.

Reep foi enviado à Alemanha ao final da guerra e, quando retornou, em 1947, ficou decepcionado por perceber que, apesar de a formação W-M ter sido adotada, as outras ideias de Chapman acabaram relegadas. Ele achava que o jogo estava muito lento e que o ponta tinha voltado a ser aquela figura que realizava suas ações praticamente de forma isolada, antes de fazer cruzamentos que quase nunca produziam gols. As frustrações de Reep aumentaram até que, como se lê num artigo autobiográfico para a revista escocesa *The Punter*, em 1989, ele perdeu a paciência durante um jogo do Swindon Town no County Ground, que teria acontecido em 19 de março de 1950.

Não houve jogo nesse dia exatamente, o que é intrigante por causa do cuidado de Reep com a precisão estatística (a bem da verdade, ele pode ter sido traído por um erro de legenda), mas o Swindon de fato bateu o Bristol Rovers por 1 a 0, em casa, pela terceira divisão, em 18 de março — então é provável que esse seja o jogo a que ele se referiu. Depois de um primeiro tempo em que viu ataque após ataque dar em nada, o comandante decidiu tomar notas. Suas anotações mostraram que o Swindon fez 147 ataques no segundo tempo. Utilizando esse número como base e supondo que seriam 280 os ataques por jogo, que resultavam numa média de dois gols marcados, Reep chegou a um índice de erro de 99,29%, o que significava a necessidade de uma melhora de apenas 0,71% para alcançar a média de três gols por jogo. Ele acreditava que isso praticamente garantiria o acesso de divisão.

Reep, então, sofisticou suas análises e começou a observar movimentos de ataque de ambos os times. “Em 1950”, ele escreveu, “essas conclusões não foram aceitas, mas o tempo mostraria que elas estavam corretas [...]. De cada nove gols, apenas dois resultavam de movimentos com mais de três passes recebidos.” Ele também observou que um passe longo — originado do campo de defesa — tornava o movimento mais eficiente, que recuperar a bola dentro da área do adversário ou perto dela era a maneira mais eficiente de marcar um gol e que eram necessárias cerca de oito tentativas para produzir um gol.

À época, Reep estava baseado em Yatesbury e lá começou a trabalhar com o time da Força Aérea. Ele desenvolveu uma teoria sobre como os pontas deveriam jogar e, embora não haja registros correspondentes, Øyvind Larson escreveu um artigo sobre a influência do comandante no futebol norueguês, no qual discute um relatório enviado por Reep ao técnico Egil Olsen, nos anos 1990. O relatório foi originalmente feito para Walter Winterbottom (ainda que não haja evidência de que ele tenha lido), antes de um amistoso entre Inglaterra e Uruguai em 1954, e baseava-se na análise de Reep acerca da vitória do Uruguai sobre a Escócia por 7 a 0, na Copa do Mundo daquele ano. Nele, Reep afirmava que os pontas deveriam permanecer adiantados, no limite da linha do impedimento, esperando por lançamentos da defesa; que, com a bola, deveriam sempre se dirigir à primeira trave, para dali chutar ou cruzar; e que, sem a bola, deveriam se posicionar na segunda trave (sempre em relação à bola), para dar suporte ao centroavante. Era assim, de forma geral, que os pontas de Chapman se comportavam. E se os pontas do Yatesbury faziam o mesmo, deu certo, pois o time conquistou a copa Army Southern Commands em 1950.

Reep foi transferido de volta a Bushy Park naquele ano. Suas teorias chamaram a atenção de Jackie Gibbons, o técnico do Brentford; assim, a partir de fevereiro de 1951, o comandante foi contratado pelo clube. Quando ele chegou, faltavam catorze jogos para o final do campeonato e o time corria risco de rebaixamento. Mas os conselhos de Reep elevaram a média de gols por jogo de 1,5 para três, e o time ganhou vinte pontos de 28 possíveis, mantendo confortavelmente seu lugar na divisão. Mais tarde, naquele ano, Reep retornou a Bridgnorth.

Entre 1953 e 1967, junto com Bernard Benjamin, o chefe da Royal Statistical Society, Reep estudou 578 jogos — incluindo três Copas do Mundo, mas principalmente partidas da liga inglesa — e descobriu que apenas 5% de todos os movimentos apresentavam quatro ou mais passes recebidos. Ataques com seis ou mais passes correspondiam a 1%. “A razão para isso é clara”, escreveu Ken Bray, membro do grupo de Ciência do Esporte e do Exercício na Universidade de Bath, em seu livro *How to Score*. “Longas cadeias de passe exigem precisão, algo difícil de sustentar, pois os defensores se aproximam para diminuir os espaços e marcam os rivais individualmente à medida que a sequência aumenta.”

A conclusão de Reep foi que o futebol de posse era improdutivo; e, no nível de jogo mais baixo, de times como o da Força Aérea ou o Brentford, provavelmente há muito de verdade nessa constatação. Reep não fez as distinções necessárias, mas Bray é estranhamente acrítico em relação a ele ou a Charles Hughes, o diretor técnico da FA que formulou teorias semelhantes nos anos 1980. O fato de longos movimentos de passes serem raros no futebol inglês dos anos 1950 não deveria significar que não eram desejáveis. O que é comum não é necessariamente bom. Nos tempos de Chapman, os jogadores eram orientados a dar passes longos desde cedo, o que vinha a calhar em campos que passavam boa parte da temporada enlameados. Mesmo que longas trocas de passes fossem raras, não é surpreendente que resultassem em tão poucos gols.

De qualquer maneira, há uma óbvia falha nos argumentos daqueles que viriam a usar as análises de Reep para sustentar que o futebol direto é mais eficiente. Seus números indicam que 91,5% dos movimentos, nos jogos estudados, compreendiam três passes ou menos. Se o número de passes em uma jogada de gol não faz diferença, logicamente o percentual de gols resultantes de jogadas com três ou menos passes recebidos também seria 91,5%. Se o futebol direto fosse mais eficiente, esse número deveria ser maior. Mas os dados de Reep levaram Bray a concluir que “cerca de 80% de todos os gols resultam de jogadas de três passes ou menos”. Como já registramos, o próprio Reep argumentou que “de cada nove gols, somente dois resultam de jogadas com mais de três passes recebidos” (portanto, sete em cada nove, ou 77,8%, vieram de jogadas com três passes ou menos). Sabe-se, por exemplo, que o Watford marcou 93,4% de seus gols após jogadas com três passes ou menos em 1981-2. Mas, por outro lado, apenas 72 dos 106 gols marcados na Copa do Mundo de 1982 (67,9%) resultaram de ações que compreenderam três passes ou menos.

Se, como esses números sugerem, cerca de 80% dos gols resultam de movimentos com três passes recebidos ou menos, mas 91,5% dos lances têm essa característica, então, conclui-se — mesmo dentro dos rústicos parâmetros adotados por Reep — que essas jogadas são *menos* efetivas do que movimentos de quatro passes ou mais. E esses números não chegam a contabilizar os gols marcados quando longas trocas de

passes levam a uma falta ou forçam um erro do adversário, nem mesmo o fato de que um time que mantém a posse da bola, enquanto o outro a persegue, demora mais a sentir cansaço e pode explorar o desgaste do adversário mais tarde no jogo. É realmente terrível que uma filosofia baseada na interpretação equivocada dos números tenha se tornado pedra fundamental para os técnicos ingleses. O anti-intelectualismo é uma coisa, mas a crença no pseudointelectualismo repleto de erros é muito pior.

Uma estatística significativa que aparece em um artigo publicado por Reep no *Journal of the Royal Statistical Society* vai contra sua tese, mas passou quase despercebida. Na Copa do Mundo de 1958, 1,3% de todas as jogadas teve sete ou mais passes, contra 0,7% nos jogos da liga inglesa (de todas as divisões) que Reep estudou na temporada 1957-8. Na Copa do Mundo de 1962, foram 2,3% em comparação com 1,3% na liga inglesa na temporada anterior. E em 1966, 2,6% contra 1,2%. Isso, aparentemente, leva a duas conclusões (se é que conclusões significativas podem emergir de amostras tão pequenas): a primeira, que longas trocas de passes se tornaram cada vez mais comuns entre 1958 e 1962; e a segunda, que o futebol de seleções — à época, ainda o nível mais alto do jogo — produzia esse tipo de jogada cerca de duas vezes mais que o futebol de clubes. “Se o jogo direto, de bolas longas, era realmente superior, com certeza deveria ter aparecido em maior quantidade no nível mais alto, certo?”

Isso não significa que o futebol direto é sempre a escolha errada, mas que o fundamentalismo aplicado à tática tende a ser tão equivocado quanto em qualquer outra área. A tática deve ser condicionada pelas circunstâncias e pelos jogadores disponíveis. Os apologistas de Reep se equivocam ao interpretar os números, mas mesmo que não o fizessem, seu método é tão generalizado quanto sem sentido. Por que uma abordagem adequada a um jogo de terceira divisão em Rotherham, em dezembro, também serviria a um jogo de Copa do Mundo, em Guadalajara, em julho? Parte da genialidade dos grandes mestres da tática está em sua habilidade para aplicar o sistema certo no momento certo. Até Alf Ramsey, ao adotar um estilo que favorecia a posse na Copa do Mundo de 1970, reconheceu isso.

Ainda assim, as estatísticas de Reep alimentaram os instintos de Cullis; desse modo, ao menos na liga inglesa, os dois mantiveram um relacionamento profissional frutífero. “Isso me ajudou a modificar e melhorar algumas questões táticas que nos custavam gols ou reduziam nossas chances de marcá-los”, disse Cullis. Ele também se interessou muito pela interpretação de Reep a respeito da Posição de Oportunidade Máxima (em inglês, Pomo), uma área próxima a uma das traves em que uma impressionante porcentagem de gols se originava, para a qual Reep orientava os pontas. “As observações de Reep quanto ao jogo da Hungria mostraram exatamente os princípios que eu acreditava serem corretos”, afirmou Cullis. “Ele conseguiu estabelecer, preto no branco, os fatos que eu deveria guardar em minha memória, mas que por vezes se perdiam ou ficavam confusos.”

Alf Ramsey estava igualmente convencido de que a derrota por 6 a 3 para a Hungria era ilusória. Ele jogou como lateral direito naquela partida e marcou o terceiro gol da Inglaterra, de pênalti. Ramsey também notou quantos gols a Hungria marcou usando passes longos e, numa crítica velada ao goleiro inglês Gil Merrick, sugeriu que os húngaros estavam num daqueles dias em que todos os chutes na direção do gol entravam. O comentário é hipócrita, pois ignora que a Hungria deu 35 chutes a gol, contra cinco da Inglaterra, e esquece a constrangedora facilidade com que os húngaros mantiveram a posse da bola no segundo tempo; mas, ao mesmo tempo, é intrigante. Talvez seja simplesmente um sinal da estreiteza de Ramsey no que diz respeito a estrangeiros (trata-se, afinal, do homem que rejeitou a oportunidade de ver *A bela adormecida* no Bolshoi para não perder a exibição de um filme de Alf Garnett na Embaixada Britânica em Moscou). Ou talvez, por ter se desenvolvido como atleta num clube cujo estilo não diferia muito do húngaro, em que os jogadores de ataque eram orientados a recuar para criar espaço, ele não tenha ficado tão impressionado com a maestria técnica e tática de seus oponentes. Ramsey, certamente, não se deixava impressionar pela beleza.

Tendo levado a Inglaterra a seu único grande sucesso, é muito curioso que as opiniões a respeito do Ramsey técnico sejam tão ambivalentes. Há quem olhe para 1966 — da forma como antes se olhou para Chapman ou para o 2-3-5 — e veja a conquista como um

modelo de planejamento para tudo o que possa acontecer posteriormente no futebol. Mas também há quem responsabilize Ramsey por ter tantos seguidores, como se fosse culpa dele, ao ter alcançado o sucesso, que outros sem a mesma sagacidade tenham decidido imitá-lo. Mesmo quando a Inglaterra ganhou a Copa do Mundo, o respeito por ele vinha acompanhado de desconfiança. “Seus detratores criticavam a forma como ele dissecava o jogo, como se estivesse em um laboratório, argumentando que isso roubava a poesia do futebol, reduzindo-o a uma ciência”, escreveu Dave Bowler, seu biógrafo. “É uma avaliação da qual ele não discordaria, talvez até considerasse um elogio. Ele via o futebol como um exercício tático, um esporte tão mental quanto físico.” Não que o técnico se importasse, mas ser condenado dessa forma não contribuiu para engradecer sua reputação.

Ramsey era um realista. Isso ficou claro quando assumiu o comando do Ipswich, em agosto de 1955. Ele provavelmente aprovaria os métodos de Rowe no Tottenham, mas logo percebeu que o “empurre e corra” não servia para um time da terceira divisão, do qual se esperava pouco. Ele começou fazendo as coisas simples; assim, apesar de seu primeiro confronto ter sido uma derrota por 2 a 0 para o Torquay United, o repórter do *East Anglian Daily Times* ficou impressionado com as variações de jogo apresentadas.

Os resultados logo melhoraram, mas só a partir de dezembro Ramsey deu início à década de evolução que terminaria com a Copa do Mundo. Jimmy Leadbetter era um atacante interior, um jogador habilidoso e inteligente cuja maior falha era não ter velocidade. Ele foi contratado no verão pelo antecessor de Ramsey, Scott Duncan; tendo jogado apenas uma vez nos primeiros quatro meses sob o novo comando, estava preocupado com seu futuro. Pouco antes do Ano-Novo, Ramsey pediu a Leadbetter que jogasse como ponta-esquerda. Ele achou que não era rápido o suficiente, mas o técnico estava mais preocupado com seu controle de bola.

“Era para eu ser o ponta-esquerda, mas não jogava dessa forma”, disse Leadbetter. “Eu tinha sido recuado, recebia bolas da defesa — os zagueiros não abandonavam suas posições para me marcar, então eu tinha espaço. Na medida em que eu avançava, o defensor se aproximava,

deixando sua posição. Ele não ficaria no meio do campo sem marcar ninguém, achava que tinha de me acompanhar. Com isso, surgia um grande espaço no lado esquerdo do campo. Era lá que [o centroavante] Ted Phillips jogava. Ele precisava de espaço, mas se você lhe desse esse espaço e a bola, ela acabaria no fundo da rede.”

O time conseguiu o acesso de divisão em 1957. O plano de Ramsey ganhou contornos ainda mais definidos com a contratação do centroavante Ray Crawford, do Portsmouth, e do ponta-direita convencional Roy Stephenson, do Leicester City. Era um 4-2-4, mas a exemplo da formação com a qual o Brasil ganhou a Copa do Mundo, era um 4-2-4 com um toque especial. Se o Brasil tinha Mário Zagallo recuado de uma posição alta, o Ipswich tinha Leadbetter, cuja falta de velocidade garantia que ele se colocasse naturalmente mais atrás. O posicionamento lembrava mais o 4-3-3 que o Brasil adotaria em 1962 do que o 4-2-4 de 1958, ainda que o estilo fosse muito diferente.

“Nós acreditamos em atacar rápido, desde a defesa”, disse Ramsey. “Um time está mais vulnerável no momento em que falha no ataque. Se tivesse que sugerir um número ideal de passes, eu diria três.” Talvez não por coincidência, três também era o número favorito de Reep, mesmo que não haja indícios de que eles tenham se encontrado. “A ideia de Alf era que, quanto menos passes você trocasse, menor a chance de fazer um passe ruim”, disse Leadbetter. “É melhor dar três passes bons e simples; se tentar dar dez, certamente vai fazer bobagem. Você deve estar em posição de chutar após o terceiro passe. E era possível conseguir isso na época, por causa da maneira como os times jogavam.”

A grande fraqueza do W-M era a necessidade do eixo central, pelo fato de haver apenas três defensores. Se o adversário atacasse pelo próprio lado esquerdo, o zagueiro pela direita se moveria para marcar o ponta, o centromédio recuado marcaria o centroavante e o zagueiro pela esquerda faria a cobertura atrás dele — ou então, caso o adversário jogasse no 4-2-4 ou num sistema diferente com dois atacantes centrais, ele marcaria o outro centroavante. “Essa era a única cobertura; assim, se você conseguisse superar seu zagueiro, os atacantes tinham uma boa chance”, explicou Leadbetter.

O Ipswich subiu de divisão novamente em 1961 e, para espanto de muitos, conseguiu ganhar o título no ano seguinte apesar de gastar

apenas 30 mil libras montando seu elenco, menos de um terço do que o Tottenham pagara para trazer Jimmy Greaves de volta da Itália. O Ipswich, segundo o *The Times*, “desafia explicações — eles fazem as coisas simples com precisão e velocidade; não há requinte ou afetação no jogo deles. Eles não são empolgantes; não fazem o pulso acelerar [...]. Talvez, afinal, haja virtude no trabalhador honesto”.

Com pouca ou nenhuma cobertura de televisão para expor a tática do time, mesmo os melhores defensores rivais tinham dificuldades. “Leadbetter recuou tanto que eu não sabia quem deveria marcar”, disse o zagueiro do Fulham e da Inglaterra, George Cohen. “Ele me fez deixar minha posição e começou a lançar a bola por cima de mim, para Crawford e Phillips, e eles marcaram dois gols antes que soubéssemos onde estávamos [...]. Troque Phillips e Crawford por Hurst e Hunt e você tem a Inglaterra.”

Na temporada seguinte, no entanto, os times já sabiam o que esperar. O Ipswich perdeu o Charity Shield por 5 a 1 para o Tottenham, quando Bill Nicholson mandou seus dois zagueiros marcarem por dentro os dois centroavantes, deixando que os médios lidassem com Leadbetter e Stephenson. Outros times tomaram medidas parecidas e, ao final de outubro de 1962, quando Ramsey foi escolhido para comandar a Inglaterra, o Ipswich tinha vencido apenas duas de quinze partidas disputadas.

O predecessor de Ramsey na seleção inglesa, Walter Winterbottom, havia sido prejudicado por ter seu time escolhido por um comitê do qual ele era apenas mais um integrante; Ramsey exigiu controle absoluto. Sem isso, qualquer experimentação tática seria impossível: se um grupo de homens simplesmente votava no melhor jogador para cada posição, as posições deveriam ser estabelecidas de antemão, sem preocupação com o equilíbrio ou a interação entre jogadores, algo que refletia a fé nos méritos do W.M. “As pessoas diziam que Matthews, Finney, Carter etc. não precisavam de um plano de jogo”, protestou Ramsey. “Bem, eu joguei com vários desses jogadores e diria que o time da Inglaterra era bom, mas seria muitas vezes melhor se nós também tivéssemos um plano rígido.”

O controle completo, no entanto, só foi entregue a Ramsey a partir do mês de maio; por isso, antes ele ainda teve que disputar dois jogos

com o time do comitê. No primeiro, o grupo escolheu o W-M, e a Inglaterra perdeu para a França por 5 a 2, em Paris. O resultado convenceu o comitê a aceitar o desejo do novo técnico e adotar o 4-2-4. Apesar de uma derrota em casa para a Escócia, por 2 a 1, Ramsey manteve a mesma formação para o início de seu período no comando técnico.

Em maio de 1964, uma turnê pela América do Sul depois da temporada regular europeia seria a chave para o desenvolvimento tático de Ramsey. Antes, a Inglaterra tinha goleado os Estados Unidos por 10 a 0 em Nova York — uma pequena vingança para o técnico, que estava no time que perdeu para os americanos por 1 a 0, em Belo Horizonte, na Copa do Mundo de 1950. Mas, exaustos pelos efeitos da viagem e com um jogo contra o Brasil marcado para três dias depois, os ingleses foram massacrados por 5 a 1. Era a primeira partida de um torneio com quatro seleções. No confronto seguinte, empate com Portugal. E veio o jogo da terceira rodada, contra a Argentina, que acabaria sendo crucial. Os argentinos sabiam que um empate seria suficiente para vencer o torneio e, com os dias de *la nuestra* num passado já distante, colocaram-se atrás da linha da bola, preocupados apenas em destruir as jogadas, manter a posse e especular para o tempo passar. A Inglaterra, como “um bando de caipiras tentando encontrar a saída de um labirinto”, como descreveu Desmond Hackett no *Daily Express*, ficou desconcertada. Os ingleses dominaram o jogo, mas nunca deram sinais de que poderiam marcar, sofrendo assim o gol da derrota num contra-ataque: 1 a 0 para a Argentina. “Nós jogamos no 4-2-4 com Roberto Telch recuado, como Zagallo em 1962”, disse José Ramos Delgado, o capitão argentino. “A Inglaterra tinha um grande time, com Moore, Charlton e Thompson, mas não jogou de forma inteligente. É verdade que tiveram muita posse de bola, mas isso só aconteceu porque abrimos mão de um dos nossos meios-campistas para que ele pudesse cuidar da marcação de certos jogadores.”

No que dizia respeito a alguns jogadores, prosseguiu Hackett, “o emblema com os três leões da Inglaterra poderia ter na verdade três velhos gatos malhados”. A reação dele foi bastante característica: a Inglaterra pode ter sido derrotada por adversários disciplinados com um plano inteligente de jogo, mas o que se concluiu foi — como já

acontecera tantas vezes, e continuaria ocorrendo — que os jogadores não se esforçaram o suficiente, não mostraram orgulho pela camisa. Não menos irritado, Brian James chegou mais perto de uma análise realista no *Daily Mail*: “Se você não se preocupar com o jogo em si e deixar o entretenimento a cargo das casas de shows, pode ganhar qualquer coisa”, escreveu. “A Argentina simplesmente usou a lógica e a levou ao limite. A estratégia deles previa que ‘se eles não marcarem gols, nós não vamos perder’ [...]. Somente em alguns momentos de imprudência eles se abriram.” Ramsey, é claro, preferiria revelar uma paixão por Tchaikóvsky a admitir que foi influenciado pela Argentina, mas reconheceu a “tremenda distância” entre os dois gigantes sul-americanos e a Inglaterra. De forma significativa, o relatório da FA sobre o triunfo de 1966 salientou a importância da experiência adquirida durante essa turnê.

Naquele verão, então, Ramsey repensou sua estratégia: decidiu que o sistema era mais importante que os atletas. Sua natureza taciturna impede uma afirmação assertiva, mas é possível supor que os dois anos seguintes tenham albergado uma evolução conduzida cuidadosamente em direção à conquista da Copa do Mundo. Os jogadores que atuavam abertos no 4-2-4, Bobby Charlton e Peter Thompson, não tinham a característica de voltar — e, para ser realista, também não era possível pedir a nenhum dos dois centroavantes, Jimmy Greaves e Johnny Byrne, que recuassem por dentro. George Eastham, que atuava como um dos meios-campistas centrais, era um atacante interior convertido a esse papel; e seu parceiro, Gordon Milne, também não era um bom marcador. Ramsey percebeu que, mesmo que se tratasse de uma boa formação para vencer times inferiores, o 4-2-4 não era indicado para enfrentar equipes mais fortes e ainda podia prejudicar um time reconhecidamente superior que estivesse num mau dia. Em resumo, o problema é que o 4-2-4 só era potente quando se tinha a posse, mas não o ajudava a recuperar a bola antes disso.

Não se sabe ao certo quando Ramsey começou a pensar em Nobby Stiles, o combativo carregador de piano do Manchester United. O que ficou evidente, tão logo ele passou a ser convocado, é que Stiles não poderia jogar no 4-2-4. Com ele, toda a carga criativa e a tarefa de mover a bola da defesa para o ataque passariam a ser responsabilidade de um

homem só. A vítima dessa conclusão a que Ramsey chegou acabou sendo Thompson, que fora o melhor jogador da Inglaterra no Brasil, chamado de “Pelé branco” pela imprensa local. Na nova forma de pensar de Ramsey, o ponta do Liverpool era artístico demais e, à medida que o técnico foi optando por John Connelly, Ian Callaghan e Terry Paine, Thompson lentamente deixou a cena.

O primeiro jogo da Inglaterra durante a nova temporada seria pelo Home International, em visita à Irlanda do Norte, no mês de outubro. Ramsey optou novamente pelo 4-2-4, mas com Bobby Charlton no papel de Eastham no meio de campo, além de Paine, pela direita, orientado a recuar como Zagallo ou Leadbetter. A Inglaterra ganhava por 4 a 0 no intervalo, mas o placar final acabou sendo apenas 4 a 3. O *Mail*, falando em “noventa minutos de bagunça”, pediu a cabeça de Ramsey. Mesmo furioso com a atuação desleixada de seu time, ele não deixaria que as críticas da imprensa o fizessem se desviar de seu plano.

Um duvidoso empate por 2 a 2 com a Bélgica aconteceu em seguida, mas o real avanço veio num confronto em fevereiro de 1965. Seis jogadores — entre eles Gordon Banks, Bobby Charlton e Peter Thompson — não puderam atuar em razão de compromissos pela FA Cup, mas Ramsey insistiu na programação e escalou uma equipe forte, estabelecida num 4-3-3, para um jogo-treino contra a seleção inglesa sub-23. Ele ficou encantado com o resultado. “Eu realizei o que posso chamar de truque cruel com os jogadores mais jovens, porque não os avisei sobre a tática que o time principal usaria”, revelou. “Os mais velhos, com três jogadores reconhecidamente extraordinários no meio de campo — Brian Douglas na direita, Johnny Byrne no meio e George Eastham na esquerda —, destruíram os rapazes.” Acabava de nascer o que se chamou de *Wingless Wonders* [em tradução livre, “A maravilha sem pontas”]. “Ter dois jogadores abertos nas pontas”, disse Ramsey, “é um luxo que na prática pode deixar um time com apenas nove homens quando o rival vem para cima.”

Para Dave Bowen, técnico do País de Gales entre 1964 e 1974, a genialidade de Ramsey está em ter percebido antes de qualquer pessoa na Grã-Bretanha que, contra times com quatro defensores, o ponta tradicional estava morto. “Com três defensores era diferente”, ele explicou. “O lateral mais distante da bola ficava na cobertura atrás do

central, por isso o ponta do lado oposto sempre tinha espaço para receber um passe que atravessasse o campo. Com quatro defensores, os zagueiros laterais podem jogar perto dos pontas, que perdem o espaço de aceleração. Sem esse espaço, o ponta está acabado.”

Decidido sobre a formação, Ramsey tratou de achar os melhores jogadores para aplicá-la. Stiles e Jack Charlton estrearam em abril, num empate em 2 a 2 contra a Escócia. No mês seguinte, Alan Ball apareceu em um empate com a Iugoslávia, por 1 a 1. Mas foi somente mais tarde naquele mês, num amistoso contra a Alemanha Ocidental em Nurembergue, que Ramsey revelou seu 4-3-3 em público. Ron Flowers (do Wolves) substituiu Stiles, com Ball no meio de campo, Mick Jones e Eastham (ambos do Leeds United) à frente, além de Paine e Derek Temple (do Everton, na única aparição dele pela Inglaterra) alternando entre a ponta e o suporte aos meios-campistas. A Inglaterra ganhou o jogo por 1 a 0. Depois, venceu a Suécia por 2 a 1, com Stiles de volta ao time, o que convenceu Ramsey de que a mudança para o 4-3-3 era o caminho certo. A chave para o sistema provavelmente era Ball, cuja tremenda energia permitia que ele operasse tanto como ponta quanto como meio-campista auxiliar — como Zagallo fizera pelo Brasil em 1962.

O desempenho no início da temporada 1965-6 não chamou atenção, mas, em dezembro — com Stiles, Ball e Charlton no meio de campo, e Roger Hunt, Eastham e Joe Baker na frente —, a Inglaterra venceu a Espanha por 2 a 0, numa atuação de qualidade impressionante. Ramsey, percebendo como seu sistema era poderoso, imediatamente decidiu escondê-lo. “Acho que seria errado deixar o resto do mundo e nossos rivais verem o que estamos fazendo”, disse a Brian James, do *Mail*. “Acredito que seja meu dever proteger certos jogadores até o momento em que precisarmos mais deles. Esse foi um passo (e muito grande) na nossa educação como equipe de futebol. Meu trabalho será produzir o time certo na hora certa; isso nem sempre quer dizer que devo levar adiante uma determinada escalação apenas porque ela teve sucesso.”

Ramsey retornou ao 4-2-4 quando empatou com a Polônia e venceu a Alemanha Ocidental por 1 a 0 em jogos amistosos. Geoff Hurst fez sua estreia nesse último jogo, e imediatamente se entrosou com Hunt. Uma vitória por 4 a 3 sobre a Escócia agradou aos torcedores e à imprensa,

mas confirmou para Ramsey o que ele já sabia: o 4-2-4 era inadequado defensivamente. Então, numa vitória por 2 a 0 sobre a Iugoslávia em Wembley, em maio de 1966, Ramsey introduziu a peça final de seu quebra-cabeça: o reservado meio-campista do West Ham, Martin Peters. Ainda que a declaração de Ramsey, de que Peters estava “dez anos à frente de seu tempo”, tenha se tornado um fardo, assim como Ball e Hurst, ele era um jogador moderno e multifuncional, capaz de atuar criativamente e fazer sua parte no trabalho defensivo.

Em um amistoso na Finlândia, Ramsey jogou no 4-3-3: Ball, Peters e Charlton no meio de campo, e Callaghan como ponta. A Inglaterra ganhou aquele jogo por 3 a 0. Três dias depois, bateu a Noruega por 6 a 1, em Oslo, dessa vez com dois pontas: Connelly na posição ortodoxa e Paine recuando no papel de Leadbetter. Peters ainda não era considerado titular — pelo menos não pela mídia —, mas foi chamado para o último jogo preparatório da Inglaterra, contra a Polônia, em Katowice. Era aquela, enfim, a formação que Ramsey vinha construindo, um fato que ganhou evidência quando ele leu a escalação para a imprensa, fazendo uma pausa dramática, que não era de seu feitio, antes de revelar que tinha dado a camisa número 11 para Peters.

Era um time sem pontas, convencionais ou não. Apesar de continuar a ser referido como uma escalação em 4-3-3, era na verdade um 4-1-3-2, como Nobby Stiles salientou em sua autobiografia: ele se colocava à frente dos defensores e Peter, Charlton e Ball ficavam à sua frente, todos com licença para avançar e dar suporte a Hunt e, provavelmente, Greaves. A Inglaterra venceu por 1 a 0, com um gol de Hunt; foi aí, disse Ray Wilson, que ele começou a acreditar que Ramsey poderia estar certo quando, três anos antes, insistiu na ideia de que a Inglaterra ganharia a Copa do Mundo.



INGLATERRA 4 A 2 ALEMANHA OCIDENTAL, FINAL DA COPA DO MUNDO,
WEMBLEY, LONDRES, 30 DE JULHO DE 1966

Mesmo assim, no primeiro jogo da Copa do Mundo, contra o Uruguai, Ramsey optou por Connolly à frente de Peters e retornou ao 4-3-3 desequilibrado. Talvez ainda estivesse escondendo suas cartas, ou achasse que o ponta teria papel importante para derrotar um time mais fraco, que certamente reforçaria a defesa. De qualquer forma, não deu certo. O meio de campo teve dificuldades para avançar e ajudar os três homens de frente, e o Uruguai conseguiu sair com um o a o.

Peters entrou no lugar de Ball, machucado, para o segundo jogo, contra o México, com Paine substituindo Connolly. As mudanças inverteram o eixo do time, pois o ponta estava na direita, e não na esquerda. Mas essencialmente era a mesma coisa: Ramsey, de novo, usando um ponta contra um adversário que ele esperava vencer. E conseguiu, não com brilho, mas jogando o suficiente: 2 a 0. Callaghan foi selecionado para o jogo contra a França, o terceiro da fase de grupos, e a Inglaterra novamente venceu por 2 a 0. O jogo ficou marcado por uma entrada horrorosa de Stiles em Jacky Simon. A Fifa lhe deu uma

advertência e Ramsey recebeu uma mensagem da FA perguntando se era mesmo necessário continuar escalando Stiles. Em parte por uma questão de princípio, mas também porque sabia que seu meio-campista era vital, o técnico ameaçou se demitir.

Contra a Argentina, nas quartas de final, Ramsey finalmente usou o 4-1-3-2. Provavelmente a mudança tática já teria sido suficiente, mas a lesão sofrida por Greaves o ajudou, já que ele pôde escalar Hurst — um atacante menos espetacular, mas capaz de ganhar as disputas pelo alto e segurar a bola — sem o receio da reação negativa por substituir o favorito da imprensa. O jogo foi sombrio e violento — “mais um incidente internacional do que um jogo de futebol”, observou Hugh McIlvanney —, mas a Inglaterra estava determinada e, depois da expulsão de Antonio Rattín, o capitão argentino, um gol de cabeça de Hurst valeu a vitória por 1 a 0. Não foi uma exibição, mas, para Ramsey, as lições tiradas da derrota da Inglaterra no Maracanã, dois anos antes, tinham sido aprendidas. Excepcionalmente, Stiles havia recebido a tarefa de marcar Ermino Onega, e obedeceu de forma aplicada. Jogando mais avançado pelo lado direito, Ball foi soberbo, não apenas criando problemas para a defesa argentina, mas impedindo o lateral Silvio Marzolini de avançar.

O papel de Stiles foi novamente crucial contra Portugal, nas semifinais, quando neutralizou Eusébio na vitória por 2 a 1. Bobby Charlton marcou os dois gols naquele dia, e a eficiência do sistema ao permitir que os três meias pudessem avançar foi notada uma vez mais na final, quando Peters fez o primeiro gol, e Ball, incansável pela direita, cruzou para Hurst fazer 3 a 2 (não sem polêmica) na prorrogação. O quarto e decisivo gol, anotado por Hurst nos segundos finais após um passe longo de Bobby Moore, foi — como Leadbetter comentou depois — o tipo de jogada que Ramsey adorava nos tempos de Ipswich: sem estardalhaço, apenas um passe simples e uma finalização enfática. Talvez tenha sido um final apropriado, mas também de certa forma enganoso, já que a Inglaterra, como ficaria ainda mais claro no México quatro anos mais tarde, era perfeitamente capaz de manter a posse da bola.

Contudo, com o passar do tempo, o pragmatismo de Ramsey se tornou cada vez mais desgastante. McIlvanney falou por muitos quando

observou sarcasticamente, após a derrota por 3 a 1 para a Alemanha, em 1972, que “o futebol cuidadoso e sem graça já era difícil de suportar mesmo quando produzia vitórias. Quando traz derrotas, só pode provocar um tipo de reação”. A Inglaterra não conseguiu se classificar para a Copa do Mundo de 1974, graças à atuação heroica de Jan Tomaszewski pela Polônia em Wembley, e assim Ramsey foi demitido.

Por mais sucintos que fossem seus contatos com a imprensa, a antipatia pelo técnico tinha raízes na reedição da velha tensão entre a estética e o resultado. Não havia dúvida sobre o lado em que Ramsey estava. Ele desprezava a abordagem violenta dos argentinos, e seus times certamente não praticavam os excessos do *antifútbol*, mas ele teria concordado com a tese de Osvaldo Zubeldía sobre o papel de um técnico: “Sou pago para ganhar jogos de futebol”, disse Ramsey. “Isso é tudo.”



9. O nascimento do novo

Talvez todos os comentaristas de futebol estejam condenados a replicar os mesmos medos que perturbaram seus antepassados. Tome esses dois exemplos: “A velocidade virou um fetiche. Rápido era sinônimo de bom — não, era ainda melhor”; “Chutões apressados [...], um jogo assustado [...], o terror do fracasso, a incapacidade de manter a bola e a calma, o grito que vem de dentro, que congela o sangue e mina a criatividade”. O primeiro trecho é de Willy Meisl, escrevendo em 1957. O segundo é de Martin Samuel em 2007, no *The Times*, dois dias depois da derrota para a Croácia, por 3 a 2, que confirmou que a Inglaterra não se classificaria para a Euro 2008. Ambos, é claro, estão corretos ao salientar as falhas fundamentais do futebol inglês, algo que A. C. Jephcott e Jocky Simpson já haviam lamentado em 1914: se algo dá errado para a Inglaterra, a tendência é que se passe a desconfiar da técnica. Isso era verdade há um século, assim como é agora e também foi entre um momento e outro.

E mesmo assim, as críticas à velocidade são relativas. Se o jogo inglês na metade dos anos 1950 era muito rápido para o gosto de Meisl, o que ele diria da Premiership? Vídeos dos anos imediatamente seguintes à Segunda Guerra Mundial revelam um esporte praticado quase em câmera lenta para os padrões modernos — e a velocidade até hoje só faz aumentar. Veja os húngaros da década de 1950 e os brasileiros da década seguinte: o que o olho moderno nota é o tempo que se tinha com a bola nos pés — e não apenas porque a capacidade técnica lhes permitia o domínio imediato. É que simplesmente ninguém se aproximava e, assim, um jogador que recebia a bola tinha tempo para analisar suas opções. A técnica para driblar e conduzir a bola de Garrincha ou Stanley Matthews não existe no jogo de hoje, não porque as habilidades se perderam, mas porque nenhum adversário lhes daria o espaço de aceleração necessário para que suas fintas se tornassem efetivas. Eles seriam grandes jogadores atualmente? É provável, mas não conduzindo a bola daquele jeito.

É essa diminuição do espaço, essa compressão do jogo — a pressão, em outras palavras — que diferencia o futebol moderno do antigo. A ideia é tão simples que chega a ser desconcertante que não tenha sido copiada por todos quando o primeiro time começou a aplicá-la com sucesso. A disseminação da pressão, no entanto, foi um processo curiosamente irregular.

Na Alemanha, o conceito só chegou nos anos 1990. Quando Arrigo Sacchi o impôs no Milan, no final da década anterior, foi visto como um revolucionário. Ainda que o Ajax de Rinus Michels e o Dynamo Kiev de Valeriy Lobanovskyi — até mesmo o Watford de Graham Taylor — já o tivessem usado durante anos. A ideia fora essencial também para o sucesso do Estudiantes de La Plata, sob o comando de Osvaldo Zubeldía, no final dos anos 1960. Contudo, quem a inventou foi um russo que trabalhava na Ucrânia, um técnico virtualmente desconhecido fora do antigo bloco soviético. A evolução do jogo, obviamente, não é linear, e outros personagens com certeza tiveram papéis significativos. Mas se há um homem que pode se dizer o pai do futebol moderno, é Viktor Maslov.

Ele foi um revolucionário improvável, conhecido à época menos por sua visão ou espírito de liderança, e mais por sua cordialidade. “Sempre me intrigou que ele fosse conhecido como Vovô”, disse Mykhaylo Koman, provavelmente o melhor atacante do Dynamo nos anos 1950. “Os jogadores que trabalharam com ele poderiam ser seus filhos, mas ele era muito jovem para que fossem seus netos. Ao que parece, o apelido pegou antes de ele chegar a Kiev e não tinha nada a ver com sua idade. Talvez sua aparência tenha contribuído para essa imagem: ele era rechonchudo e tinha sobrancelhas espessas. Mas a principal razão para o apelido era sua enorme sabedoria, humanidade e bondade.”

Nascido em Moscou, em 1910, Maslov foi um dos principais jogadores dos primeiros anos da liga soviética. Um médio robusto e de imposição, excelente nos passes e lançamentos, ele jogou no time do Torpedo que ficou em segundo lugar no campeonato de Moscou em 1934-5 e foi capitão do clube de 1936 a 1939, levando-o à vitória em um torneio internacional na França, em 1938. Após ter encerrado a carreira de jogador em 1942, ele assumiu o cargo de técnico do Torpedo e comandou o time em quatro períodos diferentes, antes de ir para o

Rostov-na-Donu, em 1962. O último período, a partir de 1957, foi de longe o mais bem-sucedido: Maslov conduziu o Torpedo duas vezes ao segundo lugar na liga soviética e, em 1960, ao primeiro título. Mas foi depois da chegada ao Dynamo Kiev, em 1964, que ele realmente deu asas às suas ideias e mudou o centro do futebol soviético de Moscou para a capital ucraniana.

Apesar de sua imagem, um feito dessa proporção não poderia ser alcançado sem um alto grau de rigidez, além da habilidade para jogar o jogo político. Ele, por exemplo, aproveitou ao máximo o amor que Volodymyr Shcherbytskyi, dirigente do departamento ideológico do comitê central do Partido Comunista Ucraniano, tinha pelo futebol (Lobanovskyi manteria as ótimas relações depois de Shcherbytskyi se tornar chefe do partido na Ucrânia). O Dynamo sempre procurou jogadores por toda a república — o time dos anos 1950 tinha vários jogadores de Transcarpátia; mas, sob o comando de Maslov, quase todos os melhores jogadores ucranianos acabaram indo para o clube, atraídos por apartamentos em Kiev e outros benefícios concedidos pela liderança do partido.

Ao mesmo tempo, no entanto, ele era forte o suficiente para manter sua independência. Diz a história em Kiev que, numa ocasião, o assistente de um membro importante do partido veio repreender a má atuação do time no intervalo de um jogo. “Amanhã eu tenho o dia livre”, teria dito Maslov, ao acompanhá-lo até a porta. “Irei ver seu chefe e responderei a todas as perguntas. Mas hoje... você poderia fechar a porta quando sair?” O relato pode ser apócrifo — não há consenso sobre o jogo em que isso teria ocorrido ou sobre o funcionário envolvido —, mas o fato de ser amplamente repetido sugere que há alguma verdade por trás dele.

“Nós apreciamos o Vovô primeiro por suas qualidades humanas e depois como técnico”, disse Andriy Biba, o capitão do Dynamo entre 1964 e 67. “Da parte dele, ele nos via primeiro como pessoas com qualidades e defeitos, e só depois disso como futebolistas. Conduzia suas relações com os jogadores de tal forma, sendo tão sincero conosco, que era impossível ter qualquer sentimento ruim em relação a ele. Maslov confiava nos jogadores e nós respondíamos da mesma maneira.”

Talvez isso fosse verdade para aqueles que eram mais próximos, mas Eduard Streltsov, a grande estrela do Torpedo antes de sua prisão em 1958, por causa de uma acusação — possivelmente forjada — de estupro, lembra de um lado diferente de Maslov: “Se ele não gostava de um de seus jogadores, não conseguia esconder sua antipatia”.

De qualquer forma, não há dúvida de que Maslov era uma figura inspiradora para aqueles com quem se relacionava bem. “Suas preleções não duravam mais do que cinco minutos”, disse Biba. “Ele não se lembrava bem das coisas e confundia os nomes dos jogadores adversários, mas era sempre preciso ao nos dizer como reagir às virtudes deles. Sempre terminava com um aforismo para tocar nossos corações: ‘Hoje vocês têm de ser fortes como leões, rápidos como alces, ágeis como panteras!’. E nós sempre fazíamos o nosso melhor.”

Maslov certamente não exibia o autoritarismo que mais tarde caracterizaria Lobanovskiy, seu maior discípulo. Ao contrário, ele se dispunha a discutir e ceder, sendo até mesmo corrigido por seus jogadores em certas ocasiões, como lembra Arkady Galinsky, um dos jornalistas de futebol mais populares dos anos 1960 e 70. “Eu me sentei perto do banco de reservas em um jogo do Torpedo pela liga”, escreveu. “O time não estava bem e Maslov decidiu substituir um dos jogadores [...]. O substituto tirou o agasalho e, depois de um curto aquecimento, foi para a linha lateral na altura do meio de campo, pronto para entrar no momento em que o árbitro interrompesse o jogo.

“Tudo muito normal até aí. Mas o que aconteceu depois é que foi muito interessante: o capitão do Torpedo, o conhecido atacante [Valentin] Ivanov, correu para perto do jogador que entraria, após o apito do árbitro, e lhe disse que o time não precisava de nenhum substituto. O reserva ficou um pouco confuso, mas voltou ao banco. Eu olhei para o técnico: como reagiria? Mas ele simplesmente deu de ombros, indiferente ao que tinha se passado.

“Eu vi aquilo como uma tentativa de motivar o jogador que seria substituído, uma estratégia preconcebida pelo técnico e o capitão, mas depois do jogo pareceu que o time tinha simplesmente rejeitado a substituição que Maslov propôs. Eu nunca tinha visto algo parecido no futebol. Alguns anos depois, testemunhei o mesmo episódio novamente. O jogo aconteceu no mesmo estádio — o Estádio Central

Lênin [hoje o Luzhniki] em Moscou — e o técnico era o mesmo, só o time era diferente: o Dynamo Kiev. E novamente Maslov não expressou qualquer emoção.”

Em seu período como correspondente em Kiev para o *Sovetsky Sport*, Galinsky ficou conhecido pelas posições pró-Moscou. Ele criticava o Dynamo por usar o sistema de marcação por zona e teve várias rugas com Maslov, que, independentemente da opinião de Biba, tinha tendência a ser mais “sincero” do que diplomático. Mas Galinsky concluiu que os dois incidentes não seriam indicativos da fraqueza de Maslov, mas de sua força. “Ele entendeu que os jogadores não rejeitaram a substituição para minar sua autoridade”, escreveu, “mas para o benefício da equipe. Os jogadores do Dynamo — assim como os do Torpedo, antes — estavam dizendo ao técnico: ‘Não se preocupe, está tudo o.k., vamos virar o jogo a nosso favor’. E foi isso que aconteceu nas duas ocasiões.”

As conversas eram uma característica do método de trabalho de Maslov. Na noite anterior aos jogos, ele reunia o time — ou ao menos os principais jogadores — para falar sobre a partida do dia seguinte, coletando ideias antes de formatar o plano de jogo. Foi esse nível de confiança e compreensão mútua que permitiu que ele implementasse suas inovações táticas mais radicais.

E elas foram radicais de fato, quase incompreensíveis no contexto da época. No começo dos anos 1960, a URSS, como quase todo o mundo, passou a adotar o 4-2-4, um processo liderado pelo técnico da seleção nacional, Gavriil Kachalin. Ele tinha levado a URSS à vitória nas Olimpíadas de 1956 e no Campeonato Europeu inaugural utilizando o w-m, mas percebeu que rumo o futebol estava tomando quando viu o desempenho do Brasil na Copa do Mundo de 1958. Muitos técnicos de clube seguiram seu exemplo e, dessa vez, o habitual conservadorismo soviético apoiou seus experimentos. A mudança, ou a velocidade com que ela tinha sido imposta, foi considerada a culpada pela atuação irregular da URSS na Copa do Mundo de 1962. Os soviéticos venceram a Iugoslávia e o Uruguai, mas caíram nas quartas de final diante do Chile. O método brasileiro estava tão na moda que Konstantin Beskov, o sucessor de Kachalin, dizia que continuava usando o 4-2-4 quando, na verdade, tinha voltado ao w-m ao longo de seus dezoito meses no cargo.

Maslov era mais inteligente do que Beskov. Como Alf Ramsey, percebeu o quanto Zagallo tinha sido importante para o sucesso do Brasil, recuando para se tornar um terceiro meio-campista. Maslov avançou na experimentação e recuou seu ponta-direita também. Ramsey costuma receber o crédito (ou a culpa) por ter abolido o ponta e, por causa da falta de comunicação entre a URSS e o Ocidente naquela época, não há nada que sugira que ele não tenha desenvolvido a ideia sozinho, mas o 4-4-2 na verdade foi inventado por Maslov. Como Ramsey, contudo, e diferentemente de muitos outros, Maslov recuou seus pontas de tal forma que a capacidade criativa de seu time não foi prejudicada. Jogadores como Andriy Biba, Viktor Serebryanykov e Josef Szabo começaram suas carreiras como atacantes antes de ser convertidos em meios-campistas por Maslov; junto com médios mais ortodoxos como Volodymyr Muntyan e Fedir Medvid, funcionavam quase como uma segunda linha de ataque. Mas houve vítimas no processo. Se Maslov dirigia por consenso, podia também ser cruel quando via um jogador que não se encaixava em seu sistema. Astros como Viktor Kanevskyi e Oleh Bazylevych foram rapidamente dispensados, assim como, em meio a grande polêmica, Lobanovskyi.

O motivo do desentendimento — se é que de fato houve um — entre Maslov e Lobanovskyi não é claro. Suas concepções de futebol eram muito diferentes mas, se acreditarmos na hipótese ventilada por Galinsky, havia também um antagonismo pessoal. É preciso ter em mente, no entanto, que Galinsky foi um dos principais envolvidos na ideia de levar Lobanovskyi da Ucrânia para Moscou, por isso suas teorias podem carregar um pouco de subjetividade. De acordo com sua versão, os problemas surgiram após um período de treinos na costa do Mar Negro, antes da temporada de 1964.

“Tudo parecia bem”, escreveu Galinsky. “Os jogadores pareciam gostar de seu novo técnico, o time trabalhou bem e Maslov parecia satisfeito com Lobanovskyi.” No voo de volta para casa, as más condições climáticas forçaram o avião do Dynamo a pousar em Simferopol. A decolagem foi adiada seguidas vezes, então Maslov mandou os jogadores almoçarem. Para a surpresa de todos, ele também determinou que cada um tomasse uma dose de *horilka* — a vodca ucraniana.

“Eles não acreditavam naquilo”, continuou Galinsky. “Nada parecido tinha sido visto no Dynamo. Maslov propôs um brinde à boa sorte na temporada que começaria. Todos beberam a isso, menos Lobanovskyi, que nem tocou no copo. Maslov percebeu e pediu a ele que bebesse ao sucesso do time. Quando o jogador novamente se recusou, Maslov o ofendeu. Lobanovskyi fez o mesmo.” Dali em diante, disse Galinsky, a relação entre os dois se estremeceu.

Mas Kanevskyi insiste que Galinsky exagerou no relato. Ele estava no almoço e concorda que houve *horilka* e que todos, menos o melindrado Lobanovskyi, beberam após o brinde. Mas diz que a disciplina de Lobanovskyi era conhecida, inclusive admirada, e que Maslov não se preocupou com sua abstinência. “Maslov não disse nada a ele”, lembrou Kanevskyi, “e certamente não usou nenhuma palavra ofensiva.”

Outros acreditam que o relacionamento teria se deteriorado durante um jogo em Moscou, contra o Spartak, em 27 de abril de 1964. Lobanovskyi tinha dado a liderança ao Dynamo, e o placar ainda estava em 1 a 0 quando ele foi substituído — pela primeira vez em sua carreira — com vinte minutos ainda por serem jogados. O Spartak conseguiu um gol e o jogo terminou empatado, o que provocou a especulação de que Maslov havia combinado o resultado com o técnico do Spartak, Nikita Simonyan, e que Lobanovskyi acabara sendo substituído porque tinha se negado a participar do esquema. Verdade ou não, a partida seguinte, contra o Shinnik em Yaroslavl, foi o último de Lobanovskyi pelo clube.

Ainda assim, é possível que nada tenha acontecido entre eles. Maslov foi igualmente rápido ao se livrar de Mikhail Gershkovich, David Pays e Grigory Yanets — todos jogadores de destaque — quando retornou ao Torpedo em 1971, ao que tudo indica apenas porque eles não se adaptavam ao sistema. E é fácil ver por que Lobanovskyi não se encaixaria nos planos de Maslov, independentemente da opinião de Galinsky. Apelidado de “Corda” pela imprensa de Moscou por causa da maneira como a bola parecia estar amarrada aos cordões de suas chuteiras, Lobanovskyi era uma estrela genuína, talentoso e popular junto à torcida. Após sua morte, em 2002, muitas mensagens de condolências foram enviadas por fãs que iam aos jogos do Dynamo, no início dos anos 1960, e o viam cobrar escanteios com efeito para que a

bola caísse quase verticalmente na área — uma variante da “folha seca” de Didi, alguns anos antes. O problema é que ele era ponta-esquerda, e pontas não tinham lugar no plano de jogo de Maslov.

“Eu não chamaria o que houve entre Maslov e Lobanovskyi de conflito”, explicou Biba. “O problema era que Valeriy muitas vezes se opôs às ordens do técnico. Maslov estava experimentando novas formas de futebol e jogadores que seguravam a bola por muito tempo não serviam para ele. Nem mesmo o ‘chute da banana’, inventado por Lobanovskyi, bastou para persuadi-lo. Mas depois de se tornar técnico, Valeriy reconheceu que o jogador Lobanovskyi não se encaixaria em seu próprio time.” Tratava-se do mesmo debate proposto pela preferência de Mikhail Yakushin pelo coletivo em detrimento do individualismo de um Stanley Matthews, só que levado ao extremo. Não importava o quanto de talento tinha o indivíduo: se ele não funcionasse como parte do jogo coletivo, não teria lugar.

Isso não quer dizer que Maslov se opusesse às grandes individualidades em si. Ao contrário. Biba, por exemplo, foi um dos mais talentosos meios-campistas que a Ucrânia já produziu, operando no sistema de Maslov como Bobby Charlton fazia na Inglaterra de Ramsey. “Quando pega a bola, ele já sabe o que seus companheiros e os adversários vão fazer”, disse Yozhef Betsa, que jogou pela URSS ganhadora da medalha de ouro nas Olimpíadas de 1956 e se tornou um técnico respeitado. “Ele já tem um plano para seus próximos movimentos e, com o primeiro toque, coloca a bola numa boa posição para executá-los de forma rápida. E se o adversário adivinha suas intenções, ele muda a direção do ataque imediatamente. Biba também possui um magnífico chute à distância e pode concluir os ataques chegando ao lugar certo no momento certo.”

Biba atingiu seu auge em 1966. Na primavera, venceu Lev Yashin com um chute de quase quarenta metros num jogo contra o Dynamo Moscow; ele foi soberbo numa vitória crucial por 4 a 0 sobre o CSKA no outono, armando dois dos gols do Dynamo Kiev; e fechou o ano com um gol decisivo na vitória contra o Torpedo pela final da copa, quando o Dynamo conquistou o segundo título da temporada. Ele era o centro criativo do time e foi eleito o Jogador Soviético do Ano.

O futebol soviético parece ter ficado obcecado por Didi após a Copa do Mundo de 1958 e, mais particularmente, por não contar com jogadores como ele internamente. Nos anos 1960, havia apenas dois: Biba e Gennadi Gusarov, do Dynamo Moscow. O fundamental foi que Maslov conseguiu fazer seu time compreender a melhor forma de usar um criador de jogadas, algo que nem sempre era simples. Galinsky, por exemplo, lembra que Beskov tentou transformar o atacante Yuri Avrutsky em um meia criativo, após a aposentadoria de Gusarov, em 1968. “Ele tratou a posição com seriedade”, escreveu Galinsky. “Estava sempre procurando espaço, se oferecendo aos companheiros, se mexendo. Quando tinha a bola, fazia bons passes, mas quando encontrava o espaço novamente, quase nunca recebia a bola de volta. Não sei se os outros jogadores não acompanharam as determinações de Beskov ou se elas não eram suficientemente claras, mas quando Avrutsky se livrava de seu marcador, os outros atletas preferiam conduzir a bola ou passá-la diretamente ao ataque. Nessas situações, o armador de jogadas é inútil. Até pior, ele se transforma num peso para o time por não estar marcando nenhum oponente específico quando o adversário ataca.”

Reclamações como essa são comuns até hoje, e a falta de confiança nesse tipo de jogador, um “luxo”, está disseminada, pelo menos no norte da Europa. Galinsky foi mordaz em relação ao tratamento especial que esses jogadores recebiam, mas encontrou a verdade à sua maneira. “Alguns técnicos de futebol”, ele escreveu, “interpretam o criador de jogadas como um hóspede num spa. Talvez não haja problemas em dispensar um ou dois atacantes de suas obrigações defensivas, mas fazer o mesmo com um meio-campista? Ele é Charlton ou Didi?”

A solução de Maslov foi exatamente aquela que tinha permitido a Didi tamanha liberdade. Tratava-se da inovação esquecida, a que Zezé Moreira inventou e que o Brasil usou pela primeira vez na Copa do Mundo de 1954: a marcação por zona. Foi a teoria que preparou o terreno para que o Brasil florescesse em 1958 e 1962, mas não agradou de imediato na URSS. A dificuldade da marcação por zona é exigir organização e compreensão entre os defensores. Não é tão simples como quando um zagueiro apenas escolhe um jogador para marcar em seu setor. Dois atacantes podem aparecer no mesmo setor, ou a inferioridade

numérica de seu time em outra região do gramado pode obrigá-lo a seguir um atacante para fora de sua zona, o que por sua vez obrigará outro defensor a marcar qualquer adversário que apareça na zona abandonada, e esses não são movimentos que podem ser simplesmente improvisados.

A tentativa de Nikolai Morozov de introduzir a marcação por zona na seleção nacional, antes da Copa do Mundo de 1966, foi um fracasso. Depois de permitir seis gols em amistosos contra a França e o CSKA, Morozov ficou tão paranoico que terminou escalando cinco defensores, com um líbero atrás dos outros quatro e com os meios-campistas orientados a recuar sempre que o adversário estivesse com a bola. Ataque, só em contragolpe. A URSS chegou às semifinais daquele torneio (seu melhor resultado numa Copa do Mundo), mas a proposta ultradefensiva, que imitava a Internazionale de Helenio Herrera, nunca foi vista como algo além de uma solução pontual para um problema específico.

Maslov, no entanto, permaneceu convicto de que a marcação por zona era o caminho certo a seguir, algo que, para ele, era quase um princípio ético. “A marcação individual”, segundo ele, “humilha, insulta e até oprime moralmente os jogadores que a praticam.” Biba não escolhia nenhum oponente específico, a exemplo dos outros meios-campistas do Dynamo. “Só Biba tem todos os direitos da democracia”, declarou Maslov. “É um jogador muito inteligente e honesto, que jamais se permitiria qualquer excesso e nunca abusa de suas habilidades. Andriy fará exatamente o que é necessário. Ele tem o direito de construir o jogo como se fosse o técnico durante a partida, tomando decisões sobre como fazê-lo. Os outros compreendem suas ideias e as desenvolvem até onde puderem.”

Maslov acreditava que, por intermédio da boa organização, era possível ter um homem a mais em todas as partes do campo — uma ideia que, como sugeriu o jornalista Georgiy Kuzmin do *Kiyevskiy Vedomosti*, o técnico teria tirado do basquete. Mas para fazer isso com Biba jogando livre, era necessário ter um ponto fixo defensivo no meio de campo, que permitiria que os zagueiros deixassem a linha de quatro defensores quando fosse preciso. A solução chegou com o veterano Vasyl Turyanchyk, que foi posicionado à frente dos quatro, tornando-se o

primeiro meio-campista defensivo do futebol soviético. Seu trabalho, pela descrição de Maslov, era “quebrar as ondas” como primeira linha de resistência aos atacantes adversários, mas também iniciar os ataques do Dynamo. Em outras palavras, ele jogava quase como József Zakariás na Hungria. Nesse contexto, o fato de Vasyl ter iniciado a carreira como atacante colaborou, mas talvez tenha sido igualmente importante que, assim como Szabo e Medvid, ele fosse da Transcarpátia, uma região onde a influência húngara era bastante forte.

De qualquer forma, o papel fundamental de Vasyl foi na aplicação do jogo de pressão. Será que Maslov teria tentado usá-lo (será até que teria chegado a pensar no assunto?), se não contasse com um jogador tão dominante e com tanta compreensão da geometria do jogo? Por causa da ausência de registros, é impossível dizer. Do mesmo modo que fizera com Biba, seu toque de gênio foi, tão logo percebeu a capacidade de Vasyl para avançar desde a defesa, ter ensinado ao resto do time a melhor maneira de utilizar as habilidades do companheiro de equipe. Quando o Dynamo ganhou o primeiro título sob o comando de Maslov, em 1966, o meio de campo caçava os adversários sem misericórdia, fechando espaços e travando a iniciativa rival em áreas inesperadas do campo. A imprensa de Moscou ficou chocada. Um jornal publicou uma foto com quatro jogadores do Dynamo convergindo em direção a um oponente com a bola, com a legenda: “Nós não precisamos desse tipo de futebol”.

A pressão demandava movimentos quase constantes dos meios-campistas e exigia forma física impecável, o que pode explicar por que não surgiu antes. A dedicação profissional em tempo integral era um pré-requisito, assim como um razoável conhecimento sobre nutrição e treinamento. O Dynamo já chamara atenção pelo condicionamento físico quando ganhou o título pela primeira vez com Vyacheslav Solovyov, em 1961, mas Maslov levou as coisas a outro patamar. “Ele foi o primeiro técnico do Dynamo que realmente deu ênfase à preparação física dos jogadores”, disse o meio-campista Volodymyr Muntyan. “Não foi Lobanovskyi, como se pensa, mas Maslov. Ainda que ele fizesse principalmente o que achava certo, enquanto Lobanovskyi atuava com bases mais científicas.”

As estatísticas são reveladoras. O Dynamo sofreu 28 gols em trinta jogos quando conquistou o título em 1961 — um sinal de solidez defensiva. Na temporada seguinte, em que o time ficou em quinto lugar, foram 48 gols sofridos em 42 jogos. E em 1963, quando caiu para a nona posição, o Dynamo levou 48 gols em 38 jogos. Maslov chegou na temporada seguinte, e o time terminou em sexto lugar, permitindo apenas 29 gols em 32 jogos. Na campanha do vice-campeonato em 1965, foram 22 gols sofridos em 32 rodadas, e os números melhoraram ainda mais nos anos dos três títulos: dezessete gols em 36 jogos em 1966, incríveis onze em 36 partidas em 1967, e 25 gols contra em 38 rodadas em 1968. Obviamente, o debate sobre as táticas de Maslov logo se encerrou. Ao analisar a temporada de 1967, Martin Merzhanov, decano do jornalismo soviético e fundador da revista *Futbol*, escreveu que “a defesa por zona, quando os defensores baseiam seu jogo na compreensão e na proteção mútuas, lidando não com um rival específico mas com quem entra em sua zona de atuação, se provou muito mais eficiente [do que a marcação individual]”.

Mas o novo sistema não era infalível, e a derrota do Dynamo para o Shakh-tar Donetsk por 2 a 1, em 1967, indicou o que estava por vir. Depois de deixar o Dynamo, Lobanovskyi passou duas temporadas no Chornomorets Odessa antes de acabar indo para Donetsk. Nesse período, seus conceitos táticos evoluíram e, com o técnico Oleg Oshenkov, ele montou um plano para combater o sistema do Dynamo. A maioria dos times não ia além de tentar conter os campeões, mas Lobanovskyi insistia que o Shakhtar deveria atacar o Dynamo; por isso o time adotou um 4-2-4, mas com os dois meios-campistas fazendo marcação individual em Muntyan e Szabo. Desse modo, Medvid, um jogador menos criativo, ficava livre, o que não era problema para Lobanovskyi: ainda que ele quisesse fazer as facas afiadas do Dynamo perderem o corte, sua maior preocupação era ter a vantagem numérica ao atacar a defesa adversária. O padrão foi repetido na Copa da Europa daquele ano. Após bater o campeão Celtic na primeira rodada, o Dynamo perdeu pelo placar agregado de 3 a 2 para os campeões poloneses do Górnik Zabrze na segunda, graças à velocidade e à mobilidade de Włodzimierz Lubański e Zygfryd Szoltyśik.



DYNAMO KIEV I A I CELTIC, COPA DA EUROPA, PRIMEIRA RODADA,
JOGO DE VOLTA, OLIMPIYSKYI, KIEV, 4 DE OUTUBRO DE 1967

Ainda assim, esses foram exemplos raros. O Dynamo, muitas vezes alterando sua proposta conforme o adversário — algo extremamente raro à época — se provou capaz de lidar com as variações de estilo apresentadas na liga soviética. “Esse time é ao mesmo tempo duas esquadras diferentes”, escreveu Galinsky. “Uma está sempre lutando, engajada numa franca disputa de força, se é isso o que o oponente propõe, enquanto a outra joga no estilo ‘sulista’, mais técnico, de combinações de passes, com variações de ritmo. Mas a transformação de uma esquadra em outra acontece de forma muito simples no Dynamo. Uma ou duas mudanças antes do jogo e, às vezes, apenas uma substituição durante a partida já é suficiente. Eles podem passar direto do estilo sulista para um jogo muito mais simples, com corridas pelas laterais, cruzamentos, chutes e bolas aéreas longas.” Maslov teria ido ainda mais longe. Depois de instigar a mudança para apenas dois atacantes, ele especulou que chegaria uma época em que os times usariam só um homem na frente. “O futebol”, ele explicou, “é como um

avião. Quando a velocidade aumenta, o mesmo acontece com a resistência do ar; então você precisa tornar a cabeça mais aerodinâmica.” Em termos de alcance, inovação e sucesso, o trabalho de Maslov já é suficientemente extraordinário, mas havia mais um passo que ele gostaria de ter dado. Sua concepção viria a ser implementada em breve pelo Dynamo e pelo Ajax; ainda que não tenha acontecido sob sua direção, ao instituir a marcação por zona e a pressão defensiva, Maslov assentara as fundações para o progresso.

Em outubro de 1981, o Dynamo de Lobanovskyi venceu o Zenit Leningrad por 3 a 0 e conquistou o título soviético pela décima vez. Um artigo no *Sportyvna Hazeta* louvando a fluidez de movimentos do time naquele jogo e naquela temporada evidencia a evolução: “Viktor Maslov sonhou em criar um time que pudesse atacar com diferentes grupos de jogadores. Por exemplo, [Anatoliy] Byshovets e [Vitaliy] Khmelnytskyi começariam o jogo se chocando com a defesa adversária, mas em dado momento eles recuariam para o meio de campo e suas posições seriam assumidas por Muntyan e Serebryanykov. Naquela época, entretanto, não foi possível jogar dessa forma. É um feito para os dias de hoje.”

Ainda assim, de vez em quando, os jogadores de Maslov trocavam de posição, por casualidade ou instinto. “O sistema 4-4-2 introduzido pelo Vovô era apenas uma ordem formal; tudo era intercambiável no decorrer do jogo”, disse Szabo. “Por exemplo, qualquer defensor poderia pressionar mais à frente sem medo, por saber que um companheiro faria a cobertura se ele não conseguisse voltar a tempo. Meios-campistas e atacantes eram capazes de realizar uma variedade muito maior de ações do que antes. Esse time jogava o protótipo do Futebol Total. As pessoas pensam que isso foi desenvolvido na Holanda, mas é só porque na Europa Ocidental não viram o Dynamo de Maslov.”

Maslov foi demitido em 1970, quando o Dynamo caiu para o sétimo lugar na classificação. Em 1966, com vários jogadores do time na Copa do Mundo, ele conseguira manter a forma do Dynamo na liga por causa do surgimento de alguns jogadores vindos da equipe de base. Mas, em 1970, Maslov não encontrou reservas. “O destino de todos os técnicos é selado por resultados”, disse o defensor Viktor Matviyenko. “Depois da metade da temporada disputada na primavera, nós estávamos em segundo lugar, e eu tenho certeza de que o Vovô não perderia o emprego

se tivéssemos mantido essa posição até o final. Ele só precisava repetir a experiência de 1966, quando os excelentes jogadores jovens acabaram deixando aqueles que voltaram da Inglaterra fora do time. A situação em 1970 era similar. Os jogadores do Dynamo que foram à Copa do Mundo no México ficaram fora por um mês e meio, mas tinham jogado apenas um par de partidas. O time passou a perder mais do que ganhar simplesmente porque os atletas estavam sem ritmo de jogo. Mas o Vovô não levou isso em conta e logo voltou a escalar jogadores que tinham perdido a forma, e então começamos a cair na classificação.” Talvez fosse compreensível. Maslov estava no clube havia sete anos, e a impressão era de que ele tinha ficado obsoleto. Mas a maneira como foi dispensado deixa um gosto amargo; Koman chamou o ocorrido de “o mais infame episódio na história do Dynamo”.

Foi decidido que era politicamente mais apropriado demitir Maslov longe de Kiev. Quando o Dynamo viajou a Moscou para um jogo contra o CSKA, perto do final da temporada de 1970, Mizyak, o vice-diretor do Comitê Ucrainiano de Esporte, estava com a delegação. Ele normalmente se envolvia com esportes de inverno, mas no hotel Rússia, antes do jogo, fez o anúncio oficial de que Maslov tinha sido removido de seu cargo. Com Maslov sentado na tribuna e sem um substituto, o Dynamo perdeu por 1 a 0. Após o jogo, o ônibus que levava os jogadores ao aeroporto para o voo de volta para Kiev parou na estação de metrô Yugo-Zapadnaya, e Maslov desceu. Ao caminhar para longe, ele olhou para trás e ergueu a mão em sinal de despedida. “Se eu não tivesse visto pessoalmente”, disse Koman, “nunca acreditaria que um gigante como Maslov chorou.”

Maslov retornou ao Torpedo e voltou a vencer a copa, depois passou uma temporada na Armênia com o Ararat Yerevan, onde também ganhou a copa daquele país, mas nunca teve os recursos — ou talvez a energia — para repetir o sucesso do Dynamo. Quando morreu, aos 67 anos, em maio de 1977, Lobanovskyi, o jogador que ele havia exilado, tratava de assegurar a permanência de seu legado. O impacto de Maslov provavelmente foi menos direto do que o de Jimmy Hogan, mas nenhum técnico desde então foi tão influente.



10. O *catenaccio*

Não existe um sistema tático tão conhecido quanto o *catenaccio*. Para gerações, a palavra — que significa “correntão”, no sentido de acorrentar a porta de uma casa — resumiu o futebol italiano em seu aspecto mais paranoico, negativo e brutal. Era algo tão criticado na Grã-Bretanha que quando o Celtic de Jock Stein venceu a Internazionale de Helenio Herrera (principal expoente do sistema), na final da Copa da Europa de 1967, o técnico do Liverpool, Bill Shankly, parabenizou-o dizendo que a vitória o havia transformado num “imortal”. Mais tarde, soube-se que Stein tinha instruído dois membros da comissão técnica do Celtic a atormentar Herrera durante o jogo. Herrera, por sua vez, sempre insistiria que fora mal compreendido, que seu sistema, como o de Herbert Chapman, havia adquirido uma reputação desfavorável apenas porque outros times, piores, haviam implementado muito mal o estilo que tentavam copiar. Essa ainda é uma questão aberta a debates mas, por mais sinistro que o *catenaccio* tenha se tornado, suas origens eram na realidade despretensiosas.

Tudo começou na Suíça, com Karl Rappan. De voz suave, tímido e conhecido por sua gentileza, ele nasceu em Viena, em 1905. Sua carreira profissional como atacante ou médio ofensivo coincidiu com a era de ouro do futebol vienense, na segunda metade dos anos 1920. De tanto se envolver com a sociedade dos cafés, Rappan administrou posteriormente o Café de la Bourse, em Genebra. Ele atuou na seleção austríaca e ganhou a liga pelo Rapid Viena em 1930. Já no final da carreira, foi para a Suíça como jogador-técnico do Servette.

Seus jogadores eram semiprofissionais e, de acordo com Walter Lutz, o decano do jornalismo esportivo suíço, Rappan começou a desenhar um plano para compensar o fato de não terem a mesma condição física das equipes já totalmente profissionalizadas. “No time suíço, a tática tem papel importante”, disse o técnico numa rara entrevista para a revista *World Soccer*, pouco antes da Copa do Mundo de

1962. “O suíço não é um futebolista natural, mas é sério ao fazer as coisas. Ele pode ser persuadido a pensar à frente, a calcular à frente.”

E continuou: “Pode-se escolher um time de acordo com dois pontos de vista. Ou você tem onze indivíduos que, com classe e habilidade natural são capazes de vencer seus oponentes — o Brasil seria um exemplo — ou você tem onze jogadores medianos, que precisam estar integrados numa concepção particular, um plano de jogo. Esse plano tem o objetivo de extrair o melhor de cada indivíduo para benefício do time. A parte difícil é executar a disciplina tática absoluta sem acabar com a liberdade de pensar e agir dos jogadores”.

Sua solução, que recebeu o nome de *verrou* (ferrolho) de um jornalista suíço, é melhor compreendida como um desenvolvimento do antigo 2-3-5 — que permaneceu a configuração-padrão em Viena mesmo depois que o W-M de Chapman surgiu na Inglaterra. Em vez de o centromédio recuar para ficar entre os dois zagueiros, como no W-M, os dois pontas-médios retrocederam para ficar ao lado deles. Eles mantinham também um papel ofensivo, mas sua função principal era combater os pontas adversários. Os dois zagueiros se transformaram em defensores pelo centro, jogando inicialmente um ao lado do outro, ainda que, na prática, se o adversário atacasse pelo lado direito, o zagueiro à esquerda se moveria na direção da bola, com o zagueiro do lado direito fazendo a cobertura, e vice-versa. Em tese, sempre haveria um homem a mais — o *verrouller*, como a imprensa suíça da época o chamou, ou o líbero, como viria a se tornar conhecido — na defesa.



O SISTEMA VERROU DE RAPPAN, 1938

O principal defeito do sistema é que ele exigia muito do centromédio. Ainda que, no papel, a formação — com quatro defensores, o centromédio jogando atrás de dois interiores recuados e uma linha de três à frente — pareça similar ao 4-3-3 moderno praticado, digamos, pelo Chelsea nas duas primeiras temporadas de José Mourinho no clube, a grande diferença é como os pontas se mantinham avançados. Eles operavam como atacantes puros, em posições altas no campo durante o tempo todo, sem recuar para auxiliar o meio de campo quando o time perdia a bola. Isso significava que quando o *verrou* enfrentava o W-M, os três jogadores de frente encaravam os três defensores da maneira usual e os atacantes interiores batiam com os pontas-médios adversários, deixando o centromédio sozinho para cuidar dos dois interiores do rival. Esse é o problema que os times que jogam com o líbero sempre enfrentaram: ao criar um homem a mais em uma parte do campo, haveria necessariamente um homem a menos em outro lugar.

Contra o 2-3-5, a situação era ainda pior. O time que jogava no *verrou* tinha superioridade numérica nas duas extremidades do campo, mas isso significava que o centromédio tinha de lidar não apenas com os atacantes interiores adversários, mas também com o centromédio rival.

Era uma missão praticamente impossível, por isso o time de Rappan tendia a recuar muito, cedendo o meio de campo ao oponente para, por intermédio da marcação, oferecer tamanha resistência que o adversário, frustrado, tinha de recorrer a passes laterais. Com o desenvolvimento do sistema, a carga sobre o centromédio diminuiu pelo recuo de um interior para ajudá-lo, mas a mudança mais notável foi feita na linha de defesa: um dos dois zagueiros (quer dizer, os zagueiros centrais de fato) se posicionou atrás do outro, como um líbero convencional.

Rappan ganhou duas ligas com o Servette e mais quatro com o Grasshoppers, clube que assumiu em 1935. Contudo, foi o sucesso com a seleção da Suíça que realmente demonstrou a eficiência de seu sistema. Ele se tornou técnico da seleção em 1937, com a ideia de levar a Suíça à Copa do Mundo de 1938. À época, o país era considerado o mais fraco da Europa central e seu retrospecto na Dr. Gerö Cup era muito pobre: em 32 jogos, quatro vitórias, três empates e 25 derrotas. Usando o *verrou*, no entanto, os suíços venceram a Inglaterra por 2 a 1 num amistoso pré-Copa do Mundo, depois bateram a Alemanha — que abrangia a Áustria naquela época — na primeira rodada do torneio, antes de perderem para a Hungria por 2 a 0. Foi uma saída honrosa (muito além do que a Suíça tinha alcançado anteriormente), mas o *verrou* foi considerado pouco mais do que uma curiosidade: um meio de times inferiores frustrarem adversários melhores, nada mais do que isso.

De forma talvez pouco surpreendente, por causa da releitura das táticas defensivas imposta pela desordem organizada de Boris Arkadiev, um sistema similar ao de Rappan, porém aparentemente independente, surgiu na Rússia alguns anos depois. O Krylya Sovetov, um clube de Kuybyshev (a cidade hoje tem o nome de Samara) apoiado pela força aérea soviética, foi fundado em 1943 e conseguiu a promoção para a Supreme League em 1945. O time logo chamou atenção por sua abordagem defensiva, especialmente por uma tática conhecida como *Volzhskaya Zashchepka* (o “grampo do Volga”). Não era um sistema tão flexível quanto o *verrou*, e era um desenvolvimento que partia do w-m, não do 2-3-5, mas o princípio básico era o mesmo, com um dos médios

retrocedendo para permitir que o centromédio defensivo atuasse atrás dos zagueiros.

Seu arquiteto foi o técnico do Krylya, Alexander Kuzmich Abramov. “Algumas pessoas se impressionaram porque ele não era um profissional de futebol, no sentido usual do termo”, disse o ex-capitão do Krylya, Viktor Karpov. “Ele vinha do mundo da ginástica, e talvez por isso não carregasse dogmas, tinha opiniões próprias sobre tudo. Ele prestava muita atenção nos exercícios de ginástica, usando sessões de treinamento para melhorar nossa coordenação. Uma hora podia se passar sem que tocássemos na bola, mas de alguma forma isso nos ajudava a desenvolver mais habilidades. Kuzmich nos fazia pensar em campo. Antes de cada jogo, ele reunia o time e discutíamos um plano para a partida. Pelo que sei, outros técnicos não faziam isso.

“Nosso jeito de jogar dependia dos adversários. Se enfrentássemos o Dynamo, por exemplo, e a linha de atacantes deles tivesse Trofimov, Kartsev, Beskov, Soloviov, Ilyin, obviamente era preciso tomar medidas para conter um quinteto tão estrelado. Na época, a maioria dos times jogava com três defensores, mas os nossos médios ajudavam mais. Normalmente, éramos eu e [o médio pela esquerda] Nikolai Pozdnyakov.

“Nós não fazíamos muita marcação individual. Tentávamos jogar com flexibilidade, e o sistema fazia com que a área de atuação de cada jogador fosse maior. Às vezes, um jogador reserva entrava e tentava perseguir um adversário por todo o campo — se o cara saísse para tomar um drinque, nosso novato ia atrás dele. Ríamos de jogadores assim, porque os titulares aprenderam que deveriam agir de acordo com as circunstâncias.”

A exemplo do acontecido com Nikolai Starostin, que antes fizera seu irmão jogar como terceiro zagueiro, houve quem se posicionasse contra a inovação de Abramov, vista como uma traição dos ideais do futebol russo. Mas, gradualmente, o sistema foi sendo aceito, segundo observação de Lev Filatov em *About Everything in an Orderly Manner*, como “o direito dos fracos”. O atacante Viktor Voroshilov, capitão do time sob o comando de Abramov, atacava os críticos do sistema. “Digamos que estivéssemos jogando contra o CDKA”, disse ele. “No ataque, eles tinham Grinin, Nikolaev, Fedotov, Bobrov e Doymin. E nós deveríamos nos arriscar indo ao ataque? É por isso que jogávamos perto

do nosso próprio gol. Certa vez, contra o Dynamo Moscow, nós nos abrimos; [o técnico deles] Mikhail Yakushin foi mais esperto e nós perdemos por 5 a 0.”

O sucesso do “grampo do Volga” como tática para frustrar os oponentes não pode ser ignorado. Depois de vencer apenas três de 22 jogos em 1946 e terminar em décimo lugar numa liga de doze times, o Krylya subiu para sétimo entre catorze clubes em 1947, com uma famosa vitória sobre o Dynamo Moscow. O time venceu o Dynamo de novo no ano seguinte e, em 1949, ganhou do CDKA por 1 a 0 (em casa e como visitante). “Os rivais mais famosos tentavam construir o jogo”, escreveu Filatov. “Eles trocavam passes, conseguiam escanteios e faltas, mas eram contidos todas as vezes, e a bola voava para o céu ou para a pista de atletismo em volta do campo. Finalmente, eles perdiam a motivação, porque percebiam que estavam batendo a cabeça contra uma parede.”

Mas o “grampo” era visto como tática de time pequeno, um meio de conter adversários superiores e não uma estratégia em si. O Krylya terminou em quarto lugar em 1951 e chegou à final da Soviet Cup dois anos depois. Karpov se lembra de ter feito marcação individual sobre o gigante atacante húngaro Gyula Szilágyi quando a URSS aplicou o grampo para vencer um amistoso de times reservas por 3 a 0, em Budapeste, em 1954. O sistema, no entanto, ficou basicamente restrito ao Krylya. O ferrolho teria de se mudar para a Itália para se popularizar.

Os barcos pesqueiros escurecem a água banhada pelo sol. Na orla do Tirreno, um técnico de futebol estressado, incapaz de dormir, faz uma caminhada bem cedo. Ele ignora os guinchos das gaivotas e os ruídos dos comerciantes locais e segue se perguntando como poderia extrair o melhor de seu time. Pondera sobre como reforçar uma defesa que, por mais que se esforce, continua porosa. Enquanto ele anda pela orla, com os pensamentos agitados, um barco lhe chama atenção. Os pescadores puxam uma rede cheia de peixes e depois outra: a rede reserva. Esse é seu momento eureka. Alguns peixes inevitavelmente escapam da primeira rede, mas não da segunda; ele percebe que o que seu time precisa é de um defensor “reserva”, operando atrás da defesa para pegar

os atacantes que escapam. Esse técnico era Gipo Viani, seu time era a Salernitana e sua invenção foi o *catenaccio*.

Ao menos, foi assim que Viani contou — e com o tom de parábola bíblica, decerto é uma história atraente. Mas carrega também, no mínimo, um exagero de romantismo. De qualquer forma, entre as várias teorias sobre como o *catenaccio* se desenvolveu na Itália, a reivindicação de Viani como seu criador parece ser a mais forte. Talvez outros tenham usado o sistema antes dele, mas Viani foi o primeiro a aplicá-lo de maneira frequente e com algum sucesso. E é preciso dizer, novamente, que esse desenvolvimento parece ter acontecido de forma independente em relação ao trabalho de Rappan, ainda que a influência histórica da Suíça sobre o futebol italiano seja significativa. Vittorio Pozzo, por exemplo, passou dois anos jogando no time B do Grasshoppers, de Zurique; Franz Cali, o primeiro capitão da Itália, educou-se em Lausanne. Entre as guerras, era raro encontrar um clube importante no norte da Itália que não contasse com pelo menos um expatriado suíço. A presença deles era particularmente grande no Genoa, no Torino e na Internazionale.

Independentemente de ter se inspirado durante uma caminhada pela orla, Viani reconheceu os recursos limitados à sua disposição e decidiu que a melhor política era tentar impedir o adversário de jogar — exercer “o direito dos fracos”. Um dos médios, Alberto Piccinini, que viria a ganhar dois *scudetti* com a Juventus, foi recuado para marcar o centroavante adversário, com o defensor central da linha de três do w-m, que à época já tinha substituído o método de Pozzo como formação típica na Itália, retrocedendo para atuar como líbero. Viani posicionava o time todo bem atrás, atraindo o oponente, levando-o a usar mais jogadores no ataque, o que o tornava vulnerável ao contragolpe. A forma pode ter sido diferente, mas o pensamento por trás de sua inovação era igual ao de Herbert Chapman no Northampton, em 1907.

Mas a utilização pela Salernitana do que se tornou conhecido como o *vianema* não foi a consagração do *catenaccio*. Tratava-se de um time pequeno e, ainda que o sistema tenha contribuído para sua promoção em 1947, quando a Salernitana teve a melhor defesa entre todos os times da segunda divisão, a equipe não venceu nenhum jogo como

visitante na temporada em que passou pela Série A e foi imediatamente rebaixada.

De qualquer modo, o sucesso relativo de Viani na Salernitana fez o *catenaccio* entrar na moda e o estilo começou a se disseminar com diferentes contornos pelo país. “Times menores começaram a perceber que não tinham nenhuma chance se o jogo fosse uma série de batalhas individuais”, explicou Lodovico Maradei, ex-redator chefe da *Gazzetta dello Sport*. “Então, enquanto mantinham o W-M, muitos fizeram pequenos ajustes para contar com um homem a mais atrás. Normalmente, o que se fazia era recuar um dos pontas e posicionar um zagueiro atrás da defesa. Mas ainda não se tratava de uma medida sistematizada, havia bastante improviso. Muitos discordarão, mas o motivo pelo qual digo isso é que, pelo fato de serem times pequenos, eles já se mantinham bem atrás de qualquer forma. Assim, mesmo que um zagueiro adotasse um novo posicionamento, não era simples notar porque o time inteiro já estava recuado, se defendendo.”

O mais impactante expoente do novo estilo foi Nereo Rocco, que rapidamente transformou a Triestina. Ele ainda levaria o Milan a dois títulos na Copa da Europa, mas foi o clube de sua cidade que formou sua maneira de pensar sobre o jogo. Quando jovem, ele trabalhara no açougue do avô antes de a Triestina lhe oferecer um contrato; depois de uma carreira modesta dentro de campo, que o levou ao Padova e ao Napoli — e lhe valeu a crucial convocação para a seleção italiana que, naquela época, era necessária para que um ex-jogador trabalhasse como técnico —, retornou à cidade que amava. Exceto ao aparecer na televisão, quando soava mais neutro, ele sempre falava com o forte sotaque de Trieste e se tornou membro do conselho da cidade em 1948. Mas foram suas conquistas com o time de futebol local que asseguraram seu lugar no folclore italiano.

Quando Rocco assumiu, em 1947, a Triestina estava muito mal: tinha terminado a campanha na Série A em último lugar, evitando o rebaixamento apenas por uma concessão do regulamento: com tropas britânicas e americanas ainda ocupando a cidade, o time não pôde jogar nenhuma partida em seu estádio. Pouca gente via razão para acreditar que as coisas teriam sido melhores se o time não tivesse sido obrigado a viajar. Mas na primeira temporada de Rocco, a Triestina se manteve

invicta em casa e terminou o campeonato em segundo lugar. Melhor do que isso era difícil, e ficar duas vezes em oitavo lugar nos anos seguintes ainda representava um desempenho bastante respeitável para um clube de recursos tão limitados. Quando Rocco saiu por causa de um desentendimento com a administração do clube e foi substituído por Béla Guttmann, a equipe encerrou a temporada em décimo quinto lugar.

Ainda assim o *catenaccio* seguia sendo visto como “o direito dos fracos”, e só quando a Internazionale o adotou, sob o comando de Alfredo Foni, é que o estilo começou a ser percebido como um sistema com o qual grandes clubes poderiam ganhar troféus. Ele fez Gino Armano, o ponta-direita, recuar para marcar o ponta-esquerda adversário, permitindo que Ivano Blason, o lateral direito, atuasse atrás da defesa, como líbero. Armano foi o primeiro dos jogadores conhecidos na Itália como *tornanti* — “os que retornam” —, pontas que voltavam para ajudar os defensores.

Blason, então, passou a ser celebrado como o primeiro grande líbero. Quando chegou ao clube, vindo da Triestina, em 1950, ele era um zagueiro desajeitado. Mas no novo papel, ficou conhecido pela forma como afastava o perigo na defesa e por sua natureza inflexível. Diz a lenda que, antes do pontapé inicial, ele fazia uma risca no campo e avisava aos atacantes adversários que não poderiam passar dali, pois se arrependeriam se tentassem. “Blason não era o líbero elegante que alguns podem imaginar”, disse Maradei. “Era basicamente um rebatedor que chutava a bola para fora do campo sempre que podia. É por isso que o líbero foi originalmente chamado de *battitore libero* (“batedor livre”): muitas vezes, ele apenas chutava a bola para fora do campo.”

Em 1952-3, a Inter marcou apenas 46 gols em 34 jogos, 27 a menos do que a Juventus. Mesmo assim, garantiu o *scudetto* por ter sofrido só 24 gols (para contextualizar: a Juventus tinha conquistado a liga na temporada anterior marcando 98 gols e sofrendo 34). Ao descrever o estilo do time, Gianni Brera disse que a Inter se defendia e, “de repente, Blason dava um chutão: a setenta metros dali não havia muitos jogadores, e sim muito espaço vazio que os atacantes da Inter podiam explorar”. Naquela temporada, a Inter venceu oito jogos por 1 a 0 e empatou quatro por 0 a 0. “Eles eram muito criticados pela imprensa na

época, porque o futebol que jogavam era muito defensivo e sem brilho, apesar de um ataque cheio de estrelas, que incluía Benito Lorenzi, Nacka Skoglund e István Nyers”, disse Maradei. “Era um time revolucionário: devemos lembrar que, na época, os vencedores do *scudetto* marcavam regularmente cem gols.”

Variações do tema foram aparecendo. A Fiorentina, por exemplo, ganhou o título em 1956 sob direção de Fulvio Bernardini, o centromédio que fora descartado por Pozzo, usando uma variante do *catenaccio* em que o médio-esquerdo, Armando Segato, jogava como líbero. Maurilio Prini, o ponta-esquerda, recuava como *tornante*, com o toque adicional do interior pela esquerda, Miguel Angel Montuori, que ocupava a posição deixada por Prini, efetivamente se tornando um segundo centroavante. Podia ser impopular, mas o molde para o futebol italiano já estava pronto.

A Inter acabaria se tornando a intérprete mais notável, mas foi a metade vermelha de Milão que mostrou ao resto da Europa como o *catenaccio* podia ser potente, graças à genialidade de Rocco. Seu rosto quadrado e sua forma rechonchuda compunham uma figura engraçada, mas ele tinha autoridade quase total sobre seus jogadores. Chegava até a espioná-los quando deixavam o local de treino, para se assegurar de que a vida pessoal não interferia no futebol deles. Rocco era tão controlador que, quando estava no Torino na metade dos anos 1960, o atacante Gigi Meroni fez uma namorada se passar por sua irmã para desviar a atenção do técnico. Ele era entusiasmado e carismático, temperamental e encantador, gostava de beber e usava um restaurante local como seu escritório. Certa vez, enfurecido, deu um chute no que pensava ser uma sacola de camisas que estava no chão do vestiário, descobrindo tarde demais que eram ferramentas. Jogadores que viram a cena se lembram de olhar desesperadamente para o chão, com medo de rir até quando o técnico estava longe.

No Torino, Rocco gostava de ir ao bar do centro de treinamentos para tomar alguns drinques e depois se deitava em cima dos armários do vestiário para dormir um pouco. Um de seus programas preferidos era tomar várias garrafas de vinho com o jornalista Gianni Brera, também do norte da Itália, que gostava de opinar sobre como o futebol deveria

ser jogado. “O jogo perfeito”, Brera escreveu uma vez, “terminaria em o a o.” Rocco talvez não fosse tão longe, mas tinha verdadeira aversão às trocas de passes sem objetivo no meio de campo e queria que todos os seus jogadores recuassem para defender, até os atacantes. Mas o conceito nem sempre foi bem recebido. O atacante brasileiro José Altafini (ou Mazzola, como era conhecido no começo de sua carreira no Brasil), por exemplo, ainda que tenha vivido um período vitorioso no Milan, não aceitava bem a proposta, que também foi um dos motivos para a insatisfação de Jimmy Greaves com a vida na Itália. Muitos se esquecem de que Greaves, que voltou para casa após cinco meses na Série A, em 1961-2, marcou nove gols nos dez jogos que fez pelo Milan, mas para Rocco isso não era suficiente. “Aqueles dois”, disse ele, “precisam entender que durante um jogo de futebol você vai ser chutado, não apenas bem pago.”

Após uma rápida passagem pelo Treviso, Rocco voltou para a Triestina, mas só quando foi para o Padova, em 1953, o sucesso de seus métodos ganhou destaque novamente. Eles estavam longe de ser gigantes, mas entre 1956-7 e 1959-60 terminaram o campeonato em terceiro, sétimo, quinto e sexto lugares, a melhor sequência de desempenho da história do clube. Aí veio a grande chance de Rocco, chamado a assumir o Milan após Viani, que tinha conquistado o *scudetto* em 1959, sofrer um ataque cardíaco. Viani, no entanto, permaneceu como diretor esportivo; mais tarde, disse que foi nessa época que ele convenceu Rocco dos méritos do líbero. Talvez eles tenham mantido algumas conversas sobre pequenos detalhes do sistema, mas não há dúvida de que Rocco já havia usado uma forma de *catenaccio* na Triestina.

A sua variante do esquema, contudo, estava muito distante do estereótipo negativo. Ao ganhar o *scudetto* em 1961-2, por exemplo, o Milan marcou 83 gols em 34 jogos, 22 a mais que a Roma, o segundo melhor ataque. Mesmo que Cesare Maldini — que também nasceu em Trieste e iniciou a carreira na Triestina — tenha sido um defensor determinado, ele não era o bicho-papão que o líbero se tornou na imaginação popular. Ao contrário, quando foi para o Torino após doze anos de Milan, em 1966, ele deixou, nas palavras da história oficial do clube, “a memória de um futebolista distinto, um jogador limpo, com

senso de estilo, mas que jamais deixou de observar seus deveres defensivos”.

Rocco também conseguiu acomodar a letárgica presença criativa de Gianni Rivera, comparado por Richard Williams em *The Perfect 10* ao “estrangeiro de Camus, vagabundeando à margem da vida”. Brera jamais concordou com Rocco sobre Rivera, classificando o tema como o “Stalingrado” de seu relacionamento com o técnico. Um fundamentalista do que gostava de chamar de futebol “defensivista”, Brera via Rivera como um luxo, chamando-o de *l’abatino* (“o abadezinho”), um termo que sugeria falta de coragem. Mas a importância de Rivera para o time de Rocco ficou clara nas duas finais de Copa da Europa que venceram juntos. Duas vezes, no espaço de oito minutos no segundo tempo, ele deu passes de gol a Altafini, fazendo o Milan derrotar o Benfica de virada, em 1963. E foram mais dois gols criados na vitória sobre o Ajax por 4 a 1, na decisão de 1969.

O *catenaccio* de Rocco pode não ter sido tão defensivo quanto se sugere, mas era um jogo muito diferente do praticado pelo Benfica de Guttman. Ambos tinham em comum um temperamento irritadiço, mas a noção de futebol de Guttman era essencialmente romântica; Rocco só queria vencer. Antes do jogo contra o Estudiantes de La Plata, pela Copa Intercontinental, em 1969, Rocco teria dado instruções para que seus jogadores chutassem tudo o que se movesse: “Se for a bola, melhor”. A história pode não ser verdadeira, mas não seria de estranhar. Quando o Ipswich Town foi derrotado pelo Milan na segunda rodada da Copa da Europa de 1962-3, seu capitão, Andy Nelson, reclamou que o time de Rocco “usou métodos desleais — puxões no cabelo, cusparadas, pisadas nos dedos”. Na final, o ponta Paolo Barison foi para a reserva, apesar de ter marcado muitos gols no torneio. Bruno Mora foi deslocado da direita para a esquerda, e Barison foi substituído por Gino Pivatelli, que recebeu a única missão de anular o majestoso meio-campista do Benfica, Mário Coluna. Pode ter sido falta de sorte ou coincidência, mas ninguém ficou surpreso quando Coluna passou a mancar, alvo de uma entrada forte de Pivatelli um minuto depois que Altafini empatou o jogo.

Os excessos do time de Rocco não eram nada perto dos praticados pelos rivais da cidade. *La grande Inter*, a equipe criada por Helenio

Herrera, era extremamente talentosa, inegavelmente bem-sucedida e abertamente violenta. Era a expoente suprema do *catenaccio* e simbolizou, na imaginação popular, tudo o que se via como errado no futebol. Era difícil lhe negar respeito, mas do mesmo modo era difícil negar que esse respeito — sobretudo na Grã-Bretanha — viesse junto de um ressentimento.

Herrera alegava ter inventado o líbero independentemente de Rappan, durante um jogo na França, “por volta de 1945”. Ele estava jogando como lateral esquerdo em um W-M, e seu time vencia por 1 a 0 a quinze minutos do final. Percebendo que o adversário pressionava cada vez mais, Herrera orientou o meia-esquerda a recuar e assumir sua posição, enquanto ele se posicionou para fazer a cobertura atrás do centromédio defensivo. “Desde quando era jogador, eu já pensava assim”, disse ele. “E nós ganhamos; então, quando me tornei técnico, eu me lembrei disso.” A história pode ou não ser verdade — e Herrera certamente não se importava em nutrir o mito que criara —, mas o que não se discute é que ele se transformou no padrinho do sistema que lhe valeu duas Copas da Europa. Rocco, com sua estatura rotunda e seu amor pelo vinho, sempre pareceu estar em conflito com o caráter de seu sistema. Já Herrera, sempre aprumado, de visual cadavérico e extremamente disciplinado, era a verdadeira personificação do *catenaccio*, mesmo que seu cabelo sempre “parecesse um pouco escuro demais”, como disse a jornalista Camilla Cederna.

Herrera nasceu em Buenos Aires, não se sabe exatamente quando. Diz-se que seu pai, um emigrante espanhol, falsificou a data de seu nascimento para evitar ser multado por registrá-lo com atraso. Além disso, de acordo com sua mulher, Herrera mais tarde também teria alterado a data em sua certidão de nascimento, de 1910 para 1916. Seu pai era carpinteiro — “como Jesus”, escreveu Herrera em sua autobiografia — e um sindicalista anarquista, enquanto sua mãe — que ele descreve como “analfabeta, mas com uma inteligência extraordinária” — trabalhava como faxineira.

Quando ele tinha quatro anos, a família, talvez fugindo das autoridades, mudou-se para o Marrocos, onde Herrera quase não sobreviveu a uma ocorrência de difteria. Mais tarde, pouco antes de se tornar técnico do Barcelona, ele escapou da morte em um acidente de

avião. Esses episódios parecem tê-lo convencido de seu status de escolhido, de que ele era especial, um líder com uma missão. O que se manifestava em escolhas de vida que sempre implicavam renúncia: o único enfeite em seu quarto no centro de treinamentos da Inter era um crucifixo. Após se recuperar da difteria, ele ganhou força suficiente para ser considerado, na adolescência, um zagueiro imponente. “Desde os catorze ou quinze anos, eu joguei com árabes, judeus, franceses e espanhóis”, Herrera contou a Simon Kuper numa entrevista cinco anos antes de a morte finalmente o alcançar, em 1997. “Essa é a escola da vida.”

Começou sua carreira no Racing Casablanca, mas, descoberto por “olheiros que vasculhavam países pobres”, contou ele, logo foi para Paris. Lá, Herrera jogou no Red Star 93 e no Racing Club, atuando duas vezes pela França como zagueiro. Sua carreira nunca tinha dado mostras de que seria mais do que mediana, mas de qualquer forma chegou ao fim quando ele tinha 25 anos, por causa de uma séria lesão no joelho. Sua interpretação a respeito do destino fez com que, mais tarde, ele conseguisse extrair algo positivo daquele episódio. “Como jogador, eu era triste”, disse. “Minha vantagem é que os grandes jogadores são monumentos de presunção quando viram técnicos e não sabem como ensinar alguém a fazer o que faziam com tanta elegância. Não era o meu caso.”

Com o final da Segunda Guerra Mundial, Herrera foi nomeado técnico do time amador do Puteaux; depois de impressionar ali, foi para o Stade Français, enquanto também trabalhava como assistente de Gaston Barreau na seleção nacional. Foi lá que ganhou o apelido *Le Sorcier* (“O Mágico” — traduzido para *Il Mago* mais tarde, na Itália). Herrera odiava o termo, por acreditar que diminuía suas conquistas. “A palavra ‘mágico’ não pertence ao futebol”, disse. “‘Paixão’ e ‘força’ são palavras do futebol. O maior elogio que já recebi foi quando disseram que eu trabalhava trinta horas por dia.” Ele também dispensava a influência da sorte: “Eu odeio quando me perguntam sobre ser afortunado”, confessou já no final da carreira, com dezesseis títulos importantes conquistados. “Eu não acredito em sorte. Quando alguém vence tanto em vinte anos, isso pode ser sorte? Modestamente, eu ganhei mais do que qualquer outro técnico no mundo. Meu caso não

tem precedentes.” Para ele, tudo era controlável, tudo era passível de melhora. Nesse aspecto, Herrera foi o primeiro técnico moderno. Guttman pode ter seguido Chapman ao contribuir para a criação do culto ao técnico, mas foi Herrera quem definiu seu papel e mostrou que tipo de efeito um treinador podia ter. “Quando comecei, os técnicos carregavam as malas do time”, disse. “Eu os coloquei no lugar que merecem, sendo pagos como devem ser.”

Herrera não era ótimo apenas no plano tático: era um perfeccionista, envolvia-se em todos os assuntos ligados ao time. Controlava a dieta dos jogadores, determinava como seria o *ritiro*, quando os atletas ficavam confinados no centro de treinamentos do time antes dos jogos, e foi um pioneiro na psicologia do esporte. Ele acordava antes das sete da manhã para fazer ioga, dizendo para si mesmo a frase: “Eu sou forte, eu sou calmo, eu não tenho medo de nada, eu sou belo”. O técnico afixava mensagens motivacionais nas paredes do vestiário: “Lutar ou jogar? Lutar e jogar”, dizia uma delas. Outra afirmava: “Aquele que joga para si mesmo, joga para o adversário. Aquele que joga para o time, joga para si mesmo”. Ele estimulava os jogadores a dormir doze horas por dia e raramente estava acordado após as nove da noite. Era, de acordo com Brera, “um palhaço e um gênio, vulgar e austero, voraz e bom pai, um sultão e um devoto [...], rude e competente, megalomaniaco e fanático por saúde”.

Quando o dono do Stade Français vendeu o clube, em 1949, Herrera se mudou para a Espanha, onde assumiu o Atlético de Madrid após uma breve passagem pelo Real Valladolid. Ganhou dois campeonatos pelo Atlético, depois trabalhou no Málaga, no Deportivo La Coruña, no Sevilla e no Belenenses, de Portugal, antes de chegar ao Barcelona, onde teve seu primeiro sucesso continental. Seu antecessor, Domènec Balmanya, levara o time à final da Copa das Feiras, dirigindo-o na partida de ida, com um empate em 2 a 2 em Stamford Bridge, contra um combinado de Londres. Mas Balmanya foi demitido após resultados ruins na liga espanhola, o que permitiu a Herrera inspirar uma goleada por 6 a 0 no jogo de volta, recebendo toda a glória.

O técnico reconheceu que tinha herdado um “extraordinário grupo de jogadores”. “Tudo o que se deve fazer é ganhar todas as competições das quais o time participa”, disse. “Até agora, os triunfos obtidos pelo

Real Madrid, em casa e no exterior, intimidaram a equipe.” Ele então se dedicou a melhorar a autoestima dos jogadores, não apenas com falas motivacionais, mas através de uma série de rituais que suas exóticas experiências de vida haviam lhe trazido: “Muitos técnicos se limitam a dar tapinhas nas costas dos jogadores quando eles vão para o campo, ou então proferem um ocasional discurso patriótico, que pode até aquecer o coração dos atletas, mas acaba resfriando os músculos do time inteiro”.

Os jogadores tomavam chá de ervas antes do pontapé inicial, supostamente uma poção mágica vinda da América do Sul ou da Arábia. Herrera fazia o time formar um círculo antes de entrar em campo e jogava a bola para cada jogador, perguntando-lhe, olhos nos olhos: “Como nós vamos jogar? Por que nós vamos ganhar?”. Depois que todos já haviam falado, eles se abraçavam e bradavam: “Nós vamos ganhar! Vamos fazer isso juntos!”. O meio-campista Luis Suárez acreditava que se alguém derrubasse vinho durante uma refeição, ele faria um gol no jogo seguinte; por isso, antes de jogos importantes, Herrera fazia questão de derrubar sua taça durante o jantar do time. Suárez molhava um dedo na toalha encharcada de vinho, depois levava a mão à testa e ao pé.

Quando chegou à Inter, os rituais do técnico já tinham se tornado mais complexos, e ele então decidiu melhorar o que via como um ambiente frio no clube. Antes dos jogos, Herrera segurava uma bola no meio do círculo e os jogadores tentavam alcançá-la, dizendo: “É minha, é minha!”. Ele explicava que era importante tocar na bola antes do jogo. “Os jogadores estão nervosos. É um grande jogo, com um grande público. Mas a bola é a vida deles. Depois eu fazia os jogadores se abraçarem. Sem beijo, só abraço. E dizia a eles: ‘Nós estamos todos no mesmo barco!’ [...]. Aí eles se trocavam e eu dizia: ‘Falem uns com os outros! Defensores, falem entre si!’.” *Une équipe, une famille.*”

O estilo de Herrera no Barcelona indicava sua grande autoconfiança. Ele utilizou atacantes interiores nas posições da linha média, dando criatividade a todo o quadrado do meio de campo. Eles marcaram 96 vezes em trinta jogos, ganhando a liga por quatro pontos em 1958-9, e 86 vezes em 1959-60, quando superaram o Real Madrid no saldo de gols. No entanto, Herrera foi demitido antes do final daquela temporada, após o time ter sido eliminado pelo Real Madrid nas semifinais da Copa

da Europa, por um placar agregado de 6 a 2. Ele saiu assim como chegara, entre os jogos de ida e volta da final da Copa das Feiras, em que o Barcelona derrotou um adversário inglês. Fãs haviam atacado o treinador em seu hotel após a derrota na Copa da Europa, mas o carregaram nos ombros pelas Ramblas depois de sua demissão. Nessa época, somente Guttman podia rivalizar com ele como o técnico mais desejado da Europa.

Tendo recebido várias propostas, Herrera optou pela mais lucrativa: foi para Milão, trabalhar na Inter. O presidente do clube, Angelo Moratti, demitira doze técnicos nos cinco anos anteriores. Herrera prometeu que produziria o sucesso que Moratti desesperadamente desejava, mas pediu um salário anual de 35 mil libras, um recorde naquela época. “Às vezes, uma escolha cara pode acabar saindo barata. E uma barata, muito cara”, ele argumentou. A receita de bilheteria quintuplicou em seu primeiro ano no clube, justificando suas exigências.

Algumas semanas depois de assumir o time, Herrera se encontrou com as mulheres dos jogadores e explicou a elas a importância da nutrição e da rotina que eles deveriam seguir. Ele queria controle sobre tudo, mesmo que a implementação do *ritiro*, confinando os jogadores no centro de treinamento de Appiano Gentile antes das partidas, fosse uma decisão impopular. “A ideia era que nos concentrássemos no jogo e em nada mais”, disse o defensor Tarcisio Burgnich. “Durante a concentração, você não podia sair; só treinava, comia e dormia. Quando tínhamos um tempo livre, não havia nada para fazer a não ser jogar cartas. Então você só pensava no próximo jogo. O problema desses retiros é que eles são o.k. de vez em quando, mas se acontecem sempre, são muito difíceis para os jogadores.”

Da quantidade de sono à dieta, dos treinos às doses de oxigênio dadas aos jogadores na noite anterior ao jogo, tudo era estritamente controlado. O atacante inglês Gerry Hitchens descreveu sua saída da Inter de Herrera como “a fuga de um exército”, contando a história do dia em que ele, Suárez e Mario Corso foram deixados para trás pelo ônibus, porque demoraram muito numa corrida cross-country, e tiveram de voltar andando os dez quilômetros até a cidade. Até mesmo Sandro Mazzola, a grande estrela do time, admitiu que houve momentos em que a obsessão de Herrera com a preparação foi longe demais. “Depois

que ganhamos do Vasas na Copa da Europa [em 1966-7]”, disse ele, “estávamos no chuveiro conversando sobre a chance de alguns dias de folga, porque literalmente vivíamos no centro de treinamento. Por azar, ele ouviu. E me disse: ‘Não importa o quanto de sucesso você pensa que tem, é preciso sempre manter os pés no chão’. Ninguém disse nada e nós todos voltamos para Appiano Gentile.”

A disciplina era absoluta, e qualquer desafio à autoridade de Herrera era suprimido sem pena. No Barcelona, ele descreveu o atacante húngaro László Kubala como “o melhor jogador que já conheci”, mas o afastou por crer que seu hábito de beber estava prejudicando sua forma e desestabilizando o time. Os defensores de Kubala sugeriram que Herrera estava, na verdade, tentando acabar com o culto do “kubalismo”, que dava ao astro uma influência desproporcional no clube. Do mesmo modo, assim que chegou à Inter, o técnico dispensou o atacante argentino Antonio Angelillo, que havia marcado 33 gols em 33 jogos na temporada 1958-9, por causa de sua agitada vida social. Nem mesmo Armando Picchi, o famoso líbero, estava em segurança: foi vendido para o Varese em 1967 por questionar as escolhas de Herrera. “Eu fui acusado de ser um tirano cruel com meus jogadores”, disse Herrera, “mas apenas implementei coisas que depois foram copiadas por todos os clubes: trabalho duro, perfeccionismo, condicionamento físico, dietas e três dias de concentração antes de todas as partidas.”

Essa preparação se estendia à forma de dossiês sobre os adversários. Os jogadores passaram a conhecer seus oponentes tão bem que se dizia que podiam reconhecê-los pelas descrições de Herrera, sem o recurso de fotografias. Suárez, que se tornou o jogador mais caro do mundo quando foi do Barcelona para a Inter em 1961, considerava a abordagem de Herrera um feito inédito. “Sua ênfase em forma física e psicologia nunca tinha sido vista. Até então, o técnico não era importante. Ele criticava os melhores jogadores, fazendo-os acreditar que não eram bons o bastante, e elogiava os outros. Assim todos se sentiam estimulados — para provar que ele estava certo ou errado.”

A Inter goleou a Atalanta por 5 a 1, em Bérgamo, no primeiro jogo sob o comando de Herrera. Na partida seguinte como visitante, massacrou a Udinese por 6 a 0 e fez também cinco gols no Vicenza. O time terminou em terceiro lugar na classificação, mas marcou 73 gols

em 34 jogos — mais do que todos os times, exceto a campeã, Juventus. No ano seguinte, veio um segundo lugar, mas isso não era suficiente para Moratti. Naquele verão, o presidente chegou a convidar Edmondo Fabbri a Appiano Gentile para lhe oferecer o cargo de Herrera, mas mudou de ideia na última hora e o mandou para casa, avisando a Herrera que ele tinha mais uma temporada para entregar o sucesso que havia prometido. Foi quando o técnico decidiu que tinha de mudar. “Eu tirei um meio-campista e o coloquei atrás dos zagueiros, liberando o lateral esquerdo para atacar”, disse. “No ataque, todos os jogadores sabiam o que eu queria: futebol vertical em grande velocidade, não mais do que três passes para chegar à área adversária. Se você perde a bola jogando verticalmente, não é um problema; mas, se perder jogando lateralmente, você paga com um gol.”



Picchi, que só marcou um gol em sua carreira na Série A, mostrou-se um líbero diligente, descrito por Brera como “um diretor defensivo [...]”. Seus passes nunca eram aleatórios, sua visão era soberba”. Aristide Guarneri atuava como zagueiro central *stopper*, com Burgnich, o lateral direito, a seu lado. “Naquele período”, nas palavras de Maradei, “muitos times usavam um *tornante*, habitualmente o ponta-direita, o que

significava que o ponta-esquerda era mais ofensivo, com frequência cortando para dentro para chutar a gol. Muitos grandes atacantes italianos — especialmente Gigi Riva e Pierino Prati — começaram assim.”

Com isso, o lateral esquerdo Giacinto Facchetti, que chegara ao clube como atacante, tinha mais espaço para avançar, porque o jogador que ele marcava tendia a ficar mais recuado. “Jair ficava à frente de Burgnich”, contou Maradei. “Ele não era um grande defensor, mas se posicionava mais atrás porque era o tipo de jogador que gostava de correr para cima dos adversários e precisava de espaço. Na esquerda, na frente de Facchetti, você tinha Corso, um jogador muito criativo, que não era o mais rápido ou o mais ofensivo, mas tinha a capacidade de abrir defesas. Ele fazia a ligação com os jogadores do ataque. Carlo Tagnin e, mais tarde, Gianfranco Bedin, ficavam em frente à defesa e eram os que mais corriam e marcavam. Ao lado de um deles, Suárez tinha muita visão e habilidade para fazer passes longos e precisos. Essa era a maneira típica com que a Inter recomeçava as jogadas assim que recuperava a bola. Ou eles faziam a bola chegar a Jair, que corria no espaço, ou a deixavam com Suárez, que fazia um passe profundo pelo alto para Mazzola, para o centroavante — Beniamino Di Giacomo ou Aurelio Milani, nenhum deles particularmente talentoso — ou para Jair, que cortava por dentro a partir da direita.”

Facchetti era a chave, e foi ele quem deu ao técnico o melhor argumento contra as críticas pelo futebol de mentalidade negativa: “Eu inventei o *catenaccio*”, disse Herrera. “O problema é que a maioria dos que me copiaram, me copiaram errado. Eles esqueceram de incluir os princípios ofensivos do meu *catenaccio*. Eu tinha Picchi como líbero, sim, mas também tinha Facchetti, o primeiro defensor a marcar tantos gols quanto um atacante.” Esse é um pequeno exagero — Facchetti só fez mais de dez gols no mesmo ano uma vez —, mas suas arrancadas pelo lado esquerdo desmentem aqueles que dizem que Herrera habitualmente armava o time com um líbero e quatro marcadores defensivos.

Não se podia questionar a eficiência do sistema de Herrera. A Inter ganhou a Série A em 1963, 1965 e 1966 — deixando o título escapar em 1964 ao perder um play-off para o Bologna —, foi campeã europeia em

1964 e 1965 e chegou novamente à final em 1967. Apenas esse nível de sucesso, no entanto, não explica por que Shankly odiava tanto Herrera e o *catenaccio*, mesmo levando em conta a percepção defensiva do sistema. O problema era a desonestidade que o acompanhava.

Houve rumores até mesmo no Barcelona. Jornalistas locais que se sentiram maltratados pelo jeito áspero de Herrera começaram a se referir a ele como “o técnico da Copa da Farmácia” e, ainda que jogadores da época neguem as acusações, os acontecimentos seguintes deram a elas alguma credibilidade. “Ele era sério em seu trabalho, mas tinha um bom senso de humor e sabia como extrair o melhor de seus jogadores”, disse o meio-campista espanhol Fuste, que subiu das categorias de base do Barcelona durante o período de Herrera. “Essa conversa de que nos dava drogas é mentirosa. Ele era, na verdade, um bom psicólogo.”

Disso ninguém tinha dúvidas, mas a sugestão de que ele era também um bom farmacologista nunca desapareceu. As alegações mais conhecidas foram feitas na autobiografia de Ferruccio Mazzola, irmão mais novo e menos talentoso de Sandro. “Eu vi com os meus olhos como os jogadores eram tratados”, disse ele. “Eu vi Helenio Herrera distribuindo pílulas para serem colocadas embaixo da língua. Ele fazia experimentos com os jogadores reservas antes de dá-las aos titulares. Alguns de nós cuspiam as pílulas. Foi meu irmão, Sandro, que me disse para correr para o banheiro e cuspi-las, se eu não tivesse nenhuma intenção de tomá-las. O técnico descobriu e decidiu diluí-las no café. A partir daquele dia, *il caffè Herrera* se tornou um hábito na Inter.” Sandro negou com veemência tais suposições e ficou tão irritado que rompeu relações com o irmão, mas os rumores se disseminaram. Mesmo que não sejam verdadeiros, sua proliferação manchou a imagem do clube e o fato de tanta gente acreditar neles é indicativo do que se pensava que Herrera era capaz de fazer para vencer.

Na Inter, a tática, a psicologia e o código de conduta se misturavam. Herrera podia estar certo quando argumentava que a postura tática de seu time não era necessariamente defensiva, mas é inegável que o que preponderava era uma mentalidade negativa. Em *The Italian Job*, Gianluca Vialli e Gabriele Marcotti tratam longamente sobre a insegurança que permeia o futebol italiano; na Inter de Herrera, ela se

revela como uma paranoia e uma disposição para adotar meios que chocariam Chapman, e mais ainda um idealista como Hugo Meisl. Brera, nadando contra a corrente, sempre sustentou que os italianos tiveram de adotar um futebol defensivo por serem carentes em força física.

O uso de métodos eticamente duvidosos se tornou um meio de vida. Antes da final da Copa da Europa de 1967 contra o Celtic, por exemplo, Herrera chegou a Glasgow em um jato particular para ver o Celtic enfrentar o Rangers, no estádio Ibrox. Ele tinha oferecido a Jock Stein uma carona na volta para a Itália, para que o técnico do time escocês pudesse assistir ao jogo da Inter contra a Juventus. Stein, inteligentemente, não cancelou a passagem que tinha comprado, e sua cautela se justificou quando Herrera retirou o convite, dizendo que o avião era muito pequeno para um homem corpulento como Stein. O táxi e os ingressos que a Inter tinha prometido providenciar em Turim também não se materializaram, e Stein só conseguiu ver o jogo porque um jornalista persuadiu um funcionário do estádio a deixar o técnico entrar com uma credencial de imprensa.

São pequenos exemplos, contudo, mesmo deixando de lado as acusações acerca das drogas ilegais e da manipulação de resultados, houve momentos em que Herrera pareceu monstruosamente desalmado. Quando o pai de Guarneri morreu na noite anterior a um jogo contra o Milan, por exemplo, Herrera não permitiu que ele recebesse a notícia até o fim da disputa. Em 1969, quando ele já tinha deixado a Inter para ser técnico da Roma, o atacante Giuliano Taccola morreu sob seus cuidados. O jogador estava doente havia algum tempo e, após uma operação para remover as amígdalas não ter surtido efeito, exames mostraram que ele tinha um sopro no coração. Herrera o escalou em um jogo da Série A contra a Sampdoria, mas ele teve de ser substituído após 45 minutos. Duas semanas depois, o técnico o levou junto com o elenco para um jogo contra o Cagliari, na Sardenha. Não tinha nenhuma intenção de escalá-lo, mas, na manhã do jogo, mandou o atacante treinar na praia com o resto do time, sob frias rajadas de vento. Taccola assistiu ao jogo da tribuna, entrou em colapso no vestiário e morreu algumas horas depois.

E há as acusações de que Herrera habitualmente fraudava jogos. As sugestões de que a Inter manipulava árbitros surgiram — em nível internacional, ao menos — após a semifinal da Copa da Europa, contra o Borussia Dortmund, em 1964. A Inter empatou o jogo de ida em 2 a 2, na Alemanha, e venceu a volta por 2 a 0, no San Siro, numa partida marcada pela lesão do meia-direita holandês do Dortmund, Hoppy Kurrat, causada por um chute de Suárez. O árbitro iugoslavo Branko Tešanić não fez nada a respeito. Pode até ter passado despercebido durante o jogo, mas um turista iugoslavo encontrou Tešanić em férias no verão e disse que o árbitro lhe contou que a viagem tinha sido paga pela Inter.

Na final, em Viena, a Inter enfrentou o Real Madrid. Tagnin fez marcação individual em Di Stéfano, Guarneri cuidou de Puskás e, com dois gols de Mazzola, a Inter venceu por 3 a 1. O atacante do Mônaco, Yvon Douis, tinha criticado a postura defensiva do time de Herrera numa fase anterior do torneio, e Lucien Muller, do Real Madrid, fez as mesmas reclamações após a decisão. Herrera simplesmente apontou para o troféu. Eles foram mais ofensivos na Série A na temporada seguinte, marcando 68 gols, mas não perderam a determinação defensiva. Em vantagem pela vitória por 3 a 1 no jogo de ida das quartas de final da Copa da Europa contra o Rangers, a Inter sofreu um gol em Glasgow aos sete minutos, mas se defendeu soberbamente. Esse era o lado legítimo do *catenaccio*; mas o que aconteceu nas semifinais, contra o Liverpool, foi bem menos admirável.

O Liverpool ganhou o jogo de ida por 3 a 1, em Anfield. Após o jogo, Shankly declarou que um jornalista italiano lhe disse: “Nunca o deixarão vencer”. E não deixaram. Torcedores locais próximos ao hotel não permitiram que os ingleses dormissem — uma queixa que se tornaria comum no futebol europeu —, mas foi quando o jogo começou que ficou claro que havia algo errado. Aos oito minutos, Corso bateu uma falta em dois toques direto para o gol, vencendo o goleiro do Liverpool, Tommy Lawrence. O árbitro espanhol José María Ortiz de Mendíbil validou o gol. Dois minutos depois, Joaquín Peiró tomou a bola de Lawrence quando o goleiro se preparava para chutá-la para o campo de ataque e, novamente, o árbitro autorizou o gol. Facchetti selou a vitória marcando o terceiro, numa jogada brilhante.

Mais tarde, Ortiz de Mendíbil foi implicado no escândalo de manipulação de resultados descoberto por Brian Glanville e trazido a público pelo *Sunday Times*, em 1974. Um húngaro chamado Dezső Solti ofereceu 5 mil e um carro para o árbitro português Francisco Lobo ajudar a Juventus na partida de volta das semifinais da Copa da Europa, contra o Derby County, em 1973. Glanville acredita que Solti estava a serviço de Italo Allodi, secretário da Juventus, que havia trabalhado anteriormente na Inter. Ele demonstrou que os jogos de clubes italianos na Europa tendiam a ser apitados por um pequeno grupo de árbitros, e que os clubes italianos obtinham sucesso desproporcional quando esses árbitros estavam envolvidos. Dessa forma, Glanville simplesmente provou o que se sugeria: os árbitros estavam sendo pagos. Era isso que Shankly não podia perdoar.

A final de 1965 contra o Benfica — disputada no San Siro, o que gerou controvérsia — foi quase um estudo de caso sobre a atuação clássica de Herrera. A Inter abriu o placar três minutos antes do intervalo, quando um chute de Jair passou por Costa Pereira no gol do Benfica. Mesmo depois que o goleiro rival se machucou, deixando o time português com dez homens e forçando Germano, um zagueiro, a atuar no gol, a Inter continuou a se defender para proteger a vantagem obtida em casa. Era apenas pragmatismo, ou será que, apesar de todos os esforços de Herrera para construir autoconfiança, seu time não acreditava na própria capacidade? Será que tinham passado a confiar nos próprios esforços na mesma medida em que contavam com o árbitro?

Ao perder a segunda final em três anos, o Benfica culpou a maldição de Guttman, mas a verdade era que seu estilo ofensivo tinha sido ultrapassado; ao menos no nível de clubes, o *catenaccio* — por meios limpos ou ilegítimos — tinha desbancado os remanescentes do estilo clássico danubiano que ainda se apoiavam no 4-2-4. Mas quando as condições permaneciam equilibradas (quando os árbitros não tinham sido comprados), o *catenaccio* ainda fracassava às vezes diante de adversários mais talentosos no ataque. A Inter conquistou o *scudetto* novamente em 1965-6, mas foi derrotada pelo Real Madrid nas semifinais da Copa da Europa. O árbitro do jogo de volta daquele confronto foi o húngaro György Vadas. Ele atuou com correção, e o Real assegurou um empate em 1 a 1 que o classificou com 2 a 1 no placar

agregado. Mas, anos depois, Vadas revelou ao jornalista húngaro Peter Borenich que também tinha sido abordado por Solti. Diferentemente de um número desconhecido de outros árbitros, ele negou a oferta da Inter.

No ano seguinte, a Inter de Herrera se desintegrou, apesar de um início de campanha excepcional, quando estabeleceu o recorde de sete vitórias seguidas. Na metade de abril, a vantagem sobre a Juventus no topo da Série A era de quatro pontos. Na Europa, a Inter conseguiu se vingar do Real Madrid ao vencer o confronto de quartas de final por 3 a 0 no placar global. E então algo deu horivelmente errado: dois empates por 1 a 1 contra o CSKA Sófia nas semifinais forçaram um play-off — convenientemente realizado em Bolonha, após a promessa de três quartos da renda aos búlgaros — e, apesar de a Inter ter vencido por 1 a 0, foi como se todas as inseguranças e dúvidas da equipe tivessem vindo à superfície. Empates com a Lazio e o Cagliari, além de uma derrota por 1 a 0 para a Juventus, reduziram a vantagem da Inter para dois pontos. Novo empate com o Napoli, mas a Juventus também foi contida em Mântua. Outro empate, agora em casa, com a Fiorentina, e dessa vez a Juve se aproximou, vencendo o Lanerossi Vicenza. Com dois jogos restando na temporada — a final da Copa da Europa contra o Celtic, em Lisboa, e um jogo pela liga italiana, em Mântua —, duas vitórias significariam dois troféus, mas a fase da Inter era terrível.

Dizia-se que Herrera tinha se desentendido com Allodi, e vinha sendo assediado pelo Real Madrid; Suárez também considerava um retorno à Espanha, a terra natal de sua noiva; e acreditava-se que Moratti pensava em deixar a presidência para dedicar mais tempo a seus negócios. Pior, Suárez não poderia jogar a final, por causa do que alguns descreveram como um estiramento na coxa e outros como um problema de cartilagem, enquanto Mazzola sofreu com febre nos dias anteriores ao jogo.

O Celtic tinha se aventurado com um sistema defensivo ao enfrentar o Dukla Praga fora de casa, nas semifinais. Apesar de ter conseguido um empate sem gols, o jogo deixou claro que sua força era o ataque. Seu sistema básico era o 4-2-4 que se difundiu após a Copa do Mundo de 1958, mas na final os dois centroavantes (Stevie Chalmers e Willie Wallace) revezaram-se, retrocedendo até o meio de campo para tentar atrair os zagueiros da Inter. Os dois pontas (Jimmy Johnstone e Bobby

Lennox) foram orientados a flutuar por dentro, criando espaço para os dois laterais que gostavam de atacar (Jim Craig e Tommy Gemmell). Se a Inter iria se defender, a lógica dizia que o Celtic deveria atacar com toda a sua força.

E a Inter defendeu com fervor, especialmente após Mazzola marcar o primeiro aos sete minutos de jogo, cobrando pênalti. Eles tinham conseguido contra o Benfica, em 1965, e tentariam repetir a façanha, mas já não se tratava mais da mesma Inter de antigamente. As dúvidas tinham começado a corroer o time e se intensificaram quando o Celtic cresceu. “Nós sabíamos, depois de quinze minutos, que não conseguiríamos segurá-los”, disse Burgnich. “Eles chegavam primeiro em todas as bolas, nos massacraram em todas as áreas do campo. Foi um milagre ainda estarmos ganhando por 1 a 0 no intervalo. Às vezes, nessas situações, sua confiança aumenta a cada minuto que passa e você começa a acreditar. Não naquele dia. No vestiário, nós nos entreolhamos e sabíamos que estávamos condenados.”

Para Burgnich, o *ritiro* tinha se tornado contraproducente, servindo apenas para intensificar as dúvidas e a negatividade. “Eu acho que vi minha família três vezes durante aquele último mês”, ele disse. “Por isso costumava brincar que eu e Giacinto Facchetti, meu companheiro de quarto, éramos um casal. Com certeza, passava mais tempo com ele do que com minha mulher. A pressão só aumentava: não havia como escapar, nenhum lugar para ir. Eu acho que isso certamente teve um papel significativo em nosso colapso, tanto na liga quanto na final.”

Ao chegar em Portugal, Herrera tinha levado o time para um hotel de frente para o mar, a meia hora de Lisboa. Como de costume, a Inter fechou todo o hotel. “Não havia ninguém lá, apenas os jogadores e a comissão técnica. Até os dirigentes do clube ficaram em outro lugar”, disse Burgnich. “Não estou brincando: do instante em que nosso ônibus passou pelo portão do hotel ao momento em que nós saímos para o estádio, três dias depois, não vimos nenhum ser humano além dos técnicos e da equipe do hotel. Uma pessoa normal teria enlouquecido naquelas circunstâncias. Depois de tantos anos, já estávamos de certa forma acostumados, mas àquela altura, tínhamos atingido o limite. Nós sentíamos o peso do mundo sobre nossos ombros e não havia saída. Nenhum de nós conseguia dormir, eu tinha sorte se dormisse três horas

por noite. Tudo o que fazíamos era passar o tempo obcecados com o jogo e os jogadores do Celtic. Facchetti e eu ficávamos acordados até tarde da noite, ouvindo Armando Picchi vomitar no quarto ao lado, por causa da tensão. De fato, quatro jogadores vomitaram na manhã do jogo, sem contar outros quatro no vestiário, antes de ir para o gramado. Nós é que tínhamos provocado aquilo sobre nós mesmos.”

O Celtic, em compensação, atuava bastante relaxado, o que fazia a Inter se sentir pior. Em termos de mentalidade, era a “redução ao absurdo” do *catenaccio*, o ponto após o qual a negatividade não podia continuar. Eles haviam criado o monstro, que se voltara contra os criadores. Não eram capazes de conter o Celtic, que continuava criando chances. Bertie Auld encontrou a trave, o goleiro Giuliano Sarti foi brilhante ao salvar um gol de Gemmell, e então, aos dezessete minutos do segundo tempo, veio o empate. Foi graças aos laterais, que — como Stein esperava — invadiram os flancos da Inter seguidas vezes. Bobby Murdoch encontrou Craig no lado direito, e ele avançou antes de cruzar para Gemmell acertar um chute de pé direito no alto. Não era possível, afinal, marcar todos os adversários, sobretudo aqueles que avançavam de posições recuadas.



INTERNAZIONALE 1 A 2 CELTIC, FINAL DA COPA DA EUROPA,
ESTÁDIO NACIONAL, LISBOA, 25 DE MAIO DE 1967

O massacre continuou. “Eu me lembro”, disse Burgnich, “do momento em que Picchi virou para o goleiro e disse: ‘Giuliano, deixa passar. Não adianta, cedo ou tarde eles vão conseguir o gol da vitória’. Nunca pensei que ouviria aquelas palavras, nunca imaginei que meu capitão diria ao nosso goleiro para jogar a toalha. Mas isso mostra apenas como estávamos destruídos naquele momento. É como se não quiséssemos prolongar a agonia.”

A Inter, exausta, não conseguia fazer nada além de chutar bolas longas para a frente, sucumbindo quando faltavam cinco minutos. Novamente, um lateral foi fundamental: Gemmell deixou a bola com Murdoch, cujo chute defeituoso foi desviado por Chalmers e passou por Sarti. O Celtic se tornou o primeiro time não latino a conquistar a Copa da Europa, e a Inter estava acabada.

Em Mantova, foi ainda pior. Enquanto a Juventus vencia a Lazio, Sarti deixou um chute de Di Giacomo — ex-atacante da Inter — passar por baixo de seu corpo, e o *scudetto* foi perdido. “Nós nos desligamos

mentalmente, fisicamente e emocionalmente”, disse Burgnich. Herrera culpou os defensores. Guarneri foi vendido para o Bologna e Picchi, para o Varese. “Quando as coisas dão certo”, disse o líbero, “é por causa do planejamento brilhante de Herrera. Quando dão errado, os culpados são sempre os jogadores.”

Enquanto mais e mais times copiavam o *catenaccio*, suas fraquezas se tornavam cada vez mais aparentes. O problema que Rappan havia descoberto — que o meio de campo podia ser dominado — não tinha sido resolvido. O *tornante* poderia aliviar esse problema, mas sempre enfraquecendo o ataque. “A Inter teve sucesso porque tinha Jair e Corso em posições abertas, ambos eram talentosos”, explicou Maradei. “E eles também tinham Suárez, que era capaz de fazer lançamentos longos. Mas para a maioria dos times, o problema era sério. E então o que aconteceu foi que, em vez de converter os defensores em líberos, eles recorreram aos atacantes interiores (os meias, na formação revisada). Esse ajuste permitia, quando a bola estivesse com o seu time, que o zagueiro de espera avançasse para o meio de campo e se tornasse um passador a mais naquela região. Essa foi a evolução do *catenaccio* para o que chamamos de *il gioco all’italiana* — “o jogo à italiana”.

Em 1967-8, de moral baixo e sem confiança, a Inter terminou apenas em quinto lugar, treze pontos atrás do campeão Milan, e Herrera foi embora para a Roma. O *catenaccio* não morreu com *la grande Inter*, mas o mito de sua invencibilidade, sim. O Celtic havia provado que o futebol de ataque tinha futuro, e não foi apenas Shankly quem agradeceu por isso.



II. Depois dos anjos

A Copa do Mundo de 1958, de forma bastante diferente, foi tão significativa para moldar os rumos do futebol argentino quanto havia sido em relação ao futebol brasileiro. Se para o Brasil o sucesso e o desempenho de jovens brilhantes como Pelé e Garrincha confirmaram o estilo de ataque calcado nas individualidades, para a Argentina o chocante fracasso no mundial levou ao questionamento dos fundamentos que vinham sustentando sua concepção de jogo por pelo menos três décadas. Mudanças táticas tendem a ser graduais, mas, neste caso, pode-se identificar como marco um jogo específico: a era de *la nuestra* acabou com a derrota da Argentina para a Tchecoslováquia por 6 a 1, em Helsimburgo, em 15 de junho de 1958.

A mudança na regra do impedimento, em 1925, tinha feito pouca diferença na Argentina, onde a crença idealista no futebol de ataque seguiu prevalecendo. A maioria dos times jogava no 2-3-5, ainda que os atacantes interiores fossem gradualmente puxados para trás, criando a linha em formato de W que era tão comum na Europa. Mas havia uma variação intrigante, talvez mais bem demonstrada pelo Independiente, com a linha de frente de cinco homens — Zoilo Canavery, Alberto Lalín, Luis Ravaschino, Manuel Seoane e Raimundo Orsi —, em que os pontas eram os jogadores mais avançados, os interiores ficavam levemente atrás deles e o centroavante era o *conductor* (foi esse o time que motivou a discussão em *Sobre heróis e tumbas*, livro de Ernesto Sabato). Nolo Ferreira, de forma semelhante, jogou como *conductor* bem recuado no Estudiantes, mas então veio a mudança para centroavantes mais ao estilo inglês, rápidos e fortes, depois do sucesso do explosivo Bernabé Ferreyra no River Plate. Isso fez com que muitos *conductores* fossem reconvertidos em atacantes por dentro.

Mas a Argentina também teve seu forasteiro misterioso, que chegou de outro país para transmitir sabedoria. Como Kürschner e Guttmann, Emerich Hirschl era húngaro e judeu. Ele jogava no Ferencváros durante a turnê do time pela Argentina em 1922 e retornou, dez anos

depois, para dirigir o Gimnasia y Esgrima La Plata, tornando-se o primeiro técnico estrangeiro no campeonato argentino.

Hirschl levou o Gimnasia ao quinto lugar em 1933 e atraiu a atenção do River Plate, que tinha começado a investir pesado depois da chegada do profissionalismo, no início da década. Ele foi contratado em 1935 e começou a implementar a defesa em M — ainda que sua versão parecesse a menos defensiva, danubiana, preferida por Kürschner. A filosofia certamente era de ataque: 106 gols, um recorde, foram marcados em 34 jogos na temporada de dois títulos em 1937. O establishment do futebol argentino e a mídia ignoraram a nova possibilidade até que a seleção nacional enfrentou o Brasil na Copa Julio Roca, em janeiro de 1939. A Argentina ganhou o primeiro de quatro jogos entre os países, por 5 a 1, mas foi derrotada por 3 a 2 no segundo, uma semana depois de o Brasil ter adotado a defesa em M importando a linha defensiva do Botafogo, que tinha aprendido o sistema com Kürschner.

Aquele jogo levou a uma reavaliação da estrutura defensiva, e foi por causa dela que o River Plate procurou outro húngaro em 1940, o ex-goleiro e técnico do Barcelona, Ferenc Plattkó. Ele tentou introduzir a defesa em M, mas os resultados foram desastrosos e Plattkó foi demitido em julho daquele ano, após menos da metade da temporada. “O fracasso dele”, disse Carlos Peucelle, o grande ponta-direita dos anos 1930 que se tornou diretor técnico do River, “deve-se acima de tudo à ignorância do ambiente esportivo.”

Mesmo assim, o papel de Plattkó foi vital. “Ele não conseguiu que a coisa funcionasse, mas plantou a semente da mudança”, afirmou Peucelle, ainda que provavelmente seja mais preciso dizer que ele deu início ao processo de nutrição da semente, que tinha sido plantada cinco anos antes, por Hirschl. O florescimento completo chegou com Renato Cesarini, que fez parte do time que ganhou dois títulos com Hirschl. Mas a educação de Cesarini sobre as possibilidades da defesa em M tinha começado antes disso.

Cesarini foi um dos *oriundi* originais, que deixaram a Argentina no fim dos anos 1920 e foram para a Itália. Nascido em Senigallia, Itália, em 1906, sua família emigrou para a Argentina quando ele tinha apenas alguns meses. Cesarini começou a carreira de jogador no Chacarita

Juniors, mas, em 1929, a Juventus o atraiu de volta à terra natal. Ele teve enorme sucesso na Juve, ganhando cinco títulos seguidos na Série A e desenvolvendo um hábito tão impressionante de fazer gols cruciais nos minutos finais de jogos que, até hoje, na Itália, se costuma dizer que gols decisivos no último minuto foram marcados na *zona cesarini*.

A Juventus desenvolveu o *metodo*, o sistema que usava atacantes interiores recuados e mantinha um centromédio criativo, basicamente na mesma época em que Vittorio Pozzo o implementou na seleção italiana. Mas Cesarini tinha um papel muito específico no esquema, normalmente marcando o jogador mais criativo do adversário. Quando retornou à Argentina em 1935 — inicialmente como jogador do Chacarita, e depois no River —, levou consigo essas ideias. O que Cesarini fomentou no River foi menos o W-M e mais o *metodo*, no qual usou Bruno Rodolfi como centromédio ofensivo, um pouco atrás apenas dos pontas-médios, ao estilo de Luis Monti (também um *oriundo*). Depois que Cesarini foi sucedido por José María Minella, que havia sido dirigido por ele, Rodolfi foi substituído por Néstor Rossi. Apesar de Rossi ter de participar da cobertura defensiva, o Colosso das Américas — como os torcedores o apelidaram pela ferocidade de suas ordens ao organizar a defesa — também tinha a tarefa de iniciar ataques. “Rossi era meu ídolo”, disse o grande meio-campista Antonio Rattín, que foi capitão da Argentina na Copa do Mundo de 1966. “Eu tentava imitá-lo em tudo o que fazia. Não apenas na forma de jogar, mas de gritar, de me mover, tudo. Meu primeiro jogo no Boca Juniors foi contra o River. Eu tinha dezenove anos, ele tinha 31. A primeira coisa que fiz após aquele jogo, que nós vencemos por 2 a 1, foi tirar uma foto com ele.”

Aquele formato defensivo ofereceu a plataforma para uma linha de ataque que era extremamente fluida e aventureira, até para os padrões da Argentina à época. Os cinco jogadores da frente — da direita para a esquerda, Juan Carlos Muñoz, José Moreno, Adolfo Pedernera, Ángel Labruna e Félix Loustau — ficaram famosos (mesmo que tenham jogado como um quinteto apenas dezoito vezes num período de cinco anos). Em vez de dois atacantes interiores recuados, Moreno e Pedernera se posicionavam no espaço à frente da linha média. Loustau patrulhava todo o lado esquerdo, tornando-se conhecido como *puntero*-

ventilador, por ser um ponta que fornecia ar para os meios-campistas, pois corria um pouco por eles.



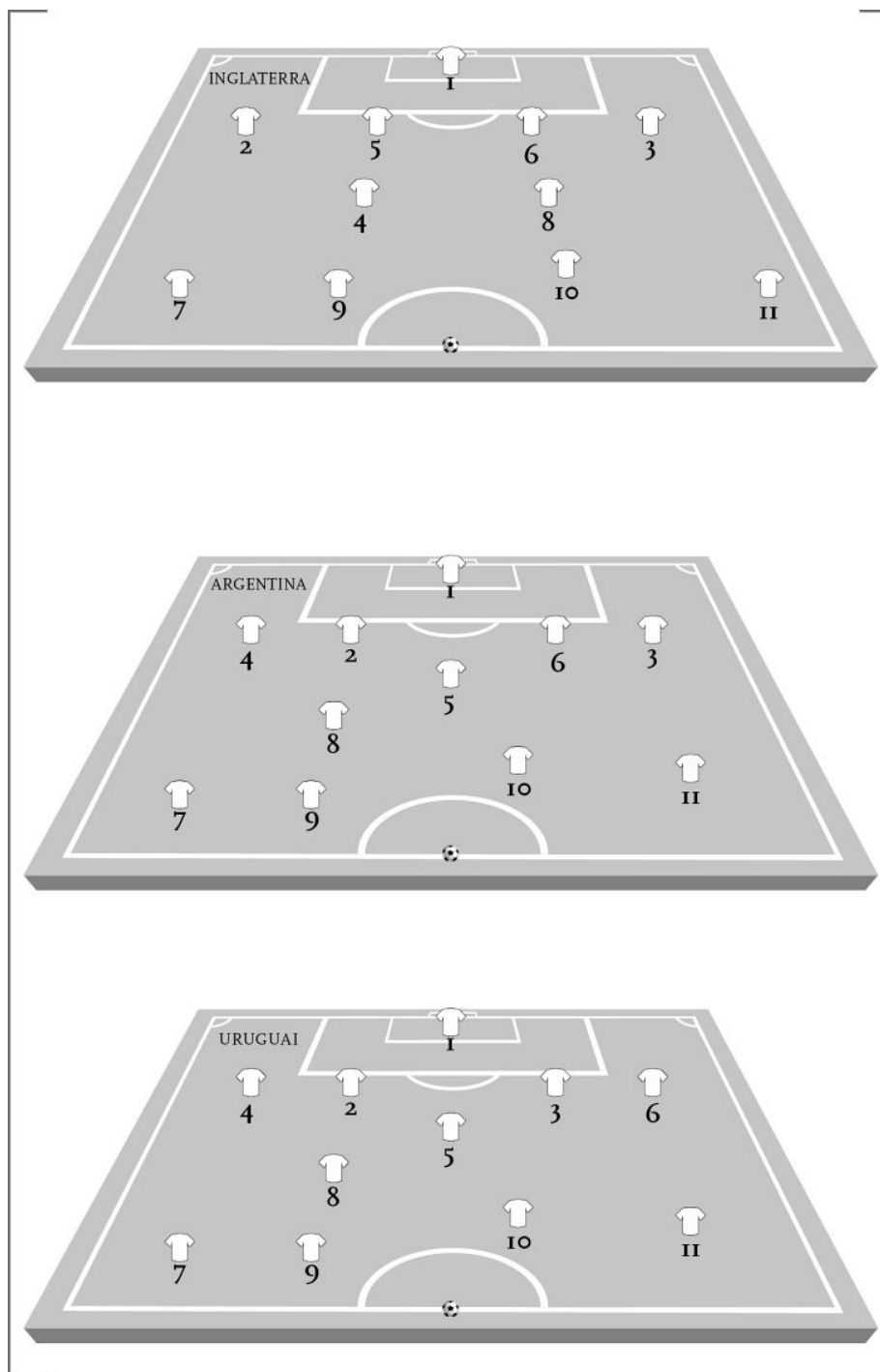
A ajuda de Loustau significava que o médio pela esquerda podia flutuar para o centro, o que por sua vez permitia ao centromédio — primeiro Rodolfi, depois Rossi — se mover para o lado direito, propiciando que Norberto Yácono, em tese o médio à direita, assumisse um papel mais defensivo. Ele ficou conhecido como “o selo”, pela forma como grudava no adversário que estava marcando (havia um apelido para tudo e todos naquela época, uma indicação talvez de como o futebol era importante para a cultura popular e as conversas do dia a dia na Argentina). Ao assumir o San Lorenzo, em 1941, Hirschl impôs um sistema similar, embora o recuo para marcar mais atrás fosse realizado pelo médio-esquerdo. À medida que outros times passaram a replicar o papel de Yácono, o futebol argentino gradualmente desenvolveu o que era, com efeito, um terceiro zagueiro. Mas, em vez de o centromédio (o número 5) ser o jogador que retrocedia para se colocar entre os zagueiros (números 2 e 3), era o médio à direita da linha média, o número 4, quem exercia esse papel. Quando o 4-2-4 foi adotado, depois de 1958, foi — como em outros lugares — o médio-esquerdo (o número 6) que se moveu para trás, adotando uma posição central na defesa, ao

lado do número 2 e com o número 3 à sua esquerda, enquanto o centromédio (5) permanecia como meio-campista defensivo. (Mesmo atualmente, na Argentina, as posições tendem a ser descritas pelo número. Rattín, por exemplo, era um “5”, enquanto Osvaldo Ardiles era um “8”.) Dessa forma, enquanto uma linha defensiva de quatro jogadores tipicamente inglesa seria lida, da direita para a esquerda, como 2-5-6-3, uma linha argentina se leria como 4-2-6-3.

Enquanto isso, no Uruguai, não havia um movimento correspondente ao recuo do médio-direito e, conseqüentemente, os dois zagueiros não foram empurrados para a esquerda. Quando o 2-3-5 (ou o *metodo*) se transformou em 4-2-4, os dois pontas-médios simplesmente deram passos atrás em linha reta, posicionando-se como defensores abertos (seriam chamados atualmente na Grã-Bretanha de *full backs*, termo que descreve os laterais do time), e a defesa de quatro jogadores se formaria com o 4, o 2, o 3 e o 6, ainda que o número 2 pudesse — como aconteceu com Matías González na final da Copa de 1950 — jogar atrás dos outros três defensores como líbero, replicando a numeração do sistema *verrou* suíço.

O River Plate de Cesarini, *la Máquina*, se tornou o mais reverenciado expoente de *la nuestra*. “Você joga contra *la Máquina* com a intenção de vencer”, disse Ernesto Lazzatti, o número 5 do Boca Juniors, “mas, como admirador do futebol, às vezes eu prefiro ficar nas tribunas e vê-los jogar.” Como condiz com o romantismo do futebol argentino da época, no entanto, o River não era um vencedor implacável. Mesmo sendo, na opinião geral, o melhor time do país, o River ganhou apenas três títulos entre 1941 e 1945. O Boca, que adotou a defesa em M sob o comando de Alfredo Garasini, em 1943, foi campeão duas vezes no período. “Nos chamavam de ‘cavaleiros da angústia’, porque não procurávamos o gol”, disse Muñoz. “Nós nunca pensamos que não conseguiríamos marcar gols nos nossos rivais. Íamos para o campo e jogávamos do nosso jeito: pegue a bola, passe para mim, um drible, isso, aquilo e o gol saía naturalmente. Era normal que o gol demorasse a sair e a angústia se dava porque os jogos não eram resolvidos rapidamente. Dentro da área, claro, queríamos o gol, mas nos divertíamos no meio de campo. Não havia pressa, era instintivo.” A *la Máquina* era um mecanismo muito diferente do Arsenal de Herbert Chapman. E, como tal, era a

representação perfeita da era de ouro da Argentina, quando o futebol se aproximou ao máximo da ideia de jogo glorioso proposta por Danny Blanchflower. O isolamento — trazido pela guerra e pela política externa de Perón — significou que não houve derrotas da seleção nacional que provocassem uma reavaliação, e por isso o futebol argentino continuou no caminho da beleza estética.



NUMERANDO O 4-2-4

Isso não quer dizer que a impressão de superioridade fosse necessariamente ilusória. Nos raros enfrentamentos com adversários estrangeiros, o futebol argentino majoritariamente prevaleceu. No inverno de 1946-7, por exemplo, o San Lorenzo fez uma turnê pela

Península Ibérica, com oito jogos na Espanha e dois em Portugal. GANHOU CINCO, SÓ PERDEU UMA VEZ, E MARCOU 47 GOLS. “O que aconteceria se a Argentina jogasse a Copa do Mundo naquela época?”, perguntou o atacante René Pontoni. “Eu sinto uma pedra no sapato que não me abandonou com o passar dos anos. Não quero ser presunçoso, mas acredito que, se tivéssemos participado, teríamos ficado com o título.”

Uma vitória sobre a Inglaterra em 1953 serviu para confirmar o que todos na Argentina suspeitavam: que sua forma de jogar era a melhor do mundo e que eles eram seus melhores expoentes. Quem, afinal, estava liderando o domínio do Real Madrid na Copa da Europa senão Alfredo Di Stéfano, formado nas melhores tradições de *la nuestra* no River Plate e atuando como perfeito *conductor*? Essa conclusão foi corroborada quando a Argentina ganhou a Copa América de 1955 e defendeu seu título com outra conquista no Peru, dois anos mais tarde.

Jovens talentos borbulhavam naquele time de 1957. A linha de atacantes com Omar Corbatta, Humberto Maschio, Antonio Angelillo, Omar Sívori e Osvaldo Cruz jogava com tanta irreverência e malícia que ganhou o apelido de “os anjos das caras sujas”. Eles marcaram oito gols na Colômbia, três no Equador, quatro no Uruguai, seis no Chile e três no Brasil. Perderam o último jogo para os anfitriões, mas àquela altura o título já estava garantido e o isolamento da Argentina, encerrado enfaticamente. Eles não estavam apenas de volta: eram o melhor time da América do Sul e, possivelmente, do mundo.

Mas quando chegou a Copa do Mundo de 1958, Maschio, Angelillo e Sívori estavam na Série A da Itália, e os três decidiram representar a seleção italiana. Di Stéfano, de maneira similar, optou pela Espanha. Na Suécia, a Argentina estava tão desesperada por atacantes que teve de apelar a Labruna, que se aproximava dos quarenta anos de idade. A derrota na estreia por 3 a 1 para a Alemanha Ocidental, defensora do troféu, não foi uma desgraça, mas sugeriu que a Argentina não era tão boa quanto se imaginava. “Nós chegamos de olhos vendados”, admitiu Rossi.

Ainda assim, a confiança foi recuperada no segundo jogo, quando a Argentina venceu a Irlanda do Norte de virada, por 3 a 1. Mas os sinais de alerta eram claros. Os norte-irlandeses tinham ouvido sobre a grande tradição da Argentina, sobre a habilidade, o ritmo e a potência de seu

jogo de ataque, mas o que eles encontraram, de acordo com o meio-campista Jimmy McIlroy, foi “um monte de baixinhos gordos, sorrindo para nós e acenando para as moças no público”.

A vitória deixou a Argentina a um empate de se classificar no último jogo do grupo, contra a Tchecoslováquia. Os tchecos não conseguiram uma vaga nas quartas de final, perdendo num jogo-desempate para a Irlanda do Norte, mas massacraram a Argentina. “Estávamos acostumados a jogar bem devagar, e eles eram rápidos”, disse José Ramos Delgado, que estava no elenco mas não jogou. “Nós não jogamos futebol internacional por um longo tempo, por isso achávamos que éramos realmente talentosos. Mas descobrimos que não tínhamos acompanhado o ritmo do resto do mundo. Tínhamos sido deixados para trás. Os times europeus jogavam com simplicidade, eram precisos. A Argentina era boa com a bola, mas nós não conseguíamos avançar.”

Milan Dvořák deu a vantagem à Tchecoslováquia após oito minutos e, no intervalo, a Argentina já perdia por 3 a 0 por conta de dois erros individuais que levaram a gols de Zdeněk Zikán. Omar Corbatta marcou para os argentinos, de pênalti, mas Jiří Feureisl reconstruiu a margem de três gols de frente quatro minutos depois, e outros dois gols, de Václav Hovorka, no final do jogo completaram os humilhantes 6 a 1.

“Se tivesse de encontrar uma explicação para um desempenho tão ruim, eu a resumiria com uma palavra: desorganização”, disse o goleiro Amadeo Carrizo. “Nós viajamos para a Suécia num voo que durou algo como quarenta horas. Não foi a melhor maneira de começar. Compare com o Brasil, que foi num avião particular e fez uma turnê para se adaptar às novas táticas. Nosso futebol também foi desorganizado. Não sabíamos nada sobre os rivais. Os tchecos marcaram quatro gols idênticos: faziam cruzamentos e os gols saíam. Ficaram cansados de marcar desse jeito. Nós saímos do avião pensando que tudo seria fácil. Voltamos após fazer tudo ficar fácil para os outros.”

A reação foi furiosa. Os jogadores foram bombardeados com moedas e vegetais quando desembarcaram em Ezeiza e o técnico, Guillermo Stábile, que estava no comando desde 1941, foi dispensando. “Ele não sabia nada de táticas”, disse o historiador Juan Presta. “Apenas escolhia os melhores jogadores e os mandava jogar. Era um romântico.”

“Foi terrível”, lembrou Ramos Delgado. “Em todos os estádios, fomos achincalhados por todo mundo; até os jogadores que não jogaram. A seleção precisava ser modificada. A busca passou a ser por um tipo diferente de jogador, mais voltado para o sacrifício que para o jogo. O futebol ficou menos artístico depois daquilo.”

A reação contrária à *la nuestra* foi brutal. Concluiu-se que o *metodo* estava obsoleto, mas a repercussão negativa foi muito além de uma simples mudança para o 4-2-4. A presença de público em jogos do campeonato caiu, em parte por causa de um sentimento de desilusão, e em parte porque a classe média que crescia passou a ver jogos na televisão e não nos estádios. Os clubes, que tinham suporte do estado com Perón, perderam os subsídios. Muitos procuraram o talento estrangeiro, numa tentativa de atrair o público com o exotismo, diluindo ainda mais a cultura de *la nuestra*. Acima de tudo, o que mudou foi o caráter. Com o aumento da importância das finanças, o futebol passou a ser menos uma questão de espetáculo e mais uma questão de vencer — ou de não perder. Como se deu na Itália no final dos anos 1920, o resultado foi que a tática passou a se tornar cada vez mais negativa.

“Foi então que a disciplina europeia apareceu”, disse o filósofo Tomás Abraham. “Foi dessa maneira que a modernidade, a disciplina, o condicionamento físico, a higiene, a saúde, o profissionalismo, o sacrifício e todo o fordismo entraram no futebol argentino. Vieram os métodos de preparação física que davam atenção à defesa — e quem se importava com a defesa antes? É estranho que isso tenha acontecido nessa época, simultaneamente ao triunfo brasileiro, que na verdade deveria ser um argumento em favor do nosso próprio futebol local.”

O Boca, pelo menos, tentou repetir o sucesso brasileiro, contratando Vicente Feola. Mas ele durou apenas uma temporada e foi substituído por José D’Amico. Feola trouxe dois peruanos e seis brasileiros consigo. Orlando, zagueiro da seleção que ganhou a Copa do Mundo de 1958, foi provavelmente o mais significativo. “Foi Orlando quem nos apresentou a ideia de um número 6 enclausurado na defesa, e não no meio de campo”, disse Rattín. “Feola não teve sorte. Com ele, nós chutávamos na trave ou perdíamos pênaltis, e depois D’Amico ganhou o campeonato com o mesmo time.”

A conquista de 1962, selada com uma vitória por 1 a 0 sobre o River Plate, na qual Antonio Roma defendeu um pênalti no final da partida, foi alcançada com um 4-3-3, com Alberto González atuando como um “ventilador” (ou um *tornante*, termo usado pelos italianos), voltando para ser o quarto homem do meio de campo e oferecer solidez. Essa determinação defensiva atingiu seu apogeu dois anos depois, quando, sob o comando de Pedernera, o Boca conquistou o título novamente, sofrendo apenas quinze gols em trinta jogos — e apenas seis nas últimas 25 rodadas — e marcando escassos 35. Pedernera, que tinha sido um membro de *la Máquina*, não pediu desculpas pela postura de seu time. “Os boêmios não existem mais”, ele disse. “Hoje a mensagem é clara: se você vence, é útil. Se perde, não é.” O Boca se mostrou útil também na Europa, voltando invicto de uma excursão de oito jogos pelo continente, em 1963.

Manuel Giúdice, técnico do Independiente que levou o clube aos títulos de 1960 e 1963, e depois a seguidas conquistas na Copa Libertadores, era mais tradicionalista, mas até mesmo o seu time passou a ser mais conhecido pela garra, pelo espírito de luta. “No início da década, o Independiente e o Boca eram times muito fortes na marcação e jogavam no contra-ataque”, disse Ramos Delgado.

“Esse já é um primeiro sinal de modernidade”, afirmou Abraham. “Durante muitos anos, o futebol argentino se dividiu entre aqueles que queriam manter a tradição e os que insistiam que estávamos ultrapassados.” Essa divisão encontraria sua manifestação mais famosa nas disputas entre Carlos Bilardo e César Luis Menotti, mas já existia antes, particularmente na tensão notada entre Labruna, que dirigiu o River e o Rosario Central, e Juan Carlos Lorenzo, que levou o clube espanhol Real Mallorca a sucessivos acessos de divisão e então alternou passagens pelo San Lorenzo com períodos no futebol italiano. Ele falava com confiança sobre seus métodos. “Como se vence um time que tem um grande atacante?”, perguntava Lorenzo. “Muito simples. Se você não quer que alguém coma, tem que impedir que a comida saia da cozinha. Eu não mando ninguém marcar o garçom; tenho que me preocupar com o cozinheiro.”

Quando Lorenzo assumiu a seleção, antes da Copa do Mundo de 1962, a Associação de Futebol da Argentina estava explicitamente à

procura de uma abordagem europeia. Ele tentou instaurar o *catenaccio* — chegou a dar ao líbero uma camisa de cor diferente nos treinos, para que os jogadores percebessem melhor sua função —, mas notou que teria muito pouco tempo para introduzir algo totalmente novo para aquele grupo, e retornou ao 4-2-4 para o torneio.

Ele também comandou a seleção em 1966, e durante a Copa instituiu, pela primeira vez, aquela que se tornaria a formação clássica argentina: o 4-3-1-2, essencialmente um meio de campo em forma de diamante, com Rattín na base, Jorge Solari e Alberto González — o ventilador do Boca — indo e vindo pelos lados, atuando como o que viria a se chamar de *carrileros*, e Ermino Onega com funções criativas na ponta do diamante. A amplitude era fornecida pelos avanços dos dois defensores laterais, Roberto Ferreiro e Silvio Marzolini. Quando ficou claro que não existia a necessidade de manter pontas próximos às linhas de lado do campo, o meio com quatro jogadores se tornou muito mais flexível. A formação da Inglaterra era similar, com uma diferença importante: enquanto os ingleses mantinham um meio-campista essencialmente defensivo, Nobby Stiles, a Argentina contava com um meio-campista essencialmente ofensivo, que era Onega. Fontes inglesas e argentinas chegam a um acordo em relação a poucos aspectos do jogo de quartas de final naquele torneio, mas aceitam que as principais razões para a vitória da Inglaterra — deixadas de lado as conspirações sobre a arbitragem e a suposta necessidade da Fifa, de cunho financeiro, de que o time da casa chegasse à final, numa época anterior à da televisão por satélite — foram a marcação de Stiles sobre Onega e a atuação de Alan Ball, que atacava pelo lado direito do diamante, impedindo os avanços de Marzolini.



ARGENTINA, 1966

Mas a maior mudança no jogo argentino nos anos posteriores à Copa do Mundo de 1958 foi de estilo, não de sistema. O futebol do país foi se tornando cada vez mais violento, como o Celtic descobriu ao enfrentar o Racing Club na decisão da Copa Intercontinental de 1967. O time escocês venceu o jogo de ida por 1 a 0, em Glasgow, mas se viu em meio a uma tempestade em Buenos Aires. Para o futebol argentino, era necessário dar o troco pela polêmica derrota da seleção nacional para a Inglaterra, um ano antes, nas quartas de final da Copa do Mundo. As distinções entre os dois componentes da Grã-Bretanha importavam pouco.

O Celtic entrou em campo sob uma chuva de “mísseis”. Ronnie Simpson, o goleiro, foi atingido na cabeça por uma pedra durante o aquecimento e teve de ser substituído. O árbitro, intimidado, não marcou um pênalti claro a favor dos escoceses antes daquele que de fato apontou. Tommy Gemmell converteu a penalidade, mas Norberto Raffo empatou de cabeça para o Racing, antes do intervalo, num lance em que o Celtic reclamou de impedimento. Não havia água no vestiário dos visitantes no intervalo e a coisa piorou no segundo tempo. Juan Carlos Cárdenas fez outro gol logo no início e deu a vantagem ao Racing, que então se dedicou a fazer o tempo passar, ajudado pela torcida, que

segurava a bola durante longos períodos antes de devolvê-la aos jogadores.

Uma vitória para cada lado impôs um jogo-desempate em Montevideu e, dessa vez, o Celtic decidiu responder. “O tempo da cordialidade acabou”, disse Jock Stein. “Nós sabemos ser duros se necessário e não vamos tolerar a conduta repugnante do Racing.” O jogo foi ainda mais brutal. Acabou sendo decidido com outro gol de Cárdenas, mas o resultado pouco significou diante de toda a violência. O Celtic teve três jogadores expulsos e o Racing, dois. Mas poderiam ser muitos mais. O Celtic multou os próprios jogadores; o Racing presenteou os seus com carros novos: a vitória era tudo.

O Racing pode ter oferecido uma ideia de como as coisas caminhavam na Argentina, mas certamente não era o pior expoente da mentalidade que exigia a vitória a qualquer custo. Essa honra, sem dúvida, cabia aos Estudantes de La Plata de Osvaldo Zubeldía.

Em certo sentido, era até lógico que Zubeldía viesse a se tornar o pioneiro do novo estilo de futebol, já que havia crescido no time do Vélez Sarsfield de Victorio Spinetto, um técnico influente que se distanciara de *la nuestra* muito antes de 1958. Spinetto fez parte do triunvirato de técnicos — junto com José Della Torre e José Barreiro — a quem a Argentina apelou após Helsimburgo com vistas à Copa América de 1959. Talvez seja injusto afirmar que Spinetto não foi um romântico, mas seu romantismo assumiu uma forma muito diferente da adotada por seus contemporâneos. Sua paixão não era criar um espetáculo nem provar que seu time jogava um futebol de mais categoria que os outros; sua preocupação era o Vélez e a vitória.

Spinetto nasceu em 3 de junho de 1910, no bairro de Flores. Viveu ali os primeiros anos de sua vida e estudou no El Nacional de Buenos Aires, uma escola renomada, até o terceiro ano. “Eu era um menino de boa família, elegante”, declarou numa entrevista a Osvaldo Ardizzzone, da revista *El Gráfico*, em 1971. “Meus avós tinham dinheiro, mas meu pai gostava de viver bem e gastou aquilo que deveria ser a minha herança. Eu me lembro de quando tinha treze anos e fomos todos morar na casa da minha avó, nas Barrancas de Belgrano — uma casa grande, das que se construíam antigamente.”

Ele estava longe de ser um estudante diligente, preferia o esporte aos livros, mas não gostava só de futebol. “Eu era bem desenvolvido para a minha idade e gostava de demonstrações de força e coragem”, disse ele. “Uma coisa de meninos, entende? Todas as tardes eu me metia em brigas típicas de meninos daquela idade. Eram lutas de se engalfinhar, não havia socos [...], uma disputa para ver quem era o mais forte. Mas eu gostava de futebol, sabe? Não era o esporte preferido da *barra*, então todas as tardes eu ia para o estacionamento na frente da estação de Belgrano. Por volta das quatro ou cinco da tarde, todos os garotos que esperavam os jornais se encontravam [...], os meninos que entregavam os jornais [...]. Eu era o garoto chique que eles deixavam participar dos jogos, talvez por ser capaz de dar chutes e porque nunca recusei uma boa briga.”

A família de Spinetto se mudou para Quilmes, onde pela primeira vez ele se associou a um clube, o Honor y Patria de Bernal, que jogava na segunda divisão. Ali, sua disposição encontrou um objetivo mais prático. “Que luta!”, disse ele. “Hoje você vê a proteção que os estádios oferecem. Mas não havia segurança naqueles pequenos campos. Você ia embora a pé, não havia ônibus, nada [...]; e filas de torcedores adversários.”

Ele deixou a região quando sua família retornou para o oeste de Buenos Aires. “Dessa vez fomos morar em La Paternal. E então eu fui jogar em um time que também se chamava La Paternal, e também estava na segunda divisão.” Um ano depois da chegada do profissionalismo, como um centromédio bastante promissor, Spinetto chegou ao Platense. O clube já tinha dois bons meios-campistas, Roberto Devoto e o paraguaio Manuel Fleitas Solich. Como teve poucas oportunidades no time titular, Spinetto passou seis meses de frustração e aceitou uma oferta do Vélez. “O Vélez Sarsfield foi o clube que se tornou minha vida”, disse. “Sempre há *um* clube na carreira de um jogador, mesmo que ele acabe trocando de camisa por acaso, como aconteceu comigo.”

Em Liniers, Spinetto logo se tornou conhecido por seu espírito de luta e seu talento para fazer gols. Era o centromédio *caudillo*, um termo que poderia ser traduzido como “líder” ou “diretor”, mas costuma ser utilizado para descrever a figura de um guerreiro, resumindo o ideal

argentino para o número 5: um jogador duro, ríspido e, ao mesmo tempo, não só isso — alguém que exhibe tanto a habilidade quanto a obstinação. “Eu era um centromédio que ia para cima de todo mundo — não facilitava para ninguém”, disse ele, numa entrevista para *Súper Fútbol* em 1988. “Nunca gostei de perder e nunca dei um jogo como perdido antes do fim dos noventa minutos. Sempre dei tudo o que tinha, para as pessoas, para o clube e para os meus companheiros. E jogava duro, sim, mas não era só eu. Sempre fui aberto e leal, e respeitei todos os meus adversários. Mas não pense que tudo isso era fácil. As coisas não eram como são hoje, quando todos os chutes dados e recebidos durante o jogo são esquecidos. Na minha época, se você jogasse sujo, o problema não terminava com o apito do árbitro; eles iam buscá-lo na sua casa [...]. Você tinha de ser honesto ao usar sua força, porque senão...”

Spinetto passou seis temporadas no Vélez, foi para o Independiente e voltou após um ano. O clube foi rebaixado em 1940 — pela única vez em sua história — depois de o Atlanta vencer o Independiente por 6 a 4 no último jogo do campeonato. Spinetto ficou arrasado e se aposentou, aos trinta anos, ainda que tenha atuado em algumas ocasiões pelo Acassuso, da segunda divisão, em 1942. “Eu me lembro de Victorio no dia em que o Vélez foi rebaixado em 1940”, disse Pablo Policastro, sócio vitalício do Vélez, durante uma conferência sobre a história do clube, em 2006. “Eu tinha oito anos e o fato ainda me emociona. Eu o vi andando pela rua Escalada e percebi que ele estava chorando.”

Era um baque que Spinetto tinha de reparar, e em 1942 ele recebeu uma oportunidade como técnico do time. “Eles me disseram que eu devia trabalhar com o que tinha, que teria de me virar com os jogadores e o dinheiro que havia”, Spinetto disse. “Foi uma conversa parecida com a de 1932, quando me contrataram como jogador. Dessa vez, eles me venderam o futuro e foi mais fácil, porque eu já era um sócio do clube e não podia decepcioná-los.”

Spinetto imediatamente começou a promover jovens jogadores. Miguel Rugilo, Armando Ovide, Juan José Ferraro e Alfredo Bermúdez foram aproveitados em sua primeira temporada completa como técnico, em que o Vélez conseguiu a promoção de volta à primeira divisão. Muitos anos depois, Policastro foi a uma cerimônia em que Spinetto inaugurou uma placa na estação Floresta, no local de fundação do Vélez.

“Eu o vi quando o Vélez foi rebaixado em 1940”, disse-lhe Policastro, nervoso. Spinetto respondeu, um pouco irritado: “E voltamos, comigo, em 1943”.

O Vélez se estabeleceu novamente como o um clube de elite e, em 1953, só ficou atrás do River Plate, tornando-se o primeiro time fora dos cinco grandes (Boca Juniors, River Plate, San Lorenzo, Independiente e Racing) a aparecer entre os dois melhores (o Huracán chegou a empatar com o River em segundo lugar, em 1939, mas o jogo de volta do play-off entre eles nunca aconteceu). A etapa de Spinetto como técnico do clube, no entanto, marcou menos por posições atingidas na classificação do que pelo estilo. Ele incutiu no Vélez um sentido de autoestima que daria ao clube uma estatura similar à de Racing e San Lorenzo, e os imbuiu da conhecida garra argentina — essa semimítica combinação de espírito de luta, bravura e malandragem de rua tão valorizada no futebol platense.

Spinetto ficou famoso pela maneira como vivia o jogo à beira do gramado, algo inédito na Argentina. Nos primeiros anos como técnico, ele vestia um agasalho e uma toalha sobre os ombros; mais tarde, passou a usar um paletó, com um T (de “técnico”) colado ao bolso com fita adesiva. Posicionava-se com a perna direita apoiada, o cotovelo sobre o joelho e o queixo na palma da mão direita. Gritava com sua voz rouca, atacando seus jogadores, os adversários e o árbitro, e muitas vezes foi expulso por causa disso. “Os jogadores o adoravam, mas ele os massacrava”, disse Adolfo Mogilevsky, que trabalhou com Spinetto no Atlanta e depois na seleção. “Sua fama era a de ser duro, mas ele sempre foi caloroso, enfatizando os valores humanos.”

Há incontáveis histórias sobre a dureza de Spinetto. Ele motivava seus jogadores no intervalo perguntando o que suas mães pensariam deles se perdessem. “Um jogador que não vai para o campo para defender sua posição, por medo de ser desgraçado, não deveria jogar”, ele dizia. “O futebol é um jogo para homens.”

No evento de 2006, Antonio Settino, outro sócio vitalício, lembrou-se de um jogo em Lanús em que o Vélez perdia por 2 a 0 no intervalo. “Dom José Amalfitani [diretor do clube e o homem que hoje dá nome ao estádio do Vélez] foi ao vestiário e disse aos jogadores: ‘Rapazes, cuidem de suas pernas, um jogador vale muito’. Queria que eles pegassem leve. Dom José mal tinha saído e Spinetto gritou: ‘Seus maricas! Nós temos

que vencer esse jogo!'. O Vélez venceu e os jogadores tiveram de esperar até as dez horas da noite para sair do estádio, porque os torcedores rivais queriam agredi-los. Dom Victorio ganhou esse jogo, e o episódio demonstrou toda a sua dureza, mas também sua paixão pelo Vélez.”

Spinetto odiava a atenção dada a *la nuestra*. “É claro que importa se um jogador é tecnicamente talentoso ou não”, dizia, “mas, se ele não tiver fibra, não se tornará grande. Pegue o caso de Carlos Bianchi [um atacante que também se tornaria um técnico de muito sucesso]. Ele, desde criança, já era um homem [...]; e é por isso que dá tudo de si no campo. Você sabe quais são os jogadores mais generosos em campo? Aqueles que são homens no sentido do sacrifício. Junto com seu talento, dão tudo o que têm dentro de si [...], porque eles têm vergonha e não gostam de deixar o campo derrotados.”

Os jogadores de Spinetto lembram dele como um grande motivador. “Ele trabalhava muito a psicologia com os jogadores, porque um jogador precisa de um pouco de agressividade”, disse o meio-campista ofensivo Norberto Conde. “Se ele é frio, se é lento, ou se não faz o seu melhor, não terá a determinação que os outros têm.” Ele adorava ser imprevisível. “Mais de uma vez, quando joguei mal”, lembrou o atacante Ernesto Sansone, “ele me aplaudiu como se eu tivesse jogado muito bem. Mas, quando eu jogava bem, e eu sabia disso, ele me criticava como se eu tivesse jogado mal.”

Talvez sua maior qualidade fosse a capacidade para recuperar o time quando estava perdendo. Houve um jogo contra o River Plate em que o Vélez perdia por 3 a 0 no intervalo. O goleiro Miguel Rugilo tinha sido o responsável por dois gols e, no vestiário, deitou-se na banheira, exausto. Spinetto chamou Huss, Ángel Allegri e Armando Ovide de lado. “Vejam como Miguel está”, disse. “Se vocês são amigos dele, precisam jogar por ele.” O Vélez empatou em vinte minutos e o centroavante Osvaldo Bottini perdeu uma ótima chance de fazer o gol da vitória no final.

Mas o principal legado de Spinetto não foi o que ele fez pelo Vélez, mas os fundamentos do *antifútbol* que ele deixou, a ideia de que o jogo era mais uma questão de motivação e fibra do que de talento. Chamá-lo de revolucionário tático é um exagero, porque suas ideias eram básicas em comparação com o que acontecia na Europa ou no Brasil na mesma época, mas, ainda assim, o fato de ele pensar tanto em tática e estilo de

jogo o transformou em um radical na Argentina do final dos anos 1940. Spinetto nunca jogou para Cesarini, mas sempre fez questão de elogiá-lo, admirando a forma como ele desafiou as convenções predominantes.

Spinetto estava igualmente preparado para alterar papéis tradicionais, rejeitando a tradição dos movimentos refinados e técnicos no meio de campo, em que os atacantes interiores eram os eixos criativos. “Eu exijo times com fibra”, dizia. “Defensores que defendem, atacantes que atacam [...], mas sabe o que é um time para mim? É a soma de jogadores que distribuem trabalho com aqueles que o procuram. E é preciso atacar pelas pontas [...], sempre pelas pontas [...]. Desfilar pelo meio pode ser muito bonito, mas quantas vezes eles tentam e quantas vezes conseguem? Verifique as estatísticas do jogo. Você sabe o que é atacar para mim? É se posicionar atrás dos defensores. Um atacante deve procurar ficar atrás de seu marcador ao mesmo tempo em que seu companheiro deve tentar lhe dar o passe naquele espaço. E isso deve ser feito pelas pontas.”

Atacantes argentinos tradicionalmente só se preocupavam em atacar, mas Spinetto estimulou-os a desempenhar um papel mais completo. Seu caso de sucesso mais evidente foi Osvaldo Zubeldía, um jogador de mentalidade extraordinariamente curiosa. Ele era, em tese, um número 10, um meia-esquerda ofensivo. Mas, naquela temporada de 1953, quando o Vélez terminou com o vice-campeonato, Spinetto o orientou a recuar e trabalhar em todo o campo como um meio-campista moderno. Se foi ideia de Spinetto ou de Zubeldía, é impossível saber: melhor pensar numa simbiose entre a inteligência do jogador e a disposição do técnico para tentar algo diferente.

Spinetto também dirigiu Carlos Griguol — que ganhou o campeonato nacional com o Rosario Central e com o Ferro Carril Oeste (duas vezes) e uma Copa Interamericana com o River Plate — e Bianchi, que com o Vélez ganhou três campeonatos, a Libertadores, a Copa Interamericana e a Copa Intercontinental. No Boca Juniors, Bianchi teve ainda mais sucesso: quatro campeonatos, três Libertadores e duas Intercontinentais. Os times de Griguol e Bianchi nunca foram tão abertamente cínicos quanto os de Zubeldía, mas ambos praticavam um jogo agressivo e disciplinado, que favorecia o pragmatismo em vez da beleza.

E, claro, há os discípulos dos discípulos de Spinetto. Griguol produziu Héctor Cúper e Mário Gómez. Bianchi produziu Diego Cagna e Omar Asad. E Zubeldía produziu Eduardo Manera e, seu mais conhecido pupilo, Carlos Bilardo. O próprio Bilardo tem seguidores — Miguel Ángel Russo, que ganhou o Clausura com o Vélez em 2005 e a Libertadores com o Boca em 2007, e Alejandro Sabella, que levou o Estudiantes ao título da Libertadores em 2009 e do Apertura em 2010, antes de assumir a seleção. O nome de Bilardo se tornou sinônimo da filosofia do *antifútbol*.

Foi Zubeldía quem transformou o *antifútbol* em uma tendência. Juan Carlos Onganía tomou o poder em um golpe de estado em 1966 e, percebendo a influência do esporte, fez chegar dinheiro aos clubes para que pagassem suas dívidas. Em troca, o campeonato foi revisado e dividido em dois — o Metropolitano e o Nacional —, a fim de encorajar o desenvolvimento de clubes de fora de Buenos Aires. O domínio dos cinco grandes foi quebrado e, em 1967, o Estudiantes ganhou o primeiro título do Metropolitano.

Quando Zubeldía chegou ao Estudiantes, em 1965, após ser demitido da seleção, seu objetivo inicial era simplesmente evitar o rebaixamento. Como meio-campista ou atacante no Boca Juniors, Vélez, Atlanta e Banfield, ele ficou conhecido por sua inteligência e sentido de posicionamento. E essa percepção apurada quanto à forma e ao espaço constituiu a base de seu trabalho como técnico. “Ele foi um médio pela direita, então jogava ao meu lado no Boca”, disse Rattín. “Já nessa época de jogador, era um estudioso do jogo. Conhecia a regra e atuava sempre no seu limite.”

Zubeldía levou o Atlanta a duas boas colocações nos campeonatos que disputou, mas encontrou mais dificuldades com a seleção argentina, talvez porque — como Valeriy Lobanovskyi iria descobrir mais tarde na URSS — seja muito mais difícil incutir ideias num selecionado nacional, em que o tempo de trabalho é sempre tão curto, do que num clube, onde o envolvimento é diário.

“Ele chegou ao clube um mês antes de estreiar”, disse Juan Ramón Verón, por muitos considerado o jogador mais talentoso daquele time do Estudiantes. “Viu o time principal, depois viu o terceiro time e concluiu

que o terceiro time estava jogando melhor. Então se perguntou por que razão manteria os jogadores mais velhos.”

Ele manteve apenas quatro dos titulares, preferindo moldar as mentes mais jovens. “Zubeldía era um homem muito simples e seu objetivo era trabalhar”, continuou Verón. “Ele gostava muito de ensinar, de conviver e trabalhar com os jogadores. Veio para cá com outro treinador, Argentino Geronazzo, que era um cara muito louco que nunca passava muito tempo num clube porque logo se desentendia com as pessoas. Mas, quando eles chegaram aqui, tinham um plano e já sabiam o que queriam fazer.”

“Nós fizemos uma pré-temporada, o que não tinha acontecido antes. Os técnicos começaram a se envolver bastante com o treinamento diário, o que não era usual até então. Quando Zubeldía chegou, nós começamos a ir para a concentração um dia antes dos jogos. Nós morávamos no centro de treinamentos. Aprendíamos as táticas no quadro-negro e as praticávamos no campo.”

Nenhum time de fora da capital jamais tinha conquistado o título, então não havia expectativas ou exigências de sucesso imediato. “Os torcedores aqui eram mais pacientes, então Zubeldía pôde trabalhar bem durante três anos sem precisar ganhar campeonatos, o que não seria possível, por exemplo, no Boca”, disse Verón. “Nós éramos muito jovens e não percebemos o que estava acontecendo. As coisas começaram a crescer e um dia nos demos conta de que tínhamos um grande time.”

Na revista *El Gráfico*, o jornalista Jorge Ventura descreveu o estilo do Estudiantes como “um tipo de futebol produzido durante uma semana de trabalho duro em laboratório, que explode no sétimo dia com a efetividade que o consagra na tabela de classificação. Porque o Estudiantes continua a fabricar pontos como fabrica futebol: com mais trabalho do que talento [...], o Estudiantes segue vencendo.”

Eles treinavam mais e de forma mais metódica do que qualquer outro time argentino jamais havia treinado. “Todas as possibilidades oferecidas pelo jogo eram antecipadas e praticadas”, disse Bilardo. “Escanteios, faltas, até cobranças de lateral eram usadas para termos alguma vantagem, e nós também dispúnhamos de linguagens e sinais

secrets que usávamos para fazer nossos adversários caírem numa armadilha.”

O Estudiantes terminou em segundo lugar no grupo A do campeonato Metropolitano em 1967, classificando-se entre os quatro melhores. Esse desempenho já era uma façanha, mas eles viraram um jogo que perdiam por 3 a 0 para o Platense, na semifinal, antes de uma vitória confortável por 3 a 0 sobre o Racing, na decisão. “O título do Estudiantes foi o triunfo de uma nova mentalidade, tantas vezes proclamada desde os acontecimentos na Suécia, mas raramente confirmada pelos fatos”, escreveu o colunista Juvenal, na *El Gráfico*. “Uma nova mentalidade disseminada por gente jovem, forte, disciplinada, dinâmica, vigorosa, espirituosa e fisicamente apta. Está claro que o Estudiantes não inventou nada. Eles seguiram o caminho traçado pelo Racing no ano anterior [...]. O Estudiantes venceu após 36 anos de ‘veto’ a títulos para times ‘pequenos’ e ambiciosos. O Estudiantes derrotou as próprias convicções e limitações como um time ultradefensivo que destruía os rivais. O Estudiantes derrotou a intoxicação de uma semana única em sua história, revelando seu atributo mais exemplar no momento da vitória: a humildade.”

Da mesma forma que a Itália de Pozzo tinha sido aclamada como representante da dimensão militarista do fascismo, o Estudiantes também se tornou a imagem emblemática da nova Argentina de Onganía. Juvenal repisou essa tese ainda mais claramente em janeiro de 1969, quando o Estudiantes estava a caminho de sua terceira conquista seguida na Copa Libertadores da América. Ele teceu elogios “à estrutura defensiva, à dinâmica, ao temperamento, ao sacrifício, à defesa agressiva, ao espírito de luta, ao pensamento coletivo, à organização do time”. E prosseguiu: “A improvisação foi eliminada. Nós melhoramos e evoluímos naquilo que, de acordo com alguns críticos, causava nossa inferioridade”. Em outras palavras, o Estudiantes era elogiado especificamente pelo que fazia diferente de *la nuestra*; além disso, era celebrado por desafiar o estereótipo europeu de que os sul-americanos tinham estilo, mas eram indolentes.

O Estudiantes podia estar seguindo o Racing no estilo e na absoluta negação dos princípios de *la nuestra*, mas, em certos aspectos importantes, o que o time fazia era novo. A formação era o 4-3-3, cuja

popularidade se espalhava pelo continente, porém o uso efetivo do sistema era único não só na Argentina, mas em toda a América do Sul: eles pressionavam e adotavam uma agressiva armadilha de impedimento. “Era algo desconhecido na Argentina”, disse Verón, “e foi isso que permitiu a um time humilde como o Estudiantes ter tanto sucesso.”

A questão é saber de onde veio a ideia. Zubeldía era conhecido por sua curiosidade e por estudar o trabalho de técnicos de todo o mundo. A maioria dos jogadores concorda que a pressão teria sido copiada, como disse Verón, de “algum time europeu”. Outros vão além e insistem que foi de um time do leste da Europa, mas ninguém se lembra de qual. Pelo que se lembram, ao menos quando a ideia foi introduzida, tratava-se apenas de mais um dos esquemas de Zubeldía, mais um vídeo que o técnico lhes mostrou. É tentador acreditar que Zubeldía tenha sido influenciado por Viktor Maslov — e, considerando que na época o Dynamo Kiev era o único time especializado na pressão ao adversário, é até provável —, mas não existem evidências. Entretanto, ainda que Zubeldía tenha copiado a pressão de outro time europeu, esse time quase certamente copiou o sistema de Maslov. A influência de Maslov era global.

A pressão e a linha de impedimento alta eram as inovações legítimas de Zubeldía, mas também se sobressaía um aspecto mais sinistro. Foi a violência do Estudiantes que chocou os europeus, mas, de acordo com Presta, nesse ponto eles não eram diferentes de outros times argentinos da época. A área em que realmente se diferenciavam dizia respeito ao uso de truques sujos. “Você não alcança a glória”, disse Zubeldía, “por um caminho de rosas.” Hoje é difícil de separar os fatos da ficção, mas conta a história que Bilardo entrava em campo com alfinetes para machucar e irritar adversários. “Um mito”, disse Verón, mas Rattín insistia que era verdade, mesmo admitindo nunca ter presenciado o artifício. Bilardo parecia admitir que a acusação era verdadeira em uma campanha publicitária em 2011. “Bilardo era sorrateiro”, disse Rattín. “Estava sempre tentando alguma coisa. Ele puxava sua camisa, inventava que tinha sido atingido, qualquer coisa.”

Apesar de ter hesitado em revelar detalhes, Verón reconheceu que o Estudiantes “tentava descobrir tudo o que fosse possível sobre os rivais

individualmente, seus hábitos, suas personalidades, suas fraquezas e até mesmo sobre suas vidas pessoais, para provocá-los em campo, forçá-los a reagir de modo que arriscassem uma expulsão”.

“Eles usavam a psicologia da pior maneira possível”, segundo Presta. “Havia um jogador do Independiente que, acidentalmente, matara um amigo durante uma caçada. Nos jogos contra o Estudiantes, eles o chamavam de ‘assassino’ durante os noventa minutos. Havia também um goleiro do Racing que tinha um relacionamento muito próximo com a mãe. Ela não queria que ele se casasse, mas ele acabou fazendo isso e, seis meses depois, sua mãe morreu. Bilardo se aproximou dele e disse: ‘Parabéns, você finalmente matou sua mãe’.”

Alegrou-se até que Bilardo, que era médico formado, se valia de seus contatos na área. O meio-campista do Racing, Roberto Perfumo, por exemplo, foi expulso por dar um chute no estômago de Bilardo, supostamente porque o rival o teria provocado mencionando um cisto que sua mulher havia extraído.

Os métodos podiam ser indesculpáveis, mas a eficiência do Estudiantes era inegável e, pelo menos no princípio, isso bastava para que comentaristas ignorassem os excessos. O time, afinal, era mais do que a brutalidade. “Era uma equipe de fato muito bem construída”, disse Delgado, que os enfrentou após se transferir para o Santos. “Além de marcar, eles sabiam jogar. Verón era o jogador-chave. Ele dava o ritmo. Os dois meios-campistas centrais — Pachamé e Bilardo — não eram realmente talentosos. Pachamé era muito defensivo e Bilardo, apesar de ter pouco talento, era muito esperto. Bilardo era o menos talentoso de todos.”

O Estudiantes ganhou a Libertadores em 1968, batendo o Racing em três jogos violentíssimos na semifinal, e depois vencendo o Palmeiras numa decisão que também chegou ao terceiro jogo. Foi durante aquela campanha que se cunhou o termo *antifútbol* para descrever os métodos da equipe. Mas a *El Gráfico* permaneceu solidária, mesmo reconhecendo que o estilo do time era “mais sólido do que bonito”.

Mais tarde naquele ano, eles enfrentaram o Manchester United na Copa Intercontinental, em dois jogos previsivelmente violentos. Na primeira partida, em Buenos Aires, Dennis Law reclamou que lhe puxaram o cabelo, George Best levou um soco no estômago e Bobby

Charlton precisou levar pontos após uma falta cometida por Bilardo. Nobby Stiles sofreu um corte ao ser atingido por uma cabeçada e, depois de ter sido provocado durante todo o jogo, acabou expulso por fazer um gesto ofensivo para o assistente. Em meio a tudo isso, Marcos Conigliaro aproveitou um escanteio cobrado por Verón para marcar, de cabeça, o gol da vitória do Estudiantes. A história foi parecida em Manchester, onde Law precisou de quatro pontos em um corte na perna e Best e José Hugo Medina foram expulsos por trocar socos. Willie Morgan empatou o placar, que fora aberto por um gol de Verón, mas o 1 a 1 deu o título ao Estudiantes.

“Aquele foi o ponto alto”, disse Verón, mas havia quem não estivesse convencido. O meio-campista do United, Paddy Crerand, chamou o Estudiantes de “o time mais sujo que já enfrentei”, e a reação da imprensa foi igualmente amarga. “A noite em que cuspiram no espírito esportivo”, foi a manchete do *Daily Mirror* após o jogo de ida, enquanto Brian Glanville, no *Sunday Times*, usou um tom desesperançoso: “Algumas táticas deles nos levam a perguntar sobre como o futebol, no nível mais alto, poderá sobreviver como esporte. Faltas táticas como as praticadas esta noite pelo Estudiantes, pelo Racing no ano passado e pela Argentina em 1966, em Wembley, simplesmente tornam impossível que se pratique o jogo”.

Na *El Gráfico*, Ardizzone defendeu o Estudiantes após aquela vitória — explicando-a como um produto natural da vitória da Inglaterra sobre a Argentina, nas quartas de final da Copa do Mundo —, mas, quando a equipe conquistou a segunda Libertadores, vencendo o Nacional do Uruguai nos dois jogos da final, ele já começava a expressar dúvidas. “O Estudiantes vai a campo para destruir, sujar, irritar, negar o espetáculo, para usar todos os subterfúgios ilegais do futebol”, escreveu. “Se é bom vencer, é preciso também vencer sendo bom.”

A maré estava virando e não apenas contra o Estudiantes. Houve insurreições contra o regime militar em Córdoba e em Rosário em 1969, sugerindo que a tolerância com a filosofia de que os fins justificam os meios estava diminuindo. Mas também existiam razões futebolísticas para a repercussão negativa do estilo do Estudiantes. Verón comenta como o encanto com o triunfo de um time “humilde” se transformou em indignação dos clubes e da imprensa da capital,

enquanto na mesma época derrotas para a Bolívia e o Peru, ambas fora de casa, em 1969, efetivamente eliminaram a Argentina da Copa do Mundo de 1970.

Além disso, naquele mês de julho havia outro time desfavorecido para quem torcer. O Chacarita Juniors, de San Martín, um subúrbio pobre de Buenos Aires, bateu o River Plate por 4 a 1 na final do Metropolitano. Na *El Gráfico*, a posição de Juvenal claramente mudou: “A vitória do Chacarita valida os valores que tornaram grande o futebol argentino. Esses valores parecem ter sido esquecidos por muitos times, jogadores e técnicos [...]. Porque o Chacarita não é um time ‘pequeno crescido’ que alcança suas maiores vitórias históricas correndo e jogando com brutalidade, mordendo e brigando, suando e continuando a jogar de modo selvagem. O Chacarita corre, morde, sua, entrega, se sacrifica, mas também joga futebol. Ou melhor: eles querem jogar, cuidando da bola em todo o campo, e também lutam”.

Mas foi o fracasso na classificação para a Copa do Mundo no México que fez as pessoas prestarem atenção. Um editorial na *El Gráfico* proclamou “a escola do futebol argentino” como a “grande vítima” da revolução que se seguiu ao constrangimento de 1958. “O desejo de apagar da memória os seis gols da Tchecoslováquia nos levou a um jogo mais defensivo, ao eterno medo de perder, nos fez esquecer a necessidade e o prazer de marcar mais gols do que nossos adversários para vencer. O desejo de superar nossa falta de velocidade e força física diante dos europeus nos induziu à imitação indiscriminada, ao desprezo pela habilidade e pela inteligência”, foram as palavras escolhidas pela revista.

O Estudiantes logo daria mais munição aos críticos. Em setembro de 1969, o clube perdeu o primeiro jogo da Copa Intercontinental para o Milan, por 3 a 0, na Itália. O resultado levantou dúvidas sobre a eficácia de seu estilo, mas foi a partida de volta, em La Bombonera, que realmente endureceu as opiniões contra eles. O Estudiantes venceu por 2 a 1, mas a violência do jogo foi muito mais significativa. Aguirre Suárez deu uma cotovelada em Néstor Combin, causando-lhe uma fratura na face. O goleiro Alberto Poletti deu um soco em Gianni Rivera, e Eduardo Manera o derrubou com um chute.

Uma onda de repulsa foi desencadeada. “A televisão pegou a imagem deformada de um jogo e a transformou em bandeira de guerrilha urbana em todo o mundo”, disse o relato do jogo na *El Gráfico*, e o presidente argentino não se sensibilizou. “Um comportamento tão vergonhoso comprometeu e manchou a reputação internacional da Argentina, provocando a repugnância de toda uma nação”, disse Onganía. Os três jogadores citados foram sentenciados a trinta dias de prisão por tumultuar um espetáculo público.

Zubeldía foi vilanizado, o que levou seus defensores a logo argumentar que ele aprovava apenas o sistema, não o mau comportamento. Um argumento mais crível seria dizer que seu time não era muito pior do que qualquer outro na Argentina à época, apenas mais eficiente. “Aqueles que atribuem uma dimensão diabólica à sua liderança, no que diz respeito às trapaças”, Walter Vargas escreveu em *Football Delivery*, “deveriam saber que na tristemente famosa noite em 1969, na Bombonera contra o Milan, ele entrou no campo para tentar conter os incidentes violentos e, depois de cometidos, ele os condenou e advertiu seus jogadores. Isso significa que 100% dos pecados atribuídos ao Estudiantes são puro mito? Claro que não. Mas o que Rivera, Combin e companhia sofreram foram as manchas mais injustificáveis, as impossíveis de eliminar. Como bem se sabe, no entanto, o Racing de José Pizzuti, o Independiente de 68, o Boca de Rattín e o resto não eram exatamente conventos trapistas.”

Apesar de o Estudiantes conquistar a Libertadores no ano seguinte, perdendo para o Feyenoord na Copa Intercontinental, o clima se voltara contra o clube. “O Estudiantes que admiramos, aplaudimos e defendemos era uma coisa bem diferente”, proclamou outro editorial na *El Gráfico*. “Quando eles ganharam suas primeiras finais, não praticavam o *antifútbol*, mas um futebol autêntico, repleto de esforço, vitalidade e sacrifício.” Talvez, como a Inter de Herrera, eles tenham perseguido tanto suas idiossincrasias que terminaram se transformando em paródias do que haviam sido um dia.



12. Futebol Total

Às vezes, o mundo está simplesmente maduro para as inovações. Assim como Newton e Leibniz desenvolveram o cálculo de forma independente e quase simultânea, em lados opostos da Europa, Rinus Michels e Valeriy Lobanovskyi chegaram à mesma conclusão sobre como o futebol deveria ser praticado. O jogo, como eles o viam, baseava-se no espaço e em como controlá-lo: faça o campo crescer quando você tem a bola e será fácil mantê-la; faça-o diminuir quando você não a tem e será muito mais difícil para o adversário conservá-la.

Ambos encorajavam seus jogadores a trocar de posições, ambos dependiam do compromisso dos atletas com as coberturas, e ambos produziram times capazes de praticar um futebol de emocionar. Nesse aspecto, eram a continuação lógica da *passovotchka* dos anos 1940 ou do estilo húngaro da década seguinte — com o qual a maneira de jogar dos holandeses foi muitas vezes comparada —, mas o que permitiu que o Ajax e o Dynamo fizessem história foi a implementação de uma agressiva armadilha de impedimento. A pressão era a chave, mas provavelmente foi apenas a partir da metade dos anos 1960 que ela se tornou viável.

Em um contexto amador, a pressão é impossível. Exige demais do ponto de vista físico, pois requer movimento quase constante e, por isso, níveis supremos de forma. Na época de Michels e Lobanovskyi, as carências dos anos de guerra tinham terminado, a boa alimentação se disseminara e a ciência do esporte (tanto a legal quanto a ilícita) tinha avançado suficientemente para que os jogadores pudessem correr por noventa minutos. Esse foi um estágio do desenvolvimento do futebol que derivou tanto do aumento das possibilidades físicas quanto dos avanços nos conhecimentos teóricos.

Hoje é difícil imaginar, por causa de sua reputação moderna de excessos e liberalismo, como Amsterdã era nos anos imediatamente após a guerra. Existiu um inegável processo de mercantilização de sua natureza boêmia, mas ainda assim é facilmente compreensível que a

cidade alimente ideias revolucionárias. Nos anos 1950, não era. Em *The Fall*, publicado em 1955, Albert Camus escreve como ficou entediado em Amsterdã, uma cidade em que “por séculos, fumantes de cachimbo têm assistido à mesma chuva cair sobre o mesmo canal”.

O futebol holandês era igualmente sem graça. Os bigodes e a afetação vitoriana dos clubes anglófilos podiam já ter ficado no passado, na década de 1950, mas o estilo de jogo ainda olhava para trás: o resultado era uma seleção nacional que não conseguia nem ser uma piada. Entre uma vitória por 4 a 1 sobre a Finlândia, em junho de 1949, e uma derrota por 1 a 0 para a Bélgica, em abril de 1955, a Holanda disputou 27 jogos, vencendo apenas dois, e perdendo duas vezes para a Noruega. Quando a Inglaterra massacrou a Holanda por 8 a 2, em Huddersfield, em 1948, bem depois de o W-M ter se tornado a configuração-padrão na Europa, os holandeses ainda usavam a formação clássica 2-3-5. O centroavante inglês Tommy Lawton, que marcou quatro gols naquele dia, disse que “nunca teve tanto espaço”.

A chegada ao país de uma forma ainda limitada de profissionalismo, em 1954, foi o principal estímulo para a ascensão do futebol holandês nos anos 1960, mas não explica por que a transformação foi tão drástica. O fato de a Holanda ter praticamente pulado a fase W-M da evolução colaborou, pois não permitiu a instalação de uma rígida noção de marcação individual, e os holandeses também parecem ter sido privilegiados porque seus professores do jogo puderam trabalhar sem as pressões de uma liga estruturada. Observadores da atualidade podem se impressionar ao ler Brian Glanville escrevendo sobre o “pesadelo de uma liga”, mas esse sentimento explica por que tantas nações europeias tiveram o desenvolvimento de seu futebol acentuado pelo trabalho de esclarecidos técnicos ingleses. Talvez eles não fossem propriamente progressistas — ainda que o fato de estarem preparados para viver em outros países sugira um nível de abertura —, mas os novos ambientes em que se colocavam permitiam a busca por experimentos que, na Grã-Bretanha, seriam dispensados como parte de um idealismo despropositado.

O pai fundador do futebol holandês foi Jack Reynolds. Apesar de ter chegado a atuar pelo time reserva do Manchester City, ele (assim como outros técnicos influentes) teve uma carreira de jogador bem modesta

no Grimsby Town, no Sheffield Wednesday e no Watford. Em 1912, Reynolds foi para a Suíça para ser técnico do St. Gallen e estava prestes a assumir uma posição na Alemanha quando a guerra começou, em 1914. Ele procurou refúgio na Holanda e foi nomeado técnico do Ajax — pela primeira vez — em 1915. Ao longo dos 32 anos seguintes, passaria 25 no clube, em três períodos. Sua primeira saída foi causada por uma discussão com diretores; a seguinte, pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, época na qual foi mantido preso no centro de detenção Tost, na Silésia, um antigo asilo para lunáticos. Lá ele conheceu P. G. Wodehouse, que tinha sido detido em Le Touquet, na França. “Um homem da Associated Press, que depois veio me entrevistar”, disse Wodehouse, “escreveu em seu artigo que o asilo de Tost não era nenhum castelo. Bem, claro que não, mas mesmo assim era espaçoso. Se você tivesse um gato e quisesse balançá-lo pelo rabo, conseguiria facilmente...”

Foi quando retornou a Amsterdã, em 1945, que Reynolds começou a trabalhar com Rinus Michels, e a semelhança de estilo entre os dois é evidente. Reynolds era um disciplinador e acreditava na primazia da técnica, encorajando seus jogadores a trabalhar com a bola nos treinamentos. Também foi o responsável pela estruturação do sistema das categorias de base do Ajax, muitas vezes trabalhando catorze horas por dia para assegurar que todas as idades jogassem o mesmo estilo de futebol. Ele transformou em clube de alcance nacional um time que sempre fora pequeno, e o fez se apoiando na ofensividade. “Para mim”, diria numa entrevista em 1946, “o ataque é a melhor defesa.” A filosofia do Ajax era sintetizada por uma poesia dos anos 1930: “Jogo aberto, jogo aberto/Você não pode negligenciar as pontas”.

Essas foram as sementes, mas elas só começaram a brotar quando Vic Buck ingham chegou, em 1959. Vic jogou no mesmo Tottenham Hotspur de Arthur Rowe, e herdou de Peter McWilliam ideias similares sobre o valor do futebol de passes e movimentação, de manter a posse da bola em vez de cedê-la com chutes longos para o campo do adversário. “O futebol de posse é o caminho, não chutar e correr”, disse numa entrevista a David Winner, em 1993, reproduzida em *Brilliant Orange*. “O futebol de bolas longas é muito arriscado. Na maior parte do tempo, o que dá resultado é o talento bem trabalhado. Se você tem a bola, fique

com ela. O outro time não poderá fazer gols.” Esse é o fundamento básico do futebol de passe, desde o Queen’s Park dos anos 1870, passando pelo Tottenham de McWilliam até chegar ao Barcelona de Pep Guardiola.

Reynolds descobriu que suas próprias convicções se misturavam ao que já existia no Ajax. “O futebol holandês era bom”, ele disse. “Não era bruto e não tinha a mentalidade de vencer a todo custo. As habilidades deles eram diferentes, o intelecto era diferente e eles jogavam futebol da maneira mais apropriada. Não aprenderam isso comigo; já estava tudo ali, esperando o estímulo correto [...]. Bastou apenas dizer que mantivessem mais a posse da bola. Eu sempre achei que a posse era 90% do jogo e o Ajax jogava um futebol de posse [...]. Eu os influenciei, mas eles cresceram a ponto de fazer coisas que me deliciavam. Por exemplo, dois jogadores se associavam do lado esquerdo do campo, trocando passes. Avançavam trinta metros, superavam três defensores e crivavam um imenso espaço vazio.”

Buckingham era devoto do W-M, e foi com essa formação — embora numa versão muito mais fluida que a encontrada na Grã-Bretanha à época — que o Ajax ganhou o título da liga holandesa em 1960, jogando com um estilo ofensivo que produziu a média de 3,2 gols por jogo. Buckingham deixou o clube após duas temporadas para trabalhar no Sheffield Wednesday e, quando retornou, em 1964, teve dificuldades para repetir o sucesso. Em janeiro de 1965, o Ajax estava próximo da zona do rebaixamento e Buckingham foi demitido.

Ele foi substituído por Michels, que, após se aposentar como jogador em 1958, tinha estudado na academia de esportes de Amsterdã e dado aulas de ginástica em uma escola local, antes de trabalhar como técnico do time amador JOS. Como acontecera com Lobanovskiy, quando ele voltou ao clube em que tinha passado a maior parte da carreira, sua perspectiva sobre o jogo já havia sofrido uma radical transformação. O jogador Michels, segundo Winner, era “um artista tranquilo em campo, com uma queda para boas piadas fora dele”. Na função de técnico, era completamente diferente, como lembra o ex-assistente técnico do Ajax, Bobby Haarms: “A coisa mais importante para ele era a disciplina. Uma disciplina fantástica. Até mesmo com os assistentes ele funcionava como um domador de animais”.

Michels manteve o Ajax na primeira divisão em sua primeira temporada. Na seguinte, eles ganharam a liga. Embora o time jogasse um futebol ofensivo e atraente, ainda não se falava em “futebol total”, e Michels certamente não tinha a intenção de estabelecer um padrão definitivo de como o futebol deveria ser praticado. “Ao iniciar o trabalho”, disse ele, “você não tem ideia exata dos objetivos pelos quais lutará.” Sua tarefa imediata era evitar o rebaixamento. “Para isso, eu precisava transformar o espírito e a tática do time”, explicou. “E, claro, foi o que aconteceu: o desenvolvimento do espírito de equipe e o desenvolvimento tático do time.”

Ele alterou a natureza dos treinamentos, dando ainda maior prioridade ao trabalho com bola em relação a Reynolds e construindo as estruturas que produziram a competência técnica que caracteriza o estilo do Ajax. Michels modernizou a administração do clube de forma que, ao final de sua segunda temporada completa, todos os jogadores do elenco já eram profissionais e podiam se comprometer totalmente com o regime de treinos. Do ponto de vista tático, sua primeira alteração foi substituir o W-M pelo 4-2-4, com Piet Keizer, Johan Cruyff, Sjaak Swart e Henk Groot na frente e o combativo Bennie Muller ao lado de Klaas Nuninga, um jogador mais técnico, no meio de campo.

A mudança em si não fora radical — fazia parte, aliás, de uma tendência que varreu a Europa nos anos seguintes à Copa do Mundo de 1958 —, mas havia um sentido de radicalismo no ar. Nos anos 1960, Amsterdã era, nas palavras do anarquista britânico Charles Radcliffe, “a capital da rebelião jovem”. O estabelecimento do Estado de bem-estar após a guerra e a crescente prosperidade da Europa levaram, assim como em outros lugares, a um rompimento das barreiras na divisão tradicional da sociedade. A arte e a cultura se tornaram vanguardistas e, em dezembro de 1962, Amsterdã testemunhou seu primeiro *happening*, com o evento *Open the Grave*, do poeta Simon Vinkenoog, que argumentava que “a vitória sobre as velhas maneiras começa no Centro Mágico de Amsterdã”.

Na metade da década, a atmosfera na cidade era surreal e anárquica, com os Provos vestidos de branco, em manifestações contra o consumo. Em 1966, a reação dos integrantes desse movimento ao casamento da princesa Beatriz com Claus von Amsberg, um aristocrata alemão que

serviu no *Wehrmacht*, foi significativa. Eles anunciaram que tentariam interromper a cerimônia e fizeram circular rumores sobre como pretendiam fazer isso. Comentou-se que a água seria contaminada com LSD, que fezes de leão seriam espalhadas pelas ruas para assustar os cavalos que puxavam as carruagens e que óxido nítrico seria bombeado para dentro da igreja. No final, o protesto não passou de bombas de fumaça na Raadhuisstraat, mas foi o suficiente. A polícia entrou em pânico e, de forma exagerada como viria a agir repetidamente durante a campanha dos Provos, usou cassetetes contra os manifestantes. Incidentes similares tinham acontecido, mas não nessa escala e nunca ao vivo na televisão. Os telespectadores ficaram horrorizados e, quando uma greve aconteceu três meses depois, por causa da remuneração em feriados trabalhados, a atitude do poder público já estava no caminho da mudança.

Uma investigação acerca dos protestos levou à queda do prefeito e do chefe de polícia, e as autoridades decidiram que a melhor maneira de lidar com a rebelião jovem era simplesmente tolerá-la. Em poucos anos, a Dam Square se tornou um acampamento de hippies estrangeiros e a polícia de Amsterdã fez fama como a mais paciente da Europa. Não foi por coincidência que, em 1969, John Lennon e Yoko Ono celebraram seu casamento no hotel Hilton de Amsterdã, com um *bed in*² de uma semana.

A maioria dos jogadores do Ajax de Michels refuta as conexões entre a revolução cultural e o futebol, mas, ainda assim, é difícil discordar de Winner quando ele conclui que elas estão presentes, mesmo que apenas para estabelecer a confiança necessária ao questionamento das convenções. As estruturas vigentes e as tradições não deveriam ser aceitas, mas desafiadas.

No centro disso tudo estava Cruyff, o líder do time já naquele momento. Jovem, iconoclasta e despreocupado com sua imagem ao exigir a remuneração que merecia — ele mesmo um produto da nova mistura de classes —, Cruyff se tornou um dos ícones do movimento da juventude holandesa da época, o equivalente a John Lennon na Grã-Bretanha, como disse Karel Gabler, ex-técnico da base do Ajax. Em 1997, num artigo na revista *Hard Gras* sobre os cinquenta anos de Cruyff, o

jornalista Hubert Smeets escreveu: “Cruyff foi o primeiro jogador a entender que era um artista, e o primeiro que se dispôs e foi capaz de coletivizar a arte presente no esporte”.

Cruyff não era um Provo — seu conservadorismo em temas como valores familiares se opunha diametralmente às crenças do grupo —, mas, mesmo assim, compartilhava com eles a atitude anárquica, a inconveniência e o gosto pela provocação ao establishment. Num episódio famoso, ele se recusou a usar as três listras da Adidas na camisa da Holanda para a Copa do Mundo de 1974, insistindo com apenas duas listras de forma a honrar seu contrato com a Puma. “Os holandeses”, disse Smeets, “chegam a seu melhor nível quando conseguem combinar o sistema com a criatividade individual. Johan Cruyff é o principal representante disso. Ele fez esse país depois da guerra. Acho que ele foi o único que entendeu os anos 1960.”

A noção de individualidade dentro de um sistema, diz Winner, é uma característica da Holanda da época. O arquiteto estruturalista Aldo van Eyck, por exemplo, escreveu que “todos os sistemas deveriam ser familiarizados uns com os outros, de forma que a combinação de suas interações e impactos possa ser apreciada como um único sistema complexo”. Estava falando especificamente de arquitetura, mas poderia muito bem estar descrevendo o futebol do Ajax de Michels.

O termo “totaalvoetbal” apareceu apenas como reação ao desempenho da seleção na Copa do Mundo de 1974, mas o prefixo “totaal” era usado em várias disciplinas. Outro arquiteto, J. B. Bakema, que escreveu para a influente revista *Forum*, falou sobre “urbanização total”, “ambiente total” e “energia total”. “Para entender a coisas”, ele disse num discurso em 1974, “você precisa entender o relacionamento entre as coisas [...]. Houve um tempo em que a melhor imagem das inter-relações na sociedade era a indicada pela palavra ‘Deus’, e o homem podia usar a terra e o espaço universal sob a condição de que devia cuidar do que estava usando. Mas nós temos de atualizar esse tipo de cuidado e respeito desde que o homem se aproximou, através de sua percepção, do fenômeno de inter -relacionamento chamado de relação de átomos. O homem se percebeu como parte de um sistema de energia total.” Seria assim na arquitetura, em uma gama de disciplinas da época — a teoria literária e de semiologia de Roland Barthes, a teoria

antropológica de Claude Lévi-Strauss, a teoria psicanalítica de Jacques Lacan — e também no futebol. Dentro do modelo do Ajax, os jogadores entendiam seu significado, sua importância, a partir do inter-relacionamento com outros jogadores. Sugerir que isso não poderia ter acontecido sem que tivesse havido um declínio da fé religiosa é provavelmente um exagero teórico, mas, novamente, é difícil não ver a ligação entre o futebol holandês e o espírito intelectual da época — e é uma intrigante coincidência que os dois maiores expoentes da ideia de que o sistema é uma força ofensiva, o Ajax e o Dynamo Kiev, tenham nascido na Holanda e na URSS, provavelmente as duas sociedades mais seculares da Europa no período.

Os primeiros sinais de que algo especial estava acontecendo no Ajax surgiram em 1966, quando o Liverpool foi goleado por 5 a 1 no estádio De Meer, na segunda rodada na Copa da Europa. O resultado foi tão surpreendente que a declaração de Bill Shankly de que o Liverpool poderia ganhar por 7 a 0 em Anfield foi levada a sério, mas dois gols de Cruyff conduziram o Ajax a um confortável empate por 2 a 2 no jogo de volta. Nas quartas de final, contudo, contra o Dukla Praga, as fraquezas do time foram expostas no empate por 1 a 1 no De Meer e na derrota por 2 a 1 na Tchecoslováquia. Foi quando Michels exibiu sua crueldade pela primeira vez. Tonny Pronk, que cometeu um pênalti na partida de volta, foi movido da defesa para o meio de campo, e o zagueiro e capitão do Ajax, Frits Soetekouw, que fez um gol contra, foi vendido para o PSV Eindhoven.

Embora o Ajax tenha ficado conhecido pela propensão ofensiva, Michels começou a construí-lo desde a retaguarda, trazendo o experiente líbero Velibor Vasović, do Partizan Belgrado, para substituir Soetekouw. O Ajax conquistou a liga quatro vezes entre 1966 e 1970 e perdeu a final da Copa da Europa para o Milan, em 1969. Essa campanha foi a que capturou a imaginação do público holandês: 40 mil torcedores viajaram a Paris para assistir a um jogo-desempate contra o Benfica, após o Ajax reverter uma derrota por 3 a 1 no jogo de ida e empatar o confronto em 4 a 4 no placar agregado das quartas de final.

Naquele momento, o sistema era ainda um 4-2-4 modificado, só que Vasović, além de recuar para ficar atrás dos outros defensores, também avançava para atuar como um terceiro meio-campista. O time, no

entanto, ainda por vezes ficava em inferioridade numérica no centro do campo. Depois de ver seu Arsenal vencer o Ajax por 3 a 0 em Highbury, nas semifinais da Copa das Feiras de 1970, Bertie Mee descreveu o time holandês como “amadorístico”; havia um idealismo em seu jogo que beirava a ingenuidade. Mais tarde, o Ajax empatou em 3 a 3 com o Feyenoord e Michels chegou à mesma conclusão que o Brasil tinha alcançado oito anos antes, e Viktor Maslov e Alf Ramsey um pouco depois: jogar com quatro atacantes podia tornar muito difícil a recuperação da bola.

O próprio Feyenoord estava a caminho de vencer uma Copa da Europa sob o comando de Ernst Happel, que jogou na seleção da Áustria que terminara em terceiro lugar na Copa do Mundo de 1954. Aquele time tinha sido o último a usar um centromédio ofensivo com algum sucesso, mas Happel não era um nostálgico e já tinha feito a mudança para o 4-3-3. Rinus Israel era um líbero feroz, enquanto as tarefas criativas no meio de campo ficavam a cargo de Wim van Hanegem. A seu lado jogavam o austríaco Frank Hasil e Wim Jansen, com o rápido Coen Moulijn fornecendo capacidade ofensiva pela ponta-esquerda. “Michels era um especialista no planejamento tático prévio às partidas e na preparação física e mental dos jogadores, mas Happel era ótimo para dissecar o jogo”, explicou Theo van Duivenbode, que jogou como lateral esquerdo no Ajax quando o time perdeu a final da Copa da Europa de 1969 para o Milan, mas foi vendido para o Feyenoord porque Michels o achava muito franzino. “Ele via coisas tão rápido que fazia mudanças do banco após apenas alguns minutos. No Feyenoord, Happel não contava com os jogadores extraordinários que Michels tinha no Ajax, por isso investiu em aspectos táticos e construiu um time mais cooperativo. Talvez sem tanto talento, mas com um trabalho coletivo meticuloso.”

Por essa descrição, o Feyenoord parece entediante, o que não faz jus ao time, que era apenas menos fluente que o Ajax. Mas aquele empate convenceu Michels e seu 4-2-4 se transformou em 4-3-3, com Vasović avançando sempre que possível para criar um 3-4-3, que ainda mantinha dois marcadores para enfrentar os dois centroavantes adversários e um homem extra para a cobertura. “Eu era o último homem da defesa, o líbero”, disse Vasović. “Michels criou esse plano para jogar um futebol

muito ofensivo. Nós discutimos isso. Eu fui o arquiteto, junto com Michels, do jeito agressivo de defender.”

Vasović nunca foi exatamente discreto, e suas palavras devem ser recebidas com um certo grau de ceticismo, mas ele certamente foi pioneiro no papel do defensor que avançava para se tornar um meio-campista adicional, uma ideia que permaneceu constante no futebol holandês por intermédio de líberos como Horst Blankenburg, Arie Haan (no final da carreira) e Danny Blind. Combinada à pressão sobre o rival, ela se tornou uma arma muito eficaz.

No Ajax, a pressão se originava principalmente da agressividade de Johan Neeskens. Ele era normalmente designado para marcar o criador de jogadas do adversário, e Haarms o descreveu como “um piloto kamikaze” que o perseguia incessantemente, até quando ele recuava à própria área para receber a bola. A princípio, os outros jogadores do Ajax permaneciam atrás, mas, no início dos anos 1970, passaram a acompanhar Neeskens. Isso fazia o Ajax usar uma linha defensiva muito alta, espremendo o espaço de que o adversário dispunha para jogar. Era arriscado, mas Vasović se habituou a sair de trás para deixar os atacantes adversários em impedimento.

A adoção dessa estratégia exigia uma capacidade especial. O defensor Marinho Peres, capitão do Brasil na derrota de 2 a 0 para a Holanda na Copa do Mundo de 1974, viu de perto como a estratégia holandesa era devastadora. Mesmo assim, teve dificuldades de adaptação ao se transferir para o Barcelona, em 1974, quando o clube era comandado por Michels e tinha Cruyff e Neeskens. “Os defensores brasileiros nunca seriam capazes de avançar daquele jeito”, disse ele. “Quando eu fui para o Barcelona, Michels queria que os zagueiros saíssem para fazer a linha do impedimento. No Brasil, isso se chamava ‘linha burra’: as pessoas achavam uma estupidez porque, se você passasse por um defensor, teria passado por todos.” Esse entendimento tinha prevalecido no futebol brasileiro desde que acontecera a divisão de funções entre os zagueiros para a Copa América de 1919 e permaneceu no conceito do quarto-zagueiro desenvolvido por Lito no Vila Nova: quando um zagueiro vai para a bola, o outro oferece cobertura. “O que Cruyff me disse foi que a Holanda não conseguia enfrentar os brasileiros e argentinos, que eram muito talentosos, num campo

espaçoso”, contou Marinho. “Os jogadores holandeses queriam diminuir os espaços e colocar todo mundo numa faixa estreita do campo. A lógica da armadilha do impedimento é espremer o jogo. Isso era muito novo para mim. No Brasil, as pessoas pensavam que bastava jogar a bola por cima e alguém conseguiria superar a armadilha do impedimento, mas não é assim porque você não tem tempo.”

A pressão, entretanto, tinha duas funções: não se tratava apenas de frustrar o oponente. “Num treinamento”, lembrou Marinho, “eu avancei e nós pegamos quatro ou cinco jogadores em impedimento. Fiquei satisfeito porque aquilo ainda era novo para mim e eu achava difícil, mas Michels se aproximou e gritou comigo. O que ele queria era que usássemos os jogadores que tínhamos a mais naquela parte do campo, já que havia vários rivais em posição de impedimento para atacar o homem com a bola. É dessa forma que o impedimento se torna uma jogada ofensiva. Se não conseguíamos criar uma chance ao recuperar a bola desse jeito, os defensores recuavam e aumentavam o campo. Era tudo uma questão de espaço.”

A teoria que Winner apresenta em *Brilliant Orange*, de que os holandeses são particularmente adeptos da manipulação do espaço porque seu território, plano e frequentemente alagado, os impele a manipular o espaço na vida cotidiana, é persuasiva (e, assim como os escritores dos cafés vienenses enxergavam uma conexão entre a genialidade de Sindelar e sua própria produção literária, não é um salto muito grande perceber uma relação entre o brilhantismo preciso e glacial de Dennis Bergkamp e, digamos, Piet Mondrian), mas isso não significa que o Futebol Total tenha sido pensado com antecedência.

Buckingham falou sobre como, já na sua época, os jogadores do Ajax eram capazes do que chamou de “futebol de hábito”. “Eles conseguiam se achar por instinto. Tinham um ritmo: iam do lado esquerdo para o lado direito do campo, mas também avançavam trinta, quarenta ou cinquenta metros.” O florescimento do futebol holandês, primeiro com o Ajax e depois com a seleção nacional, parece ter sido menos o resultado de um plano e mais o aproveitamento de um processo que ocorreu naturalmente com um grupo de jogadores inteligentes, que atuaram juntos com frequência e por tempo suficiente para se tornarem capazes de praticar, entre eles, um “futebol de hábito”. “Quando via

Suurbier avançando, eu sabia que tinha de recuar”, disse Swart. “Eu não precisava ser orientado. E, depois de dois anos, todos já sabiam o que fazer.”

Dizer que tudo foi obra do acaso seria diminuir injustamente os papéis de Cruyff e Michels, mas eles foram reagindo às circunstâncias, em vez de, como fez Lobanovskyi, impor uma visão. Até a troca rápida de posições, que se tornou a característica definitiva do jogo do Ajax, se desenvolveu inicialmente como medida para superar as defesas fechadas usadas pelos adversários para combater o estilo ofensivo do time holandês. Em certo aspecto, essa foi a lição deixada pela vitória do Celtic na final da Copa da Europa de 1967: a melhor maneira de superar defesas superpopulosas era com ataques superpopulosos, o que significava que os defensores precisavam avançar para oferecer opções de ataque desde a retaguarda. “No quarto ou quinto ano”, disse Michels, “eu tentei encontrar soluções que permitiriam surpreender essas barreiras. Tive de deixar os jogadores do meio de campo e da defesa participarem da construção das jogadas e do ataque. É fácil dizer, mas o caminho é longo porque a coisa mais difícil não é ensinar um zagueiro a participar do ataque — porque ele gosta disso —, mas encontrar alguém que faça a cobertura. No fim, quando você vê que eles têm a mobilidade, o jogo posicional faz todo mundo pensar: ‘Eu posso participar também, é muito fácil’. E então você atingiu o ponto máximo, o ápice do desenvolvimento.”

A mudança para o 4-3-3 facilitou a estruturação da troca de posições, porque ela tendia a acontecer especificamente em um dos lados do campo ou pelo centro. Suurbier, Haan e Swart se alternavam no lado direito; Vasović (ou Blankenburg ou Hulshoff), Neeskens e Cruyff faziam as trocas no meio, e Ruud Krol, Gerrie Mühren e Keizer, na esquerda. “As pessoas não conseguiam ver que, às vezes, nós fazíamos as coisas automaticamente”, disse Hulshoff. “Isso porque jogamos juntos por um longo tempo. O futebol é melhor quando é instintivo. Nós crescemos com esse jeito de jogar. O Futebol Total significa que um jogador de ataque pode jogar na defesa — apenas que ele pode fazer isso, nada mais. Você cria o espaço e ocupa o espaço criado. E, se a bola não chega, você deixa esse espaço e outro jogador vai ocupá-lo.”

O aspecto revolucionário é que a troca de posições não era lateral, mas longitudinal. No Dynamo Moscow de Boris Arkadiev, os pontas se moveram para o centro e os atacantes interiores passaram a jogar nas extremidades, mas as três linhas de defesa, meio de campo e ataque de modo geral tinham permanecido constantes. Os grandes húngaros misturaram as linhas, recuando o centroavante e mantendo bem atrás o médio mais à esquerda e, com o 4-2-4, surgiram os defensores que atacavam, mas o Ajax de Michels foi o primeiro time a encorajar trocas de posições no atacado, e o que possibilitava essa ideia era a pressão. De repente, não fazia diferença se havia quarenta metros de espaço atrás do defensor mais recuado, porque, se um adversário recebesse a bola, ele seria cercado tão rapidamente que não conseguiria fazer um passe preciso.

“Nós éramos capazes de exercer a pressão por sessenta minutos”, disse Swart. “Eu nunca vi nenhum outro clube, em nenhum lugar, que conseguisse isso.” Poucos anos depois, o Dynamo de Lobanovskyi certamente conseguiu, mas não houve outro exemplo, o que propõe a seguinte questão: como eles eram capazes de manter tamanha intensidade por tanto tempo? Tanto o Ajax quando o Dynamo investiram na ciência da preparação, desenvolvendo a nutrição e métodos de treinamento, mas ambos também se preocuparam com as possibilidades farmacêuticas. Em uma entrevista para a revista *Vrij Nederland*, em 1973, Hulshoff afirmou ter recebido drogas antes de um jogo contra o Real Madrid, ocorrido em 1967. “Nós tomamos as pílulas junto com o que sempre chamamos de cobertura de chocolate”, disse. “O que era eu não sei, mas você se sentia forte como se fosse de ferro e não perdia o fôlego. Uma desvantagem era que a saliva secava e, por isso, após 35 minutos, eu sentia ânsia de vômito.” Salo Muller, que foi o massagista do Ajax entre 1959 e 1972, admitiu o fato em sua autobiografia publicada em 2006 e revelou que Hulshoff e Johnny Rep o procuraram, preocupados com as pílulas dadas a eles pelo médico do clube, John Rollink.

Com o passar do tempo, Muller foi coletando as pílulas dadas por Rollink a outros atletas e as analisou. “Os resultados não foram uma surpresa para mim”, escreveu. “Iam de analgésicos, relaxantes musculares e tranquilizantes a cápsulas de anfetaminas.” Antes mesmo

de trabalhar no Ajax, Rollink já tinha história. O primeiro escândalo relacionado a drogas no esporte holandês aconteceu nas Olimpíadas de Roma, em 1960, quando uma nadadora retirou duas receitas da mala de outra atleta e as entregou à imprensa. Um médico disse que uma das receitas era indicativa de doping puro e simples, e a outra devia ser parte de um programa de uso de medicamentos: a assinatura de Rollink estava em uma das receitas. Mais tarde, ele deixou a União Holandesa de Ciclismo quando controles de dopagem foram instituídos, dizendo que o Ajax teria se recusado a consentir caso o futebol holandês estabelecesse o mesmo tipo de fiscalização. Ele próprio admitiu que tomava anfetaminas quando trabalhava até mais tarde. Os programas de uso sistemático de drogas do bloco soviético atraíram a maior atenção, mas eles certamente não eram os únicos a adotar a prática.

Michels foi o pai do Futebol Total e o levou para o Barcelona, mas o Ajax atingiu seu ápice depois de ele ter deixado Amsterdã. O clube, assim dizem, reagiu à saída de Michels fazendo uma lista de quinze nomes para substituí-lo. O escolhido foi o mais barato, Ștefan Kovács, um romeno de ascendência húngara que tinha levado o Steaua București a um título da liga e três Copas da Romênia nos quatro anos anteriores. Kovács passara rapidamente pelo time belga do Charleroi enquanto jogador, mas estava longe de ser conhecido na Holanda. O contador de histórias baixinho e grisalho foi recebido com uma mistura de espanto e ceticismo. Diz-se que Kovács já tinha até comprado uma passagem de volta, porque não acreditava que sua estadia em Amsterdã seria longa. “O que acha dos nossos cabelos longos?”, um jogador teria perguntado no primeiro treino comandado por Kovács, notando a mudança que se seguia aos dias de rigidez de Michels. “Eu fui contratado como técnico, não como cabeleireiro”, Kovács respondeu. Minutos depois, uma bola veio na direção dele, na altura dos joelhos. Em um movimento, ele a dominou e devolveu. Kovács tinha passado no teste, mas as dúvidas sobre seu temperamento nunca desapareceriam.

“Kovács era um bom técnico”, Gerrie Mühren disse, “mas ele era muito simpático. Michels era mais profissional, era muito rigoroso, todos tinham de estar no mesmo nível. No primeiro ano com Kovács, nós jogamos ainda melhor porque éramos bons jogadores e nos

sentimos livres. Mas depois a disciplina se foi e tudo acabou. Nós não tínhamos o mesmo espírito. Poderíamos ter sido campeões da Europa para sempre se ficássemos juntos.”

Bem, talvez. Ou talvez a desintegração do time que veio na sequência se explique simplesmente pelo perfil emocional daquele grupo. Não é difícil que um ambiente de familiaridade crie descontentamento, especialmente numa atmosfera que estimulava o confronto como o vestiário do Ajax. Também havia quem acreditasse que era necessário afrouxar as rédeas após os rigores de Michels. “Os jogadores estavam fartos da rigidez e da disciplina de Michels”, insistiu Rep. De modo parecido, o Liverpool floresceu depois de Bob Paisley ter sucedido Bill Shankly e sua abordagem abrasiva.

Foi em 1971-2 que o Ajax se mostrou mais fluente. Kovács substituiu Vasović por Blankenburg e o estimulou, junto com Suurbier e Krol, a avançar, seguro pela confiança de que Neeskens, Haan e Mühren poderiam fazer a cobertura. Vasović sempre insistiu que o impacto de Kovács foi mínimo. “Quem diz que o Futebol Total começou com Kovács está errado”, disse pouco antes de sua morte, em 2002. “Kovács não teve nada a ver com isso. Ele simplesmente assumiu os campeões da Europa e permitiu que aquele time muito bom continuasse a jogar como jogava.” Como os defensores de Kovács apontam, às vezes, o mais difícil para um técnico é justamente não fazer nada.

As dúvidas sempre perseguiram Kovács. Seu currículo é extraordinário — duas Copas da Europa, uma Copa Intercontinental, duas Supercopas da Europa, dois títulos da liga e um da Copa da Holanda em duas temporadas — e, ainda assim, sempre existiu a sensação de que ele foi apenas um interino. Em abril de 1972, pouco depois que um empate sem gols com o Benfica, fora de casa, confirmou a classificação do Ajax para a segunda final seguida da Copa da Europa, a diretoria do clube fez uma reunião de emergência e decidiu demiti-lo. Naquele momento, o Ajax liderava a liga com cinco pontos de vantagem, tinha goleado o Feyenoord por 5 a 1 em Roterdã e estava na final da Copa da Holanda. Mas a impressão era de que vencer os campeões portugueses por 1 a 0 no placar agregado não era digno dos padrões do Ajax, e havia rumores contínuos de problemas disciplinares, que

levaram o assistente-técnico Han Grijzenhout e Rollink a sugerir à diretoria que Kovács tinha perdido o controle do time.

Mas, se isso realmente tinha acontecido, os jogadores estavam gostando da liberdade. Eles se rebelaram e Kovács ficou. “Os resultados mostram que Kovács não estava errado”, Cruyff disse. “Nosso time estava pronto para fazer parte da tomada de decisões.” Eles podem não ter impressionado nas semifinais, contra o Benfica, mas a vitória por 2 a 0 sobre a Internazionale, na final, com dois gols de Cruyff, confirmou a superioridade do método do Ajax e afundou ainda mais o *catenaccio*. “O Ajax provou que o ataque criativo é a verdadeira força vital do jogo”, disse o relato do *The Times*, na manhã seguinte, “e que uma defesa fechada pode ser facilmente superada e, dessa forma, tornou os contornos da noite mais visíveis e deixou as sombras mais brilhantes.”

No ano seguinte, ao vencer a Copa da Europa novamente, o Ajax se tornou o primeiro time desde o Real Madrid a ganhar o título três vezes seguidas. De forma bem apropriada, após golear o Bayern de Munique por 4 a 0 no jogo de ida das quartas de final, foi o Real Madrid quem o Ajax derrotou nas semifinais. O placar agregado de 3 a 1 não faz justiça à superioridade dos holandeses, e o confronto é mais lembrado pelas embaixadinhas de Mühren no jogo de volta, no Bernabéu, um momento de arrogância e *joie de vivre* que resumia o caráter do Ajax de Kovács. “Eu sabia que ia passar a bola a Krol, mas precisava de algum tempo até que ele me alcançasse”, lembra Mühren. “Então, brinquei um pouco até ele chegar. Você não planeja fazer algo assim. Não pensa nisso. Você apenas faz. Esse foi o momento em que o Ajax e o Real Madrid trocaram de posição. Antes, era sempre o grande Real Madrid e o pequeno Ajax. Quando eles me viram fazendo aquilo, o equilíbrio mudou. Os jogadores do Real Madrid ficaram olhando. Eles quase aplaudiram. As pessoas no estádio estavam de pé. Foi o momento em que o Ajax tomou conta.”

Na final, em Belgrado, eles venceram a Juventus por 1 a 0, mas o jogo mostrou uma superioridade enfática, não reproduzida no placar. O Ajax fez o gol aos quatro minutos e passou a provocar os italianos com longas trocas de passes. Um ano depois, a Holanda tentou fazer o mesmo na final da Copa do Mundo, quando saiu na frente no primeiro minuto, mas acabou derrotada pela Alemanha Ocidental.



AJAX I A O JUVENTUS, FINAL DA COPA DA EUROPA,
MARAKANA, BELGRADO, 30 DE MAIO DE 1973

Winner argumenta que o Ajax foi “provavelmente o mais próximo que alguém já chegou de dirigir um time de futebol importante como se fosse uma cooperativa de trabalhadores”, ainda que não reste dúvida de que havia uma figura de destaque nesse cenário. “Cruyff era uma grande influência”, disse Haarms, “especialmente à medida que ia ficando mais velho e conversava cada vez mais sobre tática com os outros jogadores.” Kovács se sentia próximo de Cruyff, mas não era totalmente controlado por ele. Conta-se que Cruyff, em certa ocasião, reclamou de dores no joelho antes de um jogo e Kovács, conhecendo a reputação de seu capitão em relação a dinheiro, pegou uma nota de mil florins e com ela massageou a área. Sorrindo, Cruyff disse que estava se sentindo melhor e jogou sem problemas. Mas Kovács não era duro o suficiente. Se havia crueldade por baixo do surrado cardigã de Paisley, é provável que Kovács fosse bonzinho demais, carecendo de autoridade para conter Cruyff, que foi assumindo uma liderança cada vez mais destacada a partir daquela segunda temporada. Rep acusa Kovács de “não ter tido coragem” de

promovê-lo a titular no lugar de Swart até que Cruyff desse sua aprovação, e outros jogadores, com o tempo, passaram a se incomodar com a influência da grande estrela do time.

Kovács foi embora depois do segundo título da Copa da Europa para se tornar técnico da França e, quando seu substituto, George Knobel, fez uma eleição para escolher o capitão do Ajax na temporada 1973-4, Cruyff foi deposto em favor de Piet Keizer. Cruyff disputou apenas mais dois jogos pelo Ajax e foi para o Barcelona. O time se desintegrou rapidamente e Knobel foi demitido em 1974, pouco depois de uma entrevista a um jornal em que acusou os jogadores de beber demais e exagerar na vida noturna — o que muitos viram como um abuso nas liberdades anteriormente concedidas por Kovács.

A carreira subsequente de Kovács nunca se aproximou do mesmo nível. Pela França, ele obteve apenas uma vitória no torneio qualificatório para o Campeonato Europeu e foi substituído por Michel Hidalgo. Uma passagem pela seleção da Romênia quase classificou o país para a Copa do Mundo de 1982, mas terminou de forma vergonhosa quando as autoridades comunistas — o que soa absurdo — o acusaram de perder de propósito um jogo contra a Hungria. “Devemos aceitar”, disse o veterano técnico romeno Florin Halagian, “que o Ajax foi sua obra máxima. Aquela foi uma das maiores equipes que o futebol conheceu.” O paradoxo é que, ao dar aos jogadores a liberdade para que chegassem ao auge, Kovács também pavimentou o caminho para a destruição daquele time. Enquanto isso, o Futebol Total continuou com Michels, no Barcelona.



13. Ciência e sinceridade

Valeriy Lobanovskyi era um ponta de 22 anos quando o Dynamo Kiev conquistou o título soviético pela primeira vez, em 1961. Eles tinham chegado tão perto por tantas vezes que os torcedores já haviam perdido a esperança de que um dia aquilo aconteceria, o que fez a alegria pela vitória do Dynamo se misturar a uma sensação de alívio. Mas, em meio ao júbilo, Lobanovskyi não estava feliz, como deixou claro durante o que deveria ser uma visita comemorativa ao Instituto de Ciência e Pesquisa da Indústria da Construção, com os companheiros Oleh Bazylevych e Vladimir Levchenko. “Sim, nós ganhamos a liga”, Volodymyr Sabaldyr, um cientista de Kiev e jogador de futebol amador, se lembra de ter ouvido Lobanovskyi responder enquanto recebia os parabéns. “Mas e daí? Algumas vezes, nós jogamos mal. Só fizemos mais pontos do que times que jogaram pior do que nós. Eu não posso aceitar seu elogio, pois não há motivo para isso.”

Sabaldyr perguntou a ele como se sentiu ao alcançar algo que era um sonho dos que vivem em Kiev fazia décadas. “Um sonho realizado deixa de ser um sonho”, Lobanovskyi respondeu. “Qual é o seu sonho como cientista? Seu diploma? Seu doutorado? Sua tese de pós-doutorado?”

“Talvez”, foi o que disse Sabaldyr. “Mas um cientista de verdade sonha em fazer uma contribuição para o desenvolvimento científico, deixar sua marca.”

“Aí está sua resposta.”

Lobanovskyi, enquanto jogador, era um diletante que se opunha aos limites impostos por Viktor Maslov. Ainda assim, seu racionalismo perfeccionista, sua ambição e sua inteligência analítica estavam presentes desde o início. Trata-se de qualidades que não deveriam surpreender se considerarmos que ele demonstrara talento suficiente como matemático para ganhar uma medalha de ouro ao se formar no ensino médio e, além disso, crescera numa era em que se nutria verdadeira obsessão pelo progresso científico. Nascido em 1939, Lobanovskyi era um adolescente quando a URSS inaugurou sua primeira

usina nuclear e enviou a Sputnik ao espaço, e Kiev era o centro da indústria de computação soviética. O primeiro instituto cibernético da URSS foi aberto em 1957 e rapidamente ficou conhecido como referência mundial em sistemas de controle automatizados, inteligência artificial e modelos matemáticos. Foi lá que um protótipo do computador pessoal da atualidade foi desenvolvido, em 1963. Na época em que Lobanovskyi estava estudando engenharia de aquecimento no Instituto Politécnico de Kiev, o potencial dos computadores e de suas possíveis aplicações em quase todas as esferas sociais se tornava cada vez mais claro. Eram tempos excitantes, de muita novidade, e não é surpreendente que Lobanovskyi tenha sido contagiado pela onda de otimismo tecnológico.

Dentro dele, desenrolava-se o grande conflito entre individualidade e sistema: sua parte jogador queria driblar, carregar a bola, inventar truques que deixassem os rivais envergonhados, mas, mesmo assim, como ele admitiria mais tarde, o treinamento que recebia no Instituto Politécnico o impulsionava a uma abordagem sistemática, cuja meta seria dividir o futebol entre as tarefas que o compunham. O futebol, Lobanovskyi explicou, com o tempo se tornou para ele um sistema de 22 elementos — dois subsistemas de onze elementos — que se moviam dentro de uma área definida (o campo) e estavam sujeitos a uma série de restrições (as regras do jogo). Se dois subsistemas fossem iguais, o desfecho seria um empate. Se um fosse mais forte, sairia vencedor.

A conclusão é óbvia, ainda que a maneira de se referir ao assunto não seja. Mas o ponto que Lobanovskyi achou realmente fascinante foi a noção de que os subsistemas estavam sujeitos a uma peculiaridade: a eficiência do subsistema é maior do que a soma das eficiências dos elementos que o compõem. Na visão de Lobanovskyi, isso significava que o futebol estava pronto para a aplicação das técnicas cibernéticas que vinham sendo ensinadas no Instituto Politécnico. Ele concluiu que o futebol tinha menos a ver com os indivíduos e mais com as conexões formadas entre eles. “A vida toda”, como ele diria mais tarde, “é um número.”

Mas levou tempo para que Lobanovskyi chegasse a essa conclusão. Quando o Dynamo de Maslov alcançou o terceiro título seguido, em 1968, o time do Shakh-tar em que ele jogava ficou em décimo quarto lugar. Absolutamente desiludido, Lobanovskyi decidiu abandonar o

futebol. Sua frustração, contudo, não se devia tanto à forma terrível do time, mas às razões por trás desse estado de coisas. Lobanovskyi achava que seu time jogava “antifutebol” — um termo que nada tem a ver com o *antifútbol* aplicado ao Estudantes de Zubeldía. “É impossível jogar como jogamos”, escreveu em sua autobiografia, *Endless Match*. “É impossível depender de sorte ou de acidentes no futebol moderno. É necessário criar o conjunto, um grupo de fiéis que se submetem a uma ideia de jogo comum a todos.”

Lobanovskyi contemplou voltar a trabalhar na área de tubulações, mas não foi capaz de rejeitar o Dnipro Dnipropetrovsk, à época atuando numa das quatro segundas divisões paralelas, que lhe ofereceu a posição de técnico em 1969. Lá, dedicou-se a aplicar os métodos científicos que, estava convencido, representavam o futuro. “Se quer ser um bom técnico, você deve esquecer o jogador que foi”, disse. “Meu relacionamento com Maslov não era bom, mas isso não é importante. Ele era um grande especialista em tática que ensinava aos jogadores como jogar futebol.” Naquele momento, se tinha alguma divergência em relação à filosofia de Maslov, era puramente metodológica. Maslov trabalhava de acordo com seus instintos; Lobanovskyi queria provas.

Em sua terceira temporada com o Dnipro, Lobanovskyi levou o clube à promoção de divisão. Na temporada seguinte, eles terminaram em sexto lugar na Supreme League, apenas um ponto atrás do Dynamo. Mas o ano de 1972 foi mais importante, pois Lobanovskyi encontrou Anatoliy Zelentsov. Lobanovskyi estava frustrado pelas dificuldades em avaliar as condições físicas de seus jogadores e o esforço imposto a eles por suas tentativas de implementar um sistema de *pressing*. Ele percebeu que Zelentsov, especialista em bioenergética, era a solução.

“Lobanovskyi e eu nos tornamos realmente inseparáveis”, disse Zelentsov. “Uma vez, numa festa, ele me disse: ‘Sabe, se não fosse por você, eu poderia não ter sido técnico. Eu lhe devo minha formação, meu conhecimento, minhas habilidades, minha compreensão e percepção do futebol.’” Eles se reuniam regularmente com Bazylevych, que tinha se tornado técnico do Shakhtar. “Analisávamos detalhadamente nossos novos regimes de treinamentos”, disse Lobanovskyi. “Sentíamos que estávamos levando o processo de treinamento a um patamar completamente novo. Durante um desses debates acalorados

(Bazylevych e eu sempre questionávamos as afirmações de Zelentsov, por acreditar que eram apenas teorias), alguém repentinamente exclamou: ‘Não seria ótimo fazer isso em um nível mais alto do que o Shakhtar ou o Dnipro?’.”

Eles logo tiveram suas chances. Depois da saída de Maslov, em 1970, o Dynamo escolheu Alexander Sevidov, que passara por um longo tempo no Dinamo Minsk antes de levar o clube cazaque Kairat Almaty à promoção. Ele ganhou o título em sua primeira temporada completa em Kiev, com um estilo muito diferente do de Maslov, sem a pressão ou a marcação por zona. “O time jogou um futebol realmente brilhante naquela temporada”, escreveu Oleh Blokhin, que começava a surgir nas categorias de base do clube, em *Full-life Football*. “Sincronização das ações e pensamentos dos jogadores, arritmia (a combinação de jogo fluente com repentinas arrancadas para a área) e intensidade ofensiva: esses eram os princípios do Dynamo de 1971. O time deixou completamente de fazer a pressão baseada na força e não jogava bolas altas na área. Nós nos empenhávamos nas trocas de passes e na criação de chances inesperadas.”

Em contraste com o franco e emotivo Maslov, Sevidov era sempre calmo e sisudo, mesmo nas derrotas. Dedicado à cultura, ele preferia que seus jogadores continuassem com a educação acadêmica, enquanto Maslov sempre fora comprometido apenas com o futebol. Mas Sevidov não era grande defensor de um determinado estilo de jogo e admitia abertamente que parte do sucesso do Dynamo se devia ao fato de seus oponentes esperarem que o time jogasse de forma diferente. “Nós precisamos de dois ou três anos de trabalho bem planejado para consolidar nossa condição de líderes da liga”, disse numa cerimônia de entrega do troféu ao Dynamo. “Teremos de trabalhar para desenvolver novas jogadas às quais nossos rivais não estejam acostumados. Mas essa é a lei em qualquer esporte: defender e contra-atacar é mais fácil do que atacar.”

Ao longo das duas temporadas seguintes, Sevidov não conseguiu reproduzir o mesmo sucesso e o Dynamo não passou do segundo lugar. Já no final de 1972, a liderança do Partido tinha perdido a fé no técnico e o cargo foi oferecido a Lobanovskyi. O problema não era o Dynamo ter terminado em segundo, mas a identidade do time que terminou em

primeiro. O Zorya, da cidade ucraniana de Luhansk, nunca tinha sequer ameaçado conquistar o título e jamais voltaria a vencê-lo. Quando Volodymyr Shevchenko, o primeiro secretário do Partido Comunista regional, passou a incentivar as minas de carvão locais a financiar o clube, o Zorya ganhou o campeonato com cinco pontos de vantagem sobre o Dynamo. Era um enorme constrangimento para Shcherbytskyi e Shevchenko logo foi demitido, escapando por pouco de um processo por má gestão financeira. O Zorya imediatamente ficou para trás e terminou na metade de baixo da tabela na temporada seguinte.

Lobanovskyi recusou a primeira oferta para dirigir o Dynamo, mas Sevidov foi dispensado quando faltavam três jogos para o final da temporada de 1973. O motivo para a demissão naquele momento nunca ficou claro. O Dynamo terminou o campeonato em segundo, atrás do Ararat Yerevan — outro time de província, sem histórico de sucesso —, principalmente por ter desperdiçado três pontos naquelas três últimas rodadas. Pela explicação oficial, Sevidov foi demitido “por causa do colapso no trabalho pedagógico no time”, mas nenhum detalhe foi divulgado. Arkady Galinsky argumenta que Shcherbytskyi foi persuadido por um administrador do Dnipro, para quem o calmo e confiável Lobanovskyi era a pessoa certa para ajudar seu filho, Valeriy, um torcedor fanático, a superar problemas com as drogas. Soa absurdo, mas, mesmo que seja verdade, a tese não explica bem por que Sevidov foi dispensado naquele momento. Uma transição muito mais suave poderia ter sido encenada duas semanas mais tarde.

Independentemente dos motivos, Lobanovskyi retornou a Kiev no final de 1973 para ser o primeiro técnico do Dynamo nascido na cidade desde que Viktor Shylovskyi fora substituído por Vyacheslav Solovyov, em 1958. Naquele momento, ele enxergava um time de futebol como um sistema dinâmico, em que o objetivo era produzir o nível máximo de energia no padrão mais alto. Tinha chegado à conclusão de que, para ganhar títulos, o que acontecia fora do campo em termos de preparação física e, especialmente, reabilitação, era tão importante quanto o que acontecia dentro.

Lobanovskyi chegou ao Dynamo como parte de uma equipe de quatro pessoas. Ele tinha a responsabilidade específica de modelar os sistemas de jogo; Zelentsov cuidava da preparação individual dos

jogadores; Bazylevich, trazido do Shakhtar, era o técnico de fato; enquanto Mykhaylo Oshemkov lidava com o que se conhecia como “suporte de informação” — ou seja, a compilação dos dados estatísticos das partidas.

Tudo era planejado meticulosamente, com a preparação do time dividida em três níveis. Os jogadores recebiam orientação técnica individual, para que estivessem mais bem preparados para cumprir as tarefas dadas por Lobanovskyi durante os jogos; as táticas e os papéis específicos de cada jogador eram projetados de acordo com os adversários; e definia-se uma estratégia para a competição como um todo, de modo a se contextualizar cada jogo admitindo a impossibilidade de o time manter níveis máximos de atuação durante um período prolongado. O Dynamo costumava perder jogos de final da temporada — quando o título já estava garantido — e, muitas vezes, se contentava com empates fora de casa para conservar energia. “Quando falamos sobre evolução tática”, Lobanovskyi e Zelentsov escreveram no livro *The Methodological Basis of the Development of Training Models*, “a primeira coisa que temos em mente é buscar novos caminhos que não permitirão que o adversário se adapte ao nosso estilo de jogo. Se um oponente se ajustou à nossa forma de jogar e achou uma maneira de combatê-la, precisamos encontrar uma nova estratégia. Essa é a dialética do jogo. Você precisa seguir em frente de tal forma e ostentando tamanha gama de opções de ataque que o rival será forçado a cometer um erro. Em outras palavras, é necessário forçar o rival à situação em que você deseja que ele esteja. Uma das formas mais importantes de fazer isso é variando o tamanho da área em que se joga.”

Como o Ajax de Michels, o Dynamo de Lobanovskyi era capaz de pressionar com o objetivo de recuperar a bola perto da área do adversário, mas também podia se manter recuado e atacar no contragolpe. Como Lobanovskyi sempre fez questão de esclarecer, tudo dependia das circunstâncias. Uma coisa era fundamental: manter a área preferencial de jogo a mais ampla possível quando o time estivesse com a bola, e diminuí-la ao máximo quando a bola estivesse com o adversário. “Às vezes, as pessoas dizem que o sentido do futebol é apenas atacar”, Lobanovskyi e Zelentsov escreveram. “Mas o mais próximo da verdade é dizer que, quando temos a bola, estamos atacando;

quando nosso rival tem a bola, estamos defendendo. A estratégia do futebol se origina desse fundamento: como, onde e quando atacar ou defender.” A posse da bola era tudo: uma abordagem que não poderia ser mais diferente da ideia de jogo de gente como Charles Hugues e Egil Olsen.

No centro de treinamento do Dynamo, eram penduradas listas de exigências de Lobanovskyi para os jogadores. Das catorze obrigações defensivas, quatro diziam respeito à distribuição da bola e ao estabelecimento de posições de ataque quando ela fosse recuperada. Não existia a possibilidade de simplesmente chutá-la para o outro lado do campo, porque isso significava devolvê-la ao adversário e, conseqüentemente, continuar se defendendo. As treze exigências para os atacantes tratavam, além da pressão para tentar recuperar a bola no campo do adversário, de demandas por movimentação e da busca por maneiras de transferi-la de áreas do campo em que o rival tivesse muitos jogadores.

Talvez ninguém tivesse feito essas listas antes, mas seu conteúdo, ainda que a ênfase na posse de bola fosse extremada, estava longe de ser revolucionário. Bem mais radical era a lista de vinte itens que Lobanovskyi e Zelentsov chamaram de “ações da coalizão”. Elas tratavam de aplicações defensivas, da armadilha de impedimento, de ofensivas e da criação de jogadas de ultrapassagem. “Para atacar”, disse Lobanovskyi, “é necessário privar o adversário da bola. Quando é mais fácil fazer isso, com cinco jogadores ou com todos os onze? A coisa mais importante no futebol é o que um jogador faz no campo quando não está com a bola, não quando está com ela. Então, quando dizemos que temos um excelente jogador, isso deriva do seguinte princípio: 1% de talento e 99% de trabalho duro.”

O objetivo de Lobanovskyi era o que ele chamava de “universalidade”. Ele queria que seus atacantes defendessem e que seus zagueiros atacassem, e não achava a orientação contraditória, porque, para ele, atacar e defender não eram ações relacionadas à posição no campo, mas à posse da bola. “Nenhum outro técnico jamais exigiu que eu perseguisse adversários mesmo dentro da minha própria grande área”, disse o ex-atacante da Rússia Serhiy Yuran, que começou a carreira no Dynamo com Lobanovskyi. “Oleg Romantsev, por exemplo,

tanto na seleção quanto no Spartak Moscou, me dizia para trabalhar duro, mas só no campo adversário. Ele me pedia para fazer tudo na minha região do campo, mas não interferir onde outros deveriam jogar.”

Jogadas específicas eram praticadas, segundo Zelentsov, não para serem usadas de maneira robótica, mas da mesma maneira que um jogador de xadrez aproveita uma abertura inesperada durante a partida. Essa era a chave daquela concepção, e foi por intermédio dos modelos de treinamento — pelos quais eles desenvolveram nos atletas uma melhor compreensão do jogo — que Lobanovskyi e companhia fizeram o futebol avançar. Um exemplo clássico desses princípios em ação talvez tenha sido visto na final da Recopa de 1986, no segundo gol do Dynamo contra o Atlético de Madrid. Vasyl Rats avançou pela esquerda, atraiu dois jogadores e fez um passe para dentro, para Ihor Belanov, que deu dois toques na bola e, quando o zagueiro se aproximou, passou-a à direita quase sem olhar, para Vadim Yevtushenko. O lateral esquerdo se moveu para marcá-lo e Yevtushenko instintivamente fez outro passe à direita para Oleh Blokhin, que o ultrapassava em velocidade e fez a finalização por cima do goleiro. Foi um movimento tão rápido e instintivo, praticamente impossível de conter, que aquele mais parecia um time de rúgbi trabalhando a bola pela linha até que a jogada de ultrapassagem fosse criada.

Os críticos costumam sugerir que Lobanovskyi reprimia a individualidade, mas a verdade é que ele fez seus jogadores perceberem que eles não eram indivíduos, que a habilidade individual só deveria ser usada dentro do contexto do sistema. “As táticas não são escolhidas para agradar os melhores jogadores”, explicou Lobanovskyi. “Elas precisam servir ao nosso jogo. Todos precisam primeiro atender às determinações do técnico e só depois praticar suas aptidões individuais.”

OS TRÊS GRANDES TIMES DE LOBANOVSKYI

(A) RUDAKOV	(G) MUNTYAN
(B) TROSHKIN	(H) KOLOTOV
(C) FOMENKO	(I) BURYAK
(D) RESHKO	(J) ONYSHCHENKO
(E) MATVIYENKO	(K) BLOKHIN
(F) KONKOV	



DYNAMO 3 A 0 FERENCVÁROS, FINAL DA RECOPA, ESTÁDIO ST. JAKOB,
BASILEIA, 14 DE MAIO DE 1975

(A) SHOVKOVSKYI	(G) HUSYN
(B) VASHCHUK	(H) BIALKEVICH
(C) LUZHNY	(I) KOISOVSKYI
(D) HOLOVKO	(J) SHEVCHENKO
(E) KALADZE	(K) REBROV
(F) KHATSKEVICH	



DYNAMO 3 A 3 BAYERN DE MUNIQUE, SEMIFINAL DA LIGA DOS CAMPEÕES,
PRIMEIRO JOGO, ESTÁDIO OLYMPYSKYI, KIEV, 7 DE ABRIL DE 1999



DYNAMO 3 A 0 ATLÉTICO DE MADRI, FINAL DA RECOPA,
ESTÁDIO GERLAND, LYON, 2 DE MAIO DE 1986

Em *Methodological Basis*, Lobanovskyi e Zelentsov dão como exemplo de sua preparação para um jogo específico a semifinal da Copa da Europa de 1977, contra o Bayern de Munique. “O plano de jogo”, escreveram, “foi construído em cima das ações de ataque, com a obrigatória neutralização de jogadores adversários; a intenção era privar o oponente de espaço para jogar e defender os ataques pelos lados do campo, nos quais o Bayern era tão forte. O objetivo era um empate, mas terminamos perdendo por 1 a 0. Na volta, em Kiev, escolhemos um modelo baseado em ‘espremer’ o campo de jogo e lutar pela bola no campo do adversário, tentando criar superioridade numérica em várias áreas. No final, ganhamos por 2 a 0.”

Outro grande avanço foi criar um método de gravação e análise de jogos muito mais sofisticado que o de Charles Reep. Cada elemento do jogo era dissecado e objetivos eram determinados de acordo com o estilo que Lobanovskyi tinha adotado (*ver quadro*). No dia seguinte às partidas, a análise estatística era afixada em quadros no centro de treinamento, uma inovação que deu muito poder a Lobanovskyi. “Quando eu jogava”, disse ele, “era difícil avaliar jogadores. O técnico podia dizer que um jogador não estava no lugar certo no momento certo e o jogador podia simplesmente discordar. Não existiam vídeos, nenhum verdadeiro

método de análise, mas hoje os jogadores não podem discordar. Eles sabem que na manhã seguinte ao jogo o papel estará na parede, com todos os dados sobre as atuações deles. Se um meio-campista completou sessenta ações técnicas e táticas durante o jogo, não fez sua parte. Ele tem a obrigação de realizar cem ou mais.”

AÇÃO	AÇÕES-ALVO POR JOGO		
	“ESPREMENDO” O ADVERSÁRIO (PRESSIONANDO APENAS NO CAMPO ADVERSÁRIO)	CONTRA-ATACANDO (PRESSIONANDO APENAS NO PRÓPRIO CAMPO)	COMBINANDO OS DOIS MODELOS
PASSES CURTOS:			
PARA A FRENTE	130	80	30-130
PARA O LADO	100	60	40-100
PARA TRÁS	70	40	20-70
PASSES MÉDIOS:			
PARA A FRENTE	60	80	40-90
PARA O LADO	50	25	30-80
PARA TRÁS	25	15	10-30
PASSES LONGOS:			
PARA A FRENTE	30	50	15-40
PARA O LADO	20	30	10-30
PARA TRÁS	0	0	0
PASSES COM A CABEÇA	20-40	20-40	15-70
CORRIDAS COM A BOLA	140	80	70-150
DISPUTAS INDIVIDUAIS VENCIDAS	70	50	20-70
INTERCEPTAÇÕES	80	110	70-140
DESARMES	50	70	30-80
CHUTES A GOL	10-20	15-35	10-35
CABEÇADAS A GOL	10-15	5-10	5-15
REPOSIÇÕES DE BOLA EM JOGO	10-30	10-30	10-40
PORCENTAGEM DE ERROS	20-35	15-30	25

A atitude, como era inevitável, levou a conflitos e, embora a maioria dos jogadores tivesse respeito por Lobanovskyi — com mais destaque Andriy Shevchenko, que disse que “ele me fez jogador” —, ele inspirava pouco entusiasmo. “Meu relacionamento com Lobanovskyi não era hostil, mas também não era amistoso”, declarou Belanov. “Era simplesmente profissional. Mas ele fez muito por mim. Ele me levou para o Dynamo e me convenceu a jogar do jeito dele. Nós tivemos discussões, mas sabíamos que estávamos realizando grandes coisas.” Como prova de que sentimentos ruins não permaneceram, Belanov deu a seu filho o nome Valeriy.

Oleksandr Khapsalys, que jogou no Dynamo no final dos anos 1970 e começo dos 1980, lembrou como Lobanovskyi reagia com gritos a qualquer crítica. “Era melhor não brincar com Lobanovskyi”, disse. “Se ele desse uma instrução e um jogador dissesse: ‘Mas eu penso...’, Lobanovskyi olhava para ele e gritava: ‘Não pense! Eu penso por você. Jogue!’.” O técnico redefiniu o futebol na Ucrânia e obteve enorme

sucesso no Dynamo, ganhando oito títulos soviéticos, seis copas soviéticas, cinco títulos ucranianos, três copas ucranianas e duas Recopas. Mas, em suas várias passagens pela seleção da URSS, Lobanovskyi teve menos êxito. Duas vezes em 1975 — contra a Turquia e contra a República da Irlanda — sua exigência por um “time-estrela”, e não um “time de estrelas”, o levou a escalar uma seleção nacional formada inteiramente por jogadores do Dynamo, e o elenco com o qual trabalhou nas Olimpíadas de Montreal, em 1976, também foi dominado pelo Dynamo.

Na época do torneio olímpico, eles já haviam conquistado títulos consecutivos na liga e eram indiscutivelmente um dos melhores times da Europa, mas Lobanovskyi ainda não estava satisfeito e intensificou ainda mais o regime de treinamentos. Os jogadores ficaram desconcertados e vários reclamaram que estavam muito cansados para demonstrar um desempenho compatível com suas habilidades. O ponto de ebulição chegou nas semifinais, quando os soviéticos tiveram uma atuação apática na derrota para a Alemanha Oriental. Os jogadores responsabilizaram o treinador e fizeram uma greve. O incidente foi acobertado e Lobanovskyi deixou o cargo de técnico da seleção. “O problema foi que estávamos aplicando métodos científicos a jogadores que eram semiamadores, e isso levou ao conflito”, explicou Zelentsov.

O episódio fez Lobanovskyi perceber que mais treinamento não gerava necessariamente jogadores em melhor forma; nesse ponto, Zelentsov foi responsável por um grande avanço. Ele formulou um programa de treinamentos que conseguiu equilibrar as conflitantes necessidades de se obter velocidade e resistência — e afirma que a Itália tomou o modelo emprestado para a conquista da Copa do Mundo de 1982. Cada vez mais, ele usava computadores na análise dos jogos, e foi por meio desse desenvolvimento que eles conseguiram revolucionar o futebol.

“No meu laboratório, nós avaliamos a prontidão funcional dos jogadores e como seria a melhor forma de realizar o potencial deles”, explicou Zelentsov. E nós influenciemos os jogadores de maneira natural — nós os formamos seguindo recomendações científicas. Com a ajuda de modelos, reunimos os tijolos e criamos o esqueleto do time. É verdade que nem todo jogador servirá para o sistema do Dynamo, mas

nós não apenas damos conselhos ao técnico, nós os justificamos com números. Recomendamos como compor os programas de treinamentos, como avaliá-los, como compreender as ações dos jogadores em campo — tudo sob o ponto de vista científico, sem emoções.”

A concepção de jogo de Lobanovskyi se tornou a configuração-padrão do estilo soviético, em parte porque era bem-sucedida, em parte por causa da personalidade dominadora de Lobanovskyi e em parte porque parecia a opção correta do ponto de vista ideológico. Apesar de todos os protestos de jogadores da época contra o estereótipo, a filosofia estava enraizada no time: talvez não exista o que se chamou de “futebol socialista”, termo usado por Gusztáv Sebes, mas o estilo dos times de Lobanovskyi era um desenvolvimento do “jogo coletivo” referido por Mikhail Yakushin durante a turnê do Dynamo Moscow pela Grã-Bretanha, em 1945. Ainda assim, a oposição interna existia e, durante alguns anos, no início da década de 1980, o futebol soviético se viu dividido por duas filosofias radicalmente diferentes sobre como o esporte deveria ser praticado.

Enquanto Lobanovskyi era taciturno e analítico, com explosões que se originavam do desejo de fazer seus jogadores obedecerem a seu sistema, Eduard Malofeev era assustadoramente loquaz e entusiasmado. “Não há ninguém na Bielorrússia com sua energia e otimismo”, disse Gennadiy Abramovich, que jogou com Malofeev no Dinamo Minsk e depois trabalhou com ele como assistente técnico. No final dos anos 1990, Malofeev participou do que Abramovich, com desdém, chamou de “um programa feminino” na televisão. Questionado sobre o que fazia a cada manhã, ele respondeu que primeiro agradecia a Deus por estar vivo, depois saía da cama e dava pulos para celebrar o fato. Seu futebol, pelo menos em termos de concepção, era igualmente alegre.

Em doze temporadas pelo Dinamo Minsk, Malofeev se tornou um ponta respeitado. Fez quarenta atuações pela seleção da URSS, disputou a Copa do Mundo de 1966 e foi artilheiro da liga soviética em 1971. Uma lesão de cartilagem provocou o encerramento de sua carreira e, após um breve período trabalhando em categorias de base, ele se formou técnico em 1975. Três anos depois, foi contratado para dirigir o Dinamo Minsk. Malofeev levou o clube à promoção de divisão na primeira temporada e ao sexto lugar na liga principal na segunda. Seus feitos foram alcançados

jogando o que ele chamava de “futebol sincero”. “Era um futebol honesto”, explicou Abramovich. “Sem provocar lesões, sem choques, sem empurrões: só se chutava a bola. Sem dar dinheiro a árbitros. E futebol puro, de ataque. Futebol do coração, não da cabeça.”

Outro ponto forte de Malofeev era sua habilidade para lidar com os jogadores e extrair o melhor de cada um. Dizer que Lobanovskyi enxergava seus jogadores como ferramentas a serem empregadas pode ser uma exagerada simplificação, mas Malofeev, em contraste, dava atenção ao individualismo e à expressão pessoal. “O principal ponto em relação a Malofeev era a psicologia”, explicou Mikhail Vergeenko, goleiro do Dinamo Minsk no início da década de 1980. “Nós tínhamos uma conversa em grupo três horas antes cada jogo. Ele reunia o time e tentava ‘ler’ os jogadores. Olhava nos olhos de cada um, sempre tentando descobrir algo. Era como um médico. Analisava os jogadores e imediatamente reconhecia seus pontos fortes e fracos. Era uma pessoa que conseguia tocar o seu coração, a sua alma. Ele sabia como falar com as pessoas.” Vergeenko relaciona o fracasso de Malofeev no escocês Hearts em 2006 — estatisticamente, ele é o pior técnico da história do clube, somando dois pontos em quatro jogos — à ausência de um bom tradutor.

Não demorou para começarem as comparações com o que acontecia a 450 quilômetros dali. “A rivalidade entre Minsk e Kiev era a rivalidade entre duas mentes”, explicou Vergeenko. “Lobanovskyi era um técnico matemático; Malofeev era mais romântico. O que ele queria dos jogadores era que se expressassem em campo. Se você der tudo o que tem, ele dizia, os torcedores vão amá-lo.”

O jogador que os torcedores mais amavam era um homem cujo estilo de vida o impediria de se aproximar de um time dirigido por Lobanovskyi: Aleksandr Prokopenko. Ele era um incrível meio-campista, um gênio de talento tão desenfreado quanto sua capacidade para beber. Dolorosamente tímido, era também tão atormentado por um distúrbio de fala que se recusava a dar entrevistas. Mas não fazia diferença: os torcedores do Dinamo sabiam o que ele pensava, porque Prokopenko bebia com eles. Mais do que isso, era um deles, mais um operário de Minsk que tinha a sorte de ser um futebolista extraordinário e instintivo — e que, além disso, trabalhava duro. “A torcida sabia que ele jogaria os

noventa minutos”, escreveu o jornalista Vasily Sarychev em *The Moment and the Destiny*, seu livro que celebrou os melhores esportistas da Bielorrússia. “Ele morreria antes de cessar seu movimento pelo campo por cansaço ou preguiça.”

Após a seleção da URSS da qual ele fez parte terminar em terceiro lugar nas Olimpíadas de 1980, o abuso no consumo de álcool o levou a perder o final da temporada. Mas Prokopenko retornou gloriosamente e marcou o gol icônico da campanha na temporada de 1982, de calcanhar, contra o Dynamo Kiev. À medida que a forma do time de Minsk começou a piorar na metade da década, seu alcoolismo se agravou e ele foi forçado a se internar na LTP, uma clínica de reabilitação mantida pelo estado. Seguindo as instruções do Partido Comunista local, o clube se recusou a recebê-lo de volta, mas Abramovich, a quem Prokopenko se referia como um segundo pai, convenceu o Dnepr Mogilev (clube da segunda divisão) a lhe dar uma oportunidade. Após uma temporada, ele foi para o Neftchi Baku, do Azerbaijão, clube pelo qual enfrentou o Dinamo Minsk e marcou um gol no Spartak.

Mas se tratava apenas de uma breve trégua, e Prokopenko voltou a beber exageradamente. Ele foi readmitido na LTP em 1989, mas morreu dois anos depois, aos 35 anos. “Ele era perseguido pelo cheiro da grama, pelo cheiro da pele, pela alegria de seus gols e pelas latas vazias”, escreveu Sarychev. “Quando perdeu a necessidade de jogar futebol, o desejo dentro dele morreu, o desejo que ele nascera para realizar.”

Brilhante, mas imprevisível, seus demônios mascarados pelo charme de seu jogo, Prokopenko era o modelo do futebolista de Malofeev. Lobanovskyi, como seria de esperar, era um crítico do idealismo de Malofeev. Ele apontou, por exemplo, que os torcedores do Dinamo Minsk celebraram efusivamente o gol de calcanhar de Prokopenko, mas o jogo terminou empatado e deu um valioso ponto fora de casa ao Dynamo. “Quando alguém falava nesse assunto”, Abramovich lembra, “ele colocava a mão na cabeça e dizia: ‘Eu vi muitas coisas na minha vida, mas nunca vi futebol *sincero*’.”

Contudo, pelo menos por uma gloriosa temporada, a ideia deu certo. “O que aconteceu com o Dinamo Minsk em 1982 se deveu à harmonia entre juventude e experiência”, escreveu o meio-campista Sergei Aleinikov em sua autobiografia. “Todos, independentemente de ser

veteranos ou novatos, jogaram cada partida como se fosse a última de suas carreiras. Mas o mais importante foi que Malofeev era o cabeça do time, um cabeça singular. A vitória foi dele, um triunfo dos seus princípios e da sua compreensão do futebol.”

Naquele ano, todas as manobras de Malofeev foram bem-sucedidas. Vergeenko se recorda particularmente do jogo contra o Pakhtakor Tashkent, que terminaria a temporada em sexto lugar. “Fazia mais de quarenta graus, à sombra”, disse. “O jogo era às seis da tarde; ao meio-dia, Malofeev disse: ‘O.k., vamos treinar’. Todos ficaram chocados. Mesmo dentro do hotel fazia mais de 35 graus à noite, sem ar-condicionado. Imagine: nós estávamos pensando em escapar do calor e Malofeev nos faria treinar ao meio-dia. ‘Mas depois’, disse Malofeev, ‘vocês verão, apenas trinta minutos, vocês vão suar, mas ficarão bem.’ Treinamos por trinta minutos. Os funcionários do estádio ficaram perplexos. Estavam sentados à sombra, tomando água, e Malofeev levando o time para treinar. Mas, naquela noite, já sabíamos que podíamos lidar com o calor e ganhamos por 3 a 0. E eles tinham um bom time naquela época.” As palestras de Malofeev eram igualmente excêntricas. O Dinamo Minsk precisava de um empate no último jogo da temporada, contra o Spartak Moscou, para garantir o título. Na Bielorrússia, acreditava-se que 29 anos antes o Spartak tinha “roubado” o segundo lugar na liga do Dinamo Minsk manipulando resultados, e o temor era de que acontecesse algo similar para dar o título ao Dynamo Kiev. Malofeev sabia que teria de combater as dúvidas de seu time e convencer os jogadores de que a derrota não era inevitável. “Imaginem um grupo de macacos cruzando um campo”, Vergeenko se lembra das palavras do técnico, em um vestiário calado. “Do outro lado do campo há um grupo de leões. Muitas coisas diferentes podem acontecer. Talvez os leões massacrem os macacos. Ou talvez um dos macacos distraia os leões e se sacrifique para que os outros sobrevivam. Hoje, como os macacos, temos de nos sacrificar pela vitória.”



“Pensei: eu sou o goleiro, talvez me machuque, mas o mais importante é que o time vencerá.” E o time venceu, pelo placar de 4 a 3, bem ao estilo de Malofeev. “Quando voltamos de Moscou para Minsk, foi incrível”, prosseguiu Vergeenko. “Havia pessoas com flores, beijos e amor: nada organizado, apenas amor.”

Malofeev logo acabou indo para Moscou para dirigir a seleção olímpica da URSS, o que o deixava em ótimas condições para ser chamado quando a segunda passagem de Lobanovskiy pela seleção principal terminasse. Tudo parecia caminhar bem para Lobanovskiy, particularmente depois de uma goleada de 5 a 0 sobre Portugal, em Moscou, pelo torneio qualificatório para a Euro de 1984. Mas, em Lisboa, ele — como sempre fazia em partidas difíceis fora de casa — preparou o time para empatar e foi punido por um pênalti marcado numa falta que aconteceu claramente fora da área. Portugal venceu por 1 a 0, a URSS não se classificou e Lobanovskiy, condenado por seu pragmatismo, foi demitido.

A estrela de Lobanovskiy nunca havia brilhado tão pouco, e somente a intervenção pessoal de Shcherbytskyi foi capaz de conduzi-lo de volta ao Dynamo Kiev. Pareceu um erro quando o clube terminou a temporada de 1984 em décimo lugar. Mas Lobanovskiy não se deixou abater. “Um caminho continua sendo um caminho”, disse. “É um

caminho durante o dia, um caminho durante a noite e um caminho ao amanhecer.” Na temporada seguinte, o Dynamo ganhou a liga e a copa, antes de conquistar também a Recopa Europeia.

Enquanto isso, Malofeev vacilava. A URSS ganhou apenas um dos primeiros cinco jogos das eliminatórias para a Copa do Mundo de 1986, no México, mas garantiu a classificação ao vencer as últimas três partidas. “Malofeev ficou muito nervoso, nosso futebol não tinha um padrão claro, mas o México nos esperava”, escreveu Aleinikov em sua autobiografia. “A mídia atacava os jogadores e a comissão técnica. O golpe final foi o empate em 0 a 0 com a Finlândia [em um amistoso], no estádio Luzhniki. Havia rumores de que Malofeev podia ser substituído, sendo que Lobanovskyi tinha acabado de conquistar a Recopa, mas eu não acreditava que isso iria acontecer antes da Copa do Mundo.”

Mas aconteceu. Malofeev foi chamado para uma reunião fora do centro de treinamento de Novogorsk e não retornou. “Havia um clima estranho no time”, prosseguiu Aleinikov. “Os jogadores de Kiev gostaram da decisão, como se pode imaginar, porque a maioria deles não era favorável às ideias de Malofeev. Por outro lado, havia jogadores que sabiam que não teriam lugar em um time sob o comando de Lobanovskyi. Eles estavam preparados para ir ao México, mas sabiam que não iriam.”

“Lobanovskyi nos fez treinar mais. Dizer que foi difícil não bastaria. À noite, eu queria ir para a cama o quanto antes. Para Lobanovskyi, o jogo era uma questão de resultado, não de divertimento. O futebol tinha de ser racional. Para ele, 1 a 0 era melhor do que 5 a 4.”

Apesar das dúvidas, Lobanovskyi recebeu reconhecimento imediato quando seu time goleou a badalada Hungria por 6 a 0. Mas, nas oitavas de final, a URSS, prejudicada pela má arbitragem e por uma atuação catastrófica do defensor Andriy Bal, foi batida por 4 a 3 pela Bélgica, em um dos grandes jogos da história das Copas do Mundo. “Como técnico, você não se responsabiliza por erros individuais e certamente não pode se responsabilizar por falhas da arbitragem”, disse Lobanovskyi — uma admissão de que existiam fatores fora de controle mesmo em sistemas científicos como o dele.

Dois anos depois, no Campeonato Europeu, na Alemanha Ocidental, a URSS chegou o mais perto da glória sob o comando de Lobanovskyi.

Eles venceram a Holanda e a Inglaterra na fase de grupos e superaram a Itália nas semifinais. O ex-técnico da seleção italiana, Enzo Bearzot, ficou tão impressionado com a vitória da URSS por 2 a 0 que se aproximou de Lobanovskyi após o apito final. “Vejo novamente que você tem um grande time”, Bearzot disse. “Vocês jogam futebol moderno a 100km/h. A pressão que exerceram hoje é sinal de grande capacidade, e a forma física dos jogadores soviéticos é claramente o resultado de grande sacrifício pessoal e profissionalismo.”

O único ponto negativo da extraordinária atuação foi o cartão amarelo recebido pelo líbero Oleh Kuznetsov, que o tirou da final contra a Holanda. “Você já viu como as abelhas voam?”, perguntou Zelentsov. “A colmeia está no ar e existe um líder. O líder vira para a direita e toda a colmeia vira para a direita. Ele vira para a esquerda e toda a colmeia faz o mesmo. É a mesma coisa no futebol. Há um líder que toma a decisão de se mover, digamos, para cá. O restante dos jogadores precisa corrigir seu movimento para seguir o líder. Todos os times têm jogadores que conectam coalizões; todos os times têm jogadores que as destroem. Os primeiros são chamados para criar no campo, os últimos para destruir as ações coletivas do rival.” Sem seu líder, a URSS perdeu um pênalti, sofreu o inacreditável gol de voleio de Marco van Basten e foi derrotada por 2 a 0.

Após uma Copa do Mundo decepcionante em 1990, Lobanovskyi deixou a URSS para treinar no Oriente Médio, mas foi convencido a voltar para o Dynamo Kiev em 1996, em parte por causa do dinheiro de novos investidores, mas principalmente em razão do potencial da geração de Shevchenko, Oleh Luzhny, Serhiy Rebrov e Vyacheslav Vashchuk. Lobanovskyi os inspirou a uma semifinal da Liga dos Campeões em 1999 — seu terceiro grande time —, mas, um pouco antes de falecer por conta de um derrame em 2002, a impressão era a de que ele teria dificuldades depois de ter sido forçado a vender seus melhores jogadores e a investir em estrangeiros. De acordo com Serhiy Polkhovskyi, vice-presidente do Dynamo, ficou aparente, em seus últimos meses, que ele tinha problemas para lidar até mesmo com jogadores locais que não tinham crescido sob o regime comunista. “Ele se sentia atormentado”, disse Polkhovskyi. “Antes, uma palavra ou um olhar eram suficientes para afirmar sua autoridade e explicar o que ele queria. Talvez isso fosse

típico do sistema comunista, mas hoje os jogadores têm mais liberdade e individualidade.”

Mesmo assim, seu legado está seguro. Como disse Marcelo Lippi, que levou a Juventus ao título da Liga dos Campeões e a Itália ao da Copa do Mundo, “todo mundo agora joga fazendo pressão”.



14. Leve-me para a Lua

Do ponto de vista da mitologia, e talvez também de uma perspectiva factual, a Copa do Mundo de 1970 representa o apogeu do futebol. No imaginário popular, aquele foi um festival de futebol de ataque, e a seleção brasileira que venceu o torneio — Pelé, Tostão, Gérson, Rivellino etc. — é considerada um paradigma insuperável, o maior time que o mundo conheceu, e provavelmente jamais conhecerá. No entanto, existe também a noção de que o estilo de jogo daquele esquadrão não seria possível nos dias de hoje, de que sua conquista foi uma conquista do futebol antigo, de antes de o sistema assumir o controle.

Como parte da preparação para o torneio, o time brasileiro passou por um programa de treinamento da Nasa, cujo significado metafórico parece não ter sido ignorado por ninguém. O *Jornal do Brasil*, normalmente austero, fez uma observação em 22 de junho de 1970 que surpreendeu pela ousadia. “A vitória do Brasil com a bola”, escreveu, “compara-se à conquista da Lua pelos americanos.”

A princípio, a comparação parece absurda, mas há algo de verídico nela. Para começar, existe o uso de termos abstratos: a “vitória com a bola” e “a conquista da Lua”. Os americanos venceram os soviéticos na corrida espacial e o Brasil venceu a Itália na final da Copa do Mundo, mas nenhum dos adversários é mencionado. Ambas as conquistas — que aconteceram num intervalo de menos de um ano — foram consideradas façanhas grandiosas, vitórias obtidas não contra rivais palpáveis, mas contra elementos externos, como se jogar futebol com tal nível de maestria fosse, de algum modo, um triunfo para toda a humanidade.

É certamente significativo que os momentos mais memoráveis da Copa de 1970 sejam essencialmente não competitivos: o chute de Pelé do meio do campo contra a Tchecoslováquia não entrou; e, depois de uma finta de corpo sensacional contra o goleiro uruguaio Ladislao Mazurkiewicz, na semifinal, ele não marcou com o gol aberto. Até mesmo o famoso gol de Carlos Alberto Torres, na final, aconteceu

quando restavam apenas quatro minutos de jogo e o destino da Copa já estava decidido. Aquilo era o futebol-arte num sentido bastante literal: não se celebram os eventos determinantes para o resultado, mas os lances que transcenderam o contexto imediato dos jogos em que aconteceram — apesar disso, caso o Brasil não tivesse vencido o torneio, esses momentos talvez não fossem lembrados com afeição, mas como extravagâncias contraproducentes.

Se a chegada à Lua foi a principal façanha tecnológica do século xx e se o sucesso do Brasil na Copa do Mundo de 1970 foi a principal façanha esportiva do período, são questões abertas a debate. Mas o que é certo é que nenhum outro evento nessas esferas teve efeito tão imediato e uma importância simbólica tão universal. A razão para isso é simples: a televisão. Para uma audiência composta de milhões de pessoas em todo o mundo, o pequeno passo de Neil Armstrong e o estrondoso chute de Carlos Alberto instantaneamente se tornaram ícones, destinados, desde o momento em que aconteceram, a ser reproduzidos de múltiplas formas. Esses foram os dois primeiros grandes eventos globais da era telecultural. Para selar a conexão simbólica, o segundo pouso na Lua aconteceu no mesmo dia em que Pelé converteu um pênalti contra o Vasco da Gama e alcançou os mil gols.

O fato de o Brasil jogar com camisas de um amarelo vibrante e calções azul--cobalto colaborou: tratava-se do uniforme perfeito para a nova era da televisão em cores. Sob o calor abrasador do sol mexicano, aquele parecia ser o futuro: luminoso e brilhante. O Brasil passou incólume em apenas um jogo do torneio, mas isso não fez diferença. A falibilidade fazia parte de seu charme: uma inocência que lhes dava um apelo universal — exceto, talvez, na Argentina. “Aqueles minutos finais”, escreveu Hugh McIlvanney em sua crônica sobre a final, “contiveram a essência de seu futebol, sua beleza e magia, um deleite quase imprudente. Outros times nos impressionam e nos fazem respeitá-los. Os brasileiros, em seu auge, nos provocaram um prazer tão natural e profundo que era como estar passando por uma experiência física [...]. As qualidades que fazem do futebol o esporte coletivo mais gracioso, dinâmico e emocionante iam sendo exibidas diante de nós. Os brasileiros têm orgulho de suas habilidades únicas, mas não é difícil acreditar que estavam ansiosos para declarar algo sobre o jogo e também

sobre si próprios. Você não pode ser o melhor do mundo em um jogo sem amá-lo, e todos nós que nos sentamos, corados de emoção, nas arquibancadas do Azteca, sentimos estar assistindo a algum tipo de homenagem.”

O pouso na Lua foi o clímax de um projeto em que os Estados Unidos empregaram seus recursos científicos, tecnológicos, financeiros e emocionais. Depois que Kennedy admitiu o início da corrida espacial, em 1962, conquistar a Lua passou a ser o grande objetivo do país. Em 1962, o Brasil ganhou sua segunda Copa do Mundo e dirigiu seus recursos para ganhar a terceira. Em 1970, com o governo militar envolvido com o futebol, os jogadores passaram por programas de preparação de sofisticação inimaginável até então. “Nós sabíamos que precisávamos fazer alguma coisa para melhorar nossas condições físicas”, disse Gérson, observando que essa era a área em que as nações europeias mais tinham avançado. “Em 1966, nós estávamos em boa forma física, mas não tanto quanto eles.” Cada jogador brasileiro foi para o México com pares de chuteiras feitas sob medida e, quinze dias antes da viagem, todos passaram a viver no horário mexicano, com um rigoroso regime de dieta e repouso. Até os uniformes foram redesenhados para não ficarem mais pesados por causa do suor. O triunfo do Brasil foi o triunfo da imaginação e da espontaneidade, mas teve o suporte da ciência e do planejamento — e das circunstâncias econômicas.

O longo boom econômico que durou do final da Guerra da Coreia, em 1953, até a crise do petróleo de 1973 — que efetivamente financiou o programa espacial dos Estados Unidos — criou um mercado maior para as matérias-primas brasileiras, levando ao aumento do emprego e do salário durante os anos 1950. Isso provocou uma elevação no consumo da classe trabalhadora e a criação de uma classe média urbana, mas a distância entre a cidade e o campo ficou maior, conduzindo à migração e ao crescimento das favelas. Falando de forma direta, as condições eram perfeitas para o futebol. Como David Goldblatt observa em *The Ball is Round*, “com pouca riqueza, a infraestrutura do futebol não pode ser mantida. Com riqueza demais, a linha de produção social de malandros e *pibes* não pode ser mantida”.

Um time brasileiro envelhecido foi rapidamente eliminado na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra — num desempenho em nada favorecido pela frouxa arbitragem do torneio, que permitiu que Pelé fosse literalmente chutado para fora dos jogos. Extremamente frustrado, ele deixou de jogar pela seleção, mas retornou dois anos depois. “Eu achei a violência e a falta de espírito esportivo tão desanimadoras quanto a arbitragem que permitiu aquilo por tanto tempo”, Pelé explicou em sua autobiografia. No entanto, mesmo no Brasil, o futebol era cada vez mais violento, acompanhando a tendência de uma sociedade em que grupos de guerrilha costumavam atacar o regime militar e sofriam represálias selvagens.

Quando o general Emílio Médici, o mais autoritário dos governantes militares brasileiros, substituiu o marechal Artur da Costa e Silva como presidente, em outubro de 1969, o futebol ganhou um admirador no poder. A guerrilha tinha sido reprimida e o general, torcedor do Flamengo, rapidamente percebeu que o futebol poderia lhe proporcionar a legitimidade popular que desejava. Essa foi uma boa notícia para o futebol brasileiro de forma geral, pelo fato de garantir um significativo investimento para a Copa de 1970. Mas era uma má notícia para o técnico da seleção nacional, João Saldanha, que fora membro do Partido Comunista na juventude e, com sua habitual sinceridade, não escondia sua oposição ideológica ao regime.

Saldanha jogou no Botafogo e se tornou jornalista após o encerramento da carreira. Ele ganhou o apelido de “João Sem Medo” pelo estilo franco e, depois de fazer críticas regulares a seu ex-clubes, foi escolhido para ser o técnico em 1957. Saldanha levou o Botafogo ao título carioca e, apesar de o pouco sucesso posterior tê-lo levado de volta ao jornalismo, foi chamado para dirigir a seleção brasileira em 1969. De acordo com Pelé, ele era “inteligente, de língua afiada e trouxe uma nova mentalidade para o cargo de técnico da seleção”. A recusa em fazer diplomacia, que o tornou tão popular como jornalista, foi o que provocou sua queda. Mas sua demissão foi precipitada por uma questão tática.

O time de Saldanha passou com facilidade pelo torneio qualificatório para a Copa do Mundo, totalizando 23 gols em seis vitórias nos seis jogos, contra Colômbia, Venezuela e Paraguai, em 1969. Naqueles dias,

ele dizia orgulhosamente: “O que eu quero são gols”. Mas, numa viagem para observações na Europa, em outubro, Saldanha ficou preocupado com o futebol defensivo, muscular, o “jogo brutal e os árbitros tolerantes” que testemunhou. “A Copa”, ele anunciou, após o sorteio agrupar Brasil, Inglaterra, Tchecoslováquia e Romênia, “vai virar uma briga de rua se não ficarmos atentos, e os times europeus, com os melhores boxeadores e lutadores, vão vencer.”

Embora fosse emocionalmente contrário ao negativismo, Saldanha reconhecia que a crença ingênua no futebol de improvisação havia levado a desempenhos ruins do Brasil nos anos 1930 e se preocupava em não cometer o mesmo erro. Ao voltar da Europa, tentou preparar o Brasil para enfrentar oponentes cada vez mais bem preparados fisicamente, substituindo jogadores para aumentar o peso médio de sua defesa em cerca de dois quilos e a altura em cerca de sete centímetros. Mas as mudanças só causaram confusão. “Ele não aceitava críticas e sua relação com os ex-colegas na imprensa piorou”, disse Pelé. “Gostava de beber e passou a se comportar de maneira estranha.”

A gota d’água veio em março de 1970, quando o Brasil enfrentou a Argentina duas vezes, em jogos preparatórios. Ele não escalou Dadá Maravilha, atacante do Atlético Mineiro que tinha a admiração de Médici. Isso provavelmente não teria feito diferença se um jornalista não tivesse perguntado a Saldanha se ele sabia que Dadá era um favorito do general. “Eu não escolho o ministério do presidente”, disse Saldanha, “e ele não escala o meu time.” Médici já estava ofendido pela recusa de Saldanha em alterar a programação de treinos para que os jogadores pudessem ir a um banquete no palácio presidencial; assim, a partir daquele momento, o técnico se complicou.

Uma derrota em casa para a Argentina, que não tinha conseguido a classificação para a Copa do Mundo, piorou a situação, especialmente quando o defensor argentino Roberto Perfumo descreveu o time de Saldanha como “a pior seleção brasileira que já enfrentei”. Wilson Piazza e Gérson tinham sido dominados no meio de campo, um problema pelo qual Saldanha responsabilizou Pelé, acusando-o de não obedecer suas ordens de recuar para ajudá-los. O comentário foi visto como sinal de insanidade: criticar Pelé já era bastante ruim, pedir que ele ajudasse na defesa era uma heresia.

O temperamento de Saldanha apenas complicou as coisas. Em 1967, ele tinha dado dois tiros para o alto após um entrevero com Manga, goleiro do Bangu que ele acusara de participar de uma manipulação de resultados. Saldanha reagiu de forma semelhante quando Yustrich, técnico do Flamengo, o chamou de “covarde” numa entrevista no rádio. Ele foi ao hotel em que Yustrich estava hospedado no Rio de Janeiro e exibiu um revólver carregado. Felizmente, Yustrich tinha saído.

Mas, em meio ao caos, Saldanha deu um golpe de mestre no segundo jogo contra os argentinos, ao colocar Clodoaldo, de dezenove anos, no lugar de Piazza. A mudança trouxe novo entusiasmo ao meio de campo e Pelé marcou um gol decisivo no fim da partida. No entanto, Saldanha ainda sentia que Pelé não fazia o trabalho defensivo necessário e admitiu publicamente que considerava substituí-lo. Foi demitido de imediato, sob acusações de instabilidade emocional. A já limitada simpatia popular reduziu-se ainda mais quando Saldanha reagiu de forma explosiva, dizendo que Gérson apresentava problemas mentais, Pelé não enxergava bem e Emerson Leão, goleiro reserva, tinha braços curtos.

Após Dino Sani e Otto Glória recusarem o cargo, Mário Zagallo, o ponta-esquerda de 1958 e 62, foi escolhido o novo técnico. Ele fora um protegido de Saldanha no Botafogo, porém, mais importante, era visto como uma opção segura do ponto de vista ideológico. Quando o governo militar designou o capitão Cláudio Coutinho para trabalhar como seu preparador físico — foi ele quem buscou conhecimento na Nasa — e acrescentou o almirante Jerônimo Bastos à delegação, Zagallo não fez objeções. Mas ele não escalou Dadá.

Na verdade, Zagallo só teve de tomar duas decisões importantes. No momento de sua chegada, Pelé disse: “O time estava mais ou menos formado, mas algumas mudanças eram necessárias”. Saldanha tinha baseado suas escolhas nos times do Santos e do Botafogo com a mesma lógica de Vittorio Pozzo e Gusztáv Sebes: jogadores que já atuam juntos com frequência terão melhor compreensão mútua. Mas Zagallo introduziu no time Roberto Rivellino, do Corinthians, e confirmou a importância de Tostão, do Cruzeiro. Quando críticos sugeriram que eles eram muito parecidos com Gérson e Pelé, Zagallo respondeu: “O time

precisa de grandes jogadores, jogadores inteligentes. Vamos seguir assim e ver o que conseguimos”.

E eles atingiram alturas que talvez nunca sejam superadas. “Nosso time foi o melhor”, disse Gérson. “Quem viu, viu. Quem não viu nunca mais verá de novo.” A final, contra a Itália, foi vista como uma batalha pela alma do futebol, entre o futebol-arte dos brasileiros e o futebol de resultados — como os brasileiros o viam — dos italianos. A arte venceu, mas jamais um time voltaria a ter tanto sucesso ao simplesmente mandar seus melhores jogadores ao gramado e dizer a eles que jogassem.

É claro que não foi tão simples assim, embora seja difícil descobrir a medida da influência de Zagallo. Gérson, Pelé e Carlos Alberto formaram um subcomitê de veteranos — os “cobras”, como ficaram conhecidos — e foram eles que sugeriram a escalação a Zagallo após um jogo preparatório contra o Atlético Mineiro terminar em vaias, por causa de uma pouco inspiradora vitória por 3 a 1. Sobre a defesa de quatro jogadores não havia muitas dúvidas, com Piazza usado como quarto zagueiro. Tampouco com relação a Gérson, o elegante criador de jogadas, que atuava mais recuado — como o que os italianos chamam de *regista*. Ele precisava de proteção, de modo que Clodoaldo, intocável após a atuação no segundo jogo contra a Argentina, operava a seu lado, oferecendo uma presença mais física e defensiva. Clodoaldo talvez seja mais lembrado por sua participação no último gol do Brasil na final, quando driblou três italianos no campo de defesa; esse tipo de jogada, porém, não era sua grande característica.

Mas e depois? Pelé e Tostão poderiam realmente jogar juntos? “Tostão não era um centroavante típico”, disse o historiador Ivan Soter. “Era um ponta de lança como Pelé. Ele recuava e Pelé se tornava o centroavante. Era muito fluido.” O perigo, então, era que não houvesse ninguém na área para aproveitar essa abordagem de jogo interessante, mas isso se resolveu com Jairzinho, um ponta-direita rápido (ele mais do que justificou o apelido de “Furacão”), que tinha o hábito de fazer gols. Seu movimento contra a Inglaterra, vencendo Gordon Banks após a jogada de Tostão e o passe de Pelé, era típico dele. Jairzinho terminou o torneio como o único homem na história a ter marcado em todos os jogos da Copa. Nos treinos, Gérson passava horas praticando passes

diagonais para a corrida de Jairzinho, de forma a calibrar seu pé esquerdo e fazer ajustes ao ar rarefeito mexicano. Os avanços de Jairzinho pela direita deixavam espaços atrás dele, mas isso não era um problema, porque Carlos Alberto era um lateral ofensivo, como Nílton Santos. Ele também avançava e a defesa se ajustava.

Restavam ainda duas questões importantes: quem iria jogar na esquerda e como acomodar Rivellino. Ele era mais um ponta de lança e havia dúvidas sobre sua condição física. Everaldo era um lateral muito mais defensivo, o que dava equilíbrio à linha de quatro defensores, mas significava que, se um ponta-esquerda ofensivo — como Edu, do Santos — fosse escalado, surgiria um perigoso espaço naquele lado, o tipo de fraqueza que Alcides Ghiggia explorou na final de 1950. Dois problemas se transformaram em uma solução, com Rivellino posicionado ligeiramente do lado esquerdo, embora ele se movesse para dentro, oferecendo também algum equilíbrio para os avanços de Jairzinho e, sempre que possível, soltando seu pé esquerdo em chutes poderosos. Era um 4-4-2, um 4-3-3, um 4-2-4 ou até mesmo um 4-5-1? Era tudo isso e nada disso: eram apenas jogadores que se complementavam perfeitamente. Na linguagem moderna, provavelmente a melhor descrição seja um 4-2-3-1, mas essas sutilezas não significavam nada à época.



BRASIL 4 A 1 ITÁLIA, FINAL DA COPA DO MUNDO, ESTÁDIO AZTECA,
CIDADE DO MÉXICO, 21 DE JUNHO DE 1970

Ferruccio Valcareggi, o técnico da Itália, não utilizava ao mesmo tempo seus dois grandes criadores de jogadas, Sandro Mazzola e Gianni Rivera. Ele criou a *staffetta* — o revezamento —, em que um deles jogava o primeiro tempo e o outro, o segundo. O contraste não poderia ter sido mais evidente.

De maneira bastante apropriada, o Brasil completou sua vitória na final com um gol de suprema qualidade. Não havia nenhuma intenção de defender a vantagem de 3 a 1 ou fazer o tempo passar. Ao contrário, eles simplesmente continuaram jogando e produziram um gol que ainda é muitas vezes escolhido como o maior de todos, um maravilhoso presente de despedida de um time maravilhoso em um torneio maravilhoso.

Começou com Clodoaldo e sua sequência de dribles improváveis no campo de defesa. O imprudente passe de calcanhar que, 49 minutos antes, tinha presenteado o empate à Itália, aparentemente sumiu de sua mente. Ele passou para Jairzinho, que dessa vez aparecia na esquerda.

Quando Giacinto Facchetti se aproximou para marcar seu avanço, o ponta desviou para dentro e deixou a bola com Pelé. O Rei esperou e, com a mesma precisão que produziu gols contra a Inglaterra e o Uruguai no torneio, rolou a bola para Carlos Alberto. O lateral e capitão ocupou o espaço deixado por Jairzinho e bateu de primeira, no canto baixo.

Foi exuberante, realmente brilhante, e não foi só o Brasil que reagiu com euforia; mas aquele momento marcava o final da era da inocência no futebol. Essa era tinha acabado muito antes no futebol de clubes, ao menos na Europa — porém, no México, o calor e a altitude se combinaram para impossibilitar a adoção da pressão ou qualquer tipo de marcação sistemática. Pela última vez numa competição importante, houve espaço, e o Brasil tinha um time perfeitamente equipado para usá-lo da melhor forma. Transmitido via satélite em cores vibrantes ao redor do mundo, o que parecia o início de um admirável mundo novo era na realidade a última mensagem enviada pelo mundo antigo. E aí talvez se possa traçar o paralelo final com o pouso na Lua: a natureza ilusória do futuro cintilante que ele anunciava. Da mesma forma que não existem colônias humanas no espaço, o futebol também acabou sendo tomado por preocupações mundanas.

Até mesmo o Brasil parece ter admitido que 1970 foi um auge que jamais será repetido. Pode ter lhe custado o emprego, mas a declaração de Saldanha sobre o caminho que o futebol percorria se mostraria fundamentalmente correta — apenas prematura em doze meses. Embora as qualidades cerebrais e estéticas dos times holandeses que dominaram o futebol no início dos anos 1970 sejam inegáveis, elas eram fisicamente fortes e muito mais conscientes das exigências do sistema de jogo que o Brasil de 1970.

Sergio Markarián viu a Copa do Mundo de 1974 pela televisão, em Montevideu. Ele tinha trinta anos e era gerente geral de uma companhia de distribuição de combustíveis, após ter desistido do sonho de ser jogador de futebol doze anos antes. Ao ver o Uruguai ser humilhado pela Holanda, decidiu que tinha de ser técnico para que seu país nunca mais passasse pelo mesmo sofrimento. Dedicou-se aos estudos e conseguiu um trabalho como técnico do time B do Bella Vista; mais

tarde, foi promovido ao time principal. Com dificuldades para causar boa impressão no futebol uruguaio, Markarián partiu para o Paraguai em 1983. Lá, venceu dois campeonatos com o Olimpia, mas foi seu trabalho com a seleção nacional antes das Olimpíadas de 1992 que fez dele provavelmente o técnico mais importante da história paraguaia. Ele inspirou nos vizinhos as clássicas virtudes uruguaias: o vigor, a resiliência defensiva e principalmente a garra, transformando o time nacional em participante regular de Copas do Mundo.

O exemplo de Markarián é extremo, mas ele não foi o único sul-americano chocado pelo que os holandeses fizeram. Na Europa, o desempenho da Holanda gerou admiração; na América do Sul, provocou uma sensação de desespero pela impressão de que a maneira local de jogar futebol já não era mais relevante. Depois de vencer o Uruguai por 2 a 0 na primeira fase de grupos, a Holanda passou pela Argentina por 4 a 0 e pelo Brasil por 2 a 0, na segunda: o orgulho da Conmebol varrido em três jogos com o placar agregado de 8 a 0. Eles não haviam sido apenas derrotados, mas completamente subjugados.

O Brasil aparentemente antecipou o que estava por vir ao levar a sério o aviso de João Saldanha, mesmo com sua demissão. A extravagância da vitória no México foi aceita como um tributo ao estilo virtuoso da década anterior. O Brasil de 1974 certamente não seria reconhecido pelo Brasil de 1970, mudança pela qual Zagallo foi largamente responsabilizado — embora não tenha sido ajudado pelas ausências que se acumularam. Pelé tinha se aposentado, enquanto Tostão, Gérson e Clodoaldo estavam todos machucados. O Brasil, no entanto, se valia de um cinismo que não estava presente quatro anos antes, e que se manifestou mais claramente no jogo contra a Holanda. Marinho Peres nocauteou Johan Neeskens e Luís Pereira terminou expulso por uma terrível entrada no mesmo jogador. A Holanda, com toda a frieza do mundo, esteve em seu melhor nível e foi evidentemente superior. O Brasil ficou com o quarto lugar, o que muitos viram como um exagero para aquele time.

Como Tim Vickery observa na sexta edição de *The Blizzard*, o Brasil abandonou o jogo bonito, a mítica essência de seu futebol, por dois motivos: primeiro porque, apesar do discurso voltado para o estilo e o espetáculo, os brasileiros privilegiam a vitória acima de qualquer outro

aspecto; e depois pela relação entre o futebol e o governo militar que chegou ao poder com o golpe de 1964 e se tornava cada vez mais linha-dura sob Médici.

Com a possível exceção dos holandeses, vencer é vital para todos, é claro; mas Vickery argumenta que a desigualdade econômica no Brasil e a importância do futebol para criar a ideia de que a ordem social pode ser subvertida aumentam a relevância da vitória. Se um jogador habilidoso passa por um defensor e o deixa para trás, suas trajetórias de vida ou seus salários não fazem diferença; o peão pode se tornar rei. É por isso que as fintas e os dribles são importantes, e o futebol brasileiro sempre esteve enredado na ética do malandro. Mas é um futebol que em última instância precisa ser sempre revalidado pela vitória, motivo pelo qual a presença de público nos jogos dos clubes brasileiros flutua tanto. Segundo Vickery, “é como se o torcedor estivesse dizendo: ‘Quando o time está bem, é meu time. Quando está em dificuldades, não me representa e eu me recuso a ser humilhado ao me identificar com ele’”. A absoluta condenação dos membros do time que perdeu a Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai confirma a lógica. Em outros lugares, quando a dor da derrota e do constrangimento fosse diminuindo, provavelmente haveria um reconhecimento de que o time jogou um futebol extraordinário e de que há ocasiões em que o jogo não oferece o resultado que se quer ou se merece. Entretanto, no Brasil, o fracasso é revestido de uma vergonha sem fim, algo que nem mesmo as três conquistas da Copa do Mundo nos vinte anos seguintes foram capazes de apagar.

Então, como se preparar para vencer? Como responder ao novo estilo dos holandeses? Taticamente, o que aquela derrota tornou óbvio foi que o futebol moderno não tinha lugar para o velho criador do meio de campo. Em 1950, o Brasil tinha Danilo Alvim; em 1958 e 62, Didi; e em 1970, Gérson. Jogadores que recuavam e dirigiam o jogo — *registas*, como seriam conhecidos na Itália. Rivellino, movido do lado esquerdo para dentro, ocupou esse papel em 1974, mas se viu cercado por uma falange de camisas brancas da Holanda cada vez que tocou na bola.

Na Itália e na Espanha dos anos 1930, e na Argentina dos anos 1960, as ditaduras de direita levaram a um futebol duro, físico e pragmático. O mesmo aconteceu no Brasil. Como Vickery salienta, apesar da posterior

condenação ao regime militar, havia, à época, larga aceitação de que aquele poderia ser um passo necessário para o desenvolvimento econômico do país. O historiador David Aarão Reis, por exemplo, até questiona o termo “ditadura militar”, observando que “líderes empresariais, políticos, religiosos, entidades da sociedade civil — como a ordem dos advogados e o conselho de bispos, a direita em geral” — apoiaram o golpe, sugerindo ainda que “ditadura civil-militar” seria uma descrição mais precisa. O economista Celso Furtado, um opositor do regime, chamou-a de “ditadura militar-tecnocrata”, baseando-se na aliança das forças armadas com especialistas técnicos da classe média. Uma frota de economistas foi encarregada de conter a inflação crescente e o desemprego, enquanto uma gama de projetos de construção civil pôs os engenheiros em demanda. O futebol, naturalmente, também caiu nas mãos dos tecnocratas, especialmente os ligados aos militares.

A seleção nacional, é claro, fazia tempo que se habituara a aventuras com a ciência, do dentista e do psicólogo de 1958 ao treinamento da Nasa em 1970. Mas, após o México, o suporte técnico só aumentou. A partir de 1970, goleiros promissores passaram a ser supervisionados por Raul Carlesso, professor de educação física do exército que mais tarde escreveu um livro sobre os 25 atributos necessários a quem joga no gol. Em 1978, o Brasil ficou nas mãos de Cláudio Coutinho, o capitão do exército que trabalhara com Zagallo em 1970. Ele insistia que seu objetivo era a “polivalência” — o que parece ter sido outro termo para Futebol Total — e, quando convocou o arrojado Marinho Chagas para ser lateral esquerdo nas eliminatórias, parecia estar sendo coerente. Mas, no período de treinamento prévio à Copa do Mundo, Coutinho retornou ao que conhecia melhor — a preparação física. Seu time não era mais fluente e menos bruto do que a seleção de Zagallo quatro anos antes: a relação de Coutinho com Zico era turbulenta, Rivellino estava fora de forma e ele acabou escalando um lateral direito, Toninho, na ponta-direita. Mesmo assim, de alguma forma, o time conseguiu terminar o torneio em terceiro lugar.

Na Argentina, a reação à derrota para os holandeses não foi menos extrema, mas levou o futebol por um caminho diferente. O grande choque tinha acontecido dezesseis anos antes, em Helsimburgo, e já

estava em andamento uma contrarrevolução à revolução que ele havia provocado. O jogo físico e o uso de métodos moralmente duvidosos estavam fora de moda, e o que despertou então foi uma nostalgia da era perdida de *la nuestra*. Três semanas depois do jogo pela Copa Intercontinental contra o Milan, a revista *El Gráfico* publicou um artigo argumentando que a chamada *la Máquina* venceria o Estudantes. Surgira a necessidade de um time que tomasse o bastão e reintroduzisse o antigo estilo. Esse time apareceu em Rosário: o Newell's Old Boys, sob o comando de Miguel Antonio Juárez. Seu assistente, no entanto, é que seria consagrado: César Luis Menotti.

Menotti era uma figura encantadoramente romântica. Magro como um lápis, fumante compulsivo, com cabelos à altura dos ombros, costeletas grisalhas e um olhar penetrante. Era a personificação da boemia argentina. Era de esquerda, intelectual, um filósofo e artista que representava perfeitamente a tradição de romantismo do futebol argentino. Se uma parcela dos envolvidos com o jogo no país se preocupava apenas com o resultado e acreditava que os fins justificavam os meios, havia outra que enxergava o futebol como uma forma de expressão pessoal, um meio para que jogadores ou técnicos realizassem seus princípios éticos. “Eu sustento que um time é, acima de tudo, uma ideia”, disse Menotti. “Mais do que uma ideia, é um compromisso; mais do que um compromisso, é a convicção que um técnico deve transmitir a seus jogadores para defender essa ideia.

“Minha preocupação é que nós, os técnicos, não confiscemos o direito de fazer do futebol um espetáculo, em favor de uma leitura filosófica que não pode ser sustentada, que é a de evitar correr riscos. No futebol existem riscos, porque a única maneira de evitar correr riscos em um jogo é não jogando [...].

“E, para aqueles técnicos que dizem que só importa vencer, eu quero avisá-los que alguém sempre vence. Portanto, num campeonato de trinta times, existem 29 que devem se perguntar: o que eu deixei para este clube, o que eu trouxe aos meus jogadores, que possibilidades de crescimento ofereci a eles?

“Eu parto da premissa de que futebol é eficácia. Jogo para vencer, tanto ou mais do que qualquer egoísta que acha que vencerá por outros meios. Eu quero vencer a disputa. Mas não me submeto ao raciocínio

tático como a única forma de vencer. Ao contrário, eu acredito que a eficácia não se divorciou da beleza [...].”

Com Menotti, beleza e eficácia andavam de mãos dadas. Em 1973, ele ganhou o título Metropolitano com o Huracán, jogando um belíssimo futebol de ataque. “Vê-los jogar era um deleite”, afirmou um editorial do *Clarín*. “[O Huracán] encheu os campos argentinos de futebol e, com a cadência do tango, após 45 anos, devolveu o sorriso a toda a sua vizinhança.” Eles eram tão encantadores que, quando venceram o Rosario Central por 5 a 0, receberam aplausos até dos torcedores adversários. “O time caiu no gosto dos argentinos”, disse o atacante Carlos Babington. “Havia dribles, toques de primeira, canetas, *sombreros*, lances de um-dois e jogadas de ultrapassagem.”

Após a Copa do Mundo de 1974, Menotti assumiu a seleção nacional. Para ele, como disse Vickery, o futebol era “a verdadeira manifestação da classe trabalhadora do país”. Menotti não acreditava que o que a Holanda tinha feito invalidava o tradicional estilo sul-americano; a questão era que o ritmo deveria ser acentuado. “O objetivo do treinamento”, disse ele, “é aumentar a velocidade do jogador sem que ele perca a precisão.”

A ironia, obviamente, é que a grande confirmação da transformação ideológica do futebol argentino se desenrolou num ambiente político com o qual não poderia haver maior estranhamento. A presidente Isabel Perón tinha sido deposta por um golpe em 1976 e substituída por uma junta militar de direita que reprimiu violentamente aqueles que dela discordavam. A ditadura de Onganía levava à brutalidade e à desconsideração de virtudes artísticas no esporte, mas o relacionamento entre o futebol e o governo militar do final dos anos 1970 era muito mais complexo. Ao fazer deliberada referência a uma era perdida — “nossa vitória é um tributo ao velho e glorioso futebol argentino”, disse após a Copa do Mundo de 1978 —, Menotti apelou para o conservadorismo dos generais, e essa postura, somada ao fato de ter vencido o torneio, foi vista como compensação suficiente, já que sua forma de ver o mundo se opunha totalmente à ideologia da junta.

A maneira como se explorou o triunfo de 1978 claramente deixou Menotti desconfortável, e ele fala do assunto em detalhes em sua autobiografia *Fútbol sin Trampa*. O que deveria ter feito, Menotti se

pergunta: “Treinar times que jogavam mal, que baseavam toda sua estratégia em trapanças, que traíam os sentimentos das pessoas? Não, claro que não”. Em vez disso, segundo ele, seu futebol — como era livre e criativo — oferecia uma lembrança da Argentina livre e criativa que existira antes da junta. “Nós somos o povo”, disse ele, de acordo com relatos, aos jogadores antes da final. “Nós viemos das classes desfavorecidas e representamos a única coisa que é legítima neste país: o futebol. Não estamos jogando para as tribunas cheias de oficiais militares. Nós representamos a liberdade, não a ditadura.”

Ainda assim, isso não bastou para que se idealizasse o time de Menotti. É incrível que sua crença no talento não tenha ido tão longe a ponto de incluir Diego Maradona, então com dezessete anos, no elenco que disputou a Copa do Mundo — embora ele tenha sido responsável pela estreia de Maradona na seleção cerca de um ano antes. Talvez a comparação com Feola e o tratamento dado ao adolescente Pelé na Copa de 1958 seja injusta, mas é difícil evitá-la. É verdade que o 4-3-3 agressivo de Menotti tinha suas raízes em *la Máquina*, mas era uma atualização revestida de pragmatismo. No meio de campo, Américo Gallego era um clássico número 5 argentino. À frente dele, havia a encarnação moderna da formação de ataque em W, que manteve sua influência desde o final dos anos 1920. Na linha de frente, Leopoldo Luque jogou entre Daniel Bertoni e Oscar Ortiz. E, fazendo a ligação entre os setores, as versões modernas dos atacantes interiores: à esquerda, o artilheiro Mario Kempes, um número 10 direto; à direita, Osvaldo Ardiles, a personificação de um novo estilo de número 8, tecnicamente talentoso, porém incansável, sempre carregando e distribuindo a bola. Não que Gallego usasse a camisa 5 e Ardiles, a 8 — como reconhecimento à modernidade dos holandeses, a Argentina seguiu o exemplo de quatro anos antes e numerou seu time em ordem alfabética.

O futebol da Argentina naquele torneio foi emocionante em alguns momentos, mas tinha a força e a verticalidade que o distanciavam de *la nuestra*. Tomás Abraham sugere uma dose de duplicidade por parte de Menotti. “Ele usava o discurso tradicional”, disse, “mas, em 1978, trancou os jogadores em um laboratório por meses, sem mulheres, tomando vitaminas [...], [praticando] um ritmo de jogo que, quando foi levado a campo, para os rivais húngaros pareceu até mesmo

desesperado.” A Hungria, batida por 2 a 1 no estádio Monumental, no primeiro jogo da Argentina no torneio, ficou tão frustrada por uma série de faltas irritantes que Tibor Nyilasi e András Törőcsik foram expulsos por retaliações nos últimos três minutos — praticamente a única coisa que uniu os dois grandes rivais em suas carreiras. “Menotti preparou os jogadores fisicamente com avanços técnicos”, prosseguiu Abraham, “mas seu discurso era o seguinte: o importante é sentir a bola, passá-la, massageá-la, jogar com ela.”

Levando em conta os desenvolvimentos em organização defensiva e preparação fisiológica, um certo nível de compromisso entre a ciência e a arte talvez fosse mesmo a expectativa mais realista, mas é difícil negar que o sucesso da Argentina teve enredo controverso. Principalmente pela partida da segunda fase contra o Peru. Uma estúpida programação de jogos significou que a Argentina sabia que precisaria vencer o adversário por três gols, marcando pelo menos quatro, para se classificar à final. Eles fizeram isso e mais, vencendo por 6 a 0, mas o resultado ficou para sempre marcado por suspeitas.

Em 1986, o *Sunday Times* citou um funcionário público anônimo que alegou que o governo argentino teria enviado 35 mil toneladas de grãos — e possivelmente armas — para o Peru, e que o banco central argentino liberou milhões em ativos peruanos. Mas as alegações não foram provadas e o fato de a história ter sido publicada no dia em que Inglaterra e Argentina se encontraram nas quartas de final da Copa do Mundo não sugere se tratar de jornalismo meticuloso e imparcial.

É bem provável que uma pessoa que assista ao vídeo do jogo sem conhecimento do contexto não enxergue nada de inapropriado. Juan José Muñante acertou a trave para o Peru no começo do encontro, enquanto o goleiro Ramón Quiroga, que nasceu na Argentina e posteriormente receberia boa parte da culpa, fez uma série de defesas difíceis. Se o jogo foi mesmo manipulado, a impressão é de que ninguém avisou o time peruano até a metade do primeiro tempo. Certamente o Peru esmoreceu depois de Alberto Tarantini, com um mergulho de cabeça, ter marcado 2 a 0 pouco antes do intervalo, mas isso não surpreende. Eles já estavam fora do torneio, havia 37 mil pessoas espremidas dentro do Estádio Gigante de Arroyito criando uma atmosfera assustadora e o trabalho de passes da Argentina, em alguns

momentos, foi sensacional. O voleio de Kempes que anotou 3 a 0, e o sexto gol, de Luque, resultaram de jogadas magníficas.

Onde existiu claramente a má conduta — a *viveza*, o uso de práticas duvidosas, trapaça, seja qual for o termo — foi antes da final contra a Holanda. O ônibus que levava o time holandês fez um caminho propositalmente longo do hotel ao estádio e torcedores o cercaram, batendo nas janelas, cantando e intimidando. Mais tarde, a Argentina demorou a entrar em campo para o início do jogo, deixando a Holanda exposta à fúria do público. Quando eles finalmente apareceram, decidiram reclamar a respeito do gesso no braço de René van de Kerkhof. Como ele tinha jogado com o braço engessado durante todo o torneio, a reclamação só pode ter sido levada adiante para irritar os holandeses. A atuação do árbitro italiano Sergio Gonella foi fraca e a Argentina foi favorecida em várias decisões. Depois de uma bola na trave de Rob Rensenbrink no último minuto, dois gols na prorrogação, de Kempes e Daniel Bertoni, deram o título aos argentinos.

Vitória para a Argentina, vitória para a junta, vitória para Menotti e, embora ligeiramente manchados e ligeiramente modificados para se adaptar à era moderna, vitória para os ideais de *la nuestra*.



ARGENTINA 3 A 1 HOLANDA, ESTÁDIO MONUMENTAL,
BUENOS AIRES, 25 DE JUNHO DE 1978

O Brasil só voltou a se libertar em 1982, não por coincidência, talvez, sob o impiedoso calor espanhol. Falcão jogou a estreia, contra a URSS, apenas porque Toninho Cerezo estava suspenso, mas ele foi tão bem que teria de permanecer no time. O técnico Telê Santana seguiu a mesma política de Zagallo em 1970 e deixou seus jogadores resolverem a questão. Com Zico e Sócrates na equipe, a seleção brasileira tinha quatro meios-campistas criativos extremamente talentosos, mas nenhum atacante aberto além de Éder. Novamente, a deficiência se transformou em virtude, pois Cerezo e Falcão — ambos *registas* — jogaram atrás de Zico e Sócrates — os *trequartistas* —, enquanto Éder foi escalado como uma espécie de centroavante auxiliar, jogando ao lado do desajeitado Serginho Chulapa, que certamente nunca teria chegado perto do time se Reinaldo ou Careca não estivessem machucados.

Desse modo, a formação era um 4-2-2-2, com uma forte coluna central flanqueada por dois laterais ofensivos, Leandro e Júnior. Em um contexto europeu, a análise indicaria um time sem amplitude para os

lados, mas o Brasil tinha tanta fluidez e qualidade com a posse da bola que criava a amplitude com o próprio movimento. O sistema nunca se difundiu — o técnico brasileiro Vanderlei Luxemburgo tentou instituir no que chamou de “quadrado mágico” no Real Madrid, em 2005, e falhou em meio ao espanto geral —, mas parecia servir à mentalidade brasileira, com os dois meios-campistas recuados (em 1994, quando ocuparam as posições, Dunga e Mauro Silva eram legítimos jogadores de contenção) proporcionando uma plataforma para quatro homens ofensivos — dois centroavantes e dois *trequartistas* — e ainda permitindo que os laterais avançassem pelos flancos, como vinha se fazendo no Brasil desde os dias de Nílton Santos.

O Brasil de 1982 produziu o futebol mais estimulante que a Copa do Mundo testemunhou desde 1970. Eles bateram a URSS por 2 a 1, golearam a Escócia por 4 a 1 e a Nova Zelândia por 4 a 0, praticando um jogo fluido, aparentemente sem esforço, repleto de passes deliciosamente angulados e de assustadores chutes de longa distância. Na segunda fase de grupos, o Brasil venceu a Argentina confortavelmente, o que deixou o time a um empate, contra a Itália, de alcançar as semifinais. A questão era considerada mera formalidade.

A Itália estava na fase do *gioco all'italiana*, não mais no puro *catenaccio*, mas ainda era um time bastante defensivo. Assim como a partida acontecida no estádio Azteca, em 1970, o encontro com o Brasil no estádio Sarrià foi visto como uma alegoria. Para tentar aliviar o problema da inferioridade numérica no meio de campo, causado pela versão de Herrera do *catenaccio*, o futebol italiano seguiu o caminho dos holandeses e alemães, tornando o líbero um jogador muito mais versátil — um atacante convertido, como Pierluigi Cera ou Gaetano Scirea, e não mais um lateral convertido, como Ivano Blason ou Armando Picchi —, capaz de sair de trás e atuar como um meio-campista a mais quando o próprio time tivesse a bola.

A Itália tinha começado o torneio devagar, passando pela primeira fase de grupos — na qual empatou os três jogos que fez — apenas por ter feito um gol a mais do que Camarões, que também empatou três vezes. Paolo Rossi, retornando de uma longa suspensão por seu envolvimento em um escândalo de manipulação de resultados, parecia longe da melhor forma, mas uma vitória por 2 a 1 sobre a Argentina lhes

deu confiança e gerou dúvidas entre os brasileiros. Waldir Peres, então o mais recente de uma longa linhagem de desafortunados goleiros brasileiros, admitiu antes do jogo que sua grande preocupação era que Rossi repentinamente acordasse. Mostrou-se melhor como vidente que debaixo das traves.

Esse foi o melhor jogo de Copa do Mundo em todos os tempos? Provavelmente, apesar de a vitória da Hungria sobre o Uruguai, em 1954, sempre ter seus defensores. A partida certamente teve contornos épicos, uma impressão aumentada pelo fato de o estádio estar superlotado, com bem mais que os 44 mil torcedores oficialmente registrados. Se o Brasil tivesse marcado um gol cedo, a Itália poderia facilmente ter desanimado, pois seu sistema e sua mentalidade não estavam preparados para jogar atrás no placar. Mas foram os italianos que tomaram a vantagem aos cinco minutos, quando Bruno Conti avançou quase quarenta metros sem ser incomodado, cortou para dentro e acionou o lateral esquerdo Antonio Cabrini, que cruzou para Rossi retribuir a confiança do técnico Enzo Bearzot com um bonito cabeceio.



ITÁLIA 3 A 2 BRASIL, SEGUNDA FASE DE GRUPOS DA COPA DO MUNDO,
ESTÁDIO SARRIÀ, BARCELONA, 5 DE JULHO DE 1982

E assim o padrão foi estabelecido: ataque brasileiro e resistência italiana. Sete minutos depois, a partida estava empatada. Sócrates tabelou com Zico e avançou para finalizar entre Zoff e a trave esquerda. Parecia certo que o Brasil venceria — e talvez tivesse vencido, não fosse por um erro espantoso de Toninho Cerezo, que tentou fazer um passe na direção de Júnior aos 25 minutos. Rossi, de volta ao papel de caçador, roubou a bola e superou Waldir Peres. Dessa vez, a vantagem resistiu por mais tempo e o Brasil começou a se irritar. Com a chance de fazer 3 a 1 na metade do segundo tempo, Rossi chutou mal e, dois minutos mais tarde, o Brasil empatou com o chute potente de Falcão. Novamente, a impressão era de que os brasileiros prevaleceriam.

Necessitando de um empate para se classificar, a melhor estratégia talvez fosse se fechar e proteger o placar já obtido, mas esse não era o jeito brasileiro de jogar. Eles continuaram atacando e pagaram o preço. Um escanteio cobrado por Conti foi afastado parcialmente, Marco Tardelli bateu para o gol e Rossi, em condição legal por um cochilo de

Júnior, desviou para a rede. Como Glanville disse, foi “o jogo em que o fantástico meio de campo do Brasil, finalmente testado, não conseguiu compensar as deficiências que havia atrás e à frente dele”.

Além disso, foi um jogo que se assentou sobre uma ruptura histórica e, diferentemente de 1970, o futebol acompanhou os vitoriosos — se não na forma, no estilo. Zico disse que foi “o dia em que o futebol morreu”, mas concordar com isso seria enxergar tudo pela percepção particular de um brasileiro romântico. De fato, aquele foi o dia em que uma certa ingenuidade no futebol morreu; depois dele, deixou de ser possível simplesmente escolher os melhores jogadores e permitir que eles atuassem como quisessem; foi o dia em que o sistema venceu. Ainda havia lugar para grandes talentos ofensivos individuais, mas eles deveriam estar incorporados numa organização que os protegesse e lhes desse cobertura.

O estilo de jogo de Telê Santana chegou a 1986, quando o Brasil foi derrotado nos pênaltis após um memorável jogo de quartas de final contra a magnífica França, construída ao redor do meio de campo *carré magique*, com Luis Fernández, Alain Giresse, Jean Tigana e Michel Platini. Mas, em 1990, sob o comando de Sebastião Lazaroni, a seleção brasileira adotou o terceiro zagueiro e jogou no 3-5-2, um sistema que servia a seus laterais e a mais ninguém. As estatísticas tinham assumido o lugar dos velhos instintos.

Segundo um estudo feito pelo especialista em preparação física Moraci Sant’anna na metade dos anos 1990, os jogadores corriam duas vezes mais do que vinte anos antes. A lógica parecia indiscutível: um meio de campo brasileiro baseado em elaboração e passes tinha sido esmagado pela pressão holandesa em 1974. Duas décadas depois, quando a pressão se tornara ainda mais feroz, voltar atrás não fazia sentido. O desenvolvimento físico dos jogadores significou que havia menos tempo e espaço e mais contato. Isso, é claro, se tratava de uma reclamação antiga, mas que não invalida a conclusão: os jogadores brasileiros deveriam ser tão fortes e preparados quanto os europeus e, se isso custasse um declínio em termos técnicos e de estilo, era o preço necessário a pagar pelo progresso. Em 1958, o Brasil tinha Didi e Zito no centro do meio de campo; em 2010, tinha Gilberto Silva e Felipe Melo.

Por algum tempo, a teoria funcionou: entre 1994 e 2002, o Brasil disputou três finais seguidas de Copa do Mundo e ganhou duas. Além disso, conquistou cinco edições da Copa América entre 1997 e 2007 (todas em território estrangeiro — algo que o país nunca havia conseguido). Mas esses sucessos jamais chegaram a provocar o mesmo tipo de alegria ou admiração que as vitórias de 1958 a 1970. Zizinho escreveu em sua autobiografia, em 1985, que o futebol brasileiro “deu ao meio-campista central, o homem que tem 70% da posse de bola do time em suas mãos, a função específica de destruir, quando ele deveria ser o construtor do jogo”. Desde então, a ênfase pendeu ainda mais para o lado da destruição.



15. O pragmatismo inglês (2)

Como muitas vezes acontece, o progresso começou com um resultado negativo. O gol de Chris Lawler na derrota por 2 a 1 no jogo de ida, fora de casa, tinha dado ao Liverpool a esperança de superar o Estrela Vermelha, de Belgrado, na partida de volta e chegar às quartas de final da Copa da Europa de 1973-4. Mas, em Anfield, o Estrela, comandado por Miljan Miljanić, executou um brilhante jogo de contra-ataque e fez dois gols com Vojin Lazarević e Slobodan Janković — chegando à vitória por 4 a 2 no placar agregado.

No dia seguinte, 7 de novembro de 1973, numa pequena sala sem janela no corredor que leva aos vestiários em Anfield, seis homens deram início à mudança de estilo que levou os clubes ingleses a dominar a Europa no final dos anos 1970 e no começo da década seguinte. A “sala das chuteiras”, como o espaço ficaria conhecido, não era um lugar óbvio para se planejar uma revolução. Era pequena e tinha um carpete surrado, ganchos na parede onde se penduravam as chuteiras dos jogadores e decoração com fotos do time e calendários de mulheres seminuas. Joe Fagan, o técnico do primeiro time sob Bill Shankly, iniciou a tradição de reuniões após os jogos ali, com caixas de cervejas fornecidas pelo presidente da Guinness Exports. No começo, ele só se reunia com Bob Paisley, à época o fisioterapeuta do time, mas outros membros do estafe do Liverpool começaram a aparecer. “O debate era mais abrangente na sala das chuteiras que na sala de reuniões do clube”, disse Paisley. “O que se falava era mantido dentro daquelas quatro paredes. Havia uma certa atmosfera mística no local.”

Técnicos de times adversários dispostos a oferecer informações e opiniões sobre jogadores eram convidados, e até Elton John visitou a sala durante seu período como presidente do Watford. Diz a lenda que, quando lhe ofereceram uma bebida, ele pediu gim rosa e recebeu uma cerveja. A sala das chuteiras foi crescendo em importância gradualmente, se transformando na prática em uma espécie de arquivo, onde os técnicos poderiam recorrer a livros com registros de detalhes

sobre treinamentos, táticas e jogos. Em *Winners and Losers: The Business Strategy of Football*, o economista Stefan Szymanski e o consultor de negócios Tim Kuypers argumentam que o sucesso do Liverpool nos anos 1970 e 1980 foi resultado da estrutura organizacional do clube, na qual a sala das chuteiras era crucial. “A sala das chuteiras”, escreveram “era um tipo de banco de dados do clube, não apenas sobre fatos e números, mas um registro do espírito do clube, de suas atitudes e sua filosofia.”

Em novembro de 1973, porém, a maior parte desse sucesso ainda não havia chegado, e o Liverpool estava diante de um impasse. O Estrela Vermelha, semifinalista da Copa da Europa de 1970, era um time competente, sem dúvida, mas a maneira como tinha obtido a vitória apontava para uma deficiência mais essencial no caso dos ingleses. Então uma reunião foi marcada na sala das chuteiras. Shankly, Fagan e Paisley foram acompanhados por Ronnie Moran, o técnico do time B, Tom Sanders, que supervisionava o desenvolvimento de jogadores jovens, e pelo técnico-chefe Reuben Bennett, um escocês disciplinador, famoso pelo hábito de dizer a jogadores machucados que massagassem o local onde sentiam dores com uma escova de aço ou um pedaço de salmão.

Não se tratava exatamente de um comitê de crise, mas os temas discutidos eram fundamentais: por que o Liverpool, soberano na Inglaterra, era tão vulnerável na Europa? Apesar do histórico inglês de mau desempenho, ter percebido a falha é uma marca do perfeccionismo de Shankly. Afinal, o Liverpool tinha vencido a Copa da Uefa na temporada anterior, derrotando o Borussia Mönchengladbach por 3 a 2 no placar agregado da final. Nos anos anteriores a esse sucesso, entretanto, o Liverpool fora eliminado em torneios europeus por times como o Ferencváros, o Athletic Bilbao e o Vitória de Setúbal. Nenhum deles era um completo peixe pequeno, mas também não eram clubes da nata da Europa.

Se o triunfo na Copa da Uefa sugerira que o Liverpool tinha encontrado uma solução, a derrota para o Estrela Vermelha foi uma desilusão enfática. “Eles têm um bom time”, disse Shankly, “só que nossos torcedores não pagariam para ver o futebol que eles jogam.” O fato de estarem preparados para manter a posse e frustrar os

adversários, no entanto, ensinou uma importante lição ao Liverpool. “Nós percebemos que de nada adiantava recuperar a bola sem saber o que fazer”, disse Paisley. “Os melhores times europeus nos mostravam como sair da defesa efetivamente. A velocidade do movimento era ditada pelo primeiro passe. Nós tivemos de aprender a ser pacientes como eles e a pensar nos dois ou três movimentos seguintes à recuperação da bola.”

A sala das chuteiras decidiu que os dias do velho zagueiro *stopper* tinham acabado: era necessário ter defensores que soubessem jogar. Larry Lloyd, exatamente o tipo de defensor que eles acabavam de declarar extinto (embora tenha experimentado um improvável renascimento no Nottingham Forest, posteriormente), rompeu um músculo da coxa e Phil Thompson, originalmente um meio-campista, foi recuado para ser parceiro de Emlyn Hughes no centro da defesa. “Os europeus mostraram que construir o jogo desde a defesa é a única forma de jogar”, explicou Shankly. “Isso começou na Europa continental, e adaptamos a ideia ao nosso jogo no Liverpool, onde o sistema sempre foi coletivo. Quando Phil Thompson recuou para jogar com Hughes, o jogo ficou mais fluido e, talvez, menos previsível. Assim se configurou o padrão que foi seguido por Thompson e [Alan] Hansen anos depois.

“No Liverpool, percebemos que você não conseguirá marcar um gol toda vez que tiver a bola. E aprendemos isso com a Europa, com os latinos europeus. Quando eles saem com a bola de trás, jogam em pequenos grupos. O padrão do adversário muda à medida que eles mudam. Isso cria espaço para que jogadores como Ray Kennedy e Terry McDermott, que jogaram no Liverpool depois que eu saí, apareçam para o passe final. É um jogo de gato e rato por um tempo, à espera da abertura para o último passe. É simples e efetivo [...]. Os espectadores também precisam de tempo para se ajustar a isso.”

Shankly não era um grande tático — tendia a deixar essa parte do jogo com Paisley e se entediou tanto quando esteve em um curso para técnicos de uma semana, em Lilleshall, que foi embora na terça-feira —, mas, a partir do momento de sua chegada ao Liverpool, já tinha uma ideia clara do estilo com o qual gostaria de atuar. Um artigo no *Liverpool Echo*, de dezembro de 1959, afirmou que “Shankly é um discípulo do

jogo praticado no continente. O homem que não tem a bola, para ele, é tão importante quanto o homem que a tem a seus pés. O futebol do continente não é um jeito preguiçoso de jogar. O objetivo de Shankly será ter movimentos incisivos de ataque, como os usados pelos times do continente para abrir defesas fechadas pelos padrões britânicos. Ele fará seus jogadores aprenderem a dominar a bola e passá-la na mesma ação [...], ele os fará praticar o completo domínio da bola”.

O texto pode ser exagerado, mas Shankly certamente acreditava no valor do controle de bola quase tão profundamente quanto Jimmy Hogan. No centro de treinamento de Melwood, ele montou um quadrado no chão com quatro tábuas. O jogador ficava no meio e era chamado a chutar de primeira ou a dominar as bolas que vinham dos quatro cantos.

“Acima de tudo”, disse Shankly, “o principal objetivo é que todos possam controlar a bola e fazer as coisas básicas no futebol. É controle e passe... controle e passe... o tempo todo. Para a defesa, você procura alguém que saiba controlar a bola instantaneamente e então dar um passe para a frente. Isso lhes dá mais espaço e mais tempo para respirar. Se você demora, o adversário já voltou e se posicionou atrás da bola. É uma ação bem simples e, claro, muito econômica.

“No Liverpool, ninguém corre com a bola do nosso campo até o campo do adversário. Não encorajamos isso de nenhuma forma. Isso não tem sentido. Quem tem a bola no time do Liverpool quer opções, quer escolhas [...], quer ao menos dois homens para passar a bola, talvez três, talvez mais [...]. É pegar a bola, dar logo um passe, fazê-la ir de um jogador para o outro, sempre se movendo. Você pode não estar indo muito longe, mas o padrão de posicionamento do adversário vai se alterando. No fim, alguém vai entrar no espaço.” O time que ganhou o campeonato em 1964 jogava em um W-M convencional, mas Shankly estava preparado para fazer mudanças. Na temporada seguinte, o Liverpool enfrentou o Anderlecht pela segunda rodada da Copa da Europa, pouco depois de a Inglaterra ter disputado um amistoso contra uma seleção belga que tinha sete jogadores do Anderlecht. Shankly foi a Wembley assistir ao jogo e notou a ameaça representada por Paul van Himst e Jef Jurion. Foi sua a decisão de usar calções vermelhos naquela partida — a primeira vez que o uniforme do Liverpool foi inteiramente

dessa cor — o que chamou muita atenção, mas igualmente significativa foi a ideia de recuar um atacante interior para usar Tommy Smith como defensor central auxiliar; um dos primeiros exemplos de clube inglês utilizando quatro jogadores atrás.

O episódio sugere flexibilidade, a ideia de que o jeito inglês de jogar não era o único, mas Paisley admitiu que a abordagem do grupo era um tanto frenética: “Tratávamos todos os jogos como uma guerra. A força do futebol britânico estava no ataque à bola, mas os times do continente nos tiraram isso quando aprenderam a interceptar os passes”. Essa foi a falha que a revolução de 1973 corrigiu; e, depois que Paisley substituiu Shankly em 1974, o Liverpool passaria a ser definido pelo paciente estilo de troca de passes. Esse estilo levou o clube a quatro conquistas de Copas da Europa entre 1977 e 1984, e foi com uma abordagem similar que o Nottingham Forest, sob o comando de Brian Clough, conquistou suas duas Copas continentais.

Clough tinha sido um atacante prolífico no Middlesbrough e no Sunderland — ainda é o jogador que precisou de menos jogos para marcar 250 gols nas ligas inglesas —, mas sua carreira foi encerrada em razão de uma lesão no joelho, acontecida no Boxing Day de 1962. Ele flertou com o alcoolismo durante o período de convalescência, mas, depois de causar boa impressão no pequeno Hartlepool United, foi nomeado técnico do Derby County, à época na segunda divisão, em 1967. Junto com seu assistente, Peter Taylor, levou o clube à promoção na segunda temporada e então, espantosamente, ao título da liga principal em 1972 e à semifinal da Copa da Europa no ano seguinte.

Mas os dois foram embora do clube seis meses depois. Clough, que teve problemas para lidar com a autoridade durante toda a carreira, se desentendeu com o presidente Sam Longson e pediu demissão. Ele esteve no Brighton, da quarta divisão, antes de uma desastrosa passagem de 44 dias pelo Leeds United, onde substituiu seu grande rival, Don Revie. Rejeitado pelos jogadores com quem se estranhara seguidas vezes quando dirigia o Derby, Clough então se afastou do futebol por mais de um ano, antes de assumir o Nottingham Forest. Como o Derby, o Forest era um time provinciano da segunda divisão, que nunca tinha vencido a liga. Clough o conduziu à promoção em sua segunda temporada e conquistou o título principal na terceira. Ainda

mais surpreendentemente, venceu com o clube a Copa da Europa no ano seguinte e manteve o título uma temporada depois. O Forest continua sendo o único clube a ter conquistado o maior título europeu mais vezes do que sua liga doméstica.

Mesmo nos anos 1980, quando o dinheiro acabou, Clough manteve o Nottingham Forest entre os seis melhores times do país, conhecido pelo futebol organizado, paciente e coletivo. “Um time”, disse ele, “só floresce quando tem a bola. As flores precisam da chuva — é um ingrediente vital. O senso comum diz que o principal ingrediente do futebol é a bola.” Seus talentos o desertaram apenas quando o alcoolismo, uma sombra à espreita durante toda sua carreira como técnico, o capturou. O Forest foi rebaixado em sua última temporada no comando, a primeira temporada da Premier League, 1992-3, quase como um sinal de que o novo mundo não tinha lugar para um rebelde.



LIVERPOOL 3 A 1 BORUSSIA MÖNCHENGLADBACH,
ESTÁDIO OLÍMPICO, ROMA, 25 DE MAIO DE 1977

Clough é um dos únicos quatro técnicos que conquistaram o título da liga inglesa com dois times (os outros são: Tom Watson com o Sunderland e o Liverpool; Chapman com o Huddersfield Town e o Arsenal; e Kenny Dalglish com o Liverpool e o Blackburn Rovers), e o fato de ambos os clubes estarem na segunda divisão quando ele os assumiu, e terem voltado a esse patamar depois de sua passagem, é certamente indicativo de sua genialidade: ele transformou times provincianos em campeões apenas com a força de sua personalidade. Clough foi um dos primeiros técnicos a reconhecer o poder da mídia e a manipulá-lo. Sua fala arrastada era um presente para imitadores e comediantes. Ele se divertia com a atenção, preparando frases de efeito e usando-as no momento certo, sempre reforçando a própria grandeza. “Roma não foi construída em um dia”, disse ele certa vez, “porque esse trabalho não foi entregue a mim.”

Ao menos na Grã-Bretanha, ele foi o primeiro técnico-celebridade. O público adorava seu tom arrogante e seus comentários sarcásticos, mas havia algo sombrio por trás da máscara. Com o tempo, à medida que o alcoolismo foi piorando, a máscara e o rosto se fundiram e Clough, o homem, se transformou em “Clough”, a personalidade, recorrendo a uma caricatura de si mesmo para manter seus demônios à distância. “Se o conhecesse pessoalmente tão bem quanto profissionalmente, você encontraria um personagem contraditório”, escreveu Duncan Hamilton — jornalista do *Nottingham Evening Post* que trabalhou com Clough por vários anos — no suplemento produzido pelo jornal quando o técnico se aposentou. “Ele era surpreendente. Havia a persona pública, determinada a manter protegida sua vida pessoal, e havia o Clough extrovertido, com o senso teatral de um brincalhão, que, apesar disso, não gostava de se apresentar diante do público. Ele podia ser difícil, ranheta, rancoroso, pretensioso, colérico e desnecessariamente rude. Ou podia ser compassivo, charmoso, exageradamente generoso e até se esforçar para não incomodar ninguém [...]. Em certas ocasiões, podia ser tudo isso ao longo de uma mesma hora.”

A única constante, pelo menos até bem perto do final, foi o brilho de sua mente futebolística. Clough sempre tratou com desprezo o que definia como “jogadores de botão sendo movidos em um campo de madeira”, mas sugerir que ele ignorava a tática é absurdo. Ao contrário,

ele era um mestre da estratégia, e sabia como ninguém contratar jogadores que se complementavam tão bem a ponto de tornar desnecessárias as orientações individuais mais sofisticadas. Sua eficiência é demonstrada pelo alto número de jogadores que pareciam craques no Forest e fracassaram quando foram vendidos. Não que Clough se permitisse falar no assunto. Mantendo com firmeza a tradição do anti-intelectualismo inglês — uma postura estimulada por seu próprio fracasso enquanto aluno ao longo do ensino médio —, que servia muito bem à imagem que construía para si mesmo, ele zombava de quem tentava explicar o jogo com algo que fosse além das palavras mais simples. Revie, que nasceu a alguns quilômetros de distância de Clough em Middlesbrough, nove anos antes, estudava os adversários com rigor a fim de produzir relatórios para seus atletas. Para Clough, isso era típico de seu inimigo: passar pelo esperto que arruinava a beleza simples do jogo com suas duvidosas complicações.

Seu sistema era simples e pouco se transformou ao longo do tempo. “Dizer a eles como jogar”, disse Taylor sobre o time do Derby, “não demorava nada. Para [o centroavante John] O’Hare era: ‘Segure a bola mesmo que batam em você’. Para [o artilheiro Kevin] Hector: ‘Preste atenção em O’Hare. Você deve estar pronto quando ele lhe passar a bola’. E, para [o ponta Alan] Hinton, ele não dizia nada além de: ‘Fique aberto na ponta’.” O meio-campista Alan Durban se lembrou de ter ouvido apenas que devia se responsabilizar por sua área do gramado, orientação que bastou para que mantivesse sua posição e protegesse o lateral direito, em vez de correr por todo o campo procurando a consagração.

No Forest, John Robertson, um ponta lento, porém talentoso, assumiu o papel de Hinton, criando as jogadas pelo lado esquerdo, com Garry Birtles segurando a bola no ataque para Tony Woodcock ou Trevor Francis. A falta de mobilidade de Robertson era compensada por Martin O’Neill no lado direito do meio de campo, que permitia que os dois meios-campistas centrais — normalmente John McGovern e Ian Bowyer — fizessem a cobertura do lado esquerdo. A amplitude do lado direito era fornecida pelas jogadas de ultrapassagem do lateral Viv Anderson.

Por mais que evitasse falar sobre tática, Clough, quando necessário, dava instruções individuais aos jogadores. Foi assim na Copa da Europa

de 1978-9, no jogo de volta contra o Liverpool, quando o Forest protegeu a vantagem de 2 a 0 obtida na partida de ida. “Minutos antes de sairmos do vestiário do time visitante em Anfield, ele me disse que eu jogaria como um lateral direito adicional, na frente de Viv Anderson”, escreveu Archie Gemmill, um dos meios-campistas de Clough, em sua autobiografia. “O chefe explicou rapidamente que Steve Heighway e Ray Kennedy participavam muito do jogo e adoravam atacar pelo lado esquerdo, por isso ele queria que Viv e eu ficássemos atentos naquela área.” Instruções simples e minimalistas, fundamentadas na teoria básica de Clough, de que aos jogadores, escolhidos estrategicamente para se combinarem bem, bastava atribuir as responsabilidades. Mas a estratégia essencial em campo sempre permaneceu a mesma: o 4-4-2 com um ponta aberto e avançado, e o outro recuado e por dentro, com a manutenção da bola como prioridade.

Enquanto o Liverpool e o Nottingham Forest adotavam um jogo de passes baseado na posse de bola, na mesma época outra ala do futebol inglês caminhava na direção oposta, optando pelo estilo chamado de “kick-and-rush”, ou “chute-e-corrida”. Essa foi a base da ascensão do Watford e do Wimbledon — clubes pequenos que aprenderam a sobreviver entre os grandes —, mas, de modo prejudicial, tornou-se também a doutrina de escolha na Associação de Futebol. Quando Charles Hughes assumiu como diretor técnico da FA, o esporte na Inglaterra foi colocado nas mãos de um fundamentalista, um homem que, argumenta Brian Glanville, “envenenou as cisternas do futebol inglês”.

Hughes ainda tem muitos defensores, mas, ainda que a avaliação de Glanville esteja correta, os feitos do Watford e do Wimbledon não devem ser desprezados — ou, pelo menos, não apenas por causa do tipo de jogo direto que praticavam. No futebol inglês, os anos 1970 são lembrados como a era dos rebeldes, de tipos como Alan Hudson, Frank Worthington e Stan Bowles, indivíduos que não se encaixavam no esquema cada vez mais sistematizado que se tornara o modelo-padrão desde o sucesso de Ramsey na Copa do Mundo. A característica historicamente mais significativa da década, no entanto, foi a introdução da pressão.

E, no país, ela chegou vinda de uma fonte surpreendente: um jovem técnico que começou a carreira no Lincoln City e, com os recursos que tinha à disposição, levou assombroso sucesso ao Watford: Graham Taylor. O fracasso com a Inglaterra na tentativa de se classificar para a Copa do Mundo de 1994 e as severas críticas que recebeu mancharam sua reputação, mas, no final da década de 1970, ele era o técnico mais radical do país. Houve quem o reduzisse a um apóstolo da bola longa, mas, como ele, Stan Cullis e muitos outros técnicos — voltando até Herbert Chapman — observaram, é simplesmente impossível que um time tenha sucesso se tudo o que ele faz é chutar a bola para frente sem qualquer objetivo. “Quando é”, perguntou Taylor, “que um passe longo se torna apenas uma bola longa para a frente?”

Muitos técnicos prosperaram após carreiras não tão brilhantes como jogadores — de fato, para os verdadeiramente revolucionários, isso é quase um pré-requisito —, mas Taylor parece ter descoberto, quase desde o início, que seu futuro estaria no comando técnico, não dentro do campo. “Minha intenção era continuar progredindo nos estudos, fazer os exames e me tornar professor”, disse. “Eu saí da escola no final do ensino médio para me tornar jogador, mas continuei suficientemente interessado em minha educação para perseguir um diploma de técnico e, por isso, aos 21 anos já tinha minha qualificação. Estava sempre lendo e procurando ideias.” Uma das ideias pelas quais Taylor se interessou foi a pressão, cujas possibilidades ficaram claras para ele depois de ler uma série de artigos a respeito de Viktor Maslov na revista para técnicos da FA.

Taylor passou quatro anos no Grimsby Town antes de ir para o Lincoln City. Ele obteve a formação completa da FA para técnicos aos 27 — o mais jovem até hoje — e, após uma lesão no quadril abreviar sua carreira de jogador, assumiu o time em 1972, com 28 anos. Quatro anos depois, Taylor levou o Lincoln ao título da quarta divisão, estabelecendo o recorde de pontos, de vitórias e de menor número de derrotas em uma temporada.

Mas foi depois que Elton John o escolheu como técnico do Watford, em 1977, que aconteceu o grande salto. Taylor recebeu a oferta de um contrato de cinco anos, mas, antes de aceitá-la, perguntou ao dirigente o que se esperava dele naquele período. “O Watford estava na quarta

divisão”, disse Taylor, “e só havia passado três anos de sua história na segunda divisão, então pensei que ele diria que queria um futebol de segunda divisão. Mas ele disse que desejava que nós jogássemos na Europa. Era um cantor no auge da carreira, me oferecendo um contrato de cinco anos e me pedindo para levar o Watford para a Europa — e, cinco anos depois, estávamos lá.”

Mesmo para os padrões de volatilidade dos anos 1970, a ascensão do Watford foi extraordinária. Eles foram promovidos em 1978, novamente em 1979, e de novo em 1982. Na temporada seguinte, terminaram em segundo lugar na primeira divisão e, um ano depois, perderam a final da FA Cup. Taylor admite que a forma como seu time jogava tinha suas limitações, mas não se desculpa por isso. “Nosso estilo se baseava em pressionar a bola onde ela estivesse”, explicou. “Mesmo que o lateral direito adversário tivesse a bola no fundo de seu campo, nós o pressionávamos. Jogávamos futebol de alta intensidade, o que significava que precisávamos estar extremamente bem preparados fisicamente. Quando o placar está em 0 a 0 e faltam três ou quatro minutos para o final, o que os jogadores fazem? Eles mandam a bola para a frente. E os jogadores vão atrás. Mas, se eles podem fazer isso nos últimos minutos, por que não fazer desde o início? Com o nosso time em forma, era isso que tentávamos fazer. Estávamos sempre atacando; eu sabia que não chegaríamos à Europa nos defendendo.”



EVERTON 2 A 0 WATFORD, FINAL DA FA CUP,
WEMBLEY, LONDRES, 19 DE MAIO DE 1984

Jogos com muitos gols se transformaram em norma: em temporadas seguidas, o Watford, por exemplo, empatou em casa com o Everton por 4 a 4 e perdeu fora por 5 a 4. Eles venceram o Notts County duas vezes por 5 a 3 e golearam o Sunderland por 8 a 0. Na temporada 1982-3, derrota por 6 a 1 em Norwich e por 7 a 3 na Copa da Liga, para o Nottingham Forest. Nos últimos três jogos de 1984-5, vitórias sobre o Tottenham e o Manchester United por 5 a 1 e derrota por 4 a 3 em Liverpool. Era insano, mas, de maneira geral, funcionava. Entre 1982-3 e 1986-7, última temporada antes de Taylor ir para o Aston Villa, o Watford nunca terminou abaixo do décimo segundo lugar, um feito impressionante para um clube de sua estatura.

A forma importava menos do que o método. Embora o 4-4-2 fosse o padrão, com laterais como Wilf Rostron e David Bardsley avançando, e com legítimos pontas como Nigel Callaghan e John Barnes jogando em posições altas no campo, a formação podia se assemelhar ao 4-2-4 dos brasileiros em 1958, e houve momentos na temporada 1982-3 em que o

Watford jogou num 3-4-3. “Como continuávamos sempre indo para a frente, os adversários tinham que continuar indo para trás”, disse Taylor. “Ou os meios-campistas abertos seguiam nossos homens e acabavam recuando demais, ou os deixavam livres. Nós impúnhamos as novas questões. À medida que vai avançando, você espera que os outros times descubram como se adaptar, mas muitas vezes eles não conseguiam.”

Os apologistas da beleza ficavam chocados, mas Taylor insiste que muitas reclamações se deviam à ignorância e ao esnobismo. “Muitas pessoas que reclamaram das bolas longas olhavam apenas para o clube e o jogador”, disse. “Se a jogada era de Glenn Hoddle, chamavam de passe longo; se Ian Bolton fazia o mesmo, aquilo se transformava em uma simples bola para a frente, porque ele jogava no Watford e era um zagueiro que às vezes atuava no meio de campo e ninguém o conhecia. Hoddle foi muito melhor, mas, em termos de precisão nos passes longos, eu sempre escolheria Bolton.”

Para os puristas, as coisas ficariam ainda piores. Os apologistas do Wimbledon tratam a ascensão do clube como um conto de fadas, muito embora tenha havido pouca magia no processo todo. Segundo Stephen Crabtree escreveu em *The Dons — The Amazing Journey*, era uma história que “pareceria improvável se aparecesse nas páginas de *Roy of the Rovers* [...], uma realização que contou com pouco suporte financeiro, apoio ridículo da torcida, um estádio que não tinha padrão de liga e jogadores desconhecidos”. No princípio, quando eles entraram na estrutura de divisões da liga, em 1977, talvez realmente fosse mesmo uma história improvável. Sob a direção de Dario Gradi, que se tornaria conhecido pelo futebol de passes de seus times na cidade de Crewe, eles conseguiram a promoção para a terceira divisão. Mas foram imediatamente rebaixados e Gradi partiu para o Crystal Palace em fevereiro de 1981. Então, sob o comando do novo técnico, Dave Bassett, o Wimbledon foi promovido novamente. E rebaixado logo a seguir. A temporada seguinte na quarta divisão, no entanto, foi um divisor de águas. O começo foi promissor, mas, quando os resultados pioraram, em novembro, Bassett mudou sua proposta. “Nós começamos a temporada usando um líbero, o que funcionou bem”, disse Bassett, naquele mês de fevereiro, “mas agora mudamos para fazer a bola chegar ao ataque bem rápido. Cai bem para o time.”

Sobre as alegações de que aquele jeito de jogar era terrível de assistir, Bassett desdenhou. “Depende do que você chama de atraente”, disse. “Nos nossos jogos, há mais chegadas perto do gol, o que agrada nossos torcedores, do que nos jogos de muitos times que vi nesta temporada. Chame do que quiser. Estamos aqui para vencer jogos e conseguir a promoção.”

Mas as “chegadas perto do gol”, na verdade, são o último recurso de técnicos que tentam justificar a prática de um futebol sem atrativos. Se se tratasse apenas de uma construção de jogo de passes diretos para o ataque, o Wimbledon teria sido perdoado. Mas, desde o começo, havia um elemento de feiura no estilo do time. Na semana seguinte a uma vitória por 3 a 1 sobre o Stockport County, a revista do Stockport perguntou: “Por que eles recorreram a tantas entradas violentas e a estratégias para matar o tempo? [...] Parece haver pouca chance de que alguém os impeça de atingir seu objetivo, que é a promoção a qualquer custo”.

Por mais bem-sucedidos que eles fossem, contudo, o público se mantinha distante. “Nós tentamos de tudo enquanto apresentávamos bom futebol, mas a apatia de Wimbledon e das áreas vizinhas é inacreditável”, disse Bassett. Mas é claro que eles não tinham realmente apresentado bom futebol; apresentaram um futebol vencedor, o que não é necessariamente a mesma coisa. Talvez o desespero demonstrado por Bassett fosse uma tentativa de se justificar: se os torcedores não apareceriam de qualquer forma, por que não jogar um (anti)futebol carrancudo e desprovido de classe? Os gols podiam até vir acontecendo, mas o estilo era vazio de emoções e despido de beleza.

Era horrível de assistir, só que o Wimbledon foi subindo pelas divisões, superando adversários perplexos pelo caminho. “É como ver garotos de escola correndo atrás da bola, todos juntos”, disse o goleiro do Grimsby Town, Nigel Batch, após um empate por 1 a 1 em Plough Lane, em 1984. Era uma repetição do Watford, só que ainda pior, como John Vinicombe deixou claro, no *Brighton Evening Argus*, ao descrever o Wimbledon como “um Watford dos pobres, com os quatro homens de frente adotando uma formação de cavalaria em carga, perseguindo os passes altos vindos de trás”.

Eles terminaram em sexto lugar na primeira divisão em 1987 e, após Bobby Gould substituir Dave Bassett, ganharam a FA Cup no ano seguinte. “O Wimbledon não joga”, reclamou o técnico do Coventry, George Curtis. “Logo que recuperam a bola, eles a chutam para a frente.” Talvez seja um pouco injusto resumi-los a isso, porque ao menos eles lançavam a bola na direção de John Fashanu, um homem de frente atrevido e eficiente, e porque Dennis Wise também tinha algum talento. Mas o Wimbledon conseguiu poucos admiradores. Era um time que gostava de não ser badalado, que celebrava seus ritos de iniciação — basicamente rasgar ternos — e se deliciava com a brutalidade de seu jogo. Muitos jogadores afirmam que um elemento crucial na vitória sobre o Liverpool em Wembley, em 1988, foi a falta violenta de Vinnie Jones em Steve McMahon no primeiro minuto: depois dela, o Liverpool se intimidou.

Como todo forasteiro impertinente, o Wimbledon relacionava sua impopularidade ao esnobismo do establishment, mas os números da presença de público contavam outra história. Era um futebol que ninguém queria ver. O orçamento talvez tenha ditado o estilo do time, mas não justificava o comportamento violento que se mantinha logo abaixo da superfície. Não era apenas pragmatismo; era niilismo.

Taylor, por sua vez, era simplesmente prático. Aceitava que seu sistema tinha limitações e admite que sempre acreditou que o estilo adotado por seus times acabaria sendo desvendado. Quando foi para o Aston Villa e teve um orçamento viável, continuou com o padrão de jogo direto, mas com algum refinamento. Tony Daley, por exemplo, poderia ter jogado no Wimbledon daquela época, mas é difícil imaginar que um jogador refinado como Gordon Cowans pudesse ter tido o mesmo destino.

Na primeira temporada, em uma competição europeia com o Watford, Taylor começou a confrontar adversários que encontravam soluções para seu estilo direto, algo que ele imaginou que teria acontecido muito antes. “Nós enfrentávamos rivais que se preparavam para jogar recuados, com passes curtos e segurando a bola. E que tinham torcedores que não exigiam que eles chutassem a bola para a frente”, explicou. Na primeira rodada da Copa da Uefa, o Watford reverteu uma derrota por 3 a 1 no primeiro jogo contra o Kaiserslautern,

com uma vitória por 3 a 0 na volta em Vicarage Road. Na segunda rodada, passaram pelo Levski Sofia, mas foram totalmente superados pelo Sparta Praga na terceira fase, perdendo pelo placar agregado de 7 a 2. “Homens contra meninos”, disse Taylor. “Quando perdíamos a bola, eles não nos devolviam.”

E esse é exatamente o problema de um sistema direto baseado na pressão. Tudo vai bem até você encontrar um oponente tecnicamente capaz de ficar com a bola mesmo quando pressionado. E, como Taylor observa, quando as condições climáticas tornam impossível manter a intensidade e a pressão constante, as deficiências da estratégia ficam ainda mais evidentes. Isso ajuda a explicar o persistente mau desempenho da Inglaterra nos torneios mais importantes, que são realizados quase sempre em condições mais quentes do que aquelas que os jogadores ingleses estão acostumados a enfrentar em seu país.

Em sua busca por conhecimento, Taylor conversou repetidas vezes com Stan Cullis e também com o capitão de seu time dos Wolves dos anos 1950, Billy Wright. A influência deles em sua forma de pensar é clara e indiscutível, mas Taylor também é — equivocadamente — associado a Charles Hughes. Ele rejeita a ideia de que tenha sido influenciado por Hughes e sugere que o inverso pode ter acontecido durante o breve período em que comandou o time sub-18 da Inglaterra, quando Hughes era diretor dos técnicos da base. É neste ponto que as conexões entre Taylor, Hughes e Charles Reep se embaralham.

Os primeiros livros de Hughes, *Football: Tactics and Teamwork*, publicado em 1973, e *Soccer Tactics and Skills*, publicado em 1980, são ambos manuais práticos, que trazem orientações sobre, por exemplo, como lidar com escanteios cobrados na primeira trave e a que distância um jogador deve chegar do adversário que está marcando. São trabalhos generalistas com conteúdo similar, embora o segundo seja ligeiramente mais direcionado a aspectos individuais. Nenhum dos dois prega uma filosofia particular de jogo: talvez sejam pragmáticos em excesso, mas não se trata de obras que mereçam repreensão.

Só que, em 1981 (ou possivelmente 1982), Taylor marcou um encontro com Hughes e Reep em sua casa, pois, se acreditarmos numa carta escrita por Reep para o técnico norueguês Egil Olsen em 1993, Hughes queria que sua secretária, Mandy Primus, aprendesse a técnica

de estenografia de Reep. A princípio, Reep ficou satisfeito em ajudar, mas foi então tomado por certa desconfiança quando Hughes escreveu um artigo que dava a entender que ele e Reep tinham trabalhado juntos. Pior, Reep afirmou na carta a Olsen — ainda que seja difícil ter certeza quanto à veracidade da alegação — que Hughes também descreveu alguns segredos do estilo de jogo do Watford, informações que nem Reep nem o Watford queriam que se tornassem públicas.

Parece haver evidências da influência de Reep em uma série de palestras que Hughes fez em 1984. Numa delas, ele afirmou que, “ao longo dos últimos dois anos, a Associação de Futebol tem se esforçado para tornar o Programa de Técnicos mais objetivo e bem-sucedido. Para atingir tais metas, a FA tem se envolvido bastante no estudo sobre a análise de desempenho em jogos”.

Essa última frase — “análise de desempenho em jogos” — é uma expressão que Reep usa desde os anos 1950, que não aparece em nenhum dos dois primeiros livros de Hughes. É uma expressão estranhamente minuciosa — característica de Reep —, com mais palavras que o necessário, e é pouco provável que tenha ocorrido a Hughes sem que ele tenha ouvido ou lido Reep. Reep certamente se irritou; Hughes escolhera adotar a frase mais óbvia, e usara a palavra “desempenho”.

A irritação de Reep se intensificou quando Richard Bate, chefe dos técnicos no Notts County, apresentou o que era em essência uma revisão das teorias de Reep no fórum de Ciência e Futebol, em Liverpool, em 1987, dando, no entanto, crédito a Hughes por sua ajuda. Na introdução de *The Winning Formula*, Hughes faz questão de deixar claro que chegou às suas conclusões de forma independente. “Minha experiência com a análise de jogos”, escreveu, “começou em janeiro de 1964, quando me juntei ao estafe da FA [...]. Na sede da FA, em Lancaster Gate, há um arquivo de filmes em 16 mm das finais da FA Cup e de jogos internacionais. Entre 1964 e 1967, eu assisti a esses jogos e extraí todos os gols. Esses lances foram analisados mais detidamente para se estabelecer quais eram os principais fatores que levavam à marcação de gols e às vitórias.

“Os resultados dessas análises foram usados nos métodos de jogo de todas as seleções que eu dirigi entre 1964 e 1974 — 77 partidas no total.

A essência desse trabalho foi publicada em 1973, em um livro chamado *Tactics and Teamwork*, e em uma série de onze filmes com o mesmo título.”

Bem, talvez os resultados tenham sido de fato utilizados, mas o trabalho é frágil em estatísticas e não propõe uma filosofia unificada. É difícil ter certeza, mas é fácil perceber por que Reep ficou tão desconfiado. Como o acadêmico norueguês Øyvind Larson observa, “o estilo de jogo recomendado imediatamente mudou de uma base mais generalista para uma orientação mais voltada especialmente para a penetração”. Hughes havia sido um técnico pragmático e se tornou, para usar o termo escolhido por Howard Wilkinson, seu sucessor como diretor técnico da FA, “um fanático”.

Havia diferenças em questões terminológicas e de relevância (Hughes especifica cinco passes ou menos, em vez de três), mas Reep alegou em sua carta a Olsen que elas se deviam ao fato de Hughes desconhecer alguns cálculos que ele vinha realizando. “O trabalho de análise de jogos de futebol continuou desde então”, prosseguiu Hughes. “No início de 1982 [Reep diz que foi em 1981; Taylor não se lembra], eu tive o prazer de conhecer um homem formidável chamado Charles Reep, que vinha analisando jogos de futebol fazia trinta anos, aconselhando, com sucesso, alguns clubes da Football League.”

Hughes afirma que então pediu a Primus que começasse a analisar jogos, valendo-se de suas habilidades de estenógrafa. “O método de análise, que eu inventei cerca de 25 anos atrás, é diferente do de Charles Reep [...]. Embora Charles Reep e eu tenhamos chegado a nossas filosofias estratégicas por rotas diferentes, não houve discordância quanto à conclusão principal.”

Mas houve, sim, discordâncias significativas entre as três personalidades envolvidas: Taylor contradisse Hughes, que contradisse Reep, que culpou Hughes. Para Reep e Taylor, Hughes explorou as ideias deles para fins particulares, ganhando em reputação e vendendo seus livros e vídeos. Talvez seja uma história comum sobre traição e a impossibilidade de patentear ideias, mas o episódio significou que, quando Taylor foi escolhido técnico da Inglaterra em 1990, seu relacionamento com Hughes era impossível. O fato de Hughes ter ficado furioso por perder para Graham Kelly a batalha pela sucessão de

Ted Croker como executivo chefe da FA, em 1989, não tornou as coisas mais simples.

Reep escreveu para Taylor em 4 de agosto de 1980 — quando tinha 75 anos — explicando sua teoria de que “todos os gols são randômicos, dentro de uma estrutura de probabilidades”. Eles se encontraram por duas horas naquele mês, em Exeter. Depois do encontro, em um artigo para a revista escocesa de futebol *The Punter*, Reep escreveu: “Sempre que Graham Taylor quiser me ligar para obter mais detalhes sobre aspectos de estilo de jogo, estarei disposto a conversar durante o tempo que ele desejar. Na verdade, nós já tivemos longas conversas, durante as quais tratamos de vários temas sem que precisássemos nos encontrar de novo”.

Reep não viu o Watford jogar naquela temporada, mas, como diz, encontrou Taylor novamente em 11 de março de 1981 em sua casa, em Plymouth. Após receber informações de Richard Pollard, um torcedor do Watford que o ajudara em um artigo, Reep concluiu que, para o Watford, “apenas um em cinco gols acontece em movimentos com mais de três passes recebidos”. Em outras palavras, os gols do Watford se encaixavam no padrão que Reep vinha demonstrando havia trinta anos — 80% dos gols saíam de movimentos de três passes ou menos (que, é claro, ainda representavam menos que os 91,5% de movimentos que, como ele mostrara, consistiam de três passes ou menos).

Outra constante de Reep também permaneceu verdadeira: que eram necessários aproximadamente nove chutes para a produção de um gol. Convencido disso, ele manteve registros de quantos gols o Watford e seus adversários (combinados) tinham “em crédito” ou “em débito” (se um time tinha dado noventa chutes, ele esperava que tivesse marcado dez gols; se tivesse feito oito gols, tinha um “crédito” de dois; se tivesse marcado doze gols, estava então “em débito”). No jogo de ida de um confronto da segunda rodada da Copa da Liga, em Southampton, o Watford perdeu por 4 a 0. Observando, antes do jogo de volta, que o time tinha um “crédito” de 2,5 gols, enquanto os adversários, juntos, mantinham um “débito” de quatro gols, Reep escreveu a Taylor dizendo que esse quadro poderia se nivelar em uma partida e que o Watford deveria adotar uma postura ofensiva.

Isso, evidentemente, é absurdo. É de se presumir que Taylor descobriria por conta própria que, para reverter um déficit de quatro gols, seu time precisaria atacar. E foi o que fez, vencendo por 5 a 1 após noventa minutos e marcando mais dois gols na prorrogação. “Eu fiquei encantado ao pensar”, escreveu Reep, “que, na primeira vez que um de meus times tentou explorar a situação calculada de ‘gols em crédito’ e ‘gols em débito’, ele se deu maravilhosamente bem — sempre lembrando, é claro, que as possibilidades randômicas nos fizeram um grande favor. E, como seria de esperar, as mesmas possibilidades randômicas puniram o Watford com uma derrota por 2 a 1 no jogo seguinte.”

Desse modo fica exposta a ausência de base matemática nas pesquisas de Reep. A “possibilidade randômica” não é uma divindade que permite gols ou os nega para equilibrar um balanço cósmico. É apenas aleatoriedade. Jogue uma moeda para o alto cem vezes e, se as primeiras 99 derem cara, a possibilidade de a centésima dar coroa ainda será de 50%. Se houvesse — e não há — uma chance em nove de marcar um gol com um chute qualquer, independentemente das circunstâncias, a chance continuaria sendo de uma em nove se um atacante tiver anotado gols em seus últimos dez chutes ou se não tiver anotado nenhum nos últimos cem. Desde que a moeda seja “neutra”, obviamente. Se uma moeda sempre dá cara, provavelmente foi manipulada; se um atacante sempre perde chances, provavelmente não é muito bom.

Contudo, antes da temporada 1981-2, Taylor decidiu contratar um dos estagiários de Reep — Simon Hartley, formado em arqueologia pela Universidade de Lancaster, que ficou intrigado com as ideias de Reep ao vê-lo tomando notas em Plymouth. Reep não falou com Taylor por telefone naquela temporada, mas lhe enviou três cartas, uma delas sobre a falta de gols do Watford em jogadas pela ponta-direita (John Barnes marcou treze pelo outro lado), na qual mencionava, sem revelar, seu plano sobre como os pontas deveriam jogar. Na campanha que levou o Watford à promoção naquela temporada, 93,4% de seus gols saíram de movimentos de três passes ou menos. Reep observa que se tratou de um desempenho “soberbo”, ainda que, caso o número de movimentos de três ou menos passes tenha permanecido constante em 91,5% do total

de ações, a quantidade de gols seja apenas um pouco mais alta que o esperado — sempre, claro, considerando a hipótese de o número de passes não fazer diferença. Como o Watford era um time de futebol direto, é provável que uma proporção maior de seus movimentos tivesse três passes ou menos: em outras palavras, existem, mesmo assim, poucas evidências da maior eficácia do futebol direto.

Reep afirma que ele e Hartley receberam como retribuição um bônus de 6 mil libras, mas que depois ele se desentendeu com Taylor acerca da remuneração para a temporada seguinte. A lembrança de Taylor é de que eles discordaram sobre uma estatística. Reep estava obcecado com o que chamava de *reachers* — bolas que alcançavam o terço final do campo. A média do Watford era de 156 por jogo, embora em uma vitória por 1 a 0 sobre o Chelsea, em 6 de fevereiro de 1982, tenham conseguido um recorde de 202 (mais tarde, a marca foi quebrada pelo Cambridge United de John Beck, com 219). O time dos Wolves de Stan Cullis produzia cerca de 180 por jogo, e Reep insistiu para que Taylor aumentasse a média do Watford até esse patamar. Taylor respondeu que a principal qualidade de seu time era recuperar a bola no terço final do campo de ataque, ação não computada como *reacher* no sistema de Reep, e disse que a análise deveria levar isso em consideração. Reep se recusou a alterar seu método e, apesar de Hartley ter continuado por mais uma temporada, sua associação com o Watford terminou. “Com Reep”, disse Taylor, “era tudo ou nada. Não havia espaço para acordo.”

Reep não gostava dele, mas foi Hugues, como diretor da FA entre 1983 e 1994, quem garantiu que seus princípios — ou pelo menos a versão deles que Hugues apresentou em *The Winning Formula* — fossem preservados no mais alto nível. O livro, em uma associação digna das melhores sátiras, foi patrocinado pela British Aerospace. “A estratégia do jogo direto”, Hugues afirma na introdução, “é muito preferível ao futebol de posse. Os fatos são irrefutáveis e a evidência é impressionante.” Alguns poderiam sugerir que o fraco desempenho de um time inglês calcado principalmente sobre essa filosofia bastaria para refutar a tese, mas o caso é que os futebolistas são falíveis; as estatísticas, não.

Observando que a média de gols em jogos da Copa do Mundo caiu de 5,4, em 1954, para 2,5, em 1986, Hughes chegou imediatamente à conclusão de que “o futebol não é tão bom quanto no passado”. É assombroso que um homem cuja autoridade decorria da suposta aplicação da razão e da lógica não tenha sido cobrado por tamanho exagero. A avaliação a respeito da qualidade do futebol é necessariamente subjetiva e, de qualquer forma, existem jogos ruins que terminam em 4 a 3 (emoção e qualidade não são sinônimos) e existem excelentes empates sem gols. Se apenas gols fossem a marca da excelência, haveria milhares de pessoas querendo assistir a jogos de futebol de escolas primárias.

A razão para o declínio nos gols marcados, continua Hughes, “não está em estratégias defensivas novas e eficientes, mas em estratégias ofensivas equivocadas, como a do futebol de posse”. Como Chapman argumentou, e como qualquer rápida passada de olhos nas estatísticas de qualquer fim de semana da Premier League mostrará, não existe necessariamente uma correlação entre o domínio da posse de bola e as vitórias em jogos de futebol, mas isso tampouco quer dizer que o jogo de posse seja uma abordagem ineficaz. Ainda assim, Hughes, utilizando novamente a palavra “impressionante”, alega que “o fato é que, quanto mais tempo um time leva para construir um ataque quando tem a posse da bola [...], mais tempo o time que se defende tem para se recuperar, reagrupar e reorganizar”.

Em *The Winning Formula*, Hughes utiliza dados de 109 partidas entre 1966 e 1986, nas quais 202 gols foram marcados. Deve-se notar que não se trata de uma amostra grande, especialmente para quem a utiliza para afirmar que “o futebol mundial tem se movido na direção estratégica errada na maior parte dos últimos trinta anos”. Também é tentador apontar o fato de que, enquanto Hughes critica uma Copa do Mundo que produziu 2,5 gols por jogo, as partidas de sua amostragem tenham produzido a média de apenas 1,85. Ainda assim, os resultados são intrigantes e, provavelmente para desautorizar aqueles que — como Taylor — opinam que o futebol direto é ineficiente no nível mais alto do esporte, os números foram filtrados para incluir apenas times bem-sucedidos: o Liverpool, as seleções sub-16 e sub-21 da Inglaterra e os

jogos da Copa do Mundo ou do Campeonato Europeu envolvendo Argentina, Brasil, Inglaterra, Holanda, Itália e Alemanha Ocidental.

Desses 202 gols, 53 resultaram de movimentos sem passes recebidos, 29 de movimentos com um passe, 35 de ações com dois passes recebidos e 26 de movimentos com três passes. No total, 87% dos gols saíram de jogadas de cinco passes ou menos, enquanto menos de 3% deles aconteceram em movimentos de dez ou mais passes (se a estatística de Reep de que 91,5% de todos os movimentos têm três passes ou menos estiver correta, esses números ainda assim não endossam o futebol direto). E resta ainda a questão de quantos desses gols marcados em jogadas de três passes ou menos resultaram de chances provocadas por movimentos anteriores mais longos.

Hughes antecipa essa questão e apresenta seus números com um equivocado sentido de triunfo. De dezenove gols sem passes (ou seja, pênaltis, faltas diretas, chutes em rebotes do goleiro, chutes após desarmes ou passes errados de um defensor) que aconteceram em dezesseis jogos da Inglaterra analisados por Hugues, apenas doze resultaram de jogadas de três passes ou menos — 63%: muito menos do que o índice de 91,5% proposto por Reep. A questão não é se Hughes está certo ou errado, mas como ele passou tanto tempo sem ser desmentido.

Talvez não por coincidência, o Brasil era o time com maior probabilidade de marcar gols após uma longa série de passes: 32% de seus gols saíam de jogadas com seis passes ou mais. A Alemanha Ocidental vinha a seguir, com 25% (se lembrarmos que, até esse período, brasileiros e alemães tinham conquistado seis das treze Copas do Mundo realizadas, conclui-se que esse pode ser um argumento a favor do futebol de posse). De forma quase inacreditável, nenhum dos dez gols holandeses analisados foram produtos de seis passes ou mais. É aí que o alarme realmente começa a soar: por que há apenas dez gols da Holanda na pesquisa? Eles marcaram quinze apenas na Copa do Mundo de 1974. Não se trata somente de uma amostragem pequena, mas pequena e seletiva (“nós extraímos 109 jogos de todos os que foram analisados”), e em nenhum momento de *The Winning Formula* esse processo de seleção é explicado.

Mesmo supondo que não haja nenhuma má intenção nisso, Hughes é culpado, pelo menos, por identificar um sintoma, não uma causa. “O primeiro objetivo”, ele afirma em sua conclusão, “é chegar ao último terço do campo de ataque com mais frequência do que os adversários, e o objetivo final é conseguir um mínimo de dez chutes no alvo em todos os jogos [...]. Se as estratégias que propusemos forem adotadas e os objetivos táticos forem alcançados, as chances de vitória são extremamente boas — mais de 85%. As chances de não perder são ainda melhores. Nós *nunca* registramos um jogo em que um time deu dez chutes no alvo e perdeu”. Sim, mas os chutes são mesmo a razão para isso? Ou são apenas um resultado natural do domínio de um time? Times vencem jogos porque chutam ou chutam porque estão vencendo?

Uma área em que Hugues tem um bom argumento é quando defende o uso da pressão. Chapman e Helenio Herrera tiveram grande sucesso com times que se mantinham bastante recuados, mas, no futebol moderno, pelo menos entre os melhores times, a pressão é quase universal. “Se um time aumentar o número de bolas recuperadas no terço final do campo de ataque”, diz Hugues, “marcará mais gols.” Suas estatísticas mostram que 52% dos gols foram marcados quando a posse foi conquistada no terço de ataque, contra 18% no terço defensivo. E que jogadas que começam quando a bola é recuperada no terço de ataque aumentam em sete vezes a probabilidade de um gol ser marcado em relação a movimentos iniciados no terço defensivo. Esses números estão claramente distorcidos pelas ocasiões em que jogadas de ataque são interrompidas no terço final e a bola sobra novamente para o time que vinha atacando, mas sem dúvida são uma confirmação da eficácia da pressão. A pressão, é claro, tem a vantagem adicional de evitar um ataque do adversário antes mesmo de o movimento ter início. Esse ponto está na origem do desentendimento entre Taylor e Reep. A pressão é uma ação que pode ajudar um time a vencer um jogo; fazer a bola chegar a áreas perigosas é algo que acontece como resultado desse tipo de ação.

Hugues prossegue e afirma que um time deve chutar a gol sempre que tiver a oportunidade, observando que “mesmo no nível mais alto, mais da metade dos chutes erra o alvo, de modo que jogadores nunca devem deixar de chutar por receio de errar”. Um jogador deve realmente

chutar a gol mesmo se um companheiro estiver mais bem posicionado? Ele deve chutar sempre que estiver a vinte metros do gol? A trinta? A quarenta? Hughes argumenta que mesmo os chutes errados podem criar oportunidades de gols, o que é verdade, mas por que transformar a situação em uma loteria se um passe preciso pode aumentar as chances de o primeiro chute ser perigoso? É quase como se houvesse uma desconfiança da técnica, um receio de que adicionar um elemento extra à jogada fosse aumentar a chance de insucesso, a ponto de ser preferível investir na sorte.

Allen Wade, o diretor técnico da FA de 1963 a 1983, não era um defensor da beleza em campo, mas ficou horrorizado com os dogmas de seu sucessor. “Esse método será a morte do futebol”, disse. “Um futebol em que jogadores são controlados por tipos hipnóticos fora do campo, ajudados por baterias de estatísticos e analistas, nunca terá o apelo mágico do que Pelé chamou de jogo bonito.”

Talvez nesse ponto seja possível reconhecer um aceno à era dos ataques de cabeça baixa dos vitorianos: assim como a paranoia italiana levou ao *catenaccio* e à crença na estratégia antes da habilidade, a insegurança inglesa levou a um estilo que também não confiava no talento, preferindo a força física sem raciocínio — siga lutando, siga correndo, siga tentando. Exatamente como o jornalista alemão Raphael Honigstein colocou, com sarcasmo, no título de seu trabalho sobre o futebol inglês, *Harder, Better, Faster, Stronger* (mais firme, melhor, mais rápido e mais forte): nada de “mais hábil”.

Embora Hughes defenda o incremento no treinamento de finalizações para melhorar a precisão — e demonstre seu sucesso nessa área com o time sub-16 da Inglaterra, mas com uma amostra de apenas quatro jogos —, sua linha de raciocínio era certamente do tipo que havia chocado Jimmy Hogan quase um século antes, no Fulham: compre bilhetes e um dia você ganhará na loteria.

Fora isso, há também uma desconcertante falta de sutileza no trabalho de Hughes. Ele argumenta que, ao aplicar sua “fórmula” — que não difere muito de ser melhor do que o oponente —, um time tem mais de 85% de chance de vencer. A questão passa a ser se existe um padrão para os outros 15%. O que as estatísticas de Hughes não mostram é a possibilidade que Taylor aceita, a possibilidade que parece

verdadeira por intuição, de que o futebol direto pode levar um time até um determinado patamar, porque um certo tipo de adversário será capaz de ficar com a bola, controlá-la e tornar o estilo direto ineficaz. Brian Clough foi curto e grosso, como era sua característica. “Eu quero afirmar sem sombra de dúvida que Charles Hughes está totalmente errado em sua proposta de futebol”, disse. “Ele acredita que bolas de futebol devem viajar pelos céus.”

Pode soar como exagero, mas as falhas da proposta eram suficientemente óbvias. O estilo direto de Chapman funcionava porque atraía os adversários e os encorajava a deixar, na retaguarda, espaços que eram explorados por seus times. O Watford de Taylor, com um jogo de alta intensidade e pressão, era vulnerável a esse tipo de abordagem. A fórmula de Hughes não faz distinção quanto ao estilo que está sendo enfrentado. Se o jogo direto de Taylor afundou contra um Sparta Praga que mantinha a posse e lançava contra-ataques inteligentes, o estilo de Hughes não sofreria da mesma forma? A organização e a energia, Taylor descobriu, podiam carregar o time, mas só até uma determinada distância.

A ironia é que, apesar de Taylor ter consciência dos defeitos do método, foi ele quem teve de colher, como técnico da seleção, os frutos podres caídos após Hughes ter implementado os princípios de Reep como política na FA. Sim, alguns jogadores estavam indisponíveis por causa de lesões, mas, mesmo assim, alguma vez a Inglaterra escalou um time tão fraco numa competição importante quanto o que perdeu para a Suécia por 2 a 1, no último jogo da fase de grupos da Euro 92: Woods; Batty, Keown, Walker, Pearce; Daley, Webb, Palmer, Sinton; Platt, Lineker? Para esfregar sal na ferida já aberta, quando a Inglaterra deixou de se classificar para a Copa do Mundo de 1994, foi eliminada pela Noruega, um time que praticava uma variante do modelo de jogo de Reep.

As conexões entre a Grã-Bretanha e o futebol escandinavo sempre foram fortes. O jogo foi apresentado à Suécia por meio da rota usual dos marinheiros britânicos, com uma pequena ajuda de dinamarqueses simpatizantes da cultura britânica. Quando a Federação Sueca de Futebol (SvFF) decidiu nomear seu primeiro técnico profissional após a

Segunda Guerra Mundial, aconselhou-se com a FA e escolheu George Raynor, que tinha sido técnico do time B do Aldershot. Sob sua orientação, e favorecida pela neutralidade durante a guerra, a Suécia conquistou o ouro nas Olimpíadas de Londres, em 1948, terminou em terceiro lugar na Copa do Mundo de 1950 e chegou à final do torneio em 1958. Na Copa em casa, os suecos jogaram num típico W-M com marcação homem a homem, abordagem que, principalmente em razão do caráter amador da SvFF, não mudou até o final dos anos 1960.

O profissionalismo foi finalmente autorizado no país em 1967 e, após o fracasso da Suécia na tentativa de chegar à fase de jogos eliminatórios da Copa do Mundo de 1970, Lars Arnesson, um conceituado instrutor técnico, foi escolhido para trabalhar ao lado do treinador da seleção nacional, Georg “Åby” Ericson. Arnesson pensava em um estilo de jogo unificado para todo o futebol sueco e decidiu que essa forma de jogar deveria contar com um líbero ao estilo alemão. A ideia parece ter triunfado na Copa do Mundo de 1974, em que a Suécia terminou em terceiro lugar na segunda fase de grupos e em quinto lugar na colocação geral. Embora não houvesse tempo suficiente para que a visão de Ericson de uniformidade em todos os níveis do futebol sueco tivesse criado raízes, aquele sucesso provou que o país poderia ser competitivo com o sistema adotado.

Quase imediatamente, no entanto, iniciou-se um movimento no sentido contrário, quando Eric Persson, um autocrata que fora presidente e técnico do Malmö, decidiu se retirar para permitir maior especialização dos cargos administrativos do clube. Um banqueiro de alto perfil, Hans Cavalli-Björkman, foi nomeado presidente. Para a posição de técnico, sentindo que os profissionais locais eram exageradamente conservadores, o clube escolheu um inglês de 27 anos chamado Bobby Houghton.

Houghton jogou no Brighton e no Fulham, mas ainda cedo na carreira resolveu se tornar técnico. Passou com as melhores notas pelo curso de treinamentos ministrado por Wade na FA e, em 1971-2, começou a atuar simultaneamente como jogador e diretor técnico no Maidstone United. Lá, contratou como jogador-treinador um ex-colega de curso, Roy Hodgson, que também tinha mostrado talento nas aulas de Wade.

Wade foi uma força modernizadora, que criticava os exercícios de treinamento não diretamente relacionados a situações de jogo. Sua maior preocupação não eram as habilidades individuais, mas o formato das equipes e a distribuição dos jogadores no campo. Houghton instituiu essas ideias no Malmö. Dois anos depois, quando ele conseguiu colocar Hodgson no Halmstad, surgiu na Suécia uma divisão entre a moderna escola inglesa que eles representavam e aqueles que preferiam o líbero. Houghton e Hodgson utilizavam a defesa por zona, pressionavam com intensidade e mantinham uma linha de impedimento alta. Não usavam o contra-ataque como os holandeses ou o Dynamo Kiev, mas sim longos passes direcionados à retaguarda da defesa adversária. “Mais do que um ‘futebol inglês’, com bolas longas etc., o que Bobby e eu introduzimos na Suécia foi um estilo diferente de defesa”, explicou Hodgson. “Em vez de jogar com um time bem espalhado pelo campo, um líbero parado na própria área e um centroavante que nunca volta, nós armamos um sistema de defesa por zona, com quatro atrás, jogadores que avançavam e, claro, assim fazíamos a bola chegar à área adversária muito mais rápido. E os suecos não gostavam da ideia de o jogo praticado no país ser dominado por dois ingleses.”

De acordo com o estudioso sueco Tomas Peterson, Houghton e Hodgson “costuraram juntos uma série de princípios, que podiam ser usados em diversas combinações e composições, e os moldaram dentro de uma totalidade orgânica — um projeto indivisível sobre como jogar futebol. Todos os momentos do jogo foram teorizados e estabelecidos como objetivos e lições para treinamentos, vistos em sua totalidade”.

Na visão de Arnesson, esse conceito “reprime a iniciativa e transforma os jogadores em robôs”. Críticos classificaram o estilo inglês como “anti-humano” e o debate sobre os méritos relativos da beleza e do sucesso enfim chegou à Suécia. Peterson compara a situação a ouvir Charlie Parker depois de Glenn Miller ou ver uma obra de Picasso depois de paisagens clássicas: “a mudança não está apenas na assimilação estética”, escreveu. “A organização da arte e da música acontece num nível mais avançado.” Era o fim da inocência e surgia uma segunda escala de complexidade.

Mas Houghton e Hodgson certamente tiveram sucesso. Juntos, ganharam cinco de seis ligas, e Houghton levou o Malmö à final da Copa da Europa de 1979, quando o time perdeu para o Nottingham Forest de Clough num jogo equilibrado. Mas, na Copa do Mundo de 1978, a Suécia ficou em último lugar na primeira fase em um grupo que tinha Áustria, Brasil e Espanha, um desempenho pobre que foi atribuído à influência corrosiva do estilo inglês (a Inglaterra, claro, não conseguira se classificar). Quando a Suécia falhou na tentativa de conseguir uma vaga para o Campeonato Europeu de 1980, a SvFF agiu e, em 11 de dezembro daquele ano, declarou formalmente que o estilo inglês não seria mais praticado pela seleção nacional, nem ensinado nas instituições do país.

Quando Houghton e Hodgson partiram para trabalhar no Bristol City, ficou a impressão de que o líbero poderia prevalecer, mas a influência deles continuou com Sven-Göran Eriksson, que, ao longo de sua formação como técnico, observara Bobby Robson, no Ipswich Town, e Bob Paisley, no Liverpool. Eriksson tinha trabalhado como professor de educação física em Örebro e jogado como lateral direito no Karlskoga, time local da segunda divisão. Lá, suas ideias sobre o jogo foram fortemente influenciadas por seu técnico (que também jogava), Tord Grip, defensor do estilo inglês. Após a aposentadoria como jogador, Grip foi técnico do Örebro e, mais tarde, do Degerfors.

Eriksson sofreu uma grave lesão quando tinha 28 anos, ocasião em que foi convidado por Grip para se juntar a ele como assistente-técnico. Mas Grip logo foi escolhido como auxiliar de Georg Ericson na seleção nacional, deixando Eriksson no comando do Degerfors, em 1976. Ele levou o clube duas vezes aos play-offs, finalmente obtendo a promoção à segunda divisão em 1979, quando, para surpresa geral, recebeu uma oferta do Gotemburgo. “Ali estava um homem realmente tímido, que tinha sido técnico de um pequeno time chamado Degerfors”, disse o defensor Glenn Hysén, “e, de repente, ele estava no comando do maior time do país. Nunca tínhamos ouvido falar dele, como jogador ou técnico, e demorou um pouco para que nos acostumássemos a ele e o respeitássemos.”

O Gotemburgo perdeu os três primeiros jogos sob a direção de Eriksson e ele disse que iria se demitir. Os jogadores o convenceram a

ficar, o desempenho melhorou e o time acabou em segundo lugar na liga, conquistando a copa. Mas isso não o tornou popular. “Eriksson tem estado em desacordo com os ideais dos torcedores, pois, como a maioria dos técnicos, ele deseja resultados antes de qualquer coisa”, escreveu o jornalista Frank Sjöman. “Em pouco tempo, ele introduziu mais consciência tática, intensidade e mudou o estilo. O resultado foi que o Gotemburgo ficou mais difícil de ser batido, mas também ficou mais difícil de ser assistido.” A média de público do time caiu em 3 mil pessoas, para 13 320 por partida.

Como Wade, Eriksson era obcecado pelo formato. “Svennis nos colocava no campo de treinamento como peças de xadrez”, disse o meio-campista Glenn Schiller. “É você aqui e você ali, e assim por diante [...]. O maior problema era encaixar todas as peças e fazê-las se moverem em harmonia. A parte defensiva era a chave de tudo. Quando estávamos atacando, havia liberdade para nos expressarmos, mas tínhamos de defender em zonas, a partir de posições rígidas.”

O Gotemburgo terminou em segundo lugar novamente em 1981, mas encerrou o debate de forma decisiva no ano seguinte, conquistando a liga, a copa e, de maneira improvável, a Copa da Uefa. Apesar de Eriksson ter ido para o Benfica, o 4-4-2 inglês se estabeleceu definitivamente.

Na Noruega, o debate foi menos feroz e vencido mais categoricamente pelos pragmáticos. Wade e Hughes visitaram o país seguidas vezes nos anos 1960 e 1970, e o *The FA Guide to Training and Coaching*, de Wade, se tornou fundamental para orientar o pensamento e os métodos de treinamento noruegueses, como fica evidente em *Understanding of Football*, o manual escrito por Andreas Morisbak, diretor técnico da federação de futebol da Noruega, em 1978.

A Universidade Norueguesa de Esporte e Educação Física (Nuspe) foi fundada em 1968 e, em 1981, um palestrante, Egil Olsen, que atuara dezesseis vezes pela seleção nacional, dissecou o modelo de Wade e apresentou uma versão revisada. Ele argumentou que a posse de bola era uma prioridade exacerbada de Wade, quase como um fim em si mesma, ao passo em que ele acreditava que a recuperar deveria ser o objetivo da parte defensiva, e aplicá-la para produzir gols seria o objetivo da parte ofensiva. Isso pode soar óbvio, mas um leve esclarecimento

semântico teve efeitos radicais à medida que Olsen estendeu o raciocínio. Para ele, existia pouca ênfase em jogadas de penetração no modelo de Wade, e deveria ser mais importante superar o adversário longitudinalmente do que manter a posse.

O trabalho de Olsen coincidiu com o momento em que o debate entre sistema e beleza chegou à Noruega, estimulado, principalmente, pelo título do Vålerenga em 1983. O time era dirigido por Gunder Bengtsson, um sueco que tinha se convencido dos métodos de Houghton e Hodgson. Ele foi sucedido no Vålerenga por outro sueco, Olle Nordin — “Olle Marchador”, como foi ironicamente chamado depois da Copa do Mundo de 1990, na qual sua bem cotada Suécia perdeu os três jogos pelo mesmo placar, 2 a 1, quando então Grip assumiu o comando da seleção.

Olsen e seus colegas na Nuspe começaram a analisar jogos estatisticamente e os resultados o levaram a uma série de conclusões descritas em sua tese de mestrado. Ele descobriu que a probabilidade de se marcar um gol antes que a bola pare novamente é mais alta quando ela está com o goleiro adversário do que com o seu próprio goleiro. Isso, por sua vez, o convenceu de que a posição da bola é mais importante do que a posse.

“Se eu tivesse de descrever a essência de minha filosofia, o elemento mais central, é que, se o adversário estiver desequilibrado, mesmo que pouco, não se deve permitir que ele se reequilibre”, explicou Olsen numa entrevista a Lars Sivertsen, na terceira edição de *The Blizzard*. “E isso provavelmente soa simples, mas são poucos os que trabalham sistematicamente de acordo com esse princípio. Mesmo em se tratando dos melhores times do mundo — que provavelmente presumem que, como têm os melhores jogadores, podem superar defesas de qualquer forma e não precisam explorar momentos de desequilíbrio, mas eu posso mostrar dados que revelam que esse entendimento não é correto. Você tem uma chance consideravelmente maior de marcar um gol quando o adversário está desequilibrado. Especialmente em comparação com iniciar os movimentos desde o seu goleiro, quando o adversário está totalmente equilibrado. Jogar levando a bola pela defesa e marcar um gol é excepcionalmente incomum. Quase nunca acontece. Por isso, sempre que houver a possibilidade de explorar o desequilíbrio, a bola

deve ser jogada para a frente. Jogue a bola no espaço, na região atrás da linha da defesa adversária, bem rápido. Poucos toques na bola e muito movimento sem ela.”

Em 1987, Olsen apresentou um trabalho na conferência de Ciência e Futebol em Liverpool. Lá, conheceu George Wilkinson, que analisava jogos para Howard Wilkinson, à época técnico do Leeds. Por intermédio deles, Olsen conheceu o trabalho de Reep, que confirmou suas próprias teorias sobre o papel da sorte no futebol e a inutilidade da posse. Olsen conheceu Reep em 1993 e os dois mantiveram uma amizade tão próxima que, quando Olsen assumiu o Wimbledon, em 1999, Reep, aos 95 anos, se ofereceu para ser seu analista de jogos.

Olsen se tornou técnico da Noruega em 1990. Ele implementou uma formação 4-5-1, frequentemente utilizando um homem-alvo — Jostein Flo — mais aberto, para receber lançamentos na segunda trave, onde teria vantagem de altura em relação ao lateral que deveria marcá-lo. Taylor fizera algo semelhante com Ian Ormondroyd no Aston Villa, e essa teoria ao menos em parte justificou também a utilização de Emile Heskey aberto pela esquerda no Liverpool, sob Gérard Houllier, e na Inglaterra, sob Sven-Göran Eriksson. Olsen, apelidado de “Drillo” por causa de sua habilidade quando jogador, exigia que a bola fosse jogada atrás da linha defensiva do adversário, enquanto seu time corria na mesma direção. A frase “ser o melhor sem a bola”, inicialmente atribuída ao meio-campista Øyvind Leonhardsen, se tornou uma assinatura. Olsen teve sucesso espantoso. A Noruega não ia a uma Copa do Mundo desde 1938, mas ele levou o país aos torneios de 1994 e 1998, e, brevemente, ao segundo lugar na classificação da Fifa.

“Eu inventei o que chamei de estilo *gjennombruddshissig*, uma palavra longa e pesada que, acredito, eu cunhei”, explicou Olsen. “Hoje preferimos chamar de ‘futebol para a frente’ — é um termo mais curto e mais provocativo em contraste com o que chamo de ‘futebol para trás’, ou, como alguns chamam, ‘futebol de posse’, que parece estar na moda em vários círculos. Não existe resposta definitiva no futebol, mas provavelmente existe um limiar de eficiência. Veja, nós podemos medir isso contando quantos passes para a frente são feitos, e a Noruega está entre 60% e 65%. Eu imagino que o jeito mais eficiente de jogar é estar nesse patamar, talvez um pouco acima. Quando ganhamos do Brasil na

Copa do Mundo de 1998, eles fizeram 35% dos passes para a frente e nós fizemos 65%. Eu declarei então que, se eles tivessem feito 65% dos passes para a frente, nós não teríamos chance.” O motivo para seu time jogar com muitas bolas longas, segundo ele, era essencialmente a habilidade de Flo em lances pelo alto; a teoria de Olsen somente exigia que a bola fosse jogada para a frente, sem determinar a extensão desejada dos passes.

Possivelmente, em razão da histórica falta de sucesso da seleção norueguesa, a filosofia de Olsen parece ter sido mais bem aceita no país em comparação com o que se verificou com o futebol de bolas longas em outros lugares. Como Larson observa, com Olsen, os torcedores noruegueses se habituaram a lidar com “chances de gol”: um empate em 1 a 1 com a Finlândia, em casa, em 1997, nas eliminatórias para a Copa do Mundo, não foi visto como um resultado ruim porque se concluiu que a Noruega tinha vencido por 9 a 2 em chances de gol; depois eles venceram o mesmo adversário fora de casa, superando-o apenas por 7 a 5 nas ocasiões criadas. Mas a questão, como deveria ser a preocupação de Reep e Hughes, é a qualidade das chances. Um chute próximo ao gol e sem goleiro não é o mesmo que uma bicicleta de longe: nem todas as chances são iguais.

A campanha de classificação para a Copa do Mundo de 1994 foi mais significativa. Quando a Noruega venceu a Inglaterra por 2 a 1, qualificando-se para a Copa de 1982, o choque foi tão grande que levou o comentarista de rádio Börge Lillelien ao delírio: “Lorde Nelson, Lorde Beaverbrook, Sir Winston Churchill, Sir Anthony Eden, Clement Attlee, Henry Cooper, Lady Diana... Nós batemos todos eles, nós batemos todos eles. Maggie Thatcher, você pode me ouvir? Maggie Thatcher [...], seus meninos levaram uma surra! Seus meninos levaram uma surra!”. Já quando a Noruega venceu a Inglaterra por 2 a 0 em Oslo, em 1993, o resultado era absolutamente previsível.

O resultado mais decisivo, no entanto, tinha sido o empate por 1 a 1 em Wembley, num jogo que a Inglaterra dominou e vencia até Kjetil Rekdal, um meio-campista defensivo, disparar um chute de 35 metros no ângulo, a catorze minutos do final. Rekdal achava que iria marcar o gol? Costumava chutar bolas assim com frequência? Ou será que, como Hughes o teria estimulado a fazer, estava apenas tentando a sorte? De

qualquer modo, as possibilidades randômicas, como Reep as via, por fim se vingaram de Taylor.



INGLATERRA I A I NORUEGA, ELIMINATÓRIAS DA COPA DO MUNDO,
WEMBLEY, LONDRES, 14 OUTUBRO 1992



16. O retorno dos três zagueiros

A derrota do Brasil para a Itália, em 1982, levou Zico a lamentar a morte do futebol, enquanto outros proclamaram a vitória do sistema sobre a individualidade. Mas a ironia é que quem estava de fato morrendo era o *gioco all'italiana*, e, quando isso aconteceu, a fenda que tinha sido aberta no futebol europeu enfim se fechou e a defesa de três homens renasceu.

O triunfo do Brasil e seu 4-2-4 em 1958 tinha exposto as vulnerabilidades do W-M e, quando o resto do mundo correu para se adaptar, o futebol europeu se dividiu em dois. Alguns preferiram o líbero e outros optaram pela defesa de quatro jogadores e pela pressão defensiva. O norte — a Grã-Bretanha, a Holanda e, por fim, a Escandinávia — fez a opção pela pressão; o sul — a Itália e os Balcãs — escolheu o líbero. A Alemanha, que só aceitou a pressão na metade dos anos 1990, usava o líbero, e por isso se junta, ainda que desconfortavelmente, ao sul. A URSS, com líbero e pressão, nunca se encantou tanto pela armadilha do impedimento quanto os países do norte da Europa Ocidental.

É tentador especular sobre as razões para cada escolha, particularmente porque, na Europa Ocidental, a divisão se assemelha à separação entre protestantes e católicos (até mesmo em relação à singular posição da híbrida Alemanha). O sociólogo alemão Max Weber argumenta que o Protestantismo, especialmente o Calvinismo, por encorajar a ideia da virtude do trabalho, conduziu ao acúmulo de uma riqueza que pôde então ser posteriormente investida, estimulando a propagação do capitalismo no norte da Europa. Será que o futebol poderia ter seguido lógica semelhante, e aqueles que cresceram sob a influência da ética protestante, pela necessidade de estar sempre em atividade, sentiram-se mais confortáveis com o movimento constante exigido pela adoção da pressão? A proatividade, o esforço declarado, de alguma forma parecem mais valiosos ou mais naturais do que o caráter reativo do líbero e da defesa reforçada?

Seja como for, no início dos anos 1980, a era do líbero, particularmente do *gioco all'italiana*, estava chegando ao fim. “A estratégia foi eficaz durante um período”, explicou Ludovico Maradei, “e, no final dos anos 1970 e começo dos anos 1980, todo mundo na Itália jogava assim. Mas essa se tornou a razão da queda. Todos tinham o mesmo sistema e isso se refletia rigidamente nos números que os atletas usavam. O número 9 era o centroavante, o 11 era o segundo atacante, que sempre jogava pela esquerda, o 7 era o *tornante* na direita, o 4 era o meio-campista central recuado, o 10 era o meio-campista central ofensivo e o 8 era o homem de ligação, que jogava usualmente do centro para a esquerda, deixando espaço para o 3, o lateral esquerdo, avançar. Todos faziam marcação homem a homem, por isso tudo era muito previsível: o 2 marcava o 11, o 3 marcava o 7, o 4 marcava o 10, o 5 marcava o 9, o 6 era o líbero, o 7 marcava o 3, o 8 marcava o 8, o 10 marcava o 4, o 9 marcava o 5 e o 11 marcava o 2.”

A partida em que as fraquezas do *gioco all'italiana* foram expostas aconteceu menos de um ano depois de esse estilo ter derrotado o Brasil, quando a Juventus perdeu a final da Copa da Europa de 1983 para o Hamburgo. Três dos quatro defensores da Juventus jogaram pela Itália contra o Brasil em Barcelona; Claudio Gentile e Cabrini nas laterais e Scirea como líbero. A única diferença era a presença de Sergio Brio como defensor central *stopper*. O Hamburgo jogou com dois atacantes: Horst Hrubesch como referência e o dinamarquês Lars Bastrup pela esquerda. Isso servia à Juventus, porque significava que ele poderia ser marcado por Gentile, enquanto Cabrini ficaria livre de preocupações defensivas para atacar pelo lado esquerdo.

O técnico do Hamburgo, Ernst Happel, notou o problema e trocou Bastrup de lado, para emparelhá-lo com Cabrini. A situação era quase inédita para o futebol italiano. Seu sistema assimétrico funcionava porque todos eram igualmente assimétricos: os papéis de marcação eram tão específicos quanto no W-M.

Giovanni Trapattoni decidiu manter o sistema homem a homem e moveu Gentile para a esquerda para marcar Bastrup. O movimento, é claro, abriu um buraco na direita, que deveria ser preenchido pelo recuo de Marco Tardelli. Mas, na prática, Tardelli acabou sendo neutralizado

como força ofensiva e não conseguiu ocupar o espaço através do qual Felix Magath entrou para marcar o único gol da partida.

O *gioco all'italiana* estava desaparecendo, mas continha a semente do sistema que tomaria seu lugar. Puxe o *tornante* para trás, mova o lateral direito defensivo um pouco mais para o centro e o defensor central um pouco para a esquerda, avance o lateral esquerdo e você terá o 3-5-2. Nos anos 1990, esse foi o destino da corrente do futebol italiano que não seguiu Arrigo Sacchi. O estilo servia à mentalidade do futebol na Itália, que, desde os dias de Brera, não confiava nos pontas, preferindo lotar o centro do campo e transformar os jogos em batalhas táticas. O 3-5-2 oferecia a possibilidade de atacar com os laterais e ainda ter oito jogadores pelo centro do campo. Ao norte da fenda aberta na Europa, outros chegaram à mesma formação: um retorno à defesa de três homens, fechando o espaço — em termos de formato, não necessariamente de estilo — que as mudanças anteriores tinham aberto duas décadas antes.



HAMBURGO 1 A 0 JUVENTUS, FINAL DA COPA DA EUROPA,
ESTÁDIO OLYMPIAKO, ATENAS, 25 DE MAIO DE 1983

Enquanto isso, Carlos Bilardo, que não tinha nada a ver com a divisão no futebol europeu, desenvolveu o 3-5-2 como solução para um problema inteiramente diferente, o de encaixar um criador de jogadas em um sistema defensivamente coerente. Era uma pergunta feita no mundo inteiro: num jogo em que a postura sistematizada tinha se tornado quase universal, ainda haveria espaço para o número 10, o jogador de espírito livre que simbolizava a arte no futebol? Ainda era possível dar a ele “todos os direitos da democracia”, como Viktor Maslov fizera com Andriy Biba?

A França, sob o comando de Michel Hidalgo e abençoada por quase tantos talentos quanto o Brasil, alterava seu formato conforme o adversário: Michel Platini algumas vezes jogava como centroavante, em outras oportunidades atrás do atacante, e eventualmente como *regista*. Ele era um jogador excepcional e a forma como Hidalgo o utilizou foi provavelmente única, mas o mais significativo é que o técnico pedia a Platini que se ajustasse às exigências do sistema, em vez de construir um time em volta dele. Nesse processo, deve-se frisar, Hidalgo teve a colaboração de atletas de qualidade: Alain Giresse e Jean Tigana também eram criadores de jogadas e a tarefa de Hidalgo era simplesmente encontrar o equilíbrio entre criatividade e estrutura; ele podia esperar porque as ocasiões iriam surgir.

No comando da Argentina, em 1986, Bilardo não contava com esse luxo. Adotou uma abordagem pragmática, mais de acordo com sua formação, influenciada por Osvaldo Zubeldía. Em qualquer time, ele dizia, sete jogadores de linha eram necessários para defender e três para atacar. Quando um desses três é Diego Maradona, obviamente tudo fica mais fácil. Oferecer a um dos técnicos mais sistemáticos da história do esporte um dos melhores jogadores de todos os tempos poderia soar como uma peça pregada pelos deuses do futebol; no final, contudo, a situação acabou inspirando Bilardo à última das grandes mudanças de formato, embora ele argumente ter feito experiências com o 3-5-2 pela primeira vez já em 1982, no Estudiantes. Nesse caso, sendo verdade, Bilardo teria sido o inventor do sistema; como acontecera antes com a defesa de quatro homens, o 3-5-2 também é um esquema com vários pais diferentes.

Ao longo da história, a moda sempre havia sido aumentar o número de defensores, dos dois da pirâmide aos três do W-M e aos quatro de praticamente tudo o que apareceu depois de 1958. Bilardo retirou um defensor. Se não havia mais pontas, ele raciocinou, por que pensar em laterais? Desde Nilton Santos, os laterais tinham se tornado mais ofensivos, portanto por que não redesenhá-los como meios-campistas e posicioná-los em áreas mais altas do campo? E assim nasceu o 3-5-2. O formato defensivo, obviamente, era muito diferente do M no W-M: no M, os três defensores ficavam mais distantes entre si; os dois jogadores dos lados eram responsáveis pelos pontas e os dois meios-campistas recuados trabalhavam por dentro, marcando os atacantes interiores do rival. No 3-5-2, os três zagueiros se mantinham em posições relativamente centrais, geralmente com um homem na sobra e dois marcadores atentos aos centroavantes adversários, enquanto os meios-campistas mais recuados os protegiam pelos lados. Se os jogadores abertos eram na verdade laterais que atacavam — como na Alemanha Ocidental em 1990, com Stefan Reuter e Andreas Brehme, ou na Croácia em 1998, com Mario Stanić e Robert Jarni —, o desenho era um pouco mais defensivo; e se os laterais fossem ainda mais conservadores, embora os técnicos habitualmente negassem, a formação era um 5-3-2. A pirâmide tinha sido invertida.

Bilardo se aposentou como jogador em 1970 e sucedeu Zubeldía como técnico do Estudiantes no ano seguinte. Enquanto trabalhava no futebol, ele também ajudava a administrar os negócios do pai, além de atuar como ginecologista. Deixou a medicina apenas em 1976, quando foi para o Deportivo Cali, da Colômbia. Depois, teve passagens pelo San Lorenzo, pela seleção colombiana e novamente pelo Estudiantes, antes de substituir César Luis Menotti no comando da seleção argentina após a Copa do Mundo de 1982. Àquela altura, embora representassem filosofias de jogo fundamentalmente opostas, os dois mantinham um relacionamento cordial.

Inicialmente, Bilardo tinha sido elogioso ao desempenho da Argentina na conquista da Copa do Mundo de 1978. Depois de substituir Menotti, eles se encontraram no hotel Arena, em Sevilha, em março de 1983. Menotti disse a Bilardo que o Estudiantes tinha atrasado o desenvolvimento do futebol argentino em dez anos, mas os dois ainda

se entendiam. Bilardo, no entanto, ignorou os conselhos de seu predecessor e não convocou Alberto Tarantini e Hugo Gatti para seu primeiro jogo, um amistoso contra o Chile. A reação de Menotti foi um artigo altamente crítico no jornal *Clarín*. E os dois técnicos se tornaram inimigos implacáveis.

Enquanto Menotti oferecia suas ideias de releitura de *la nuestra*, Bilardo simplesmente tentava vencer os jogos. “Eu gosto de ser o primeiro”, ele dizia. “Você precisa pensar em ser o primeiro. Porque ser o segundo não é bom, ser o segundo é um fracasso [...]. Para mim, é bom se sentir mal ao perder; você pode expressar isso chorando, se fechando [...], porque não pode decepcionar as pessoas, os torcedores, quem o contratou. Eu me sentiria muito mal se perdêssemos um jogo e na mesma noite eu fosse visto comendo calmamente em algum lugar. Não posso permitir isso. No futebol se joga para vencer [...]. Espetáculos são para o cinema, para o teatro [...], futebol é outra coisa. Algumas pessoas estão muito confusas.”

No início de seu período na seleção nacional, o que se pensava é que o próprio Bilardo estava confuso. Seu começo foi desastroso, a Argentina ganhou apenas três dos primeiros quinze jogos, uma etapa que incluiu uma eliminação na Copa América e uma derrota para a China num minitorneio na Índia. Quando a Argentina embarcou para uma viagem pela Europa, em setembro de 1984, a posição de Bilardo estava severamente ameaçada. “Estávamos no aeroporto, prontos para viajar, quando José María Muñoz, comentarista da rádio Rivadavia, se aproximou de mim”, lembra Bilardo. “‘Não se preocupe’, disse ele. ‘Se vencermos esses três jogos, tudo ficará calmo de novo.’”

Mas as vitórias pareciam pouco prováveis e, quando Bilardo divulgou o time para enfrentar a Suíça, na primeira partida da turnê, sua reputação já tinha decaído tanto que a impressão geral foi a de que ele havia cometido um erro. “Eles me disseram que eu estava enganado, que tinha escalado três defensores centrais”, disse. “Mas eu respondi que não tinha me confundido, que eles não precisavam entrar em pânico, que estava tudo bem. Iríamos usar três defensores, cinco meios-campistas e dois atacantes. Tínhamos treinado assim por dois anos e eu ia pôr a ideia em prática em jogos difíceis.”

A Suíça foi vencida por 2 a 0, assim como a Bélgica, e a Alemanha Ocidental foi derrotada por 3 a 1. “O sistema funcionou e depois nós o usamos na Copa do Mundo de 1986, onde o mundo todo o viu”, afirmou Bilardo. “Quando decidimos jogar daquela forma, o mundo foi pego de surpresa, porque não conhecia os detalhes do sistema.” Talvez, como Alf Ramsey em 1966, Bilardo tenha decidido esconder deliberadamente sua nova formação; ou talvez sua conquista final não tenha raízes em nenhum plano grandioso, mas em experimentos estratégicos feitos no momento adequado (como, em certo aspecto, também aconteceu com Ramsey).

Mas a Argentina não era o único time no México que jogava com três zagueiros. A interpretação do sistema e a forma como Bilardo utilizou o criador de jogadas podem ter sido singulares, mas o acréscimo de um terceiro defensor central, por si só, não.

Há quem insista que o 3-5-2 foi criado por Ćiro Blažević, no Dinamo Zagreb. Principalmente Ćiro Blažević. Mesmo já aos setenta anos de idade, ele continuava sendo exaustivamente enérgico, boca suja e engraçado, um homem com opiniões sobre tudo e nenhum constrangimento para expressá-las. “Meu filho, deixe-me lhe contar a verdade”, ele disse. “O 3-5-2 foi inventado em 1982 por Ćiro Blažević.”

Blažević nasceu em 1937, na cidade bósnia de Travnik. Foi campeão iugoslavo de esqui quando jovem e depois se tornou ponta-direita do Dinamo Zagreb, do Sarajevo, do Rijeka e do Sion, da Suíça, onde uma lesão no joelho encerrou sua carreira prematuramente. Ele permaneceu na Suíça trabalhando como treinador e também em uma fábrica de relógios. Um dia, em 1968, pouco depois de ter sido nomeado técnico do Vevey, uma senhora o viu varrendo o chão do vestiário.

“Por que está fazendo isso?”, ela perguntou. “Não é seu trabalho. Você é o técnico.”

“Sim, eu sou o técnico”, Blažević respondeu, “e um dia eu serei o técnico da seleção da Suíça.”

A senhora riu. “Sim, claro”, ela disse. “E um dia eu serei a Miss Suíça.”

Após passagens pelo Sion e pelo Lausanne, Blažević mostrou que estava certo. A senhora, não.

Ele retornou à Iugoslávia para trabalhar no Rijeka em 1979 e, uma temporada depois, assumiu um Dinamo Zagreb em declínio. Blažević renovou o grupo e introduziu um estilo de ataque que se baseava em iniciar a partida adotando um ritmo furioso. Eles terminaram em quinto lugar e, mais tarde, com Blažević usando um “cachecol da sorte” branco, o Dinamo conquistou a liga pela primeira vez em 24 anos. No campeonato seguinte, o clube perdeu para o Partizan numa competição de três times pelo título, mas ergueu a Copa da Iugoslávia.

A mudança para o 3-5-2 começou, disse Blažević, logo que ele chegou a Zagreb. “Para tomar uma decisão sobre formações e táticas, você precisa levar em conta três fatores: 1) as características dos jogadores à disposição; 2) a tradição; 3) o encaixe dos fatores 1 e 2 no sistema de jogo. Só um técnico ruim chega a um clube e diz ‘vou jogar com tal sistema’, sem respeitar os atributos dos jogadores do elenco. Só um técnico ruim se torna uma vítima do sistema.”

Mas parece mais provável que a transição tenha começado na primavera de 1982. A maioria dos clubes iugoslavos até então jogava no estilo alemão — 4-3-3 com um líbero e marcação individual — e o debate sobre tática na imprensa era extremamente limitado (com a notável exceção de Tomislav Ivić, embora ele falasse mais sobre a pressão do que sobre esquemas). Dois jogadores, o criativo atacante Zlatko Kranjčar e o forte zagueiro Ismet Hadžić, tinham acabado de voltar do serviço militar obrigatório. Blažević percebeu que, com o retorno de Hadžić, poderia extrair mais do popular e talentoso Velimir Zajec, um líder natural que costumava estapear companheiros que não se esforçassem. Zajec jogava como líbero ou meio-campista recuado e Blažević decidiu posicionar três homens no centro da defesa — Zajec como líbero, com Hadžić à direita e Srećko Bogdan ou Borislav Cvetković à esquerda. Gradualmente, substituiu os laterais, Zvezdan Cvetković e Milivoj Bračun, por jogadores mais ofensivos, Petar Bručić e Drago Bošnjak, criando o 3-5-2.

Inicialmente, era um sistema desenvolvido para pegar os adversários de surpresa. Por repetidas vezes naquela temporada, o Dinamo abriu vantagem de um ou dois gols nos primeiros vinte minutos, pois os oponentes não sabiam como reagir àquele estranho formato de jogo. Bručić e Bošnjak jogavam em posições altas, e Zajec tinha licença para

carregar a bola de trás, sempre sabendo que contava com dois homens atrás de si para a cobertura. Em vantagem no placar, o Dinamo recuava, com os laterais voltando para criar um 5-3-2 e cuidar dos pontas adversários em vez de avançar.

Blažević — é claro, já que ninguém era mais *sui generis* do que ele, nem mais determinado em sê-lo — insiste que o 3-5-2 foi uma ideia inteiramente sua, e chama Bilardo de “idiota” por sugerir ter criado o sistema. Sua alegação é a de que não houve evolução, a formação surgiu totalmente pronta em sua cabeça: “Eu não fui influenciado por ninguém”. Talvez não, mas Blažević vinha de uma tradição que favorecia o líbero; adiantar os laterais para que se tornassem meios-campistas e recuar um meio-campista central para atuar como marcador eram passos evolutivos lógicos.

Teimoso e inquieto demais para manter um trabalho por um longo período, Blažević se desentendeu com seus diretores na terceira temporada e deixou o Dinamo, retornando à Suíça para trabalhar no Grasshoppers. Ele ganhou o título na primeira de duas temporadas no clube, e depois perambulou por Grécia, Kosovo, Croácia e França, levando o Pristina à promoção e conquistando a liga e a Copa da Croácia na terceira passagem pelo Dinamo. Em 1994, quando a Croácia independente foi aceita pela Uefa, Blažević era a escolha óbvia para ser técnico da seleção. Os croatas alcançaram as quartas de final da Euro 96, perdendo para a Alemanha, e depois, com uma equipe tomada de orgulho patriótico, foram semifinalistas da Copa do Mundo de 1998. “Não estou dizendo que ele foi um mau técnico ou um grande técnico”, disse o defensor Slaven Bilić, que mais tarde também treinaria a seleção. “Mas era o técnico ideal para nós. Ele nos motivava aos poucos; tinha cada dia planejado em sua mente e criava pequenos incidentes que serviam para chacoalhar o grupo, depois nos mandava ir a uma boate.”

Blažević sempre diminuiu a importância de sistemas e formações — menos, é claro, quando se tratava de enfatizar seu próprio papel na criação de um deles. Para ele, a compressão e a manipulação do espaço são as chaves. “Atualmente falamos mais sobre conceitos — um estilo de jogo ofensivo ou defensivo — do que sobre sistemas. Hoje você lida com a constante transformação dos atletas. Jogadores da linha de defesa avançam, jogadores da linha de ataque recuam e defendem. Tudo se

tornou muito fluido. Tudo acontece num espaço de trinta metros: praticamente todos devem jogar em todas as posições e saber fazer de tudo.”

Blažević também sabe que até mesmo o sistema tático preparado com mais cuidado terá valor mínimo se os jogadores não acreditarem no técnico para executar o plano, ou se lhes faltar motivação — é aí que está sua verdadeira genialidade. “Eu passei a noite inteira pensando na teoria”, disse ele, sobre a preparação para o jogo de quartas de final da Copa do Mundo de 1998, contra a Alemanha. “Havia um problema com [Oliver] Bierhoff, porque eu não tinha um jogador capaz de vencê-lo no ar, então tive a ideia de impedir os cruzamentos para ele. Pensei em contar à equipe a história sobre Rommel e Montgomery. Rommel era muito, muito melhor em estratégia, mas ele não tinha combustível. Como os tanques não podiam se mover, Montgomery venceu.

“Naquela manhã, o rapaz que estava comigo me avisou que [o presidente da Croácia, Franjo] Tuđman estava no telefone. Tuđman me disse: ‘Ćiro, você precisa vencer’. Estava a caminho do vestiário, remoendo minhas teorias, quando me olhei no espelho — há muitos espelhos em todos os vestiários. Notei que estava com uma cor meio verde e pensei: ‘Meu Deus, será que vou morrer?’.

“Entrei na sala em que os jogadores esperavam por mim — Šuker, Boban, Bokšić... — e tinha tudo desenhado nos meus papéis, mas não disse nada. Eu não conseguia, porque estava pensando na possibilidade de morrer. Estava olhando para os jogadores e havia silêncio no vestiário; após alguns momentos, percebi que eles tinham a mesma cor verde.

“A explicação da minha teoria demorava uns sete ou oito minutos e eu sabia que não conseguiria manter a atenção deles por tanto tempo. Não falei com eles sobre a minha teoria. Eles estavam ficando cada vez mais verdes. Então amassei os papéis, joguei tudo no chão e, após sete minutos, eu ainda não tinha dito nada a eles. Dane-se a teoria. Eu apenas disse: ‘Vocês precisam ir lá fora e morrer hoje pela bandeira croata e por todas as pessoas que sacrificaram suas vidas’. Nada sobre Bierhoff, nada. E nós vencemos por 3 a 0. Você precisa entender a psicologia dos jogadores. Precisa ter esse tipo de relacionamento com o time, assim pode transmitir seu estado de alma.”

Os três zagueiros também vieram à tona no norte da Europa, na Dinamarca, uma seleção que capturou a imaginação do público como a Holanda fizera uma década antes. Como Rob Smyth e Lars Eriksen escreveram no *The Guardian*, num extraordinário tributo àquele time dinamarquês, eles eram “produtos de uma evolução e ao mesmo tempo futuristas de maneira empolgante. Embora tivessem o selo do Futebol Total — noção espacial, movimento constante e imaginação no passe —, eram como uma versão em *fast-forward* daquele time da Holanda. Nenhum outro time jamais teve tantos jogadores tão rápidos com a bola”.

E, como os holandeses dos anos 1970, havia algo de muito atraente na personalidade dos dinamarqueses, talvez porque se tratava da primeira grande seleção do país; não existiam críticos reclamando de glórias do passado e da falta de expectativas. Ao contrário, reinava um senso de descrença em relação ao progresso do time por parte dos jogadores e dos torcedores, além de uma espécie de gratidão por terem sido admitidos naquela “festa do futebol”. Existia, por fim, uma certa incredulidade em relação ao fato de que eles continuavam vencendo. Não havia pressão, porque não havia nada a que eles precisassem se igualar. “Eles eram únicos, inéditos e empolgantes”, escreveram Smyth e Eriksen. “E, embora a passagem do tempo não tenha sido gentil com seus cortes de cabelo ao estilo esfregão, cheios de *mullets*, eles eram realmente bacanas, no mais puro jeito escandinavo.”

Após a chegada às semifinais da Euro 84, o técnico Sepp Piontek deu uma noite de folga aos jogadores, com o compromisso de voltarem até as cinco horas da manhã; ele implantara no grupo alguma disciplina, mas não muita. Era uma turma que gostava de estar junta e se divertir, o que ficou bastante evidente na gravação de “Re-Sepp-Ten”, a música maravilhosamente kitsch daquela seleção para a Copa do Mundo. Nem mesmo Allan Simonsen, que venceu duas Copas da Uefa com o Borussia Mönchengladbach e uma Recopa com o Barcelona — e fora escolhido o jogador europeu do ano em 1977 —, se levava muito a sério. Ele, por exemplo, se fingiu de morto por vários segundos durante um amistoso internacional em 1977, quando estava sendo gravado o filme *Skytten*, que contava a história de um atirador que o perseguia. Quando Simonsen sofreu a fratura na perna que encerrou sua carreira, durante a

Euro 84, o resto do elenco foi à televisão para cantar uma música em homenagem a ele. Os torcedores, chamados de “roligans”, também faziam parte da festa; na pior fase da era do hooliganismo, eles eram os bêbados mais felizes do mundo. Cerca de 16 mil dinamarqueses foram à França em 1984, incluindo um jovem Peter Schmeichel, que fez a viagem de 38 horas de ida e volta mesmo tendo de jogar pelo Hvidovre contra o Brøndby, no dia seguinte (eles perderam por 8 a 1).

Segundo Smyth e Eriksen, “A autodepreciação era a regra e eles adoravam o papel de zebras. Essa era a beleza e o grande problema da chamada ‘Dinamáquina’: um caso de amor envolvendo homens comuns, fumantes compulsivos e bebedores de cerveja, que também eram profissionais de elite em alguns dos melhores clubes da Europa. Aquela alegria, na verdade, carregava também um pouco do medo subconsciente de que a típica atitude dinamarquesa, leve e despretensiosa em relação à vida, no final os impedisse de alcançar o topo”.

Em termos de prática do futebol, a Dinamarca havia sido pioneira, mas, depois de ter conquistado a medalha de prata nas Olimpíadas de 1908 e 1912, o país caiu na obscuridade. Eles voltaram a ficar com o bronze nos Jogos de 1948 e novamente com a prata em 1960 — e um sorteio altamente favorável os ajudou a alcançar a semifinal do Campeonato Europeu em 1964, depois de vitórias contra Malta, Albânia e Luxemburgo —, mas o futebol só começou a crescer de fato depois que a proibição a profissionais foi suspensa, em 1971. O surgimento de uma liga profissional em 1978 foi outro grande passo, assim como um contrato de patrocínio com a Calsberg, que permitiu a contratação do alemão Sepp Piontek como técnico da seleção nacional em 1979.

Ele substituiu Kurt Nielsen, um homem agradável que usava enormes costeletas, mas que não era a pessoa certa para levar o futebol dinamarquês à modernidade. O documentário *Og Det Var Danmark* mostrou-o antes de um jogo, sendo questionado sobre ter algum plano tático em mente. “Não”, ele disse. “Taticamente, a questão ainda é fazer gols.” Sob o seu comando, os jogadores costumavam ir a uma boate em Copenhague que ficou conhecida como “o clube”. Como escreveram Smyth e Eriksen, “a Dinamarca era uma seleção nacional no nome, mas tinha a natureza de um time de pub”.

Firme e de espírito bastante lúcido, Piontek tinha 39 anos quando foi contratado, e já havia sido técnico do Werder Bremen, do Fortuna Düsseldorf, da seleção do Haiti e do St. Pauli. Mas não estava otimista: “Eu não posso fazer nada com esse time, foi o que logo pensei. Só os encontrava seis vezes ao ano, por três dias de cada vez. Havia limites para o que eu poderia alcançar. Como fazê-los trabalhar como um time?”.

Ele ainda teve de enfrentar a cultura local do amadorismo: “Os dinamarqueses não gostam da palavra ‘disciplina’. Pensavam: ‘Ninguém nos comanda. Não somos bons mesmo...’. Eu tinha de mudar isso”. O goleiro titular, Birger Jensen, foi barrado, quase como um sacrifício simbólico. Lentamente, o modo de pensar foi mudando. O ano de 1981 deu um sinal do que estava por vir: a Dinamarca fez nove jogos e ganhou oito, vencendo a Itália por 3 a 1 no torneio qualificatório para a Copa do Mundo, única derrota dos italianos no caminho para erguer o troféu no ano seguinte.

Ao menos metaforicamente, a mudança crucial foi a decisão de Piontek de mudar o local de treinamentos para a sede da Confederação Dinamarquesa de Esporte, uma sombria estrutura de concreto, cercada de arame farpado, onde os quartos dos jogadores não tinham telefone nem televisão. Piontek exigia que os dinamarqueses levassem o futebol a sério e, na Copa do Mundo de 1986, no México, fazia preleções táticas de três horas e comandava treinamentos na altitude com o uso de máscaras de oxigênio, em sessões que chegavam a durar das oito horas da manhã às onze e meia da noite.

Originalmente, a influência estilística da Dinamarca tinha sido a Holanda. Frank Arnesen, Søren Lerby, Jesper Olsen e Jan Mølby jogaram no Ajax entre 1975 e 1982 e, por isso, sofreram a influência de Johan Cruyff. “Ele era como um rei em sua corte”, Mølby escreveu em sua autobiografia, *Jan The Man*. “Sabia de tudo e você não podia fazer nada além de escutar. Às vezes, preferia que ele se calasse, mas ele não se calava.”

Mas, à medida que a Dinamarca de Piontek amadurecia, o modo dinamarquês de jogar foi assumindo um caráter próprio. “Não, nós não jogávamos como a Holanda”, disse o atacante Preben Elkjær. “Tínhamos muitos jogadores que estavam na Holanda naquela época, mas o

sistema era nosso: um 3-5-2 — e na Holanda se jogava no 4-3-3. Eu acho que o espírito era como o holandês: nós queríamos ter a bola, fazê-la rodar e os outros correrem. O espírito é como o da Espanha de hoje, ou o da Holanda de antes, mas fazíamos a coisa do nosso jeito. Era um estilo positivo, porque não ficávamos apenas nos defendendo — claro que recuávamos quando não tínhamos a bola, mas não recuávamos com dez jogadores.”



Foram a noção posicional e a coragem do experiente líbero Morten Olsen que permitiram o radicalismo tático. Elkjær mencionou o 3-5-2, e certamente foi nisso que o sistema se transformou, mas ele derivou do 1-3-3-3 do Futebol Total. Søren Busk e Ivan Nielsen operavam como os dois defensores centrais, com o meio-campista defensivo Jens Jørn Bertelsen voltando para jogar entre eles e criar a formação líbero-mais-três dos holandeses. Dois jogadores — Søren Lerby e Klaus Berggreen, na Euro 84 — atuavam mais recuados no meio de campo, ladeados por Frank Arnesen e Jesper Olsen ou John Sivebæk, com Elkjær e Michael Laudrup fazendo uma dupla de ataque bem móvel. A identidade dos dois jogadores abertos talvez indique com mais propriedade a natureza do time: embora Sivebæk pudesse jogar como lateral convencional, tanto Arnesen quanto Jesper Olsen eram genuínos meios-campistas

ofensivos, algo que às vezes fazia os dinamarqueses passarem por apuros. Na vitória por 4 a 2 sobre a URSS, no torneio qualificatório para a Copa do Mundo de 1986 (o jogo que é considerado o ponto mais alto do time de Piontek), por exemplo, Olsen teve de ser substituído no intervalo por Per Frimann, um jogador mais defensivo, por causa dos estragos que Anatoliy Demyanenko vinha fazendo daquele lado.

Piontek acredita que seu time tenha sido o primeiro na Europa a jogar dessa forma. “O motivo foi que eu tinha ótimos jogadores de meio de campo”, explicou ele. “Eram sete ou oito. Mas eu não tinha muitos defensores bons. Naquela época, os adversários jogavam com dois ou apenas um homem no ataque, então por que eu deveria manter quatro atletas na defesa? E, se eles fossem ofensivos, acabariam tendo de correr oitenta metros para a frente e oitenta metros para trás, o que é bem cansativo. Onde se trabalha mais em uma partida de futebol? No meio de campo, que está envolvido no ataque e na defesa. Eu jogava com dois marcadores [Nielsen e Busk] muito fortes, bons pelo ar, e Morten [Olsen] era o terceiro, atrás. Às vezes, ele saía com a bola e, se fosse necessário, alguém do meio de campo recuava. Era um sistema muito bom, e a Alemanha foi campeã mundial usando esse sistema em 1990. Era econômico também [...]. Sempre era possível mudar quem ia para o ataque. Um descansava enquanto o outro descia.”

A chave era a fluidez — o que Piontek chamava de “contrassistema” — e a disposição para trocar de posições, exemplificada pelo gol de Sivebæk contra a Irlanda, em 1985, em que, após a bola ser calmamente trabalhada desde a defesa, o lateral direito se viu no campo de ataque, fez uma pausa, considerou suas opções e continuou correndo para concluir com um toque de pé esquerdo por cima do goleiro. A posse de bola era priorizada a ponto de o goleiro quase nunca chutar a bola para a frente, e o resultado eram gols marcados em movimentos de desconcertante simplicidade. O gol contra a Escócia na Copa do Mundo de 1986, para usar um exemplo, resultou de seis passes muito simples pelo meio do campo.

Mas a maior diferença entre os modelos de jogo da Dinamarca e da Holanda estava no estilo, não no formato. Se o caráter ofensivo e o foco na posse eram similares, a Dinamarca era um time que carregava a bola muito mais do que a Holanda, essencialmente passadora. Arnesen,

Laudrup, Elkjær e os dois Olsens tinham a habilidade necessária para correr com a bola.

Morten Olsen e Søren Busk sugeriram que o time executasse a pressão e usasse uma linha de impedimento alta. Piontek, reconhecendo que os pontos fortes de seus jogadores eram a inteligência e a habilidade, e não necessariamente a habilidade para recuperar a bola, não demorou a concordar. “Ele tinha muito da disciplina alemã, mas também sabia que contava com jogadores dinamarqueses que precisavam entender a própria responsabilidade. E encontrou um bom equilíbrio entre disciplina e liberdade”, disse Morten Olsen. “Nós não podíamos jogar como um time alemão, tínhamos de jogar como dinamarqueses. Ele sabia e isso foi muito, muito inteligente da parte dele.”

Com um jeito ofensivo e alegre de jogar, a Dinamarca se tornou o segundo time favorito de todo o mundo, amado por sua coragem e seu estilo como nenhuma outra seleção desde então. Quando o passe descuidado de Jesper Olsen permitiu que o espanhol Emilio Butragueño empatasse a partida pela segunda fase da Copa do Mundo de 1986, precipitando o colapso dinamarquês na derrota por 5 a 1, o comentarista Svend Gehrs lamentou: “Mas Jesper, Jesper, Jesper, isso é fatal...”. Foi um grito de dor ouvido e sentido ao redor do planeta.

Um erro de Olsen encerrou a era dourada da Dinamarca — um fardo horrível para um jogador de brilho tão sutil —, mas aquela etapa também tinha sido iniciada por ele, na estreia das eliminatórias para a Euro 84, contra a Inglaterra. Os ingleses, no primeiro jogo sob a direção de Bobby Robson, tinham sido dominados, mas chegaram a estar vencendo por 2 a 1, com dois gols de Trevor Francis. A defesa inglesa, que sofrera apenas dois gols nos onze jogos anteriores, já começava a acreditar que levaria a melhor sobre os rivais quando Olsen, aproveitando a movimentação de Lerby, passou por três marcadores, invadiu a área e finalizou por baixo de Peter Shilton. Mais tarde, em Wembley, uma vitória por 1 a 0 confirmou a classificação dinamarquesa, após uma campanha impressionante.

Na França, durante a Euro 84, a derrota por 1 a 0 para os anfitriões foi seguida de uma goleada empolgante de 5 a 0 sobre a Iugoslávia, o que significava que a Dinamarca precisaria apenas empatar com a

Bélgica para avançar. Depois de começar perdendo por 2 a 0 em uma partida nervosa, os dinamarqueses viraram para 3 a 2, com Elkjær anotando o gol decisivo em uma maravilhosa jogada individual. A semifinal, contra a Espanha, foi outro clássico. Arnesen e Elkjær acertaram a trave no empate por 1 a 1, ao qual se seguiu uma disputa de pênaltis vencida pela Espanha. Elkjær errou a última cobrança e voltou para o meio de campo caminhando tristemente, com parte do traseiro visível por causa do calção rasgado por um espanhol durante o jogo. Uma imagem ao mesmo tempo ridícula e comovente.

O medo era que o sucesso não fosse sustentável, especialmente sem Simonsen. Mas a Dinamarca ficou ainda melhor, atingindo seu auge na vitória por 4 a 2 sobre a URSS, em 1985. Esse é o único jogo que Mølby tem gravado em vídeo. “Eu estava no banco”, ele disse, “e foi o melhor jogo que já vi.”

Mas a Dinamarca nunca foi consistente, talvez porque o elemento de risco assumido em sua maneira de jogar a deixasse vulnerável. Nos meses anteriores à Euro, eles perderam por 6 a 0 e 4 a 0 em amistosos contra a Holanda e a Alemanha Oriental. Em 1985, fizeram oito jogos: não marcaram nenhum gol em quatro; nos outros quatro, conseguiram dezessete. É verdade que dois dos jogos em que o ataque não marcou foram empates em 0 a 0 com a Suíça, nos quais os dinamarqueses mandaram cinco bolas na trave e perderam um pênalti, mas essa sequência irregular significou que, faltando duas rodadas no torneio eliminatório para a Copa do Mundo, passava a existir uma real possibilidade de eles ficarem fora da disputa no México em 1986. Na primeira dessas duas partidas, a Dinamarca perdia para a Noruega por 1 a 0 quando o encontro chegou ao intervalo, mas cinco gols no segundo tempo abriram o caminho para a classificação, confirmada com a goleada de 4 a 1 sobre a Irlanda, em Dublin.

Na Copa, Piontek não estava disposto a mudar. “No México, devemos atacar, como sempre fizemos”, prometeu ele, e a Dinamarca atacou. Elkjær marcou o único gol de uma tensa vitória sobre a Escócia, mas depois eles massacraram o Uruguai por 6 a 1. É verdade que um uruguaio, Miguel Bossio, foi expulso aos vinte minutos de jogo, quando o placar ainda marcava 1 a 0 para os dinamarqueses, mas aquele foi um caso de pleno domínio que conduziu ao cartão vermelho, e não o

contrário. O resultado garantiu o avanço da Dinamarca, mas provocou o seguinte cenário: uma derrota no último jogo da fase de grupos, contra a Alemanha Ocidental, marcaria um encontro com o Marrocos nas oitavas de final, enquanto que, com uma vitória ou um empate, o adversário seria muito mais difícil, a Espanha. Outros teriam pensado em entregar o jogo, mas os dinamarqueses tinham vencido a Alemanha Ocidental apenas uma vez, num amistoso em 1971, no qual os alemães escalaram um time amador. O fato de a Alemanha Ocidental ter se recusado a enfrentar novamente a Dinamarca desde então os incomodava, e Piontek, além disso, estava ansioso para deixar uma marca contra seu país. A Dinamáquina foi de novo brilhante — sem parecer fazer grande esforço —, vencendo por 2 a 0. Mas Arnesen acabou expulso num desentendimento com Lothar Matthäus. Ele faria muita falta contra a Espanha.

A Dinamarca abriu vantagem num pênalti convertido por Jesper Olsen, mas, pouco antes do intervalo, o goleiro Lars Høgh passou a bola para Olsen, que fintou Julio Salinas e, inexplicavelmente, fez um passe sem olhar para a entrada da própria área. Høgh, o suposto destinatário do passe, não estava ali e Butragueño rolou a bola para o gol. Gehrs estava certo: o erro foi fatal e seu comentário se tornou o epitáfio daquela geração. A Dinamarca se desmanchou no segundo tempo e a Espanha fez 5 a 1.

Alguns sugeriram que o colapso teria acontecido porque a intensidade do estilo da Dinamarca não podia ser mantida no calor e na altitude do México. Piontek direcionou a culpa para o aspecto mental: “Esse tipo de atitude dinamarquesa começou a se evidenciar [depois da fase de grupos no México] quando os jogadores pensaram: ‘Bem, chegamos até aqui, jogamos brilhantemente e ninguém pode nos acusar de nada’. No final, ainda faltava algo para eles, a transição para o ‘Nós somos capazes e vamos conseguir!’. Talvez as coisas não estivessem tão bem como eu havia imaginado”.

A Dinamarca deixou o México depois de ter encantado o mundo. Segundo o relatório técnico da Fifa, foi a seleção que “jogou o futebol mais espetacular durante o torneio [...]. A disposição para assumir riscos, associada à plena dedicação no aspecto físico, deu ao jogo dinamarquês um dinamismo excepcional”. Mas eles nunca mais

repetiriam aquele desempenho. A Dinamarca perdeu todos os três jogos na fase de grupos da Euro 88 e não conseguiu se classificar para a Copa da Itália. Piontek acabou se demitindo em 1990, segundo alguns para aproveitar as vantagens relacionadas ao recolhimento de impostos na Turquia, que o escolheu para dirigir sua seleção. Piontek argumenta que saiu porque se irritou com histórias publicadas pelos tabloides — e sempre negadas por ele — sobre uma conta bancária secreta em Liechtenstein. E aí, exatamente quando o sucesso parecia ter ficado para trás, a Dinamarca conquistou a Euro 92, torneio que disputou como substituta da Iugoslávia. Aquele time, treinado por Richard Møller Nielsen, não poderia ser mais distinto do visto nos anos 1980; parte do espírito do grupo pode ter coincidido, mas se tratava de uma equipe essencialmente funcional e pragmática.

Com a queda da Dinamarca nas oitavas de final, o caminho ficou aberto para a Argentina vencer a Copa do Mundo de 1986, mesmo depois de ter ido ao México em clima de pouco otimismo. Os argentinos golearam Israel por 7 a 2 no último amistoso preparatório, mas essa foi a primeira vitória da seleção em sete jogos. Como Maradona escreveu em sua autobiografia, os torcedores assistiram à estreia contra a Coreia do Sul “com os olhos quase fechados”, com medo do tipo de humilhação que acabariam vindo a sofrer contra Camarões, quatro anos depois. “Eles nem sabiam quem estava jogando na seleção”, continuou Maradona. “[Daniel] Passarella tinha saído do time; [José Luis] Brown, [José Luis] Cuciuffo e [Héctor] Enrique tinham entrado. Nós acreditávamos, mas não tínhamos ainda um único resultado positivo sobre o qual apoiar nossa confiança [...]. Mas, com os planos meticulosos de Bilardo, suas táticas e sua obsessão pelas posições na equipe, de repente tudo se encaixou.”

Cuciuffo e Enrique, no entanto, não jogaram na estreia. A Argentina começou com um 4-4-2, com Brown como líbero atrás de Néstor Clausen, Oscar Ruggeri e Oscar Garré, e Pedro Pasculli ao lado de Jorge Valdano no ataque. O primeiro jogo terminou numa vitória confortável, mas, contra a Itália, Bilardo decidiu que Cuciuffo estaria mais bem preparado para lidar com o rápido atacante Giuseppe Galderisi. Ruggeri cuidou de Alessandro Altobelli e, então, como no *gioco all'italiana*, o

lateral esquerdo argentino, Garré, ficou livre para avançar e se juntar ao meio de campo. O mesmo sistema foi mantido para a terceira partida da fase de grupos, contra a Bulgária, e para o jogo da fase seguinte contra o Uruguai.

Foi somente contra a Inglaterra, nas quartas de final, que Bilardo se decidiu finalmente pela escalação que venceria a Bélgica na semifinal e a Alemanha Ocidental na decisão (por coincidência, em 1966, Ramsey só encontrou o time ideal nas quartas de final, contra a Argentina). Em Brown, ele tinha um jogador que parecia voltar ao tempo dos líberos mais descomplicados, como Picchi. À frente dele, posicionavam-se os dois marcadores, Ruggeri e Cuciuffo, que cuidavam dos centroavantes adversários. Sergio Batista atuava diante do trio de zagueiros, como articulador e recuperador de bolas, e Julio Olarticoechea — opção preferida em relação a Garré, mais defensivo — e Ricardo Giusti jogavam abertos. Jorge Burruchaga, como ligação entre o meio de campo e o ataque, era um titular certo, assim como, obviamente, Valdano e Maradona. O que deixava apenas uma posição para ser preenchida. Pasculli havia marcado o gol da vitória sobre o Uruguai na fase anterior, mas Bilardo decidiu escalar Enrique. “Você não pode jogar contra os ingleses com um centroavante puro”, explicou. “Eles o devorariam, e o homem a mais no meio de campo dará mais espaço a Maradona.”

Então Maradona jogou como segundo atacante, mas com liberdade para se movimentar por onde achasse conveniente, protegido pela plataforma defensiva que havia atrás dele. Seu primeiro gol, após 51 minutos de jogo, foi um exemplo de *viveza* argentina da pior espécie; o segundo, quatro minutos depois, foi de tirar o fôlego. Compelido a atacar pela desvantagem de dois gols, o técnico Bobby Robson passou a jogar com dois pontas, John Barnes e Chris Waddle, e as fraquezas defensivas do sistema de Bilardo foram imediatamente expostas. Gary Lineker conseguiu converter em gol uma jogada de Barnes e quase empatou em um lance similar nos últimos segundos.

Um time com dois pontas teria superado a Argentina? Possivelmente. Pode-se argumentar que o meio de campo com três homens — Batista, Enrique e Burruchaga — iria dominar a posse da bola, mas nem mesmo contra a dupla de meios-campistas ingleses — Glenn Hoddle e Steve Hodge —, que deixava a desejar em

impetuosidade, os argentinos conseguiram cortar o “abastecimento” de Barnes e Waddle. Carlos Tapia, mais defensivo, substituiu Burruchaga quando faltavam quinze minutos de jogo, mas Barnes continuou criando problemas.

De qualquer forma, isso pouco importa. A Bélgica também não tinha jogadores que atuassem abertos — e quem pode afirmar que, mesmo se tivesse, ousaria escalá-los? — e restringiu a semifinal a uma batalha de meio de campo, na qual foi batida pelo brilhantismo de Maradona. Na final, a Argentina encontrou uma Alemanha Ocidental que vivia sua complicada transição para o novo sistema com laterais ofensivos.

Depois da derrota na final da Copa do Mundo de 1966, o futebol da Alemanha Ocidental experimentou uma evolução similar à vivida pela Holanda. As duas nações podem ser rivais tradicionais, mas o desenvolvimento do futebol em cada uma delas tem muito em comum. Como a Holanda, a Alemanha Ocidental se beneficiou do fato de contar com poucas teorias estabelecidas sobre como o jogo deveria ser praticado. Os alemães, é claro, haviam construído uma tradição mais bem-sucedida, mas sua liga profissional foi fundada apenas em 1963. Seu futebol passou por enormes mudanças nos anos 1960, um processo que tornou o país mais receptivo a novas ideias.

A seu modo, a vitória da Alemanha Ocidental por 3 a 1 sobre a Inglaterra, em Wembley, no jogo da ida das quartas de final do Campeonato Europeu de 1972, foi tão dramática quanto a vitória da Hungria no mesmo local, dezenove anos antes. No dia seguinte, os jornais ingleses fizeram a comparação, impressionados com a meia hora inicial do jogo, em que o time inspirado por Franz Beckenbauer e Günter Netzer praticou um futebol brilhante e desconcertante, trocando posições e movendo a bola com velocidade. O *L'Équipe* saudou o estilo da Alemanha Ocidental como “o futebol do ano 2000”, enquanto observadores ingleses posteriormente reconheceram o significado simbólico daquele confronto: na época, a Inglaterra e a Alemanha Ocidental tinham vencido uma Copa do Mundo cada; desde então, a Alemanha conquistou mais duas Copas [três, se contarmos o triunfo em 2014] e três Campeonatos Europeus, enquanto a Inglaterra não conquistou mais nada. “Derrotas dessa magnitude”, escreveu Albert Barham, no *The Guardian*, “passaram a ser uma possibilidade, uma vez

que, na Alemanha, o estilo que ganhou a Copa do Mundo de 1966 foi copiado e aperfeiçoado, enquanto a Inglaterra se acomodou sobre os louros alcançados — o trabalho duro transformado em divindade à qual todo o resto devia subserviência.”

Aquele jogo foi a morte dos que haviam vencido a Copa do Mundo para a Inglaterra — Geoff Hurst nunca mais atuou pela seleção e Alf Ramsey só dirigiu mais um jogo competitivo. A avaliação de Helmut Schön, o técnico alemão, fez ecoar uma verdade inconveniente. “Parece que eles ficaram parados no tempo”, ele disse. “Claro, tivemos que lutar para vencer, mas fomos muito superiores tecnicamente.” O progresso teve suas raízes em dois clubes, sendo que nenhum deles foi membro fundador da Bundesliga: Bayern de Munique e Borussia Mönchengladbach. O Bayern contratou o iugoslavo Zlatko Čajkovski como técnico, em 1963; o Gladbach escolheu Hennes Weisweiler, em 1964. Ambos, cada um a seu modo, eram progressistas e desenvolveram seus times “em casa”, com foco nos jovens. O Gladbach que conseguiu a promoção de divisão em 1964-5 tinha média de idade de apenas 21 anos e meio.

O efeito da juventude é bipartido. Por um lado, como o romeno Mircea Lucescu sempre argumentou, atletas jovens têm menos ideias preconcebidas e não possuem a experiência que gera a cautela. São mais obedientes e menos temerosos (o futebol impassível e sem imaginação produzido pela experiente Inglaterra de Ramsey oferece uma excelente base de comparação). Por outro, jogadores que atuam juntos desde cedo desenvolvem uma espécie de compreensão, crescem organicamente juntos para acomodar as peculiaridades de cada indivíduo. Quando um avança, o outro faz a cobertura; se um se move para a esquerda, o outro vai para a direita; posições são trocadas de forma fluente, quase subconsciente. Essa sofisticação é resultado de um profundo conhecimento mútuo, que é mais facilmente alcançado durante a juventude.

Havia diferenças entre as abordagens — o Gladbach tendia a jogar no contragolpe, enquanto o Bayern preferia controlar a posse — e nenhum dos dois clubes usava a pressão feroz e a agressiva armadilha de impedimento dos holandeses (estranhamente, como Christoph Biermann mostra em *Der Ball ist rund*, o *pressing* só foi aceito na

Alemanha nos anos 1990), mas ambos promoviam a fluidez, estimulando os jogadores a encontrar seus próprios papéis no campo, com companheiros de time como referência, em vez de pontos fixos.

Como na Holanda, o futebol fez parte de um movimento cultural mais amplo na Alemanha: conforme explica Wolfram Pyta em seu ensaio *German Football: A Cultural History*, “a ênfase tradicional em certos valores, como os da família burguesa e nos modos de vida correspondentes, perdeu sua validade de tal maneira que o aumento da autonomia cultural acabou conduzindo ao pluralismo de estilos de vida. Neste aspecto, Netzer e Beckenbauer eram produtos de seu tempo e expoentes da experimentação cultural dos anos 1970”. A questão que se coloca, então, é: por que forças sociais similares não tiveram um impacto parecido no futebol inglês? A resposta é que provavelmente tiveram, mas apenas em casos isolados — *The Mavericks*, sobre quem escreveu Rob Steen — e por isso nunca ofereceram um desafio verdadeiro às mais profundas tradições do jogo na Inglaterra, que, afinal, tinham levado o país ao sucesso alguns anos antes (pois nada é capaz de nutrir o conservadorismo tão bem quanto o sucesso).

Netzer, em especial, escreveu Pyta, “tornou-se o favorito dos intelectuais de esquerda, que enxergaram nele alguém que rompia com as tradições culturais alemãs dentro e fora do campo, porque celebrava uma forma de jogar que representava uma mudança radical em relação às supostas ‘virtudes futebolísticas’ do alemão, a força competitiva e o ímpeto; em especial, porque ele era considerado um não conformista”. Na verdade, embora Netzer fosse a figura mais abertamente rebelde, especialmente em termos de estilo de cabelo e modo de se vestir, Beckenbauer era quem tinha a vida pessoal mais turbulenta. Sua imagem, no entanto, graças a seu apoio público ao partido conservador CSU — e ao fato de jogar no Bayern — era percebida como mais convencional.

O último estágio de evolução do futebol da Alemanha Ocidental provavelmente aconteceu na Copa do Mundo de 1970, em que eles disputaram os jogos da fase de grupos e também venceram a Inglaterra por 3 a 2 nas quartas de final, sob o forte calor da cidade de León. Como era muito difícil manter a intensidade na marcação ao adversário, o controle da posse virou prioridade. No *The Guardian*, David Lacey

sugeriu que a Alemanha Ocidental fazia um esforço consciente para jogar pelo maior tempo possível sob as sombras das arquibancadas, desenvolvendo ainda mais sua capacidade de manipular o jogo da forma que lhe interessava. O resultado, quando aliado ao pragmatismo que os holandeses evitavam voluntariamente, foi um estilo de futebol que dominou o esporte na Europa, em clubes e seleções, do início à metade dos anos 1970.

Beckenbauer foi tão essencial para o desenvolvimento da Alemanha Ocidental quanto Cruyff tinha sido para a Holanda. Ele atuou como líbero pelo Bayern desde o final dos anos 1970, encorajado por Čajkovski, que crescera em um ambiente de valorização dos defensores centrais que sabiam jogar (não é coincidência que o primeiro grande líbero do Ajax, Velibor Vasović, tenha sido produzido pela mesma cultura). O próprio Beckenbauer sempre insistiu que seu estilo ofensivo era resultado de suas atuações como meio-campista pela seleção, na qual Willi Schulz era o líbero — por isso, ele não sentia o desconforto que era comum aos defensores quando avançavam com a bola.

Sejam quais forem as origens, o 1-3-3-3 com marcação individual e o líbero como homem verdadeiramente livre se tornaram o padrão no futebol alemão. E, com a pequena modificação em que um dos atacantes recuava para fazer o papel de criador de jogadas, esse foi o sistema que Beckenbauer, já como técnico da Alemanha Ocidental, usou no México em 1986. No jogo de quartas de final, por exemplo, em que os alemães venceram os anfitriões nos pênaltis, Ditmar Jakobs atuou como líbero com — da direita para a esquerda — Andreas Brehme, Karlheinz Förster e Hans-Peter Briegel à sua frente. Thomas Berthold, Lothar Matthäus e Norbert Eder formavam o meio de campo, com Felix Magath no papel de criador de jogadas, atrás de Karl-Heinz Rummenigge e Klaus Allofs.

Mas, na semifinal contra a França, vencida por 2 a 0, a Alemanha Ocidental jogou com três defensores centrais, com Eder recuado ao lado de Förster e Wolfgang Rolff no meio de campo, para marcar Michel Platini individualmente. Beckenbauer orientou Förster a permanecer atrás e, por isso, como disse o zagueiro, “nós acabamos fazendo marcação por zona de forma quase natural”. Uma década se passaria antes que esse debate fosse abordado adequadamente no futebol alemão.

Com Rolff saindo para o retorno de Berthold de suspensão, a função de marcar Maradona individualmente na final foi atribuída a Matthäus. A Alemanha Ocidental manteve o 3-5-2 e Maradona foi relativamente contido. Mas ele também neutralizou Matthäus, arrastando-o para posições tão recuadas que parecia que a Alemanha tinha quatro defensores centrais. Com mais dois marcadores à frente da linha de defesa, os alemães perderam a criatividade e Magath ficou isolado, participando pouco do jogo.

O estreito posicionamento adotado pela Alemanha Ocidental — o sistema nem sequer permitia que os zagueiros avançassem — serviu ao desejo da Argentina. Brown abriu vantagem com um gol de cabeça, após falha de Schumacher numa bola erguida na área. E, quando Valdano ampliou aos onze minutos do segundo tempo, o jogo parecia definido. Só então Matthäus foi dispensado de suas obrigações defensivas, e só então a Alemanha Ocidental começou a jogar, expondo uma fraqueza que atormentava Bilardo. As jogadas de bola parada deveriam ser a especialidade argentina, mas ele se preocupava tanto com a capacidade de seu time para se defender delas que entrou no quarto de Ruggeri às quatro da manhã do dia da final. Com o defensor meio dormindo e desorientado, Bilardo perguntou quem ele deveria marcar nos escanteios. “Rummenigge”, foi a resposta, que o técnico tomou como uma evidência de que Ruggeri estava suficientemente focado.



ARGENTINA 3 A 2 ALEMANHA OCIDENTAL, FINAL DA COPA DO MUNDO,
ESTÁDIO AZTECA, CIDADE DO MÉXICO, 29 DE JUNHO DE 1986

Porém, restando dezesseis minutos na partida, e com Brown sentindo uma fratura no ombro, Rudi Völler desviou uma cobrança de escanteio e Rummenigge marcou. Oito minutos depois, Berthold cabeceou outra bola de um escanteio e Völler empatou. Talvez a melhor estratégia para os alemães fosse voltar ao negativismo que seu sistema parecia exigir, mas não foi o que fizeram. Entusiasmados pela reação, eles acabaram deixando espaço atrás da linha defensiva. Maradona precisou de apenas três minutos para explorá-lo: fez o passe para Burruchaga, pelas costas de Briegel, correr e marcar o gol decisivo.

Olhando em retrospectiva, o sucesso argentino parece quase uma excentricidade e, embora sejam injustas as críticas sobre se tratar de um time de um só jogador, o problema de confiar tanto em Maradona foi notado quando a Argentina venceu apenas seis de 31 jogos entre o fim daquela Copa do Mundo e o começo da seguinte. E, de alguma forma, eles conseguiram novamente chegar à final em 1990.

Bilardo não ganhou muitos jogos como técnico da seleção, mas manteve o hábito de vencer os que mais importavam. Além disso, sua forma de pensar se mostrou incontestável. Na Itália em 1990, os três zagueiros foram uma visão comum. O Brasil usou essa formação, assim como a Alemanha Ocidental, que conquistou o torneio com Klaus Augenthaler, Guido Buchwald e Berthold (ou Jürgen Kohler) sustentando um trio de meio de campo que contava com Matthäus e mais dois jogadores escolhidos entre Berthold, Thomas Häßler, Uwe Bein, Pierre Littbarski e Olaf Thon, dependendo das circunstâncias. Essa era a beleza do sistema — ele permitia que fossem feitas mudanças de tom com simplicidade, sem grandes torções no formato. Contra a Holanda na segunda fase, por exemplo, Buchwald, usualmente um defensor central, foi usado como meio-campista para ajudar a romper o jogo de passes holandês.

Surpreendentemente, até a Inglaterra adotou o líbero, quase como último recurso depois de começar o torneio empatada em 1 a 1 com a República da Irlanda, um jogo tão ruim que a *Gazzetta dello Sport* lhe dedicou a manchete “Sem futebol, por favor, somos britânicos”. Com Mark Wright como líbero, entre Terry Butcher e Des Walker, a Inglaterra se sentiu confiante para reunir os talentos ofensivos de Chris Waddle, David Platt e Paul Gascoigne no mesmo meio de campo. Os ingleses podem ter tido sorte em alguns momentos, mas o resultado foi que, num paradoxo que impediu que os torcedores enxergassem o que realmente havia acontecido no torneio, o time jogou com mais ousadia do que havia feito em anos e alcançou a semifinal pela primeira vez desde 1966. A essa altura, ainda foi bem o bastante para empatar com a Alemanha Ocidental e perder apenas nos pênaltis.

Mas a verdade é que não foi uma boa Copa do Mundo. A média de gols foi a mais baixa da história das Copas, com 2,21 por jogo, e os cartões vermelhos bateram um recorde: foram dezesseis. E mesmo a Alemanha Ocidental, claramente o melhor time, marcou apenas três gols nos últimos três jogos: dois de pênalti e um numa falta em que a bola desviou. O time alemão foi construído predominantemente com músculos, algo que o 3-5-2 encorajava. Johan Cruyff o desprezou, declarando mais tarde que a substituição do ponta pelo lateral ofensivo era a “morte do futebol”.

Esse foi o resultado da outra faceta do pensamento consagrado por Bilardo: a ideia de que o melhor lugar para um criador de jogadas talvez não fosse o meio de campo, mas como segundo atacante. Sua insistência em ter três atletas que jogavam e sete que corriam pode ter sido extremada, mas as tendências do jogo certamente pendiam para esse lado. Até a Holanda usou Ruud Gullit, que seguramente seria um criador recuado em outros tempos, como segundo atacante, atrás de Marco van Basten no 4-4-1-1.

À medida que os jogadores foram se tornando mais bem condicionados e os sistemas, mais organizados, as defesas ficaram mais sólidas. O idealismo dos brasileiros diminuiu e o segundo atacante que criava jogadas se transformou em um quinto meio-campista. Após a esterilidade da Copa do Mundo de 1990, o ponto mais baixo aconteceu no Campeonato Europeu de 1992, um festival de tédio que rendeu a média de apenas 2,13 gols por jogo. Mesmo enquanto a Fifa, em desespero, alterava as regras para proibir o recuo para o goleiro e o carrinho por trás, o futebol parecia embarcar numa jornada sem fim para bem longe do senso estético. Com o jogo tão bem analisado e compreendido, e as estratégias defensivas tão precisas, a grande questão que se apresentava ao futebol no início dos anos 1990 era se havia qualquer lugar para a beleza.



17. O técnico que não era um cavalo

Foi o sucesso do Milan na Europa, nos anos 1960, que introduziu o líbero como o padrão italiano. Um quarto de século depois, foi o sucesso do Milan na Europa que acabou com ele. A vitória do Hamburgo sobre a Juventus na final da Copa da Europa de 1983 alertou técnicos e especialistas sobre as falhas do *gioco all'italiana*, mas o triunfo de 1 a 0 da Juventus contra o Liverpool dois anos depois, em meio ao horror de Heysel, voltou a confirmar sua predominância.

Houve, sim, esforços anteriores para abandonar o líbero e a marcação homem a homem, mas foram movimentos isolados. Luís Vinício introduziu a defesa por zona no Napoli em 1974, mas o experimento fracassou e depois o ex-atacante do Milan, Nils Liedholm, aplicou uma variante da marcação por setor na Roma, tática que levou o time à final da Copa da Europa de 1984. Liedholm foi para o Milan, mas só após Arrigo Sacchi tê-lo sucedido, em 1987, o futebol italiano acordou para a possibilidade de acabar com a marcação por zona e adotar um sistema integrado de pressão defensiva.

“A marcação por zona de Liedholm não era realmente isso”, disse Sacchi. “Minha ideia de zona era diferente. A marcação passava de jogador para jogador, à medida que o atacante se movia pelos diferentes espaços. No sistema de Liedholm, começava-se no conceito de zona, mas na verdade era uma zona mista, porque você ainda devia marcar individualmente dentro de cada zona.” É provável que nenhum time tenha jogado tão bem com o sistema zonal quanto o Milan de Sacchi. Em três anos, ele levou o clube a dois títulos da Copa da Europa, mesmo sendo virtualmente desconhecido quando assumiu um time que parecia estar parado no tempo.

Nascido em Fusignano, uma comunidade de 7 mil habitantes na província de Ravenna, Sacchi amava o futebol, mas não conseguiu praticá-lo profissionalmente. Trabalhava como vendedor na fábrica de sapatos do pai e, quando ficou claro que não era suficientemente bom para atuar nem mesmo no Baracco Luco, o clube local, Sacchi passou a

treinar o time. Pela primeira vez, mas não a última, enfrentou uma crise de credibilidade. “Eu tinha 26 anos, meu goleiro tinha 39 e meu centroavante tinha 32”, disse. “Eu tive de convencê-los.”

Mas já naquela etapa de sua vida, e diante de tantas dúvidas, Sacchi tinha ideias muito claras sobre como o futebol deveria ser jogado. “Quando criança, eu adorava os grandes times. Eu me apaixonei pelo Honvéd, depois pelo Real Madrid, depois pelo Brasil, por todos os grandes times. Mas foi a Holanda dos anos 1970 que realmente tirou o meu fôlego. Era um mistério para mim. A televisão era muito pequena; eu sentia que precisava ver o campo todo para entender e apreciar completamente o que eles vinham fazendo.”

Os quatro times citados eram excelentes no passe, baseados no movimento e na interação de seus jogadores. O Honvéd, o Real Madrid e o Brasil — com diferentes níveis de intenção — lideraram a evolução rumo à consagração do sistema; a Holanda de Rinus Michels foi um dos dois grandes expoentes de suas possibilidades. Enquanto contemplava aquele esquadrão, o jovem Sacchi queria ver não apenas o jogador que estava com a bola, não apenas o que a maioria consideraria o centro da ação, mas também o restante da equipe. Ele então se aproximou da conclusão de Valeriy Lobanovskyi, de que o homem sem a bola é tão importante quanto o homem com a bola, de que o futebol não se trata apenas de onze atletas considerados individualmente, mas do sistema dinâmico construído por esses indivíduos.

Para simplificar, no entanto, Sacchi gostava de times que atacavam, o que bastou para diferenciá-lo da cultura italiana de futebol, condicionada pelo legado de Gipo Viani, Nereo Rocco e Helenio Herrera. “Quando comecei, dava-se maior atenção à fase defensiva”, disse Sacchi. “Nós tínhamos um líbero e marcávamos individualmente. A fase ofensiva ficava a cargo da inteligência e do bom senso individual, e da criatividade do número dez. A Itália tem uma cultura defensiva, não apenas no futebol. Durante séculos, fomos invadidos por todo mundo.”

Foram esses mesmos aspectos que levaram Gianni Brera a falar sobre a “fraqueza” italiana, argumentando que a cautela defensiva seria a única forma de prosperar, uma ideia reforçada pela derrota esmagadora na Segunda Guerra Mundial, que parecia expor a desconfiança a respeito do militarismo que tinha sustentado o sucesso

de Vittorio Pozzo na era de Mussolini. Sacchi, contudo, passou a questionar esse derrotismo quando acompanhou o pai em viagens de negócios a Alemanha, França, Suíça e Holanda. “Aquilo abriu minha mente”, disse Sacchi. “Brera afirmava que os clubes italianos tinham de se dedicar à defesa por conta da nossa dieta alimentar. Mas eu notava que éramos excelentes em outros esportes e que nosso sucesso comprovava que não éramos fisicamente inferiores. Então eu me convenci de que o verdadeiro problema era a nossa mentalidade, que era preguiçosa e defensiva.

“Mesmo quando técnicos estrangeiros vieram para a Itália, eles simplesmente se adaptaram ao jeito italiano de fazer as coisas: talvez por causa do idioma, talvez por oportunismo. Até mesmo Herrera. No começo, ele jogava futebol de ataque. Mas depois mudou. Eu me lembro de um jogo contra o Padova de Rocco. A Inter dominou. O Padova passou da linha do meio de campo três vezes, marcou dois gols e acertou uma bola na trave. E Herrera foi crucificado na imprensa. Então o que ele fez? Começou a jogar com um líbero, orientou [Luis] Suárez a recuar e fazer lançamentos longos e passou a jogar futebol de contra-ataque. Para mim, *la grande Inter* contava com grandes jogadores, mas era um time que só tinha um objetivo: ganhar. Contudo, se você quer entrar para a história, não é suficiente apenas ganhar, você precisa entreter.”

Esse se tornou um princípio permanente e Sacchi desde cedo voltou seu olhar para a posteridade — ou ao menos para uma noção de grandeza medida por algo mais do que medalhas e troféus. “Grandes times têm uma coisa em comum, independentemente de épocas e táticas”, disse ele. “Eles são os donos do campo e da bola. Isso significa que, quando tem a bola, você dita o jogo e, quando está defendendo, você controla o espaço.

“Marco van Basten costumava me perguntar por que tínhamos de vencer e também convencer. Alguns anos atrás, a *France Football* fez sua lista dos dez maiores times da história. Meu Milan ficou lá em cima. A *World Soccer* fez a mesma coisa: meu Milan ficou em quarto, mas os três primeiros eram seleções nacionais — a Hungria de 1954, o Brasil de 1970 e a Holanda de 1974. E, depois, nós. Então eu peguei essas revistas e disse ao Marco: ‘É por isto que você precisa vencer e ser convincente’.

Não fiz o que fiz porque pensava em escrever a história. Fiz porque queria dar noventa minutos de alegria para as pessoas. E queria que essa alegria viesse não das vitórias, mas do divertimento, do fato de terem visto algo especial. Fiz pela paixão, não porque queria dirigir o Milan ou vencer a Copa dos Campeões. Eu era apenas um cara com ideias e adorava ensinar. Um bom técnico é escritor e diretor. O time tem de ser um reflexo dele.”

Jorge Valdano, atualmente o filósofo mais eloquente em defesa da estética no futebol, está de total acordo com esse sentimento. Segundo ele, “os técnicos passaram a enxergar os jogos como uma sucessão de ameaças e por isso o medo contaminou suas ideias. Cada ameaça imaginária que eles tentam neutralizar os leva a decisões repressivas, que corroem aspectos do futebol, como a felicidade, a liberdade e a criatividade. No coração do poder de sedução do futebol está o fato de que certas sensações são eternas. O que um torcedor sente hoje quando pensa no jogo é o mesmo que sentia cinquenta ou oitenta anos atrás. Da mesma forma, o que Ronaldo pensa quando recebe a bola é o mesmo que Pelé pensava, que por sua vez era o mesmo que Di Stéfano pensava. Nesse aspecto, não houve grande mudança, a atração é a mesma”.

Como Gabriele Marcotti observou em um artigo no *The Times*, a raiz dessa atração, para Valdano, é a emoção. “As pessoas costumam dizer que o resultado é o mais importante, que, daqui a dez anos, a única coisa que será lembrada é o placar, mas isso não é verdade”, diz Valdano. “O que fica na memória das pessoas é a busca pela grandeza e os sentimentos provocados por essa busca. Nós lembramos do Milan de Arrigo Sacchi mais do que do Milan de Fabio Capello, embora o Milan de Capello seja mais bem-sucedido e mais recente. Do mesmo modo, os times do Futebol Total holandês dos anos 1970 tornaram-se lendários, muito mais do que a Alemanha Ocidental, que os bateu na final da Copa do Mundo de 1974, ou a Argentina, que os derrotou na final de 1978. A questão é a busca pela perfeição. Sabemos que a perfeição não existe, mas é nossa obrigação em relação ao futebol e, talvez, à própria humanidade, seguir buscando-a. É disso que nos lembramos. É isso que é especial.”

Quando Sacchi chegou aos trinta anos, sua busca pela perfeição já estava começando. Do Baracco Luco ele foi para o Bellaria e, em 1979,

para o Cesena, então na Série B, para trabalhar nas categorias de base. “Eu ainda trabalhava no negócio do meu pai, então foi uma escolha de estilo de vida”, disse Sacchi. “Eu ganharia, por ano, mais ou menos o que ganhava em um mês como diretor da empresa do meu pai. Mas, em certo aspecto, aquilo me libertou. Eu nunca trabalhei por dinheiro, porque, afortunadamente, nunca tive de pensar nisso.” Tratava-se de uma jogada arriscada, que dificilmente traria um retorno rápido.

Depois do Cesena, Sacchi assumiu o Rimini, na Série C1, e quase levou o clube ao título. Sua grande oportunidade surgiu quando foi contratado pela Fiorentina, finalmente um clube da Série A, onde Italo Allodi, ex-dirigente da Inter e da Juventus, lhe deu um cargo na base. Suas conquistas em Florença lhe valeram a posição de técnico do Parma, à época na Série C1. Sacchi conseguiu o acesso de divisão em sua primeira temporada, na qual o time levou apenas catorze gols em 34 jogos — seus princípios ofensivos sempre estiveram baseados em uma defesa segura — e, na temporada seguinte, ficou a três pontos da promoção à Série A. Mais importante para Sacchi, o Parma venceu o Milan por 1 a 0 na fase de grupos da Copa Itália e depois ganhou novamente, por 1 a 0 no placar agregado, quando os dois clubes se reencontraram na primeira rodada de jogos eliminatórios. O Parma foi eliminado pela Atalanta nas quartas de final e, mesmo não tendo vencido um jogo sequer fora de casa naquela temporada na liga, impressionou Silvio Berlusconi, que tinha adquirido o Milan naquele ano. Ele também tinha sonhos de grandeza e compartilhava o idealismo de Sacchi.

“Um técnico”, nas palavras de Sacchi, “só faz a diferença se estiver em um clube que o apoia, que é paciente, que dá confiança aos jogadores e que está disposto a um compromisso de longo prazo. E, no meu caso, um clube que não queira apenas vencer, mas que queira vencer de maneira convincente. E então você precisa de jogadores com essa mentalidade. Em meu começo no Milan, eu tive muita ajuda de Ruud Gullit, porque ele tinha essa mentalidade.”

Mesmo assim, o problema da credibilidade permanecia. Sacchi chegou a admitir que mal podia acreditar que estava ali, mas respondia com acidez a quem sugeria que alguém que nunca havia sido jogador profissional — Berlusconi, que tinha atuado no futebol amador,

provavelmente fora melhor jogador do que ele — jamais teria sucesso como técnico. “Um jóquei”, disse Sacchi, “não precisa ter sido um cavalo.”

Sacchi logo abordou a questão, supostamente dizendo aos jogadores no primeiro treino: “Eu venho de Fusignano, mas o que vocês ganharam?”. O time tinha sido montado com grande investimento, mas a resposta era “não muito”. O Milan tinha conquistado o *scudetto* apenas uma vez nos vinte anos anteriores e enfrentava dificuldades para se reestabelecer após o rebaixamento para a Série B em 1980, por causa do escândalo Totonero de manipulação de resultados. O clube terminara a temporada anterior em quinto lugar, vencendo a Sampdoria em um play-off pela última vaga na Copa da Uefa.

O material humano à disposição de Sacchi receberia em 1987 os reforços de Gullit, vindo do PSV Eindhoven, e de Marco van Basten, do Ajax — contratados por uma soma combinada de cerca de 7 milhões de libras. Mesmo assim não havia muita expectativa, especialmente quando Van Basten sofreu lesões em série, precisou ser operado e disputou apenas onze jogos da liga, a maioria deles no final da temporada. O Milan perdeu o segundo jogo da campanha, 2 a 0 para a Fiorentina, em casa. Mas só voltaria a perder mais uma vez em todo o campeonato, conquistando o *scudetto* com três pontos de vantagem.

No verão seguinte, Frank Rijkaard se tornou o terceiro holandês no clube. Ele tinha deixado o Ajax na temporada anterior por desentendimentos com o técnico Johan Cruyff e ido para o Sporting. Contratado fora do prazo e impedido de atuar pelo clube de Lisboa, terminou emprestado ao Zaragoza. Quando Sacchi insistiu em levá-lo ao Milan, havia um claro elemento de risco, especialmente porque Berlusconi estava convencido de que a melhor opção seria tentar ressuscitar a carreira do atacante argentino Claudio Borghi, que já pertencia ao clube, mas estava emprestado ao Como. No final, era Sacchi quem tinha razão, o que ficou comprovado de modo enfático quando a inteligência e a força física de Rijkaard ajudaram o Milan a conquistar a primeira Copa da Europa em vinte anos.

“A chave para tudo foi o time curto”, explicou Sacchi, referindo-se ao fato de seu time espremer o espaço entre as linhas de defesa e ataque. O uso de uma agressiva armadilha de impedimento dificultava a

penetração através de bolas longas, enquanto os rivais que preferissem ultrapassar as linhas milanesas com a bola no chão tinham de superar três barreiras consecutivas e muito próximas. “Isso nos permitia economizar energia, chegar à bola primeiro e não nos cansarmos. Eu costumava dizer aos jogadores que, se jogássemos com 25 metros entre o último defensor e o centroavante, por causa de nossa habilidade, ninguém conseguiria nos derrotar. Assim, o time tinha de se mover como uma unidade, tanto para cima e para baixo como para os lados.”

Ainda assim, o Milan não era defensivo; mas os times que tentaram copiar seu sistema muito frequentemente acabaram adotando esse perfil. “Quando tínhamos a posse, eu sempre exigia cinco jogadores à frente da bola”, disse Sacchi. “E sempre havia homens abertos dos dois lados. Mas poderia ser qualquer um. Nem sempre eram os mesmos.”

A primeira experiência de Sacchi em competições europeias terminou numa constrangedora eliminação na segunda fase da Copa da Uefa, para o Espanyol. Mas a Europa seria seu grande palco. Quando chegou o momento da final da Copa da Europa de 1989, o Milan parecia irresistível, mas, como os detratores de Sacchi sempre observam, o clube teve muita sorte na segunda fase do mesmo torneio. O Vitosha, da Bulgária (o clube que hoje é o Levski), tinha sido facilmente batido por 7 a 2 no placar agregado, mas o Estrela Vermelha, de Belgrado, foi um adversário muito mais difícil e conseguiu um empate por 1 a 1 em San Siro.

O Estrela venciu o jogo de volta por 1 a 0, no Marakana, com um gol de Dejan Savićević. Com o Milan reduzido a dez homens após a expulsão de Pietro Paolo Virdis, a classificação do time de Belgrado parecia certa. Mas a neblina costuma frequentar a região em que os rios Danúbio e Sava se encontram, o que levou à interrupção e ao abandono do jogo no segundo tempo. Os times voltaram a campo no dia seguinte para recomeçar a partida do início. Van Basten e Dragan Stojković marcaram para suas respectivas equipes, mas o encontro ficou marcado pelo terrível episódio envolvendo Roberto Donadoni: um choque na cabeça decorrente de uma falta de Goran Vasiljević. Donadoni caiu no gramado, inconsciente e sufocado pela própria língua, e teve a vida salva pelo fisioterapeuta do Estrela Vermelha, que conseguiu abrir uma passagem de ar para seus pulmões.

Gullit, ainda longe da melhor forma por causa de uma operação no joelho, insistiu em entrar no jogo. O Milan deveria ter tido um gol validado quando um desvio de Vasiljević fez a bola ultrapassar a linha de sua própria meta, mas o lance escapou ao árbitro e ao assistente. Os italianos terminaram classificados após as cobranças de pênaltis.

Também houve controvérsia nas quartas de final, contra o Werder Bremen. No jogo de ida, na Alemanha, o Bremen teve um gol anulado em razão de uma falta duvidosa no goleiro Giovanni Galli. O Milan reclamou de outra bola que teria cruzado a linha e de dois pênaltis não marcados. Na volta, um pênalti discutível sofrido por Donadoni — de volta, após a pausa de inverno — e convertido por Van Basten deu ao Milan a vitória por 1 a 0 no resultado agregado. Àquela altura, o Milan podia parecer apenas um clube afortunado, mas o que aconteceu nas semifinais confirmou o brilhantismo daquele time.

Pobre Real Madrid: passados 23 anos desde seu último triunfo europeu, o clube parecia existir apenas para que seus adversários exibissem sua excelência quando o enfrentavam. O Benfica tinha lhe tomado o manto na final de 1962; o Ajax tinha confirmado que era o melhor time da Europa, ao massacrá-lo nas semifinais em 1973; e o Milan de Sacchi igualmente anunciou sua ascensão ao panteão com um desempenho superlativo e uma goleada por 5 a 0. Talvez se trate apenas da reputação do Real Madrid, que inspira os pretendentes que o enfrentam, mas é possível também que a histórica insistência do clube em individualidades o torne propenso a ser destruído por times bem construídos. Por mais potente que fosse seu ataque, com Emilio Butragueño e Hugo Sánchez, havia um desequilíbrio no meio de campo, já que a chegada de Bernd Schuster, do Barcelona, forçara o incisivo Michel a atuar mais recuado.

O Milan jogou melhor na partida de ida, no Bernabéu, mas cedeu o empate no final, 1 a 1. O técnico do Real, o holandês Leo Beenhakker, optou por iniciar o segundo jogo com Paco Llorente, um rápido pontadireita normalmente usado como substituto. A ideia era fazer sua velocidade criar problemas para o Milan no contra-ataque. Mas o efeito foi enfraquecer ainda mais o meio de campo espanhol. Schuster não era rápido o suficiente para encarar o meio milanês, com Rijkaard e

Ancelotti, e Butragueño foi arrastado para o lado direito, o que prejudicou a parceira com Sánchez.

Talvez Beenhakker tenha cometido um erro, mas isso não diminui a excelência do time de Sacchi. “O desempenho do Milan”, escreveu Brian Glanville, “resultou de uma combinação de excelência técnica, velocidade e movimentos inspirados. Gullit, à frente com Van Basten, raramente esteve em melhor forma, reunindo de maneira irresistível as qualidades força, habilidade e oportunismo.”

Ancelotti marcou o primeiro gol aos dezoito minutos, criando espaço com um par de movimentos laterais antes de disparar um chute de trinta metros no ângulo superior do gol adversário. Sua presença no time, independentemente do gol, justificava os métodos de Sacchi. Quando Ancelotti chegou de Roma, em 1987, tinha 28 anos e levou certo tempo para se adaptar à abordagem do novo técnico. Segundo Sacchi, “ele teve dificuldades no início. Berlusconi disse que nós tínhamos um diretor de orquestra que não sabia ler partituras. Eu disse a ele que o ensinaria a cantar junto com nossa orquestra. Todos os dias, eu o fazia chegar uma hora antes e, junto com os garotos mais jovens, nós tratávamos de tudo. No fim, ele cantava perfeitamente”. E nunca melhor do que naquela semifinal.

Rijkaard converteu um cruzamento de Mauro Tassotti para fazer 2 a 0 e Gullit acrescentou o terceiro antes do intervalo, com um cabeceio característico após jogada de Donadoni pela esquerda. Os três holandeses combinaram passes no quarto gol, aos quatro minutos do segundo tempo: de cabeça, Gullit ajeitou a bola vinda de Rijkaard para que Van Basten finalizasse. Donadoni encerrou a humilhação do Real Madrid com o quinto, chutando rasteiro da quina da grande área. “É difícil jogar desse jeito”, disse Franco Baresi, “mas, quando conseguimos, somos invencíveis.”



MILAN 5 A 0 REAL MADRID, SEMIFINAL DA COPA DA EUROPA,
SAN SIRO, MILÃO, 19 DE ABRIL DE 1989

O Steaua București ofereceu pouca resistência na final e foi batido por 4 a 0, com dois gols de Gullit e dois de Van Basten. “Eu estava exausto quando o jogo acabou”, disse Silviu Lung, o goleiro do Steaua. “Nunca tive de defender tantos chutes em toda a minha vida.” Aquilo, disse Sacchi, foi o mais próximo que ele chegou da perfeição que buscava, de um sentimento de realização. “Na manhã seguinte, acordei com uma sensação que nunca tinha experimentado”, disse ele. “E que, desde então, nunca voltei a experimentar. Sentia um incomum gosto doce na boca. E percebi que era a apoteose do trabalho de uma vida.”

Uma década depois de deixar a fábrica de sapatos, Sacchi testemunhou, após duas grandes atuações, sua visão se materializando. “Muitos acreditam que o mais importante no futebol é os jogadores se expressarem”, disse ele. “Mas não é assim. Ou melhor, não se trata apenas disso. O jogador precisa se expressar dentro dos parâmetros definidos pelo técnico. E é por isso que o técnico tem que abastecer a cabeça dele com a maior quantidade possível de cenários, ferramentas,

movimentos e informações. Aí o jogador toma decisões com base nisso. E é preciso ser de fato um jogador. Não apenas ser habilidoso ou atlético. Eu não queria robôs ou individualistas. Queria pessoas com inteligência para me compreender, e com o espírito para colocar essa inteligência a serviço do time. Em resumo, eu queria pessoas que soubessem como jogar futebol.”

Nesse ponto, ele difere de Valdano, cujo romantismo é menos pragmático. “Há espaço para todas as teorias, mas a expressão individual no campo é algo de que não devemos desistir”, disse Valdano. “O cérebro de um técnico não pode competir com as infinitas possibilidades de onze cérebros pensantes em campo. Basicamente, embora o conceito de time seja muito importante, você precisa de individualidades para alcançar o patamar seguinte.”

Mas, para Sacchi, o sistema era a coisa mais importante. “O futebol é um roteiro”, disse o técnico. “Os atores, se forem bons, podem interpretar o roteiro e suas falas de acordo com sua criatividade, mas ainda terão de seguir o roteiro.” Não resta dúvida de que, em sua concepção, quem escreve o roteiro é o técnico, e o roteiro deve ser interpretado, mas não improvisado. “Eu era a única pessoa que poderia guiá-los e levá-los a desenvolver um jogo coletivo que maximizasse o potencial deles como uma unidade”, disse Sacchi. “Minha filosofia era ensinar o máximo possível aos jogadores, de forma que eles soubessem o máximo. Isso os tornaria capazes de tomar a melhor decisão — e de fazer isso rápido — baseados em todos os possíveis cenários no campo.”

Há quem pense que sua maior vitória teria sido persuadir os grandes jogadores (e grandes egos) do elenco do Milan a respeito de suas ideias. “Convenci Gullit e Van Basten dizendo a eles que cinco jogadores organizados venceriam dez jogadores desorganizados”, explicou Sacchi. “E provei isso a eles. Peguei cinco jogadores: Giovanni Galli no gol, Tassotti, Maldini, Costacurta e Baresi. E eles jogavam com dez: Gullit, Van Basten, Rijkaard, Virdis, Evani, Ancelotti, Colombo, Donadoni, Lantignotti e Mannari. Tinham quinze minutos para fazer um gol em meus cinco jogadores. A única regra era que, se nós recuperássemos a bola, ou se eles a perdessem, tinham de começar de novo, dez metros dentro do próprio campo. Eu fazia isso sempre e eles nunca marcaram um gol. Nenhuma vez.”

A pressão era a chave, mas não existia o conceito de “caçar” o homem com a bola, usado pelo Dynamo Kiev ou pelo Ajax. “Muitas coisas me influenciaram”, disse Sacchi. “Uma delas foi o futebol holandês. Mas eu acho que eles eram diferentes de nós, baseavam-se mais na capacidade atlética; nós éramos mais táticos. Cada jogador precisava estar no lugar certo. Na fase defensiva, todos os nossos jogadores tinham quatro pontos de referência: a bola, o espaço, o adversário e os companheiros. Todos os movimentos tinham de ser em função desses quatro pontos de referência. Cada jogador tinha de decidir qual ponto de referência deveria determinar seu movimento.

“Pressionar não é correr e não é trabalhar duro. É controlar o espaço. Eu queria que meus jogadores se sentissem fortes e o adversário se sentisse fraco. Se nós deixássemos nossos adversários jogarem como estavam acostumados, sua confiança aumentaria. Mas, se conseguíssemos contê-los, seria o contrário. Essa era a chave: nossa pressão era tão psicológica quanto física. Nossa pressão era sempre coletiva. Eu queria que todos os onze jogadores estivessem em posição ‘ativa’, influenciando o adversário quando não tivéssemos a bola. Todos os movimentos tinham de ser cooperativos e tinham de se encaixar no objetivo coletivo.

“Todos se moviam em uníssono. Se um zagueiro avançava, todos se ajustavam. As pessoas pensam que tínhamos jogadores grandes e fortes, mas tínhamos caras como [Alberigo] Evani e Donadoni, que eram franzinos. E eles se tornavam grandes e fortes por causa do posicionamento e dos movimentos. Era isso que os fazia parecer grandes.

“E nós tínhamos vários tipos de pressão, variávamos durante o jogo. Havia a pressão parcial, que era mais uma manobra de indução; havia a pressão total, para recuperar a bola; havia a pressão falsa, em que fingíamos pressionar, mas, de fato, usávamos o tempo para descansar.”

A base era constituída de uma defesa de quatro homens que jogava sem um líbero, mas em linha — um arco que só era distendido quando a bola estava no meio do campo —, e era praticada de forma incansável. “Antes de ele chegar ao Milan, o choque entre jogadores oponentes era a chave, mas, com ele, tudo era uma questão de movimento sem a bola, e era aí que ganhávamos os jogos”, disse Paolo Maldini. “Cada jogador era

tão importante na defesa quanto no ataque. Era um time em que os jogadores, e não as posições, eram fundamentais.” O entendimento mútuo entre os jogadores era tão crucial que, quando Sacchi, como técnico da seleção italiana, deu um dia de folga ao time durante a Copa do Mundo de 1994, Baresi solicitou uma sessão de treinamento extra para que o processo de integração não fosse prejudicado.

Uma parte fundamental no treino da pressão era a prática chamada de *shadow play*, comum na Inglaterra desde os anos 1960, mas revolucionária na Europa continental. “Nos dias de jogos, pela manhã”, disse Sacchi, “nós fazíamos um treino especial. Butragueño me disse que, antes da semifinal contra o Real Madrid, eles mandaram um observador para ver o nosso treino. O observador relatou o que viu: ‘Eles fizeram um jogo com onze jogadores no campo inteiro, contra ninguém e sem a bola!’. Nós colocávamos nossa formação no campo, eu dizia aos jogadores onde a bola imaginária estava e eles tinham de se mover de acordo com essa informação, passando a bola imaginária e se movimentando pelo campo, baseando-se nas reações dos outros.”

Gullit sofreu uma série de lesões no joelho e precisou ser operado, e o Milan nunca mais foi o mesmo sob o comando de Sacchi. Em 1989-90, eles venceram o Real Madrid novamente, desta vez pela segunda fase, quando a eficácia da armadilha do impedimento operada por Baresi se tornou mais evidente. O Mechelen, da Bélgica, foi batido de maneira não muito convincente nas quartas de final, derrotado por 2 a 0 na prorrogação do jogo de volta, em que Donadoni acabou expulso. O Milan também precisou do tempo extra na semifinal, quando bateu o Bayern de Munique pela regra dos gols como visitante. Com isso, enfrentaria na final o Benfica, que, de modo surpreendente — e injusto —, eliminou o Olympique de Marselha, graças a um gol de Vata Garcia marcado com a mão. A exibição do ano anterior não se repetiria: o jogo final foi vencido por um gol solitário, marcado elegantemente num chute de Rijkaard com a parte externa do pé direito.

O Milan tinha defendido com sucesso o título da Copa da Europa, um feito cada vez mais raro, mas de maneira menos convincente do que no ano anterior, e Sacchi teve ainda mais dificuldades na temporada seguinte. Ele se desentendeu com Van Basten e, com a federação italiana cortejando-o abertamente para o posto de técnico da seleção, Fabio

Capello foi contratado pelo clube para trabalhar ao lado dele. O Milan terminou o campeonato em segundo lugar, mas a impressão mais duradoura foi oferecida pela terrível eliminação na Copa da Europa. Após um empate em casa no jogo de ida das quartas de final, contra o Olympique de Marselha, por 1 a 1, o Milan perdia por 1 a 0 quando ocorreu uma falha de iluminação a dois minutos do final da partida de volta. Os jogadores saíram do campo, as luzes se reacenderam, mas o Milan se recusou a voltar. O resultado final foi definido em 3 a 0 para os franceses e o Milan foi banido de competições europeias por um ano.

Como se esperava, Sacchi deixou o clube para assumir o comando da seleção italiana, mas sua carreira, após uma ascensão impressionante, já tinha alcançado o auge. Assim com Lobanovskyi, Sacchi teve dificuldades com o ritmo de trabalho em uma seleção nacional, que não permitia que ele passasse todo o tempo ensinando seus jogadores e trabalhando para desenvolver a compreensão entre eles. “É impossível”, disse Sacchi. Além disso, sua insistência a respeito de que bons futebolistas não são necessariamente bons jogadores levou a uma relação difícil com alguns dos nomes mais valorizados da Itália, especialmente com Roberto Baggio.

Os dois problemas apareceram juntos no segundo jogo da Itália na Copa do Mundo de 1994. Após a derrota na estreia, por 1 a 0, para a República da Irlanda, Sacchi fez três mudanças no time. A mais significativa foi a substituição de Tassotti por Antonio Benarrivo. “Baresi e Costacurta atacaram o centroavante norueguês”, explicou Sacchi. “Benarrivo, que não estava acostumado a jogar conosco, não os acompanhou e acabou deixando um adversário em condição legal. [O goleiro Gianluca] Pagliuca teve de sair e fazer uma falta fora da área, e foi expulso.”

Sacchi teve de sacrificar um jogador para a entrada do goleiro reserva, Luca Marchegiani. Para surpresa geral, decidiu tirar Baggio. O próprio Baggio foi mostrado pela televisão com uma expressão de perplexidade ao ser substituído, claramente se perguntando: “Ele ficou louco?”. A vitória por 1 a 0 não foi suficiente para resolver a discussão, mas pôs em evidência a atitude de Sacchi em relação a jogadores consagrados, que foi uma constante durante sua carreira. “Quando eu era diretor de futebol do Real Madrid, tinha de avaliar os jogadores que

subiam das categorias de base”, disse Sacchi. “Nós tínhamos alguns que eram futebolistas muito bons. Eles tinham técnica, capacidade atlética, determinação e estavam com ‘fome’. Mas eles não tinham o que eu chamo de saber-jogar-futebol. Não tomavam decisões, não sabiam se posicionar. Não tinham aquela sutil sensibilidade exigida pelo futebol: o saber como se mover dentro do coletivo. E eu não tinha certeza se iriam aprender. Veja bem, força, paixão, técnica, atletismo, tudo isso é muito importante. Mas são meios para um fim, não um fim em si. Essas coisas o ajudam a alcançar seu objetivo, que é colocar seu talento a serviço do time; e, fazendo isso, tornam você e seu time melhores. Então, em situações assim, eu posso apenas dizer: ‘Ele é um grande futebolista, mas talvez não um grande jogador’.”

A Itália chegou à final daquele torneio, perdendo para o Brasil nos pênaltis, mas isso não foi suficiente para aliviar as críticas. E, quando o país foi eliminado da Euro 96, na fase de grupos, o destino de Sacchi estava selado. Ele retornou ao Milan, mas não conseguiu repetir o sucesso e saiu após uma temporada. Depois, teve uma passagem breve pelo Atlético de Madrid, onde encontrou dificuldades com a interferência do presidente do clube, o notório Jesús Gil. Um período subsequente no Parma durou apenas 23 dias, e três jogos, até que ele se retirasse citando o estresse como justificativa. “A diferença entre o Milan e os outros lugares é que, no Milan, eu tinha jogadores de qualidade. Nos outros clubes, eles obviamente não eram tão bons”, disse Sacchi. “E você só consegue fazer as coisas se tiver um grande clube por trás. Se Berlusconi não me desse suporte, não apenas em público, mas também com os jogadores, eu não acho que teria tido sucesso. Não sei se os jogadores teriam me escutado. Quando você tenta fazer alguma coisa nova, quando tenta fazer as coisas de um jeito diferente, você precisa de um tremendo suporte.”

Mas é fácil acreditar também que, após ter atingido sua apoteose tão rapidamente, Sacchi, como Viktor Maslov, achou impossível reunir a energia emocional para colocar outra vez em prática a sua visão. É possível ainda que, no final de sua primeira passagem de três anos pelo Milan, tenham se manifestado alguns elementos da “regra de três anos de Béla Guttmann”: as exaustivas e repetitivas sessões de treinamento são suportadas apenas durante certo tempo.

Já o Milan em si, no entanto, logo mostrou não ser tão moribundo quanto Sacchi pensou ao deixar o clube. “Eu achei que aquele era um grande time se aproximando de seu pôr do sol particular, chegando ao final de um ciclo de sucesso irreproduzível”, disse ele. “Obviamente, eu estava errado. Dirigido por Capello, o Milan venceu a Liga dos Campeões e quatro títulos do Campeonato Italiano em cinco anos, um deles sem sofrer nenhuma derrota.”

Sacchi, é claro, merece crédito pelo trabalho que deixou, mas a equipe era bastante diferente com Capello. Embora o princípio do 4-4-2 permanecesse o mesmo e o time continuasse usando a pressão, aquele Milan era bem menos fluido e muito mais defensivo, frequentemente utilizando um jogador de contenção como Marcel Desailly na base do meio de campo, algo inconcebível pela doutrina de universalidade de Sacchi. Essa tendência alcançou o ápice quando o Milan somou três *scudetti* seguidos, em 1994, apesar de marcar apenas 36 gols em 34 jogos; a força era realmente a defesa de quatro jogadores, com Tassotti, Baresi, Costacurta e Maldini, que só levou quinze gols.

Mesmo assim, naquela temporada, o Milan produziu uma de suas atuações inesquecíveis em competições europeias, possivelmente a maior em uma final desde a goleada do Real Madrid sobre o Eintracht Frankfurt, em 1960: os 4 a 0 sobre o Barcelona de Johan Cruyff, em Atenas. Foi um jogo totalmente incongruente com o restante da temporada. Primeiro porque Dejan Savićević, cujo brilho individualista não servia para os ideais coletivos de Sacchi e nem para o pragmatismo de Capello, jogou; e depois porque Baresi e Costacurta, ambos suspensos, não jogaram.

O jogo foi apresentado como mais uma grande alegoria: o ataque do Barcelona de Cruyff, com a herança do Futebol Total e a dupla de rebeldes, Romário e Hristo Stoichkov, contra a defesa do Milan. O Barcelona tinha vencido o quarto título espanhol seguido naquele ano, mas foi absolutamente sobrepujado. O Milan já estava bem melhor quando fez o primeiro gol, aos 22 minutos, em jogada de Savićević com a conclusão de Daniele Massaro. O segundo foi um suntuoso gol coletivo: Savićević, Boban e Christian Panucci trabalharam a bola para Donadoni, e Massaro finalizou no canto. Savićević ainda fez um maravilhoso gol por cobertura e chutou a bola na trave pouco antes da

jogada que culminou no lindo (quarto) gol de Desailly. “Eles foram perfeitos”, disse o goleiro do Barcelona, Andoni Zubizarreta.



MILAN 4 A 0 BARCELONA, FINAL DA LIGA DOS CAMPEÕES, ESTÁDIO SPIROS LOUIS, ATENAS, 18 DE MAIO DE 1994

“A imprensa, especialmente a mídia estrangeira, não nos dava esperança”, disse Maldini. “O Barcelona era certamente um bom time, mas nós sabíamos que eles tinham fraquezas, sabíamos como explorá-las e fomos atrás disso. Fizemos uma partida quase perfeita. Sufocamos completamente um adversário difícil e não demos quase nada a eles.”

Mas Sacchi nunca se convenceu e Maldini reconheceu que o time de 1989 foi o melhor em que ele jogou. “O futebol nasce no cérebro, não no corpo”, disse Sacchi. “Michelangelo dizia pintar com a mente, não com as mãos. Então, obviamente, eu preciso de jogadores inteligentes. Essa era a nossa filosofia no Milan. Eu não queria solistas; queria uma orquestra. O maior elogio que eu recebia era ouvir as pessoas dizendo que meu futebol era como música.”



18. O vingador do futuro

Quando o resto do mundo se equiparou ao que o Ajax e a Holanda haviam feito no início dos anos 1970, e a ideia da sistematização dominou o jogo, a terra do Futebol Total foi forçada a confrontar a pergunta sobre o que viria a seguir. A evolução nunca para: continuar fazendo a mesma coisa é esperar pela extinção. Durante algum tempo, o Ajax teve problemas para se desenvolver, atrapalhado pelos frequentes choques de personalidades, pela dificuldade em manter o nível sem um orçamento enorme e pelo fato de os outros times terem seguido o caminho pavimentado pelo clube.

O retorno de Johan Cruyff como técnico por três turbulentos anos ao menos encerrou a seca de conquistas europeias do Ajax, que venceu a Recopa em 1987. Mas o clube só retomou seu lugar na vanguarda tática quando Louis van Gaal foi contratado, em 1991. Não foi uma medida aprovada universalmente. Van Gaal era extremamente antipopular entre aqueles que ansiavam pelo romantismo das décadas passadas e enxergavam sua revisão do Futebol Total como uma proposta mecanizada, com demasiada ênfase no sistema em detrimento da criatividade. Mas Van Gaal tinha uma visão e demonstrou personalidade para se manter acima da política do clube e impor sua forma de pensar.

Ele tinha o rosto avermelhado, era dogmático e dado a explosões temperamentais, repentinas e grosseiras. No Bayern de Munique, por exemplo, quis um dia provar que não tinha medo de grandes nomes e abaixou as calças no vestiário. “O técnico quis deixar claro para nós que podia barrar qualquer jogador, que não fazia diferença para ele porque, como dizia, tinha colhões”, disse o atacante Luca Toni. “Ele fez uma demonstração literal. Eu nunca tinha visto nada igual, foi uma loucura. Por sorte, eu não vi muita coisa, porque não estava na primeira fila.”

Nascido em Amsterdã, Van Gaal teve uma passagem curta pelo Ajax quando jogador, aos vinte anos, sem chegar a atuar pelo clube. Na maior parte de sua carreira, foi meio-campista do Sparta Roterdã. “Como jogador profissional de futebol”, Henry Kormelink e Tjen Seeverens

diplomaticamente observaram em seu livro sobre a filosofia de trabalho de Van Gaal, “ele era conhecido pela confiança nas próprias opiniões, pela habilidade para convencer jogadores e treinadores de que estava certo e, acima de tudo, pelo seu discernimento tático.” Em outras palavras, ele era exatamente o tipo de jogador cheio de opiniões e taticamente astuto no qual o Ajax tinha se especializado — o que talvez explique por que Van Gaal assumiu o cargo de coordenador das categorias de base do clube em 1988, aos 36 anos. Quando Kurt Linder deixou o clube após poucos meses como técnico do time principal, Van Gaal e outro técnico da base, Spitz Kohn, assumiram temporariamente. O conselho do clube achou que ele era inexperiente para ocupar o cargo e optou por Leo Beenhakker, que conquistou o título em sua primeira temporada, antes de aceitar uma oferta lucrativa do Real Madrid.

Van Gaal, que tinha trabalhado como assistente de Beenhakker, assumiu novamente o controle, embora fosse amplamente aceito que o Ajax estivesse aguardando a disponibilidade de Cruyff. Mas, aos quarenta anos, Van Gaal aproveitou a chance. Quando ele liberou alguns jogadores estabelecidos e populares, como Jan Wouters, Brian Roy e Dennis Bergkamp, os torcedores e a imprensa ficaram indignados. Mas, seis anos depois, quando o técnico seguiu os passos de Cruyff e partiu para o Barcelona, o Ajax tinha retornado novamente ao topo do futebol europeu.

Os jogadores, inicialmente, eram tão céticos em relação a ele quanto a torcida e os jornalistas. Van Gaal impôs um rigoroso regime disciplinar. “O futebol é um esporte coletivo”, disse ele, “portanto, os membros do time dependem uns dos outros. Se certos jogadores não cumprem suas tarefas adequadamente em campo, os colegas sofrem. Isso significa que cada jogador tem de cumprir suas tarefas básicas com o melhor de suas capacidades, e isso exige uma postura disciplinada em campo. Na minha opinião, isso só pode ser alcançado se também houver disciplina fora do campo.” O que para Van Gaal significava pontualidade, refeições em grupo e cuidados com a forma física.

Mas a disciplina era só um dos pilares de sua trindade de princípios, ao lado da comunicação e da construção do espírito coletivo. Para estimular os jogadores a discutir assuntos futebolísticos, Van Gaal, depois de notar que eles costumavam falar mais quando estavam na

fisioterapia, até estendeu a duração das sessões médicas. O espírito de equipe, em certo aspecto, decorria da disciplina e da comunicação: Van Gaal queria que os jogadores compreendessem os pontos fortes e fracos de seus companheiros, para que o trabalho de compensá-los em campo fosse mais simples. Isso se reforçava por meio de uma série de exercícios, dos quais o mais conhecido constituía um círculo formado por jogadores de mãos dadas, que cabeceavam a bola para impedir que ela tocasse o chão.

Em termos de formato, Van Gaal deixou claro o que já estava implícito por muito tempo no 4-3-3 do Ajax: com um dos defensores centrais avançando para se tornar um meio-campista defensivo, o sistema era, de fato, um 3-4-3 com uma defesa de três homens que marcava por zona, dois pontas ladeando um atacante e um diamante no meio de campo. Segundo Van Gaal, “no futebol moderno, os jogadores no meio da defesa de quatro homens [...] se tornaram criadores de jogadas”. Eles tinham espaço, explicou, enquanto o número 10, o meio-campista central avançado, sofria muito mais restrições para controlar o ritmo do jogo. Quando o Ajax ganhou a Copa da Uefa de 1992, o primeiro grande título de Van Gaal, ele usou Wim Jonk como seu número 4, o zagueiro central convertido em meio-campista defensivo. Em um time de extraordinária habilidade técnica, os dois laterais eram Frank de Boer e Danny Blind. Sonny Silooy era o defensor central mais recuado, mas todos os outros três jogadores na defesa de quatro homens atuaram como meios-campistas mais tarde em suas carreiras. Van Gaal trouxe Frank Rijkaard de volta do Milan para jogar como número 4, enquanto Guus Hiddink, usando o mesmo sistema na seleção holandesa na Euro 96, optou por um jogador que não tinha nenhuma característica defensiva, Clarence Seedorf.

Mas dar funções na armação de jogadas ao número 4 significava uma mudança no papel do jogador que trabalhava atrás do atacante central. “O número 10 do Ajax”, escreveram Kormelink e Seeverens, “[...] precisa dar o exemplo ao perseguir seu oponente.” Para Van Gaal, que inicialmente utilizou Bergkamp na função, e depois Rob Alflen, o jogador ideal nesse papel era o habilidoso finlandês Jari Litmanen, que foi contratado pelo Ajax no verão de 1992. “Quando o Ajax perde a bola”, disseram Kormelink e Seeverens, “ele imediatamente cumpre sua tarefa

defensiva e, quando o Ajax tem a bola, escolhe o momento certo para aparecer ao lado do centroavante como um segundo atacante.”

Os deveres do centroavante também mudaram e Van Gaal sempre rebateu as críticas a atacantes como Stefan Petersson e Ronald de Boer, que não marcavam muitos gols: “Eles eram habilidosos para fazer jogadas de um-dois e criar espaços para os companheiros. Pelo fato de o Ajax jogar em uma área pequena do campo, os meios-campistas móveis e, em muitos casos, os defensores, rapidamente conseguiam avançar até posições onde podiam fazer gols”.

Mas a filosofia de Van Gaal diferia do Futebol Total que emergiu nos anos 1970, em um ponto: ele insistia que os meios-campistas não deveriam fazer jogadas de ultrapassagem com os pontas. O motivo, em parte, era a segurança defensiva, para que uma tentativa frustrada desse tipo de jogada não deixasse o lateral exposto. Mas a ideia também era preservar o espaço à frente do ponta, para que ele sempre pudesse se deslocar por aquela área. O meio-campista deveria oferecer suporte e garantir, se necessário, que a bola fosse transportada rapidamente de um lado do campo para o outro.

O foco do treinamento eram os exercícios de passes, criando cenários para estimular tanto a pressão quanto a manutenção da posse sob pressão. Um dos exercícios favoritos de Van Gaal era conhecido como 5:3, embora ele tenha sido repreendido ao utilizá-lo quando tirou seu diploma de técnico, por não se tratar de uma “situação real de jogo”. O exercício envolvia quatro jogadores trabalhando nos lados de um retângulo, com outro jogador do mesmo time no centro, cercado por três defensores adversários. O time com cinco jogadores tinha de manter a bola, com o homem no centro restrito a apenas um toque. Van Gaal também fazia, usando metade do campo, um jogo de seis contra sete, em que o time com sete jogadores não tinha goleiro e por isso era obrigado a pressionar para impedir chutes longos.

O Ajax de Van Gaal venceu o Torino na final da Copa da Uefa em 1992 e ganhou a liga holandesa três vezes. Mas a maior glória foi a final da Liga dos Campeões de 1995, contra o Milan de Fabio Capello, que tinha goleado o Barcelona de Cruyff por 4 a 0 na decisão do ano anterior. O Milan jogou no familiar 4-4-2, com Zvonimir Boban mais avançado em relação a Marcel Desailly no centro do meio de campo. Mas

aconteceram ajustes para tentar conter o Ajax. O centroavante Daniele Massaro, por exemplo, recuava pela direita quando Blind ou Rijkaard tinham a bola, para prevenir o passe para o lateral esquerdo Frank de Boer ou impedir que ele devolvesse a bola por dentro. Com Boban ocupando Rijkaard, a maior parte do jogo do Ajax no primeiro tempo passou pelo lateral direito Michael Reiziger, inferior a Frank de Boer no passe longo. Isso, por sua vez, significou que os lançamentos para Ronald de Boer — Van Gaal não se importava com passes longos da defesa para o centroavante — não chegavam a seu destino, frustrando também Seedorf, que tentava avançar pelo lado direito do meio-campo. Como Desailly marcava Litmanen, muitas vezes couberam a Blind as tentativas de lançamento para Finidi George na ponta.

No intervalo, Van Gaal pediu para que Rijkaard recuasse ainda mais para longe de Boban e jogasse como se estivesse em uma defesa de quatro homens. Isso lhe deu mais tempo e espaço, permitindo que ele ditasse o ritmo do jogo, especialmente quando Kanu substituiu Seedorf aos oito minutos, e Frank de Boer foi para o lado direito do meio de campo, avançando mais do que Seedorf fazia e obrigando Demetrio Albertini a recuar. O Ajax passou a dominar, controlando 60% da posse no segundo tempo e, depois que Patrick Kluivert entrou no lugar de Litmanen, Kanu, jogando como número 10, começou a superar um desgastado Desailly. Foi dele o passe, após um movimento iniciado na esquerda por Marc Overmars, que permitiu a Kluivert marcar o único gol do jogo, a cinco minutos do final.



AJAX I A O MILAN, FINAL DA LIGA DOS CAMPEÕES,
 ERNST-HAPPEL-STADION, VIENA, 24 DE MAIO DE 1995

Por causa da relativa carência de recursos do Ajax e da juventude do time, aquele foi um triunfo extraordinário que justificou a filosofia de Van Gaal. O Ajax chegou à final novamente no ano seguinte, mas foi derrotado nos pênaltis pela Juventus. Depois disso, a fragmentação do time foi inevitável. O próprio Van Gaal substituiu Bobby Robson no Barcelona, aumentando a influência do Futebol Total no clube, ainda que ele e Johan Cruyff brigassem constantemente como dois teóricos marxistas debatendo sobre obscuros detalhes doutrinários. Sob o impacto do caso Bosman — que, a partir de 1995, permitiu que jogadores se movimentassem livremente ao final de seus contratos — e prejudicado também pelo critério de distribuição de dinheiro da Liga dos Campeões, o Ajax nunca mais foi o mesmo.

Do outro lado do Atlântico, um técnico igualmente determinado chegava a conclusões similares sobre como o futebol deveria ser jogado. O que é estranho, dado o profundo impacto que a Holanda de 1974 teve no futebol sul-americano, é que tenha demorado tanto para que um

técnico do continente tentasse aplicar os princípios de Michels. Quando um deles finalmente tentou, levou tais ideias tão a sério que replicou o sentido de idealismo existente em seus fundamentos. Na última década, nenhum técnico foi tão influente quanto Marcelo Bielsa no continente, mas, desde a conquista do ouro com a Argentina nos Jogos Olímpicos de 2004, ele não venceu mais nada. O processo se tornou mais importante do que o resultado.

A inovação frequentemente ocorre a partir de quem aborda um assunto por um ângulo diferente. Bielsa quis desesperadamente ser jogador de futebol, chegou a deixar a própria casa aos quinze anos para morar no alojamento do Newell's Old Boys em Rosário — ficou apenas dois dias, pois se recusou a deixar sua motocicleta na rua —, mas sua formação era acadêmica. A maioria de sua família era formada por políticos ou advogados, ou ambos, e dizem que seu avô tinha mais de 30 mil livros em casa. O conhecimento, aprendeu o jovem Bielsa, era algo para se valorizar; e a informação deveria ser obtida e classificada. “Eu sou um estudioso do jogo de futebol”, disse ele. “Vejo vídeos, leio, analiso, mas, acima de tudo, em meu discurso como técnico, o grande princípio é não conceder muito espaço.”

Ele assina “mais de quarenta” revistas internacionais de futebol. Tem uma coleção de milhares de vídeos e DVDs. Quando foi entrevistado pelo Vélez Sarsfield, em 1997, Bielsa levou 51 vídeos para explicar suas ideias aos diretores do clube. Quando assumiu o cargo, pediu um escritório com um computador que pudesse capturar a tela durante a reprodução de vídeos — algo revolucionário na época. Certa vez, perguntado sobre seus planos para o Natal e o Ano-Novo, Bielsa explicou que pretendia fazer duas horas de exercícios físicos por dia e que passaria catorze horas assistindo a vídeos.

Quando criança, Bielsa pedia para sua mãe comprar edições da revista *El Gráfico* e arquivá-las ordenadamente. Ela fez mais do que isso por ele: também lhe ensinou a ter uma determinação feroz. “A influência de minha mãe foi fundamental em minha vida”, disse ele. “Para ela, não havia esforço suficiente.” Como seus jogadores confirmam, Bielsa é como sua mãe nesse aspecto. “No começo, ele parece duro e pode até incomodar com sua persistência e resiliência, mas no final das contas ele é um gênio”, disse Fernando Llorente,

jogador da seleção espanhola que foi dirigido por Bielsa no Athletic Bilbao. “Ele o convence a continuar trabalhando e correndo, e isso se nota nos treinos e jogos dos times dele. Sabe mais do que qualquer um no mundo; ele é a elite. Quando se acostuma com ele, você o ama.”

Embora seu pai fosse torcedor do Rosario Central, Bielsa cresceu torcendo pelo clube rival. Ele foi para o Newell's aos treze anos. Como jogador, tinha bom domínio de bola, mas era lento e não se destacava pelo alto. Jogou quatro vezes pelo Newell's, mas, aos 21 anos, quando ficou óbvio que não seria um jogador profissional, ele foi embora.

Bielsa estudou agronomia e educação física antes de se mudar para Buenos Aires com 25 anos, para ser técnico do time da universidade da cidade. Ele se entregou ao trabalho com a dedicação típica, observando 3 mil jogadores antes de escolher seu elenco de vinte homens. Era óbvio que não se tratava de um técnico qualquer: ele levava um dicionário de sinônimos para o local de treinamentos e se dirigia aos jogadores usando o pronome formal *usted*. Bielsa se tornou técnico da base no Newell's antes de substituir José Yudica no time profissional, em 1990.

Sua filosofia básica de futebol já estava formada. “É claro que ele mudou nossas táticas”, disse o meio-campista Juan Manuel Llop, “mas, de qualquer forma, já tinha havido grandes mudanças entre os anos 1980 e 1990. Os jogadores mais experientes desconfiavam dele, por não ser um técnico estabelecido. Ele não era conhecido, por isso você não sabia o que esperar. Taticamente, foi uma mudança radical: ele alterou a preparação física, trabalhava muito as jogadas de bola parada e prestava muita atenção aos detalhes. Essa foi a principal mudança. A filosofia de Marcelo se construiu em meio às modificações ocorridas entre aquelas duas décadas. O estilo era muito prático. Era bem agressivo, cada jogador deveria vencer seu duelo pessoal — quando isso acontece, o jogo pende a seu favor e era assim que Marcelo planejava as partidas: uma soma de vitórias em duelos pessoais, junto com o controle da posse e a busca constante pelo ataque. É claro que tínhamos de equilibrar essas ações com a defesa, mas essa era a idiossincrasia do estilo de Marcelo.”

O futebol argentino tinha se dividido entre o bilardismo e o menottismo — ou entre o Estudiantes de 1969 e o Huracán de 1973, como definiu Bielsa —, mas ele encontrou um terceiro caminho. “Eu passei dezesseis anos da minha vida os ouvindo: oito ouvindo Menotti,

um técnico que prioriza a inspiração, e oito ouvindo Bilardo, um técnico que prioriza a funcionalidade”, disse Bielsa após se tornar técnico da seleção argentina, em 1998. “E tentei tirar o melhor de cada um.”

Menotti e Bilardo responderam à sua maneira. “Bielsa é um jovem com preocupações”, disse Menotti, o teórico sempre pronto a explorar longamente os pontos menos importantes da teoria. “Ele tem ideias e sabe como desenvolvê-las. Mas nós não concordamos no ponto de partida: ele pensa que o futebol é previsível, eu não.” Bilardo, pragmático como sempre, disse que Bielsa simplesmente repetia o que ele havia feito. “Eu compartilho seu pensamento porque me parece que fizemos o mesmo em 1986”, disse. “Eles contam com muitos vídeos para estudar os adversários, como eu naquela época.”

A obsessão de Bielsa com a análise de vídeos fazia parte de um padrão mais amplo de meticulosidade. Quando ele levou o Athletic à final da Liga Europa de 2012, notou-se que sempre atravessava a área técnica com treze passos, mesmo que fosse necessário dar passos absurdamente curtos. Perguntado sobre o motivo, Bielsa quis saber por que o jornalista estava prestando atenção nele e não no jogo. Quando era técnico da base no Newell’s, ele imaginou que havia jogadores no interior da Argentina que não eram observados pelos grandes clubes. Então, dividiu o mapa do país em setenta seções e visitou cada uma delas, dirigindo quase 9 mil quilômetros em seu Fiat 147, por causa do medo de voar.

Bielsa nunca se afastava das decisões que tomava quando acreditava que os critérios adotados eram os corretos. Ao assumir a seleção argentina em 1998, ele decidiu — baseado em sua experiência no Club América do México, um time de propriedade de executivos de televisão — que não daria entrevistas individuais. Queria que o menor dos jornais tivesse o mesmo nível de acesso das grandes emissoras de televisão, e resolveu que só lidaria com a mídia por intermédio de entrevistas coletivas. Como respondia às perguntas de todos, e com riqueza de detalhes, suas entrevistas duravam horas. Mas, por entender que era a forma mais justa de proceder, Bielsa manteve a prática.

Ele nunca falava com os jogadores sobre outro assunto que não fosse futebol. Era sua forma de garantir que não se aproximaria demais deles. Para Bielsa, jogadores não eram personalidades, mas potenciais a serem

desenvolvidos. “Eu serei seu amigo no dia em que você se aposentar do futebol”, ele disse ao meio-campista do Newell’s, Cristian Domizzi. Bielsa trabalhava os jogadores sem descanso, fazendo-os executar movimentos pré-planejados repetidas vezes, quase que minimizando o fator humano; essa era a reclamação de Menotti ao apontar a crença de Bielsa na previsibilidade do jogo.

Os exercícios podiam ser bilardistas, mas a essência do jogo de Bielsa pendia muito mais para o lado menottista do espectro. Para Bilardo, a forma ideal de jogar era com sete jogadores defendendo e três atacando; a postura de Bielsa era muito mais agressiva. “Eu sou obcecado pelo ataque”, disse ele. “Quando assisto aos vídeos, é por causa do ataque, não da defesa. Meu futebol é muito simples na defesa: ‘Nós corremos o tempo todo’. Eu sei que defender é mais fácil do que criar. Correr, por exemplo, é uma questão de determinação; para criar, você precisa de uma quantidade indispensável de talento.”

Para Bielsa, defender era ser proativo; não era uma questão de acumular jogadores atrás da bola. A chave era recuperar a bola na posição mais alta possível do campo, para impedir os ataques do adversário antes que começassem. “Enquanto o adversário tem a bola”, ele explicou, “todo o time pressiona, sempre tentando interceptar a jogada o mais próximo do gol do oponente; quando a recuperamos, tentamos jogar com dinamismo e criar espaços para a improvisação.”

Sua filosofia, segundo ele, poderia ser destrinchada em quatro termos: “concentración permanente, movilidad, rotación y repenitización”. Os primeiros três são relativamente fáceis de traduzir: foco permanente, mobilidade e rotação. Mas o quarto é uma expressão clássica de Bielsa. Na música, a *repentización* é o ato de reproduzir uma obra sem tê-la estudado antes: no futebol, o conceito tem um sentido de improvisação. Também tem um aspecto de urgência. É a chave da filosofia de Bielsa: exigir, repetidamente, que os jogadores façam coisas pela primeira vez, um paradoxo que talvez sugira a gloriosa futilidade daquilo que ele tenta alcançar. “O possível já está feito”, disse Bielsa, em seu período no Newell’s. “Nós estamos fazendo o impossível.”

Isso confere um aspecto quase religioso ao seu projeto e à dedicação a suas teorias, o que provavelmente explica por que seus seguidores parecem fanáticos. Ser bielsista exige fé, porque seu estilo muitas vezes

é contraintuitivo. Em fevereiro de 1992, a fé do próprio Bielsa foi testada, mas ele se tornou mais convicto do que nunca de que estava fazendo a coisa certa.

Embora o Newell's tivesse vencido o Boca Juniors no play-off que valeu o título em 1990-1, o time ganhou apenas seis jogos no Clausura seguinte. O motivo pode ter sido o cansaço — e a estrutura do campeonato não encorajava um time que tinha vencido o Apertura a dar seu máximo no Clausura —, mas o Newell's também iniciou mal a temporada 1991-2, ganhando apenas três jogos no Apertura: 38 jogos de liga em 1991 produziram apenas nove vitórias. “Nós tivemos duas temporadas pobres por causa do nível que nos foi exigido para lutar pelo título”, explicou Llop. “Nós também tínhamos um grupo pequeno. Todos os atletas vinham das categorias de base e por isso Marcelo era muito exigente. Além da pressão de buscar o título, houve também um relaxamento inevitável. É uma fase que você atravessa.” O Newell's começou o Clausura com uma vitória, derrotando o Quilmes por 2 a 0, mas aí veio um jogo da Copa Libertadores contra o San Lorenzo, em casa. Derrota por 6 a 0.

Bielsa ficou consternado. O time viajou a Santa Fé para o jogo da liga naquele fim de semana, contra o Unión. Foi lá, no hotel Conquistador, que algo extraordinário aconteceu. “Eu me tranquei no quarto, apaguei a luz, fechei as cortinas e percebi o verdadeiro significado de uma expressão que às vezes usamos: ‘Eu quero morrer’. Comecei a chorar. Não compreendia o que estava acontecendo à minha volta. Eu sofria como profissional e sofria como torcedor.”

Ele telefonou para sua mulher, Laura, e usou, em suas palavras, “um argumento que para muitos seria irrefutável: ‘Por três meses, nossa filha ficou entre a vida e a morte. Agora ela está bem. Faz algum sentido que eu deseje que a terra me engula por causa do resultado de um jogo de futebol?’. O raciocínio era brilhante, mas meu sofrimento pelo que tinha acontecido exigia justificção imediata”. Essa era a sua crise: o que aconteceu contra o San Lorenzo não foi apenas uma derrota; Bielsa não estava apenas questionando sua capacidade como técnico. As palavras que escolheu eram reveladoras: ele não estava simplesmente procurando uma solução, mas uma razão que justificasse a filosofia com a qual praticava seu futebol e vivia sua vida.

Bielsa reuniu seus jogadores. “Se tivermos que repensar o projeto”, disse ele, “nós faremos isso juntos. Nós procuraremos uma nova forma de fazer as coisas, se não nos sentirmos capazes de alcançar o que queríamos fazer no começo da pré-temporada.” O Newell’s empatou com o Unión por o a o, mas Bielsa tinha escolhido um novo caminho. A questão não era ter ido longe demais; era não ter ido longe o suficiente. Seus jogadores, que tinham fraquejado após todas as exigências impostas dezoito meses antes, estavam novamente entusiasmados. “Ainda sob o choque emocional”, disse Bielsa, “nasceu uma nova maneira de compreender as táticas do time. Por algum tempo, eu vinha tendo ideias sobre a individualidade e sua contribuição para o esforço coletivo, coisas que não punha em prática porque envolviam muitas rotações no campo. Por causa de nossas falhas, nós renovamos a estrutura, e uma situação aparentemente infeliz nos permitiu relançar a ideia geral, mas com uma série de mudanças.”

Julio Saldaña costumava jogar como lateral direito, mas Bielsa o passou para a esquerda. Ele se tornou a imagem da firmeza e da dedicação daquele time do Newell’s: sua mulher morreu em um acidente de carro, mas ele continuou jogando, buscando forças em Bielsa e na unidade da equipe. Eduardo Berizzo saiu do lado esquerdo da defesa para a base do meio de campo. Fernando Gamboa, um líbero natural, foi para a direita, com orientação para aparecer atrás da defesa se o zagueiro central, Mauricio Pochettino, deixasse sua posição a fim de perseguir o homem a quem marcava.

“Eu jogava como lateral e, quando enfrentamos o Unión de Santa Fé, ele me colocou no centro do meio de campo. Aquele jogo foi o da mudança”, disse Llop. “Aquele foi o momento em que nós decolamos e em que ele decolou como técnico. Foi o que nos colocou de volta nos trilhos naquele campeonato. Marcelo me utilizava em diferentes posições. Na maioria das vezes, eu joguei no centro do meio de campo, mas também atuei aberto, ou então como *stopper* ou líbero; eu era o jogador de múltiplas utilidades, em muitos aspectos. Ele procurava dar versatilidade aos jogadores. Trocar de posição não era um problema porque nós estávamos convencidos do que fazíamos. Quando você olha os resultados, quando ganha dois títulos, quando vence o Boca fora de

casa, chega à final da Libertadores, você percebe que as coisas funcionam e se dispõe a fazer o que ele diz.”

O 3-4-3 era o formato básico, mas, como explica Bielsa, “o esquema sempre dependia das características dos nossos adversários”. Posição e formação eram secundários. Como Sacchi havia definido, pedir aos jogadores que mantivessem suas posições era uma forma apenas reativa de jogar; numa abordagem proativa, as posições têm valor somente quando relacionadas umas às outras; os princípios pelos quais os jogadores assumem suas posições é que são o mais importante. Nesse aspecto, o tutor de Bielsa foi o uruguaio Óscar Washington Tabárez, um técnico cujo pragmatismo parece estar em desacordo com seu próprio idealismo. “O futebol”, disse Bielsa, “se apoia sobre quatro fundamentos, como resumiu Óscar Tabárez: 1) defesa; 2) ataque; 3) como você vai da defesa ao ataque; 4) como você vai do ataque à defesa. A questão é realizar essas passagens da forma mais suave possível.”

Bielsa teve a ajuda da *polifuncionalidad* — versatilidade — no elenco do Newell’s, o que permitia que os jogadores se adaptassem às circunstâncias do jogo, tornando-se imprevisíveis do ponto de vista ofensivo. Por exemplo: se Gerardo Martino, o meio-campista central ofensivo, enfrentasse dois jogadores de marcação, Alfredo Berti podia avançar para que o companheiro não encarasse uma “disputa desigual”. Isso tinha impacto em outras áreas, claro. “O que fazemos se Berizzo está sozinho contra dois meios-campistas criativos?”, perguntou Bielsa. “Llop deve avançar para a posição que Berti deixou, ou Saldaña vai para a posição de Berizzo, que ocupa o espaço de Berti [...]. As duas possibilidades são válidas, e escolher uma delas fica a cargo do julgamento dos jogadores.” Um dos princípios centrais era que os jogadores deveriam assumir responsabilidades; Bielsa era um viciado em trabalho e um perfeccionista, mas nunca foi um controlador como, digamos, Rafa Benítez, que às vezes tentava dizer aos jogadores, durante uma partida, como cobrar um escanteio ou uma falta. Bielsa preferia passar lições de casa aos atletas mais jovens, pedindo que analisassem o próximo adversário ou a partida anterior, encorajando-os a pensar sobre o jogo e a planejar estratégias táticas.

Certos princípios permaneciam invioláveis. “Não podemos ter ninguém no elenco que ache que pode vencer jogos sozinho”, diz Bielsa.

“A chave é ocupar bem o campo, ter um time curto [no sentido de ser compacto], com no máximo 25 metros da defesa ao ataque, e que a defesa não perca a concentração se alguém mudar de posição.” Nesse aspecto, obviamente, Bielsa soa exatamente como Sacchi.

A nova configuração teve muito sucesso. O Newell's ganhou quatro e empatou três dos últimos sete jogos da fase de grupos e se classificou para as oitavas de final da Copa Libertadores. Eles só haviam perdido uma vez na campanha do título do Clausura, e acabaram eliminando o Defensor Sporting do Uruguai, na Libertadores, definindo um encontro de quartas de final com o San Lorenzo. Dessa vez, o Newell's goleou por 4 a 0 em Rosário, fez 5 a 1 no placar agregado e alcançou as semifinais, em que derrotou o América de Cali nos pênaltis.



NEWELL'S OLD BOYS, 1992

A final, contra o São Paulo, também foi decidida nos pênaltis e o Newell's perdeu. Bielsa, aparentemente exausto pelo desgaste emocional de dirigir o time para o qual torcia, praticando o estilo que imaginava ideal, deixou o clube e aceitou uma oferta do Atlas, do México. Ele também trabalhou no América antes de retornar à Argentina em 1997, para ganhar outro título com o Vélez. Desde então, tudo o que venceu foi a medalha de ouro com a seleção argentina em Atenas, em 2004. Os quase triunfos e os fracassos elogiados se tornaram sua narrativa, de

modo que a aura de alquimista passou a rodear a figura de Bielsa, sempre buscando em vão o absoluto. Seu comentário sobre fazer o impossível no Newell's talvez tenha sido mais literal do que se imaginou na época. Nisso, Bielsa se inclina em direção a Menotti, não Bilardo: seu currículo — três títulos argentinos e uma medalha olímpica de ouro — não é particularmente impressionante, mas ele será lembrado pela maneira como seus times jogavam. Mais do que isso, no entanto, Bielsa inspirou uma geração.

O cansaço sempre foi a maldição de seus times. A intensidade que ele exige parece insustentável por qualquer período mais prolongado. Sua primeira temporada no Athletic Bilbao, 2011-2, foi típica. Após um início difícil, em que os jogadores custaram a se adaptar, o Athletic atingiu uma forma irresistível em março, demolindo o Manchester United em casa e fora, na Liga Europa. Mas, em maio, a fadiga se instalou, e eles perderam por 3 a 0 para o Atlético de Madrid na final do torneio, pouco antes de sucumbir ao Barcelona na decisão da Copa do Rei. Quando o centroavante Fernando Llorente se apresentou à seleção espanhola, antes do Campeonato Europeu, ele estava tão exausto que o técnico Vicente del Bosque percebeu imediatamente que Llorente não poderia ser utilizado no torneio. Quando a temporada seguinte começou, Javi Martínez já tinha deixado o clube; Llorente, ainda aparentemente desgastado, tinha avisado que queria sair; e Bielsa tinha se desentendido com membros da diretoria que se incomodaram com suas críticas às obras no centro de treinamentos do clube. Tudo era previsível: a visão transcendente de Bielsa, prejudicada por preocupações terrenas como dinheiro, ambição e obras que extrapolaram o prazo. “Se jogadores não fossem humanos”, ele disse quase quinze anos antes, “eu não perderia nunca.”

A perfeição que Bielsa buscou pode ter sido detectada apenas em flashes, mas muitos dos que o seguiram foram mais moderados, atenuando o idealismo com doses de pragmatismo, e obtiveram mais sucesso. Alguns, como Jorge Sampaoli, se declararam discípulos dele. Em 2011, seu time da Universidad de Chile foi irretocável, vencendo tanto o Apertura como o Clausura, e também a Copa Sul-Americana, tornando-se o primeiro clube chileno em duas décadas a conquistar um torneio continental. Após vencer outro Apertura em 2012, Sampaoli

assumiu a seleção chilena, dando prosseguimento ao legado de Bielsa, que comandou o mesmo time nacional entre 2007 e 2011. Para uma nação que nunca teve um estilo que pudesse ser identificado, Bielsa ofereceu uma nova filosofia. Com ela, o Chile talvez tenha sido o melhor time para se ver durante a Copa do Mundo de 2010, com Mauricio Isla, Gonzalo Jara, Arturo Vidal, Matías Fernández e Alexis Sánchez partindo ferozmente para cima dos adversários em um torneio marcado por um futebol vagaroso. Gerardo Martino, que levou o Paraguai à final da Copa América em 2011, fez parte do time de Bielsa no Newell's e claramente aprendeu muito com ele. Diego Simeone, que jogou sob o comando de Bielsa na seleção argentina, já deu declarações em reverência às suas ideias e usou uma versão delas para conquistar títulos argentinos com o Estudiantes e o River Plate, além da Liga Europa com o Atlético de Madrid. Mas o técnico bielsista mais bem-sucedido é Pep Guardiola, o último de uma linhagem filosófica que começou há 140 anos.



19. Os fantasmas e a máquina

O ponta clássico estava praticamente morto, vitimado por Viktor Maslov, Alf Ramsey e Osvaldo Zubeldía nos anos 1960. Na metade da década de 1990, parecia que todos os fantasistas teriam o mesmo destino, sacrificados diante de Willy Meisl e o fetichismo da velocidade. Arrigo Sacchi pode ter encontrado a beleza no chamado “sistema”, mas de modo geral o efeito da disseminação da pressão foi conter a criatividade. Como aconteceu ao longo da história, depois de Herbert Chapman, de Helenio Herrera, de Alf Ramsey, os elementos defensivos inovadores criaram raízes muito mais rapidamente que os de ataque. O meio de campo com cinco homens se tornou comum, os músculos pareciam importar mais do que a sutileza, a estética cedeu diante do pragmatismo. O sucesso pouco inspirador da Alemanha Ocidental na Copa do Mundo de 1990 — ainda que o time tenha sido excelente na fase de grupos — foi seguido pela vitória de uma Dinamarca irresistivelmente funcional na Euro 92. O Brasil ganhou a Copa do Mundo de 1994 do jeito menos brasileiro possível — nos pênaltis, após um empate sem gols — e com um time que tinha dois meios-campistas destruidores em Dunga e Mauro Silva. O futuro parecia negativo. Mesmo assim, chegando à virada do milênio, o futebol voltara a ser tão ofensivo quanto nos melhores momentos das duas décadas anteriores.

A Eurocopa de 2000 foi possivelmente o melhor torneio da era moderna. A Alemanha, física, letárgica e ultrapassada, foi para casa sem ter vencido um jogo; a Inglaterra, mesmo com Steve McManaman, Paul Scholes and David Beckham no meio de campo, pareceu igualmente apática e não conseguiu passar pela fase de grupos; e, embora a Itália tenha provado que qualidades defensivas nunca saíram de moda, chegando à final com seu 3-4-1-2 modificado, houve muita coisa para celebrar.

A França, campeã, não apenas tinha em Thierry Henry um centroavante elegante e não convencional, mas contava também com Youri Djorkaeff, Zinedine Zidane e Christophe Dugarry. Os times

derrotados nas semifinais eram quase tão privilegiados quanto os campeões. A Holanda tinha Boudewijn Zenden, Dennis Bergkamp e Marc Overmars atrás de Patrick Kluivert, enquanto Portugal encontrou espaço para Luís Figo, Rui Costa, Sérgio Conceição ou João Pinto atrás de Nuno Gomes. Houve até o canto do cisne de dois dos grandes jogadores de criação da década anterior, Gheorghe Hagi e Dragan Stojković, mesmo lentos e jogando mais recuados do que em seus melhores dias. Faça a comparação com o time da Alemanha que conquistou o torneio em 1996 com uma defesa de cinco homens protegida por Dieter Eilts, e o contraste é assombroso. Não eram apenas os criadores de jogadas que tinham sido preservados; no intervalo de quatro anos, os pontas também tinham sido ressuscitados.



FRANÇA (NA PRORROGAÇÃO — GOL DE OURO) 2 A 1 ITÁLIA, FINAL DA EURO
2000, DE KUIP, ROTERDÃ



Em certo aspecto, foi o próprio defensivismo instalado no futebol que levou ao novo chamado por jogadores capazes de descosturar as defesas adversárias, e que tinham poucas responsabilidades defensivas. Isso se verificou particularmente na Itália — daí a formação 3-4-1-2 usada na Euro 2000 —, onde se desenvolveu o que ficou conhecido como “time quebrado”. Havia um trio de ataque (ocasionalmente acompanhado de um lateral ofensivo ou um meio-campista) e sete jogadores defensivos. O Milan de Alberto Zaccheroni, vencedor do *scudetto* em 1997-8, por exemplo, jogava com um 3-4-3 que tinha George Weah e Oliver Bierhoff como dupla de frente, com Leonardo logo atrás. Thomas Helveg ou Christian Ziege podiam avançar pelas laterais para oferecer suporte, mas os dois meios-campistas centrais, Demetrio Albertini e Massimo Ambrosini, eram primordialmente defensivos. Na Juventus, de forma semelhante, Zinédine Zidane, Alessandro Del Piero e Filippo Inzaghi eram sustentados por Edgar Davis, Didier Deschamps, Angelo Di Livio e Antonio Conte. O papel de criador de jogadas se tornou cada vez mais necessário, cada vez mais exaltado e cada vez menos possível; e no ano 2000 o futebol italiano estava num beco sem saída da qual não escapou até que Carlo Ancelotti, no Milan, escalou Andrea Pirlo, um *regista* moderno, na base do meio de campo.

Outros países, no entanto, reagiram ao negativismo com ainda mais ousadia, usando até três fantasistas. A Fifa, merecidamente, colheu os frutos das mudanças feitas na regra após a Copa do Mundo de 1990 — a proibição do recuo com os pés para o goleiro e do carrinho por trás —, mas a coisa não era tão simples assim, pois os artistas em campo não eram como os de antigamente. Como Alfonso Pedernera observou no início da era da pressão defensiva e do domínio do sistema, não há lugar para boêmios nos novos tempos. Mas há, claramente, um lugar para a arte; nem tudo é esforço físico e posicionamento defensivo. “Existe o futebol de direita e o futebol de esquerda”, disse César Luis Menotti. “O futebol de direita pretende sugerir que a vida é uma luta. Ele exige sacrifícios. Temos de ser duros e vencer de qualquer maneira [...]. Obedeça e trabalhe, é isso que os que têm o poder querem dos jogadores. É assim que eles criam retardados, idiotas úteis que acompanham o sistema.”

Menotti tem um discurso ideológico particular e seus times sempre foram mais sistematizados do que ele gostaria de admitir, mas aqui certamente existe uma verdade. (Contudo, a dicotomia entre esquerda e direita não colabora: os soviéticos, por exemplo, jogavam um futebol altamente sistematizado — “de direita”, de acordo com a definição de Menotti; por outro lado, se termos políticos podem ser aplicados a estilos de futebol, não há um reflexo de social-democracia nos igualitários esquemas do tipo 4-4-2 da Escandinávia?) Gianni Brera, em sua busca pelo o a o perfeito, talvez pudesse apreciar a ideia de um time sem elaborações falíveis como o talento artístico, mas poucos seguiriam pelo mesmo caminho: Zubeldía tinha Juan Verón, Herrera tinha Sandro Mazzola, Bilardo tinha Diego Maradona. Um equilíbrio entre as duas vertentes é necessário. Como disse Marcelo Bielsa, “times totalmente mecanizados são inúteis porque ficam perdidos sem seu roteiro. Mas eu também não gosto dos que vivem apenas da inspiração de seus solistas, porque, quando Deus não os aciona, ficam totalmente à mercê de seus adversários”.

A questão, então, passa a ser como essa arte deve ser incorporada a um sistema sem se tornar sistematizada a ponto de ficar previsível. O debate é mais feroz na Argentina, presumivelmente porque o eterno conflito entre bilardistas e menottistas traz os temas à superfície. Lá, o

criador de jogadas, o número 10, é reverenciado como em nenhum outro lugar fora dos Balcãs. Os italianos dividem os criadores de jogadas entre *trequartistas*, que jogam no espaço atrás dos atacantes (Totti, por exemplo), e *registas*, que atuam mais recuados (Pirlo). Mas, na Argentina, o criador é o *enganche* — literalmente, o gancho —, que sempre opera entre o meio de campo e o ataque.

Juan Carlos Lorenzo popularizou a posição no 4-3-1-2 que ele instituiu na Argentina na Copa do Mundo de 1966, com Ermino Onega na função. Há certa ironia nisso, dada sua reputação de pragmático, o que indica como foram importantes as mudanças acontecidas depois da implantação da defesa com quatro homens. Lorenzo enxergou um lugar para o talento, incorporou-o a seu sistema e foi visto como um opositor do romance; hoje, os românticos na Argentina exigem que sua formação seja preservada.

Outros seguiram o exemplo de Lorenzo e, mesmo um quarto de século depois do sucesso de Bilardo com o 3-5-2, as formações em 4-3-1-2 e 3-4-1-2 permaneceram sendo as mais comuns no futebol argentino. Miguel Russo fez parte do time do Estudiantes de Bilardo nos anos 1970 e se inclinou para a maneira bilardista de pensar o jogo, mas, em seu período como técnico do Boca, que terminou em dezembro de 2007, ele não foi capaz de eliminar o *enganche*. “O Boca tem sua própria tradição, sua própria estrutura e você não muda as coisas depois que o clube venceu tanto”, disse. “Mesmo se eu quiser mudar, terei de fazer tudo com calma.”

Onega pode ter sido o primeiro a ser escalado no espaço atrás dos dois atacantes — essencialmente um desenvolvimento da posição do ponta de lança, por sua vez um desenvolvimento do papel do atacante interior —, mas certamente não foi o primeiro criador de jogadas, nem mesmo na Argentina. Nos dias de *la Máquina*, é possível argumentar que o River Plate tinha cinco deles, apesar de ter vendido Alfredo Di Stéfano. O Independiente se tornou famoso por causa deles. Miguel Giachello, Norberto Outes e José Percudani eram o coração do time que venceu a Copa Intercontinental em 1984; antes deles, havia Ricardo Bochini, descrito pelo jornalista Hugo Asch como “um anão talentoso, imperturbável, sem um chute poderoso, nem um bom cabeceio, nem carisma”, e ainda assim um jogador maravilhosamente imaginativo; nos

outros lugares, havia Diego Maradona e, depois dele, uma série de novos Maradonas: Ariel Ortega, Pablo Aimar, Javier Saviola, Andrés D'Alessandro, Juan Román Riquelme, Carlos Tévez e Leo Messi.

Esses jogadores são relevantes para o jogo moderno? É claro que são. Ou melhor, é claro que Tévez e Messi são. Mas eles não são criadores de jogadas no sentido tradicional. Tévez é um atacante de suporte que pode jogar na ponta, enquanto Messi, depois de ter sido um ponta que entrava pelo meio, se tornou a imagem do falso nove. Sua utilização como *enganche* na Copa do Mundo de 2010 foi considerada de modo geral um fracasso, embora tal desfecho provavelmente tenha se devido mais à falta de equilíbrio no meio de campo do time do que a alguma grande falha de sua parte.

Foi Riquelme, de temperamento pesaroso, movimentos graciosos e toque sutil, quem melhor personificou o *enganche*, até sua aposentadoria em 2012. Quando Eduardo Galeano fez a comparação entre artistas do futebol e os devotos dos clubes de milonga, era a jogadores como Riquelme que ele se referia, e é nele que o debate sobre o futuro desses jogadores se concentra. Mais do que um jogador, Riquelme se transformou em um código para uma ideologia.

“Na pausa”, escreveu o colunista Ezequiel Fernández Moores no *La Nación*, citando uma frase comum na tradição do blues na Argentina, “não existe música, mas a pausa ajuda a fazer a música”. Em seguida, ele contou uma anedota sobre Charles Mingus, que, ao entrar em um bar, viu um jovem baterista, impetuoso, num frenético solo. “Não”, disse Mingus, “não é assim. Você deve ir devagar. Deve dizer olá para as pessoas, se apresentar. Você nunca entra em um ambiente gritando. É assim também na música.”

Mas é assim no futebol? Os nostálgicos e os românticos gostariam de acreditar que sim, e Jorge Valdano levanta uma questão intrigante ao afirmar que a urgência incessante do jogo moderno pode residir em seu empacotamento para a televisão. “O futebol já não é mais misterioso”, disse ele. “Nós deixamos de vivê-lo de acordo com a nossa própria imaginação porque as câmeras estão em todos os lugares. Imagens em uma tela não podem competir com as imagens que você cria em sua cabeça. E isso está impactando a maneira como o jogo é praticado.

“Ouvi o treinador de Carlos Monzón [o boxeador], Amilcar Brusa, explicar que, quando um boxeador luta na televisão, é crucial que ele dê muitos golpes, independentemente de atingir o adversário. Isso é porque a televisão exige atividade. É o mesmo com o futebol. O jogo se tornou mais intenso do que precisa ser. Na América do Sul, nós temos o conceito da ‘pausa’ no futebol, o momento de reflexão que é o prenúncio de um ataque. Faz parte do jogo, como na música, que também precisa de pausas, quedas de intensidade. O problema é que isso não funciona na linguagem da televisão. Um momento de baixa intensidade em um jogo televisionado é visto por alguns como a hora de mudar de canal. Então, o jogo está ficando cada vez mais rápido, porque a televisão exige isso.”

O problema é que, quando dois sistemas altamente energéticos se chocam, acontecem jogos como a semifinal da Liga dos Campeões de 2007, entre Liverpool e Chelsea. Um jogo que, apesar de todo o dinamismo e empenho físico, não produziu quase nada em termos de beleza e foi descrito por Valdano, numa comparação que ficou famosa, como “um monte de merda em um pedaço de pau”. O que também não é bom para os números de audiência.

O debate sobre a culpa da televisão não ajudou Riquelme, que não obedecia à percepção prevalente de que a urgência é essencial. Moores argumentou que Riquelme teria de mudar, teria de aprender, como Messi, um jogo mais direto. Será que o futebol atualmente pode suportar um jogador que não marca, que não persegue, que sobrevive à parte do tumulto, que é a calma em um mundo que não para de girar, orientando e persuadindo por intermédio da imaginação e não do físico? “O cérebro de Riquelme”, continuou Valdano, “registra a memória do futebol [...]; ele é um jogador do tempo em que a vida era lenta e nós colocávamos cadeiras na rua para jogar com os vizinhos.” Talvez seu temperamento melancólico reflita a noção de que ele nasceu fora de seu tempo. Mesmo assim, é possível que sua falta de velocidade o prejudicasse em qualquer época: ele não é um paradigma para debates teóricos, mas um indivíduo com muitas qualidades e uma óbvia fraqueza.

Na Argentina, Riquelme era adorado e desprezado em medidas iguais. A intensidade dos sentimentos que ele provoca é um sinal de

como o criador de jogadas é importante para as noções argentinas a respeito do futebol. O *enganche*, escreveu Asch em 2007 numa coluna em *Perfil*, é “uma invenção muito argentina, quase uma necessidade”. O criador de jogadas, continuou ele, “é um artista, quase por definição uma alma difícil, incompreendida. Não seria normal se os gênios fossem sensatos”; é como se eles tivessem de pagar um preço por seu talento, tivessem de lutar constantemente para controlá-lo e canalizá-lo. Essa é a impressão com Riquelme, que frustrou o técnico do Villarreal, Manuel Pellegrini, a ponto de ser afastado do clube.

“Não falamos necessariamente de um líder”, escreveu Asch. “Líderes foram Rattín, Ruggeri, Passarella ou Perfumo, gente capaz de intimidar. Não. Nosso homem é um herói romântico, um poeta, um gênio incompreendido com o destino de um mito [...]. Riquelme, o último espécime da raça, divide com Bochini a melancolia e a certeza de que só funciona sob resguardo, com uma corte submissa e um ambiente que o proteja dos males deste mundo.” Talvez, disse Asch, ele jamais devesse ter deixado o Boca.

Bem, talvez. Mas não é verdade que Riquelme não prosperou quando esteve distante do clube que adora — e nem que o Boca sempre jogou da forma que ele queria, como ficou claro em seus tempos de infelicidade sob as estruturas defensivas de Julio César Falcioni. Ele teve dificuldades no Barcelona, mas foi a principal razão para o Villarreal ter alcançado as semifinais da Liga dos Campeões em 2005-6, e sua inteligência foi fundamental para a sublime caminhada da Argentina até as quartas de final da Copa do Mundo naquele verão. E, mesmo assim, Riquelme foi culpado pelas eliminações de seu time nas duas competições. Ele perdeu um pênalti contra o Arsenal na Liga dos Campeões e foi substituído após 72 minutos discretos contra a Alemanha. Alguns mencionaram uma suposta tendência de Riquelme a sumir em jogos grandes, mas o que chama atenção é o fato de o técnico José Pékerman tê-lo substituído não por um fantasista, apesar de Messi e Saviola estarem disponíveis, mas por um jogador muito mais defensivo, Esteban Cambiasso, passando a jogar em um 4-4-2. Pékerman entendeu que Torsten Frings, o mais defensivo dos dois meios-campistas centrais do 4-4-2 alemão, seria capaz de conter qualquer criador de jogadas que ele escolhesse, ou, como muitos

argumentam, perdeu a paciência e a crença na formação por causa da ineficácia de Riquelme. Não surpreende que Riquelme costumasse argumentar — como a verificação de um fato, não como uma reclamação — que, quando seu time perdia, era sempre responsabilidade dele.

E realmente esse é o problema com um criador de jogadas designado: ele se torna muito importante. Se um time tem apenas uma saída criativa, é muito fácil contê-la — particularmente porque os sistemas modernos permitem a utilização de dois meios-campistas defensivos, sem perda significativa da capacidade ofensiva. Isso é verdade em relação ao 4-3-1-2, à formação em “diamante” no meio (muito parecida à anterior) e ao 3-4-1-2. Todos esses esquemas também ficam vulneráveis quando são muito estreitos. Sob o comando de Bielsa, quando Riquelme provavelmente produziu seu melhor futebol na seleção nacional, a Argentina por vezes usou um 3-3-1-3 radicalmente ofensivo, uma formação quase única nesse nível de futebol. Bielsa já tinha experimentado um 3-3-2-2, usando Juan Sebastián Verón e Ariel Ortega atrás de Gabriel Batistuta e Claudio López, com Javier Zanetti e Juan Pablo Sorín como laterais ofensivos e Diego Simeone como meio-campista defensivo à frente de três defensores centrais. A formação era basicamente uma variante do 3-4-1-2, com um dos meios-campistas centrais se tornando um *trequartista* adicional, mas era tão propensa à falta de amplitude pelos lados quanto a versão convencional. Fazer um dos centroavantes e um dos *trequartistas* jogarem mais abertos, convertendo-os em pontas, aliviava o problema. O criador de jogadas tinha fartura de opções de passe e a formação era tão incomum que se tornava difícil de ser contida.

“Na fase defensiva”, escreveu o técnico argentino Christian Lovrincevich na revista digital *EF Deportes*, “o método de pressão coletiva foi adotado, com todas as linhas avançando para recuperar a bola o mais perto possível do gol adversário. Em essência, era muito similar ao Futebol Total dos holandeses. Na fase ofensiva, quando a bola era recuperada, o time tentava jogar com profundidade, evitando perder tempo com a lateralização do jogo. No ataque, cinco ou seis jogadores se envolviam; apenas quatro posições eram principalmente defensivas — os três zagueiros e o meio-campista central.

O problema com as duas variantes, fazendo pressão ou não, é que, quando a bola era perdida e o time tinha dificuldade para recuperá-la, estava necessariamente vulnerável ao contra-ataque. A Argentina utilizou o 3-3-2-2 na Copa do Mundo de 2002 e, após a fase de grupos, tinha mais posse, mais chances de gol e mais escanteios do que qualquer outra seleção. Infelizmente o time estava a caminho de casa, após marcar apenas dois gols e somar quatro pontos em três jogos, o que levantou dúvidas sobre suas fraquezas defensivas e a qualidade das chances criadas. Quando os ataques se afunilam pelo centro, o time que se defende pode apenas recuar profundamente, observar o adversário passar a bola perto da área e limitá-lo a finalizações de longa distância. No 4-3-1-2 ou no 3-4-1-2, pode-se conseguir amplitude lateral com bom movimento dos atacantes, com meios-campistas abertos ou com o avanço dos laterais, mas, quando o sistema é mal aplicado, o problema tende a ser falta de ofensividade pelos lados ou o espaço oferecido ao adversário como resultado dessa tentativa.

Não significa dizer que essas formações não têm méritos, apenas que são de restrita possibilidade de aplicação. Em outubro de 2002, por exemplo, num jogo das eliminatórias para a Euro 2004 em Nápoles, a Iugoslávia usou um diamante achatado para tentar frustrar a Itália. Goran Trobok ficou à frente da defesa de quatro homens, com Siniša Mihajlović à esquerda, Nikola Lazetić à direita, Dejan Stanković como um *trequartista* mais recuado e Predrag Mijatović atrás de Mateja Kežman. Jogando defensivamente, o plano iugoslavo funcionou ao restringir o espaço de Alessandro Del Piero, e o jogo terminou empatado em 1 a 1. Mas quatro dias depois, em casa contra a Finlândia, a Iugoslávia adotou um sistema similar — inclinado mais ao ataque pela utilização de Mijatović no meio de campo e pela inclusão de Darko Kovačević como atacante adicional — e teve dificuldades. Com o ônus de criar, em vez de investir no contragolpe, eles sofreram com a falta de capacidade de atacar pelos lados e com um problema defensivo: os laterais estavam ficando sempre sozinhos contra Mika Nurmela e Joonas Kolkka, os dois jogadores abertos no 4-4-2 finlandês. O jogo chegou ao intervalo sem gols e a Iugoslávia mudou para um 3-4-1-2, com Mihajlović avançando da defesa de três homens para atuar como um meio-campista adicional. Nurmela e Kolkka repentinamente se viram

obrigados a lidar com laterais ofensivos, o que lhes deu funções defensivas e diminuiu o espaço onde podiam acelerar antes de encontrar um marcador; a Iugoslávia, com superioridade numérica tanto na defesa quanto no meio de campo, passou a dominar a posse de bola e venceu por confortáveis 2 a 0.



Essa talvez seja a principal razão da saída de moda do diamante. Dos 32 times que chegaram à fase de grupos da Liga dos Campeões de 2007-8, só o Shakhtar Donetsk de Mircea Lucescu o utilizou no desenho clássico, encontrando também os problemas clássicos. Especialmente na estreia, em casa, contra o Celtic, mas também no segundo jogo, contra o Benfica, em Portugal, o Shakhtar foi soberbo. Răzvan Raț e Darijo Srna avançaram pelas laterais, protegidos pelo recuo do meio-campista defensivo Mariusz Lewandowski (o que fazia o diamante se tornar um 3-4-1-2), com o brasileiro Jadson operando como criador de jogadas, atrás dos dois homens de frente. Mas, nos dois jogos seguintes, contra o

Milan, as fraquezas no ataque ficaram expostas. O Shakhtar foi superado em ambas as partidas e, sem confiança, não conseguiu nem mesmo se classificar para a Copa da Uefa. Aparentemente aceitando que os tempos do diamante haviam ficado no passado, Lucescu mudou para um 4-2-3-1, mantendo a ideia de futebol ofensivo e inventivo.



A alteração para o 3-4-1-2 funcionou para a Iugoslávia contra a Finlândia, especialmente porque negou o impacto dos pontas adversários, mas a formação também pode tornar um time unidimensional. Foi o que a Croácia percebeu na Copa do Mundo de 2006, ao persistir com a defesa de três jogadores muito depois de a Europa tê-la abandonado. Na campanha do terceiro lugar na Copa de 1998, Ćiro Blažević conseguiu, por vezes, escalar três criadores de jogadas no time. Reu-nir Zvonimir Boban, Robert Prosinečki e Aljoša Asanović no centro do meio de campo desafiava a lógica — como disse Slaven Bilić, foi “o meio de campo mais criativo de todos os tempos” — e, mesmo assim, funcionou. Mas aquilo foi uma exceção, propiciada

pelo fato de a defesa de três homens ter, em Bilić e Igor Štimac, dois *stoppers* que também se sentiam confortáveis com a bola, e mais Dario Šimić e Zvonimir Soldo, ambos igualmente capazes de jogar no meio de campo, se necessário. É notável também que a vitória por 3 a 0 sobre a Alemanha nas quartas de final tenha acontecido quando Prosinečki estava ausente, fazendo com que Soldo atuasse como meio-campista defensivo em uma formação que era efetivamente um 3-3-2-2 — uma das variações permitidas pelo 3-5-2.



SHAKHTAR DONETSK 2007-8

Na época da Copa do Mundo de 2006, o técnico Zlatko Kranjčar, que tinha feito parte do experimento original do 3-5-2 de Blažević no Dinamo Zagreb, em 1982, seguiu o caminho trilhado pelos italianos no final dos anos 1990. Ele decidiu que, para atuar com um criador de jogadas — seu filho, Niko Kranjčar —, era necessário fortalecer o meio de campo com dois jogadores defensivos, numa formação semelhante à usada pela Alemanha Ocidental nas últimas fases da Copa do Mundo de 1986. Por mais agressivos que Srna e Marko Babić fossem como laterais ofensivos, não havia como esconder o fato de que o time jogava com sete defensores: Igor Tudor, frequentemente usado como zagueiro central na Juventus, e Niko Kovač, um meio-campista mais completo, mas menos criativo no final da carreira, estavam na base do meio de campo.



SHAKHTAR DONETSK 2012-3

Foi o suficiente para perder de apenas 1 a 0 para o Brasil, mas, quando a Croácia teve de tomar a iniciativa, como contra o Japão e a Austrália na fase de grupos, o time foi extremamente previsível, esperando criatividade do avanço dos laterais ao ataque ou de um irritado Kranjčar. Eles jogaram um futebol entediante e, dominados pela frustração, passaram a ser excessivamente físicos e violentos. O único consolo para a Croácia foi que Sérvia e Montenegro teve um torneio ainda pior, mas as impressionantes atuações do país nas eliminatórias, quando deixou de usar a tradicional defesa de três homens dos Balcãs, não passaram despercebidas. Nos dez jogos qualificatórios, os sérvios e montenegrinos sofreram apenas um gol, com o quarteto de defesa — Goran Gavrančić, Mladen Krstajić, Nemanja Vidić e Ivica Dragutinović — ganhando o apelido de “Os Quatro Fantásticos”. Se sérvios e montenegrinos puderam culpar as lesões e questões de confiança pelo constrangimento passado na Alemanha, os problemas da Croácia estavam mais ligados à forma como a seleção praticava o jogo; a Sérvia e Montenegro ao menos tinha começado seu processo de evolução.

O debate sobre os méritos do 3-5-2, ou do 3-4-1-2, atrapalhou o futebol croata por anos. Bilić o encerrou de uma vez quando substituiu Zlatko Kranjčar após o torneio. Ele anunciou que seu time jogaria com uma defesa de quatro homens, de preferência, mas não

necessariamente, em um 4-3-3 ao estilo holandês. O medo entre os tradicionalistas era que isso significasse o fim do criador de jogadas, mas Bilić encontrou uma maneira de acomodar não apenas um, mas dois deles. Nada parecido com o período empolgante do 3-3-2-2 de Blažević, mas foi muito melhor do que se esperava e muito melhor do que na época de Kranjčar.





Utilizando Niko Kovač como um meio-campista recuado em apoio à defesa formada por quatro homens, Bilić achou espaço não para apenas dois atacantes, mas para três, posicionando Kranjčar na esquerda, além de usar Modrić no meio e Srna na direita. Franzino, quase frágil, Modrić lembra o criador de jogadas tradicional, mas seu jogo é mais do que

apenas isso. “Meu papel na seleção é muito diferente do que eu desempenho no Dinamo”, disse ele, em 2007. “Aqui eu atuo mais livremente, mas também tenho mais responsabilidades defensivas.” É significativo que Zlatko Kranjčar tenha elogiado suas qualidades “organizacionais” quando o convocou pela primeira vez para a seleção, antes da Copa do Mundo.

Modrić e Niko Kranjčar passaram a representar o novo estilo do criador de jogadas — fantasistas com certa robustez e também dotados de um senso de disciplina tática. Modrić foi mais bem-sucedido e, na sequência de sua carreira, muitas vezes atuou como *regista* na base do meio de campo. “Ninguém quer criadores de jogadas, ninguém os compra”, continuou Asch. “Por quê? Eles odeiam poesia, odeiam as cores?” Ao que parece, a discussão retorna ao argumento de Tomas Peterson sobre uma segunda ordem de complexidade. Uma vez compreendidos os sistemas, o futebol perdeu a ingenuidade e ser apenas belo deixou de ser suficiente; é preciso ser belo dentro de um sistema. “Ocorre que ninguém no mundo ainda faz uso do criador de jogadas”, prosseguiu Asch. “Meios-campistas são multifuncionais e atacantes são uma mistura de tanques e carros de Fórmula 1.” Talvez, e a ausência do criador de jogadas será sentida, mas assim como o ponta foi desbancado e posto de lado pela evolução, o criador de jogadas tradicional também será. Riquelme foi um jogador formidável. Antes de as lesões o vencerem, ele fez sucesso novamente no Boca, para onde voltou no início de 2008. Ele foi, no entanto, o último de uma espécie em extinção, um glorioso anacronismo, constatação apenas reforçada por sua fúria contra o futebol tedioso, porém efetivo, de Falcioni.

A adoração dos nigerianos a Kanu — a quem equivocadamente não enxergavam como um segundo atacante, como ele foi usado durante toda a carreira na Europa, mas como um *trequartista* — com frequência forçou-o ao papel de criador de jogadas nas partidas por sua seleção, o que serviu apenas para acentuar a redundância da função. Por um período, no Portsmouth, Kanu funcionou porque tinha a seu lado Benjani Mwaruwari, um parceiro que se entregava com uma intensidade capaz de ofuscar a inteligência de seus próprios movimentos. Benjani corria enquanto Kanu passeava pela região entre o meio de campo e o ataque: um era energia, o outro era imaginação, uma

divisão de atributos quase absoluta, que — ao menos no nível do Portsmouth — deu certo.

Na Copa Africana de Nações, em 2006, Kanu foi utilizado como substituto com grande impacto. Quando o ritmo do jogo caía, ele entrava em campo, encontrava espaço e ditava os rumos da partida. A pressão da imprensa nigeriana aumentou até que o técnico Augustine Eguavoen se sentiu forçado a escalar Kanu desde o início contra a Costa do Marfim, nas semifinais. Kanu mal tocou na bola, controlado pela velocidade, pela força e pela inteligência dos dois meios-campistas defensivos marfinenses, Yaya Touré e Didier Zokora. Dois anos depois, na estreia da Nigéria em Sekondi, também contra a Costa do Marfim, o novo técnico Bertie Vogts o encaminhou para a mesma armadilha. Contra apenas um marcador, Kanu talvez conseguisse se impor e tivesse sucesso; contra dois, era impossível. É um engano dizer que o problema era sua idade. O criador pertence a uma era de batalhas individuais: se ele conseguisse superar seu marcador, faria a jogada. Enfrentando um sistema que permitia que dois homens fossem designados para marcá-lo, ele não tinha chance. Sim, ao utilizar dois homens contra o criador de jogadas, o time que se defende está potencialmente criando espaço para o adversário, mas a marcação por zona é pensada para resolver justamente esse tipo de desequilíbrio. Está exatamente aí a deficiência do 4-3-1-2: se o criador de jogadas for contido, o fluxo de criatividade será quase inteiramente estancado.

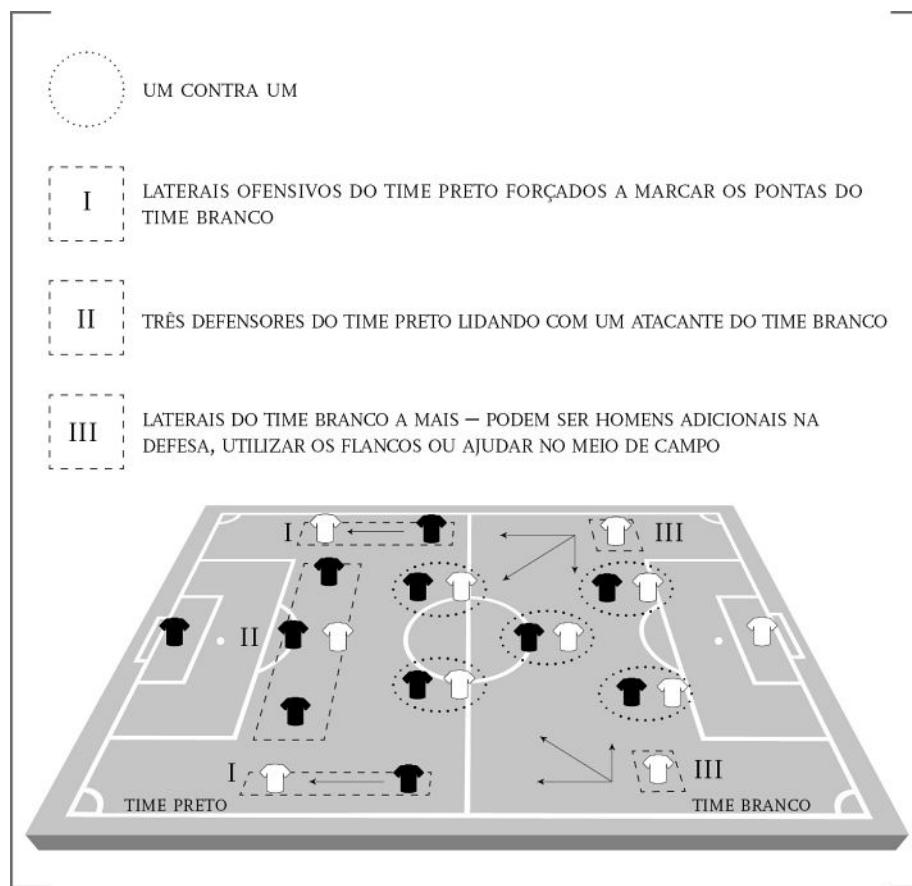
Então de que forma um criador de jogadas pode ser utilizado no jogo moderno? As primeiras versões do sistema de Bilić — como a usada pela Croácia ao vencer a Inglaterra por 2 a 0, em Zagreb, em outubro de 2006 — incluíram Milan Rapaić, um atacante convertido em ponta, na direita; Srna, como um lateral ofensivo que também sabe fazer cruzamentos, equilibrava ainda mais o time. Ainda assim, a Croácia de Bilić tinha cinco jogadores de ataque, algo quase único no futebol moderno, o que pode explicar por que eles sofreram três gols de Israel, fora de casa, e dois em Wembley, no torneio qualificatório para a Euro 2008.

Usar apenas um criador aumenta o risco de um time se tornar unidimensional, mas há outras razões por trás do fato de, nos primeiros anos do século XXI, a defesa de três homens sofrer um declínio de

popularidade em todos os países de tradição futebolística, com exceção do Brasil. José Alberto Cortes, chefe do curso de técnicos da Universidade de São Paulo, acredita que a razão seja física. “Com o ritmo do futebol moderno”, disse ele, “é impossível que os laterais ofensivos funcionem da mesma maneira, pois eles têm de ser mais rápidos e estar em melhor forma do que todos os outros jogadores em campo.”

Mas a maioria enxerga o movimento contrário à defesa de três homens como resultado do esforço para incorporar ao meio-campo mais jogadores habilidosos. Há evidentemente uma enorme ironia aqui, no sentido de que a formação de Bilardo em 1986 conseguiu, ao mesmo tempo, popularizar a defesa de três e adotar um criador de jogadas como segundo atacante, exatamente a inovação que iria levar, no final, ao declínio na utilização dos três defensores. O esquema de Bilardo contava com dois marcadores vigiando os centroavantes adversários e com um homem extra operando atrás deles. Mas, se houvesse apenas um centroavante para marcar, restariam dois homens a mais — um para a cobertura; o outro seria desnecessário —, o que, por sua vez, provocaria um desequilíbrio em outra área do campo. “Não há necessidade de ter três defensores para marcar um só centroavante”, explicou Miroslav Đukić, ex-defensor do Valencia, que se tornou técnico do Partizan Belgrado em 2007.

Nelsinho Baptista, o experiente técnico brasileiro que dirigiu o Corinthians em 2007, desenvolveu um programa de computador para explorar as fraquezas de um sistema quando confrontado com outro. “Imagine que o time A joga em um 3-5-2 contra o time B, que atua em um 4-5-1 que se torna um 4-3-3”, disse ele. “O time A precisa então usar os laterais ofensivos para marcar os pontas do time B. Isso quer dizer que o time A está utilizando cinco jogadores para se defender de três atacantes. No meio de campo, o time A tem três meios-campistas centrais contra três adversários, de forma que a vantagem natural do 3-5-2 contra o 4-3-3 se perde. E, na frente, são dois atacantes contra quatro defensores, mas os defensores a mais são os laterais. Um deles pode avançar para o meio de campo e criar superioridade numérica, e ainda assim seriam três defensores contra dois atacantes. Dessa forma, o time B pode dominar a posse de bola e também ter mais amplitude lateral.”



O DECLÍNIO DO 3-5-2

É claro que um dos defensores centrais do time A poderia avançar ao meio de campo, mas aí o problema seria que o time A teria quatro meios-campistas centrais e ainda assim sofreria com falta de amplitude. E, de qualquer forma, se um defensor será usado no meio de campo, por que não simplesmente escalar um meio-campista defensivo nesse papel?

O Egito conquistou três edições da Copa Africana de Nações com um 3-4-1-2, entre 2006 e 2010, mas isso se explica especialmente porque o 4-4-2 ainda é o sistema que domina o pensamento na África. No torneio de 2008, na verdade, além do Egito — e, por vezes, Camarões —, só Guiné e Marrocos, ambos com um 4-2-3-1, não adotavam alguma versão do 4-4-2. Um ponto significativo é que a maioria dos reais candidatos ao título contava com estruturas centrais fortes e deficiências pelos lados, e, num torneio que de maneira geral foi excelente, o nível dos cruzamentos foi uma constante decepção. Pode-se atribuir o problema à

diferença de gerações, ou pode se tratar de algo relacionado ao fato de que, quando clubes europeus procuram jogadores africanos para contratar, eles tendem a se fixar no que o olheiro do Manchester United no continente, Tom Vernon, chama de “o padrão Papa Bouba Diop”. Os jogadores africanos que no passado fizeram sucesso na Europa eram grandes e robustos, por isso os clubes seguem buscando apenas seus similares. Jogadores contratados por clubes europeus ainda jovens se desenvolvem mais rápido e se destacam, e por isso são convocados por suas seleções nacionais.

Vernon, que tem uma academia nas colinas perto de Acra, também acredita que a maneira como o jogo é praticado pelas crianças — ao menos em Gana — fixa a tendência a formá-las como meios-campistas centrais. “Olhe como os garotos jogam”, disse ele. “Num campo de vinte ou trinta metros, eles colocam duas pedras separadas para demarcar o gol em cada extremidade. Os limites do campo normalmente são sarjetas ou valetas. É uma área pequena. O importante no jogo é receber a bola, girar e avançar pelo meio.” O resultado é que todos os times da África Ocidental — e isso é verdade particularmente no caso da Costa do Marfim — têm pelo menos dois bons atacantes que atuam pelo meio, e tendem a usá-los, descartando a amplitude que poderia ter atrapalhado os dois excelentes laterais ofensivos do Egito, Ahmed Fathy e Sayed Moawad.

No primeiro jogo na Copa Africana de Nações de 2008, o Egito goleou Camarões por 4 a 2. Eles marcariam mais dez gols contra Sudão, Zâmbia, Angola e Costa do Marfim, antes de reencontrar Camarões na final. Naquele primeiro jogo, o técnico de Camarões, Otto Pfister, armou seu time no 4-4-2; na decisão, ele optou por um 4-2-3-1 e, pela primeira vez no torneio, o Egito teve dificuldades para encontrar fluência. O defensor Wael Gomaa pareceu uma peça sem função, avançando pelo meio de campo de maneira insegura. Embora o Egito tenha dominado a posse de bola, terminou vencendo o limitado adversário apenas por causa de um terrível erro individual de Rigobert Song. De forma parecida, em 2010, o único time que criou problemas para o Egito foi Gana, em parte, é claro, por ter jogadores melhores do que os outros oponentes dos egípcios, mas também porque os ganeses usaram Asamoah Gyan como único atacante.



EGITO 4 A 2 CAMARÕES, FASE DE GRUPOS DA COPA AFRICANA DE NAÇÕES,
ESTÁDIO BABA YARA, KUMASI, 22 DE JANEIRO DE 2008

Até mesmo Steve McClaren, em seus dias mais sombrios como técnico da Inglaterra, reconheceu que a defesa de três homens só será efetiva se o adversário jogar com dois centroavantes puros. Como a Croácia de Bilić era um dos últimos times que ainda utilizavam dois atacantes — Eduardo da Silva flutuando, com Mladen Petrić ou Ivica Olić oferecendo uma presença mais física —, a decisão de McClaren de adotar um 3-5-2 para o jogo da Inglaterra em Zagreb, pelo torneio qualificatório para a Euro 2008, fazia sentido do ponto de vista teórico, apesar de todas as críticas direcionadas a ele. O problema foi que a Inglaterra estava tão pouco habituada a jogar com qualquer coisa diferente de uma defesa de quatro homens, que atuou muito mal — além disso, a Croácia tinha jogadores tão aptos a tirar vantagem de um 3-5-2 mal aplicado quanto os ingleses teriam em relação a um 4-4-2 executado de forma defeituosa. Alguns argumentaram que a Inglaterra controlava a Croácia até o gol de Eduardo, no minuto 62, mas essa ideia ignora a meia dúzia de chances que os croatas já haviam criado, e, além

disso, a liberdade concedida a Eduardo para cabecear após o cruzamento de Niko Kovač deixou evidentes os problemas de marcação provocados por um sistema pouco familiar para os ingleses. O gol contra de Gary Neville, em que a bola quicou no “morrinho artilheiro” e passou sobre o pé direito de Paul Robinson, favoreceu a leitura equivocada daquilo que havia sido uma derrota bastante contundente. “Eu realmente queria que eles [a Inglaterra] jogassem com três atrás, porque assim teríamos um jogador a mais de cada lado”, disse Bilić. “Se fôssemos lentos, eles não teriam problemas porque são capazes de marcar. Mas algumas vezes nós conseguimos jogar com velocidade. Fomos muito diretos, muito corajosos e causamos problemas a eles.”



EGITO 1 A 0 CAMARÕES, FINAL DA COPA AFRICANA DE NAÇÕES,
OHENE DJAN STADIUM, ACRA, 10 DE FEVEREIRO DE 2008

A defesa de três homens ressurgiu recentemente, embora sua aplicação pareça restrita a três situações básicas. Após o sucesso do Napoli e da Udinese com essa formação em 2010-1, treze dos vinte times da Série A italiana usaram o sistema em algum momento da

temporada 2011-2, incluindo a campeã, a Juventus. Para os times italianos, que viram a falta de jogo pelos lados da Internazionale e do Milan ser exposta de maneira humilhante pelo Tottenham e pelo Schalke 04 na Liga dos Campeões do ano anterior, o 3-5-2 oferecia uma maneira de incluir jogadores abertos em áreas altas do campo, sem sacrificar os atletas de meio. O sistema fornecia amplitude sem pontas, uma posição vista com desconfiança na Itália.

Sob outra perspectiva, os três jogadores atrás podem significar um sistema abertamente defensivo: se um time deseja recuar profundamente e absorver a pressão, aceitando que o adversário dominará a posse, ter dois homens sobrando na defesa é uma precaução útil. Quando o Estudiantes, dirigido por Alejandro Sabella, visitou o Vélez Sarsfield, em outubro de 2010, com a intenção de garantir o empate que preservaria sua vantagem de dois pontos na liderança da tabela, o time jogou com a defesa de três e mais quatro jogadores bem recuados no meio de campo. A maior parte do jogo foi disputada no campo do Estudiantes e o Vélez controlou a bola, mas acabou se limitando basicamente a chutes de longa distância. Com o empate que desejava, o Estudiantes seguiu a caminho do título do Apertura.

Num terceiro cenário, para equipes com uma inclinação bielsista, a defesa de três é uma forma de ter mais jogadores nas áreas altas do campo, a fim de tentar recuperar a bola o quanto antes.

Bilardo propôs que os times de futebol deveriam ser divididos em dois, com três atacantes e sete defensores; Bilić optou por cinco e cinco, mas, de forma geral, a escolha nos anos 1990 foi por um meio-termo, com quatro jogadores ofensivos e seis defensivos. Quando o 4-5-1 se tornou popular na Europa Ocidental, no final dos anos 1980 e início da década seguinte, o sistema era visto como uma proposta defensiva: “o direito dos fracos”, como na aurora do *catenaccio*, para ser adotado com o objetivo de frustrar adversários mais fortes. Até hoje não é incomum ler e ouvir especialistas criticarem times que se recusam a utilizar dois homens de frente, mesmo que o 4-5-1 esteja implícito no 4-4-2, assim como o 4-4-2 em relação ao 4-2-4.

Ao menos no contexto britânico, a parceria de atacantes no 4-4-2 tende a se estabelecer em duas categorias: uma com “o homem grande e

o homem rápido” (John Toshack e Kevin Keegan, Mark Hateley e Ally McCoist, Niall Quinn e Kevin Phillips), e outra com “o criador e o artilheiro” (Kenny Dalglish e Ian Rush, Peter Beardsley e Gary Lineker, Teddy Sheringham e Alan Shearer). Na primeira versão, havia dois atacantes genuínos. Mas, na segunda, o criador flutuava para ocupar o espaço entre o meio de campo e o ataque. O extraordinário impacto de Éric Cantona e Gianfranco Zola no futebol inglês se deveu principalmente à capacidade de ambos para recuar e jogar entre as linhas, confundindo os defensores centrais ingleses — como Matthias Sindelar e Nándor Hidegkuti haviam feito. A questão, portanto, é de designação ao que parece: não se pensou em descrever, por exemplo, o time do Sunderland que obteve a promoção de divisão em 1989-90 como um 4-4-1-1, mas, com Eric Gates atuando atrás de Marco Gabbiadini, era exatamente essa a ideia. E quando a resistência instintiva em relação ao 4-5-1 foi superada, ficou claro que se tratava de um sistema tão flexível e tão facilmente recalibrável segundo as circunstâncias quanto o 3-5-2.



FLAMENGO 3 A 0 LIVERPOOL, COPA INTERCONTINENTAL,
ESTÁDIO NACIONAL DE TÓQUIO, 13 DE DEZEMBRO DE 1981

É provável, na verdade, que o primeiro time a adotar o 4-5-1 obtendo sucesso internacional tenha sido o grande Flamengo de Paulo César Carpegiani, que venceu o Liverpool por 3 a 0 ao conquistar a Copa Intercontinental em 1981 — uma equipe que não poderia de forma alguma ser descrita como defensiva. Diante do problema de precisar escolher entre quatro fantasistas — Lico, Zico, Adílio e Tita —, Carpegiani fez exatamente o que o Brasil faria na Copa do Mundo de 1982: escolheu todos eles. Mas, em vez de alinhá-los atrás de dois atacantes, optou por escalar Nunes como único homem de frente, com Andrade operando como meio-campista defensivo atrás de todos deles, numa formação que hoje seria chamada de 4-1-4-1.

Claro, cinco jogadores no meio de campo podem representar um sistema defensivo. Vários times o utilizavam nos anos 1980, especialmente em jogos fora de casa na Europa. O Everton era um deles. No primeiro jogo das quartas de final da Recopa de 1985, contra o Bayern, em Munique, Howard Kendall não escalou o centroavante Andy

Gray, preferindo Alan Harper no meio de campo e deixando Graeme Sharp como único atacante. Após um o a o fora de casa, o Everton voltou a utilizar Gray e venceu o jogo de volta por 3 a 1. Gray reconhece que não houve nada de particularmente especial na atuação do Everton naquela noite: eles sabiam que a defesa do Bayern ficava desconfortável nas jogadas aéreas e decidiram explorá-las.

De maneira geral, quanto mais direto é o jogo de um time, mais defensivo ele será adotando o 4-5-1. O objetivo é simplesmente colocar nove homens entre o adversário e o gol, contar com o centroavante para lutar pela bola, mantê-la no campo de ataque e passá-la aos meios-campistas que chegam ao apoio, ou então conseguir uma falta. Ian Wright fez esse papel à perfeição no Arsenal de George Graham em confrontos europeus no início dos anos 1990. Mas, quando o jogo passa a ser uma disputa pela posse de bola, com passes curtos, um meio de campo com cinco jogadores se torna uma ferramenta muito mais sofisticada.

Na Espanha, o 4-2-3-1 já era comum em 2000 e, em poucos anos, tornou-se quase um padrão no país. Talvez isso não surpreenda, pois foi na Espanha que a formação se desenvolveu inicialmente como algo distinto do 4-4-2. Quando os times começaram a usar o criador de jogadas como um segundo atacante — uma tendência que emergiu com a utilização de Diego Maradona por Carlos Bilardo, na Copa do Mundo de 1986 —, a chegada do 4-2-3-1 foi inevitável. No início, deu-se a um meio-campista defensivo a tarefa de marcá-lo — por isso o grande aumento, no final dos anos 1990, no número de jogadores capazes de executar a “função Makélélé” —, o que acabaria levando o criador de jogadas a flutuar para os lados em busca de espaço. Se o marcador o acompanhasse, surgiria espaço no meio de campo e um jogador adicional teria de recuar para oferecer cobertura, gerando consequências também para os meios-campistas mais ofensivos.

A evolução poderia ter vindo ainda por outro caminho: um time jogando no 4-4-2 com pontas bem avançados e um dos centroavantes mais recuado está, de fato, usando um 4-2-3-1. Quando o Manchester United venceu o Barcelona na final da Recopa de 1991, por exemplo, o time tinha Bryan Robson e Paul Ince em funções de marcação, Lee Sharpe e Mike Phelan abertos, e Brian McClair atrás de Mark Hughes.

Todos ainda se referem àquela formação como um 4-4-2, mas se tratava de um 4-2-3-1. O Arsenal fez algo parecido na primeira temporada completa de Arsène Wenger na Inglaterra, com Emmanuel Petit e Patrick Vieira mais recuados, Marc Overmars e Ray Parlour abertos e Dennis Bergkamp atrás de Nicolas Anelka, embora Parlour pudesse jogar pelo meio e, com Overmars avançado, estabelecer algo como um 4-3-3 à moda antiga.

Mas o primeiro a adotar a nova formação deliberadamente, pelo menos de acordo com a revista espanhola *Training Fútbol*, foi Juanma Lillo, quando dirigia o Cultural Leonesa, da segunda divisão espanhola, em 1991-2. “Minha intenção era pressionar e tentar roubar a bola na parte alta do campo”, explicou ele. “Foi a maneira mais simétrica que encontrei para jogar com quatro atacantes. Uma das grandes vantagens é que, com os atacantes avançados, você pode subir os meios-campistas e os defensores, então todos se beneficiam. Mas é preciso ter os jogadores certos. Eles têm de ser muito, muito móveis e capazes de jogar com a bola. Você deve lembrar que eles pressionam para jogar, e não jogam para pressionar.”

No Leonesa, Lillo tinha Sami e Teófilo Abajo na base do meio-campo, como seus dois “pivôs” (na Espanha, o sistema é chamado de “doble pivot”), com Carlos Nuñez, Ortiz e Moreno à frente deles e Latapia como único atacante. Percebendo o sucesso do sistema, Lillo o levou para o Salamanca. De acordo com um editorial da *Training Fútbol*, os jogadores reagiram com “expressões de incredulidade, pois acharam que era uma forma estranha de jogar; eles responderam às posições indicadas a eles e à distribuição de cada linha do time com a mesmo senso de estranheza de quem se encontra com um dinossauro”. Contudo, o sistema os levou ao acesso de divisão.

A formação se espalhou rapidamente. Javier Irureta já a havia utilizado no Deportivo La Coruña durante duas temporadas, antes de ganhar a liga em 2000, e, quando John Toshack retornou ao Real Madrid, em 1999, ele escalou Geremi e Fernando Redondo como meios-campistas defensivos, com Steve McManaman, Raúl e Elvir Baljić à frente deles e Anelka ou Fernando Morientes como atacante solitário.

A chegada da formação à Inglaterra — ao menos em termos de seu reconhecimento como algo distinto do 4-4-2 — aconteceu com o

Manchester United, quando uma derrota por 3 a 2 para o Real Madrid, na Liga dos Campeões de 2000, convenceu Sir Alex Ferguson de que o 4-4-2 convencional que ele tinha usado para vencer a tríplice coroa na temporada anterior estava ultrapassado no cenário europeu.

Mas o 4-2-3-1 é apenas uma variação do meio de campo de cinco homens. Um dos meios-campistas ofensivos pode ser sacrificado por um jogador de maior poder de marcação, produzindo um 4-3-2-1 — a “árvore de Natal” — ou o 4-3-3 moderno. Co Adriaanse parece ter sido o primeiro expoente do 4-3-2-1 no Den Haag, no final dos anos 1980, e Terry Venables fez experiências com a formação na seleção inglesa, antes da Euro 96. Mas foi na Copa do Mundo de 1998 que o sistema foi utilizado com grande sucesso pela primeira vez e ganhou fama.

O problema que se apresentava ao técnico da França, Aimé Jacquet, era acomodar Zidane, um dos grandes criadores de jogadas que o mundo conheceu, mas um atleta com velocidade limitada e quase nenhum instinto defensivo. A solução foi lhe dar liberdade, mas, para fazer isso sem desestabilizar o time defensivamente, Jacquet seguiu a cartilha italiana e escalou três meios-campistas cuja função primordial era marcar — Didier Deschamps, Emmanuel Petit e Christian Karembeu. Youri Djorkaeff foi incluído como presença criativa adicional, com Stéphane Guivarc’h como centroavante solitário. Guivarc’h foi ridicularizado — e possivelmente, sob o ponto de vista técnico, trata-se do pior centroavante a já ter conquistado uma Copa do Mundo —, mas desempenhou sua função, que era, de modo geral, oferecer uma referência e segurar a bola no ataque para os criadores que vinham de trás (uma vez aceita a ideia, abre-se a possibilidade de reinterpretar o papel de Serginho Chulapa na seleção brasileira da Copa do Mundo de 1982). No ano 2000, Jacquet já tinha mais confiança — além de contar com Patrick Vieira, um meio-campista defensivo excepcional e de muita mobilidade — e sentiu que podia alinhar três criadores atrás de Henry em um 4-2-3-1.

Sob o comando de Carlo Ancelotti, o Milan é o melhor expoente do 4-3-2-1 no século XXI, com uma formação muito mais ofensiva que a da seleção francesa. Kaká e Clarence Seedorf eram os meios-campistas avançados, com Andrea Pirlo atuando como *regista* atrás deles, ladeado por Gennaro Gattuso e Massimo Ambrosini. Mas a chave era a fluidez:

tanto Pirlo quanto Ambrosini podiam jogar ofensivamente, e Seedorf sabia fazer um papel mais defensivo.

Já o 4-3-3 é mais comum, mas com pouca semelhança com o sistema praticado pelo Brasil em 1962. Aquele era um 4-2-4 desequilibrado, com Mário Zagallo recuando da ponta para se tornar um meio-campista a mais. Com exceções ocasionais, o sistema permaneceu assimétrico durante os anos 1980, quando, por exemplo, o Newcastle adotava um 4-3-2 acrescido de Chris Waddle, que jogava do lado em que o lateral adversário fosse mais fraco. O 4-3-3 moderno, como o praticado por José Mourinho no Chelsea e por muitos outros, é um 4-5-1 modificado.

Nesse ponto, talvez, ganhe evidência a mais significativa mudança recente na compreensão da tática no futebol: a noção de que existem apenas três faixas de atuação — defesa, meio de campo e ataque — ficou no passado. A dissolução desse pensamento foi sendo acelerada pelo recorrente relaxamento da regra do impedimento desde 1990. É cada vez mais difícil jogar com uma linha de impedimento alta, especialmente por causa da mudança, em 2005, na definição do conceito de interferência. A área em que o jogo efetivamente acontece foi esticada de 35-40 metros para 55-60 metros.

As mudanças provocaram dois efeitos principais. Primeiro, há mais tempo e espaço no meio de campo, e menos contato físico, o que permitiu o ressurgimento de jogadores pequenos e criativos, como Messi, Xavi, Andrés Iniesta e Mesut Özil. Os meios-campistas não precisam mais ser atletas musculosos. Segundo, a tentativa de usar o meio de campo em linha para qualquer coisa que não seja uma estratégia defensiva se tornou cada vez mais difícil, por causa do espaço existente na frente e atrás. Por essa razão, o aspecto mais destacável da Copa do Mundo de 2010, sob o ponto de vista tático, foi a substituição do 4-4-2 pelo 4-2-3-1 como formação-padrão.

O que se reconhece hoje é que cada uma dessas categorias básicas de defesa, meio de campo e ataque pode ser subdividida em faixas menores, ainda que, ao longo do processo, as faixas fiquem tão estreitas que deixem de ser significativas. “É uma questão de movimentação dos jogadores, para cima, para baixo e para os lados”, disse Bilić. “Não existem mais as linhas.” Mourinho não foi tão longe, afirmando que as

linhas ainda existem, mas acrescentando que o trabalho de seus jogadores, ao menos quando avançam, é justamente quebrá-las.

Sob sua direção, a defesa de quatro homens do Chelsea era relativamente convencional. Claude Makélélé ficava imediatamente à frente deles, com Frank Lampard e Tiago — ou, mais tarde, Michael Essien e Michael Ballack — trabalhando como corredores diante dele. Didier Drogba era o único centroavante, com dois homens abertos — alguma combinação envolvendo Damien Duff, Joe Cole e Arjen Robben — operando tanto como pontas quanto como meios-campistas auxiliares; não eram exatamente atacantes, mas também não eram meias. Às vezes, via-se um 4-1-2-3 ou um 4-1-4-1, mas o sistema se tornou mais facilmente compreendido como um 4-3-3.



O CHELSEA DE MOURINHO

Permanece a discussão sobre a novidade do conceito de quebra das próprias linhas. Afinal, sempre houve meios-campistas defensivos e ofensivos, e a noção de dividir o campo em quatro faixas já estava presente no W-M. Talvez a mudança, como é muito comum acontecer, e como aconteceu em relação à diagonal de Flávio Costa, tenha sido na designação. À medida que ela se torna mais sofisticada e mais apta a representar a realidade, a própria realidade passa a ser mais facilmente compreendida. Certamente, hoje o termo “4-5-1” é tão vago que se torna

quase inútil para descrever como um time se forma no campo. É um termo genérico, que descreve uma família de formações.

Já em 2008, Arrigo Sacchi ainda insistia que não teria havido nenhuma inovação desde seu Milan e, embora fosse possível identificar um interesse pessoal em seu argumento, ele também apresentava um grau de verdade. De qualquer forma, talvez seja mais significativa sua atitude em relação a jogadores como Makélélé. Sacchi era cético quanto ao 4-2-3-1 e o 4-3-3 moderno com o meio-campista eminentemente defensivo porque, para ele, tais sistemas eram muito restritivos. “O futebol de hoje é uma questão de administrar as características dos indivíduos”, ele disse. “E é por isso que você vê a proliferação de especialistas. O indivíduo ultrapassou o coletivo. Mas esse é um sinal de fraqueza. É algo reativo, não proativo.” Times como o Barcelona de Pep Guardiola e o Borussia Dortmund de Jürgen Klopp ajudaram a reverter essa tendência.

Sacchi acredita que a reatividade foi a falha fundamental na política dos *galácticos* no Real Madrid, onde ele atuou como diretor de futebol entre dezembro de 2004 e dezembro de 2005, quando o clube contratou estrelas e tentou equilibrá-las com “carregadores de piano” vindos da base. “Não havia projeto”, explicou ele. “Só se pensava em explorar qualidades. Nós sabíamos, por exemplo, que Zidane, Raúl e Figo não voltavam, então tínhamos de colocar um sujeito para ajudar na frente da linha de quatro defensores. Mas isso é futebol reativo, não multiplica exponencialmente as qualidades dos jogadores. E esse é o objetivo da tática: alcançar esse efeito multiplicador das capacidades dos jogadores.

“No meu tipo de futebol, o *regista* — o criador de jogadas — é quem está com a bola. Mas se você tem Makélélé no time, não dará certo. Ele não tem as ideias, embora, é claro, seja ótimo para recuperar a bola. Tudo virou uma questão de ter especialistas. O futebol é um jogo coletivo e harmonioso? Ou se trata apenas de ter um número de jogadores talentosos e equilibrá-los com um certo número de especialistas?” O impacto desses jogadores talentosos, claro, é reforçado pelo culto moderno à celebridade; é bem possível que os clubes sintam simplesmente a necessidade de contar com astros — quanto mais badalados, melhor — para conseguir vender suas marcas nos mercados emergentes da Ásia, da África e dos Estados Unidos.

Quando retornou ao Milan em 1996, após seu período na seleção italiana, Sacchi fez Marcel Desailly, que tinha sido utilizado no meio de campo por Fabio Capello, voltar a atuar na defesa. Como Valeriy Lobanovskyi, por quem tem grande admiração, Sacchi acredita nos benefícios da universalidade, em jogadores que não ficam presos por suas limitações a certas funções, capazes de se movimentar usando os companheiros, os adversários e o espaço disponível como referências. Quando isso acontece, o sistema se torna realmente fluido.

E é exatamente isso o que a nova safra de pontas e criadores de jogadas oferece. Eles não são apenas construtores, mas também corredores e, até certo ponto, defensores. Assim como os fantasistas evoluíram, outras posições também se modificaram. É muito raro, por exemplo, encontrar um time de elite que jogue com dois defensores centrais do tipo *stopper*. É necessário ter pelo menos um que saiba passar a bola ou avançar com ela até o meio de campo. De maneira mais perceptível, o centroavante “farejador” praticamente desapareceu. “Aqueles chances ocasionais, esporádicas, que os oportunistas aproveitavam não aparecem mais”, explicou Zoran Filipović, ex-atacante e depois técnico do Estrela Vermelha, e o primeiro treinador de Montenegro independente. “As defesas são mais bem organizadas, os jogadores estão em melhor forma. Você tem de criar as chances, não pode depender de erros do rival.”

Filippo Inzaghi foi um dos últimos de uma espécie em extinção, mas ao menos a obsolescência o alcançou apenas no final da carreira; Michael Owen estava perto dos 25 anos quando ficou claro que, por melhores que fossem sua noção de posicionamento e suas arrancadas na direção da primeira trave, isso já não bastava para o futebol moderno. “Certamente desenvolvi meu jogo, saindo mais da área para segurar mais a bola no ataque e tentar mais tabelas, mas tenho de manter o principal, que é fazer gols e tentar me posicionar atrás dos zagueiros”, disse ele. “No final, o principal objetivo é colocar a bola na rede.”

Essa atitude é tipicamente inglesa e, para os técnicos, uma grande fonte de frustração. “Não dá para acreditar que, na Inglaterra, não se ensine aos jogadores jovens que devem ser multifuncionais”, disse Mourinho. “Para eles, só é necessário aprender uma posição. Um atacante é um atacante e ponto final. Para mim, um atacante não é

apenas um atacante. É alguém que tem de se mover, tem de saber cruzar, e tem de fazer isso no 4-4-2, no 4-3-3 ou no 3-5-2.”

Owen foi altamente crítico dos esforços de Kevin Keegan, então técnico da Inglaterra, para expandir seu repertório antes da Euro 2000, mas a realidade é que colocar a bola na rede talvez já não seja realmente suficiente — pelo menos não no mais alto nível do jogo, como Owen finalmente reconheceu após a Copa do Mundo de 2010. “Como um atacante que tem necessidade de jogar ao lado de outro, me dói dizer que os dias do 4-4-2, contra um bom time, estão acabando”, escreveu ele, em sua coluna no *Telegraph*.

Owen se transformou em um desses jogadores que vencem partidas ocasionais para suas equipes — como fez no dérbi de Manchester em Old Trafford, na temporada 2009-10, quando saiu do banco e marcou o gol decisivo no final do jogo —, mas que também as impedem de jogar bom futebol (o que significa que ele pode ser extremamente útil para times medianos, ou mesmo para um time bom em fase ruim, mas não para um time bom que esteja jogando bem). Mesmo levando em conta seu histórico de lesões, é significativo que, após sua saída do Real Madrid, em 2005, nenhum clube da Liga dos Campeões tenha pensado em contratá-lo; ele então foi parar no Newcastle. Quando Owen saiu de lá, criou-se um silêncio quase constrangedor antes de o Manchester United assinar com ele numa transferência sem custos. Owen parecia um jogador ultrapassado pela evolução tática do jogo, e acabou atuando apenas ocasionalmente pelo United antes de ir para o banco do Stoke City.

O atacante moderno, ao contrário, é muito mais do que um fazedor de gols. Talvez possa até ser bem-sucedido mesmo sem marcar gols. O exemplo de Guivarc’h já foi mencionado, mas os dois centroavantes da Dinamarca na Euro 92, Flemming Povlsen e Kim Vilfort, deixaram a impressão de ter feito um excelente torneio mesmo anotando apenas um gol — e somente na final. O trabalho deles era lutar por bolas longas, manter a posse e fazer a bola chegar a Henrik Larsen e Brian Laudrup, os dois meios-campistas mais ofensivos. À época, isso parecia uma aberração, mas era um sinal do que estava por vir.

Os gols são obviamente uma parte valiosa da discussão, e o “atacante que não faz gols” é um caso particular, mas muitos atacantes modernos

parecem ser um híbrido das antigas parcerias dos homens de frente. Tipos como Didier Drogba, Emmanuel Adebayor e Fernando Llorente são, ao mesmo tempo, o “homem-alvo” e o “homem rápido”, o aríete e o artilheiro, presenças físicas que também são capazes de mostrar categoria. Thierry Henry, Luis Suárez e David Villa combinam as melhores qualidades do criador de jogadas e do fazedor de gols. Eles podem recuar ou jogar abertos, são capazes de dar o último passe e também de finalizar. No meio do caminho entre os dois extremos, em seus respectivos auge, encontram-se Falcao García, Andriy Shevchenko, Zlatan Ibrahimović, Samuel Eto'o e Fernando Torres. Cristiano Ronaldo, apesar das dúvidas sobre sua disciplina defensiva quando joga pelos lados, é extraordinariamente completo — fisicamente robusto, tecnicamente supremo e um finalizador excepcional.

Ser apenas um criador de jogadas já não é suficiente, ser apenas um fazedor de gols também não; os melhores atacantes modernos têm ao menos um elemento de universalidade e — o que é essencial — precisam ser capazes de funcionar dentro de um sistema.



20. O triunfo do passe

Quando soou o apito final, a decisão da Liga dos Campeões de 2011 já havia se transformado, fazia tempo, numa exibição. A bola corria de uma camisa azul-grená para outra, enquanto o Manchester United apenas a perseguia, constrangido a simplesmente admirar as filigranas nos passes trocados pelo Barcelona. Dois anos antes, em Roma, o Barcelona tinha vencido o Manchester United por 2 a 0 na final; desta vez, a diferença foi a mesma — 3 a 1 — mas o abismo entre os times revelou-se muito maior. O Barça estava em seu auge absoluto, devastando os campeões da Premier League. “Ninguém tinha nos dado uma surra assim, mas eles mereceram”, disse o técnico do United, Sir Alex Ferguson. “Eles jogam do jeito certo e curtem seu futebol. Realmente hipnotizam você com os passes e nós nunca chegamos a conseguir controlar Messi [...]. No meu período como técnico, foi o melhor time que enfrentei.”



MANCHESTER UNITED 3 A 1 BARCELONA, FINAL DA LIGA DOS CAMPEÕES,
WEMBLEY, LONDRES, 28 DE MAIO DE 2011

Aquele desempenho contra o United não foi nem mesmo o melhor do Barcelona; o ápice provavelmente aconteceu na vitória por 5 a 0 sobre o Real Madrid em novembro de 2010, o primeiro *el clásico* de José Mourinho como técnico do Madrid. Wayne Rooney, que viu o jogo pela televisão, admitiu que espontaneamente se levantou e aplaudiu. Ele não foi o único: o estilo tiquitaca do Barcelona era exaltado ao redor do mundo.

Em janeiro de 2012, a opinião de Ferguson sobre o Barcelona era a mesma. “O time do Barcelona, neste momento, é de longe o melhor”, disse ele. “Nós acompanhamos esse time há três anos e às vezes você tem de se afastar e dizer ‘eles são melhores do que nós’. Não é um crime ou uma fraqueza, é apenas um fato que o Barcelona hoje, especialmente com Lionel Messi, é um time extraordinário.” Quando o melhor jogador do mundo joga no melhor time do mundo, não há muito que o resto do mundo possa fazer.

O Barcelona não foi algo que simplesmente aconteceu. Não foi o resultado da reunião de alguns grandes jogadores em um mesmo time, ou de um técnico visionário liderando uma revolução. O Barcelona que venceu duas Ligas dos Campeões em quatro anos, e perdeu nas semifinais por pouco em outras duas ocasiões, é o resultado de quatro décadas de evolução.

Os anos 1960 foram sombrios para o Barcelona. Apesar de ter sido o primeiro time a eliminar o Real Madrid em uma competição continental ao vencer a semifinal da Copa da Europa de 1961, aquela foi uma década de agruras para os *blaugranas*. O Barcelona acabou perdendo a final para o Benfica de Béla Guttmann e tinha conquistado apenas duas Copas del Generalísimo e uma Copa das Feiras quando, em 1969, enfrentou o Slovan Bratislava na decisão da Recopa, na Basileia.

O Barça perdeu por 3 a 2, provocando uma onda de melancólica introspecção que produziu a ideia de trazer Helenio Herrera de volta como técnico. O movimento dividiu o clube. O presidente Narcis de Carreras e o técnico Salvador Artigas se demitiram, e Josep Seguer, ex-jogador do próprio Barça, assumiu como técnico interino. Em janeiro de 1970, o time estava em décimo lugar na liga e em dificuldades. Medidas radicais eram necessárias e foram tomadas, com uma contratação que mudaria a história do clube, estabelecendo uma tradição cujos frutos ainda seriam colhidos quatro décadas depois.

É verdade que Vic Buckingham, com seu rosto enrugado e cabelo caprichosamente repartido, nunca pareceu ser um messias, mesmo que Ivan Ponting tenha mencionado sua “elegância natural e extravagante personalidade” em seu obituário no *Independent*. Vic jogou com Arthur Rowe e Bill Nicholson no time do Tottenham de Peter McWilliams, no final dos anos 1930, e se tornou o técnico mais longo do West Bromwich Albion, pelo qual venceu a FA Cup de 1954. Buckingham era um “tático astuto” segundo Bobby Robson, que jogou sob seu comando. “[Ele] não tinha medo de aplicar as duras lições que aprendeu com os húngaros e de fazer experiências com nosso estilo de jogo.”

Buckingham tinha vivido dois períodos como técnico do Ajax: ganhou a liga no primeiro e promoveu a estreia de Johan Cruyff no segundo, preparando o terreno para o grande time de Rinus Michels.

Mas, quando o Barcelona o procurou, ele estava afastado do futebol havia mais de um ano, desiludido com o escândalo de manipulação de resultados que envolveu o Sheffield Wednesday logo após sua saída e por três temporadas amargas no Fulham. Uma breve passagem pela Grécia, no Ethnikos, serviu para reanimá-lo, mas foi no Barcelona que ele assegurou a continuidade de seu legado.

Charly Rexach, que passou 22 anos no Barcelona como jogador e mais 22 na comissão técnica, não tem dúvida sobre a importância de Buckingham. “Na história do futebol, há certos técnicos que alcançaram excessiva celebridade, mas Buckingham não foi um daqueles que fingem que o time não existiria sem ele e que se enxergam como a razão das vitórias e derrotas”, explicou ele. “Ele foi, contudo, o primeiro técnico com quem trabalhei que nos ensinou a importância de (1) ter bons jogadores, (2) ter disciplina no vestiário e (3) ter um plano de jogo.”

Com seu gosto por paletós de lã e gravatas de seda, seu amor por coquetéis, golfe e corridas de cavalos, Buckingham era visto como o perfeito cavalheiro inglês. Mas havia certa rudeza sob aquele charme britânico e ele xingava abundantemente, em especial os jogadores que não considerava bons. “Havia seis ou sete jogadores que, se ele visse perto do vestiário, mandava cair fora”, disse Josep Fusté, capitão do Barcelona à época. Ele também xingava os adversários. Certa vez, escreveu “Betis” no quadro-negro do vestiário e perguntou: “Quem é o Betis? Foda-se o Betis!”; e chutou o quadro-negro.

“Ele tinha conceitos profissionais muito claros”, disse Josep Maria Minguella, que trabalhou como seu intérprete. “Costumava dizer que, quando um jogo começava, era como um filme cujas cenas estavam em constante mudança. Cada jogador tinha de se imaginar como um ator naquele filme, constantemente se adaptando às mudanças de roteiro, movendo-se de acordo com cada movimento.”

Buckingham levou o Barcelona ao quarto lugar naquele ano e, em sua primeira temporada completa, o time terminou um ponto atrás do Valencia na liga e venceu o mesmo adversário na final da Copa del Generalísimo. Mas um grave problema nas costas o obrigou a voltar para a Inglaterra naquele verão. O Barcelona recorreu ao homem que aplicara os princípios de Buckingham no Ajax, usando-os para formar um time campeão da Copa da Europa: Rinus Michels.

A mudança, no início, não foi um sucesso. Michels não era popular e o apelido *El Señor Marmol*, o homem de mármore, refletia sua aparente falta de humor. Embora o Barcelona tenha conquistado a Copa das Feiras em setembro de 1971, vencendo o Leeds na final, muitos insistiam que o crédito era mais de Buckingham que do holandês.

Buckingham impunha disciplina, mas Michels era ainda mais rígido. Um incidente após uma derrota na copa para o Sevilla, que estava na segunda divisão, em 1972-3, ficou célebre. Sete jogadores, incluindo Rexach, tentaram espairar jogando cartas no hotel. Pediram duas garrafas de cava ao serviço de quarto, mas Michels as interceptou e as atirou nos jogadores, reclamando aos gritos da falta de disciplina no futebol espanhol. Mais tarde, ele admitiu que foi um exagero, mas o episódio diz muito a respeito do sentimento de frustração que pairava sobre o clube.

O ambiente só melhorou com a chegada da terceira das três figuras que transformaram o Barcelona no início dos anos 1970, Johan Cruyff. Buckingham já o havia abordado, pensando em trazê-lo do Ajax, mesmo que estrangeiros ainda estivessem proibidos de jogar na liga espanhola. O acordo foi fechado poucas semanas depois do fim da proibição, em maio de 1973. O Barcelona não conquistava um título da liga fazia catorze anos, mas, quando chegou, Cruyff proporcionou o estímulo que revitalizou o clube.

Aquela temporada, de 1973-4, talvez tenha sido a mais extraordinária da história do Barcelona. Franco estava doente e a atividade nacionalista na Catalunha e no País Basco aumentava após a nomeação do almirante Luis Carrero Blanco, um linha-dura, como presidente. Ele foi assassinado no mês de dezembro por uma explosão arquitetada pelo grupo separatista basco ETA. Com o centro do poder fragilizado, uma onda de orgulho catalão se formou, carregando o time de futebol e sendo reforçada por ele. A estreia de Cruyff na liga aconteceu em uma goleada de 4 a 0 sobre o Granada. O impacto e a impressão que ele causou foram imediatos. “Cruyff não apenas joga pelo resto do time; ele faz o time jogar”, afirmou um artigo na revista *Barça*, depois da partida. “Sua qualidade extrai o melhor dos outros jogadores do Barça, cuja qualidade nunca esteve em dúvida, mas que às vezes tropeçam em vez de mostrar a verdadeira medida de seu valor. O time se tornou uma

unidade homogênea, cheia de ideias e confortável em si mesma. E isso significa que o futebol voltou a ser divertido. Recuperou aquela graça especial que faz dele o esporte favorito das massas.”

O melhor ainda estava por vir. O *clásico* de 1973-4 no Bernabéu estava marcado para fevereiro, no mesmo dia em que o filho de Cruyff deveria nascer. Danny, a mulher dele, passou por uma cesariana e Jordi nasceu uma semana antes, permitindo a Cruyff participar do jogo. Ele foi espetacular na histórica vitória por 5 a 0. Joan Laporta e Sandro Rosell, que viriam a ser presidentes do Barcelona, eram garotos quando assistiram ao jogo.

O Barça ganhou a liga com folga naquela temporada, terminado oito pontos à frente do Atlético de Madrid, mas, mesmo com a chegada de Johan Neeskens no verão, o time não conseguiu repetir a façanha. Michels, após um ano afastado — em que foi substituído por Hennes Weisweiler e a versão limitada do Futebol Total que ele praticava no Borussia Mönchengladbach —, deixou o clube definitivamente em 1978, o que levou a um período de instabilidade. Embora Josep Lluís Núñez, eleito presidente do clube naquele ano, tenha seguido os conselhos de Cruyff ao fundar La Masia, a conhecida academia de jovens do Barça, ele também procurou trazer grandes nomes para o Camp Nou — e isso provocou a instabilidade. Entre a saída de Michels e a chegada de César Luis Menotti, em março de 1983, o Barcelona teve seis outros técnicos. Embora as teorias adotadas por Buckingham e Michels continuassem a sustentar a academia, o status do Barcelona como legatário da tradição do Futebol Total foi perdido no que dizia respeito ao time principal. Menotti certamente tinha ideias diferentes acerca de como o jogo deveria ser praticado e o rumor era que ele havia sido trazido em substituição a Udo Lattek, que supervisionara a revolução do Futebol Total no Bayern, principalmente para fazer Diego Maradona justificar a própria contratação.

A concepção de futebol de Menotti como uma atualização de *la nuestra* tinha sobrevivido à junta e a Bilardo, mas ele enfrentaria outra ameaça no Barcelona: o florescimento final de *la furia*. O foco da tormenta estava onde ela havia começado, o País Basco. A Real Sociedad ganhou o título em 1981 e repetiu a conquista no ano seguinte, mas foi em Bilbao que o estilo alcançou seu ápice.

O Athletic não ganhava a liga desde 1956 e, após atingir um terceiro lugar na metade dos anos 1970, o clube recorreu a Javier Clemente. Sua carreira como jogador do Athletic foi abreviada por lesões e seu período de aprendizado como técnico se deu no Getxo, time local, e depois no Biskonia, o time B do Athletic. Ele era basco até a medula — irascível, pavio curto, sem medo de dizer o que pensava. Fumava constantemente, xingava frequentemente e parecia viver em uma névoa de fúria perpétua. Acredita-se que foi Clemente quem criou o termo “tiquitaca”, mas no sentido de ridicularizar o ato de passar a bola sem objetivo, em contraste com seu próprio estilo de futebol direto. Como observou Sid Lowe, Clemente “será associado para sempre ao futebol defensivo, desonesto e literalmente sujo”.

O futebol de Clemente era o oposto do tiquitaca. Seus times eram resilientes, pragmáticos e robustos, praticantes de um jogo de alta intensidade baseado no *bloque* — dois meios-campistas defensivos à frente da defesa de quatro homens. Numa decisão polêmica, quando era técnico da seleção nacional, ele escalou Miguel Ángel Nadal e Fernando Hierro, dois jogadores que eram primordialmente zagueiros, juntos no meio de campo. No Athletic, Clemente herdou um time que tinha Andoni Goikoetxea, Manu Sarabia e o capitão Dani. E promoveu o goleiro Andoni Zubizarreta, o lateral Santi Urquiaga, os meios-campistas Ismael Urtubi e Miguel de Andrés e o ponta Estanislao Argote, todos produtos da *cantera* do Athletic. Forjou, com eles, uma unidade sólida e impetuosamente competitiva.

A etapa Menotti começou bem. O Barcelona venceu a Copa do Rei de 1983, quando um gol de cabeça de Marcos Alonso, no último minuto, derrotou o Real Madrid na final, em Zaragoza. Mas o time tinha ficado para trás na liga. Na última rodada, o Real tinha um ponto de vantagem sobre o Athletic, mas perdeu em Valencia por 1 a 0, enquanto o Athletic venceu em Las Palmas por 5 a 1 e conquistou o título. Na temporada seguinte, a corrida pelo troféu foi ainda mais apertada. Foi quando o futebol espanhol testemunhou o grande duelo entre o pragmatismo intenso do Athletic e a estética romântica do Barcelona.

Havia tensão entre os dois clubes desde um jogo de dezembro de 1981, o primeiro em que Clemente dirigiu o Athletic contra o Barcelona, quando uma entrada de Goikoetxea provocou a ruptura do ligamento

cruzado anterior de Bernd Schuster e o impediu de jogar a Copa do Mundo seis meses depois. A antipatia era intensificada pela situação política. O ETA foi autor de 43 assassinatos em 1983, enquanto o partido socialista que governava a Espanha organizou grupos clandestinos antiterroristas — efetivamente esquadrões da morte — responsáveis por pelo menos 27 mortes antes de serem expostos pelo jornal *El Mundo* e dissolvidos. Mas o que realmente simbolizou a acirrada rivalidade, como Scott Oliver mostrou na edição número 4 de *The Blizzard*, foi uma prolongada discussão entre Menotti e Clemente, cujas personalidades estavam intimamente associadas ao estilo de jogo de seus times.

Menotti chamou Clemente de “autoritário” — uma palavra carregada de sentido por causa das ditaduras que haviam recentemente terminado tanto na Argentina quanto na Espanha — e descreveu o Athletic como “defensivo e destrutivo”; Clemente respondeu acusando Menotti de ser “um hippie mulherengo”. Clemente era um nacionalista basco engajado, mesmo enquanto técnico da seleção. Seu hábito de se referir aos bascos como *una raza especial* — “uma raça especial” — parecia uma tentativa deliberada de evocar noções franquistas da pureza espanhola (apesar de desprezar o nacionalismo basco, Franco via o País Basco como o coração da verdadeira Espanha) e de *la furia*; foi o suficiente para Menotti chamá-lo de fascista. (As inclinações políticas de Menotti eram mais difíceis de identificar: embora sua boemia de filósofo dos cafés o alinhasse com a esquerda, em 1994 ele se candidatou a governador da província de Santa Fe pelo Partido Justicialista, de linha autoritária e populista e fundado por Perón em 1947 para substituir o Partido Laborista, mas que, na metade dos anos 1990, com Carlos Menem, já se transformara em um partido neoliberal de centro-direita.)

A rivalidade entre os dois ainda estava quente quatro anos mais tarde, quando se encontraram de novo. Clemente era técnico do Espanyol e Menotti, do Atlético de Madrid (com Goikoetxea em seu time; um traço de conveniência raramente percebido em Menotti). O argentino condenou a tática de Clemente de estreitar o campo para um jogo da Copa da Uefa contra a Internazionale, o que levou Clemente a chamar Menotti de “trambiqueiro que vive de insultar e usar metáforas”, de “parasita” e que “todos no mundo do futebol sabiam” que ele só tinha vencido uma Copa do Mundo porque “o presidente a comprou para ele”.

Menotti respondeu dizendo que Clemente demonstrava “atitudes e posturas de um personagem fascista”, e insistindo que ele tinha problemas que “deveriam ser resolvidos por um psiquiatra [...]. Não compreendo a reação de Clemente, a menos que ele me admire ou tenha inveja de mim”. A discussão pode ter soado como pouco mais do que uma birra infantil, mas a observação feita por Menotti sobre a psique do futebol espanhol foi profunda. “No dia em que a Espanha decidir ser o toureiro em vez do touro em campo”, disse ele, “ela jogará um futebol melhor.”

O primeiro encontro entre Menotti e Clemente em campo aconteceu no Camp Nou, em 24 de setembro de 1983. O Athletic tinha vencido seus primeiros três jogos da temporada, mas perdia por 3 a 0 após quase uma hora de partida, quando Schuster fez uma falta em Goikoetxea; muitos concluíram que se tratava de uma vingança pela falta violenta de 1981. O público cantava o nome de Schuster e, mesmo antes do entreviro, como Maradona escreveu em sua autobiografia, Goikoetxea já estava agitado, dizendo “eu vou matar aquele cara”. Maradona tentou acalmá-lo, mas só conseguiu irritá-lo ainda mais. O resultado foi uma das faltas mais famosas da história, em que Goikoetxea atingiu a perna de apoio de Maradona, fraturando o maléolo lateral e rompendo os ligamentos de seu tornozelo esquerdo. Maradona foi retirado de maca; Goikoetxea não foi sequer expulso, embora mais tarde tenha recebido uma suspensão de dezoito jogos, reduzida para seis após um recurso. O Athletic não demonstrou remorso: depois do jogo, Clemente sugeriu que Maradona tinha exagerado a gravidade da lesão. Goikoetxea, que insistiu não estar mal-intencionado, guardou a chuteira com a qual cometeu a falta em uma redoma de vidro na sala de sua casa.

Athletic e Barça se encontraram de novo na Supercopa. O time de Menotti venceu por 3 a 2 no agregado de duas partidas, e o Barcelona ganhou também o segundo jogo da liga entre eles, 2 a 1 em San Mamés. Mas não bastou. A ausência de Maradona perturbou o time, especialmente quando Schuster se machucou novamente, três semanas depois. Mesmo com oito vitórias e um empate nos últimos nove jogos da temporada após o excelente retorno de Maradona, o Barcelona terminou o campeonato empatado com o Real Madrid, um ponto atrás do Athletic.

Mas ainda restava um jogo a disputar, a final da Copa do Rei, quando a antipatia explodiu de uma vez. Clemente e Maradona trocaram farpas antes do jogo e a atmosfera em um molhado Bernabéu se acirrou ainda mais quando os torcedores do Athletic vaiaram o minuto de silêncio em homenagem a fãs do Barcelona mortos em um acidente de carro a caminho de Madri. Houve várias faltas violentas de ambos os lados e objetos foram atirados pelo público na direção de Schuster. Endika marcou para o Athletic, aos treze minutos, controlando a bola com o peito e finalizando no canto. Em vantagem, os bascos recuaram e procuraram o contragolpe. Um frustrado Barcelona raramente deu mostras de que conseguiria o empate e, após o apito final, quando a comissão técnica do Athletic correu para dentro do campo para comemorar, Maradona perdeu o controle. Ele deu uma joelhada no rosto de Miguel Ángel Sola, jogador reserva do Athletic que estava ajoelhado no campo, nocauteando-o. Mais tarde, Maradona disse que foi provocado por um gesto de V feito por José Núñez, defensor do Athletic. Independentemente dos motivos, o que se seguiu foi uma das brigas mais vergonhosas da história do futebol, com jogadores dos dois lados distribuindo voadoras. A polícia se juntou aos jogadores reservas, jornalistas, funcionários dos clubes, médicos e torcedores no campo, e a confusão ainda imperava quando um horrorizado Rei Juan Carlos II entregou o troféu a Dani. Esse foi o clímax de uma estranha e passageira rivalidade, baseada tanto na diferença de estilos quanto em qualquer outra razão, e foi também o triunfo de *la furia*. Desde então, nenhum time espanhol teve sucesso adotando um jeito de jogar tão físico.

Menotti deixou o Barcelona naquele verão, retornando à Argentina após a morte de sua mãe, e Maradona foi vendido ao Napoli. O Barça, para surpresa geral, contratou o técnico do Queens Park Rangers, Terry Venables. Como ele mesmo disse, o clube queria um técnico inglês para colocar o time em forma e melhorar os níveis de condicionamento físico, mas Venables tinha passado três anos jogando sob o comando de Bill Nicholson, no Tottenham, e fazia parte da tradição estabelecida por McWilliam. Ele acabou com o líbero que Menotti utilizava e recuperou a pressão defensiva. “Eu trabalhei duro para que eles pressionassem, cercando o homem com a bola com três ou quatro jogadores para roubá-la em partes do campo de onde pudéssemos contra-atacar rápido e com

eficiência, em vez de recuar para ter a bola só quando o time rival inteiro estivesse diante de nós”, disse ele. Venerables foi recompensado com um título da liga.

Clemente ficou no Athletic por mais duas temporadas, levando o clube ao terceiro e ao quarto lugar no campeonato. Ele retornou a Bilbao em 1990, mas foi demitido pouco depois de uma derrota por 6 a 1 para o Barcelona, que tinha contratado Johan Cruyff como técnico e voltado aos princípios do Futebol Total que guiaram o clube nos anos 1970.

Como jogador, Cruyff teve um impacto extraordinário no Barcelona; como técnico, sua influência foi ainda maior. Seu desempenho dirigindo o Ajax foi razoável: nenhum título de liga, mas dois de copa e, acima de tudo, uma Recopa, encerrando um jejum de treze anos sem conquistas europeias. Nessa etapa, ele tinha insistido em escalar o goleiro Stanley Menzo, argumentando que sua capacidade para jogar com os pés e iniciar os ataques atuando como goleiro-líbero superava eventuais preocupações com suas deficiências técnicas. Cruyff também priorizou jogadores das categorias de base — aqueles formados pelos conceitos do Ajax. No Barcelona, ele percebeu que a academia que tinha aconselhado Núñez a fundar começava a dar frutos, e isso encorajou seu radicalismo.

“Quando eu cheguei, existia uma nova safra de jogadores que haviam subido da *cantera* e estavam prontos para jogar no time principal”, disse. “Era o final de um ciclo de cinco ou seis anos. Mas havia uma outra situação que eu compreendi. Em qualquer lugar do mundo, os torcedores gostam de bons jogadores que compartilham sua mentalidade, e de preferência são do mesmo país. Se um técnico tem de escolher entre um estrangeiro e um jogador local com as mesmas habilidades, deve optar pelo local. Assim, a chance de ele ser vaiado pelos torcedores se as coisas forem mal é menor. No Barça, os torcedores gostam de jogadores da *cantera* no time principal; dessa maneira, sentem que o técnico também se torna, de alguma forma, uma parte do Barcelona.”

O sucesso demorou a chegar. Na primeira temporada de Cruyff, o Barça terminou cinco pontos atrás do Real Madrid, mas ganhou a Recopa, vencendo a Sampdoria por 2 a 0 na final. Com Cruyff adotando o clássico “4-3-3 que vira 3-4-3” do Ajax, Gary Lineker atuava em um trio

de frente com Julio Salinas e Txiki Begiristain, mas nunca ficou contente com o fato de ter de jogar aberto pela direita. Naquele verão, Lineker foi negociado e o Barça contratou Ronald Koeman e Michael Laudrup.

Koeman seria vital como o líbero que se sentia confortável para avançar até o meio de campo — “Ele tinha um toque de bola fantástico”, disse Cruyff. “Com um passe, fazia todos os atacantes jogarem entre si e então ganhávamos ritmo, todas as possibilidades se abriam.” Laudrup atuava como um centroavante de grande mobilidade, talvez como o jogador mais próximo que já se viu do próprio Cruyff —, ainda que o técnico criticasse sua mentalidade. “Se Michael tivesse nascido em um bairro pobre no Brasil ou na Argentina e a bola fosse sua única chance contra a pobreza, hoje ele seria reconhecido como o maior gênio do futebol em todos os tempos”, disse Cruyff. “Ele tinha todas as habilidades para chegar a esse nível, mas faltava esse instinto de sobrevivência, que poderia levá-lo até lá.”

Em relação a seu papel, Laudrup provavelmente foi o precursor de Lionel Messi; não se usava o termo “falso nove” na época, mas ele era essencialmente esse tipo de jogador. Alguém como G. O. Smith no Corinthians inglês, Nolo Ferreira no Estudantes, Nándor Hidegkuti na Hungria e o próprio Cruyff. O Real Madrid ganhou o título de novo em 1990, mas as eventuais críticas ao Barcelona foram atenuadas pela vitória sobre o Real na final da Copa do Rei. Naquele verão, Hristo Stoichkov foi contratado do CSKA Sófia, acrescentando ao time sua técnica apurada e grande intensidade. Àquela altura, ouviam-se muitos questionamentos a respeito do rendimento dos jogadores e da inconsistência das escolhas de Cruyff, sobretudo quando o técnico sofreu um infarto. Mas o clube permaneceu leal ao holandês e ele permaneceu leal à própria filosofia.

“Quando Cruyff e eu chegamos para assumir o Barça”, disse Rexach, que atuou como seu assistente, “nós decidimos pôr em prática o futebol que nos inspirava: o futebol de Rinus Michels. Não se engane, foi difícil conseguir. Nós herdamos uma cultura no Camp Nou em que os torcedores vaiavam um defensor se ele passasse a bola para o goleiro, ou o ponta que chegava ao fundo e não cruzava — independentemente de haver na área alguém para aproveitar o cruzamento ou não. Nossa primeira tarefa foi encontrar e contratar jogadores que tinham talento e

conheciam nossa filosofia, além de educar os que já estavam no clube, mas um efeito secundário foi que nós educamos os nossos torcedores. Tudo fluiu a partir do momento em que mostramos a todos que havia uma filosofia sendo adotada e que não nos desviaríamos dela.”

Os problemas cardíacos de Cruyff o forçaram a deixar de fumar, mas, chupando pirulitos furiosamente, ele supervisionou o surgimento de um time que sintetizava sua visão. O Barça conquistou a liga em 1990-1 e repetiu o triunfo nas três temporadas seguintes. Ainda mais importante do que isso, o *Dream Team*, como ficou conhecido, tornou-se o primeiro time do Barcelona a ganhar a Copa da Europa, em 1992. Stoichkov jogava aberto pelos lados, usualmente na esquerda, mas também pela direita; àquela altura, Laudrup atuava na ponta do meio de campo em forma de diamante, com Julio Salinas como o atacante central e José Mari Bakero na extremidade oposta.

Em 1994, quando o Barcelona chegou novamente à final da Copa da Europa, o sistema tinha se desenvolvido ainda mais. O brasileiro Romário era o centroavante, um artilheiro também capaz de jogar recuado ou aberto, enquanto Stoichkov tendia a jogar na direita e Begiristain, na esquerda. Eles cortavam para dentro, usando o espaço criado por Romário para aumentar as chances de marcar gols com o “pé bom”. Não foram os primeiros pontas invertidos, mas provavelmente foram os primeiros a serem usados tão sistematicamente ao lado de um centroavante de tanta mobilidade.

Após dois anos sem troféus e se desentendendo com Núñez, Cruyff deixou o clube em 1996, substituído por Bobby Robson. O inglês ganhou a Copa do Rei e a Recopa, mas era visto como um quebra-galho até que Louis van Gaal estivesse disponível. A variante mais mecanizada do Futebol Total imposta pelo holandês teve sucesso, com dois títulos da liga, uma copa e a ênfase na conexão entre La Masia e o time principal. Mas após sua (primeira) saída, em 2000, o clube perdeu o rumo.

Em 2003, o Barcelona não ganhava nada fazia quatro anos e via suas dívidas aumentarem. Guus Hiddink e Ronald Koeman foram cogitados para o posto de técnico, mas ambos eram muito caros. Por recomendação de Cruyff, o clube contratou Frank Rijkaard. Considerando sua limitada experiência como treinador — no comando da seleção holandesa, perdera nos pênaltis para uma Itália reduzida a

nove homens na semifinal da Euro 2000; no Sparta Roterdã, o clube fora rebaixado pela primeira vez —, a contratação foi uma extraordinária declaração de confiança na filosofia do Futebol Total.

No início, parecia que não daria certo. Em janeiro de 2004, o Barcelona estava em décimo terceiro lugar e conquistara apenas dez pontos em nove jogos disputados em casa. Quando o time perdeu para o Racing por 3 a 0 em Santander, poucas semanas depois de ser goleado por 5 a 1 em Málaga, a expectativa era que Rijkaard seria demitido. Mas Cruyff, que continuou como uma espécie de consciência do clube mesmo sem um cargo remunerado desde 1996, insistiu que a melhora ainda iria acontecer. Ele estava certo. O Barcelona obteve catorze vitórias e três empates nos dezessete jogos seguintes e terminou o campeonato em segundo lugar, à frente do Real Madrid. Nos anos que se seguiram, Rijkaard levou o clube a dois títulos da liga e à conquista da Champions League. Ele preferia um 4-3-3 convencional, embora o zagueiro mexicano Rafael Márquez fosse capaz de avançar ao meio de campo e se juntar a Edmílson, um meio-campista defensivo; o futebol de Rijkaard tinha virtudes do Futebol Total, mas talvez sem o radicalismo de Van Gaal ou Cruyff.

Em 2008, no entanto, havia surgido a percepção de que Rijkaard tinha perdido o estímulo e de que certos jogadores perturbavam o grupo, especialmente após a saída de Henk ten Cate, assistente de Rijkaard, no verão de 2006. Houve conversas sobre a contratação de José Mourinho, que tinha trabalhado no clube como tradutor de Bobby Robson, mas esse movimento foi vetado por Begiristain, àquela altura o diretor de futebol. Ele buscava uma filosofia, não uma personalidade, e então decidiu promover alguém “da casa”, dando o cargo a Pep Guardiola, cuja única experiência como técnico, aos 37 anos, tinha sido no time B do Barcelona. Foi uma decisão inspirada.

Guardiola sempre esteve imerso no Barcelona e na tradição de Cruyff e Michels. Torcedor desde criança, ele tinha aprendido o jogo em La Masia, onde ganhou a reputação de meio-campista inteligente, apesar de franzino. Quando Ronald Koeman machucou o tendão de aquiles, em 1990, Cruyff pensou em contratar Jan Mølby para substituí-lo, mas Rexach lhe contou sobre o potencial de Guardiola. Ele foi assistir a um

jogo do time B e ficou perplexo porque Guardiola passou o tempo todo no banco, apesar de ser considerado o melhor jogador do time. Disseram a Cruyff que achavam que Guardiola não tinha força suficiente; ele respondeu que, se um jogador era bom o bastante, seu físico não deveria importar, uma filosofia que o clube adota desde então. “Guardiola tinha de ser inteligente”, explicou Cruyff. “Não lhe restava nenhuma alternativa naquela época. Ele era um pouco como eu. Você precisa ter muita técnica, mover a bola rápido, evitar uma colisão — e para isso é preciso ter boa visão. Acontece um efeito dominó. Logo você aprende a enxergar os detalhes, as posições dos jogadores. E pode aplicar esse conhecimento como jogador e também como técnico. Guardiola aprendeu dessa forma — por causa de seu físico — e teve a sorte de ter um técnico que havia passado pela mesma experiência.”

Guardiola disputou três jogos na campanha do primeiro dos quatro títulos seguidos do Barcelona e logo se tornou uma presença regular na posição-chave do esquema do time, que é metade zagueiro e metade meio-campista central. “Guardiola era capaz de dominar e passar a bola rápido”, disse Cruyff. “Conseguia entregar a bola em boas condições para que outro jogador fizesse algo com ela.”

Um ano antes da saída de Rijkaard, Guardiola havia retornado ao clube e pedido para dirigir o time B, então na terceira divisão. O Barcelona tinha lhe oferecido uma posição mais prestigiosa, a de diretor das categorias jovens. Guardiola disse que queria ser técnico e assumiu o cargo com extraordinária confiança. Rijkaard usava um 4-3-3 conservador no time principal, mas Guardiola imediatamente aplicou sua visão de um 3-4-3 ao estilo Van Gaal/Bielsa. O time B cresceu, conseguindo o acesso de divisão na única temporada sob direção de Guardiola, antes que ele fosse promovido ao time principal.

Guardiola podia ser inexperiente, mas não era ingênuo. Como Van Gaal, ele sabia que sua filosofia exigia disciplina e comprometimento absoluto de todos. Cada jogador era orientado quanto ao peso que deveria manter e havia punições aos que não permaneciam na faixa ideal. Para cada cinco minutos de atraso a um treino ou reunião, impunha-se uma multa de quinhentos euros. Aliaksandr Hleb, por exemplo, se atrasava com frequência e, apesar de sua capacidade, foi negociado. Ronaldinho Gaúcho era visto como uma influência

perturbadora e acabou vendido. Mais tarde, Samuel Eto'o e Zlatan Ibrahimović não se ajustaram às regras e também foram repassados por somas bem abaixo do que se praticava no mercado. “Pequenos detalhes agora significam muito e, psicologicamente, estamos fazendo um mestrado com Pep”, disse Xavi na primeira temporada de Guardiola. “Tudo é controlado e bem preparado. Nós passamos muito tempo tratando de estratégia, táticas e de como os adversários jogarão contra nós.”

A ênfase na *cantera* era clara: Victor Valdés, Carles Puyol, Gerard Piqué, Sergio Busquets e Xavi eram todos catalães que tinham sido desenvolvidos em La Masia, enquanto Pedro, Lionel Messi, Andrés Iniesta e Thiago Alcântara haviam sido observados quando novos e foram trazidos para treinar no clube. A maioria da comissão técnica também tinha passado pela *cantera*, incluindo Guardiola e seu assistente, Tito Vilanova, que o sucederia.

Antes de assumir o cargo, Guardiola consultou alguns técnicos, incluindo Marcelo Bielsa, com quem compartilhou um churrasco e uma conversa que atravessou a madrugada. Em aspectos como a ênfase no passe e na recuperação da bola em posições avançadas, o estilo do Barça, embora fosse uma evolução do próprio modelo do clube, claramente se espelhava na abordagem de Bielsa — uma medida facilitada pelo fato de os jogadores terem sido treinados, desde cedo, para aprender as virtudes do passe e do movimento. Como Rexach observou, “outros times podem tentar nos copiar, é claro, mas nós estamos trinta anos na frente deles”.

O principal papel de Bielsa talvez tenha sido o de confirmar as convicções de Guardiola. Cruyff, seu técnico por seis anos, foi claramente uma enorme influência, mas pode-se dizer o mesmo de Juanma Lillo, que dirigiu Guardiola em sua breve passagem pelo Dorados, do México. Apesar da suposição generalizada de que eles não se dão bem, Van Gaal também influenciou Guardiola, particularmente no Ajax. “Aquele time do Ajax sempre me deu a impressão de que era capaz de fazer tudo isso: jogar, sacrificar-se como equipe, brilhar individualmente e vencer jogos”, disse Guardiola. “Todos os jogadores de qualidades diferentes, sem exceção, estavam cientes de sua missão em campo. Eles demonstravam disciplina tática e enorme capacidade de aplicar todos aqueles princípios no momento certo.”

A essência da filosofia de Guardiola era simples. “Só existe um segredo no mundo do futebol: ou tenho a bola, ou não tenho”, disse ele. “O Barcelona optou por ter a bola, embora seja legítimo que outros não a queiram. E, quando nós não tivermos a bola, nós temos de recuperá-la porque precisamos dela.”

A base do treinamento é o *rondo*, atividade em que os jogadores formam um círculo e tentam passar a bola sem que outros dois, no centro, consigam tocá-la. “É um treino que nos ensina a perceber quem está perto antes que a bola chegue, e a estar preparado para usar um toque, um domínio ou um voleio em décimos de segundo a fim de manter a circulação da bola”, explicou Xavi a Graham Hunter, no livro *Barça*. Até mais do que antes na tradição do clube, o foco estava na criação e na exploração do espaço, gerado pelo movimento sem a bola e pela técnica aperfeiçoada, que permitia que defensores rivais fossem atraídos na direção oposta à dos atacantes antes de o passe ser feito.

Apesar de o sistema produzir grandes quantidades de gols, tinha também um importante elemento defensivo. A pressão exercida pelo Barça era superlativa, baseada no excelente condicionamento físico e na ótima organização. Como Van Gaal, Guardiola insistia que, se a bola não fosse recuperada em cinco segundos, seu time deveria recuar e assumir posições defensivas. “Enquanto atacamos, a ideia é sempre manter a posição, sempre estar no lugar em que cada um deve estar”, disse ele. “Temos dinamismo e mobilidade, mas as posições devem estar sempre ocupadas por alguém. Assim, se perdermos a bola, será difícil para o adversário contra-atacar — se atacarmos mantendo a formação, será mais fácil perseguir o homem com a bola quando a perdermos.”

A princípio, o formato adotado pelo time de Guardiola foi uma variante do 4-3-3, com Messi à direita na linha de atacantes e Thierry Henry à esquerda, com Samuel Eto'o no centro. Sergio Busquets, cuja promoção para o time principal foi a primeira aposta de Guardiola em termos de escolhas de jogadores, podia recuar para se tornar quase um terceiro defensor central, o que lhe dava tempo para ser o criador de jogadas que Van Gaal exigia de um número 4, determinando o ritmo do resto do time e liberando os laterais para o ataque.

Ao usar os pontas do “lado errado”, ou seja, um canhoto do lado direito e vice-versa, o Barça fazia parte de uma tendência muito mais

ampla. Com o centroavante solitário, é claro, os meios-campistas ofensivos precisam produzir gols (por outro lado, é possível que muitos dos jogadores que hoje atuam como atacantes abertos tivessem sido, no passado, segundos atacantes), especialmente se o centroavante recua para jogar como falso nove num sistema sem o referente ofensivo. Isso explica, em parte, a tendência moderna a ter homens abertos que procuram o gol em vez de ir ao fundo para cruzar.

Mas, como Herbert Chapman salientou, está longe de ser óbvia a crença que se desenvolveu de que o cruzamento mais letal é aquele em que a bola é passada para trás por um jogador que chega à linha de fundo. É claro que deixar o goleiro em dúvida se deve manter sua posição é algo que gera perigo, mas não há razão para crer que esse tipo de jogada seja mais ameaçador que um cruzamento em que a bola faz a curva na direção do gol. Intuitivamente, uma bola cruzada com curva na direção da segunda trave, que pede apenas um leve toque para entrar ou que entra sem ninguém desviá-la, parece mais perigosa. Há a impressão de que gols assim se tornaram mais comuns na última década, o que pode ser o resultado do aumento do número de pontas invertidos, do aumento do efeito propiciado pelas bolas modernas ou até mesmo da liberalização da lei do impedimento, que obriga os times a se defenderem mais perto do gol — um cruzamento em curva na direção da segunda trave é obviamente mais perigoso quando os jogadores estão mais perto da meta, tanto em termos de ângulo quanto do tempo de reação do goleiro.

O jogador aberto que corta para o meio oferece outras vantagens. Como a maioria dos laterais ainda joga do lado tradicional, um ponta que ataca cortando para o meio obriga o lateral a se defender com o pé mais fraco. E um jogador aberto que se move para o centro abre espaço para jogadas de ultrapassagem com seu lateral ofensivo, um tipo de jogador cada vez mais numeroso. As combinações de Robert Pires e Ashley Cole no Arsenal foram um exemplo disso; assim como, mais recentemente, Ivan Rakitić e Danijel Pranjić na Croácia, e Steven Gerrard e Ashley Cole na Inglaterra. Mas o exemplo mais óbvio e efetivo é o de Messi e Dani Alves.

E há também a questão do espaço para aceleração. Um lateral que se posiciona mais próximo do atacante não permite que ele acelere em

direção ao fundo. Mas, cortando para o meio e usando seu pé mais forte, o atacante abre um espaço na diagonal, algo em que Messi se tornou perito. Messi e Eto'o, contudo, gradualmente passaram a inverter posições. Movendo-se para um papel central e recuado, Messi confundiu defensores da mesma forma que Nándor Hidegkuti havia feito com a Inglaterra em 1953. O falso nove tinha voltado à moda.

Sua chegada havia sido anunciada. Em uma conferência no Rio de Janeiro, em 2003, Carlos Alberto Parreira, que levou o Brasil à vitória na Copa do Mundo de 1994, falou sobre a possibilidade de um 4-6-0. “Você teria quatro defensores atrás, mas até mesmo eles poderiam avançar”, explicou Andy Roxburgh, ex-diretor técnico da Uefa. “E seis jogadores no meio de campo, todos capazes de fazer a rotação, atacando e defendendo. Mas você precisaria de cinco Decos no meio de campo — ele não ataca apenas; ele corre, defende e cobre todo o campo. Às vezes, você o vê jogando como lateral direito.”

Mas o que era Deco, além de um exemplo clássico da noção de Lobanovskyi e Sacchi de universalidade? É importante lembrar que, em 2005-6, embora Frank Rijkaard frequentemente utilizasse o combativo Mark van Bommel ou o zagueiro convertido Edmílson no meio de campo nos jogos da Liga dos Campeões, no Campeonato Espanhol ele usava Deco, Xavi e Andrés Iniesta, todos menores de 1,75m e presenças físicas não exatamente aterrorizantes. Jogadores laboriosos e tecnicamente dotados, quando organizados apropriadamente, não precisam se impor pelo tamanho. Sob a direção de Guardiola, a altura de 1,75m tornou-se aparentemente a ideal para um meio-campista passador.

O Barça se beneficiou, é claro, de várias mudanças nas regras. A entrada por trás, arma tradicional para a intimidação de jogadores criativos, foi proibida, e qualquer contato físico agora é passível de punição. As alterações na lei do impedimento foram igualmente significativas, por encorajar defesas a jogar mais recuadas, aumentando a área em que o jogo é disputado. Mais espaço significa menos contato físico, o que, por sua vez, significa menor necessidade de jogadores musculosos ou robustos.



Gradualmente, a visão de Parreira se tornou realidade. Em 2006-7, por exemplo, a Roma de Luciano Spalletti jogou em um 4-1-4-1, mas com Francesco Totti, o protótipo do *trequartista*, como único atacante. David Pizarro atuava como meio-campista defensivo, com Rodrigo Taddei, Simone Perrotta, Daniele De Rossi e Mancini à sua frente. Mas o

que acontecia com frequência era o recuo de Totti para a posição de *trequartista* em que passara tanto tempo de sua carreira, criando o espaço para o avanço de um ou mais meios-campistas ofensivos. À medida que a distinção entre centroavante e meio-campista ofensivo se dissolveu, a formação da Roma se tornou, se não um 4-6-0, certamente um 4-1-5-0. Spalletti levou o sistema ao Zenit de São Petersburgo, que venceu títulos nacionais consecutivos em 2010 e 2011-2, com Aleksandr Kerzhakov jogando como falso nove.

O experimento dos italianos foi então adotado, surpreendentemente, pelo time que tinha batido a Roma por 7 a 1 na Liga dos Campeões da temporada anterior: o Manchester United. Com Cristiano Ronaldo, Wayne Rooney, Carlos Tévez e Ryan Giggs ou Nani na frente de um par de marcadores entre Owen Hargreaves, Michael Carrick, Anderson e Paul Scholes, o United jogava frequentemente sem um homem de frente. Os quatro atacantes se revezavam no papel de referência. É um sistema que exige muito trabalho para desenvolver uma compreensão mútua, mas que, quando a alcança, pode produzir um futebol espetacular.

A versão espanhola do futebol sem centroavante na Euro 2012 foi ainda mais radical. O time de Vicente del Bosque tinha vencido a Copa do Mundo dois anos antes, marcando apenas oito gols em sete jogos, e as críticas foram ainda mais ruidosas na Polônia e na Ucrânia. Na África do Sul, pelo menos, Del Bosque tinha um atacante em campo; na Euro, em parte por causa da lesão de David Villa e da má forma de Fernando Torres, ele tendeu a utilizar Cesc Fàbregas como seu jogador mais avançado.



Mas Fàbregas parecia mais um meio-campista utilizado no papel do centroavante do que um falso nove, então raramente recuava. É lógico que, quando tinha companheiros mais adiantados, ele era especialmente capaz de fazer passes que furavam a defesa, mas seu papel era mais de retenção da bola. Um centroavante normalmente é escolhido por sua capacidade de finalização, sua velocidade ou sua habilidade em jogadas aéreas; Fàbregas parece ter sido escolhido por causa de seus passes. Ele estava ali, à frente do ataque, para que a bola passasse por ele, para oferecer mais possibilidades ao meio de campo, jogando quase como um homem-alvo, mas recebendo as bolas pelo chão. O segundo gol da Espanha na final, contra a Itália, nasceu de uma bola longa do goleiro Casillas para Fàbregas, do lado esquerdo. Jogadores como Flemming Povlsen e Stéphane Guivarc'h, e até mesmo Serginho Chulapa, demonstraram há muito tempo que centroavantes podem ser efetivos mesmo sem representar uma grande ameaça ao gol. O papel de Fàbregas era uma fusão dessa tradição com a do falso nove.

Utilizando Fàbregas dessa forma, a Espanha tinha maior capacidade de manter a posse, o que permitia o “controle” que Del Bosque sempre disse desejar. Para ele e para a Espanha, jogos e torneios não eram vencidos pela criação de chances, mas pela manutenção da posse até o ponto de sufocar o adversário. Se você tiver trinta chances e permitir

cinco ao adversário, pode ser que ele vença; se você tiver cinco chances e restringir o adversário a nenhuma, o pior cenário possível é uma decisão por pênaltis. É um método desgastante, porém proativo; em um aspecto, é o produto final da filosofia do Futebol Total. O Ajax não tinha optado por manter a posse após marcar um gol cedo na final da Copa da Europa de 1973, contra a Juventus, defendendo sua vantagem ao negar a bola aos italianos? A própria invenção do passe, pelo Queen's Park, em 1872, não foi uma medida defensiva destinada a negar a bola aos ingleses, mais fortes fisicamente?

Como vários jogadores da seleção já observaram, se os adversários amontoavam homens atrás da linha da bola e tentavam frustrar a Espanha, por que os espanhóis é que eram os culpados por um futebol que às vezes não tinha brilho? Del Bosque falou repetidamente sobre como seu time não tinha *profundidad* em razão do recuo excessivo dos adversários. Logo que um time alterava sua postura e tentava pressionar a Espanha em zonas avançadas do campo, como a Itália fez na final, deixava um espaço que era explorado com requintes de crueldade. Os italianos foram goleados por 4 a 0. Era assim que Menotti queria que a Espanha jogasse, como o toureiro, não como o touro. A ironia é que foi o Barcelona que ensinou a Espanha a jogar dessa forma. Como David Winner salienta num artigo descrevendo as similaridades entre o tiquitaca e a tourada, na quarta edição de *The Blizzard*, o touro é o símbolo da Espanha, não da Catalunha. Por isso, em 2007, separatistas destruíram o último *Toro de Osborne* — as enormes estátuas de touros usadas em propaganda de *sherry* — que restava na região.

Embora Arsène Wenger criticasse o “domínio estéril” do Barça, o time de Guardiola em grande parte evitou acusações de ser tedioso, no que foi ajudado pelo fato de ter marcado 412 gols em quatro temporadas da liga. Eles continuaram evoluindo como equipe, com alguns novos jogadores chegando a cada verão, e com Messi se movendo da direita para dentro. E continuaram vencendo: nas primeiras três temporadas de Guardiola, o Barcelona venceu três títulos da liga e dois da Liga dos Campeões. Somente uma derrota na semifinal para a magnificamente obstinada Internazionale de José Mourinho — ajudada por um vulcão islandês que obrigou o Barça a viajar de ônibus para o jogo em Milão — os impediu de ganhar três títulos europeus seguidos.

Guardiola sempre esteve ciente dos perigos da complacência e da inércia, determinado talvez a evitar os problemas que Béla Guttmann enfatizou em seu comentário sobre o terceiro ano de trabalho ser fatal. Nesse aspecto, sua última temporada no Barcelona foi como uma tragédia grega — com o herói, sabedor de seu destino, sendo incapaz de evitá-lo; ou até mesmo como James Cole, o personagem de Bruce Willis em *Os doze macacos*, que criava as condições para o cumprimento de seu destino justamente ao tentar evitá-lo. Ibrahimović tinha sido contratado, entre outros objetivos, para oferecer variedade no ataque, mas seu comportamento o levou a ser negociado. A ideia seguinte de Guardiola foi a defesa com três homens, não ao estilo de Van Gaal — com um meio-campista defensivo sempre pronto a ser o quarto homem —, mas uma defesa de três agressiva, bielsista. Em dezembro de 2011, quando uma mudança da linha de quatro para três conduziu à virada num clássico em que o Real Madrid tinha o controle, suas iniciativas pareceram apontar para o caminho certo. Mas mesmo nessa época já se ouviam acusações de que Guardiola complicava muito as coisas, de que as medidas que ele tinha adotado para evitar seu destino eram precisamente as que garantiriam seu cumprimento. Ele se preocupava com times que recuavam muito contra o Barça, achava que seu time se tornaria previsível. Então, planejou um jeito de ter mais jogadores, Dani Alves em particular, em posições avançadas no campo, para tentar flanquear defesas fechadas. Mas isso de fato só fez tornar o Barça mais previsível: é mais fácil marcar um jogador que inicia em uma posição avançada do que marcar um que vem de trás.

Essa não foi a única causa do achatamento que o Barça demonstrou nos minutos finais do segundo jogo das semifinais da Liga dos Campeões, contra o Chelsea em 2012. Mas explicou por que não havia jogadores rompendo as linhas defensivas: todos já estavam muito perto da área — eles não conseguiam desenvolver velocidade suficiente até fazer o contato com a bola. E assim, como tinha acontecido contra a Inter dois anos antes, o Barça foi eliminado da Liga dos Campeões por um time que acumulou homens atrás da linha da bola, jogou com espírito e concentração, teve um pouco de sorte e aproveitou suas chances quando elas apareceram.

Àquela altura, parecia que Guardiola, claramente contemplando o fim enquanto o Real Madrid de José Mourinho vencia a liga, era vítima de um idealismo fatalista; parecia que ele estava determinado a dar ao time a identidade mais barcelonista de todos os Barças, fosse como fosse, especialmente num momento em que seu Barça se aproximava da dissolução. Sua determinação em jogar cada vez com menos defensores se tornou uma forma de martírio: como Samuel Weber questionou em sua releitura de Freud, o que pode ser melhor para o ego, ao enfrentar a própria dissolução, do que se dissolver seguindo ao máximo a filosofia da qual deriva seu sentido? Em vez de simplesmente deixar seu Barça desaparecer, em vez de enfrentar a possibilidade de sua filosofia ser superada, em vez de se arriscar a sofrer a intervenção de eventos casuais, Guardiola procurou conter as forças em movimento, exagerando aquela que tinha sido a grandeza do Barça, mantendo a posse por ainda mais tempo, movendo ainda mais homens ao ataque. E nisso, fracassou, mas pelo menos o fez obedecendo suas próprias ideias.

E é claro que, sob qualquer análise realista, não se tratou de um verdadeiro fracasso. Dos dezenove troféus que Guardiola poderia ter vencido em seus quatro anos como técnico do Barcelona, ele conquistou catorze, um êxito impressionante. Mais do que isso, seu time também alcançou o requisito que Sacchi havia estipulado para a grandeza: será lembrado tanto pelo estilo quanto pelas vitórias, por adotar a ideia do passe como ela foi concebida em Glasgow, em 1872, elevando-a a alturas, até os dias de hoje, jamais sonhadas. Bob McColl levou o passe do Queen's Park ao Newcastle, em 1901; Peter McWilliam aprendeu com ele e levou a teoria ao Tottenham, em 1912; lá ele instruiu Vic Buckingham, que influenciou Rinus Michels e Johan Cruyff, pavimentando o caminho de ambos, tanto no Ajax quanto no Barcelona. Guardiola e seu Barcelona são herdeiros legítimos dessa linhagem. Existem muitas maneiras de jogar, mas a de todos eles é a grande tradição.



Epílogo

Seria fácil mapear o futebol moderno e insistir que não existe nada de novo. Roberto Mancini, de fato, fez exatamente isso em uma palestra em Belgrado, em 2007, argumentando que futuros avanços no futebol não se dariam no aspecto tático, mas na preparação física dos jogadores. Até certo ponto, é provável que ele esteja certo. O futebol é um jogo maduro, examinado e analisado incansavelmente há quase um século e meio, e, supondo que o número de jogadores permaneça em onze, provavelmente não há uma revolução esperando para assombrar o mundo. Mesmo se houver, mesmo que um técnico em algum lugar improvável encontre uma saída radical, ela não terá o impacto atordoante que, digamos, o centroavante recuado da Hungria teve no início dos anos 1950. Espero que este livro tenha demonstrado que até mesmo esse episódio fez parte de um processo de continuidade, foi uma direta derivação do papel interpretado por Matthias Sindelar como centroavante do *Wunderteam* da Áustria, e teve um paralelo contemporâneo no trabalho de Martim Francisco no Vila Nova.

A Inglaterra não conseguiu lidar com o recuo de Sindelar em 1931, times britânicos sofreram com Vsevolod Bobrov fazendo a mesma coisa durante a turnê do Dynamo Moscow, em 1945, e foram humilhados por Nándor Hidegkuti em 1953. As lições deveriam ter sido aprendidas, é claro. Mas o fato de não terem sido se explica porque os três casos foram exemplos isolados, espalhados ao longo de 22 anos. Hoje em dia, o *Aranycsapat* não iria a Londres como um mistério: seu sucesso teria sido visto pela televisão, vídeos teriam sido produzidos, o movimento de seus jogadores teria sido analisado por computador. Uma inovação tática jamais acontecerá novamente como uma surpresa.

Além disso, um talentoso técnico húngaro como Gusztáv Sebes quase certamente não estaria trabalhando na Hungria, preferindo seguir o dinheiro até a Europa Ocidental. À medida que a transferência de conhecimento entre diferentes culturas de futebol aumenta, os estilos nacionais se tornam menos distintos. Ainda não estamos

homogeneizados e provavelmente jamais estaremos, mas a tendência vai nessa direção.

Mesmo assim, sempre existem imaginações prontas a desafiar expectativas. Durante um longo tempo, times recém-promovidos de divisão, especialmente com recursos limitados, habituaram-se a adotar estilos defensivos. Diz a lógica que, ao sabotar uma partida, restringindo a influência do talento e reduzindo o número de gols que podem ser marcados, um time mais fraco aumenta suas chances de escapar com um empate ou uma vitória por 1 a 0. Mas, em 2006-7, depois de levar o Catania ao acesso à Série A italiana na temporada anterior, Pasquale Marino fez seu time jogar em um 4-3-3 com laterais que atacavam e sem um meio-campista defensivo. Eles foram encorajados a não apostar nas probabilidades e a tentar o que era mais difícil e absurdo. Falharam algumas vezes — foram goleados por 7 a 0 pela Roma, por exemplo — mas a exuberância de jogo se mostrou um oponente tão difícil quanto a mesquinharia. Após a morte de um policial durante um confronto no dérbi contra o Palermo, em fevereiro, o Catania foi proibido de jogar em seu estádio e, mesmo assim, terminou o campeonato em décimo terceiro lugar. O sistema não era novo, mas representou uma revolução de estilo, uma rebelião contra as convenções. Desde então, a Premier League viu times como o Norwich City e o Swansea City serem bem-sucedidos desafiando o estereótipo.

Estilos antigos podem ser reintroduzidos em novos contextos, especialmente no formato curto dos torneios mais importantes. A Grécia, por exemplo, foi o único time na Euro 2004 que não usou a defesa de quatro jogadores com marcação por zona. Seu técnico, Otto Rehhagel, utilizou um líbero com três marcadores individuais e adicionou solidez à equipe com um meio de campo de cinco homens, contando com apenas um atacante. “Rehhagel venceu porque apresentou um problema cuja solução tinha sido esquecida pelas pessoas”, disse Andy Roxburgh. “Não estava na moda, mas era efetivo. Eles controlaram os jogos sem ter o controle da bola. A visão de Otto era: por que ele deveria usar uma versão inferior do sistema de outros times? Diga o que quiser sobre o sistema dele, mas você precisa admitir que, sempre que teve a posse, a Grécia levou a bola ao ataque rapidamente.”

A França, em particular, teve dificuldades contra a Grécia quando foi derrotada por 1 a 0 nas quartas de final. “Eles tinham de fazer a bola chegar a Thierry Henry mais rápido”, disse Roxburgh. “Henry é mais perigoso quando corre da esquerda para o meio, ou pelo meio, levemente à esquerda. Contra a Grécia, ele ficou muito aberto, pois não tinha espaço. Isso é algo que vale a pena fazer: empurre uma ameaça para a linha lateral. Os adversários da Grécia não estavam acostumados a uma marcação tão próxima. O método antigo se tornou uma inovação.”

Quando a Espanha venceu a Euro 2012 jogando sem um centroavante, não foi um choque: a escolha foi vista meramente como a continuação de tendências dos anos anteriores. Da mesma forma, a excelência do Barcelona foi revolucionária pelo grau atingido, mas não pelo conceito; eles simplesmente fizeram o que outros já tinham feito, mas fizeram mais e melhor.

Neste momento, as formações sem centroavante estão restritas a poucos clubes de elite. Talvez, com o tempo, o 4-6-0 se torne tão convencional quanto o 4-4-2 na Inglaterra até a metade dos anos 1990, ou o líbero na Itália até o final da década de 1980; ou talvez seja apenas um modismo passageiro. Seu surgimento certamente sugere a morte do centroavante à moda antiga em favor de um jogador mais versátil, e o movimento rumo à universalidade, podemos dizer com confiança, é uma tendência em andamento — até mesmo Robert Lewandowski, que lembra Ian Rush e tem a estrutura física do antigo homem de referência, se sente confortável jogando aberto ou recuado. Mas talvez isso simplesmente comprove o argumento de Mancini, e o que está acontecendo agora nada mais seja do que a evolução dos jogadores técnicos de antigamente em figuras mais imponentes no aspecto físico, graças à melhor nutrição e ao aperfeiçoamento de métodos de treinamento; se todo mundo está em forma e é potente, há necessariamente menos demanda por aqueles que têm pouco a oferecer além do porte físico. Mas, se os homens de frente estão se movendo na direção dos antigos pontas e criadores de jogadas, então a pergunta é: quem será o próximo? Os zagueiros, talvez? Afinal, se não há um centroavante para marcar, o segundo defensor central no 4-4-2 seria tão redundante quanto o terceiro no 3-5-2 enfrentando um atacante solitário.

É igualmente difícil de acreditar que as análises cada vez mais detalhadas pela influência da tecnologia não farão diferença. Os computadores e o conhecimento da cibernética ajudaram Valeriy Lobanovskyi a formular seu sistema, e é razoável crer que quanto mais sofisticada for a tecnologia, mais sofisticados serão os sistemas. O maior obstáculo, de fato, são os egos dos jogadores. Estufados por anos de enormes salários e pelo status de celebridade, eles estariam dispostos, como Lobanovskyi e Arrigo Sacchi exigiram, a se sacrificar completamente pelo coletivo? A experiência do Real Madrid na era dos *galácticos* sugere que não.

Talvez esse seja o outro lado do paradoxo mencionado por Jorge Valdano, quando ele falou sobre a influência da televisão no jogo moderno: é exatamente a popularidade do futebol moderno que impede o seu avanço. Os torcedores provavelmente são cúmplices disso. As arquibancadas tendem ao conservadorismo, e o exemplo da Suécia nos anos 1970 indica que existe um amor pelo individualismo — no futebol de primeira ordem de complexidade, para usar a expressão de Tomas Peterson — que ultrapassa a demanda pela vitória. As experiências da Argentina quando o período de *la nuestra* chegou ao fim mostram como essa decadência — em pensamento, ao menos — pode ser prejudicial. Dito isto, também é fato que a globalização é uma defesa; se ninguém está progredindo, ninguém está sendo deixado para trás, de modo que uma surpresa alarmante como a derrota da Argentina para a Tchecoslováquia por 6 a 1, em 1958, se torna improvável, a não ser que um país de fora da elite do futebol seja repentinamente abençoado com uma talentosa geração de jogadores, capazes de resistir à atração do materialismo da Europa Ocidental por tempo suficiente para se submeterem ao sistema aplicado por um técnico taticamente astuto. O sucesso da Coreia do Sul ao chegar à semifinal da Copa do Mundo de 2002 é uma evidência daquilo que se pode alcançar com rigorosa organização, mesmo que os jogadores sejam essencialmente medianos.

Quando deixou o Real Madrid, Sacchi disse que era “preocupante” o fato de não ter acontecido nenhum desenvolvimento tático significativo desde a abordagem sistematizada de seu Milan, mas que permanecia convicto de que a evolução continuaria. “Enquanto a humanidade existir”, disse ele, “algo novo sempre vai aparecer. Senão o futebol

morre.” O que apareceu foi o Barcelona. “Como o meu Milan”, disse Sacchi, “esse time marca um ‘antes’ e um ‘depois’ no futebol mundial.”

O “depois” imediato foi caracterizado pelo Bayern de Munique e pelo Borussia Dortmund, dois times que adotaram os princípios essenciais de Bielsa/Van Gaal — no caso do Bayern, diretamente do próprio Van Gaal — e os aceleraram. É uma verdade — sugerida pelo argumento de Menotti de que o objetivo do treinamento é aumentar a velocidade em que um time consegue manter a precisão — que parece escrita nos códigos internos do futebol: cada nova forma de jogo é desenvolvida e modificada, acelerada até atingir sua velocidade máxima, quando algo novo surge para substituí-la. Foi o que o Bayern fez ao melhorar o modelo do Barcelona não com inovações técnicas, mas físicas.

A vitória do Bayern sobre o Barcelona por 7 a 0, no resultado agregado da semifinal da Liga dos Campeões de 2012-3 foi um dos (raros) choques épicos entre um gigante em ascensão e outro em declínio, um desses jogos que podem ser vistos como o final de uma era e o início de outra, mas seria errado descrever o triunfo do Bayern como a derrota do tiquitaca. Na verdade, presenciamos uma evolução do tiquitaca. Como o Barça, o Bayern pressiona em posições avançadas do campo (é possível que o maior mérito de Jupp Heynckes tenha sido persuadir Arjen Robben e Franck Ribéry a executar suas tarefas defensivas com diligência) e procura controlar a bola. Durante as temporadas 2011-2 e 2012-3, nas cinco principais ligas da Europa, só o Barça teve mais posse e mais passes completos do que o Bayern. A filosofia básica do Bayern ainda é bielsista, embora o arquiteto mais direto seja Van Gaal. Talvez a pressão seja mais focada — isso é certamente verdadeiro em relação ao Dortmund, que tem a mesma filosofia básica — e a aparência seja mais vertical (o que, é claro, corresponde ainda mais aos ideais de Bielsa) do que no Barça, mas os princípios centrais são os mesmos.

O que o Barcelona fez com sua falange de gênios de 1,70m, o Bayern fez com jogadores maiores, mais rápidos e mais diretos. O Bayern talvez não tenha os mesmos níveis de refinamento no passe do Barça em seu auge, mas não fica distante, e o que chamou atenção naquela semifinal da Liga dos Campeões foi como o Barcelona pareceu cansado, fraco. É claro que não é inteiramente justo comparar um time que está subindo

com outro que está chegando ao final de seu ciclo — um está faminto, desesperadamente ávido por sucesso; o outro está saciado, não tem o desejo de sofrer para permanecer competitivo na disputa — mas também é igualmente inegável que os jogadores do Bayern eram maiores que os do Barça.

O fato de a velocidade e a agressividade do Dortmund terem também perturbado o Real Madrid na outra semifinal confirma a vantagem da Bundesliga em termos de potência física. Isso não significa dizer que a velocidade sempre superará a técnica, e pode ser que o Barça, no auge, ainda superasse o Bayern também no auge — todos os times citados têm ótimo ritmo, e o tiquitaca da equipe de Guardiola provavelmente exigia menos rapidez que o estilo mais direto do Bayern de Heynckes. Pode ser também que times bem-sucedidos se tornem mais conservadores — isso certamente se deu com a Espanha entre as conquistas da Euro 2008 e da Euro 2012 — e que isso diminua seu ritmo de jogo.

O que o Bayern também tinha era maior variedade de opções de ataque, o que ficou demonstrado contra o Barça. Quando dois times de posse se encontram, é óbvio que só um consegue controlar a bola. Durante o curso da semifinal, o Bayern aceitou que seria uma equipe mais reativa, recuando e investindo em rápidos contra-ataques, algo que podia fazer por causa da velocidade de todo o time e da capacidade de Bastian Schweinsteiger, Dante e, sobretudo, Javi Martínez para fazer passes longos. (Mais uma vez, isso não deve ser tomado necessariamente como uma crítica em retrospectiva ao Barça: por quatro anos, eles tiveram um plano A tão bom que seria um desperdício de esforço desenvolver um plano B; tão bom, de fato, que até mesmo o Bayern decidiu mudar sua postura contra eles.)

O Barça de Guardiola pareceu ter atingido um nível que não será superado por muito tempo — se é que um dia será — e, mesmo assim, dois anos após seu auge em Wembley, o Bayern, no mesmo palco, alcançou um triunfo na Liga dos Campeões em que sugeriu ser capaz de alturas ainda maiores. A verdade, no entanto, é que muitos no passado já saudaram o final da história, mas nenhum deles estava certo.



Referências bibliográficas

LIVROS E PERIÓDICOS

- ALABARCES, Pablo; COELHO, Ramiro; SANGUINETTI, Juan. "Treacheries and Traditions in Argentinian Football Styles: The Story of Estudiantes de La Plata". In: ARMSTRONG, Gary; GIULIANOTTI, Richard (Orgs.). *Fear and Loathing in World Football*. Oxford; New York: Berg, 2001.
- ALCOCK, Charles W. *Football. The Association Game*. London: George Bell & Sons, 1902.
- ALEINIKOV, Sergei; BELENKY, D. I. *I Zhizn, I Slyozy, I Futbol*. [S.l.]: Polymya, 1992.
- ALLISON, Malcolm. *Soccer for Thinkers*. London: Pelham, 1967.
- ANDERSEN, Jens. *Frankie Boy*. Copenhagen: People's Press, 2008.
- ARCHER, Ian; ROYLE, Trevor (Orgs.). *We'll Support You Evermore: The Impertinent Saga of Scottish Fitba'*. London: Souvenir Press, 1976.
- ARCHETTI, Eduardo P. "Masculinity and Football: The Formation of National Identity in Argentina". In: GIULIANOTTI, Richard; WILLIAMS, John (Orgs.). *Game Without Frontiers*. Aldershot: Arena, 1994.
- _____. *Masculinities: Football, Polo and the Tango in Argentina*. Oxford; New York: Berg, 1999 (Global Issues).
- ARMSTRONG, Gary; GIULIANOTTI, Richard (Orgs.). *Entering the Field: New Perspectives on World Football*. Oxford; New York: Berg, 1997.
- ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Almanaque do Flamengo*. Rio de Janeiro: Abril, 1992.
- _____. *Campeonato Carioca: 96 anos de história, 1902-1997*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.
- AUCLAIR, Philippe. "Roy the Rover". *The Blizzard, Sunderland*, n. 5, jun. 2012.
- BAKEMA, J. B. *Thoughts about Architecture*. Org. Marianne Gray. New York: St. Martin's Press, 1981.
- BALLARD, John; SUFF, Paul. *The Dictionary of Football: The Complete A-Z of International Football from Ajax to Zinedine Zidane*. London: Boxtree, 1999.

- BANGSBO, Jens; PEITERSEN, Birger. *Soccer Systems and Strategies*. Champaign: Human Kinetics, 2000.
- BAREND, Frits; DORP, Henk van. *Ajax, Barcelona, Cruyff: the ABC of an Obstinate Maestro*. Trad. David Winner e Lex den Dam. London: Bloomsbury, 1997.
- BARNADE, Oscar; IGLESIAS, Waldemar. *Mitos y creencias del fútbol argentino*. Buenos Aires: Al Arco, 2006.
- BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Éditions de Seuil, 1957.
- BATE, Richard. "Football Chance: Tactics and Strategy". In: REILLY et al. (Orgs.). *Science and Football*. London: Spon, 1988.
- BAYER, Osvaldo. *Fútbol argentino*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1990.
- BEN-GHIAT, Ruth. *Fascist Modernities: Italy 1922-45*. Berkeley: University of California Press, 2001.
- BLOKHIN, Oleh. *Futbol na vsyu zhyzn*. [S.l.]: Veselka, 1988.
- BOOTH, Keith. *The Father of Modern Sport: The Life and Times of Charles W. Alcock*. Manchester: Parrs Wood, 2002.
- BORGES, Jorge Luis; CASARES, Adolfo Bioy. "Esse est Percipi". In: KUPER; MORA Y ARAUJO (Orgs.). *Perfect Pitch: Dirt*. London: Headline Review, 1999.
- BOTTENBURG, Maarten van; JACKSON, Beverley. *Global Games*. Urbana: University of Illinois Press, 2001.
- BOWLER, Dave. *Winning Isn't Everything: A Biography of Sir Alf Ramsey*. London: Victor Gollancz, 1998.
- BRAY, Ken. *How to Score: Science and the Beautiful Game*. London: Granta, 2006.
- BRERA, Gianni. *Storia critica del calcio italiano*. Milano: Tascabili Bompiani, 1978.
- _____. *Herrera e Moratti*. Arezzo: Limina, 1997.
- BUCHAN, Charles. *A Lifetime in Football*. London: Phoenix House, 1955.
- BURGESS, Ron. *Football: My Life*. London: Souvenir, 1955.
- BURN, Gordon. *Best and Edwards: Football, Fame and Oblivion*. London: Faber and Faber, 2006.
- BURNS, Jimmy. *Hand of God: The Life of Diego Maradona*. London: Bloomsbury, 1996.
- _____. *Barça: A People's Passion*. London: Bloomsbury, 1999.

- BUXTON, Peter. *Stoke City Football Club: A Centenary*. London: Pyramid, 1963.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CAMUS, Albert. *The Fall*. Trad. Justin O'Brien. Harmondsworth: Penguin, 1990.
- CASTILLO, Juan José. *Ladislao Kubala*. Barcelona: Barcanova, 1998.
- CASTRO, Ruy. *Garrincha: The Triumph and Tragedy of Brazil's Forgotten Footballing Hero*. Trad. Andrew Downie. London: Yellow Jersey, 2004.
- CHAPMAN, Herbert. *Herbert Chapman on Football*. London: Garrick, 1934.
- CONNOLLY, Kevin; MACWILLIAM, Rab. *Fields of Glory, Paths of Gold: The History of European Football*. Edimburg: Mainstream, 2005.
- CONNOR, Jeff. *The Lost Babes*. Londres: HarperSport, 2006.
- COX, Richard. *Encyclopedia of British Football*. London: Routledge, 2002.
- CRABTREE, Stephen. *The Dons: The Amazing Journey 1982-87*. London: Baron, 1987.
- CRAIG, Jim. *A Lion Looks Back*. Edimburg: John Donald, 1998.
- CRAMPSEY, R. A. *The History of Queen's Park Football Club, 1867-1967*. Glasgow: Nisbet, 1967.
- CRERAND, Paddy. *Never Turn the Other Cheek*. London: HarperSport, 2007.
- CRICK, Michael. *The Boss: The Many Sides of Alex Ferguson*. London: Simon & Schuster, 2002.
- CSAKNÁDY, Jenő. *Die Béla Guttmann Story: Hinter den Kulissen des Weltfußballs*. Offenbach: Bintz-Dohány, 1964.
- CSANÁDI, Árpád. *Soccer*. 3. ed. Trad. István Butykai e Gyula Gulyás. Trad. rev. Charles Coutts. Budapest: Corvina Press, 1978.
- CULLIS, Stan. *All for the Wolves*. London: Rupert Hart Davis, 1960.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- DAMATTA, Roberto et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.
- DE GALAN, Menno. *De Trots van de Wereld*. Amsterdam: Uitgeverij Prometheus, 2006.
- DI GIANO, Roberto. *Fútbol y cultura política en la Argentina, identidades en crisis*. Buenos Aires: Leviatán, 2005.
- DIÉGUEZ, Luis; SCHER, Ariel. *El libro de oro del mundial*. Buenos Aires: Clarín, 1998.

- DOWNING, David. *Passovotchka*. London: Bloomsbury, 1999.
- . *The Best of Enemies: England v Germany, a Century of Football Rivalry*. London: Bloomsbury, 2000.
- . *England v Argentina: World Cups and Other Small Wars*. London: Portrait, 2003.
- EDWARDS, Leigh; WATSON, Andy. *Mission Impossible: The Story of Wimbledon Football Club's Historic Rise from Non-league to the First Division*. London: Dons Outlook, 1986.
- EMÍLIO, Paulo. *Futebol: dos alicerces ao telhado*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 2004.
- FILATOV, Lev. *Obo vsyom poporyadku*. Moscow: Fizkultura i Sport, 1990.
- FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.
- FINN, Ralph. *A History of Chelsea FC*. London: Pelham, 1969.
- FOOT, John. *Calcio: A History of Italian Football*. London: Fourth Estate, 2006.
- FOX, Norman. *Prophet or Traitor?: The Jimmy Hogan Story*. Manchester: Parrs Wood, 2003.
- FREDDI, Cris. *Complete Book of the World Cup 2002*. London: Collins Willow, 2002.
- FREYRE, Gilberto. *The Gilberto Freyre Reader*. New York: Knopf, 2002.
- GALEANO, Eduardo. *Football in Sun and Shadow*. Trad. Mark Fried. London: Fourth Estate, 1997.
- GALINSKY, Arkady. *Nye sotvori syebye kumira*. Moscow: Molodaya Gvardiya, 1971.
- GALINSKY, Vitaly. *Valeriy Lobanovskiy: Chetyre zhyzni v futbolye*. Budapest: Sport, 2003.
- GARDNER, Paul. *The Simplest Game: The Intelligent Fan's Guide to the World of Soccer*. Ed. rev. New York: Collier Books, 1994.
- GARLAND, Ian. *History of the Welsh Cup 1877-1993*. Wrexham: Bridge Books, 1993.
- GIULIANOTTI, Richard. *Football: A Sociology of the Global Game*. Cambridge: Polity Press, 1999.
- GIULIANOTTI, Richard; WILLIAMS, John (Orgs.). *Game Without Frontiers: Football, Identity and Modernity*. Aldershot: Arena, 1994.
- GLANVILLE, Brian. *Cliff Bastin Remembers*. London: Ettrick, 1950.

- _____. *Soccer Nemesis*. London: Secker and Warburg, 1955.
- _____. *Champions of Europe: The History, Romance and Intrigue of the European Cup*. London: Guinness, 1991.
- _____. *The Story of the World Cup*. London: Faber and Faber, 2001.
- GOLDBLATT, David. *The Ball is Round: A Global History of Football*. London: Viking, 2006.
- GOLESWORTHY, Maurice. *The Encyclopaedia of Modern Football*. London: Sportsman's Book Club, 1957.
- GORBUNOV, Alexander. *Trenerskoe Naslediye. Boris Arkadiev*. Moscow: Fizkultura i Sport, 1990.
- GÓRSKI, Kazimierz. *Piłka jest okrągła*. Włocławek: Expol, 2004.
- GOULD, Stephen Jay. *Triumph and Tragedy in Mudville*. London: Jonathan Cape, 2004.
- GRAY, Andy; Drewett, Jim. *Flat Back Four: The Tactical Game*. London: Boxtree, 1998.
- GRAYSON, Edward. *Corinthians and Cricketers*. London: Sportsman's Book Club, 1957.
- GREEN, Geoffrey. *Soccer: The World Game: A Popular History*. Ed. rev. London: Pan, 1956.
- _____. *The Official History of the FA Cup*. Ed. rev. London: William Heinemann, 1960.
- _____. *There's Only One United*. London: Hodder & Stoughton, 1978.
- HAMILTON, Aidan. *An Entirely Different Game: The British Influence on Brazilian Football*. Edimburg: Mainstream, 1998.
- HANDLER, Andrew. *From Goals to Guns: The Golden Age of Football in Hungary 1950--1956*. New York: Columbia University Press, 1994.
- HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.
- HERRERA, Fiora Gandolfi. *Tacalabala, Esercizi di magia di Helenio Herrera*. Venezia: Tapiro, 2002.
- HERRERA, Helenio. *La mia vita*. Milano: Mondo Sport, 1964.
- HESSE-LICHTENBERGER, Ulrich. *Tor!: The Story of German Football*. London: WSC Books, 2002.
- HEY, Stan. *A Golden Sky*. Edimburg: Mainstream, 1997.
- HIDEKGUTI, Nándor. *Óbudától Firenzéig*. Budapest: Sport, 1965.
- HOLDEN, Jim. *Stan Cullis: The Iron Manager*. Derby: Breedon, 2000.

- HOLT, Richard; MANGAN, J. A.; LANFRANCHI, Pierre (Orgs.). *European Heroes: Myth, Identity, Sport*. London: Frank Cass, 1996.
- HONIGSTEIN, Raphael. *Harder, Better, Faster, Stronger: Die geheime Geschichte des englischen Fußballs*. Colônia: Kiepenheuer & Witsch, 2006.
- HOPKINS, Stephen. "Passing Rhythms: The Modern Origins and Development of 'The Liverpool Way'". In: WILLIAMS, J.; HOPKINS, S.; LONG, C. (Orgs.). *Passing Rhythms: Liverpool FC and the Transformation of Football*. Oxford; New York: Berg, 2001.
- HORAK, Roman; MADERTHANER, Wolfgang. "A Culture of Urban Cosmopolitanism: Uridil and Sindelar as Viennese Cofee-House Heroes". In: HOLT, R.; MANGAN, J. A.; LANFRANCHI, Pierre (Orgs.). *European Heroes: Myth, Identity, Sport*. London: Frank Cass, 1996.
- HOWARD, Charles (Org.). *The Encyclopaedia of Sport and Games*. London: William Heinemann, 1911.
- HUGHES, Charles. *Football: Tactics and Teamwork*. Wakefield: EP Publishing, 1973.
- _____. *Soccer Tactics and Skills*. London: BBC & Queen Press, 1980.
- _____. *The Winning Formula*. London: Collins, 1990.
- HUNT, David. *A History of Preston North End Football Club: The Power, the Politics and the People*. Lancaster: Carnegie, 1992.
- HUNTER, Graham. *Barça: The Making of the Greatest Team in the World*. Glasgow: Backpage Press, 2011.
- INGLIS, Simon. *Football Grounds of Britain*. London: Collins Willow, 1996.
- IWANCZUK, Jorge. *Historia del fútbol amateur en la Argentina*. Buenos Aires: Autores Editores, 1995.
- JACKSON, N. L. *Association Football*. London: Newnes, 1900.
- JAMES, Brian. *England v. Scotland*. London: Sportsman's Book Club, 1970.
- JOHNSTON, Harry. *The Rocky Road to Wembley*. London: Sportsman's Book Club, 1954.
- JOHNSTON, William. *The Austrian Mind: An Intellectual and Social History 1848--1938*. Berkeley: University of California Press, 1983.
- JAKOBSEN, Joakim. *Tynd Luft: Danmark ved VM i Mexico 1986*. Copenhagen: Gyldendal, 2008.
- JONES, Ken. *Jules Rimet Still Gleaming: England at the World Cup*. London: Virgin Books, 2003.

- JONES, Peter. *Wrexham: A Complete Record 1972-1992*. Derby: Breedon, 1992.
- JOY, Bernard. *Forward Arsenal!*. London: Phoenix, 1952.
- . *Soccer Tactics: A New Appraisal*. Ed. rev. London: Phoenix, 1963.
- KASSIL, Lev. *Vratar Respubliki*. 2. ed. Moscow: Detgiz, 1959.
- KEITH, John. *Bob Paisley: Manager of the Millennium*. London: Robson, 1999.
- . *The Essential Shankly*. London: Robson, 2001.
- KELLY, Stephen. *The Boot Room Boys: Inside the Anfield Boot Room*. London: Collins Willow, 1999.
- KOVÁCS, Štefan. *Football Total*. Paris: Calmann-Lévy, 1975.
- KORMELINK, Henny; SEEVERENS, Tjeu. *The Coaching Philosophies of Louis van Gaal and the Ajax Coaches*. Spring City, PA: Reedswain, 1997.
- KØSTER-RASMUSSEN, Janus. "Denmark 4 URSS 2". *The Blizzard*, Sunderland, n. 3, dez. 2011.
- KRAUL, Andreas. *Presenting Jesper Olsen*. Copenhagen: Thaning & Appel, 2007.
- KUCHERENKO, Oleg. *Sto let rossiyskomu futbolu*. Moscow: Russian Football Union, 1997.
- KUPER, Simon. *Football Against the Enemy*. London: Orion, 1994.
- . *Ajax, the Dutch, the War: Football in Europe during the Second World War*. London: Orion, 2003.
- KUPER, Simon; MORA Y ARAUJO, Marcela (Orgs.). *Perfect Pitch: Dirt*. London: *Headline Review*, 1999.
- LACEY, Josh. *God is Brazilian: Charles Miller, the Man who Brought Football to Brazil*. London: NPI, 2005.
- LARSON, Øyvind. "Charles Reep: A Major Influence on British and Norwegian Football". In: *Soccer & Society*, London, v. 2, n. 3, set./nov. 2001, pp. 58-78.
- LAWSON, John. *Forest 1865-78*. Norwich: Wensum, 1978.
- LAWTON, James. *On Football*. Stockport: Dewi Lewis Media, 2007.
- LAWTON, Tommy. *Football is my Business*. London: *Sporting Handbooks*, 1946.
- . *My Twenty Years of Soccer*. Norwich: Heirloom, 1955.
- LE CORBUSIER. *Vers une architecture*. Trad. F. Etchells. London: Architectural Press, 1970.

- LEBEDEV, Lev. *Rossyiskiy futbol za sto let*. Moscow: Russian Football Union, 1997.
- LIDBURY, Michael. *Wimbledon Football Club: The First Hundred Years*. London: Ward & Woolverton, 1989.
- LOBANOVSKIY, Valeriy. *Beskonyechnyy match*. [S. l.]: In Yura, 2003.
- LOPES, José Sergio L. "Successes and Contradictions in 'Multiracial' Brazilian Football". In: ARMSTRONG, G.; GIULIANOTTI, R. (Orgs.). *Entering the Field*. Oxford; New York: Berg 1997.
- LOVEJOY, Joe. *Sven-Göran Eriksson*. London: Collins Willow, 2002.
- MANGAN, J. A. *Athleticism in the Victorian and Edwardian Public School: The Emergence and Consolidation of an Educational Ideology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- MARADONA, Diego; ARCUCCI, Daniel; BIALO, Ernesto Cherquis. *El Diego*. Trad. Marcela Mora Y Araujo. London: Yellow Jersey, 2005.
- MARPLES, Morris. *A History of Football*. London: Secker and Warburg, 1954.
- MARTIN, Simon. *Football and Fascism: The National Game under Mussolini*. New York: Berg, 2004.
- MASON, Tony. *Passion of the People? Football in South America*. London: Verso, 1995.
- MATTHEWS, Sir Stanley. *Feet First*. London: Ewen & Dale, 1948.
- MAZZOLA, Ferruccio; CÀLZIA, Fabrizio. *Il terzo incomodo: Le pesanti verità di Ferruccio Mazzola*. Torino: Bradipolibri, 2004.
- MAZZONI, Tomás. *O Brasil na Taça do Mundo 1930-50*. São Paulo: Leia, 1950.
- _____. *História do futebol no Brasil 1894-1950*. São Paulo: Leia, 1950.
- MCCARRA, Kevin. *Scottish Football: A Pictorial History from 1867 to the Present Day*. Glasgow: Third Eye Centre and Polygon, 1984.
- MCCARRA, Kevin; WOODS, Pat. *One Afternoon in Lisbon*. Edimburg: Mainstream, 1988.
- MCILVANNEY, Hugh. *World Cup '66*. London: Erye & Spottiswoode, 1970.
- _____. *McIlvanney on Football*. Edimburg: Mainstream, 1994.
- MCKINSTRY, Leo. *Sir Alf*. London: HarperSport, 2006.
- MEISL, Willy. *Soccer Revolution*. London: Sportsman's Book Club, 1956.
- MELEGARI, Fabrizio; LA ROCCA, Luigi; TOSI, Enrico. *Almanacco illustrato del Milan*. Modena: Panini, 2005.

- MENOTTI, César Luis. *Como Ganamos la Copa del Mundo*. Buenos Aires: El Gráfico, 1978.
- MENOTTI, César Luis; CAPPA, Ángel. *Fútbol sin trampa*. Barcelona: Muchnik, 1986.
- MERRICK, Gil. *I See it All*. London: Museum Press, 1954.
- MIDWINTER, Eric. *Parish to Planet: How Football Came to Rule the World*. Studley: Know the Score, 2007.
- MIKES, George; BENTLEY, Nicholas. *How to be an Alien: A Handbook for Benners and Advanced Pupils*. Harmondsworth: Penguin, 1970.
- MILAN, Betty. *O país da bola*. São Paulo: Best, 1989.
- MILLER, David. *Cup Magic*. London: Sidgwick and Jackson, 1981.
- MØLBY, Jan. *Jan The Man*. London: Orion, 1999.
- MORALES, Víctor Hugo; PERFUMO, Roberto. *Hablemos de fútbol*. Buenos Aires: Planeta, 2006.
- MORISBAK, Andreas. *Fotballforståelse*. Oslo: Norges Fotballforbund of Folkets Brevskole, 1978.
- MOTSON, John; ROWLINSON, John. *The European Cup 1955-1980*. London: Queen Anne, 1980.
- MOURANT, Andrew. *Don Revie: Portrait of a Footballing Enigma*. Edimburg: Mainstream, 1990.
- MÜLLER, Salo. *Mijn Ajax: Openhartige Memoires van de Talisman van Ajax in de Gouden Jaren '60 en '70*. Amsterdam: Houtekiet, 2006.
- MURRAY, Bill. *The World's Game: A History of Soccer*. Urbana: University of Illinois Press, 1996.
- OLIVEIRA, Cândido de. *A evolução da tática no futebol*. Lisboa: [s. n.], 1949.
- . *Sistema W-M*. Lisboa: [s. n.], 1950.
- OLIVER, Scott. "The Other Rival, Another Way". *The Blizzard*, Sunderland, n. 4, mar. 2012.
- OLSEN, Egil. *Scoringer i Fotball*. Oslo: Nuspe, 1973. Tese de Mestrado.
- PANZERI, Dante. *Fútbol, dinámica de lo impensado*. Buenos Aires: Paidós, 1960.
- . *Burgueses y gangsters en el deporte*. Buenos Aires: Libera, 1974.
- PAPA, Antonio; PANICO, Guido. *Storia sociale del calcio in Italia*. Bologna: Il Mulino, 2002.
- PAWSON, Tony. *100 Years of the FA Cup*. London: William Heinemann, 1972.

- PELÉ; DUARTE, Orlando; BELLOS, Alex. *Pelé: The Autobiography*. Trad. Daniel Hahn. London: Pocket Books, 2006.
- PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. São Paulo: L&PM, 1986.
- PERSSE, Gunnar. *Stjärnor På Flykt: Historien om Hakoah Wien*. Estocolmo: Norstedts, 2004.
- PETERSON, Tomas. "Split Visions: The Introduction of the Svenglish Model in Swedish Football". *Soccer & Society*, London, v. 1, n. 2, jun./ago. 2000, pp. 1-18.
- PINTO, Edson; COSTA, Flávio. *O futebol no jogo da verdade*. London: Jonathan Cape, 1996.
- POWELL, Jeff. *Bobby Moore: The Life and Times of a Sporting Hero*. London: Robson, 1993.
- POZZO, Vittorio. "Il fallimento del calcio italiano". *Successo*, [s. l.], n. 2, 1959, pp. 107-8.
- . *Campioni del mondo: Quarant'anni di storia del calcio italiano*. Roma: Centro Editoriale Nazionale, 1960.
- PUSKÁS, Ferenc. *Captain of Hungary*. Londres: Cassell, 1955.
- RADNEDGE, Keir. *50 Years of the European Cup and Champions League*. London: Carlton Books, 2005.
- RAFFERTY, John. *One Hundred Years of Scottish Football*. London: Pan, 1973.
- RAMSEY, Alf. *Talking Football*. London: Stanley Paul, 1952.
- REEP, Charles; BENJAMIN, Bernard. "Skill and Chance in Association Football". *Journal of the Royal Statistical Society*, [s. l.], série A, n. 131, 1968 pp. 581-5.
- REILLY, T. et al. (Orgs.). *Science and Football*. London: Spon, 1988.
- REVIE, Don. *Soccer's Happy Wanderer*. London: Museum Press, 1955.
- RIORDAN, James. *Sport in Soviet Society: Development of Sport and Physical Education in Russia and the USSR*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- RONAY, Barney. "The Bomber and the Bowler Hat". *The Blizzard*, Sunderland, n. 3, dez. 2011.
- SABATO, Ernesto. *Sobre héroes y tumbas*. Buenos Aires: Sudamericana, 1961.
- SABALDYR, Volodymyr. *Vid matchu smerti do matchu zhyttia*. Kiev: Lesya, 2005.
- SALDANHA, João. *Futebol e outras histórias*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- . *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

- SARYCHEV, Vasily. *Mig i Sudba*. Minsk: Pressball, 2004.
- SEBES, Gusztáv. *Örömök és csalódások*. Budapest: Gondolat, 1981.
- SIVERTSEN, Lars. "The Mind has Mountains". *The Blizzard*, Sunderland, n. 3, dez. 2011.
- SMITH, Stratton (Org.). *The Brazil Book of Football*. London: Souvenir, 1963.
- SMITH, Stratton; BATTY, Eric. *International Coaching Book*. London: Souvenir, 1966.
- SOAR, Phil. *And the Spurs Go Marching On*. London: Hamlyn, 1982.
- SOAR, Phil; TYLER, Martin. *Arsenal: The Official History*. London: Hamlyn, 1998.
- SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção 1914-2002*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.
- SOUNESS, Graeme; HARRIS, Bob. *No Half Measures*. London: Collins Willow, 2002.
- STAROSTIN, Nikolai. *Futbol skvoz' gody*. Moscou: Sovetskaya Rossiya, 1989.
- STEEN, Rob. *The Mavericks*. Edimburg: Mainstream, 1994.
- STILES, Nobby. *Soccer My Battlefield*. Londres: Stanley Paul, 1968.
- STUDD, Stephen. *Herbert Chapman: Football Emperor*. London: Souvenir, 1981.
- SZYMANSKI, Stefan; KUYPERS, Tim. *Winners and Losers: The Business Strategy of Football*. Harmondsworth: Penguin, 2000.
- TAYLOR, Chris. *The Beautiful Game: A Journey Through Latin American Football*. Ed. rev. London: Phoenix, 1999.
- TAYLOR, Matthew. *The Leaguers: The Making of Professional Football in England 1900-1939*. Liverpool: Liverpool University Press, 2005.
- TAYLOR, Rogan; JAMRICH, Klara. (Orgs.). *Puskás on Puskás: The Life and Times of a Footballing Legend*. London: Robson, 1998.
- TODRIC, Mihailo. *110 Years of Football in Serbia*. Football Association of Serbia, Belgrad, 2006.
- TORBERG, Friedrich. *Die Erben der Tante Jolesch*. München: DTV, 1978.
- . *Kaffeehaus war überall*. München: DTV, 1982.
- TRAPATTONI, Giovanni. *Coaching High Performance Soccer*. Spring City, PA: Reedswain, 1999.
- VALENTIM, Max. *O futebol e sua técnica*. Rio de Janeiro: Alba, 1941.
- VARGAS, Walter. *Fútbol Delivery*. Buenos Aires: Al Arco, 2007.

- VÉGH, Antal. *GyógyítGatlan?*. Budapest: Lapkiadó-Vállalat-Ország-Világ, 1986.
- VIALLI, Gianluca; MARCOTTI, Gabriele. *The Italian Job: A Journey to the Heart of Two Great Footballing Cultures*. London: Transworld, 2006.
- VICKERY, Tim. "The Rise of the Technocrats". *The Blizzard*, Sunderland, n. 6, set. 2012.
- VIGNES, Spencer. *Lost in France: The Remarkable Life and Death of Leigh Richmond Roose, Football's First Playboy*. Durrington: Pitch Publishing, 2016.
- WADE, Allen. *The fa Guide to Training and Coaching*. London: Football Association, 1967.
- _____. *Modern Tactical Development*. Spring City, PA: Reedswain, 1996.
- WAGG, Stephen. *The Football World*. Brighton: Harvester Press, 1984.
- WALL, Sir Frederick. *50 Years of Football 1884-1934*. Lincolnshire: Soccer Books, 2005.
- WARD, Andrew. "Bill Shankly and Liverpool". In: WILLIAMS, John; HOPKINS, Stephen; LONG, Cathy (Orgs.). *Passing Rhythms*. Oxford; New York: Berg, 2001.
- WEBER, Max. *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. Trad. Peter Baehr e Gordon C. Wells. Harmondsworth: Penguin, 2002.
- WHITTAKER, Tom. *Tom Whittaker's Arsenal Story*. London: Sportsman's Book Club, 1958.
- WILLIAMS, John; HOPKINS, Stephen; LONG, Cathy (Orgs.). *Passing Rhythms: Liverpool fc and the Transformation of Football*. Oxford; New York: Berg, 2001.
- WILLIAMS, Richard. *The Perfect 10: Football's Dreamers, Schemers, Playmakers and Playboys*. London: Faber and Faber, 2006.
- WILLIAMS, William Carlos. *Selected Essays*. New York: Random House, 1954.
- WILSON, Jonathan. *Behind the Curtain: Travels in Eastern European Football*. London: Orion, 2006.
- _____. *The Anatomy of England: A History in Ten Matches*. London: Orion, 2011.
- _____. *Nobody Ever Says Thank You: A Biography of Brian Clough*. London: Orion, 2011.
- _____. *The Outsider: A History of the Goalkeeper*. London: Orion, 2012.

- WINNER, David. *Brilliant Orange: The Neurotic Genius of Dutch Football*. London: Bloomsbury, 2000.
- _____. *Those Feet: A Sensual History of English Football*. London: Bloomsbury, 2005.
- _____. "Corrida of Uncertainty". In: *The Blizzard*, Sunderland, n. 4, mar. 2012.
- YOUNG, Percy M. *Football in Sheffield*. London: Sportsman's Book Club, 1964.
- _____. *A History of British Football*. London: Stanley Paul, 1968.
- ZAULI, Alessandro. *Soccer: Modern Tactics*. Spring City, PA: Reedswain, 2002.
- ZELENTSOV, Anatoliy; LOBANOVSKYI, Valeriy. *Metodologicheskiye osnovy razrabotki modelyey trenirovochnykh zanyatiy*. Budapest: Sport, 2000.
- ZUBELDÍA, Osvaldo; GERONAZZO, Argentino. *Táctica y estrategia del fútbol*. Buenos Aires: Jorge Álvarez, 1965.

SITES

- Arquivo buscável de partidas internacionais de Russell Gerrard disponível em: www.staff.city.ac.uk/r.j.gerrard/football/aifrform.html.
- Arquivo buscável de partidas entre clubes europeus de Miloš Radulović disponível em: archive.is/galeb.etf.bg.ac.yu.
- www.dfb.de
- www.englandstats.com
- www.icyb.kiev.ua
- www.playerhistory.com
- www.rsssf.com
- www.soccerassociation.com
- www.soccerbase.com
- www.thefa.com
- www.uefa.com

REVISTAS E JORNAIS

- Aftonbladet* (Suécia)
- Arbeiter-Zeitung* (Áustria)
- Brighton Evening Argus* (Reino Unido)
- The Boys' Champion Story Paper* (Reino Unido)

Buenos Aires Herald (Argentina)
Champions (Reino Unido)
Clarín (Argentina)
Corriere della Sera (Itália)
Daily Mail (Reino Unido)
Daily Record (Reino Unido)
East Anglian Daily Times (Reino Unido)
EFdeportes (Argentina)
L'Équipe (França)
Evening Standard (Reino Unido)
FourFourTwo (Reino Unido)
Futbol (Rússia)
Futbolny Kuryer (Ucrânia)
A Gazeta (Brasil)
El Grafi (Argentina)
El Gráfico (Argentina)
The Guardian (Reino Unido)
The Herald (Reino Unido)
Hol (Ucrânia)
The Huddersfield Examiner (Reino Unido)
The Independent (Reino Unido)
Kievskiye vedomosti (Ucrânia)
Komsomolskaya Pravda (Rússia)
Kronen Zeitung (Áustria)
Lance! (Brasil)
Literaturnaya Rossiya (Rússia)
Liverpool Echo (Reino Unido)
Manchete Esportiva (Brasil)
Manchester Evening News (Reino Unido)
O Mundo (Brasil)
La Nación (Argentina)
News of the World (Reino Unido)
Neues Wiener Journal (Áustria)
Pariser Tageszeitung (França)
The Punter (Reino Unido)
The Scottish Athletic Journal (Reino Unido)

Scottish Referee (Reino Unido)
Scottish Umpire (Reino Unido)
The Sheffield Independent (Reino Unido)
Sheffield Telegraph (Reino Unido)
Star Sports Special (Reino Unido)
Sovetsky Sport (Rússia)
Sport (Sérvia)
Sport Express (Rússia)
Lo Sport Fascista (Itália)
Sport Den za Dnem (Ucrânia)
Sporting Chronicle (Reino Unido)
Sports (Brasil)
Sportyvna Hazeta (Ucrânia)
Lo Stadio (Itália)
The Standard (Argentina)
The Sunday Times (Reino Unido)
Tempo (Sérvia)
Ukrayinsky futbol (Ucrânia)
Welt am Montag (Áustria)
World Soccer (Reino Unido)



Jimmy Hogan, o pai do futebol na Europa central, demonstrando técnicas de cabeceio à Força Aérea Real (raf) na França, em 1940
(Foto: Popperfoto/ Getty Images).



Herbert Chapman, o inventor do w-m
(Foto: Popperfoto/ Getty Images).



Boris Arkadiev explica a teoria da desordem organizada aos jogadores do cdka
(Foto: Pavel Eriklinstev).



Os três homens que trouxeram a tática ao Brasil: Martim Francisco (acima), Gentil Cardoso (abaixo à esq.) e Fleitas Solich (abaixo à dir.)
(Foto: © Arquivo/ Agência O Globo).





Béla Guttmann, o andarilho húngaro, durante seu período como técnico do Benfica
(Foto: *empics Sports Photo Agency/ pa Photos*).



Vicente Feola, o técnico brasileiro que apresentou o 4-2-4 ao mundo
(Foto: Popperfoto/ Getty Images).



Viktor Maslov fala sobre estratégia com os jogadores do Torpedo
(Foto: Pavel Eriklinstev).



César Luis Menotti, que conquistou a Copa do Mundo com sua reinterpretação de *la nuestra...*

(Foto: Bob Thomas/ Popperfoto/ Getty Images).



... e seu rival ideológico, Carlos Bilardo, que ganhou a Copa do Mundo depois de ter desenvolvido o 3-5-2

(Foto: empics Sports Photo Agency/ pa Photos).

Rinus Michels no banco da Holanda na Copa do Mundo de 1974

(Foto: Bob Thomas/ Contributor/ Getty Images).



Johan Cruyff, com quem Rinus Michels desenvolveu o Futebol Total
(Foto: Popperfoto/ Getty Images).





As duas escolas de futebol soviético, Eduard Malofeev (à esq.) e Valeriy Lobanovskyi (à dir.)
(Foto: Igor Utkin).



Aleksandr Prokopenko: boêmio e...
(Foto: © Dinamo Sports Society).



... jogador
(Foto: © Dinamo Sports Society).



Arrigo Sacchi, técnico da Itália na Copa do Mundo de 1994
(Foto: *pa Photos*).



Juan Román Riquelme, o último dos criadores à moda antiga...
(Foto: Maxisport/ Shutterstock.com).



... e Luka Modrić, o primeiro da nova era
(Foto: Lazlo Szieresi/ Shutterstock.com).

- ¹ É o dia seguinte ao Natal, quando as caixas de presentes são abertas. (N. T.)
- ² É o nome dado a um protesto pacífico realizado na cama. (N. T.)